OTTO
SKORZENY

AUDACIOSAS AÇÕES

O CAPITÃO QUE
RESGATOU MUSSOLINI

AUDACIOSAS AÇÕES DE OTTO SKORZENY

(Autobiografia)

Tradução do Maj Inf QEMA Pedro Schirmer

Tomo I e Tomo II

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO — EDITORA

RIO DE JANEIRO — RJ 1976

COLEÇÃO GENERAL BENICIO

Volume 136

923.543

S528 SKORZENY, Otto, 1908-1975

Audaciosas ações de Otto Skorzeny (autobiografia) Trad. do Maj. Inf. QEMA Pedro Schirmer. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1976.

2 v. fot. 21 cm. (Coleção General Benício, v. 136/137, publ. 458)
1. Guerra mundial, 1939-45. 2. Alemanha — História —
Guerra mundial, 1939-45. I. Título. II. Série.

Título original: LEBE GEFAHRLICH

Capa — Murillo Machado
Revisão — Alberto de Oliveira

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

FUNDADOR, em 17 de dezembro de 1881,
Franklin Américo de Menezes Dória, Barão de Loreto

REORGANIZADOR, em 26 de junho de 1937, e fundador da Seção Editorial Gen Valentim Benício da Silva

DIRETOR
Cel Art Fernando Oscar Weibert
SUBDIRETOR
Ten Cel Art Neomil Portella Ferreira Alves

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES
Militares:
Gen Ex R-l Alfredo Souto Malan nomeado em 14 de maio de 1975
Gen Div R-l Francisco de Paula e Azevedo Pondé nomeado em 10 de outubro de 1973
Gen Div R-l Jonas de Morais Correia Filho nomeado em 10 de outubro de 1973
Gen Div R-l Adailton Sampaio Pirassinunga nomeado em 8 de maio de 1958
Ten Cel Inf Carlos de Souza Scheliga (relator deste livro) nomeado em 25 de abril de 1975
Ten Cel Art Luiz Paulo Macedo Carvalho nomeado em 23 de maio de 1974
Civis:
Prof Pedro Calmon Moniz de Bittencourt nomeado em 28 de maio de 1975
Prof Francisco de Souza Brasil nomeado em 10 de outubro de 1973
Prof Ruy Vieira da Cunha nomeado em 10 de outubro de 1973

Biblioteca do Exército — Palácio Duque de Caxias (antigo Ed. do Ministério do Exército) — Praça Duque de Caxias — Ala Marcílio Dias - 1 andar — Centro — RJ — ZC-55 — End. Telegráfico "BIBLIEX"

APRESENTAÇÃO

Ao fazer chegar aos seus assinantes mais um clássico militar, apraz-se a Biblioteca do Exército — Editora em poder colaborar para que os leitores tenham em suas estantes obras de indiscutível valor histórico, a maioria marcada pelo ineditismo em português, como a que ora lhes apresenta.

Em suas páginas o leitor verá que não se trata de um livro político, como à primeira vista pode parecer, mas sim da vida de um soldado excepcional, por ele próprio contada. Engenheiro de profissão em Viena, sua terra natal, foi designado, ao eclodir a Segunda Guerra Mundial, para servir nas SS, como tenente, da qual saiu com o posto de coronel, chegando a ser considerado por seus adversários "o homem mais perigoso da Europa". Oficial de confiança do Führer para a realização das mais difíceis aventuras, a Otto Skorzeny foram confiadas missões de extraordinária importância, destacando-se entre elas a que culminou com a incrível façanha do resgate de Mussolini, cumprindo determinações pessoais de Hitler.

Sem qualquer intenção de fazer literatura, Skorzeny prende o leitor à sua fidedigna narrativa, mostrando não só os êxitos obtidos, mas também as vicissitudes por que passou ao final da contenda, quando foi detido como prisioneiro de guerra. Partindo da Alemanha em 1948, fixou residência em Madri, ali dando a lume esta autobiografia, a qual ainda hoje é lida em escolas militares de diversos países, sendo mesmo leitura obrigatória na de Israel, onde foi publicada uma versão em hebraico.

Faleceu o autor no ano passado — em 5 de julho de 1975 — não sem antes honrar a Biblioteca do Exército — Editora com a autorização para esta edição, abrindo mão de qualquer vantagem pecuniária quanto a direitos autorais a que teria direito, conforme pode ser constatado em página posterior a esta.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO — EDITORA

A todos os camaradas

mortos durante a guerra

de 1939 — 1945

Skorzeny

NOTA DO TRADUTOR

OTTO SKORZENY, após a 2ª Guerra Mundial, fixou residência em Madri, onde faleceu a 5 de julho de 1975.

As Waffen-SS eram constituídas de 38 Divisões, com um total de 900.000 homens nas frentes de combate.

Morreram, em todas as frentes da guerra, mais de 360.000 soldados, sargentos e oficiais das Waffen-SS, entre eles 32 comandantes de Divisão.

50.000 soldados das Waffen-SS são considerados desaparecidos. Aos soldados da Waffen-SS foram concedidas por bravura as seguintes condecorações: 2 Folhas de Carvalho com espadas e brilhantes para a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro, 24 Folhas de Carvalho com espadas para a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro,

70 Folhas de Carvalho para a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro, 463 Cruzes de Cavaleiro da Cruz de Ferro.

Depois da concessão destas condecorações, morreram no campo de batalha:

8 portadores das Folhas de Carvalho com espadas para a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro, 24 portadores das Folhas de Carvalho para a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro, 160 portadores da Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro.

Dipl. Ing. OTTO SKORZENY

MADRID-14 ,
Montera, 25-27, 4.°-4
Teléfono 232-03-17
Telegr.: Rolfos

20 de enero de 1975

Coronel Director
Don Fernando Oscar Weibert

Biblioteca do Exercito

Palácio Duque de Caxias s/no. ZC 55
Rio de Janeiro (GB)

BRASIL

Ref.: Mi autobiografía

Muy estimado Coronel Weibert,

Mi editór español, edition Acervo, me ha mandado su carta del 31 de Diciembre de 1974.

Con mucho gusto le doy a su Ministerio del Ejercito la autorización de traducir mi autobiografía al portugues y para hacer una edición limitada para la biblioteca del Ejercito.

Como es natural, me interesa la cantidad de los libros editados y los ruego, como única condición, mandarme 5 libros en portugues, como editado para su biblioteca.

Con mis mejores saludos y en espera de sus gratas noticias, quedo suyo,

(Coronel Otto Skorzeny)

PREFÁCIO

Otto Skorzeny não foi um "combatente convencional"; iniciou como uma pequena engrenagem do mecanismo que representava uma Divisão Motorizada. Mais tarde o destino lhe reservou a oportunidade de aperfeiçoar-se, de moto próprio, em novas missões.

Na qualidade de seu antigo companheiro e comandante de Divisão, alegro-me em dirigir-lhe a palavra e confirmar a minha estima.

Durante a Segunda Guerra Mundial surgiram em ambos os lados novas formas de combate, por meio de tropas especiais, comandadas por chefes inteligentes, que se valeram da astúcia e do disfarce, e cujas ações nem sempre tiveram a compreensão dos escalões superiores. A respeito disso já foram feitas algumas publicações que se tornaram motivo de polêmica. Agora, é o próprio Otto Skorzeny quem toma a palavra. O que ele relata não diz respeito somente ao passado; suas ideias interessam também ao futuro.

Tais ações — só podem ser executadas por possuidores de elevado espírito de sacrifício, audácia — e também sorte — homens que encontram saída inclusive de uma posição perdida.

Por tudo isto, saudamos os homens de todas as Unidades da Wehrmacht que, sob o comando do seu chefe, foram autênticos líderes no auxílio à conquista do êxito nas mais difíceis missões.

P. HAUSSER
Generahberst der Waffen-SS a.D.

TOMO I

CAPÍTULO I

Viena, a cidade imperial — A guerra de 1914 — Primeiros estudos — Escolha de carreira — Médico ou técnico — Primeiro exame "de Estado" — Membro entusiasta da organização estudantil — Esgrima como meio de educação — Disposição para a vida ativa — O primeiro duelo — 15 encontros com arma branca — Organização estudantil armada — Ajuste em lugar equivocado — Desportista — Atirador de pistola — Troféus e prêmios desportivos — Caça e navegação — Herança política da primeira guerra mundial — Socialismo e Nacionalismo — Direito de autodeterminação negado — O grande problema do "Anschluss" — Renner, Seipel, Schober, Innitzer — Depressão e Desemprego — Incêndio do Palácio da Justiça — Corpos francos estudantis — Fascismo austríaco — Apolítico ou não político — Exames para a obtenção do diploma de engenheiro.

12 de julho de 1908. O povo vienense enchia as ruas da Viena imperial, a capital do Império Austro-Húngaro. A animação e a alegria eram extraordinárias. Celebrava-se, com grande entusiasmo, o 60º aniversário da coroação do Imperador Francisco José I.

Às primeiras horas da tarde daquele dia, minha mãe, que tinha presenciado e admirado o desfile e os cortejos pela manhã, deu-me à luz.

Nasci, pois, na época imediatamente anterior à primeira guerra mundial, a qual só conheço pelas referências que meus pais me deram, depois.

Ouvindo a todos que faziam parte daquela geração, chega-se inevitavelmente à conclusão de que a época que antecedeu ao nefasto ano de 1914 deve ser considerada como "a época áurea". Através da literatura existente no decorrer dos séculos, principalmente biografias, podemos chegar à conclusão de que todas as gerações almejam a sua "época áurea". Não há dúvida de que isto é possível, desde que saibam tirar o melhor partido das situações em que se encontrem.

Existem, atualmente, muitas pessoas que recordam com emoção os tempos da monarquia austro-húngara e não se cansam de elogiá-los. A

maioria destas pessoas é de anciãos de nacionalidade austríaca, tcheca, húngara, eslovaca e polaca.

Aqueles tempos, objeto da admiração destas pessoas, precederam à Primeira Guerra Mundial, cujas consequências provocaram no mundo um grande estado de inquietude, que ainda lateja. Naquela época áurea todos estavam convictos de que só deviam assegurar o seu próprio futuro e o de sua família; que "o mundo era um mar de tranquilidade" e que nunca poderiam perder o que possuíam...

Mas, no panorama mundial, já existiam os nacionalismos orgulhosos das nações que opunham resistência àquela situação.

Minhas primeiras recordações infantis estão estreitamente ligadas à submersão total daquela "época áurea" e, portanto, à eclosão da primeira conflagração mundial.

Minha mãe, meus dois irmãos mais velhos e eu passamos o mês de julho de 1914 num balneário situado perto de Bremerhaven. Meu pai, por motivo de serviço, permaneceu em Viena.

Durante os primeiros dias de agosto, tempo das colheitas, nós, as crianças, brincávamos na praia. Víamos como o horizonte era marcado por grandes barcos cinzentos que navegavam pelo mar; ignorávamos que formavam parte da Armada alemã que já preparava sua primeira ação bélica. Nas nossas mentes infantis considerávamos o espetáculo maravilhoso; não nos dávamos conta de que o objeto de nossa admiração daria, logo, o sinal do começo de uma sangrenta guerra que duraria quatro anos.

Passados alguns dias, fomos obrigados a abandonar apressadamente as praias do Norte e nos dirigimos a Bremen, onde tivemos que esperar vários dias. Não pudemos sair da cidade porque os militares determinaram que todas as ferrovias fossem bloqueadas e nenhum trem circulava que pudesse ser utilizado pela população civil.

As noites quentes do mês de agosto de 1914 nos fizeram testemunhas dos primeiros bombardeios aéreos realizados pelos ingleses em Bremen. Em consequência destes bombardeios, insignificantes se comparados aos da Segunda Guerra Mundial, foram estabelecidas medidas de segurança, tais como toque de recolher, blackout, defesa antiaérea e outras. As mulheres e crianças, principalmente, não entendiam as razões pelas quais eram alvo destes bombardeios. É compreensível, pois, que as angustiosas noites

daquele dramático mês de agosto ficassem gravadas em nossas mentes infantis.

É bem possível que decepcione o leitor se afirmo, como expressão da mais rigorosa verdade, que minha época escolar transcorreu aprazivelmente, sem que houvesse nela qualquer aventura digna do ser mencionada. E, talvez, sentir-se-á frustrado ao saber que eu era um menino vivaz, sim, mas completamente normal, que não sobressaía em nada entre os demais companheiros.

Meu primeiro ano escolar coincidiu com o desaparecimento de uma época completamente pacífica que se extinguiu com a eclosão da guerra. Naquele tempo, ao chegar a hora do recreio, comprava por vinte heller algumas salsichas e um dourado bolo; no último ano de meus estudos primários, com o mesmo dinheiro, só podia comer uma fatia de pão de milho com uma leve camada de geleia que minha mãe preparava para o desjejum. Nós, as crianças e escolares, travamos conhecimento com a dura realidade enfrentada por todo um povo e cedo aprendemos a economizar, embora não compreendêssemos totalmente os fatos que deram origem àquela situação.

Não recordo qualquer acontecimento de importância que afetasse sensivelmente o meu espírito durante os anos que duraram meus estudos do ensino médio, de 1919 até 1926. A derrocada e a queda da monarquia não atingiram sensivelmente a nova geração do pós-guerra que começava a se formar. A juventude tem uma disposição especial para esquecer o passado. Está sempre disposta a aceitar qualquer melhora se esta tiver uma faceta revolucionária. A nós, os jovens de então, não importava termos perdido a guerra. Desejávamos, apenas, tirar dela o melhor partido...

Durante os primeiros anos do pós-guerra, chegamos a compreender plenamente o significado da "Cruz Vermelha Internacional", porque nós, os meninos e rapazes, recebíamos ajuda, através dela, de muitas nações: Estados Unidos, Holanda, Suécia, Noruega e Dinamarca.

Os alimentos e as roupas que recebemos nos ajudaram a passar os difíceis e duros anos da inflação. Mas, infelizmente, também aumentaram muito, naquela época, as dissensões sociais que, inclusive, repercutiram na população infantil. Verdadeiras batalhas campais eram travadas entre escolares. De um lado situavam-se os filhos de operários e, de outro, os filhos de pais burgueses.

Eu tomava parte naquelas lutas, das quais frequentemente saíamos com pequenos ferimentos.

As ciências exatas. Matemática, Geometria, Física e Química, eram para mim sumamente fáceis de aprender, ao passo que os idiomas estrangeiros. Francês e Inglês, que então eram obrigatórios, nem sempre queriam entrar na minha cabeça. Muitas vezes me obrigaram a permanecer na sala de aula durante o recreio por cometer atos desordeiros, próprios de minha idade, como o são de todos os jovens de todas as gerações. Contudo, os que pertenciam à minha classe tinham um grande sentimento de solidariedade; ninguém delatava o autor de uma travessura. Por esta razão os castigos costumavam ser coletivos.

Durante os anos de minha adolescência sentia grande satisfação por toda espécie de esportes. Nunca deixei de assistir ao que se chamava "tardes de treinamento". Estas me causavam grande prazer e fortaleciam meu corpo; converteram-se, inclusive, numa necessidade física. Não alcancei qualquer classificação especial nos desportos que pratiquei. Mas tampouco fiz mau papel em qualquer um deles.

Muito cedo me decidi por uma carreira: queria ser engenheiro! Como o meu pai e irmão. Sentira sempre um interesse desusado por tudo que dizia respeito à técnica e nunca deixei de ter viva curiosidade por toda novidade relacionada com aquele vasto campo. Por isto ingressei na "Escola Técnica de Viena", no outono de 1926, e passei satisfatoriamente nos exames do primeiro semestre, chegando, inclusive, a fazer uma dissertação sobre o desenvolvimento da construção da maquinaria.

Entre os meus amigos existiam muitos médicos e estudantes de medicina. Minhas relações com eles me facilitaram o acesso ao "Instituto Anatômico da Universidade de Viena", podendo, assim assistir a várias conferências medicas que me despertaram interesse pela cirurgia, motivo pelo qual me assaltaram algumas dúvidas referentes à escolha de minha profissão.

Durante meses inteiros estive vacilando sobre se devia ou não suspender meus estudos técnicos para entregar-me, totalmente, ao estudo da medicina. Mas, depois de enfrentar infinitas dúvidas, decidi continuar fiel à profissão que tinha escolhido primeiro e prosseguir no estudo de Engenharia, se bem que isto não me privou de acompanhar os progressos da medicina que, ainda hoje, continuam interessando-me.

Não tive necessidade de realizar grandes esforços nos estudos. Tampouco tive interesse especial em me sobressair neles, nem em conseguir as melhores notas dentre os meus colegas. Não me custou muito apresentar adequadamente os desenhos que se nos exigiam e aprendi muito cedo a desenhar os projetos que, mais tarde, deveriam ser realizados. Passei nos exames sem ter necessidade de me preparar exageradamente. Minha vida privada e meus idílios estudantis não me deixavam demasiado tempo para me dedicar inteiramente aos estudos, o que, por outro lado, nunca foi motivo para que repetisse um ano.

Não passou muito tempo para que me entrosasse com alguns companheiros de estudos. Eram mais aplicados do que eu, circunstância que me proporcionou a oportunidade de poder aproveitar suas notas e apontamentos. Também me dei conta que se inclinavam pelas novas tendências ideológicas e seus conhecimentos me serviram para que eu formasse uma ideia da situação.

Durante os primeiros anos de estudos do pós-guerra, os Institutos e Universidades da Áustria sofriam os consequências da Primeira Guerra Mundial. Respiravam-se nelas as sequelas deixadas pela guerra, principalmente porque, entre os estudantes de 19 a 24 anos que as frequentavam, mesclavam-se muitos retardatários que, na paz, continuavam os estudos suspensos durante a guerra; alguns não tiveram sequer a oportunidade de iniciá-los. Estes, que contavam com uma grande experiência, nos mostraram as terríveis consequências que a guerra havia deixado na vida privada de todos os indivíduos; eram para nós exemplo vivo do grave problema da inadaptação. Deixaram-nos, naqueles tempos em que foram nossos companheiros de estudos, uma profunda marca que afetou nossas mentes; suas conversas nos punham em contato com os fatos passados. Fatos que não puderam ser apreciados por nós diretamente, uma vez que, então, não éramos mais do que crianças.

Também posso afirmar que a influência de um tempo passado, de toda uma época, por assim dizê-lo, permanecia latente em nossas Escolas Superiores. O Magistério era composto por anciãos e professores caducos dos tempos imperiais, estreitamente ligados ao "passado áureo"; muitos, inclusive, haviam desempenhado cargos diversos na Corte. Esta situação era perfeitamente compreensível, pois muitos dos que deviam ter ocupado aqueles postos haviam sido dizimados pela guerra, ou então estavam envelhecidos prematuramente em consequência dela.

Travei conhecimento com um companheiro de estudos que era membro da dinastia que reinara na Áustria. Era o Duque Clemens de Habsburgo, que não conseguira terminar seus estudos. Acostumado às ideias democrático-republicanas, não dei grande importância a este fato. Tanto eu, como os demais, o considerávamos como um igual. Não obstante, sem que isto quisesse dizer que nos "vendíamos ao passado", procurávamos dedicar-lhe certas considerações e o chamávamos "senhor colega".

Um de meus primeiros exames realizei com ele, nobilíssimo companheiro de estudos, ante o professor Seidel, antigo palaciano. Nunca esquecerei a deferência com que o tratava o citado professor. Dirigia-se a ele chamando-o "Sua Alteza Imperial" e se obstinava em tratá-lo na terceira pessoa. Isto motivou que o meu companheiro me dissesse:

"Ignoro se fui aprovado nos exames por meus conhecimentos ou por ser Sua Alteza Imperial".

Em 1926, me tornei membro de um "clã" juvenil, o que me proporcionou a ocasião de tratar com os que se denominavam "irmãos de grupo". A amizade que estabeleci com eles conservei até muito tempo depois de passada minha época de estudante.

Naquele tempo, éramos, simplesmente, rapazes que não tínhamos outra solução a não ser educar-nos como homens dispostos a enfrentar a luta pela vida.

Os excessos estudantis, tais como o alcoolismo e o jogo, tão divulgados em livros e no cinema, em minha época de estudante, formavam parte do passado.

Ignoro o nome do jornalista que me deu o apelido de "scarface". Não lhe guardo rancor algum. Seu tratamento apenas me faz lembrar as aventuras do selvagem Far West dos tempos de Cooper ou da romântica imagem que se fez em torno dos gangsters de Chicago.

Afirmo, com orgulho, que a cicatriz do meu rosto não é consequência de facada recebida no submundo do crime. Ganhei-a de modo honrado.

Sei que o antigo costume estudantil, alemão e austríaco, dos duelos a espada não é bem compreendido hoje em dia. Também sei que os ditos duelos — que ainda se sustentam em alguns países latinos, entre círculos militares e acadêmicos — não são entendidos por uma questão de mentalidade. Não obstante, tentarei "quebrar uma lança" em seu favor.

É natural que se critique este costume, caso seja ele considerado, erroneamente, como um privilégio de classe que, como tal, contribui para

fomentar uma diferença entre as diversas classes. Algumas críticas estrangeiras têm-se apoiado neste aspecto.

Considero justo, também, que muitos dos costumes estudantis, que eram motivo de gracejo, fossem considerados superados e fora de moda. Apesar disto, era de vital importância que as reformas se fossem introduzindo paulatinamente e não de uma forma brutal como sucedeu no III Reich, já que o antigo costume dos duelos estudantis não prejudicava a ninguém e podia ser considerado, de certo modo, como um apoio da força conservadora do Estado.

O duelo a espada era, simplesmente, um meio educativo e, como tal, foi exercido durante muito tempo. Combatíamos baseando-nos na ideia de medir nossas forças, nossa destreza; não sendo, portanto, considerado como uma vergonha ser ferido pelo adversário. Não obstante, aquele que tentasse evitar o ferimento, desviando a cabeça, era sancionado. Todos aqueles que consideram que o boxe é uma substituição daqueles duelos estão completamente enganados. O único motivo de nossas lutas era tratar de conseguir um domínio completo sobre nossos corpos e nervos. Éramos obrigados a lutar em atitude ofensiva, proibindo-se-nos adotar uma postura defensiva. Isto, é indiscutível, tinha um sentido digno de elogio.

Todo homem, que vive e pensa passivamente, nunca chegará a realizar grandes coisas. Qualquer tipo de vida requer um mínimo de atividade, para chegar-se a resultados positivos. O homem ativo consegue desenvolver sua personalidade de modo mais completo; a soma de seus atos acabará dando-lhe resultados que, não cabe a menor dúvida, o favorecerão.

Desde jovens nos educaram para que nos inspirássemos nestes princípios, e me sinto reconhecido por isto.

A educação que recebi permitiu-me ter o completo domínio dos nervos em muitas ocasiões que assim o exigiram; deu-me a capacidade de enfrentar friamente toda a sorte de perigos.

No transcurso de minha vida, tenho-me visto obrigado a encaixar um elevado número de golpes, tanto morais como físicos; mas nunca me desalentei e, cada vez, lutei com novos brios.

Nunca poderei esquecer os sentimentos que surgiram em mim durante meu primeiro duelo, sustentado em fevereiro de 1927. Os diversos movimentos do pescoço e do braço, que em ação protegem nosso corpo de possíveis ferimentos, aceleravam as batidas do nosso coração de maneira vertiginosa. Em tal momento, inclusive, nos parece irreal a presença do

adversário; limitamo-nos a concentrar-nos e estar alerta para evitar o ataque seguinte. O cheiro de éter e dos demais medicamentos preparados pelos médicos de ambos os contendores penetra em nossas fossas nasais e fica ligado para sempre à recordação dos duelos.

Para ser sincero, devo admitir que tinha medo de meu adversário, um medo atroz. Mas me sentia observado por dezenas de olhos de pessoas que desejavam certificar-se de que eu sabia comportar-me como homem. Não me restava senão aguentar, concentrar-me, e evitar qualquer falha. Não tinha máscara que protegesse meu rosto; isto me permitia observar comodamente o adversário, que havia tomado assento em um banco a uns oito metros de onde eu me encontrava, equipado como eu. Tínhamos aproximadamente a mesma estatura e nossas forças se assemelhavam. Os organizadores do duelo haviam escolhido um adversário que possuía condições físicas semelhantes às minhas. Não obstante, ele já tinha combatido anteriormente, motivo pelo qual tinha um certo favoritismo.

Seus amigos o rodeavam, da mesma forma que os meus se agrupavam a meu redor; davam-lhe as instruções finais, como os meus davam-nas a mim:

"Mantém-te direito, ergue os ombros, não te vires, não jogues a cabeça para trás se te atingirem; procura dominar a dor, pois muitos já o fizeram antes que tu..."

"Boa sorte!" foi a última coisa que meus amigos disseram.

Coloquei-me no lugar marcado. Ouvi a voz de um camarada que dizia:

— Rogo que se faça silêncio. Inicia-se o combate.

Senti o coração bater forte. Vi a cabeça do meu adversário como se estivesse envolta em uma neblina. Deu-se o sinal regulamentar; nossos braços descreveram um círculo sobre nossas cabeças e ambos atacamos ao mesmo tempo, descarregando nossos primeiros golpes. As espadas chocavam-se, ouvia-se o estalido das lâminas que se amorteciam, quando a espada tocava um de nossos braços.

É uma sensação estranha que se sente ao receber o primeiro golpe. A primeira excitação dá lugar à tranquilidade e a gente sente um absoluto domínio sobre os nervos. O combate continua pausadamente; sente-se apenas a forte pulsação promovida pelo esforço que o braço faz.

Os minutos de luta eram cronometrados rigorosamente por nossos auxiliares. Os intervalos eram aproveitados para curar os nossos pequenos

ferimentos. Em tais ocasiões chega um momento em que ambos os contendores pensam somente uma coisa:

"Como estou me comportando? Qual dos dois será o primeiro a receber um ferimento de importância?"

Mas tais pensamentos acabam sendo esquecidos durante o transcorrer do combate.

Creio que foi no sétimo assalto quando, de repente, senti um forte golpe na cabeça; estranhei que o ferimento não doesse como havia esperado; só notei que um líquido quente escorria pelo meu couro cabeludo. Limitei-me a pensar:

"Tocou-me. Espero apenas não ter movido a cabeça para esquivar-me do golpe."

Sentime completamente relaxado e recordei os conselhos que me tinham dado:

"Deves lutar de forma ativa; é preciso atacar; não podes deixar-te vencer pelo medo."

Rapidamente pude aproveitar uma falha do adversário e também o feri.

É incrível imaginar o quanto pode cansar um duelo que dura apenas meia hora. Quando transcorreu o tempo fixado, notamos que os músculos dos nossos braços estavam rígidos; nossos corpos, cobertos de suor.

A seguir, nos deixaram ao cuidado dos médicos, que suturaram nossos ferimentos sem empregar qualquer anestesia. Fazia-se assim para educar a resistência física. Meu adversário havia recebido três ferimentos; eu, somente um.

Meus camaradas apressaram-se a felicitar-me. Mas, também, para não abrir um precedente, assinalaram-me as falhas em que havia incorrido. Isto fez com que eu não me sentisse tão orgulhoso de minha façanha como me sentira poucos momentos antes; vi que ainda tinha muito a aprender.

Nos três anos seguintes sustentei treze duelos a espada. Isto me permite perguntar: pode ser considerado estranho que meu rosto limpo se convertesse, com o tempo, na "scarface" que me acompanha no difícil caminho da vida?

Proclamo estar orgulhoso de que meus ferimentos são consequência de duelos estudantis; de haver "dado o rosto" voluntariamente; de haver suportado estoicamente a dor e de haver sabido comportar-me em todos os momentos com dignidade.

Meus duelos foram realizados sempre dentro das regras estabelecidas para os estudantes. Houve, não obstante, alguns com normas resultantes de certas exigências dos assessores dos duelistas; isto era comum no decorrer desses duelos.

O décimo combate que sustentei foi realizado nesses moldes e, de acordo com o que me informaram, foi meu melhor duelo.

Meu adversário, um vienense do Centro Estudantil Jurídico, chamado N. Menzel, me desafiou. Era considerado então o melhor duelista de Viena, o que me fez pensar que tinha poucas probabilidades de sair vitorioso em tão difícil prova. Meus amigos compartilhavam desta impressão. Limitaram-se a aconselhar-me: "Procure aguentar".

Os desafios formais, em tais circunstâncias, deviam ser aceitos na hora, o que não permitia dispor de tempo para a preparação adequada.

O primeiro assalto demonstrou que eu me defrontava com um adversário que se avantajava em tudo; seus golpes, seguros e rapidíssimos, feriam frequentemente o lado esquerdo do meu rosto. Contudo, os golpes não eram fortes; a espada feria, de esguelha, a minha pele, dilacerando a maçã do meu rosto. A dor que produzem tais golpes é mais aguda do que aquela daqueles que penetram diretamente na carne.

O tempo do nosso duelo era muito longo, já que uma das regras mais importantes prescrevia que cada adversário devia devolver cada dois golpes. Isto impedia meu adversário de lançar certeiramente os seus golpes fortes.

Nos curtos intervalos recebi muitos conselhos dos meus amigos, mas estes só podiam ser levados em conta por homens fleumáticos, de nervos relaxados. As pessoas nervosas inquietam-se mais ainda com os conselhos, pelo que, muitas vezes, carecem de valor. Aconselharam-me que atacasse MenzeI sem qualquer consideração, desferindo golpes fortes e consecutivos. Este conselho era sumariamente correto. Apesar de a maçã do meu rosto inflamar cada vez mais, em consequência dos golpes recebidos, consegui ferir meu adversário infligindo-lhe três fortes golpes na cabeça, causando-lhe ferimentos de aproximadamente dez centímetros cada um. MenzeI perdeu tanto sangue, que os árbitros declararam-no incapaz para continuar o combate. Quando, ao terminar o duelo, lhe dei a mão, notei que se sentia aliviado por não se ver obrigado a continuar "sustentando o tipo", sentimento que eu, da mesma forma, compartilhava. O êxito obtido por

mim neste duelo foi muito importante, já que até então era considerado como um duelista medíocre.

Quando recordo aqueles tempos, observo que muitas coisas e costumes têm sido superados. O dogma católico também adverte o ilícito de tais costumes! Reconheço os seus argumentos; mas... muitas coisas mudam com os tempos; eu guardei, sempre, uma herança positiva dos nossos costumes.

Aprendemos a "dar o rosto" como homens, em defesa de tudo o que dizíamos e fazíamos; aprendemos a lutar por nossos atos e palavras com uma arma na mão até a última consequência. Mas também aprendemos a encaixar todos os golpes mantendo uma atitude impassível; a suportar a dor e apertar fortemente os dentes quando estávamos a ponto de gritar de angústia e de dor. Em muitas situações de minha vida dei graças por ter sido formado com tanta dureza.

Não obstante, longe de mim afirmar que a dureza só pode ser alcançada por meio de tais procedimentos; não. Direi apenas que os duelos estudantis entre nós tinham um significado honroso, dissociado de toda sorte de mesquinharias.

Mesmo antes da Primeira Guerra Mundial existiam diversas associações estudantis que se haviam formado no Reich alemão e em todo o Império Austro-Húngaro. Essas associações estavam intimamente relacionadas entre si, sem levar em conta seus respectivos países nem as fronteiras que os separavam.

As associações estudantis alemãs seguiam fiéis às suas antigas tradições, que datavam de 1848, ano de visível evolução revolucionária. Neste ano, a associação federal de Frankfurt permitiu que entrassem nela representantes austríacos, se bem que foram aceitos por curto espaço de tempo. Os idealistas de 1848 viam com tristeza como se suprimiam as fronteiras que separavam os povos de origem alemã e pretendiam criar, apesar de prematuramente, um grande Reich alemão que tivesse uma bandeira preto—vermelho—dourado. Estas cores eram as que resplandeciam nas bandeiras das associações estudantis alemãs, cuja colaboração para a abolição do absolutismo, para a abertura das vias do progresso e para a implantação de uma monarquia constitucional foi decisiva.

Foi naqueles momentos que se registrou a arrancada de um movimento pan-alemão, que se manteve ativo em todos os momentos e nunca foi relegado ao esquecimento. O pensamento unitário não se devia a qualquer

partido em particular; estava latente em todos os dirigentes e animadores dos grandes partidos alemães e austríacos.

Quando, nos anos de 1935-37, as associações estudantis da Alemanha foram dissolvidas, obedecendo às normas totalitárias do NSDAP, nós, os austríacos, não deixamos de ser atingidos por tão sério problema, que motivou um sem-fim de discussões e polêmicas. O homem encarregado de dissolver as associações estudantis do III Reich chamava-se Baldur von Schirach. Também ficamos sabendo que ele tinha motivos pessoais para atuar da forma que fazia. Durante sua época de estudante, em consequência de seus atos, foi obrigado a bater-se em duelo; não aceitou a responsabilidade que caíra sobre si e safou-se de realizar o combate a esgrima. Esta conduta deu causa a que os estudantes o considerassem como proscrito por não haver aceito o código de honra então vigente. Disto podia deduzir-se que Schirach se baseava no seu poder para vingar-se de uma vergonha pessoal, coisa que infelizmente sucede com frequência.

A Nova Associação Estudantil Nacional-Socialista Alemã (NSDSTB) tinha que demonstrar do que era capaz. Esta opinião era plenamente compartilhada pelos estudantes austríacos, que trataram do referido assunto em várias reuniões a que presenciei.

Não obstante, nós, os austríacos, apesar de o nosso país ser vizinho da Alemanha, éramos mais extrovertidos e estávamos mais compenetrados do que os próprios alemães; com a ideia de uma reforma, desejávamos encontrar uma forma de vida revolucionária para as nossas associações, mas que não destruísse as antigas tradições que podiam ser consideradas convenientes.

Quando, finalmente, a Áustria se uniu à Alemanha definitivamente, em 1938, afirmei publicamente: "Espero um enterro de primeira classe para as associações estudantis austríacos, porquanto as associações alemãs tiveram um enterro de terceira, apesar do seu comportamento nacionalista no III Reich".

Os altos dirigentes do NSDAP causaram muitos problemas naquela época, que atingiram homens probos e dirigentes das associações estudantis austríacas.

Apesar de tudo, não perdi as esperanças de que as associações estudantis chegariam a assimilar plenamente as novas formas educativas. Mas, infelizmente, tive que me defrontar com algumas decepções. A vida estudantil das Escolas Superiores chegou a perder muito do seu antigo brio;

chegou a ser monótona e sombria. Toda iniciativa pessoal era sabotada em cima. Com isto perdeu-se o privilégio do individualismo.

O mais interessante, a respeito deste problema, é que o dirigente das associações estudantis do Reich, Gustav Scheell, a quem cheguei a conhecer pessoalmente no fim do outono de 1943, aceitava, de certo modo, as ideias que eu defendia. Concordou comigo quando lhe propus que se restaurassem as antigas normas. Chegamos até a planejar apresentarmo-nos a Hitler para expor-lhe nossas ideias, caso ganhássemos a guerra.

Desejávamos que o Terceiro Reich voltasse a aceitar os duelos estudantis, que naquele tempo estavam terminantemente proibidos, assim como as suas vantagens educativas; era de vital importância que os membros das diversas associações desfrutassem de maior liberdade de ação e, o mais peremptório de tudo, que voltasse a renascer a vida.

Durante o tempo em que cursei a Universidade, costumava passar uma ou duas tardes por semana no campo dos desportos. Não tinha interesse especial em converter-me num recordista, mas desejava ser um bom desportista. Nunca cheguei a me destacar nas provas de velocidade, devido ao excessivo comprimento de minhas pernas. Consegui, entretanto, destacar-me em salto em altura, lançamento de peso e de disco e em outros esportes. Consegui, até com facilidade, ser aprovado nos exames desportivos da Áustria.

A Escola de Educação Física da Universidade de Viena tinha amplas instalações desportivas, entre as quais um estande para armas de pequeno calibre. O tiro ao alvo era modalidade desportiva muito difundida e anualmente eram realizadas competições.

Não demorou muito para que eu obtivesse boas classificações no tiro de pistola; pude até apresentar-me em concursos como o representante da associação estudantil à qual pertencia. Tomei parte nas competições nacionais entre Academias, que se realizavam todos os anos.

No concurso de 1931 consegui fazer 56 pontos dos 60 possíveis, colocando-me na cabeça da classificação geral, onde estive até o último dia das competições. Conseguira uma façanha; pois, até então, ninguém havia conseguido fazer 56 pontos!

Mas no último dia, na fase final, chegou um universitário de Graz que conseguiu fazer 57 pontos. Um a mais do que eu! Aquele acadêmico foi o vencedor da prova e eu o felicitei sinceramente, apesar da decepção que sofri; juntos festejamos, à noite, a sua vitória. Desde então o tiro de pistola

foi uma de minhas maiores afeições, e me converti em apaixonado colecionador de armas curtas.

Anos mais tarde, quando obtive minha Licenciatura, em 1936, apresentei-me para disputar o título nacional de uma competição desportiva que constava da realização de um percurso de 25 quilômetros levando uma mochila que pesasse 15 quilos, e de uma prova de tiro com arma de pequeno calibre.

Durante meus anos de estudante pratiquei outros esportes, tais como navegação a vela, que muito me alegrava. Quantos fins de semana passei navegando por nosso amado rio, o Danúbio! Conheço cada centímetro de suas paisagens desde Passau até Budapeste; cada um de seus redemoinhos, suas azuis e límpidas águas...

Conheço-o em todas as condições climáticas; em dias ensolarados ou nublados, com chuva e frio, ao entardecer e em plena noite. Descobri que se nossos olhos estiverem dispostos a observar atentamente as maravilhas da natureza, sempre podem descobrir algo novo, algo nunca visto até então...

Quão maravilhosas são as antigas ruínas de Wachau, quando estão embelezadas pela luz da lua que se reflete sobre as águas do rio! Quão lindamente selvagens e primitivas nos parecem as extensas planícies de Raab, na Hungria, quando a neblina matinal as envolve em suas brumas! Que surpreendente sensação sentimos quando o inesperado redemoinho do rio faz nosso bote dar voltas, ou quando um bando de cervos se aproxima da fogueira que acendemos quando acampamos.

Em 1929, conheci um professor vienense de esportes chamado Kupka que, ao mesmo tempo, era um experiente navegador. Dedicava todo seu tempo a experiências e tinha sempre ideias fantásticas. Na ocasião trabalhava num projeto para "fazer voar os navegantes". Havia construído com linho esticado duas asas que deviam ser fixadas nas costas de um homem, com o fim de proporcionar-lhe um curto voo.

Como todos os descobridores e inventores, Kupka era sumamente teimoso; nunca consegui convencê-lo de que os homens jamais poderão voar como os pássaros, por menor que seja o seu voo. Ao fazer seus cálculos aerodinâmicos, não levou em conta o peso do corpo humano, que era um obstáculo impossível para suas ideias.

Apesar dos resultados negativos em suas experiências, suscitou-se o problema de uma nova forma de navegação.

Um dia meu amigo veio ver-me e expôs um grande projeto. Havia escrito um roteiro cinematográfico que tratava da navegação a vela e tinha reservado a si mesmo o papel principal. Porém, o mais importante era que me pedia para eu voar de uma escarpa com o artefato de sua invenção! A proposta não me pareceu muito sensata; tampouco tinha a ideia de converter-me em artista de cinema, pelo que lhe propus, com muita discrição, que começássemos tomando algumas provas fotográficas e que ensaiasse ele mesmo o seu voo da escarpa. Não tive que me esforçar muito em convencê-lo; a película nunca chegou a ser realizada.

Como Ben Akiba sempre tem razão, devo registrar que os "voos náuticos", tal qual concebidos por meu amigo, foram testados em 1948.

Umas linhas mais sobre minhas predileções. O esporte da caça me apaixonou durante alguns anos. Tinha vários amigos que me convidavam para caçar com eles; consegui abater várias peças de todos os animais que existiam nos bosques e pradarias de minha pátria, sem que por este motivo pudesse ser considerado como um caçador exageradamente entusiasta. Ao fim de alguns anos de prática em tal esporte, contentava-me em ficar num bom posto de onde pudesse observar comodamente os movimentos de um esplêndido cervo, por exemplo. Muitas vezes deixei de atirar em um exemplar, por melhor peça que me parecesse.

A partir de 1926 naveguei frequentemente por nossos maravilhosos lagos das montanhas e pelo velho e incomparável Danúbio Azul, que banha grande parte de minha cidade natal, Viena. Chegamos a formar um clube de regatas, às quais me dediquei com entusiasmo em todas as situações, mesmo nas mais adversas.

Nunca poderei esquecer uma noite de tempestade quando navegava pelas aguais do lago Traun levando comigo a bordo uma moça tão medrosa como nunca vira. Havíamos saído de Traunkirchen por ocasião de um formoso anoitecer; tínhamos um vento favorável; nosso propósito era passar uma ou duas horas agradáveis e pacíficas de navegação.

Mas, de repente, tal como só ocorre nas paragens de altas montanhas, onde as mudanças meteorológicas se apresentam sem aviso prévio, a lua ficou oculta atrás de uma espessa capa de nuvens e o vento começou a soprar com violência. Fiz todo o possível para regressar ao porto, mas a escuridão reinante e as altíssimas ondas me privavam da segurança suficiente para conseguir atravessar a sua estreita entrada. Por isto decidi seguir navegando pelo centro do lago. Mas a minha companheira perdeu o

domínio dos nervos e não pude contar com sua ajuda em tais circunstâncias. Amarrei-a com um pedaço de corda e enrolei o outro extremo na minha cintura.

Atei em um pé o cabo que segurava a vela de emergência que servia para ajudar a manter a rota assinalada, enquanto agarrava com as duas mãos o cabo da vela principal fazendo uma chamada a todas as minhas forças, já que o vento era cada vez mais forte. Só dispunha dos meus quadris para procurar segurar com eles os remos. A situação se tornou cada vez mais difícil. Do ar romântico de nossa excursão, que havia predominado no princípio, não restava mais nada.

Em determinado momento desapareceu todo vestígio de visibilidade, o que me obrigou a orientar-me pelo instinto. O vento soprava cada vez com maior violência e as ondas eram tão altas, que acabaram por encher de água o fundo do bote. Acontecia uma coisa estranha: minha maior preocupação era a embarcação; os sentimentos de minha passageira não me preocupavam, já que eu sabia que, em caso de verdadeiro apuro, ser-me-ia fácil salvá-la. Dentro de pouco tempo a tempestade amainou; mais tarde nos inteiramos de que não havia durado tanto como pensamos; desapareceu com a mesma rapidez que se havia apresentado. A agitação das ondas seguiu acompanhando-nos até conseguirmos entrar no porto, onde nos esperava um grupo de pessoas.

Este relato não quer dizer que eu dedicava todo o tempo ao esporte e às diversões; apenas algumas horas de lazer. O resto do tempo, assim como os meus esforços, dedicava a misteres mais importantes. Como meus estudos me deixavam muitas horas livres, preocupava-me em aumentar o dinheiro que meu pai me dava para meus gastos dando aulas particulares a alguns colegas que estavam atrasados em seus estudos.

Nós, os estudantes, também tínhamos oportunidade de ganhar dinheiro nos meios artísticos. Alguns diretores de filmes, tais como Preminger, que atualmente colhe grandes triunfos em Hollywood, nos facilitavam a oportunidade de ganharmos algumas importâncias dando-nos representações noturnas que exigiam um grande esforço. Quando estas não eram importantes, não tínhamos muito interesse nelas, até o ponto em que, em muitas ocasiões, deixávamos que alguns companheiros nos substituíssem, o que agradava aos assistentes, sobretudo quando um novato não entrava em cena no momento indicado, ou quando se tratava de realizar um diálogo confidencial.

Se os testes resultassem satisfatórios, ofereciam-nos representar alguma obra no Teatro Popular Alemão, de Viena, apesar de sermos simples aficionados. Foi precisamente no dito teatro que tive ocasião de conhecer a famosa atriz Paula Wessely, que representava o primeiro papel da popular comédia "O velho Heildelberg". Consegui fazer parte do elenco da peça e não parei até conseguir tirar Paula de cena, nos ombros, ajudado por outro ator. A atriz levava uma vida simples, e não tinha qualquer inconveniente em deslocar-se de bonde de um lugar para outro da cidade, o que me deu a oportunidade de falar-lhe em várias ocasiões. Uma vez, com o seu peculiaríssimo acento vienense, disse-me:

— Ontem à noite estive a ponto de cair no chão.

Daquele tempo me ficou para sempre certa inclinação para o teatro que o mundo representa.

Antes de 1914, um homem ainda podia permitir-se o luxo de ser apolítico; é bem possível que na referida época, fundamentalmente pacifista, existissem muitas pessoas que não se preocupavam em pensar o que era a política. Mas a situação mudou totalmente a partir de 1918. A Primeira Guerra Mundial havia criado algumas mudanças de capital importância no mundo inteiro; inclusive havia repercutido na vida privada de inúmeras pessoas. A paz e o Tratado de Versalhes foram causas do surgimento e estabelecimento de uma série de problemas que não podiam passar desapercebidos no mundo, muito menos na Europa. Aqueles problemas e as formas de solucioná-los converteram-se em assuntos de vital importância para a vida das diversas classes sociais. Isto tornava impossível iludir as repercussões dos problemas políticos e econômicos que flutuavam em torno de nós. Mas, apesar de tudo, os assuntos pessoais de cada cidadão careciam de importância, ficavam postergados ante os grandes ideais que se estabeleceram naquela época, tais como o socialismo e o nacionalismo, que obrigavam a todo indivíduo tomar partido por um ou por outro.

Os problemas diários da política nacional e internacional que incidiam em nossa República, recém-instaurada, eram causa de muitas rixas pessoais, pois as pessoas não se limitavam a expor suas ideias, irritavam-se insultando a todos os que não concordavam com a sua maneira de pensar.

Esta tensão política foi a causa de grande parte da população austríaca, inclusive da alemã, afastar-se da política partidária, afirmando que não queria imiscuir-se naquelas turvas manobras. Este impulso de alhear-se de todo partido político era mais visível entre a juventude, já que não

encontrávamos exemplo digno de ser seguido entre os dirigentes dos diversos partidos existentes. Os liberais e os apolíticos chegaram a ser a grande maioria.

Em linhas gerais, o povo sentiu-se fraudado ante as consequências que a paz trouxe consigo; tal estado de ânimo surgiu mesmo durante o transcurso da guerra. A pergunta mais importante que a população civil se fazia então era a seguinte:

"Onde foram parar o direito à autodeterminação dos povos, a liberdade e os ideais democráticos, pelos quais, conforme se diz, foi feita esta sangrenta guerra contra as potências centrais?"

A monarquia austro-húngara fora derrubada. Por que não se instaurara um regime melhor?

Por que se destruíra totalmente uma economia estável que existia há séculos, para substitui-la por uma caricatura da mesma, que não oferecia qualquer espécie de garantia? Por que se haviam formado Estados autônomos, tais como Polônia, Hungria, Tchecoslováquia e Lituânia, e se havia privado de tal privilégio a grandes grupos de alemães que viviam ao Norte da Silésia, na Tchecoslováquia e ao Sul do Tirol?

Em 1919 o Parlamento austríaco, ainda que com maioria socialdemocrata, adotara o lema: "a Áustria alemã é uma parte integrante da República Alemã".

As eleições realizadas no Tirol e em Salzburg deram uma maioria de noventa por cento de votos a favor de uma união com a Alemanha. Este detalhe os aliados não levaram em conta, apesar de terem sido eles mesmos os que promoveram tais eleições, e proibiram ao povo que levasse a efeito sua desejada união com a Alemanha.

Aquela negativa nunca foi esquecida e permaneceu latente durante os anos que se seguiram. Os homens que não a esqueceram não se apoiavam somente em razões de ordem política e social; levavam em conta os problemas econômicos que giravam em torno da referida união, cuja importância não podia ser ignorada.

O Chanceler socialdemocrata de então, doutor Renner, apresentava um argumento atrás do outro em defesa da união dos dois Estados; estes argumentos foram expostos, verbalmente e por escrito, durante todo o ano de 1918. O doutor Renner demonstrou que sabia permanecer fiel às suas ideias, já que continuou lutando por elas até 1938, e sentiu-se satisfeito ao presenciar o triunfo de seu rival nacional-socialista, que as converteu em

realidade, chegando a felicitar o seu adversário durante uma entrevista que ambos concederam.

Outro prelado e Chanceler, doutor Ignaz Seipel, social-cristão, também reconheceu a necessidade econômica da união. A 1º de outubro de 1926, Seipel foi nomeado Chanceler pela segunda vez, e a sua política, que se baseava na necessidade de preparar a união com o Reich alemão, foi aceita unanimemente. Seu lema era o seguinte: "a Áustria é um Estado alemão que não deve enfrentar a Alemanha".

Por outro lado o plano econômico (que solucionava grandes problemas) do Chanceler doutor Johannes Schober, apresentado por este ao Chanceler alemão, Curtius, apoiava-se nas bases dos antigos dirigentes; e isto sucedeu dez anos depois de terminada a guerra!

Durante o tempo que cursamos nossos estudos de ensino médio aprendemos a conhecer estas vicissitudes, que nos ensinavam nas aulas de História e nas que versavam sobre o fundamento político de então. As conferências políticas oficiais, que se realizavam anualmente na Praça dos Heróis, em Viena, todo mês de setembro, e que estavam isentas de toda sorte de tendências partidárias, muito me instruíram, e não deixei de assistir a qualquer delas, embora fizesse os meus estudos superiores. Lembro que o Reitor da Universidade de Viena, doutor Innitzer, que mais tarde chegou a ser Arcebispo de Viena e Cardeal, advogava então uma política de conexão.

Os debates do Parlamento eram considerados como infrutíferos pela maior parte dos jovens de minha geração. A economia austríaca não havia conseguido superar as consequências da guerra; chegou-se a uma inflação quase impossível de ser superada. As negociações com o estrangeiro, que deviam ter resultado em certas melhorias para a economia do país, não podiam ser levadas em conta, pois não se dispunha do capital suficiente para invertê-lo na implantação das indústrias que se propunham; também, porque a competição suíça e italiana havia posto dificuldades para a realização de qualquer espécie de negociação desta natureza.

O mal-estar social, promovido pelas diferentes trajetórias dos partidos e reforçado pelo desemprego que ninguém se preocupava em solucionar, agravou-se, até encontrar seu "ponto de explosão" nos distúrbios de 25 de julho de 1927, que ficaram na história de minha pátria com a denominação de "a queima do Palácio da Justiça". Não cabe a menor dúvida de que aqueles distúrbios dirigiram-se contra as leis estatais vigentes. Fui testemunha dos fatos. Quando ia buscar meu pai em seu escritório, pude

presenciar o tresloucado gesto das massas agrupadas ante o Palácio da Justiça, que desejavam entrar nele para destruir os arquivos. Todo o mundo ignorava a causa do alvoroço; todos davam vazão a seus sentimentos para demonstrar a existência de uma intranquilidade pública que, à falta de argumentos de peso em que se basear, acabou em simples fogos de artifício.

Como reação àquelas agitações, criaram-se nas Escolas Superiores as chamadas Legiões Universitárias, que desejavam defender e proteger, a todo custo, a autoridade e a ordem nacionais. Também me inscrevi nas ditas Legiões que se converteram nos Corpos Francos de Estudantes, as quais se uniram a outras associações patrióticas criadas anteriormente. Um dos mais ilustres nomes da Áustria, o Príncipe Ernest von Starhemberg, era um alto dirigente daquelas associações, que pretendiam fazer face às formações paramilitares orientadas para a extrema esquerda, as Uniões Protetoras Republicanas, formadas desde 1919.

A Heimwehr, nome de nossa associação, chegou a converter-se num partido político.

As novas ideias políticas — nada claras, certamente — para formar um "Estado forte", encontraram grande receptividade, porque o sistema democrático foi deteriorando-se e dissolvendo-se devido às rixas que grassavam no seio dos partidos políticos, que não proporcionavam qualquer vantagem à nação nem um alívio visível à situação geral.

Fui membro dos Corpos Francos de Estudantes, que se regiam por leis militares, embora não dessem uma formação militar aos que os integravam. Comecei sendo chefe de seção e acabei sendo o porta-bandeira, e nesta condição tomei parte numa reunião realizada na Praça dos Heróis, durante a qual a bandeira de minha formação foi abençoada pelo Cardeal Innitzer. A senhora Vaugoin, esposa do ministro austríaco do Interior, foi a madrinha.

Infelizmente, sob o meu ponto de vista, o partido austríaco Heimwehr teve que seguir um caminho trágico, já que se viu obrigado a entrar no jogo democrático para conseguir mais adeptos. À medida que passou o tempo, converteu-se em um autêntico partido político e adotou o nome de Heimatblock. Quando, em 1930, nosso grupo mudou totalmente, de modo e maneira de ser, tanto eu como vários dos meus camaradas decidimos abandonar o movimento, porque não queríamos imiscuir-nos em política partidária.

Se, atualmente, lanço uma olhada para trás, os poucos anos (1927-1930) aos quais chamávamos de conjuntura da Áustria, e inclusive da Alemanha,

não tenho dúvida em considerá-los como a "época áurea" de nossa geração.

Naquela ocasião eu era ainda um simples estudante da Escola Técnica Superior de Viena. E comprovava que, depois dos difíceis anos do pós-guerra e da inflação, que foi uma consequência deles, se havia conseguido uma certa estabilidade social e econômica, o que permitiu que a burguesia, classe social à qual eu pertencia, pudesse contar com um pouco de tranquilidade e com uma vida sem grandes dificuldades.

Quando se é jovem carece-se da suficiente perspectiva para ter uma visão do futuro, nossas ideias não são amplas nem elásticas. Por isto, as tenebrosas profecias de um homem como Oswald Spengler eram estudadas por nós com grande interesse, sem que, entretanto, chegássemos a considerá-las como inevitáveis.

Não nego que existiam certos círculos que percebiam a crise que se abateu sobre a Áustria de 1930 a 1933 e cujas sequelas duraram até 1938. As pessoas que integravam aqueles círculos afirmavam:

"Não podemos negar à juventude o privilégio de se defrontar com um futuro cheio de esperanças, embora a voz da experiência se obstine em impelir-nos a mudar de opinião."

Creio firmemente que, tanto eu como os meus companheiros daqueles tempos, tivemos uma juventude que desejo para os meus filhos e para a atual geração.

Por outro lado, devo acrescentar que, durante os anos de minha mocidade, a luta política que pouco tempo depois da guerra fez difícil a vida para a população civil não repercutia de forma tão ameaçadora sobre a existência dos jovens.

A educação que recebi no meu lar, e que me acalentou durante os anos de meus estudos superiores, baseava-se na ideia de que o novo regime democrático implantado na Áustria e na Alemanha só podia ser considerado como um indiscutível avanço se comparado com a monarquia absoluta. Implantada por homens plenamente conscientes de seus deveres e exaltada por idealistas, a democracia republicana era considerada como uma bênção pelos povos europeus. As questões políticas só podem ser resolvidas pelos políticos, que nem sempre encontram as coisas fáceis.

Nós, a nova geração, não estávamos obrigados a interessar-nos e a participar diretamente das questões políticas. Recordávamos as experiências dos primeiros anos do pós-guerra, durante os quais as lutas políticas respondiam mais a interesses pessoais que ao bem comum. Chegamos à

conclusão de que se podia ser antipolítico, no sentido de rechaçar a política partidária, mas não apolítico, porque não podemos omitir-nos nem deixar de nos interessar pelos grandes problemas da política nacional e internacional.

Creio que o maior êxito do Partido Trabalhista Nacional-Socialista da Alemanha, mais tarde da Áustria, deveu-se à promessa de não obrigar ninguém a fazer parte de um partido e sim de um movimento que englobasse toda a população, destinado a obter melhorias de trabalho, aumentar o padrão de vida e conseguir a união das forças que tivessem uma só ideia: "O bem-estar da Pátria".

No inverno de 1931, fui aprovado nos exames finais da Escola Técnica Superior. A tese que devia apresentar tratava do planejamento e da construção de um motor Diesel. Tal como supunha, resultou satisfatório. Surpreendentemente, meu exame oral foi considerado o melhor da turma.

Com o diploma de engenheiro julgava-me em condições de obter um emprego em qualquer indústria.

Mas...! era mais fácil dizer do que consegui-lo! Naquela época, tanto a Áustria como a Alemanha passavam por uma tremenda crise, consequência do pós-guerra. Uma crise econômica que parecia alcançar então o seu ponto culminante.

CAPÍTULO II

Início de minha vida profissional — Contato com o NSDAP — A grande ideia alemã — O doutor Goebbels em Viena — Proibição do nacional-socialismo austríaco — A ditadura de Dollfuss — Estado cristão — O levante marxista de fevereiro — O governo de Dollfuss em minoria — 25 de julho de 1934 — Desenvolvimento econômico da Alemanha — Anos de crise na Áustria — Reflexos na Imprensa — Visitas dos pró-homens de Hitler — A opinião de Churchill — Êxitos da política externa do Reich — Roma jubilosa — "Il Duce", patriota e europeu — Vida cotidiana em Viena — Luta econômica.

Não me foi possível obter colocação nos vários locais de trabalho que me foram oferecidos, porque as diversas firmas comerciais que me haviam proposto viram-se forçadas a colocar pessoas de mais idade. Apesar disto, tive a sorte de encontrar uma colocação, que aceitei, embora pagassem muito pouco pelo meu trabalho. Este emprego me permitiu conhecer a diferença que existe entre a teoria e a prática.

Não tardei muito a ter sorte. Entrei na qualidade de chefe comercial numa pequena empresa que, no transcurso dos anos, converteu-se num próspero negócio. Tinha resolvido o problema de minha vida. Não obstante, não via satisfeitas as minhas esperanças. Tinha que esperar que o futuro decidisse a minha sorte, e enfrentava-o com alegria, já que sempre fui muito otimista.

Em 1929, o NSDAP fez a sua aparição na Áustria, sendo muito bem recebido. Começou sendo um grupo muito reduzido, mas foi aumentando à medida que passava o tempo. Alguns de meus conhecidos, inclusive muitos dos meus amigos, fizeram-se membros do pequeno partido que na Alemanha começava a ser considerado como um movimento de grande importância.

Fiquei na expectativa, esperando conhecer plenamente sua forma de atuar e seu programa. Esta atitude é normal, já que devia considerar que tal movimento, ao ser fundado no estrangeiro, podia não ser adequado ao nosso país.

Apesar de tudo, interessei-me por ele; agradaram-me os pontos do seu programa, que se referiam aos problemas sociais e econômicos, bem como o sonho de todos: o Anschluss.

Meus dois primeiros empregos de engenheiro diplomado me proporcionaram a oportunidade de entrar em contato com as forças trabalhadoras. Pude conhecer as preocupações e as necessidades das classes sociais menos favorecidas, que eram as que mais sofriam em consequência da crise que açoitava o país. Era significativo que o NSDAP conseguisse muitos adeptos nos meios operários, apesar de estes terem ideias socialistas muito arraigadas. Minhas contínuas conversas com os operários e as conclusões que tirei das mesmas me convenceram que era necessário que se implantassem certas reformas sociais; que era de vital importância a criação de um socialismo moderado, com o que se poderia obter uma melhoria do padrão de vida das classes mais necessitadas.

Não me passou desapercebido, também, que os partidos socialistas da Áustria e da Alemanha tinham uma visão internacionalista mais ampla do que seus colegas franceses e italianos. Pude comprovar isto viajando pela Itália e Holanda, durante minha época de estudante na Escola Técnica Superior, cujas férias aproveitei para trabalhar em fábricas de Colônia e Linz. Embora o alemão seja conceituado como não muito esperto, faz sempre todo o possível para superar-se e consegue elaborar ideias muito proveitosas.

A solidariedade nacional, tão decantada e tão desejada pelos partidos socialistas, só podia ser alcançada, na minha opinião, mediante uma lenta evolução e um árduo trabalho educativo que tivesse como base um patriotismo sadio, limpo e carente de toda sorte de mal-entendidos e reservas.

A primeira reunião política a que assisti na vida foi decisiva para a formação de meus posteriores pontos de vista referentes No verão de 1932, o Dr. Josef Goebbels pronunciou um discurso em Viena, perante uma enorme multidão. Jamais tinha visto um homem fascinar sua plateia daquela maneira. Pelo modo como falava, era fácil constatar que o orador era um fanático por suas ideias. Suas palavras eram tão convincentes que, durante as duas horas de seu discurso, o público permaneceu sentado, imóvel, como se estivesse hipnotizado. Minha sensação não foi diferente. Além do fascínio que senti pela maravilhosa retórica daquele homem, comunguei plenamente com suas ideias, que me pareceram exequíveis. Acaso não era verdade a ideia expressa por ele de que o povo austríaco tinha origens alemãs, exatamente iguais às dos bávaros e dos prussianos? Só havia uma solução para acabar, de uma vez, com todos os problemas econômicos do país: Uma estreita e definitiva união do povo austríaco com o povo alemão!

Acaso não era acertada a ideia de basear seus argumentos num possível aumento do nível de vida das classes trabalhadoras? Não era justo romper energicamente com as poderosas forças do capitalismo e cimentar o capital mais importante de um país sobre a produção das classes operárias, que eram as mais indicadas para ajudar a estabelecer uma economia sã e digna de toda a consideração? Acaso não era verdade que o Tratado de Versalhes, se bem que lograsse solucionar alguns problemas, originou ilimitado número de inquietudes universais difíceis de serem superadas? Isto tudo influiu em meu ânimo. Mas o que exerceu mais influência foram as afirmações do doutor Goebbels com referência ao programa do NSDAP,

que pretendia criar uma sociedade em que não existissem diferenças entre as diversas classes sociais, e com um ideal que as unisse indefinidamente.

As ideias e pensamentos sociais do seu discurso, sobretudo as que se referiam à superação das lutas entre os diversos partidos, foram para mim ingredientes decisivos que me iluminaram e me fizeram ver a verdade. Decidi, naquele instante, inscrever-me no NSDAP. Não obstante, antes de dar o passo decisivo, passei um ano estudando a fundo todos os seus pontos e bases do programa, assistindo a todas as suas reuniões, inclusive pagando a cota exigida.

No mês de junho de 1933, as atividades políticas do NSDAP na Áustria, que a rigor não podiam ser consideradas como tais, acabaram ao ser o partido declarado ilegal pelo governo do Chanceler Dollfuss. Este não levou em conta que todas as proibições podem constituir-se numa faca de dois gumes.

Medidas como aquela só podem ser coroadas de êxito quando as ideias proibidas são substituídas por outras dotadas de tanta força de persuasão como aquelas, ou quando os dirigentes da nação melhoram a economia de um país, deteriorada ao ponto de parecer insustentável. Se não existirem nem se derem tais premissas, um governo não pode continuar sustentando-se tendo como base de sua atuação a violência e as proibições, alienando totalmente a simpatia do povo.

A partir daquela data, o governo austríaco só pôde ser considerado como uma ditadura e, se teve o seu poder robustecido, foi devido a causas fortuitas.

O governo baseava-se numa minoria que atuava no Parlamento, habilmente, evitando as situações que pudessem conduzir a eleições livres, o que resultava que as ações governamentais não tinham nada de democráticas. Não se convidou o povo, uma vez sequer, a que expusesse suas opiniões; não se lhe deu a mínima oportunidade para que ascendesse aos postos de direção. Não se podia dizer que a Áustria tivesse um governo democrático, posto que, a partir de 1908, só houve uma eleição livre, a que se realizou em 1932.

O NSDAP, recentemente criado na Áustria, foi destruído pela ação e pelas normas ditadas pelo governo e, portanto, as suas ideias não dispuseram de terreno fértil para frutificar. Mas, apesar disto, as pessoas que se identificavam com elas não perderam o contato entre si, e a ajuda generosa facilitada a seus membros, aos que se encontravam em situação

difícil, em nenhum momento cessou. Considerei que este auxílio mútuo era justo e certo, já que acreditava ser indispensável que o tempo fosse operando a favor de nossas ideias. Considerava também que era melhor que a ditadura instaurada na Áustria fosse apodrecendo por si mesma.

Dollfuss, em março de 1933, converteu em regime autoritário o seu sistema de governo. Naquela ocasião afirmou que a Áustria não devia unir-se à Alemanha, mas acrescentou que o país era independente, cristão e alemão. Com esta última afirmação contrariou a premissa que havia estabelecido, já que um país não pode ser considerado alemão de origem e efetuar, ao mesmo tempo, manobras antialemãs diante das demais potências europeias. Como as situações absurdas, política e moral, não podem sustentar-se indefinidamente, viu-se forçado a firmar o Tratado austro-alemão de 11 de julho de 1936. Mas, apesar de tudo, a sua vigência não pôde encobrir as dissensões existentes até então e, pelo contrário, aumentou-as.

No mês de fevereiro de 1934 teve lugar o lamentável levante do Partido Social Democrata, que foi reprimido sangrentamente pelas tropas governamentais, cumprindo ordens dadas pelo próprio Chanceler Dollfuss. Nesta ocasião demonstrou-se que as forças democráticas não careciam de coragem, já que os sublevados lutaram com denodo por uma causa que sabiam perdida de antemão. Os homens que se lançaram à revolução para lutar por seus ideais tinham todas as nossas simpatias, não se podendo dizer o mesmo dos dirigentes que os incitaram à luta. Com a colaboração de um amigo, ajudei a muitos sublevados para que não dessem com os costados no cárcere. A partir daquele momento, o PSD foi considerado um partido ilegal.

Os anos que seguiram àquela data, até 1938, presenciaram o caso estranho de dois partidos de ideias tão diferentes como o NSDAP e o PSD, que lutaram juntos contra uma minoria totalitária que tinha em suas mãos as rédeas do Poder. A meta de ambos era a mesma: Chegar a eleições livres susceptíveis de dar oportunidade comum de obter, para os partidos declarados fora da lei, uma soma considerável de votos. Por isto, nossa luta devia ser considerada como uma batalha travada para conseguir, cristalinamente, os direitos democráticos que nos haviam sido negados.

Em julho de 1934, um grupo nacional-socialista tentou a derrubada do governo. Da mesma forma que o restante da população, eu mesmo fui surpreendido pela sua atuação.

A rebelião foi sufocada da mesma forma que a de fevereiro do mesmo ano. Ela colocou nas mãos do governo todos os recursos necessários para desencadear um regime de terror. Nunca fui posto a par das particularidades do último levante. Não obstante, várias circunstâncias me pareceram pouco claras (minhas opiniões só puderam basear-se em algumas informações), especialmente o papel desempenhado pelo Ministro do Interior, Fey. Também me pareceu estranho que fosse tão precipitada a autópsia feita no cadáver de Dollfuss, que se fez em circunstâncias muito peculiares.

Depois destes dois levantes foram ditadas numerosas sentenças de morte, que se executaram imediatamente.

Milhares de pessoas foram presas e condenadas a vários anos de prisão, e centenas internadas por muitos anos em campos de concentração que, naquele tempo, não tinham um estigma tão terrível como atualmente e cujo nome era simplesmente: "Campos de detenção".

Compreende-se facilmente que aqueles fatos não contribuíram para implantar a paz interna na Áustria; pelo contrário, aumentaram as exigências da oposição e fortaleceram as suas posições. Apesar de limitar-me a levar a cabo atos de auxílio, evitando toda atuação direta, o que me proporcionava grandes dores de cabeça naqueles anos de crise, continuava, como é de supor, seguindo com grande interesse os avanços e êxitos que o NSDAP ia obtendo no III Reich. E pensava, acertadamente, que todas as posições conquistadas pelo NSDAP na Alemanha acabariam por influir e repercutir na Áustria. Ninguém podia negar que o governo de Hitler estava alcançando grandes êxitos em todos os campos sociais e que lutava energicamente contra a crise econômica.

As impressionantes cifras de desempregados foram diminuindo de maneira espetacular, e a colocação em prática de novas diretrizes para regularizar o mundo econômico-financeiro deram resultados tão surpreendentes, que ninguém ousava negá-los, nem os partidos da oposição. O Ministro das Finanças, doutor Hjalmar Schacht, estabeleceu novas normas para a política econômica, o que foi considerado pela opinião mundial como uma obra-prima.

Durante aqueles anos fiz algumas viagens à Alemanha, e pude comprovar, do mesmo modo que outros observadores imparciais, a eficiência das melhoras realizadas que repercutiam favoravelmente no nível de vida da população. Contudo, para nós, os que vivíamos do outro lado das fronteiras, eram muito mais importantes outros fatores: os êxitos obtidos

por Hitler no âmbito da política internacional, assim como o respeito que obteve das potências estrangeiras a sua forma de governo.

Acredito ser interessante expor certos fatos que ainda conservo vivos na memória, embora já tenham sido esquecidos por muitos.

Eu era um apaixonado leitor de jornais. Não lia somente os jornais austríacos; para estar devidamente informado, também lia toda a imprensa estrangeira.

Nas bancas de Viena adquiria tudo o que desejava. As minhas informações eram proporcionadas pela leitura de jornais, tais como o Daily Mail, o Times, o Die Züricher Zeitung, o Frankfurter Ällgemeine Zeitung, este último o único jornal alemão que circulava na ocasião na Áustria.

O dono da banca de jornais da Praça da Ópera era um artista em seu gênero. Não só conhecia muito bem a maneira como devia conduzir seu negócio, mas também sabia o conteúdo de todos os jornais que vendia. Era ele, precisamente, quem me chamava a atenção diariamente sobre os artigos e comentários que tinham certo interesse.

Algumas vezes, por exemplo, me dizia:

— Sabe, senhor engenheiro, que Rosenberg, o que escreveu "Mythus", está visitando Londres? Simon, o Ministro de Assuntos Estrangeiros, e da Guerra, recebeu o nazi festivamente, publica o Daily Mall. Trinta groschen. Obrigado!

Meu pai, que, em consequência dos efeitos e resultados da guerra, não tinha muita fé nos partidos políticos, me expunha frequentemente suas ideias. Queria fazer-me compreender, sempre que podia, que nenhuma guerra, empregada como último recurso de uma política internacional, tivera boas consequências, já que o caos resultante dela era sempre muito maior do que as vantagens conquistadas. Lamentava amargamente que continuasse vigorando a incompreensão e o ódio entre os povos durante a época do pós-guerra, e que as fronteiras entre as nações não fossem, simplesmente, linhas desenhadas sobre os mapas, mas autênticas barreiras infranqueáveis e inacessíveis para a compreensão e fraternidade humanas. Era um leitor tão apaixonado como eu, e me explicou entusiasmado que ilustres dirigentes ingleses e franceses se haviam dirigido a Berlim, onde foram recebidos por Adolf Hitler.

Lembro claramente que comentou:

— Se as melhores forças combatentes da guerra passada, os soldados que estavam dispostos a dar a vida por sua pátria, quiserem dar-se as mãos,

tanto os de um lado como os do outro, daremos um grande passo para a manutenção da paz. Talvez seja de grande importância que um homem como Adolf Hitler tenha sido cabo.

A linguagem de um homem assim pode ser facilmente compreendida por todos aqueles que lutaram nas frentes, pois passou pelo mesmo que eles. É provável que se entendam tomando como base as experiências vividas e não empregando conceitos, tais como tradição e intelectualidade, que são as ideias fundamentais dos políticos e dos altos chefes militares.

Aderindo à Concordata firmada entre a Alemanha e o Vaticano, a Áustria, Nação e Estado essencialmente católico, conquistou um indubitável avanço no ano de 1933. Os direitos e deveres do novo Governo alemão, resultante da citada Concordata, foram temas dos artigos de fundo da imprensa universal. A imprensa estrangeira também elogiou o acordo firmado entre a Alemanha e a Inglaterra sobre as frotas de ambos os países. Graças à minha assiduidade à banca da Praça da Ópera pude conseguir um jornal inglês daquele mesmo dia. E, quando anos mais tarde, foi firmado o pacto franco-alemão de não-agressão, um fato excepcional devido à conhecida e tradicional inimizade existente entre as duas nações — a imprensa durante vários dias não falou de outra coisa.

Até os operários que trabalhavam em minha empresa falavam do assunto incessantemente. Um deles, um tal Oehler, comunista convicto, que havia lutado nas barricadas em fevereiro de 1934, me fez uma visita para expor suas ideias. Disse-me:

— Os alemães sabem conseguir o que se propõem! Nunca esperava isto deles. Nunca acreditei que pudessem colocar os franceses no bolso! Os altos chefes que dirigiram a guerra e os que desempenharam cargos importantes durante o pós-guerra nunca puderam suportar-se. Mas os de agora o conseguem.

O ambiente que reinava nos cafés vienenses podia ser considerado como o barômetro que media o clima que imperava em toda a Áustria. Se "algo paira no ar" ou "tem algo nas portas", o aprazível ambiente dos cafés de Viena se torna, de repente, tenso, eletrizante. As conversas são mantidas em tom de voz mais alto; os jornais não saem das mãos dos que os estão lendo; estabelecem-se até disputas entre os que sustentam opiniões divergentes.

Este era o clima dominante durante o período de 1932 a 1938. A política ditatorial implantada por Dollfuss e executada por seu governo não havia

logrado apaziguar os ânimos; pelo contrário. Havia um sem-fim de problemas que provocavam acesas polêmicas. Os laços de união política com a Itália, por exemplo, eram sempre motivo de controvérsias; e o que era de primordial importância para os austríacos, a crise econômica tão difícil de resolver, excitava os ânimos.

Recordo ainda que, no café que frequentava, uma frase de um discurso pronunciado por Churchill, em 1938, foi o assunto predominante durante vários dias. O político inglês, segundo informações da imprensa, disse naquela ocasião:

"... Sempre pensei que nada seria melhor para a Inglaterra, no caso em que tivesse sido vencida em uma guerra, encontrar um homem como Hitler para que voltasse a conquistar o lugar que ocupávamos entre as nações do mundo..."

Não cabe a menor dúvida de que estas palavras de Churchill eram conhecidas então por todas as pessoas adultas. Eram palavras altamente significativas, sobretudo por terem sido ditas por um político inglês que não podia ser considerado, por ninguém, como um desconhecido. Apesar disso, muitos inconformistas opinavam que elas ocultavam certas manobras políticas, ou que podiam ser consideradas como simples termos diplomáticos.

Como é de supor, nós os austríacos não dávamos ouvidos às críticas negativistas que se faziam com respeito ao progresso da nossa querida irmã Alemanha. Eram tão inconsistentes, baseadas na mentira e na falsidade, que não encontravam eco no seio da opinião pública. Os progressos da Alemanha eram tão evidentes, que ela se tornava invulnerável a este tipo de crítica.

Qualquer discussão política daquela época deixava transparecer, de uma maneira clara e concreta, as motivações de todos aqueles que negavam as certezas e probabilidades, e nunca abandonei a ideia de que qualquer homem dotado de caráter, que se acha no topo do poder, sempre tem inimigos dispostos a censurar todos os seus atos. Cabia, portanto, perguntar: Por que não pode ocorrer algo semelhante com todo um povo que demonstrava possuir uma grande força de vontade e que sabia superar todas as adversidades? A ideia de que nós, os austríacos, nos havíamos formado do povo alemão e da política do homem que o dirigia nos parecia plenamente satisfatória.

Em 1934, aproveitando as férias, visitei Roma. Deparei-me com uma cidade que tinha um ambiente totalmente festivo, como só pode ser encontrado nas nações meridionais. As classes operárias de Roma ofereciam um aspecto tão alegre, que era difícil de ser superado. Os tocheiros acesos, nas fachadas das casas dos bairros populares, adornavam a noite com seus múltiplos clarões e aumentavam a alegria geral dos seus habitantes. Não creio que esta alegria das massas fosse motivada única e exclusivamente pela comemoração do 2.687º aniversário da fundação da cidade, em honra da qual se celebravam os festejos. Não acredito estar enganado ao afirmar que os romanos, com o seu veemente entusiasmo de latinos, exaltavam a doutrina e as conquistas do regime fascista.

Na minha condição de nacionalista austríaco, havia chegado a Roma com certas reservas, já que a separação do Tirol do Sul da Áustria, em consequência da Primeira Guerra Mundial, que significou a perda para a Alemanha austríaca de um de seus mais belos recantos, sempre foi um espinho cravado no meu coração. O abandono, pelo Itália, do pacto da tríplice entente, em 1916, não podia ser esquecido pelos austríacos da minha geração. Considerávamos isto uma grande afronta pela qual culpávamos a todo povo italiano. Por tais razões, durante minha viagem limitei-me a desfrutar as delícias da paisagem italiana, olhando com grande reserva os cidadãos de tão maravilhoso país.

Não obstante, devo dizer que esta reserva não se dirigia aos representantes do referido povo em geral. Cedo aprendi a conhecer que os homens italianos, tanto o humilde camponês, como o cocheiro, o hoteleiro, o professor ou o aristocrata, eram seres humanos tão dignos como os austríacos ou alemães. Aprendi que é possível estabelecer relação com qualquer uma dessas pessoas; que, inclusive, podemos ser amigos deles se não perdermos de vista que, também nós, os alemães e austríacos, temos nossos defeitos.

As populações da maioria dos países europeus, da Dinamarca à Itália, da Iugoslávia à Rússia, França e Espanha, trataram-me com grande simpatia. O conhecimento que tenho desses povos me permite afirmar não ver motivo algum para impedir que eles possam conviver numa era de paz. Isto poderia ser possível se não existissem problemas políticos e econômicos; se não existisse uma propaganda subversiva.

Tenho muitíssimo interesse em que o leitor me compreenda plenamente enquanto me referir a este ponto. Creio ser impossível a implantação de

diretrizes revolucionárias destinadas a acelerar o processo evolutivo de uma juventude moderna, sadia, para superar suas possíveis falhas. Considero difícil que o dinamarquês, o iugoslavo, o alemão ou o francês possam chegar a ser bons europeus se não forem educados para amar, antes e acima de tudo, sua própria pátria. Só o bom patriota poderá ter um ponto de vista mais amplo e será suficientemente forte para converter-se num europeu e realizar as ideias que defende, abertamente.

Uma noite, nos últimos dias de maio de 1934, passeava pelas concorridas e iluminadíssimas ruas de Roma, vagando em meio à multidão.

Desta forma cheguei até a Praça de Veneza, onde todo mundo se reunia, esperando, no meu entender, que sucederia algo importante. Naquela noite vi, pela primeira vez, Benito Mussolini, o ditador da Itália. Apareceu na sacada do Palácio, rodeado por seus camisas negras, e foi recebido com exclamações de alegria pela multidão. Centenas e centenas de vozes gritavam repetidamente:

— Evviva il Duce ...!

Não pude ficar alheio ao entusiasmo geral. Mas, apesar disso, senti uma punhalada no coração. Não podia esquecer que o chefe do governo italiano havia ostentado, em 1916, um posto na embaixada austro-húngara.

A seguir, as metas da minha viagem foram Bolonha, Florença, Pisa, Ancona, Ravena e Veneza. Na ocasião, os Abruzos, montanhas selvagens e escarpadas que seriam cenário de algumas de minhas missões anos mais tarde, eram simplesmente centro de atração turística visitado por centenas de estrangeiros.

No meu regresso a Viena voltei a engajar-me nos problemas da vida cotidiana. Minha grande ambição, estimulada pela juventude, não estava satisfeita com a forma de vida que levava. Necessitava de algo mais; algo que incitasse e satisfizesse as minhas ânsias: queria impor novas ideias, revolucionárias, como jovem engenheiro que era.

Mas a Áustria não havia superado ainda, totalmente, a crise gerada pela guerra. Era impossível sobressair em qualquer espécie de trabalho. A concorrência que, às vezes, não se desenvolvia com muita lisura, nos dava muitas dores de cabeça. Algumas empresas se arruinaram por completo; outras mal conseguiam sobreviver. Só havia uma possibilidade: lutar com denodo e confiança. E trabalhar, trabalhar, trabalhar...

Recordo que aqueles anos foram muito difíceis; houve um trabalho estafante, mas também se alcançaram alguns sucessos.

Apesar da crise existente, consegui manter meu negócio, inclusive, ampliando-o. Aprendi que se pode consolidar uma boa organização comercial, se houver empenho e se não se deixar vencer pelas adversidades. Ainda que a maioria dos provedores tivesse ideias esquerdistas, socialistas e até comunistas, pude chegar a entender-me perfeitamente com eles. Durante as horas de trabalho, não havia ninguém na nossa firma que fizesse política. Meus operários sabiam perfeitamente quais eram as minhas ideias e opiniões, e eu conhecia as suas. Tinham conhecimento de que eu não queria saber de atividades políticas. Durante as horas de descanso, falávamos de todos os assuntos, já que sabíamos que nossas conversações não degenerariam em disputas.

CAPÍTULO III

Olimpíada de inverno de 1936 — Christl Cransz e Leni Riefenstahl — Hitler e suas exposições — O esporte enrijece — As nações cambaleiam — A juventude mundial.

A Olimpíada de inverno, em 1936, em Garmisch-Partenkirchen, foi um acontecimento de excepcional importância. Infelizmente não pude assistir, tal como era meu desejo, à Olimpíada de Verão, já que meu trabalho exigia de mim uma permanência constante em Viena. A pacífica reunião das juventudes do mundo inteiro para uma competição desportiva e a preparação dos festejos eram uma demonstração palpável de que a mocidade se entendia muito bem e só desejava a paz.

Não seria justo que falássemos daquela Olimpíada sem fazê-lo de sua perfeita organização, digna de todo elogio. Desde os tickets, que eram expedidos para o almoço e para as ceias, até os programas que ofereciam uma relação completa de todas as competições, tudo, absolutamente tudo, havia sido conscientemente estudado e preparado; os assistentes podiam confiar tranquilamente nos organizadores, tendo a certeza de gozar de todas as facilidades.

Era possível, inclusive, praticar algum esporte nos mesmos dias em que tinham lugar as competições; apesar de as condições da neve não serem muito favoráveis, podia-se aproveitar algumas horas para esquiar um pouco ou realizar uma excursão no teleférico. Não posso ocultar que soube apreciar a diferença que existia entre os esquiadores "amadores", como eu, e os que tomavam parte nas competições. Até as participantes femininas eram melhores do que nós.

Uma das tardes mais interessantes foi a destinada às provas de slalom. Ali tive oportunidade de falar com a vencedora da prova feminina, Christl Cransz. Jamais conheci uma desportista que se concentrasse tanto; sua atenção e técnica não eram inferiores às de seus companheiros masculinos.

Sob o teto de um refúgio de esquiadores encontrei Leni Riefenstahl, que, dali, dirigia os cinegrafistas que integravam a sua equipe.

Seu abrigo de pele de urso era tão conhecido, que a juventude de Garmisch distinguia a sua favorita a cem metros de distância, saudando-a em altos brados, Leni, Leni...

Também conheci, naquela ocasião, um jovem oficial inglês que servia na embaixada inglesa de Berlim. Entendemo-nos no último quarto de hora, quando nos dirigíamos à estação, falamos de assuntos políticos, que não interessavam demasiado a nenhum de nós. Fiquei muito impressionado pela grande compreensão que ele demonstrava sobre as relações austríaco-alemãs. Nunca esquecerei uma frase que me disse por acaso, quando falávamos sobre o problema:

— Não compreendo que alguém possa estranhar a marcha dos acontecimentos que têm lugar na Alemanha. Quase se pode dizer que o III Reich surgiu há dezessete anos, e que Hitler nasceu em Versalhes.

Os atos oficiais que se celebraram por motivo das competições desportivas me proporcionaram a oportunidade de ver, pela primeira vez, os homens mais importantes do III Reich.

Adolf Hitler abriu as competições da tribuna.

Recordo com muita clareza o tom de sua voz que, mais tarde, ser-me-ia familiar. Sem dúvida, o homem mais popular de então era Hermann Göring, o qual podia ser visto frequentemente com um gorro de pele.

Do mesmo modo pude ver, de certa distância, o doutor Goebbels.

Todos os austríacos que assistimos aos jogos da Olimpíada nos sentimos agradavelmente surpreendidos pela recepção que os alemães nos proporcionaram. Fomos recebidos com grandes mostras de simpatia.

Os estrangeiros que estiveram em Garmisch-Partenkirchen também foram muito bem tratados. Não ouvi um só comentário que discordasse de tal afirmação. A juventude de várias partes do mundo, que ali estava, não se reuniu apenas por causa do desporto, mas movida pelos mesmos anseios de paz e progresso.

Os representantes das diversas nações, que se reuniam livre e espontaneamente, sabiam que podiam falar sobre qualquer assunto, sem que, por isto, se originassem ásperas discussões.

Todos nós estávamos plenamente convencidos de que, finalmente, havíamos dado um grande passo para chegar a alcançar uma melhor compreensão entre todas as nações do mundo.

É bem possível que o espírito desportivo reinante em Garmisch contribuísse para fomentar tais sentimentos. Os vencedores eram ovacionados entusiasticamente, sem que se levasse em consideração sua nacionalidade. Os mais destacados, os mais audazes, receberam as maiores mostras de simpatia do público, assim como de seus próprios companheiros. Quase todos eram oriundos de países nórdicos: finlandeses, noruegueses e suecos.

As conclusões que tirei daquela Olimpíada podem ser sintetizadas numa frase:

"A educação patriótica da juventude não pode ser considerada como uma coisa secundária, caso se deseje alcançar uma união completa entre os povos."

CAPÍTULO IV

Na Associação Desportiva alemã — Vida da sociedade — A Frente Patriótica Schuschnigg em Berchtesgaden — Voto popular não democrático — 10 e 11 de março de 1938 — Viena agitada — A plebe passa à ação — Viva Schuschnigg, viva Moscou? — Em defesa da Associação Desportiva — Queda de Schuschnigg — Dr. Seyss-Inquart, o sucessor — Massas entusiasmadas — Viena desfilando — Desfile com tochas — Na Chancelaria — Policiais com braçais da cruz gamada — A bandeira do

Reich tremulando num balcão histórico — "Deutschland, Deutschland, über alies..." — 1848-1938 — Minha primeira missão — Evitar incidentes — Sigo o Presidente Miklas — No palácio presidencial — Entre o Batalhão de Guardas e os civis — Sangue frio — Vitória dos nervos mais calmos — Legitimado através de Seyss-Inquart — "Pistolas fora!" — Guarda comum — O agradecimento do Chanceler — Proclamação de Adolf Hitler em 12 de março de 1938 — Mudança de cores e de mentalidade em Ballhausplatz — Os trabalhadores também dizem sim — As tropas alemãs recebidas com grande entusiasmo — Hitler em Viena — A Igreja e o "Anschluss" — O Cardeal Innitzer toma posição — Parada militar na Ringstrasse — Igualdade exagerada — Falta de tato — A linha do Maine, uma ficção.

A solução escolhida pelo Governo austríaco em 1º de maio de 1934 se baseava numa nova entente de grupos sociais apoiada num só Partido político: a Frente Patriótica. Contudo, a referida solução não podia contentar a totalidade do povo austríaco, pois os membros do Conselho eram nomeados pelo próprio Governo, e não pelo voto livre. Os acontecimentos dos meses de fevereiro e março de 1938 me encheram de surpresa, bem como a opinião pública, embora os jornais nos informassem sobre as negociações em curso. O laconismo da imprensa nos obrigava a ler nas entrelinhas, mas uma coisa estava clara: não havia outra solução, a não ser o estabelecimento de relações normais entre os dois Estados alemães e uma autêntica e pacífica união.

Nós, os nacionalistas, não nos preocupávamos com o "como". Nossas esperanças mais otimistas não nos permitiam pensar numa unidade completa, total, entre os dois Estados, apesar de isto ser o nosso mais ardente desejo há anos.

Mas quando, em 12 de fevereiro de 1938, o Chanceler Schuschnigg realizou uma visita a Berchtesgaden, ficamos esperançosos. Não havia dúvida de que não tardaríamos a chegar à solução do problema que considerávamos de vital importância. Todos os círculos políticos e sociais da população vienense padeceram da febre resultante daquelas negociações políticas. Onde quer que fosse, encontrava-me com grupos de pessoas que discutiam o mesmo problema e expunham as suas opiniões sobre ele. Os operários, os funcionários públicos, os camponeses e os industriais, todos,

absolutamente todos, estavam na expectativa do desenrolar dos acontecimentos.

Quando Adolf Hitler falou no Reichstag, em 20 de fevereiro de 1936, o problema austríaco já havia chegado à sua fase decisiva. Seu discurso teve por objeto anunciara formação do grande Reich alemão; falou dos sonhos dos povos de origem alemã: a união.

Por outro lado, o discurso pronunciado ante os representantes da Frente Patriótica de Innsbruck, em 9 de março de 1938, anunciando uma eleição popular para o dia seguinte, "caiu como uma luva" para o Reich e para os nacionalistas austríacos.

Schuschnigg havia tomado a decisão de patrocinar as eleições sob os auspícios do seu próprio gabinete. Pedia-se ao povo austríaco que levantasse a sua voz para a formação de "um Estado livre e alemão, independente e social, cristão e puramente austríaco, que prometesse a paz e o trabalho, a igualdade de todos perante o povo e a Pátria". A resposta afirmativa a tais solicitações, e a outras coisas sobre as quais todos estávamos de acordo, podia ser tomada como uma demonstração do poder de Schuschnigg. Era como se tivesse sido perguntado ao povo se desejava a paz, a felicidade e o bem-estar... Não pode haver dúvida de que a resposta foi um unânime "sim"; um "sim" que robustecera a legitimação de um poder que não havia ousado defrontar-se com uma eleição livre.

Em 10 e 11 de março, a excitação latente em Viena atingiu o clímax. A situação dos funcionários públicos pareceu tornar-se particularmente crítica, pois se viram obrigados a votar com o objetivo de não perderem seus cargos; não podia haver segredo em torno das eleições. Em consequência de várias conversas que tive com meus amigos e conhecidos, cheguei à conclusão de que muitos outros cidadãos haviam votado nas mesmas circunstâncias.

Apesar de tudo, a solução não satisfez a ninguém. As abstenções nas eleições fizeram surgir novamente a dúvida sobre a incógnita de se esse governo havia sido eleito e apoiado pela maioria do povo.

Ás ruas da cidade velha ofereciam, naquele 11 de março, um aspecto pouco comum para um dia festivo. Um comício da Frente Patriótica estendia-se por todas as ruas da cidade. Os participantes utilizavam inclusive caminhões, que circulavam lentamente. Lembro que permaneci sentado durante bastante tempo no café Fenstergucker, situado na Rua Kärntner. Os jornais só falavam do surpreendente comportamento do povo.

Até a imprensa estrangeira escreveu longos artigos que tratavam das negociações entre Hitler e Schuschnigg. Um pressentimento súbito fez com que eu pensasse estar sendo testemunha, naqueles momentos, de um lento declínio do governo austríaco de então.

Dois caminhões pararam na esquina onde eu estava. Constatei que as suas laterais estavam cobertas de letreiros propagandísticos da Frente Patriótica. Em cada um dos caminhões havia pelo menos vinte homens; alguns vestiam uniformes cinza-claro das "milícias"; tratava-se, indubitavelmente, de uma demonstração da Frente que, realmente, nunca chegou a ter grande penetração entre os austríacos.

Entre os não uniformizados pude ver alguns que estavam particularmente agitados. Recordo que alguns se aproximaram das janelas do café e gritaram frases das quais só entendi: Schuschnigg, liberdade e Áustria.

De repente, não dei crédito ao que viam meus olhos. Observei que a maioria dos homens levantavam as mãos e lançavam os punhos contra o céu. Em seguida me perguntei; "Desde quando Schuschnigg procura os seus seguidores entre os comunistas? O que se passa na realidade?"

Não me restava outra alternativa senão pensar que a Frente Patriótica havia perdido o controle sobre seus próprios meios de propaganda. Ou, talvez..., havia tomado uma iniciativa tão inesperada?

Não me enganei ao pensar assim. O Prefeito de Viena havia mobilizado as formações socialistas e comunistas; chegou até a armá-las. Isto fez com que muita gente se lembrasse de 1918.

À medida que passavam as horas pude ver mais caminhões carregados de homens como os que havia visto antes. Homens que não me inspiravam confiança.

O que mais me chamou a atenção, porém, foi ver o grande número de pistolas e fuzis que apareciam sobre os veículos. Observei, igualmente, que os homens que os ocupavam mostravam seu punhos com grande entusiasmo; saudando ao estilo comunista. Isto me fez pensar: "Teremos uma repetição dos tristes fatos acontecidos em fevereiro de 1934? Como acabará este dia, se for perdido o controle sobre esta gente?"

As associações desportivas organizavam diversas reuniões e conferências às quais eu assistia regularmente. Sem levar em conta a perigosa situação que se havia implantado, em Viena, fomos convocados naquela tarde para que nos reuníssemos em nossos respectivos locais.

Estava pronto para mudar de roupa, quando o rádio deu a notícia de que o governo de Schuschnigg havia renunciado. Esta notícia caiu como uma bomba.

Do antigo gabinete só o Ministro do Interior, doutor Seyss-Inquart, continuou exercendo o seu cargo e tornou-se o responsável pelo incerto destino da Áustria.

Por volta das vinte horas, o doutor Seyss-Inquart falou pelo rádio. Disse:

"... Na condição de Ministro do Interior, sinto-me responsável pela tranquilidade e pela ordem que devem imperar no país, e rogo a todos os cidadãos que me ajudem a manter a calma. É preciso que as próximas horas, e os próximos dias, transcorram em completa ordem. Se no dia de hoje sucederem certos acontecimentos, estes não devem, nem podem, tomar o caráter de demonstrações excessivas. Rogo, em particular, que se mantenha a disciplina no seio das formações de segurança nacionais socialistas. Considero que são precisamente elas as encarregadas de velar para que reine a ordem e a tranquilidade, pois só assim poderão ter uma ascendência sobre todos os seus companheiros..."

Alegramo-nos com a queda do governo, que havia dirigido o país durante seis anos sem se preocupar em ter uma base popular. Nunca demonstrou estar capacitado a fazer frente à crise econômica que assolava o país; tampouco havia conseguido apaziguar as dissensões internas que duravam desde 1932.

Uma convocação dos dirigentes das associações desportivas pró-alemães ordenou a reunião de todas elas na cidade velha. Esse dia devia culminar com um desfile de tochas levadas por todos os vienenses nacionalistas. Não pensei, nem por um momento, que a mim caberia desempenhar um papel de importância, em data tão memorável.

Dirigi-me em meu carro, com alguns amigos, à cidade velha, estacionando-o nas cercanias de uma praça. As ruas estavam cheias de gente andando de um lado para outro.

Todos pareciam muito contentes, mas desconheciam a causa exata de sua alegria. Nenhum de nós poderia prever o que sucederia, nem as consequências que deviam decorrer daquele dia. Ninguém podia imaginar que, naquelas agitadas horas, dar-se-ia a tão esperada união entre os dois países.

Vi desfilar a primeira coluna de tochas; aos poucos era engrossada por uma imensa e luminosa massa humana.

Meus acompanhantes e eu limitávamo-nos a ser meros espectadores numa rua de onde podíamos observar perfeitamente o que sucedia. Contudo, em nenhum momento olvidamos que o destino de nossa pátria estava em jogo.

A noite daquele dia nos devia trazer uma porção de surpresas.

Embora as ruas principais estivessem abarrotadas de gente, que carregava tochas, e a Praça dos Heróis se enchesse duma massa delirante que cantava e gesticulava, nossa rua, um pouco afastada, estava relativamente tranquila. Imediatamente, sem aviso prévio, a polícia vienense apareceu procedente da Praça Minoriten; seus carros-patrulha passaram perto de nós. Desembarcando deles, armados de pistolas automáticas, os agentes se dirigiram aos prédios governamentais. Não demos crédito a nossos olhos quando vimos que os policiais levavam braçais com a cruz gamada. O que havia sucedido?

O doutor Seyss-Inquart, um advogado vienense, havia aparecido no cenário político somente alguns anos antes. Era um dos homens que, junto com o Dr. Glaise Horstenau, fizera o possível para reconciliar-se com os denominados círculos nacionalistas, cujas atividades haviam sido proibidas em 1933. Apesar disto, nenhum de nós acreditava que Seyss-Inquart e o Dr. Glaise Horstenau fossem nacionais-socialistas. Por isto sentimo-nos surpreendidos quando vimos os policiais com os braçais da cruz gamada, o símbolo do III Reich!

Foi então quando notamos que as filas dos portadores de tochas pararam de repente! Meu amigo Gerhard e eu apressamos o passo até a rua principal para acompanhar mais de perto os acontecimentos.

Com dificuldade atravessamos a rua, que se achava impedida por grandes barras de ferro que circundavam o parque da cidade.

O balcão histórico do antigo edifício governamental foi o centro do nosso campo visual. Não pude deixar de pensar:

"Quantas vezes Metternich viu, deste mesmo balcão, como se desvaneciam suas esperanças, durante os anos em que teve as rédeas do governo da Áustria!"

A luz dos archotes iluminava as silhuetas de vários homens que tinham aparecido no balcão e que empunhavam uma bandeira onde se podia distinguir a cruz suástica.

Senti que meu coração pulsava forte. Via como tremulava, no balcão do palácio governamental da Áustria, a bandeira do Movimento nacional-socialista!

Dávamo-nos conta, súbita e inesperadamente, de que na Áustria se haviam produzido algumas mudanças de destino de suma importância. Mudanças que iam muito além do que podíamos imaginar. Mas não conseguíamos evitar a pergunta: "Os homens que contribuíram para produzir uma mudança tão radical são, realmente, os indicados? Estão preparados para seguir, fielmente, a trajetória que traçaram?"

Tal como era de esperar, não tardou em aparecer no balcão Seyss-Inquart, o novo Chanceler. Pronunciou um curto discurso, cujas palavras não pudemos captar por estarmos muito longe. Saudou-nos com o braço levantado (saudação característica dos nacionais-socialistas), ante as aclamações da multidão. Diante desta conduta, uma série de perguntas me vieram à mente: "Era possível que Seyss-Inquart fosse nacional-socialista? Era realmente certo que o governo Schuschnigg havia sido dissolvido pela camarilha dos nazistas? O que sucederia de agora em diante? Sentíamo-nos surpreendidos, confusos. Relutávamos em acreditar no que estávamos vendo. Finalmente, dissemos a nós mesmos: Os políticos que quebrem a cabeça solucionando tão intrincado problema!"

A alegria do povo era imensa; todos estavam muito contentes em haver-se desembaraçado de um governo que não o satisfazia e nem cumpria suas promessas. As cenas que presenciei, fruto do entusiasmo, eram inenarráveis. Todos os rostos que me rodeavam estavam radiantes de entusiasmo; todos gritavam de alegria. O hino nacional alemão era cantado por centenas de vozes; a multidão sentia-se livre, compreendida, entusiasmada. Só tinha um pensamento: "Finalmente terminou a guerra fratricida; finalmente atingimos nossas desejadas metas!"

Às vinte e três horas o presidente Miklas nomeou Seyss-Inquart Chanceler da República austríaca. Acabava de presenciar um acontecimento histórico de grande significado! Resolvera-se um problema criado em 1848, e que, desde então, era um espinho que dilacerava o coração de milhões de alemães. Havíamos conseguido o que tanto sonhávamos!

Regressamos às ruas secundárias, animados em nossa conversa, quando, de repente, abriu-se um portão e um imenso carro preto saiu do edifício governamental. Embora próximos dele, não pudemos reconhecer seus ocupantes. De repente, por uma porta lateral, saíram alguns homens

apressadamente. Reconheci um deles como sendo Bruno Weiss, o presidente das associações desportivas, que veio em minha direção. Encontrá-lo naquelas circunstâncias foi uma grande surpresa. Nunca pude acreditar que fosse um homem de fazer política. Sabia que era um organizador excepcional das associações desportivas, que era querido e admirado por todos, mas... nada mais!

Estava bastante agitado. Disse-me:

— Alegro-me por encontrar um homem digno de toda minha confiança. Gostaria de pedir-lhe um favor, querido Skorzeny.

Estava demasiadamente surpreendido para perguntar-lhe qualquer coisa. Limitei-me a assentir com a cabeça.

— Você viu a grande limusine preta que acaba de sair? Nela está o presidente Miklas. Nós, da Chancelaria, estamos preocupados. Acabamos de saber que uma parte do Batalhão de Guardas se encontra nas imediações do Palácio presidencial e que um grupo de soldados da guarda recebeu ordem de zelar pela segurança do Presidente. Tememos que os dois grupos armados se enfrentem e que possa ocorrer uma luta entre eles, coisa que seria muito grave, já que malograria o desenrolar pacífico dos acontecimentos que se iniciaram no dia de hoje.

Fez uma breve pausa e, em seguida, me perguntou:

— Queres ajudar-nos? Tens o carro estacionado nas redondezas?

— Estou às suas ordens! respondi.

— Vá o mais depressa possível — disse ele — à Rua Reisner e intervenha se considerar necessário, evitando, a todo custo, que se cometa uma tragédia.

Weiss apertou-me a mão, pediu-me pressa, e voltou a recomendar que atuasse com cautela.

Levei comigo meu amigo Gerhard e nos apressamos em chegar ao lugar onde tinha estacionado o carro. Recordo ter dito a ele, que caminhava alguns passos atrás:

— Esperemos que tudo saia bem!

Apressei-me em entrar no carro e liguei-o num abrir e fechar de olhos. Naquele momento só pensava: "Graças às minhas constantes andanças de automóvel pelas ruas de Viena, conheço todos os itinerários".

Passei atrás do Teatro Popular e dobrei a esquina, a grande velocidade.

— Tenha calma! Só dessa forma conseguirás o teu intento — me aconselhou o fleumático Gerhard, que estava tranquilamente sentado a meu

lado.

Continuamos viajando em silêncio pelas ruas de Viena; tive que recorrer a todo o meu domínio do carro para não ter um acidente, pois dirigia em alta velocidade. As ruas estavam cheias, apesar da hora; encontramos grupos que perambulavam por elas. Também me parecia haver mais carros do que normalmente. Com o fito de avançar mais rápido, desviei por uma rua paralela que me conduziu ao Mercado do Trigo. Ia perguntando-me: "O que posso fazer? Como devo agir?"

No momento só podia fazer uma coisa: esperar; nada mais! Rompi o silêncio para dizer ao meu companheiro:

— Espero que não tenha acontecido nada! Estamos engajados num assunto de vital importância, por mera casualidade.

Meu amigo demorou para responder. De repente, disse com a sua fleuma habitual:

— Daqui a pouco verás como nos metemos numa "embrulhada"!

Encontrávamo-nos numa rua menos movimentada, o que me permitiu avançar mais depressa. Desemboquei na rua principal e vi uma pequena coluna de veículos a uns cem metros de onde me achava. De repente, vi que o primeiro carro da coluna virava à esquerda; pareceu-me uma limusine preta. Era possível que fosse a do Presidente. Notei que era seguida por quatro ou cinco carros. Consegui ultrapassar o último deles, quando estava a ponto de fazer uma curva. Alegrei-me por ser um bom motorista e que o controle do carro não me escapava.

Tinha diante de mim, ainda, quatro carros; mas sabia que conseguiria ultrapassá-los.

Só tinha um pensamento: "Devo pôr-me atrás do carro do Presidente! É preciso que o consiga!" Ultrapassei mais dois.

A pausada voz de Gerhard fez-se ouvir:

— Tivemos uma sorte enorme ao passar por todos esses carros.

Vi que o segundo carro virava à esquerda e entrava na Rua Reisner. Cheguei diante da casa ao mesmo tempo que o segundo carro. Um senhor acabava de descer da limusine preta e se aproximava do portão com passos curtos e rápidos. Parei meu carro a uns dez metros de distância do Palácio e saí rapidamente. Constatei que os quatro ocupantes do segundo carro começavam a cruzar o portão naquele momento. O que então sucedeu foi tão rápido, que não tive tempo de pensar: limitei-me a agir instintivamente. Misturado aos quatro homens cheguei até a um pequeno hall, de onde vi

uma larga escada que conduzia ao primeiro andar, pela qual o presidente Miklas subia apressadamente. Alguns soldados apareceram e se aproximaram do Presidente. Apressei-me a subir os degrau de dois em dois.

Encontramo-nos todos no meio da escada. Um tenente do Batalhão de Guardas e alguns soldados impediram a passagem do senhor Miklas. Eu estava frente a eles; quase podia tocá-los. Tanto o Presidente como o oficial haviam parado alguns degraus mais acima de onde eu me encontrava.

O jovem tenente gritou:

— Alto!

Parecia estar muito agitado.

— Calma! — respondi quando voltou a repetir a sua intimação.

Voltei-me para ver o que estava sucedendo às minhas costas; tanto a escada como o hall estavam ocupados por uns vinte homens. Todos pareciam indecisos; não sabiam o que fazer. Apressei-me em gritar de novo:

— Calma!

Percebi que o oficial era impelido na minha direção por seus subordinados. Coloquei-me diante dele.

O tenente ordenou:

— Preparem as armas!

Seus comandados não perderam tempo. Sacaram as suas pistolas automáticas e apontaram-nas ao Presidente e a mim. Quando, novamente, voltei a cabeça, comprovei que alguns dos homens que estavam no hall também tinham sacado suas armas. Pensei: "Só o acaso pode decidir o que acontecerá; se todos estivermos nervosos, desencadear-se-á o caos. Quanta estupidez!

Falei então:

— Conservem a calma! Não sejam estúpidos!

Minhas palavras, ditas inesperadamente, produziram o efeito desejado. Fiz o possível para permanecer tranquilo e disse ao tenente:

— Se acontecer alguma coisa, considerá-lo-emos o responsável. Fui enviado pelo novo Governo para fazer com que tudo transcorra em perfeita ordem.

A esposa do Presidente apareceu no alto da escada. Via-se claramente seu ar de espanto; queria saber o que estava acontecendo. Seu esposo, visivelmente surpreendido, me perguntou:

— Quem é você? O que deseja?

Apesar da estranha situação, entre trágica e cômica, me apresentei com a maior formalidade:

— Sou o engenheiro Skorzeny, senhor Presidente. Não crê o senhor que seria melhor falarmos com o Chanceler? Ele informará sobre a missão que me foi confiada.

Os soldados abriram caminho e subimos a escada, seguidos pelo tenente.

"Espero que tudo saia bem — pensava eu. Não posso esquecer que o Dr. Seyss-Inquart não sabe quem sou e, talvez, não tenha sido informado da minha missão."

De repente, ouvi que batiam forte na porte. Um dos homens que se encontravam no hall abriu-a um pouco, e pudemos ver um oficial da Polícia, que desapareceu imediatamente. Miklas perguntou-me o que estava sucedendo.

— Aguarde um momento, senhor Presidente — respondi —; vou me informar sobre o que está ocorrendo.

Desci rapidamente ao hall. Abri a porta e a fechei logo a seguir. Confesso que não estava tranquilo, pois ignorava o que ocorria. Tampouco tinha certeza de estar agindo corretamente.

O oficial da Polícia cumprimentou-me e perguntou:

— O senhor é o engenheiro...? Perdão, esqueci o seu nome! Disse-lhe que era o engenheiro Skorzeny e que compreendia que o meu nome era difícil de guardar. Ele disse:

— Então chego a tempo. O Chanceler me ordenou que eu me ponha à sua disposição com todos os meus homens. Queria perguntar se necessita dos meus serviços com urgência.

Sentime aliviado ao comprovar que o doutor Seyss-Inquart conhecia meu nome e sabia da minha existência. Pedi ao oficial que esperasse até que falasse com o Presidente. E antes de voltar a entrar na sala, informei-o do que ocorria dentro.

Ao voltar ao hall vi que as coisas não tinham mudado. Os dois grupos continuavam, um frente ao outro, com as armas na mão. Gerhard me esperava junto à porta.

— Tente — murmurei-lhe — fazer com que estes homens guardem as pistolas, não quero ver um tiroteio.

Subi a escada a largos passos e anunciei ao Presidente em voz alta:

— Senhor Presidente, acabo de ser informado de que o Chanceler mandou uma Companhia de Polícia para protegê-lo. Devemos falar pelo telefone com a Chancelaria, para que o tenente saiba que não deve ter início um tiroteio.

O Presidente, o oficial e eu entramos numa pequena sala do primeiro andar onde havia um telefone. Conseguimos ligar para a Chancelaria e expus a situação ao doutor Seyss-Inquart. Em seguida passei o fone a Miklas, que pareceu concordar com o que lhe disse o Chanceler. Chamei o tenente e disse-lhe:

— Determine a seus homens que guardem as armas. Como pode comprovar, só queremos que tudo se desenrole em paz.

O oficial saiu e ouvi como ordenava:

— Guardem todas as armas!

O doutor Miklas devolveu-me o fone. O Chanceler me agradeceu o importantíssimo serviço que havia prestado e me pediu que permanecesse com o Presidente, acrescentando:

— Desejo que não se derrame nenhuma gota de sangue. Assuma o comando dos homens que enviei e zele pela segurança do Palácio Presidencial. Ordene que os policiais montem guarda em torno do prédio.

Dei conhecimento ao tenente das ordens que tinha recebido, e ele se mostrou de acordo. Juntei-me aos homens que esperavam no hall e pude verificar que quase todos eram operários; suas expressões me pareceram inteligentes. Informei a eles das ordens que me tinha dado o Chanceler. Voltei para a rua e disse aos policiais que patrulhassem as imediações do Palácio.

Pude comprovar mais tarde, entretanto, que estas medidas de segurança tinham sido desnecessárias, já que não se registrara qualquer distúrbio nas ruas. As manifestações da tarde não se repetiram. Toda Viena dormiu em calma naquela noite.

A derrubada de um governo que havia dirigido o país durante seis anos passou quase desapercebida. Pude tranquilizar-me e pensar com calma no desenrolar dos acontecimentos ocorridos nas últimas horas, especialmente os da última meia hora.

É estranho. Depois de um momento de excitação nervosa, só há um meio para recobrar a calma: fumar um cigarro!

Dei um curto passeio pelo jardim e concluí que todos, absolutamente todos, tivéramos a sorte do nosso lado.

Estava certo de que a reação excitada de um só homem podia ter custado a nossa vida. Foi então que pensei que o acaso permitira que eu desempenhasse um destacado papel nos acontecimentos de uma jornada tão decisiva para a Áustria como a que acabávamos de viver. Um papel que eu considerava sem importância, porém... mais vale algo do que nada!

O episódio que acabo de narrar não foi conhecido do público, e terminou dois dias depois com um forte aperto de mão que me deu o doutor Seyss-Inquart.

Ainda naquela mesma noite recebemos a visita inesperada do comandante do Batalhão de Guardas, um tenente-coronel. Dirigiu-me uma série de palavras elogiosas, pois, segundo disse, estava completamente convencido de que a minha intervenção impedira um desagradável choque que poderia causar vítimas. Apesar de suas palavras me agradarem, fiquei decepcionado pelas reprovações que fez sobre a atitude do tenente. Por isto lhe disse, muito seriamente, que o oficial se tinha limitado a cumprir o dever e que seu comportamento fora correto. Pouco tempo depois voltei a encontrar-me, por acaso, com o jovem oficial; fora promovido a capitão e integrava o grande Exército alemão.

Recordo que naquela noite conversamos até a madrugada; um sargento que acompanhava o comandante do batalhão nos deu uma notícia que acabava de ser difundida pelo rádio.

— A Itália — disse-nos — devolveu à Áustria o Sul do Tirol. Adolf Hitler dirigiu um telegrama a Mussolini agradecendo sua generosa ação.

A alegria que nos casou tal notícia, num dia tão marcado para a Áustria, tirou-nos o sono. Infelizmente, os jornais da manhã acabaram com a nossa alegria. A notícia dada na noite anterior era falsa. Hitler tinha apenas agradecido a Mussolini a sua compreensão diante dos problemas austríacos.

Os jornais também nos informaram da formação, na Áustria, de um governo nacional-socialista. Recordo, agora, claramente, uma frase da proclamação feita pelo Führer, no dia 12 de março de 1938:

"— Eu mesmo, como guia e chanceler do povo alemão, sentir-me-ei imensamente feliz ao poder pisar, como alemão e cidadão livre, o solo do país que me viu nascer."

Na manhã seguinte, conheci um agente da Seção Criminal que prestava serviços ao Presidente. Aconselhou-me que voltasse a apresentar-me ao doutor Miklas, da mesma forma que faziam os oficiais da Guarda que tinham a seu cargo a segurança de sua pessoa. Assim o fiz. O Presidente me

recebeu e mantivemos uma longa palestra em seu salão particular. Recordo ainda uma frase:

— Não creia — disse-me — ter sido fácil exercer o cargo de Presidente da Áustria no transcurso dos últimos tempos.

Na tarde daquele mesmo dia, o Presidente recebeu os ministros do novo Governo, e pude ver de perto os rostos dos integrantes do novo gabinete austríaco. Quem mais chamou minha atenção foi o Ministro do Exército, Coronel Angelis, com quem pude trocar algumas palavras.

Na Chancelaria pude comprovar um fato curioso que me deixou muito pensativo. Até o dia anterior, todos aqueles que desempenhavam cargos oficiais usavam, voluntariamente, ou não, o braçal da Frente Patriótica.

Era lógico pensar que a maioria deles usara-o voluntariamente. Contudo, no dia seguinte não havia um só deles que ousasse exibilo! Quão rápido tinham virado a casaca!

Esta foi a minha primeira intervenção direta em assuntos políticos.

Da Mariahilferstrasse presenciei a entrada das tropas alemãs em Viena. A espaçosa rua convertera-se num mar de gente.

Todas as casas de flores esgotaram seus estoques. Sentia-me tão feliz como meus concidadãos; gritava com eles. Recebi os alemães como meus irmãos de sangue, dos quais nos tinham separado por questões políticas. Voltavam a ser os nossos fiéis companheiros da Primeira Guerra Mundial.

Os soldados alemães foram, para mim, a garantia viva de que nenhuma potência estrangeira ousaria perturbar a paz da Áustria. Viena nunca havia recebido, com tanto júbilo, um Exército, como recebeu naquele dia os soldados nacionais-socialistas!

Um mês depois dos acontecimentos relatados, a Áustria teve as primeiras eleições populares, que foram realizadas em 10 de abril daquele mesmo ano de 1938. Não sei até hoje onde aquele povo conseguiu tão rapidamente a enorme quantidade de pano necessário para confeccionar tantos braçais e bandeiras com a cruz gamada que se viam naquele 12 de março. As ruas tornaram a encher-se de gente que passava longas horas conversando e discutindo. Foi impressionante a rapidez com que a saudação Heil Hitler passou a ser proferida. Acredito ter contribuído para o resultado desta eleição, pois todos os meus operários, inclusive os esquerdistas, votaram "sim". Minha contribuição constituiu-se de gestões junto ao clero, fazendo com que meus empregados fossem visitados pelos representantes dos bispos austríacos, para expor-lhes a posição ante o panorama nacional.

Como exemplo da atitude adotada pelo Episcopado da Áustria, reproduzo a seguir uma carta do Cardeal Innitzer dirigida ao Gauleiter Bürckel:

" (Escudo do Arcebispo de Viena)
Viena, 18 de março de 1938
Excelentíssimo Senhor Gauleiter!
Remeto a Vossa Excelência uma declaração dos bispos austríacos. Nela podereis constatar que estamos conscientes dos nossos deveres para com a Pátria. Tenho certeza que este esclarecimento servirá para incrementar a colaboração entre todos nós.
Com todo o respeito e alta consideração
Heil Hitler
Th Cardeal Innitzer"

Esclarecimentos

"Com pleno conhecimento e de forma completamente voluntária, nós, os signatários, bispos de todas as províncias austríacas, declaramos, ante os grandes acontecimentos históricos da Áustria alemã:
Reconhecemos com alegria que o movimento nacional-socialista fez muito bem para a reconstrução econômica popular, assim como para a política social do Reich alemão e de seu povo, contribuindo para melhorar o bem-estar das classes trabalhadoras.
Também estamos firmemente convencidos de que as ideias nacionais-socialistas afugentarão o perigo da destruição e o ateísmo dos bolchevistas, que começavam a enraizar-se entre nós.
Os bispos abençoam o novo movimento e outorgam-lhe todos os favores; desejam que permaneça por muito tempo, e exortam os fiéis a aceitá-lo sem receio.
Nós, os bispos, consideramos como um dever nacional a nossa incorporação ao Reich alemão no dia das eleições populares e consideramo-nos alemães. Por isto desejamos que todos os cristãos convictos saibam os seus deveres para com o seu povo.
Viena, 18 de março de 1938".

Subscreveram estes "Esclarecimentos": Th. Cardeal Innitzer, de Viena; Adamm Hefter, de Klagenfurt; Bispo de St. Pölten; S. Waitz F.E.B., de Salzburg; Joh. Maria Gföllner, de Linz, e os Bispos Ferd. Pawlikowski e Michael Memelauer.

Para determinadas classes sociais, a entrevista de Renner, que tinha sido Chanceler socialdemocrata, publicada por todos os jornais vienenses, resultou tão eficaz como a declaração dos bispos.

Na ocasião, e ainda agora, me pareceu muito significativa a ênfase que tinham as palavras daquele político e a forma como aceitou a união da Áustria com a Alemanha. Para nós, nacionais, a decisão era simples, já que não tínhamos a mínima dúvida sobre ela.

Nossos ideais políticos e o desejo de uma melhoria econômica nos levaram a aceitar a união da Áustria com a Alemanha desde 1918. Nunca nos preocupou o fato de um partido socialista ou populista ter em suas mãos as rédeas do poder na Alemanha.

Tínhamos os mesmos motivos que então, e sentíamos o mesmo entusiasmo por chegar à união. Sabíamos que o destino da Alemanha estava nas mãos de um governo nacionalista que engrandecia o Reich de uma maneira firme e decidida.

Presenciei o desfile da Ringstrasse, que teve lugar a 15 de março de 1938, para receber Adolf Hitler. A firma comercial para a qual eu trabalhava tinha o encargo de realizar alguns trabalhos de reconstrução nas fachadas dos museus da Corte, que se encontravam perto da tribuna de honra. Como é de se imaginar, aproveitei a oportunidade para poder ver, de cima, a marcha triunfal das tropas alemãs, em companhia dos meus operários.

A voz de Adolf Hitler, ampliada pelos alto-falantes, que tinham sido instalados na Praça dos Heróis, nos chegou:

"Nesta hora gloriosa, posso anunciar ao povo alemão o acontecimento mais importante de minha vida. Como Führer e chanceler da Nação alemã, participo do momento histórico em que a minha Pátria passa a formar parte do Reich alemão".

O efeito que tais palavras causaram em nós foi inenarrável.

Os meses seguintes, que trouxeram consigo a colocação em prática da união, não foram tão alegres. Houve muitos equívocos; muitas medidas não foram dadas a conhecer; e outras tantas ficaram na intenção. Já falei da dissolução das associações estudantis. Mas a integração não foi levada a

cabo com o cuidado e a compreensão que mereciam tais Associações, arraigadas há muito tempo. Mas não é meu desejo falar disto.

Ao fim de pouco tempo, toda a Áustria se viu invadida por uma onda de funcionários do Partido. Os dirigentes alemães tinham a missão de instruir seus colegas austríacos. O mesmo sucedeu com os funcionários de diversas associações e com os "chefes de grupo".

Foi então que o Partido cometeu um grave erro, segundo minha opinião.

Em lugar de começar a procurar um apoio em pessoas, que possuíam certas qualidades humanas e de caráter, apoiou-se em forças brutas.

Apesar de o austríaco ser, sabidamente, bonachão, possui uma sensibilidade muito grande para repelir tudo o que implica em falta de tato. E com isto teve que se defrontar inúmeras vezes.

Muitos dos funcionários nos deram a impressão de que desconheciam o caráter austríaco; consideravam-nos como irresponsáveis, que riem por qualquer gracejo, e que não levam a vida a sério.

Se, realmente, eram sinceros e se não eram bobos, deviam ter reconhecido o erro que estavam cometendo. Pode parecer engraçado, mas, sem dúvida, foi uma lamentável realidade presenciar o que vou contar a seguir:

Um chefe de seção nacional-socialista, procedente do longínquo Oeste alemão, ficou vivamente impressionado que nós, os austríacos, falássemos um alemão relativamente bom. Estava convencido, provavelmente, que havia sido enviado a um país dos Bálcãs...

Ficamos aborrecidos ao constatar que os habitantes do Reich desconheciam, por completo, os costumes e hábitos da antiga Áustria alemã, costumes que tínhamos há séculos.

Quase nos sentíamos insultados quando algum daqueles novos senhores se obstinava em nos incutir sentimentos nacionalistas. Também pareciam não ter esquecido a depreciativa ideia que formaram, sobre nós, que deu motivo ao desagradável apelido de Kamerad Schnürschuh (camarada remendão).

Devo dizer algo que considero de suma importância, para ser plenamente compreendido.

Em primeiro lugar, que já fiz todas estas críticas em 1938 e sempre que me pareceram oportunas. Segundo, que entre os funcionários alemães havia grande número de homens maravilhosos que se adaptaram em muito pouco tempo à maneira de ser dos austríacos, fazendo-o de um modo agradável.

Quando falamos da Alemanha, não podemos esquecer a ideia da "linha do Maine". Ao falar dela, queremos referir-nos ao contraste que existe entre os alemães do Norte e os do Sul. E se quisermos expressá-lo de maneira mais clara, diremos a antipatia dos prussianos aos olhos dos outros.

Seria estupidez negar que na Áustria existe uma latente antipatia para com os prussianos. Antipatia que existiu, que seguirá existindo e que foi fomentada por uma propaganda irresponsável.

Ao longo de minha vida encontrei muitos prussianos que não eram do meu agrado. Mas para ser sincero devo acrescentar que também travei conhecimento com muitos bávaros, saxões ou berlinenses que não me faziam "muita graça". Pode-se, entretanto, chegar a entendê-los, desde que não se lhes dê muita confiança.

Como é de supor, ampliei meus conhecimentos a respeito deles e sobre muitas outras coisas, durante a época da guerra.

Conheci um grande número de homens dignos de toda confiança, entre os quais havia muitos prussianos que cheguei, inclusive, a apreciar e a admirar.

A ideia da "linha Maine" divisória só pode seguir existindo nas mentes de pessoas débeis e incapazes. O elemento básico e positivo do povo alemão é mais forte e vital do que todas estas asneiras diferenciadoras. Tudo isto me leva, logicamente, a perguntar:

"Como podemos chegar a ser, nós, os alemães, bons europeus e cidadãos do mundo, conscientes de nossos deveres, se não conseguimos superar umas ideias separatistas, estúpidas e preconcebidas?"

CAPÍTULO V

Amador no esporte do volante — Do Touring Club às seções motorizadas das SS — Corridas — Três medalhas de ouro — Dez horas de viagem pelos Alpes — A luta contra os minutos — 67 quilômetros de "corte" nas estradas dos Alpes — Contramestre numa pequena viagem — Os Sudetos aderem ao Reich — Recruta voluntário — Crise de março de 1939 — Conferência de Munique — As últimas férias em tempo de paz —

Sombras da Polônia — Pacto de não-agressão entre a Rússia e a Alemanha — Entre a guerra e a paz — A Guerra!

Fazia anos que era membro do Touring Club da Áustria. Tomava parte em todas as suas competições desportivas, em todas as corridas para amadores, nas quais consegui bons resultados com meu carro tipo turismo.

Logo depois de ter sido implantado o novo governo na Áustria, o NSKK, as SA e as SS, através de uma seção desportiva, que incentivava as corridas de automóvel, fizeram todo o possível para granjear as simpatias dos que participavam delas e dos membros do Clube. Decidi entrar para as chamadas formações motorizadas das SS, com o propósito de retomar o contato com meus antigos companheiros de Partido e travar conhecimento com outros.

O que mais me animou a tomar tal decisão foi o fato de ser exigido dos membros da nova associação um certificado policial limpo. A implantação de um código de honra igual ao das SS encheu-me de admiração e contribuiu para aumentar meu entusiasmo.

Minha decisão foi seguida por muitos membros do antigo Touring Club da Áustria, de forma que, em pouco tempo, formávamos um forte grupo que podia controlar as diversas organizações do esporte do volante.

Dediquei-me às corridas com grande entusiasmo. Temperei meus nervos e reuni todas as minhas forças para poder competir com a perícia e com a capacidade dos meus companheiros. Esforcei-me tanto e procurei melhorar minha técnica de tal forma que, nas primeiras competições, cheguei a ganhar três medalhas de ouro. Depois de haver alcançado estes triunfos, assumi a direção da nova associação, cujos membros estavam tão entusiasmados como eu com as corridas.

Uma das competições mais difíceis, mas, sem dúvida, a mais bela, era a denominada "10 horas de corrida pelos Alpes". Esta competição teve lugar no outono de 1938. Eu corria com um cabriolet Steyr-220, que tinha sido revisado cuidadosamente pelo representante da referida marca, em Viena.

A prova era sumamente difícil. Começou numa ensolarada manhã de domingo em Gmunden. A chegada era em Salzburg e devia ser alcançada exatamente a 10 horas da partida. A distância que devia fazer com meu carro era de 560 quilômetros e tinha que passar pelos seis desfiladeiros mais difíceis dos Alpes: os passos Poetschen, Luegg, Katschberg, Niederntauern

e outros. Cada veículo devia passar por diversos pontos de controle situados em diferentes lugares fora do trajeto da corrida. Isto significava um aumento da quilometragem. Por isto era preciso fazer cálculos exatíssimos, já que o limite de dez horas não podia ser diminuído, sob pena de contar com pontos negativos.

Cheguei ao lugar da partida com meu amigo Willi D., e me encontrei em Gmunden com uns vinte companheiros que formavam um grande grupo.

Gmunden estava abarrotada de gente; não se encontrava um só lugar para estacionar. Todas as conversas giravam em torno do acontecimento desportivo que teria lugar no dia seguinte. Não havia ninguém que não fizesse seus cálculos e expusesse suas opiniões.

Às seis horas dei a partida. Não demorou para chegarmos à estreita estrada que separa os lagos Traun e Atter. Eu tinha a sorte de conhecer perfeitamente todo o percurso. Meu carro corria mais do que o da maioria dos meus competidores. Em pouco tempo ultrapassei o primeiro deles, que me cedeu lugar quando pedi. Os outros corredores, que estavam à minha frente, eram mais teimosos; vi-me obrigado a persegui-los durante alguns minutos, à espera de uma ocasião propícia para ultrapassá-los. Finalmente, consegui meu propósito, ainda que para isso tivesse corrido sobre "duas rodas" por um relvado, o que me fez ouvir as imprecações dos meus burlados competidores.

Em pouco tempo chegamos a um ponto onde éramos obrigados a parar. Era um posto de controle em que todo veículo sofria uma verdadeira revisão e se comprovava o tempo de percurso. O trecho, de baixo até o cume, era registrado a favor ou contra o corredor, segundo o tempo gasto.

Durante as primeiras horas não conseguimos ganhar muito tempo sobre o fixado; só conseguimos dez ou quinze minutos a nosso favor. Chegamos, porém, a contar com meia hora de vantagem, o que nos permitiu visitar um local extraordinário que não fazia parte do itinerário. Tivemos uma pane à altura das três horas, mas o reparo não demorou mais de um minuto, já que estávamos preparados para uma contingência desta natureza.

Uma olhada ao relógio nos mostrou que contávamos com a oportunidade de "dar uma volta" e ganhar, assim, vários pontos positivos.

Atingimos Salzburg quinze minutos antes das dezesseis horas. Senti, logo, o esforço que fizera; mas, também, o orgulho pelo resultado obtido. Tínhamos deixado para trás 670 quilômetros de percurso, realizado em estradas ascendentes, em más condições, e empregáramos apenas dez horas.

Outra medalha de ouro foi a recompensa daquele dia.

Durante todos aqueles anos tive um desejo secreto: ansiava fazer um curso de alta navegação em Neustadt. Os encarregados de organizar os cursos levavam em conta as possibilidades econômicas dos seus alunos. Por isto, eu não compreendia o motivo que me impedia de satisfazer meus anseios. Ainda hoje me pergunto se era a falta de dinheiro ou de tempo. Continuo triste quando penso que não aproveitei a oportunidade. Particularmente, quando lembro a forma como terminava o curso, com um cruzeiro à Suécia. Não posso perdoar-me haver malogrado meu sonho. Mas, em compensação, adquiri novos conhecimentos sobre a navegação, conquanto só navegasse nas águas do nosso Danúbio. Aprendi a conhecer perfeitamente os barcos de tonelagem média e, inclusive, cheguei a pilotá-los.

Nunca tive problemas para entender de motores. Embora tenha enfrentado algumas dificuldades ao navegar pelas correntezas, pelos lugares profundos e pelos complicados afluentes do grande rio, prontamente soube safar-me a contento. Meus conhecimentos, neste aspecto, culminaram com um exame para Contramestre de pequenas embarcações.

Voltei a reunir-me com vários amigos de minha época de estudante, e passava com eles meus tempos livres, principalmente os fins de semana. No inverno íamos esquiar e aproveitávamos os verões para fazer alpinismo, ou para excursionar com barcos que nos punham em contato direto com a natureza. Passamos juntos dias maravilhosos, que nos faziam esquecer as preocupações cotidianas e nos permitiam gozar plenamente da liberdade.

Os acontecimentos dos últimos anos fizeram desaparecer, assim nos pareceu, as nuvens que enegreciam o céu da política. As duas grandes ações do Reich alemão tinham sido levadas a cabo sem derramamento de sangue e sem violências. Em 29 de setembro de 1938, três milhões de sudetos alemães separaram-se da Tchecoslováquia. Desde algumas semanas antes, por meio do rádio e dos jornais, fomos preparados para este acontecimento. Nossa confiança no, novo regime era tão grande, que não nos preocupávamos com isto. O mundo inteiro reconhecia a injustiça do Tratado de Versalhes; e a opinião das nações signatárias deste Tratado parecia ter mudado sensivelmente, já que nos momentos a que me refiro começava a ser favorável a nós, os alemães.

Na época da monarquia austro-húngara havia na Áustria muitas famílias aparentadas com alemães sudetos. Meu próprio pai era oriundo da região de

Eger. Até aquele momento ele mesmo se havia mostrado bastante céptico ante o novo regime da Áustria; era demasiado conservador para aceitar, imediatamente, as ideias nacionais-socialistas recém-importadas da Alemanha. Mas quando os seus concidadãos se converteram em cidadãos alemães, não teve o mínimo receio do regime que nos governava. Embora idoso, esforçava-se para compreender as novas ideias, e desculpar algumas falhas, exatamente como nós, os jovens. Estou convencido de que muitas pessoas da geração do meu pai pensavam como ele, na ocasião.

No bojo da união da Áustria com a Alemanha foi decretado um novo serviço militar obrigatório para todos os cidadãos austríacos. Minha idade me obrigava somente a três meses de serviço militar e não posso afirmar que me sentisse satisfeito com isso! Tinha muitíssimo trabalho. Estava convencido de que, no final, poderíamos chegar a alcançar uma melhoria econômica que deveria ser aproveitada ao máximo por todos os setores industriais do país. Tínhamos contra nós cinco anos de lutas e de esforços para conseguir uma normalização. Também estava plenamente convencido de que meu período de serviço na caserna não me proporcionaria tão-somente alegrias. Já não era um jovem que pudesse suportar todas as vicissitudes e durezas naturais de tal experiência. Era um homem feito, tinha minhas próprias convicções, as quais expressava e discutia com todos aqueles que pensavam como eu. Além disso, devido ao meu trabalho, estava acostumado a mandar e a ser obedecido. Eram fatores que devia levar em conta, se não quisesse ver-me em um aperto durante o tempo em que iria ser soldado.

Mas como não tinha outra alternativa, decidi resolver o problema o mais rápido possível. Escolhi uma Arma onde pudesse adquirir uma instrução moderna referente ao uso e emprego de armamento, que me proporcionasse algumas distrações e ao mesmo tempo me servisse para resolver situações futuras, se estas se apresentassem.

Tinha uma antiga colega que possuía um pequeno avião com o qual, algumas vezes, voava. Estava unido a Trude Schmied por uma antiga e agradável amizade desde a época de estudante; era a primeira mulher da Áustria que tinha feito um exame de piloto. Exame que também eu tinha a intenção de fazer.

Isto me animou a tomar uma decisão. Apresentei-me como voluntário, na Luftwaffe, para cumprir o período de serviço militar, tendo assim a certeza de ser admitido. Como possuía o título de engenheiro, tinha o

direito de ser oficial. A expectativa da inspeção de saúde, para os que estavam acostumados a ser civis, ofereceu-me um panorama ao qual eu devia acostumar-me, porque os soldados diziam que nós só éramos "meio homens".

Talvez possa parecer, a alguns, que fosse assombrosa a tranquilidade com que contemplamos e aceitamos a entrada das tropas alemãs na Tchecoslováquia, em 15 de março de 1939. A Conferência de Munique realizada no outono de 1938, que teve a presença de Mussolini, fez supor que o mundo apoiaria a Alemanha. A neutralidade da Tchecoslováquia foi considerada por nós como um robustecimento da paz no coração da Europa. Tudo levava a crer que a grande Alemanha herdara o poder do antigo Império austro-húngaro. Os pactos, firmados mais tarde com a Hungria e com a Iugoslávia, foram recebidos por nós como uma paz que poria fim às eternas discórdias nos Bálcãs.

É possível que nós, os austríacos, sejamos algo levianos devido às nossas ilimitadas ânsias de viver e à nossa eterna alegria. Isto pode ser certo, mas também é indubitável que o povo não teve a menor preocupação com as consequências que pudessem derivar de tal política. O que mais interessava era o desenvolvimento econômico; coisa absolutamente lógica. As contínuas preocupações que ocasionavam o desemprego foram superadas em poucos meses; os comerciantes e industriais mal podiam atender a todos os pedidos que recebiam. A única preocupação que existia era a falta de matérias-primas que, às vezes, eram difíceis de encontrar. Esta escassez, entretanto, não era sinal de prosperidade?

Em meados de agosto apareceram os primeiros sintomas de uma nova crise. O problema criado pelo "corredor de Dantzig" e as recordações do infeliz Tratado de Versalhes estavam exigindo uma decisão peremptória.

Eu, pessoalmente, pensava iniciar o meu período de serviço militar no outono. Por isto, decidi abandonar as preocupações e desfrutar de umas agradáveis férias, nas últimas semanas de agosto. Preparei meu automóvel e me dirigi para o Sul.

O lugar que escolhi, Worther See, era uma estampa de paz. Ali encontrei gente de todos os países. Pude ouvir os mais diversos idiomas nos restaurantes e em locais noturnos.

Passava os dias no lago. Navegava a vela, nadava, excursionava com um barco a motor, praticava esqui aquático e passava agradavelmente o tempo com pessoas simpáticas e divertidas. O que me importava a política

se, naquela tarde, tinha previsto uma regata? Devíamos, porventura, ficar presos ao rádio, se a música do baile, com seus alegres ritmos, nos chamava? Não tínhamos o direito de prescindir das nuvens negras para divertir-nos com a contemplação das brilhantes estrelas que engalanavam o céu estivai?

Teríamos conseguido esquecer tudo se não tivéssemos sabido que os turistas ingleses foram "convidados" pelos seus consulados a regressar à pátria. Eles, porém, não podiam compreender que a crise de Dantzig repercutisse sobre o seu país. Queriam que os políticos mundiais resolvessem suas disputas e lhes poupassem repercussões desagradáveis.

O "Pacto de não-agressão" firmado na época entre a União Soviética e Alemanha foi uma enorme surpresa para o povo alemão, já que este não ignorava que as ideologias dos dois países eram totalmente opostas. Pelas declarações dos dirigentes podia concluir-se que ambos os Estados não consideravam as suas respectivas ideologias como artigos de exportação. Por isto achavam que o reconhecimento de seus respectivos pontos de vista pusesse fim à desagradável propaganda que se tinha feito em torno deles e que havia criado um clima negativo referente às possíveis relações amistosas entre ambos os povos. Pareceu-nos, também, que o citado pacto nos assegurava a paz com o Leste. Tudo isto delineava uma questão: "Este fato não podia ser considerado como um novo êxito, talvez o maior de todos, da política externa da Alemanha?"

Apesar do nosso otimismo, não podíamos deixar de considerar a possibilidade da eclosão de uma guerra entre a Alemanha e a Polônia. Aquilo caiu como uma "bomba" em nosso agradável ambiente de veraneio. Todos acariciávamos a esperança de que o conflito ficasse localizado e que se resolvesse rapidamente.

Os turistas ingleses e franceses apressaram-se a regressar às suas respectivas pátrias, sentindo-se muito intranquilos. Subitamente, tornaram-se taciturnos, preocupados com seus assuntos pessoais e com a influência que pudessem ter sobre eles as repercussões da política. Nós fizemos todo o possível para tranquilizá-los; mas notamos que já não nos olhavam como antes.

Tínhamo-nos relacionado e divertido juntos. E, de repente, passaram a nos olhar como possíveis inimigos, dos quais deviam desconfiar. Víamos que os povos do mundo sentiam-se felizes ao se reunirem e, inclusive, que

podiam chegar a comportar-se como irmãos. Que diabo! Por que não se dedicavam os políticos a fortalecer essas amistosas relações?

Quando, finalmente, em 3 de setembro de 1939, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, sentimos que se desvaneciam nossas últimas esperanças. Nossas conversas se tornaram mais sérias. Esquecemos, por completo, o alegre ambiente que havia rodeado nossas férias.

CAPÍTULO VI

A ordem de incorporação — Juventude europeia em Belvedere — Nenhum povo deseja a guerra — De engenheiro a recruta — Roupa muito curta e apertada — Jawohl! — Sofrimentos e alegrias no quartel — Muito velho para voar — Oportunidade "graciosa" — Dignidade patriótica — Destinado às SS — "Não deve ser nenhuma Cruz de Cavaleiro" — Companhia Mondschein em Lichterfelde — Passo prussiano — O fim do civil — "Um soldado passável" — O assunto da Noruega — Não queremos um segundo Versalhes.

Não podia ficar mais tempo longe de Viena. Sabia que me chamariam à caserna e, portanto, devia tomar algumas providências. No meu regresso, não notei excitação por parte dos habitantes das províncias pelas quais passei. O ambiente parecia tranquilo; não se via um único indício de entusiasmo a favor da guerra.

Entre a correspondência que encontrei à minha chegada à Capital, havia uma carta que me pegou de surpresa. Por intermédio dela solicitavam que me apresentasse a um regimento da Luftwaffe para cumprir os meus três meses de serviço militar obrigatório, na condição de voluntário. Tudo fazia crer que a carta tinha sido redigida num ambiente de paz, quando ainda não se tinham notícias da guerra. Não me restava outro remédio senão cumprir com o meu dever de soldado. Mas de verdade!

Outra carta me deu grande satisfação. Os diretores das Escolas Superiores de Viena convidavam-me para assistir à Festa das Nações no

castelo de Belvedere, na mesma noite do meu regresso.

Não quis perder a festa que teria lugar nos belos jardins de um lugar histórico. Tomei uma ducha fria, troquei de roupa e voltei no meu carro, que estava coberto de poeira.

A visão do iluminado jardim do castelo Belvedere fez-me esquecer que em algum lugar do Nordeste havia homens que lutavam, sofriam e morriam. Encontrei-me entre pessoas jovens de diferentes nacionalidades que só tinham o desejo de desfrutar o máximo de sua juventude e de serem felizes durante algumas horas. Contudo notou-se a ausência das juventudes polaca, francesa e inglesa. Deixei-me invadir pelo júbilo geral; encontrei muitos amigos e conhecidos. Dançamos e rimos. Não queríamos pensar no amanhã.

Depois da meia-noite, reuni-me com alguns amigos em torno de uma mesa meio escondida pelos ramos das árvores do parque. Todos sentíamo-nos alegres, pois havíamos desfrutado, ao máximo, da festa. Não obstante, a quietude do lugar, onde mal chegava o som da música, foi como uma ducha fria sobre nossa alegria. Todos os nossos pensamentos se dirigiam ao futuro. Todos perguntávamo-nos o que isto ocasionaria; uma longa e sangrenta guerra ou paz imediata? Não podíamos deixar de falar de nossos temores, apesar de fazermos tudo para não nos afastarmos do ambiente alegre da festa, que nos rodeava até aquele momento.

— No fim de algumas semanas — opinou um médico húngaro conhecido nosso — a paz voltará a reinar.

— Os chefes de Estado — disse um técnico de Presburgo — não podem permitir-se o luxo de continuar uma guerra que não é desejada pelas suas respectivas populações.

— As declarações de guerra da Inglaterra e da França — opinou um historiador sueco — não são mais do que demonstrações que não devem e nem podem ser levadas a sério.

Foi então quando, pela primeira vez, um estudante alemão tomou a palavra e disse:

— Qualquer demonstração feita em momentos tão graves corre o perigo de converter-se, inesperadamente, numa ameaça de morte. As declarações de guerra não podem ser tomadas como atos inesperados; são, ao contrário, o resultado de decisões calculadas, que foram minuciosamente estudadas e preparadas durante anos.

Só então tive coragem de usar a palavra.

— Creio que esta guerra não pode ser considerada como a de nossa geração; não a desejamos e não fizemos nada para que iniciasse. É possível que nos separemos breve, que não voltemos a ver-nos durante muito tempo. Mas se um dia voltarmos a reunir-nos e recordarmos esta noite e as horas que passamos juntos, não teremos perdido aquilo que nos uniu. Estaremos mais maduros frente à vida e poderemos voltar a unir os elos que se romperam.

Nos dias seguintes tive tanto trabalho, que nem me sobrou tempo para pensar. Alguns dos meus operários também foram chamados à caserna. Fui obrigado a instruir o meu substituto, mas não me esforcei muito em fazê-lo.

Sabia que devia receber instrução num conhecido quartel de Viena, o qual me alijaria do mundo civil durante algum tempo. Em 6 de setembro tive que preparar a minha bagagem e apresentar-me incontinenti no quartel. Tinha passado diante dele uma infinidade de vezes. Ignorava, porém, que chegaria um dia no qual eu estaria entre os homens vestidos de cinza, que se alojavam nele. Minha carta de chamada foi examinada detidamente pela sentinela, que disse:

— Terceira Companhia, segundo edifício, quarta escada.

Ali encontrei muitos homens da minha idade. Eu, como eles, só podia fazer uma coisa: esperar.

Agora sei que a espera, em todos os exércitos, é considerada como uma forma de adestramento. Muitos soldados profissionais demonstravam haver elevado à categoria de culto o "saber esperar" e o "deixar aguardar". Finalmente, puseram-nos nas mãos de um velho sargento que nos ordenou:

— Sigam-me!

Todos o seguimos obedientes. Dez homens parecendo simples colegiais atrás do professor.

Entramos numa grande sala. Ali fomos classificados conforme a altura. Eu, o mais alto de todos, não caí na simpatia do sargento que nos recebera. Logo fiquei sabendo o motivo.

Todos os demais, de estatura normal, facilitaram muito a sua tarefa.

A roupa interior, duas camisas, duas cuecas, dois pares de meias, não foi provada. As calças, a túnica e o capote eram colocados junto ao corpo do recruta, ao qual se dizia:

— Está bem, está bem! O seguinte!

Os coturnos voavam para os nossos braços sem levar em conta o número que calçávamos. Ninguém podia supor que nossos pés cobrir-se-

iam de bolhas muito breve.

Quando chegou a minha vez, o Senhor Sargento olhou-me de cima abaixo e disse:

— Carecemos de medidas não correntes. Vou ver o que encontro.

Todo mundo se alvoroçou em procurar febrilmente um uniforme que me servisse. As calças só cobriam até a metade da barriga da perna. Quando, finalmente, uma das calças me chegou um pouco acima do tornozelo, ouvi as malfadadas palavras "está bem". Permitiram que eu provasse as túnicas. A de número dez mal cobria o meu peito. O Sargento estava radiante; excitadíssimo, exclamou:

— É como se fosse feita sob medida! Como verá, estamos preparados para qualquer eventualidade...

Pela primeira vez na vida respondi com um Jawohl, palavra de largo uso no exército alemão. Mais tarde fiquei sabendo que meu tom de voz não fora suficientemente forte nem convincente como seria de esperar por parte de um recruta.

Em seguida conduziram-nos ao alojamento número doze, onde encontramos cinco beliches arrumados com lençóis branco-azulados.

A ordem que nos deram foi:

— Trocar de roupa! Colocar o restante da roupa nos armários; guardar as roupas civis na mala e descer em seguida.

Depois de termos trocado de roupa, olhamo-nos temerosamente. Creio que o velho sargento que se ocupava conosco também se deu conta da aparência ridícula que tínhamos.

— Devem — disse-nos — arrumar o alojamento todas as terças e sextas-feiras; têm tempo desde às cinco até às sete horas.

Pareceu bastante satisfeito de haver dado outra ordem aos novatos recrutas.

Recebemos a primeira instrução militar, a de “comportamento”.

Ensinaram-nos que devíamos tomar a posição de sentido quando um superior entrasse no alojamento; o tom de voz que devíamos empregar ao nos apresentarmos, e como devíamos proceder nas diversas situações. Não permitiram que déssemos uma só palavra. Pelo visto, bastava que só um falasse.

Nós, os recrutas, fomos inspecionados por diversos superiores durante o dia. Tive a impressão de que não nos esperavam; mas não tínhamos a culpa

disso. Todos éramos engenheiros de profissão; isto nos dava direito de sermos empregados em serviços técnicos.

Soubemos que não seríamos dispensados do período de instrução de recrutas, apesar de havermos completado os trinta anos.

À noite, fomos chamados para um lanche e tivemos a oportunidade de conhecer o famoso Muckefuck (cagada de mosca), como era chamado o café servido no Exército alemão, que nos davam pela manhã e à noite. Ainda não pude compreender como os oficiais encarregados do rancho permitiam que se servisse em todas as frentes e em todos os quartéis um café que não tinha gosto algum.

À noite chegou outro companheiro, radiotelegrafista, que devia compartilhar da nossa sorte. Chamava-se Berger, um bom menino de dezoito anos procedente de Dresden. Em presença dos superiores se esforçava por mostrar-se severo, mas quando ficava só, voltava a ser conciliador.

Às vinte e duas horas, pontualmente, íamos para a cama.

A esta hora recebíamos a visita do sargento de dia, que chegava para ver se tudo estava em ordem.

Não havia uma vez que não encontrasse uma mancha na cafeteira, um pouco de poeira no marco da porta, ou então uma folha de jornal no parapeito da janela.

Fomos informados de que tais faltas eram consideradas graves. Seguidamente diziam-nos que acabaríamos sendo educados como autênticos recrutas, coisa que acreditava de pés juntos.

No dia seguinte, deram-nos um trabalho que só é realizado nos orfanatos e nos quartéis quando não se sabe como empregar o tempo dos que neles estão internados.

Tivemos que limpar o alojamento durante duas horas seguidas, arrumar os armários, dobrar corretamente as camisas e os lençóis; aprendemos também a conhecer o local exato onde devíamos guardar a nossa roupa interior. Isto é, a ter tudo em ordem para mostrar aos que viessem passar-nos revista. A seguir, voltaram a dizer-nos como devia ser o nosso comportamento, como se fôssemos selvagens.

O almoço era às onze horas. Sentávamos nos bancos formando longas filas e beliscávamos o rancho. Os cozinheiros eram gordos, coisa que de certo modo nos tranquilizou. Travamos conhecimento com os demais recrutas, que eram muito mais jovens do que nós. Um ambiente rude, mas

bastante alegre, predominava no Quartel. Ríamos das piadas que um recruta mais velho contava.

No refeitório, todos os dialetos alemães eram ouvidos. O companheiro de mais idade, que estava em nosso alojamento, sentava-se alguns lugares adiante de nós; ouvíamos a sua voz aguda e seu sotaque saxão.

Depois do almoço, nós, do alojamento número doze, recebemos ordem de comparecer ante o comandante da Companhia. Este nos participou que não contava com pessoal capaz de instruir-nos, já que todos os instrutores estavam nos campos de batalha polacos. Devíamos receber uma instrução técnica especial, para sermos empregados, mais tarde, como engenheiros de tropa. Havia sido preparado para nós um programa de cursos especiais, aos quais devíamos assistir semanalmente; cem homens, aproximadamente, assistiriam a cada um destes cursos. No momento, segundo nos disse, podíamos regressar às nossas casas e ser-nos-ia comunicado o momento de nossa incorporação definitiva ao Exército. Esta notícia foi uma surpresa bastante agradável.

Não quis deixar-me levar pelo entusiasmo. Levantei-me o quanto pude e falei:

— Quisera perguntar-lhe, Herr Capitão, se posso ser transferido para a Aviação. Anteriormente já me apresentara na Luftwaffe e conto com algumas horas de voo.

Minha intervenção colheu-o de surpresa. Mas o homem reagiu e me perguntou:

— Quando nasceu?

— Em 1908, Herr Capitão.

— Demasiado velho — respondeu-me secamente.

Com sua resposta deu o fato por encerrado. Mas eu me senti algo vexado. Não deixava de me perguntar se eu era, realmente, demasiado velho para voar. Meu orgulho foi ferido.

Abandonei o quartel com um espinho no coração. Mas o trabalho que encontrei no meu escritório, produzido pelas mudanças em muitas seções, pois vários operários haviam sido convocados pelo Exército, não me deixou tempo livre para pensar na minha idade. Percebi que em semelhantes circunstâncias a presença do chefe faz muita falta.

Depois dos primeiros sucessos obtidos pelo Exército alemão em território polaco, começou a pensar-se que a guerra não duraria muito tempo.

E quando em setembro terminaram as negociações diplomático-militares com o Leste, acreditamos que as potências mundiais chegariam a um acordo. A ausência de acontecimentos durante os meses de inverno pareceu confirmar a nossa ideia.

Passados alguns dias fomos chamados para o reinicio dos nossos cursos de treinamento. Em meados de dezembro informaram que vinte de nós tínhamos sido destinados às SS, onde continuaríamos o curso para sermos oficiais-engenheiros.

As SS eram, para mim, a elite do Exército alemão e pensava que fazer parte delas era uma honra para qualquer um. As rigorosíssimas inspeções de saúde feitas em todos nós, que participávamos dos cursos, confirmaram, uma vez mais, as exigências e as provas pelas quais deviam passar os homens pertencentes àquela elite. Somente doze de nós fomos julgados aptos para fazer parte de suas tropas. Devo confessar que me senti orgulhoso de estar entre os doze eleitos, apesar de ser o mais velho.

Entretanto, tive que aguardar certo tempo antes de ser chamado definitivamente para ocupar a função que me haviam destinado. Em 21 de fevereiro chegou pelo correio a comunicação de que me esperavam em Berlim.

Fui designado para o Batalhão reserva do Leibstandarte SS Adolf Hitler.

A sorte quis que eu fosse fazer parte da Segunda Companhia, chamada Mondschein-kompanie. Seu comandante tinha uma predileção especial pela instrução à noite. Assim, aprendemos logo o que eram as marchas noturnas através dos campos, com percursos a pé, de quarenta quilômetros.

Destinaram-me a um alojamento que devia compartilhar com os recrutas da minha idade. Meus novos companheiros eram médicos, farmacêuticos e engenheiros. O primeiro contato de camaradagem costuma perdurar para sempre. Quando acontecia, no decurso dos inúmeros dias de guerra que se seguiram àquele contato, de encontrar-me com alguém que houvesse compartilhado comigo daquela primeira época no quartel, sentíamos uma grande alegria.

Decidiu-se que receberíamos uma curta instrução de recrutas, muito intensa. Quando estivéssemos convenientemente instruídos, seríamos enviados às funções para as quais tínhamos sido selecionados.

Em algumas ocasiões era muito difícil competirmos com os recrutas que contavam dezessete ou dezoito anos.

Devíamos apelar para uma grande força de vontade a fim de não sermos ultrapassados. Fomos espremidos ao máximo. Aquele período preparou-me magnificamente para enfrentar o futuro.

Naquela etapa de instrução, muitos "cabeças duras" nos fizeram passar maus momentos ao dar-nos um exagerado tratamento prussiano. Mas quero ser justo e, por isto, devo dizer que isto refere-se ao comportamento de uma minoria. No decorrer do tempo encontrei um número tão elevado de gente maravilhosa que me comandou, que minhas desagradáveis experiências do princípio foram esquecidas. E se as exponho agora é somente para ater-me estritamente à verdade e porque chamaram-me a atenção mais do que aos outros, pelo fato de eu ser um homem maduro.

Muitos soldados, de outros exércitos e países, afirmaram-me que também passaram por semelhante experiência.

Era assombroso verificar quão facilmente nos acostumávamos à vida do quartel; com que facilidade esquecíamos os nossos costumes civis. Integramo-nos plenamente à massa anônima dos soldados. Deixei de lado minha paixão pelas discussões, embora, na realidade, não perdesse o costume até o fim da guerra; em muitas ocasiões, fui censurado pelos meus superiores.

Entre os oficiais e sargentos do meu batalhão havia vários que participaram da guerra na Polônia. Muitas noites, quando nos reuníamos no alojamento, contavam suas recordações da campanha. Apesar de todos sentirem-se entusiasmados pela aventura que haviam vivido e orgulhosos de terem empunhado as armas para cumprir o dever, inclusive felizes pela rápida vitória alcançada pelos alemães, não podiam esconder a desagradável impressão sentida ante as cenas de terror. Tinham vivido uma dura experiência; eram jovens soldados que amadureceram no curso de alguns dias e que se converteram em homens da noite para o dia.

As seis semanas fixadas para nossa instrução passaram num instante. Até meus mais severos superiores me consideraram um "soldado passável". Enviaram-me, em algumas semanas, a Hamburg-Langenhorn, onde ingressei no Regimento Germania. Era o meu novo destino. Nele devia preparar-me conscientemente para ocupar definitivamente a função de oficial especialista. Passei alguns dias maravilhosos, durante os quais fui percebendo que ia convertendo-me num soldado completo. Contudo, em algumas ocasiões, retornaria à vida civil com alegria. Não é fácil perder os hábitos de toda uma vida!

Nesta ocasião partilhava o meu alojamento com outros três camaradas. Depois de cumprirmos com todas as obrigações e de havermos sido repreendidos por todas as nossas falhas, então, só então, sobrava tempo para preocupar-nos com a marcha da guerra.

A Noruega e a Dinamarca foram ocupadas pelas tropas alemãs em 9 de abril de 1940. Com esta manobra o Exército alemão antecipou-se aos corpos expedicionários inglês e francês. Ambos os adversários nunca ocultaram que deviam assegurar-se de tais posições, de grande valor estratégico, se quisessem ter em suas mãos as rédeas da guerra.

Naquela época, não só os soldados, mas todos os alemães, estavam convencidos de que os seis meses de guerra transcorridos em relativa calma eram tão-somente o prelúdio da eclosão de autêntica tempestade.

Todas as notícias estrangeiras nos deixavam antever, claramente, que as polêmicas iniciadas em torno da Polônia seriam uma repetição dos fatos ocorridos antes da Primeira Guerra Mundial.

Não esquecíamos, tampouco, uma questão de vital importância: a guerra decidiria o destino da Alemanha nos próximos decênios.

Já não era questão de simples ideologias. Tratava-se da própria existência, de um problema de sobrevivência.

A guerra não era sustentada contra Adolf Hitler como pessoa e político. Era feita contra uma potência forte que começava a ser considerada perigosa. Era contra toda a Alemanha!

Não estava em nossas mãos a capacidade de evitar, ou de terminar, com o grande derramamento de sangue do qual só podiam tirar proveito alguns terceiros que, naqueles momentos, estavam tranquilos. Não tínhamos outra alternativa: Devíamos servir à nossa pátria como bons alemães! Por acaso poderíamos escolher a nossa debilidade, a nossa própria destruição? Absolutamente!

Desejávamos lutar, por todos os meios, para impedir um segundo Ditado de Versalhes. E precisamente esta ideia nos deu as forças necessárias para continuar combatendo e mantendo-nos. Neste aspecto pensava-se tanto na frente como na retaguarda da Alemanha. Esta ideia estava firmemente arraigada no simples soldado, no simples homem do povo. E seguiu dominando as suas mentes até o final!

CAPÍTULO VII

A nomeação de oficial especialista — Minha primeira intervenção em combate — As primeiras preocupações como Comandante de uma coluna — Na fronteira — Batalha de carros em Cambrai — O túmulo de um soldado — Entramos na guerra — A Paris? As fábricas da França — "Não se pode ser um bom soldado sem estar corretamente uniformizado" — Até a fronteira espanhola — Caça a um tigre em Bordeaux — Armistício — Terminou a guerra? Ocupação da Holanda — No Estado-Maior do Regimento.

Em 9 de maio de 1940, o Regimento Germania, com todos os seus efetivos e apetrechos, foi transferido para a frente Ocidental, que até então estava tranquila. No dia da partida recebi ordem de apresentar-me no comando das SS de Berlim. Iniciava-se a ofensiva na frente Ocidental e eu era chamado a Berlim! Não podia haver pior momento para uma transferência...

Na Capital tive que fazer numerosos exames em poucos dias. O resultado deles é que fui considerado apto para dirigir e ensinar a dirigir todos os tipos de viaturas militares. Mas o que me causou grande satisfação foi o diploma que me entregaram de Oficial das SS.

Alguns dias depois o Major Hoffmann, a mais alta patente do serviço de transporte da Divisão, mandou-me chamar e apresentou-me ao Major Rees, um veterano da 1ª Guerra Mundial. Conversamos durante um quarto de hora quando, subitamente, o Maj. Hoffmann falou:

— Bem, você será designado oficial especialista da minha unidade e como tal vai cumprir a sua primeira missão: temos em nosso quartel de Lichterfelde oitenta viaturas que você levará amanhã a Hamm. Nossa artilharia pesada está prestes a ir pare a frente. Não esqueça que fazemos parte da primeira Divisão das tropas SS que deverá entrar em ação! Devemos ter pressa, já que, em caso contrário, a guerra pode terminar sem que tenhamos tomado parte nela.

O meu Jawohl, dito com ênfase, expressou a satisfação que me fora proporcionada pelo recebimento da missão.

O dia seguinte foi o responsável pelos meus primeiros cabelos brancos. Creio que, para um homem do campo, é muito mais fácil conduzir uma cavalhada, do que para mim comandar uma coluna de viaturas conduzidas por inexperientes jovens que ignoravam o que era ter um volante nas mãos. E, além disso... havia determinado que não ficasse na estrada uma só viatura! Nunca pude imaginar que as viaturas pudessem ter tantas avarias! Toda vez que passava revista na coluna, descobria que alguém ficara para trás em alguma cidade pelas quais passávamos. Mal conhecia os mecânicos que estavam às minhas ordens; os motoristas nem se fala.

Quando ia à testa da coluna, sentindo-me orgulhoso em comandá-la, desabavam sobre minha cabeça toda sorte de preocupações e temores pelo que pudesse estar ocorrendo na retaguarda. Não tornei a ver os mecânicos que mandei para repararem as viaturas que ficaram para trás. Tive que fazer alto duas vezes; à medida que avançava, ia perdendo efetivos. E tudo isto acontecia quando ainda faltavam muitos quilômetros a percorrer antes de chegar ao meu destino!

Cheguei a Hamm de madrugada, às três horas, mas faltavam-me vinte viaturas. Não tive coragem de apresentar-me ao novo comandante. Por isto, decidi voltar. Consegui recuperar treze viaturas. E, passadas três horas, regressei à cidade, chegando à minha base às sete em ponto. Passei revista no comboio, "meio dormido", e cada uma das viaturas retardatárias que se incorporavam eram recebidas como o filho pródigo.

Contudo, não me senti totalmente satisfeito até que se apresentou um mecânico que me informou o lugar exato onde se encontravam as demais viaturas. Horas mais tarde, apresentei-me ao comandante informando-lhe sobre o número de viaturas chegadas. Pareceu muito satisfeito com minha atuação, o que me encheu de orgulho. Neste momento, inteirei-me de que todos os preparativos deviam estar terminados à noite daquele mesmo dia, pois a saída estava fixada para o dia seguinte.

Iniciada a marcha, passamos pela antiga cidade de Krönung, saudados pelos vivas da multidão. Depois de alguns quilômetros chegamos à fronteira e entramos em território inimigo. Todos nós perguntávamo-nos o que sucederia então.

Mal notamos a destroçada barreira fronteiriça; sabíamos que íamos para a guerra; mas não encontrávamos os seus sinais, nenhum vestígio deixado pelos combates. As primeiras crateras causadas pelas bombas e granadas de artilharia foram novidade para nós; olhamos curiosamente.

Mas não podíamos nos deter. Estávamos obrigados a continuar adiante, fosse o que fosse. Os belgas, com os quais nos encontrávamos durante as breves paradas que fazíamos, não se mostravam descorteses, mas sim receosos.

Chegamos a Lüttich à noite; deixamo-la para trás e acampamos numa colina. Foi a primeira vez que acampamos ao ar livre. Durante a noite foram chegando, por ferrovia, os nossos obuses. Começaram então as minhas preocupações, pois tive que realizar um trabalho gigantesco. As locomotivas avançavam muito lentamente, pois o peso que arrastavam era enorme. Isto nos punha nervosos, porque tínhamos pressa em chegar à frente; e se uma locomotiva não podia avançar, ficava para trás uma das doze peças de artilharia da nossa unidade. E o jeito era alcançar o mais cedo possível a nossa Divisão, que já estava na linha de frente! Precisávamos alcançar a guerra!

Era estranho pensar que devíamos ter pressa em chegar onde poderíamos encontrar a morte. Mas também sabíamos que o nosso dever era servir à pátria; e que talvez a nossa pequena contribuição pudesse servir para encurtar o tempo da guerra. Não tínhamos outra coisa a fazer a não ser pensar em nosso dever. Nada mais!

Passadas algumas horas, continuamos a marcha. Em Dinant encontramos o primeiro comboio de prisioneiros, jovens soldados belgas que eram transferidos para um campo de prisioneiros escoltados por soldados da Polícia Militar. Marchavam cabisbaixos, arrastando os pés como se estivessem imensamente cansados. Quais seriam os pensamentos que dominavam suas mentes? Era provável que desejassem que a guerra terminasse o quanto antes; da mesma forma que nós. Sabiam que não podiam regressar à sua pátria nem voltar a ver suas famílias até que se fizesse a paz. Era muito provável que se sentissem humilhados por serem tratados como prisioneiros em seu próprio solo, e por isto não ousavam enfrentar os olhares dos seus compatriotas.

Deixamos atrás Givet, Chimay e Hirson. Sabíamos que nos aproximávamos da fronteira. Frequentemente, esquadrilhas da nossa aviação nos sobrevoavam; depois regressavam às bases voando baixo e em perfeita formação. Algumas, entretanto, voavam sobre nós e tardavam a regressar. E quando o faziam, voltavam reduzidas. Numa de nossas paradas, ouvimos um longínquo canhoneio; olhamo-nos uns aos outros. A guerra enviava o seu eco; cedo, muito cedo, interviríamos nela. Não íamos fazer a

guerra como se fosse um brinquedo de crianças. Íamos participar dela como homens conscientes do dever. Este dever nos obrigava a avançar, a seguir adiante. Talvez encontrar a morte!

Alinhados, fizemos outro alto ao lado da estrada, cuidando que todas as viaturas ficassem camufladas entre as árvores. As ordens recebidas determinavam que entre duas viaturas devia haver uma distância de aproximadamente vinte metros; devíamos aproveitar tudo que pudesse servir para camuflá-las, usando todos os meios possíveis.

Mais tarde pudemos comprovar que o combate nos fazia realizar tais operações, apesar de não existirem ordens anteriores.

Distribuíram-nos o rancho e ficamos sabendo muito bem o que é uma marmita cheia de feijão, comido à beira da estrada, numa vala. Não importa que esteja cheio de poeira e que esta fique entre os dentes!

Vimos outra coluna de prisioneiros que desfilavam ante nós; os rostos cansados, cheios de poeira e cobertos de suor. Pelos seus uniformes soubemos que eram franceses. Iam seguidos por outra coluna de ingleses que mostravam o mesmo aspecto. Muitos de nossos homens lhes ofereciam um pedaço de pão; o motorista de minha viatura ofereceu, inclusive, o seu cantil a um sedento prisioneiro. Comprovei uma vez mais que não existia ódio entre as juventudes europeias.

Passamos por Le Cateau e por outras pequenas cidades semidestruídas. Já estávamos na França. Ao anoitecer chegamos em Cambrai e recordamos que a cidade fora cenário da primeira batalha de carros de combate travada na Primeira Guerra Mundial. Desviamos para a direita da estrada, passamos por uns trigais e entramos num pequeno bosque.

Nosso comandante, Major Rees, nos tinha precedido.

Recebemos ordem de acampar; procuramos as casas do campo para nos reabastecer de água. Os campos estavam cheios de rastros deixados pelas lagartas dos carros de combate. Num céu sem nuvens brilhava um sol radiante; um vento suave nos trazia o aroma dos campos.

Foi então que vimos os primeiros mortos. Eram soldados marroquinos que vestiam o uniforme francês; certamente tinham tentado em vão deter o avanço de nossos carros. Conservavam ainda, junto a seus corpos, o armamento; os capacetes deformados, mal deixavam ver os seus rostos. Deduzimos que as perdas do inimigo deveriam ser muito elevadas. Ao passarmos por um terreno encontramos um soldado negro cuja metade do corpo estava submersa numa fonte! Acabou a nossa sede instantaneamente!

Regressamos em silêncio após a breve descoberta e guardamos nossas armas; sabíamos que, ali, não necessitaríamos delas.

Dormimos no chão, ao lado das viaturas. O cansaço venceu nosso nervosismo, embora estivéssemos dispostos a reagir ante o pensamento de que estávamos num campo de batalha onde havia mortos.

Subitamente, ouvimos o ruído de motores. Alarme antiaéreo! Vimos um grande clarão à direito do local onde estávamos. Imediatamente explodiram as primeiras bombas ao nosso redor. Precipitamo-nos a procurar abrigo num bosque próximo. Éramos, porém, novatos, o que permitiu que apreciássemos a exata distância das explosões. Restava-nos muito a aprender, muitíssimo!

A incursão aérea durou pouco. Dei uma volta para verificar as perdas que sofrêramos. Vi umas quantas silhuetas na escuridão; os pequenos pontos vermelhos de vários cigarros acesos me tranquilizaram. Não repreendi os meus homens por fumarem, embora fosse rigorosamente proibido; sabia que precisavam acalmar os nervos, e não dispunham de outro remédio. Tinha, também, as minhas dúvidas com referência a essa proibição, pois me parecia praticamente impossível que os aviadores vissem de cima as brasas luminosas dos cigarros. Nossas próprias sombras denotavam muito mais perigosamente a nossa presença.

As bombas caíram perto do local onde nosso comboio formava uma espécie de ângulo, mas não houve ninguém ferido, e o único dano foi o da carroçaria de um caminhão. Tratava-se, nada mais, nada menos, do que uma viatura que transportava munição!

Contáramos novamente com a sorte, pois, se a viatura tivesse sido atingida, teríamos tido um verdadeiro "fogo de artifício". De repente, tropecei num montículo de terra. Vi que sobre ele se erguia uma cruz de madeira. Era o túmulo de um compatriota. Com o lume do meu cigarro li a data que figurava sobre a cruz; era do dia anterior...! Encontrávamo-nos, pois, em pleno cenário da guerra!

Estávamos conversando agradavelmente quando vimos que se aproximava um elemento nosso; percebemos que vinha, pelo farol de sua motocicleta. Fez vários esclarecimentos a nossos chefes e mostrou alguma coisa num mapa que trazia, iluminando-o com uma lanterna. Fez-se um pesado silêncio, que nada tinha de agradável. O homem mostrava um determinado ponto da estrada, informando-nos que, exatamente lá, acabava de chocar-se com uma mina o carro no qual viajava o Maj. Rees,

comandante da nossa Unidade, que morrera na hora. O oficial que o acompanhava e o motorista ficaram gravemente feridos. Tudo isto tinha ocorrido uma hora antes. Nossa unidade acabava de pagar o primeiro tributo de sangue! A guerra tinha vindo ao nosso encontro, demonstrando ser mais rápida que nós.

O Capitão Werner assumiu o comando da unidade. Determinou que estivéssemos preparados de madrugada, para reiniciar a marcha. Recebi ordem para buscar combustível num local à retaguarda. Não foi fácil o deslocamento. A toda hora havia pequenas batidas. Procuramos cumprir a ordem recebida o mais rápido possível, para retornarmos logo. A organização da logística alemã que devia suprir as tropas começava a tropeçar em dificuldades, coisa compreensível, pois era preciso levar em conta a rapidez do avanço e o consequente alongamento das distâncias de suprimento. Encontramos os depósitos nas proximidades de Hirson. Enchemos as viaturas-cisternas e conseguimos incorporar-nos à nossa unidade, às oito horas.

Passamos por Bapaume em direção a Péronne; pudemos verificar que aquelas duas pequenas cidades sofreram muito os efeitos da guerra. Uma ponte, recém-construída, nos facilitou a travessia do Somme.

Uma vez feita a travessia, fomos forçados a fazer um grande alto, pois várias colunas de prisioneiros e várias unidades que se dirigiam para a frente enchiam a estrada. Como dispunha de algum tempo, aproveitei a ocasião para dar uma volta pelas redondezas. Cheguei até um lugar que devia ser um posto francês, onde descobri um caminhão parado. Inspecionei-o detidamente e pude verificar que estava em perfeitas condições, mas não tinha gasolina; seu tanque estava vazio. O astuto motorista, que desaparecera, tinha também esvaziado o óleo e arrancado a alavanca de mudança. Determinei que a viatura fosse reparada numa oficina próxima; enchi os tanques de óleo e de gasolina, e incorporei-a à nossa unidade.

No assento do motorista fiz uma descoberta que me alegrou. Encontrei vários guias Michelin das estradas da França, que nos serviriam muito para nossa orientação. Na oficina, obtive outros guias, que me foram de grande valia. Repeti a operação em várias localidades pelas quais passávamos. Dentro de pouco tempo tinha em meu poder uns oitenta mapas, alguns deles repetidos.

Meu comandante sentiu-se muito satisfeito quando lhe ofereci os mapas repetidos que tinha. Comprovamos serem perfeitos, de grande exatidão, e que isto era uma grande sorte para nós. Os mais insignificantes detalhes constavam neles; isto nos tirou de apuros em várias ocasiões.

Continuamos nosso itinerário até St-Quentin, podendo observar que apenas algumas casas apresentavam as fachadas danificadas em consequência da guerra e que sua imponente catedral continuava incólume, alçando até o céu as altas torres. Inteiramo-nos de que a cidade fora evacuada por um grande número de civis; não tardamos muito em ver, nas estradas, muitos fugitivos que se dirigiam para o Sul.

Quanto nos viram chegar detiveram-se à margem da estrada. Era uma torrente humana que contribuía para aumentar o caos, os sofrimentos e as privações que a guerra provocava em todo o país.

Nós nos esforçávamos em tranquilizá-los e em fazê-los compreender que deviam regressar aos seus lugares de origem.

Ainda recordo perfeitamente a conversa que mantive com uma mulher que estava sentada na estrada ao lado do seu carro. À sombra do veículo dormiam seus quatro filhos. Procedia de Lille e durante quatro dias vagava pelas estradas. Sua cidade tinha sido invadida por uma súbita febre de fuga quando os habitantes souberam que a guerra se aproximava deles a largos passos, e por isso fugiram. Em pouco tempo, ela encontrou todas as estradas fechadas pelas tropas francesas e não pôde continuar avançando. Viu-se obrigada a ficar vários dias nos bosques ou em pleno descampado, ao relento. A guerra não respeitara sua retirada; mas ela conseguiu chegar, felizmente, até ali. Esgotara sua gasolina. A primeira pergunta que me fez foi em tom vacilante:

— Ou doit aller moi? Est-ce que vous voulez me donner d'essence? Savez-vous, monsieur, notre route?, la mellleure direction?

A mim só cabia dar-lhe o acertado conselho de que regressasse à sua casa, o quanto antes. Tudo o que pude fazer por ela foi dar-lhe um pedaço de pão e uma lata de conserva.

Aquelas longas colunas de retirantes que, quase sempre, ignoravam para onde se dirigiam, esbarraram conosco em todas as estradas que conduziam ao Sul. Os que tinham conseguido chegar mais longe eram os mais desditosos; esgotaram todas as suas forças; não tinham ânimo para regressar às suas cidades e aos seus lares.

Algumas unidades da nossa Divisão lutavam no vale do Oise. Contudo, não se podia dizer que existia uma verdadeira frente. Nossas tropas se defrontavam com os restos do Exército francês que continuava combatendo aqui e acolá. Isto obrigou a nossa unidade a deslocar-se sem descanso, pois nossa artilharia era necessária em diferentes setores.

Roye, Montdidier e Cuvilly foram os nossos objetivos. Os cruzamentos das estradas que conduziam a Paris estavam interditados. A artilharia francesa tinha bombardeado estes pontos com muita precisão. Os combates isolados retardavam a nossa marcha, até que fizemos um desbordamento utilizando estradas secundárias, quando tivemos oportunidade de descobrir as baterias inimigas, que foram bombardeadas pela nossa aviação.

Sentíamos curiosidade em saber se nos dirigíamos diretamente a Paris; logo soubemos que a nossa Divisão tinha outro objetivo. Devíamos desbordar a capital da França. À noite fomos atacados pela aviação inimiga, em Noyon. Sobre nossas cabeças havia uma contínua claridade e as bombas caíam próximas a nós. Fomos forçados a fazer um alto e obrigados a deitar colados ao chão, agarrados à vegetação ou procurando proteção ao lado das viaturas. Quantas vezes, mais tarde, recordaríamos aquela etapa da guerra, que nos foi tão fácil e à qual denominamos "força pela alegria"! Na ocasião, apenas nos sentíamos ameaçados. Sabíamos que a vitória estava ao nosso lado e que a sorte era nossa companheira em todos os momentos.

Para muitas unidades do nosso Exército, assim foi a campanha ocidental!

A marcha através de Chauny, Soissons, Villers-Cotteres, Château Thierry, Épernay, Châlons-sur-Marne, St. Dizier, Châtillon-sur-Seine, Coulmier-le-Sec, Préey-Poully-Autun, não podia ser considerada mais do que uma perseguição ao Exército francês derrotado e em debandada. Tudo fazia supor que a guerra já estava decidida e que a velocidade do nosso avanço tinha em vista obtermos certeza de que caíssem em nossas mãos as fábricas de armamento da França, as grandes indústrias de Le Creusot.

Em 10 de junho de 1940 foi concedido à nossa Unidade um período de descanso em Marmagne. Recebemos ordem de recuperar todas as viaturas que tinham ficado à nossa retaguarda e repará-las. Muitas delas nada sofreram; apenas ficaram para trás por diversos motivos. A recuperação das viaturas foi o nosso encargo.

Montamos as barracas e iniciamos uma vida de acampamento. Meus companheiros se deitavam na relva para tomar sol; meu motorista e eu

éramos, praticamente, os únicos que não dispunham de um momento de repouso. Quando uma tarde regressei ao acampamento tive que enfrentar a ira do novo comandante, porque meu motorista acabava de tirar a túnica e estava sentado ao volante com o tronco nu. Vira-nos no exato momento em que nos dirigíamos à oficina e nos chamou. Recebi a maior "espinafração" de minha vida.

O Capitão Werner considerava uma afronta que soldado do Reich mostrasse o seu tronco desnudo. Depois de uma série de "amabilidades" que pareciam alfinetadas, a longa ladainha terminou com a seguinte frase:

— Um soldado alemão não é digno de ser considerado como tal se não estiver abotoado até o último botão de sua túnica. Você é responsável por atentar contra a dignidade do Exército alemão num país estrangeiro que, além de tudo, está em guerra contra nós. O seu comportamento parece dar a entender que você deseja desprestigiar-nos.

Imaginem se ele soubesse que, há apenas alguns segundos, eu acabara de fechar o botão superior da minha túnica!

Limitei-me a responder Jawohl com toda a energia que a minha voz permitiu. A desagradável cena terminou com estas palavras:

— Nunca conseguiremos fazer de você um bom soldado, Skorzeny! A isto não respondi Jawohl. Seria ridículo.

Certa noite houve um incêndio; uma locomotiva foi devorada pelas chamas. De todas as partes corremos ao local do sinistro e logo em seguida atiramo-nos ao solo para abrigar-nos, pois as granadas de 150 mm, que estavam em um dos vagões, foram alcançadas pelas chamas e explodiam com um estrondo ensurdecedor. Fomos obrigados a retroceder; a situação era perigosa, parecia que estávamos num verdadeiro campo de batalha. Não foi possível salvar nada. Ao chegar à minha viatura, meu motorista recebeu-me dizendo:

— Não creio que esses fogos de artifício tenham sido acesos em sua homenagem, mas tome-os como se assim o fosse. Posso felicitá-lo pelo seu aniversário?

Estranho! Tinha esquecido a minha data natalícia! Como não estivéssemos em posição, pudemos dar-nos ao luxo de organizar uma pequena festa. Dito e feito! Não foi difícil encontrar uma hospedaria, cuja proprietária se prontificou a fazer-nos um jantar. Ficamos sabendo que na adega havia uma boa quantidade de bebidas. A champanha era para nós, membros do Exército de ocupação, muito barata; uma garrafa custava,

então, dez francos, ou seja, cinquenta pfennig. Meus companheiros aceitaram entusiasmados a participar do jantar. O cardápio constou de sopa, peixe ao forno e omelete, regado a vinho e champanha. Um gramofone com músicas do tempo antigo completou nossa alegria. Ali encontramos duas moças, e não é de estranhar que nos esforçássemos para obter seus favores.

Meu francês dos tempos de escola, acompanhado por uma eloquente mímica, permitiu que nos entendêssemos muito bem. Aceitaram um copo de vinho e inclusive dançaram conosco. Disseram que estavam ali na condição de evacuadas com seu chefe, um alto funcionário público de Paris, mas não pudemos arrancar-lhes o motivo do voluntário exílio.

Uma delas, a morena, portou-se comigo de maneira muito natural; conversamos como qualquer par jovem que acaba de encontrar-se. A outra, uma loira, parecia temerosa e seu receio aumentava à medida que o tempo passava. Entendi parte da conversa que elas mantiveram, o suficiente para perceber que a loira reprovava sua companheira, a morena, pela amabilidade com os boches. Pela primeira vez ouvi a pejorativa palavra com a qual os franceses se referiam aos alemães, durante a 1ª Guerra Mundial. Pouco depois, informei-me da procedência das duos jovens, e fiquei sabendo que a morena era casada com um francês, oficial de Artilharia, e que desconhecia o paradeiro de seu marido. Mas... não nos encarava como inimigos!

A loira, cujo sobrenome era Müller, falava um excelente alemão, coisa que nos ocultara durante a festa, Era alsaciana; seus pais passaram a ser franceses a partir de 1918. Acaso, perguntei-me, é possível existir alemães que reneguem a sua origem quando se convertem em súditos de outro país, em consequência de um simples tratado firmado entre algumas nações? Meus pensamentos empanaram a alegria do meu aniversário; tentei consolar-me dizendo que as exceções confirmam a regra.

Em 14 de junho recebemos ordem de marcha. Determinaram-nos que, descrevendo um amplo círculo, nos dirigíssemos para o Sul até chegar à fronteira espanhola.

Passamos por Rouvray e, em Troyes, alcançamos o Sena. Foi então que tive oportunidade de ver de perto o "trabalho" realizado pelos nossos bombardeios. A ponte fora reparada recentemente; contudo, via-se claramente que os aviões tinham feito todo o possível para vencer a resistência francesa lançando bombas contra as casas situadas em ambos os lados da estrada. Apesar disso, muitas casas estavam intactas. A população

não nos recebeu com animosidade. Coisa estranha! Continuamos nossa marcha vertiginosamente, deixando para trás as cidades de Orléans, Bleis, Bourges e Limoges.

Mas como parecia que a nossa marcha não pudesse estar desprovida de aventuras, em Bordeaux tive que intervir numa caçada de tigre. Quando cheguei à cidade, ao anoitecer, nossa Divisão fez uma espécie de desfile na praça de St. Genés. Meu motorista encontrou-se com um antigo colega e eu permiti que falassem de suas recordações. Como quisesse dar uma olhada na cidade, dei um passeio de viatura pelas margens do Garona. O casario não era tão denso como no centro; havia até vários descampados.

Decidi visitar as estreitas vielas que dão o verdadeiro ambiente à cidade. Dirigia devagar e observei com muita atenção tudo o que me rodeava. De repente, defrontei-me com uma multidão, aos gritos, que vinha ao meu encontro. Várias pessoas subiram nos estribos da minha viatura. Não pude compreender o que diziam, a não ser uma palavra:

— Bête, bête!

Ao mesmo tempo indicavam-me uma rua. Mas apressaram-se em saltar da viatura quando me dispus a entrar nela.

A rua parecia estar vazia. No princípio, nada vi. Não tardei, entretanto, em verificar que todas as janelas estavam cheias de pessoas excitadas, que apontavam para o fim da rua, que desembocava numa praça. Foi então que vi o motivo de tanto alarde: um tigre próximo a uma esquina!

Parei a viatura! A primeira coisa que me passou pela cabeça foi que o animal acabava de destroçar uma pessoa! Em seguida, porém, percebi que comia um simples pedaço de carne. Empunhei minha pistola calibre 7,65, mas me pareceu um gesto ridículo. Notei que me invadia a febre do caçador, mas não podia voltar atrás. Lembrei que o fuzil do meu motorista estava na parte traseira da viatura. Apanhei-o, ao mesmo tempo em que as vozes excitadas das pessoas que assomavam às janelas contribuíam para aumentar a minha emoção. O tigre olhou-me, mas não deu a menor atenção à minha pessoa.

Destravei a arma, relaxei os músculos e apontei. Cessaram imediatamente as vozes e me senti mais tranquilo. Fixei a pontaria entre as omoplatas da fera, como se fosse um cervo. Meu amor próprio de caçador proibia atirar no tigre que estava deitado tranquilamente. Mas, apesar de tudo, disparei duas vezes. Estranhamente, o tigre não deixou escapar um só gemido. Pareceu-me impossível não ter acertado no alvo. O animal deixou a

carne que tinha entre as garras e se levantou vagarosamente. Disparei a terceira vez e notei que o tinha ferido. O enorme "gato" se dobrou e caiu ao solo. Eu tinha a impressão de que era um ser irreal, absurdo. Nunca podia imaginar que iria atirar em um tigre numa viela de Bordeaux! Um pensamento me ocorreu: "Não li em alguma parte que na Índia se caçam tigres atirando de um carro? Mas... eu não estou na Índia!"

Encontrava-me a uns cento e vinte metros de minha presa. Tinha que me aproximar para terminar de matá-la. Não sabia o que fazer, se me aproximar do tigre ou atirar de novo de onde eu me encontrava.

As pessoas começaram a sair para a rua. Mas quando viam o felino fazer o menor movimento, voltavam a refugiar-se nas casas. Subi de novo na viatura e avancei uns oitenta metros em direção ao tigre. Parei e tornei a atirar; desta vez a bala acertou entre os olhos do animal. O tigre emitiu um rugido de dor que nos gelou o sangue. Em seguida morreu.

A rua se encheu de gente que se aproximou da fera; observaram-na atentamente e me rodearam excitadas. Entendi as suas explicações: o tigre devia ter fugido de algum circo quando este estava embarcando as suas bagagens na estação; muito provavelmente tinha aproveitado a confusão, criada pela chegada das tropas alemãs, para escolher a liberdade. Em seguida, deve ter assaltado um açougue próximo onde apanhou o pedaço de carne, procurando logo uma rua tranquila para devorá-lo. Não havia dúvida de que o animal não era perigoso e me envergonhei de tê-lo matado. Tinha certeza de que meus companheiros iriam rir se lhes contasse este episódio.

Ofereci o animal ao prejudicado açougueiro e lhe pedi que me desse a sua pele.

Quando regressei a Bordeaux ao fim de algumas semanas, em direção à Holanda, voltei àquela viela. O açougueiro cumpriu a palavra. Deu-me a pele do tigre e me presenteou com algumas linguiças.

Saímos de Bordeaux e reiniciamos a marcha em direção a Bains, Bayona e Biarritz, viajando por itinerários maravilhosos, em direção à fronteira espanhola.

No dia 22 de junho, sábado, recebemos a notícia de que fora assinado o armistício. Tínhamos derrotado o único inimigo da Alemanha que podia ser considerado como uma grande potência!

Uma pergunta surgiu no meu espírito: será a Alemanha capaz de abster-se de impor condições duras e de ter um gesto magnânimo com a França,

pensando que com isto poderá obter a simpatia de um provável aliado? Acabara uma campanha. Mas seria isto o fim da guerra?

Todos estávamos muito alegres e esperávamos uma paz próxima e duradoura. Ficamos acantonados e alojados nos quartéis de Dax. Nesta localidade havia um campo de aviação francês cheio de aviões que tinham sido abandonados. Dedicamos os dias seguintes à inspeção minuciosa do campo e a exercitar-nos no manejo dos aviões inimigos. Mas quando o campo de aviação foi entregue às unidades da Luftwaffe, onde se encontravam alguns dos meus velhos camaradas de Viena, já não era mais possível continuarmos com aquela diversão.

Tão-somente alguns banhos ocasionais nos distraíram de nossas obrigações de soldados. Os dias de tranquilidade transcorreram com grande rapidez. O serviço voltou logo a ser feito conforme as antigas normas. O rude mas cordial ambiente de quartel, com todas as durezas desnecessárias para soldados que estão na frente, voltou a ter entre nós a primazia absoluta.

Acreditávamos ter acabado uma campanha importante, e não deixávamos de pensar nas prováveis consequências da mesma. Nosso futuro estava nas mãos de dirigentes que mereciam nossa confiança. Sabíamos que encontrariam a solução oportuna no momento indicado e que nos dariam as ordens adequadas quando fosse preciso. Tampouco duvidávamos de que as obedeceríamos, apesar de, talvez, não estarem de acordo com os nossos desejos.

Pensávamos em nossos lares. E no bem que poderíamos ter se voltasse a imperar a paz. Dentro de pouco tempo uma grande parte dos soldados obteria permissão para voltar às suas casas. Tudo fazia crer que os altos comandos da Wehrmacht estavam convencidos de ter chegado o fim de suas atuações. Observamos a rapidez da campanha do Ocidente com ânimo alegre, feliz e sereno. Mas nunca nos sentimos orgulhosos de termos vencido sem grandes dificuldades, nem nos consideramos superiores ao nosso adversário. Limitávamo-nos a sentir satisfação de termos cumprido com o nosso dever plenamente e de uma forma rápida, contundente, eficaz e, possivelmente, fácil. Creio que a palavra certa para definir o nosso estado de ânimo naquela ocasião era: livres. Sentíamo-nos livres por termos podido cumprir satisfatoriamente nossa missão!

Aqueles dias maravilhosos na França passaram rapidamente.

Uma súbita ordem transferiu nossa Divisão para a Holanda, na qualidade de tropa de ocupação. Como todas as ordens que eram dadas pelo

Alto-Comando alemão, esta devia ser cumprida sem demora. Isto nos obrigou a cobrir em um só dia a grande distância que nos separava do Norte.

Passamos por Angoulême, uma bela cidade francesa situada sobre uma colina. Ali recebi ordem de recuperar as viaturas que estavam avariadas. Assim, com a minha coluna, voltei a passar por Limoges, Châteauroux e Bourges. Passamos a noite acampados, junto a um riacho. Todas as vezes que lidamos com a população francesa, fomos recebidos cordialmente, com grande amabilidade; inclusive apressavam-se a prestar-nos ajuda. Pedíamos o que necessitávamos aos camponeses, ou aos mecânicos que trabalhavam nas oficinas das cidades. Todos eles se mostravam satisfeitíssimos por ter, ao que tudo indicava, a guerra acabado. Contudo, algumas moças e senhoras se portavam de maneira áspera conosco, os invasores, o que aliás não me surpreendeu.

Continuamos a marcha. Passamos por Tours, Chartres, Melun, Soisson e Laon e prosseguimos até Maubeuge, onde cruzamos a fronteira belga, na sua parte Norte.

Fui obrigado a fazer muitos altos em consequência das frequentes avarias. Pude notar que todas as oficinas e fábricas voltavam a trabalhar; isto causava um efeito magnífico sobre os operários. Não vi um só rosto que expressasse ódio, embora alguns operários dessem uma impressão de certa indiferença. Somente em uma única ocasião fomos ofendidos. Uma mulher, em Maubeuge, mostrou-nos seu punho fechado, o que pode ter sido uma reação pelo fato de termos dado nela um empurrão involuntário.

Atravessamos a fronteira com a Holanda em Maastricht. Consegui recuperar mais de cinquenta viaturas, uma verdadeira coluna. Eu conhecia a Holanda por tê-la visitado anteriormente. Fiquei contente ao voltar a ver suas belas casas e seus enfeitadíssimos habitantes. Parecia que a guerra não existia; ou o povo a esquecera? Quando almocei em Rosendaal, tive a impressão de estar no país das maravilhas!

Podia comprar barato coisas que há tempo não mais existiam na Alemanha. Fizemos o último alto em Hertogenbosch. Ficamos alojados num quartel, e meus homens se sentiram contentes quando convidados para uma festa. Nela, se encontraram com enfermeiras da Cruz Vermelha, que lhes proporcionaram um agradável ambiente. Como tínhamos passado muito tempo nas estradas, ficamos contentes em poder comemorar a chegada com algumas horas de folga, que foram muito felizes.

Aproveitei a ocasião para fazer uma visita a uma família conhecida, a qual não via desde 1920. O casal possuía uma bela casa no centro da cidade. Fui recebido com grande amabilidade. E quando me achava na sala, conversando animadamente, notei que o casal não mudara em nada, que conservava muitos dos costumes que me chamaram a atenção quando os conheci: os cigarros Camel que a senhora fumava e o sorriso característico do marido. Seus filhos mostraram-se muito interessados em saber coisas novas. Vi-me num aperto quando tive que lhes contar todas as minhas aventuras.

Não me surpreendi ao saber que meu anfitrião considerava natural o fato de o nacional-socialismo estar se infiltrando na Holanda, e que tivesse muitos simpatizantes. Mostrou-se muito claro com respeito aos temores que giravam em torno do problema religioso. Temia ser obrigado a renegar as crenças católicas que estavam profundamente arraigadas em sua alma. Respondi-lhe que, na minha opinião, religião nada tinha a ver com política.

Na tarde do dia seguinte passei por Utrecht, indo acantonar em Amersfoort, com meu Regimento de Artilharia. Logo depois fui fazer parte do estado-maior do Regimento. Meu superior imediato era o Major Schäfer, engenheiro a quem me unia uma sincera amizade. Quando nos encontrávamos não me sentia como diante de um superior; considerava-me um amigo com quem tinha compartilhado formosos dias em Viena, nos quais dedicávamo-nos às corridas de carros. Reuníamo-nos muitas vezes quando não estávamos de serviço e passávamos juntos agradabilíssimas horas. O comandante do Regimento, Coronel Hansen, também me tratava como amigo, e não era apenas um superior hierárquico. Era um veterano da Primeira Guerra Mundial. Suas pinceladas poéticas — era escritor, conforme fiquei sabendo mais tarde — faziam-no extraordinariamente simpático. Era sumamente correto e nos tratava muito bem.

Os demais companheiros do estado-maior me receberam amavelmente, tratando-me de novato. Mas o que mais nos alegrou foi a concessão de uma permissão, dada a grupos, para visitar os familiares.

Ver que a minha pátria encarava com calma as limitações trazidas pela guerra tranquilizou-me. Todos aceitavam, como coisa natural, o racionamento; não se queixavam de comer carne só duas vezes por semana e de terem que tomar leite em pó. Mas, às crianças, não faltava nada. Era sabido que o Estado fazia o possível para velar por todos, dentro de suas possibilidades.

O povo não se mostrava entusiasmado pela guerra, nem pelas vitórias alcançadas. Mas aceitava com resignação os tempos difíceis e procurava mostrar-se à altura das circunstâncias.

Nem a rápida vitória sobre a França tinha entusiasmado meus compatriotas. Contudo, cresceram as esperanças de uma próxima paz. As pessoas não desaprenderam o riso. Mas sua alegria pareceu-me artificial, semelhante à dos velhos que deixaram a vida para trás.

CAPÍTULO VIII

A invasão da Inglaterra? — Construção urgente de uma rampa — "Preparativos" para atravessar o Canal — Hitler deseja manter o "Império" — Ordens urgentes — Regresso à França — Provas de tiro nos quartéis de inverno — Burocracia sob a ocupação — Julgamentos severos das SS — Artilharia — Tiro — Colaboração franco-alemã

Não demorou muito e fui obrigado a regressar à Holanda. Logo ao chegar, fiquei sabendo que o planejado ataque à Inglaterra não seria realizado. Nossa Divisão recebeu uma ordem urgente: construir uma rampa para embarcar viaturas num navio. Recebi do Coronel Hansen a missão de desencadear sua construção; não ignorava que a missão era um verdadeiro desafio, pois a obra era gigantesca. A rampa tinha que suportar um peso móvel de trinta toneladas, pois as peças de artilharia seriam rebocadas por pesados tratores. Disse-me, também, o Coronel Hansen que só dispúnhamos de quarenta e oito horas para dar cabo de tão magna empresa. Pediu-me que me ocupasse de tudo pessoalmente e que fizesse o possível para que o trabalho fosse coroado de êxito.

Apressei-me em entrar na viatura para ir a Utrecht, a fim de procurar uma firma que tivesse o material necessário. Durante a viagem fui fazendo os cálculos baseado na intuição, pois não dispunha de dados concretos.

Ao chegar a Utrecht fui a uma conhecida indústria metalúrgica, onde obtive o material necessário, graças à colaboração do engenheiro chefe da

firma. Trabalhamos sem descanso, conseguindo que os operários se contagiassem pelo nosso entusiasmo.

Trabalhei durante todo o dia, modificando meus cálculos toda vez que me defrontava com algum imprevisto. No fim da tarde tinha carregado a última viatura e me preparei para regressar ao acantonamento. Sabia que tinha resolvido o primeiro problema e que devia enfrentar o segundo, de maior envergadura: como conseguiria unir as diferentes peças para que a rampa tivesse a resistência necessária?

Pedi ao Major Schäfer que pusesse à minha disposição todos os especialistas e mecânicos do Regimento. Escolhemos o local para fazer a prova; colocamos vinte viaturas em semicírculo, com o objetivo de aproveitar a luz dos seus faróis para iluminar o local. Quando penso que fomos forçados a prescindir de uma infinidade de coisas necessárias, não posso compreender como foi possível termos conseguido realizar nosso propósito.

Às sete horas do dia seguinte, quando passei pela rampa com a minha viatura, meu coração batia aceleradamente. A obra tinha uns três metros de largura; carecia de balaústres para proteger as laterais e tinha uma altura de três metros e meio. Além disso, a três metros do seu início, havia um declive brusco. Tive necessidade de "dar todo o gás" quando percebi que a base da ponte balançava perigosamente. Consegui o meu propósito. Mas faltava a prova decisiva: a passagem da rampa com a carga desejada. Tornei a passar com um trator que rebocava um caminhão totalmente carregado.

Quando cheguei ao final da parte ascendente da rampa, observei que o motor do pesado trator se elevava ante meus olhos, o que me proporcionou um enorme susto. A máquina continuou o avanço bamboleando perigosamente da direita para a esquerda, roçando as bordas da rampa. Em dado momento notei que as rodas dianteiras giravam no ar, enquanto as traseiras chiavam terrivelmente. Sabia que estava no momento crítico da prova, já que a pesada máquina alcançaria a sua suposta estabilidade a qualquer momento.

Não ignorava que, se a rampa não resistisse ao enorme peso no ponto em que finalizava a subida e começava a descida, todo meu trabalho teria sido inútil. Mais tarde pude comprovar que as vigas de ferro que sustentavam a armação tinham cedido cinco centímetros. Mas a rampa tinha aguentado o peso! Apesar disso não podia cantar vitória, pois me encontrava no ponto em que devia fazer contrapeso e, portanto, no centro

de toda a sua estabilidade. A última e mais difícil prova foi superada com sorte!

Voltamos a revisar nosso trabalho e fizemos a prova com todo o material. A seguir, me apresentei no aquartelamento para informar sobre o trabalho realizado. Às nove horas falei com o comandante do Regimento e lhe pedi que visitasse o local do nosso trabalho. Quando viu o que fizéramos em tão poucas horas, não pôde dar crédito a seus olhos.

Minha Divisão dirigiu-se ao porto holandês de Helder com a missão de provar a improvisada rampa. Quando tornei a ver a obra, desta vez sobre as águas, pensei que não fosse corresponder às expectativas. Sabia que o resultado da empresa, isto é, o transporte marítimo de grande parte do nosso material de guerra sobre uma rampa construída contra relógio, improvisada, só podia ser considerado problemático.

Subitamente sofremos um ataque aéreo inglês, que ocasionou a perda de dois barcos e de alguns soldados. Todo mundo fazia gracejo às custas da nossa obra, não a levando muito a sério. As provas que fizemos nos demonstraram que a menor brisa ou um simples aumento das ondas poderia pô-la em perigo.

Aos historiadores do futuro, desejo oferecer subsídios sobre as causas da não realização da projetada invasão da Inglaterra. Julgo interessante contar aqui uma versão que ouvi de vários oficiais do séquito de Adolf Hitler sobre o problema:

"Adolf Hitler teve sempre um grande respeito pelo povo inglês, por considerá-lo ariano, como o alemão. Todavia, acreditava que a invasão da Inglaterra era fundamental e necessária para inclinar o fiel da balança bélica a seu favor. Apesar da empresa parecer impossível, e das enormes dificuldades que arrostava, Hitler confiava na operação Leão Marinho, nome dado ao plano da invasão. Hitler, entretanto, não menosprezava a oposição que o povo inglês faria, nem a capacidade do seu governo. Contudo, estava firmemente convencido de que conseguiria invadir a Inglaterra, e dela iniciar uma ação bélica contra o Canadá e a África do Sul. Também levou em conta um fato de capital importância: se os planos fossem concretizados, o Reich alemão ver-se-ia obrigado a tomar conta de mais trinta e cinco milhões de europeus, o que ensejaria um sério perigo para o propósito de estabilização, e ainda ter a Alemanha que defender os interesses da Grã-Bretanha e responsabilizar-se pelo sustento do seu povo.

Hitler percebeu tão grandes problemas e não ousou enfrentá-los nem carregar em seus ombros a responsabilidade das suas consequências".

Creio poder-se considerar que estes motivos foram mais do que suficientes para não chegar a iniciar a planejada invasão. Minhas suposições não eram erradas, já que foram confirmadas pelo próprio Hitler no decorrer de várias conversas que tive com ele, e por muitos dados que obtive posteriormente.

Em 9 de novembro, data em que eram realizadas as promoções no Exército, eu deveria ser promovido a 2º Tenente da Reserva.

Vários companheiros convidaram-me para uma festa de aniversário, a ser realizada num restaurante. A festa foi calma e agradável, alcançando o momento culminante à meia-noite. Naquele instante nossos olhos pousaram numa fotografia pendurada na parede. Era uma foto do Príncipe Bernardo, que fora oficial das SS, vestindo agora um uniforme do Exército holandês. Causou-nos espécie que os chefes alemães permitissem que a foto continuasse onde estava. Perguntamo-nos se deveríamos aceitar tal fato como símbolo da força da Alemanha ou de sua debilidade. Decidimos não emitir qualquer opinião; mas não pudemos lutar contra os nossos sentimentos!

Por isso, chamamos o garçom e ordenamos que tirasse a fotografia da parede. O bom homem nos olhou atônito. Respondeu que não podia cumprir a ordem e se apressou a chamar o proprietário, que também se negou a obedecer-nos. Seu comportamento nos pareceu incompreensível e tomamos o fato como um desafio.

Um dos companheiros teve a ideia de colocá-lo ante uma alternativa, e lhe disse:

— Se não tirar a fotografia dentro de cinco minutos, tirá-la-emos a tiros!

Acredito que nenhum de nós pensou em cumprir tal ameaça. Mas as coisas acontecem sempre de maneira inesperada.

Quando transcorreram os cinco minutos e constatamos que o local estava vazio, sacamos nossas pistolas e crivamos de balas a fotografia.

Instantaneamente, percebemos que já não nos sentíamos excitados pelo álcool e que nossa alegria diluíra-se como por encanto.

Como é de supor, este ato não passou inadvertido e teve consequências. O comandante do Regimento, na manhã seguinte, foi informado do nosso comportamento. Recebemos ordem para que nos apresentássemos a ele; fomos tratados como proscritos e punidos com cinco dias de prisão.

Informaram-me ainda que eu não seria promovido no dia 9 de novembro, conforme estava previsto.

Passadas algumas semanas, nosso Regimento foi acrescido de uma nova Seção. Fui transferido para ela na qualidade de Oficial-Engenheiro. Nosso comandante, o Capitão Jochen Rumhor, era alguns anos mais moço do que eu. No fim de pouco tempo, estabelecemos uma sólida amizade, que aumentou quando tivemos que compartilhar dos difíceis momentos das campanhas do Sudeste e do Leste. A sua forte personalidade, seu valor, seu caráter férreo e sua maneira de comandar-nos faziam-no um exemplo a ser seguido pelos demais oficiais alemães.

Subitamente, como é muito comum no exército, recebemos ordem de transferência. Foram canceladas as permissões que nos tinham concedido para passar os festejos de Natal em nossas casas, e tivemos que nos contentar em mandar uma simples felicitação aos nossos familiares.

A 18 de dezembro a Divisão Das Reich iniciou a marcha para o Sul. O deslocamento foi feito às pressas, coisa que não estranhamos, pois estávamos acostumados com movimentos em tempo recorde. Tivemos que enfrentar inúmeras dificuldades, pois os motoristas designados mal sabiam dirigir as viaturas. Não tive tempo de instruí-los convenientemente, porque me foram apresentados no último momento.

As viaturas nem foram revisadas. Muitas delas eram presas de guerra do Exército francês e, por isso, não estávamos familiarizados com elas. As dificuldades eram enormes, mas felizmente conseguimos superá-las.

Com as primeiras luzes do dia saímos de Amersfoort. As cidades alemãs pelas quais passamos apareciam ante nossos olhos como verdadeiras estampas de paz. Somente notamos que estávamos em guerra pelos poucos homens que circulavam nas ruas. Vimos apenas de passagem as cidades de Wesel, Düsseldorf, Colônia e Wiesbaden, da estrada, a qual percorri duas vezes para recolher as viaturas que tinham ficado no caminho. Tive que enfrentar uma autêntica avalanche de veículos que se dirigiam para o Sul. Uns cinco ou seis mil rodavam em direção ao seu destino, seguindo um plano previamente fixado!

Tivemos que atravessar as ruas de Mainz para voltar a sair na estrada. Os costumes de seus habitantes não tinham mudado em consequência da guerra, mas também não ouvi palavras de alento.

Quando passávamos por Mannheim e nos dirigíamos a Karlsruhe, a noite caiu. Pareceu-me que tudo estava morto, irreal. Apagaram-se até as

lanternas das viaturas. Instantaneamente percebi o que acontecia. Alarme antiaéreo! Em seguida, os potentes projetores iluminaram o céu. As baterias antiaéreas que circundavam a cidade de Karlsruhe começaram a atirar. O ruído ensurdecedor aumentou com a explosão das bombas. Vi como se originavam incêndios na cidade.

O bombardeio durou uns dez minutos, passados os quais tudo voltou à calma. Sentíamos imperiosa necessidade de prestar ajuda aos habitantes da cidade, mas a disciplina nos obrigava a permanecer na estrada.

Atravessamos o Reno ao chegar à altura de Colmar e, em seguida, fomos acercando-nos lentamente das fraldas dos Vosgos. Tive que vencer muitas dificuldades para controlar as viaturas que estavam sob meu comando.

Naqueles momentos não podia prever a espantosa noite que me aguardava. Os Vosgos estavam cobertos por uma capa de neve de meio metro de espessura e quando chegamos ao cume das montanhas o adiantado da noite tornou a nossa marcha muito difícil. Deslocava-me a pé para a frente e para a retaguarda da coluna, procurando cumprir a minha missão da melhor maneira possível. O pessoal da Divisão, incluídos os motoristas, ajudou para que fossem sobrepujados todos os obstáculos; a tirar das valas as viaturas que tinham derrapado sobre elas. Pude verificar que os conhecimentos técnicos dos soldados não estavam à altura das circunstâncias; cheguei ao ponto de me ver obrigado a determinar que se lançasse num abismo uma viatura que impedia a marcha das outras.

Não creio estar exagerando ao dizer que avançávamos a passo de tartaruga. A terrível noite que passamos foi como as anteriores. Consegui chegar à cidade francesa de Lure, onde me esperava o Capitão Rumohr, que nos tinha precedido. Ali, impaciente, esperamos até meio-dia, já que, das duzentas viaturas que integravam a coluna, só entraram na cidade umas cinquenta. O Capitão foi suficientemente compreensivo para não culpar ninguém. Sabia que seus homens não estavam capacitados a fazer frente às enormes dificuldades encontradas, por não terem uma preparação adequada.

À noite passamos por Vesoul, chegando, pouco depois, a Port-sur-Saône, que era nosso destino. Não pudemos desfrutar do merecido descanso, já que chegou ordem para a nossa Divisão pôr-se em marcha a 21 de dezembro, o que nos fez pensar que iríamos intervir na conquista da França não ocupada. Chegamos à cidade de Marselha sem fazermos sequer um alto e levando, somente, o combustível e lubrificantes, as munições e os

víveres necessários. Tínhamos que deixar para trás o resto do equipamento e fomos alertados de que, talvez, seríamos obrigados a entrar em combate.

O Capitão Rumohr e eu tivemos que enfrentar o problema de carregar nas viaturas o máximo possível. Todavia, a maior preocupação era sobre o combustível que necessitávamos para chegar a Marselha. Contávamos com uma viatura-cisterna de doze toneladas; mas os pneus estavam em tão más condições, que era impossível saber se conseguiriam chegar ao destino. No caminho fiquei sabendo que uma tropa do nosso Exército estava acampada em Langres.

Ao chegar lá constatamos que todos estavam comemorando as festas natalinas e a maioria dos oficiais tinha viajado para a pátria a fim de aproveitarem as suas licenças. Tive que tratar com um sargento teimoso e irresponsável, a quem pedi ajuda. Conversei com ele durante uma hora, Ofereci-lhe todos os cigarros holandeses que levava e tentei convencê-lo para que tomasse uma decisão positiva. Cheguei até a contar-lhe algumas piadas, que lhe agradaram muito. Mas mostrou-se irredutível. Sentime desalentado, pois não podia informar-lhe da nossa missão, que era considerada rigorosamente secreta.

Eu não sabia o que fazer. Senti calafrios. Vi-me completamente desamparado. Necessitava dos pneus urgentemente e o teimoso que estava na minha frente não podia ou não queria ajudar-me.

Decidi então atacar diretamente e disse-lhe:

— Só posso dizer que a sua ajuda é de vital importância e você não pode negá-la!

A seguir acrescentei, caçoando:

— Caso contrário, utilizarei os canhões de minha Unidade para obter estes pneus.

Minhas palavras deixaram-no boquiaberto, e deixou-se convencer.

Voltei para a Unidade muito satisfeito, porque acreditava ter assegurado o êxito da marcha. Conseguimos todo o necessário vinte e quatro horas antes de reiniciar a marcha, cujo início estava previsto para 23 de dezembro, às quatro horas. Mas uma ordem súbita suspendeu esse deslocamento. Por isso, preparamos uma pequena festa de Natal na escola da localidade.

Destinaram, para meu alojamento, a casa de um médico francês. Não foi difícil ficar íntimo dos meus novos anfitriões, o que me deu a oportunidade de melhorar meu deficiente francês.

Durante os dias da minha estada na localidade, pude comprovar que muitas das suas casas estavam completamente arrasadas, inclusive as da rua principal. Mas pareceu-me que as ruínas não eram tão recentes para terem sido ocasionadas pela guerra. Meu anfitrião deu-me uma explicação sobre isto: a juventude tinha iniciado uma emigração maciça para a cidade. Isto e o decréscimo da natalidade fizeram o resto. O que me fez pensar:

"Que país de sorte! Dispõe de tanto espaço, que até pode permitir-se ao luxo de deixar que suas casas se convertam em ruinas."

Pouco depois do Natal tive permissão para ir à minha casa. Que alegria voltar ao lar! Qualquer permissão, por menos que seja, é considerada uma maravilha. Infelizmente, a alegria durou apenas dois dias, pois um telegrama me ordenou que retornasse à minha Unidade. Pensei que a situação tivesse piorado e que os acontecimentos so precipitariam.

Abandonei todos os meus planos. Tomei o trem que me levou para o Leste. Ao chegar ao meu destino, fui informado de que devia apresentar-me ao General Hausser, o comandante da Divisão. Eu tinha a consciência tranquila e acreditava que nada de novo me esperava. Mas sofri uma grande decepção!

Quando me apresentei ao general, este desandou a censurar-me por ter eu exigido que me entregassem os pneus que necessitara. No primeiro momento não compreendi suas palavras. Mas, pouco a pouco, fui inteirando-me de que vários oficiais, ao regressarem ao acantonamento depois das suas permissões, foram informados de que eu exigira, sob ameaças, que me fornecessem os pneus, o que os levou a dizer que esperavam que eu fosse devidamente castigado, e outras coisas mais.

Fiquei atônito. Mas consegui reagir depois de um espaço de tempo e expliquei tanto o motivo quanto as circunstâncias de minhas exigências. Cheguei, inclusive, a dizer que a minha prisão seria merecida no caso de não ter agido acertadamente, mas que eu me limitara a cumprir as ordens recebidas.

Quando terminei a explicação, percebi que Hausser compreendera que o teimoso só tencionava eximir-se. Por isso decidiu fingir que me castigava — queria salvar as aparências — e assim o assunto ficou resolvido. Chegou até a dizer-me que eu podia ir embora desfrutar da minha permissão, pois que ele ignorava ter apressado a viagem apenas por este motivo. Apesar disso, conseguiu perturbar minha alegria. Abri mão da permissão e me consolei maldizendo como nunca o que tinha feito.

O "Grupo suplementar das SS", como éramos denominados naquela época, estava submetido a uma disciplina mais severa do que as demais tropas do Exército alemão. Disso não nos queixávamos. Pelo contrário, sabíamos que éramos considerados uma elite, e a disciplina servia de estímulo à tropa, para melhor superar as difíceis missões que nos eram determinadas.

Creio ser interessante citar alguns fatos que demonstram a severidade dessa disciplina.

Durante o tempo que durou a campanha da França, no verão de 1940, fomos obrigados a cumprir as severas ordens com as quais nos "distinguiam".

Qualquer excesso era castigado severamente; não nos era permitida a mais insignificante fraqueza.

As leis raciais, tão discutidas no estrangeiro, foram a causa dos duros castigos que tiveram que cumprir dois soldados da nossa Divisão.

Quando ocupamos a cidade de Biarritz, o comando militar alemão permitiu que um bordel francês continuasse funcionando. Entre as prostitutas daquela casa de prazer havia duas mulatas que exerciam as suas funções exatamente igual às demais. E, quando se soube que dois jovens das SS tinham preferido os "serviços" das duas mulatas, foram levados ante um Tribunal de Guerra que os condenou a severas penas.

Outro caso aconteceu durante as festas natalinas, nas imediações da cidade de Vesoul. Um cidadão francês se apresentou em nosso Comando afirmando que um soldado tentara violentar a sua esposa, acrescentando que somente a sua presença, inesperada, impedira a consumação do fato. Até agora, ignoro se a denúncia era verdadeira, pois a mulher não apresentava qualquer sinal de violência. Mas, apesar disso, o soldado teve que comparecer ante um Tribunal de Guerra, que o julgou culpado e o condenou à morte, sendo fuzilado.

A dura disciplina que nos impunham era uma demonstração palpável de que nos consideravam a elite do Exército alemão e, portanto, exigiam-nos mais do que aos outros e nos obrigavam a comportar-nos de maneira irrepreensível em todos os momentos.

Para a população ocupada, as sentenças eram um sinal de que o Comando não tolerava abuso algum contra ela.

O restante do Exército alemão desfrutava de certas liberdades, ao passo que nós, os SS, tínhamos que obedecer a severíssimas regras que nos

impunham. Por este motivo, assim o creio, aquela férrea disciplina fora a causa de nosso orgulho, de nossa evidente sensação de superioridade, da barreira invisível que nos separava do restante do Exército, e causa determinante das duras provas pelas quais devíamos passar antes de sermos escolhidos para formar parte dessa tropa de elite.

O inverno de 1940-41 foi muito rude. Sofremos suas inclemências, por termos acampado nas cercanias de Langres, zona conhecida pela dureza do clima.

Continuamos cumprindo estritamente as ordens que recebíamos. Ao mesmo tempo percebíamos que a nossa Unidade, pouco a pouco, ia ficando mais coesa. As viaturas que tinha sob o meu comando já não me proporcionavam tantas preocupações, pois tanto os mecânicos como os motoristas estavam mais habituados com elas. Graças a eles eu tinha mais horas livres. Naturalmente, aproveitei as horas de lazer para aperfeiçoar meus conhecimentos de balística e para ir conhecendo melhor os meus homens.

Não demorei muito e comprovei que Santa Bárbara, a Padroeira da Artilharia, estava a meu lado. Em pouco tempo eu estava dominando a técnica do tiro.

No princípio do ano acampamos num lugar onde fazíamos exercícios de tiro. O comandante do Regimento, Coronel Hansen, com quem eu me entendia muito bem, dava-nos toda a atenção.

Certo dia, quando eu passava diante do seu posto de comando, chamou-me, dizendo que havia uma sobra de munição e, por isso, desejava que eu demonstrasse do que era capaz.

— Você está vendo aquelas colinas? Diante delas se alinha um certo número de carros de combate que devem ser destruídos. Assuma o comando da Bateria!

Tão inesperada ordem me deixou perplexo. Não estava preparado para enfrentar semelhante situação, pois não estivera presente aos exercícios de tiro efetuados anteriormente. Só me animou o pensamento de que não podia passar pelo ridículo em presença de outros oficiais; tampouco podia consentir que me considerassem um inútil.

Dei as ordens que acreditei corresponderem ao objetivo, de forma algo confusa. Sentia-me humilhado toda vez que os cálculos falhavam e os projéteis disparados não acertavam no alvo. Mas como eu dominava a técnica, consegui acalmar-me pouco a pouco e calcular a trajetória do tiro

com bastante precisão. A partir daquele dia, me senti completamente integrado na minha Unidade. Sabia que poderia ajudar em caso de emergência e que o meu trabalho não se limitaria, somente, às viaturas.

O relacionamento entre nossas tropas e a população francesa era excelente. Em consequência de inúmeras palestras, pude verificar que tanto os franceses como os alemães não viam razão para essa guerra, nem sentido em nossa aparente inimizade. Pude comprovar que os patriotas franceses temiam que a Europa do futuro não permitisse à França ter um papel importante no concerto das nações. Falavam assim quando impulsionados pelo orgulho; o orgulho que animara o passado da França através de séculos e mais séculos de glória. Mas... também pude comprovar que os patriotas franceses, por muito vigorosos que fossem, conformavam-se em pensar na construção de uma base puramente europeia, que pudesse abrir as portas a qualquer entendimento.

CAPÍTULO IX

Marcha para a Romênia — Demonstrações amistosas na Hungria — Os autênticos Bálcãs — Tenente desde 30-1-1941 — Batismo de fogo — Luta com os carros — Prisioneiros sérvios — Um povo alemão — Amizade e hospitalidade — Belgrado — Regresso à Áustria — Falta de autenticidade.

Da mesma forma como fomos colhidos de surpresa com a transferência para a França, surpreendeu-nos uma nova ordem. Isto não é de estranhar, pois seguíamos o desenrolar dos acontecimentos políticos e militares no Sul da Europa.

A guerra que se declararam os governos da Itália e da Grécia não acreditamos ser derivada de uma participação dos alemães na mesma. Sem embargo, as divergências produzidas entre o governo iugoslavo e o alemão foram causa determinante da intervenção.

Nossa Divisão Das Reich recebeu ordem de invadir, em curto espaço de tempo, o Sudoeste da Romênia.

Era indiscutível que, à medida que o tempo transcorria, íamos convertendo-nos em veteranos. A partida — que para nós representava entrar novamente em ação, depois de uma grande temporada de descanso — foi fixada para o fim de março de 1941. Apesar disso, nenhum de nós pensava que interviríamos numa guerra séria, com todas as suas consequências, cujo cenário seria o Sudeste da Europa.

Iniciamos a nossa viagem com um tempo primaveril. Presenciamos as primeiras nevadas e tormentas tão próprias dos meses de abril; recebemos as carícias de um sol que tentava abrir caminho através das nuvens. Mas, apesar de tudo, as mudanças meteorológicas não nos causavam grandes problemas. Nossos homens já tinham ultrapassado o período de aprendizagem!

Ao chegarmos a Ulm continuamos pela estrada, onde vimos intermináveis comboios rodando em direção ao leste. Passamos diante das cidades de Augsburg e Munique e nos dirigimos à fronteira austríaca. Quando chegamos a Ried, tivemos um dia de descanso. Ali pudemos comprovar que a população se comportava como se não estivéssemos em

guerra. Chegava ao ponto de parecer-nos impossível que o itinerário conduzisse à frente de combate.

Obtive uma permissão para permanecer em Viena, o que me permitiu passar uma noite com a família. Na manhã seguinte voltei a reunir-me com minha Unidade na fronteira húngara, de onde continuamos o avanço. Não deixei de estranhar a amabilidade com a qual o povo húngaro nos recebeu. Notei que as demonstrações de amizade não se restringiam à hospitalidade, tão característica deste povo, mas iam muito além.

Os húngaros se esmeravam em fazer-nos compreender que lhes era agradável confraternizar com os alemães. Nossa passagem através das ruas de Budapeste foi objeto de uma recepção igual à dispensada por um povo às suas próprias tropas vitoriosas. Foi tão grande o entusiasmo da população, que os nossos veículos se viram verdadeiramente bombardeados com flores, tabletes de chocolate, cigarros e laranjas. A Avenida Donaukai estava apinhada de gente que nos aplaudia. Passamos por Azolnok e chegamos a Gjula, na fronteira romena. Estávamos nos Bálcãs. A poeira das estradas nos envolvia.

A partir daquele momento tive um sem-fim de preocupações, pois as más condições das estradas nos causaram um elevado número de avarias. Cada uma delas se convertia num problema que deveríamos resolver custasse o que custasse. Contudo, estávamos relativamente tranquilos, pois sabíamos que encontraríamos nas cidades guarnições alemãs que nos podiam prestar ajuda.

Acantonamos numa zona situada ao sul de Temesvar, perto da fronteira iugoslava. Constatamos que a maioria dos camponeses era de origem alemã; receberam-nos com muita simpatia, o que motivou que o rancho distribuído aos soldados fosse desdenhado pela maioria da tropa.

O Banat é uma das zonas agrícolas mais ricas da Europa. Os colonos alemães, antigos donos e senhores das referidas terras durante vários séculos, tiraram grande proveito delas, fazendo-as frutíferas e convertendo-as num verdadeiro paraíso.

As casas dos camponeses serviram, cada uma, de alojamento a um ou dois soldados alemães, que foram tratados como hóspedes de honra. A mim coube alojar-me na casa de uma senhora relativamente pobre. Seu marido tinha-se incorporado no Exército romeno há alguns meses, e só podia vir para casa quando obtinha uma dispensa, assim mesmo se a mulher lhe enviasse dinheiro. Fiquei sabendo então que as permissões aos oficiais e

sargentos do Exército romeno estavam relacionadas diretamente com o dinheiro que possuíam. Quando dei um dinheiro à senhora, vi o resultado dois dias depois: seu marido veio de férias.

Um dia, ao anoitecer, o Capitão Rumohr mandou chamar-me. Ao chegar ao seu posto de comando, encontrei-o sentado a uma mesa acompanhado de outros oficiais. Leu um documento que dizia:

"O Aspirante-a-Oficial Skorzeny foi promovido a 2º Tenente da Reserva a contar de 30 de janeiro de 1941."

Como num passe de mágica, o Ajudante tirou duas insígnias do bolso e colocou-as nos ombros da minha velha túnica.

Em seguida, foram abertas algumas garrafas de vinho e não é preciso dizer que a festa se prolongou até a madrugada.

Percebemos, pelo aumento de munições recebidas e por outros indícios, que as coisas começavam a ficar sérias. Na noite de 5 de abril de 1941, pusemo-nos em marcha até a fronteira. O tempo não se mostrou benevolente conosco; chovia a cântaros. As estradas, que já estavam em más condições, converteram-se em lodaçais, dificultando nosso avanço. Os sofrimentos aumentaram quando nos vimos forçados a deixar a estrada principal, pouco antes de chegarmos à fronteira. Os motoristas das viaturas enfrentaram uma série de dificuldades.

Tivemos que empurrar as viaturas para poder avançar até conseguirmos que ficassem cobertas sob os alpendres e telhados dos casas dos camponeses.

Sabíamos que a fronteira estava a uns cem metros ao sul da localidade e que nossas baterias estavam em posição a uns dois quilômetros atrás, prontas para atirar. Em consequência de não ser necessária minha presença na seção, apresentei-me voluntariamente na Quarta Bateria. O Capitão Neugebauer, um velho oficial da reserva, instalara-se num imenso monte de feno que lhe servia de observatório, a poucos metros da fronteira. Os fios telefônicos que nos ligavam com a retaguarda foram estendidos durante a noite anterior. Com meu telômetro vi perfeitamente o traçado das trincheiras situadas a uns mil e quinhentos metros da fronteira. Mas isto não era tudo. Atrás da interminável escavação erguiam-se as fortificações do inimigo. Pude distinguir o telhado de uma casa entre as árvores de um bosque. Sabia que estava ocupada pelo inimigo e supunha que abrigasse os componentes de seu estado-maior.

Fora planejado um ataque com a Infantaria, a ter início às 5 h 45 min, e apoiado pelos nossos carros leves. Era domingo, 6 de abril de 1941.

Todos estávamos bastante excitados, porquanto nossa unidade teria seu batismo de fogo. Deixei-me contagiar pelo entusiasmo geral; era a primeira vez que ia tomar parte num combate de verdade. Só posso dizer que, quando alguém se encontra em semelhante situação, tem a sensação de que os minutos passam muito devagar, demasiado devagar... Recordamos todas as instruções pela enésima vez e voltaram a repetir-nos as ordens. Todos os homens estavam convenientemente entrincheirados e não paravam de olhar para as linhas inimigas.

O Capitão Neugebauer tomou um grande trago de seu cantil e brindou comigo pelo sucesso da missão. A cachaça húngara nos fez muito bem; deu-nos um pouco de calor e apaziguou o temor que tomara conta dos nossos ossos. Mas... aumentou nosso nervosismo. Comentei a estranha sensação que sentia e o veterano capitão me deu uma explicação. Afirmou que todo soldado se sente terrivelmente excitado antes de iniciar-se uma batalha. Tive que lhe dar razão. Sentia tal impressão em meu próprio corpo!

Neugebauer deitou-se ao meu lado sobre o montão de feno e fumou tanto como eu, a despeito das proibições. A última olhada ao relógio nos mostrava que eram 5 horas e 44 minutos. Chegara o momento! O Capitão Neugebauer transmitiu a esperada ordem: Fogo!

Imediatamente vimos que as granadas passavam sobre as nossas cabeças. Cronometramos o tempo: dezesseis segundos. Não tardaríamos em ver os resultados! Observamos que as explosões se produziam nas orlas do bosque. O alcance foi corrigido. Atingimos o alvo.

As salvas foram-se sucedendo enquanto mudávamos as coordenadas segundo os resultados alcançados.

Os carros inimigos começaram a atirar contra nós e várias metralhadoras dispararam sobre nosso flanco direito. Apressamo-nos a enterrar os narizes no feno à espera dos acontecimentos. Jamais poderei expressar os pensamentos que se apoderaram de mim. Às 5 horas e 59 minutos foi dada a ordem:

"Estender o fogo"!

Imediatamente começamos a atirar contra determinados pontos da estrada, que se prolongava de um lado e de outro da fronteira.

As trincheiras inimigas começaram a se animar. Um carro nosso foi atingido e se converteu numa fogueira. A seguir, vimos uns pontinhos

avançando em sentido contrário. Nossa infantaria estava em ação! A confusão foi aumentando. Não me foi possível deixar de pensar que jovens, cheios de saúde e de vida, iam até a morte para defender suas respectivas pátrias. Todos cumpriam com o dever, e acreditavam estar com a razão.

Ao fim de duas horas, a calma voltou a reinar. Recebemos ordem de avançar. Às dez em ponto estávamos na estrada e progredíamos lentamente. Voltei ao estado-maior. Pouco demorou para chegarmos às trincheiras inimigas, nas quais vimos as primeiras consequências do combate. Os médicos e os padioleiros não paravam um só momento. Recolhiam os feridos aplicando-lhes os primeiros socorros. As ambulâncias transportavam os mais graves para a retaguarda; vi que muitos já não necessitavam de mais nada, absolutamente nada! Mas, apesar de tudo, os mortos também foram recolhidos e alinhados para serem identificados. Um estranho pensamento me ocorreu: o destino do soldado é estar em forma. Só pode abandonar seus companheiros após o sacrifício supremo, mas mesmo assim volta junto a eles, colocado outra vez em forma.

A seguir, deixamos nossas posições e, sobre uma ponte construído pelos nossos engenheiros, atravessamos as trincheiras que tinham uns 5 metros de largura. A marcha foi dificultada devido aos engarrafamentos. Isto me permitiu tempo para fazer um reconhecimento nas redondezas. Vi um carro de combate atrás de uns arbustos e me perguntei se seria o mesmo que tinha atirado contra nós.

Observei que muitas posições tinham sido mantidas pelos soldados sérvios até o último momento. Os fuzis, com as baionetas caladas, estavam jogados no chão ao lado dos soldados que acabavam de morrer. Contemplei os seus rostos; rostos de camponeses que começavam a ter a pálida cor da morte. Notei que a maioria dos soldados sérvios tinha bigodes pretos e muito espessos.

Inesperadamente me encontrei diante de um grupo de prisioneiros. Agachavam-se mostrando uma passividade tipicamente oriental. Fumavam um cigarro, ou mastigavam um pedaço de pão, ou se limitavam a permanecer agachados olhando para o céu. Não nos encaravam quando nos acercávamos deles. Encontrei um velho soldado que falava alemão. Disse-me ser oriundo da Bósnia e que, há muitos e muitos anos, alguns soldados austríacos ensinaram-no a nossa língua. Acrescentou:

— Não tivemos muitas perdas. Sabíamos que não podíamos lutar contra vocês, e agora compreendemos que, para nós, a guerra terminou. Só me

preocupa uma coisa: quando poderei voltar para casa?

Isto parecia ser a única coisa a preocupá-lo. Sentia tão-somente nostalgia; nada mais!

Tentei consolá-lo dizendo:

— Não tardarás muito em regressar ao teu lar. Tenha paciência.

O homem agradeceu minhas palavras com uma profunda reverência.

Continuamos avançando, vários quilômetros, até chegarmos a Vrsac. A cidade fora conquistada por nossas tropas poucas horas antes. Seus habitantes foram, provavelmente, surpreendidos diante da inesperada aparição dos soldados alemães; constatamos que da luta só havia sinais. As ruas ofereciam um aspecto completamente normal; pude até entrar numa tabacaria onde comprei um pacote de cigarros; não tive dificuldade alguma em pagar com marcos; aceitaram a moeda com naturalidade, como se esta tivesse curso normal no país. Ao dar-nos o troco, o vendedor não tentou lograr-me, coisa rara, naquelas paragens. Certamente não tivera tempo de recuperar-se do susto que levara ao ver seu país invadido pelos alemães em apenas uma noite. Em Vrsac constatei a razão da familiaridade que me despertara a paisagem da Hungria.

Todos os edifícios, as Escolas, as Igrejas e a Câmara Municipal ofereciam uma semelhança com os das outras cidades, o que demonstrava que tinham reminiscências da antiga época austro-húngara que ali deixara os vestígios da sua cultura. O estilo dominante era idêntico ao de todos os edifícios públicos da Áustria. Até os postes de luz das ruas eram idênticos aos de Viena. Tive a sensação de ter retrocedido um século no tempo.

Prosseguimos o avanço até chegarmos às imediações de Pancevo. A partir dali continuamos em marcha descoberta. Tudo levava a crer que nas margens do Danúbio não havia inimigo. Ficamos sabendo que a nossa seção de reconhecimento, sob o comando do Capitão Kligenberg, já tinha entrado em Belgrado com a ajuda de alguns barcos. Mas, apesar disso, a cidade ficara completamente isolada; não podia ser alcançada nem navegando pelo rio nem por terra, uma vez que a longa ponte que conduzia a ela tinha sido destruída. Não soubemos o que fazer para chegar a Belgrado; não dispúnhamos de meios para atravessar o rio, com o grosso de nossas tropas.

No flanco leste havia uma pequena colina ocupada por tropa inimiga. Moradores locais informaram que essa tropa era constituída por sérvios que há pouco tinham transitado pela localidade.

Recebi ordem para fazer um reconhecimento na região. Os caminhos e as estradas estavam intransitáveis em consequência das copiosas chuvas. Pensei, acertadamente, que, se desviasse da estrada principal, as viaturas ficariam atoladas no barro. Parti com dois caminhões; determinei que em cada um deles subissem doze homens e iniciei o reconhecimento.

Aproximávamo-nos das localidades adotando toda sorte de precauções; quando entrávamos nelas, desembarcávamos e avançávamos a pé. Pudemos constatar que todas as nossas suspeitas eram infundadas, já que não tivemos necessidade de enfrentar qualquer imprevisto. Quando entramos na terceira localidade, que nos pareceu a maior e mais importante de todas, fomos recebidos por seus habitantes, que nos saudaram com grande amabilidade. Era estranho! Mas rapidamente percebemos que estávamos diante da comunidade alemã de Karlsdorf. Nunca presenciara uma alegria semelhante à que mostravam aquelas pessoas; nunca me sentira tão bem recebido como naqueles momentos. Nossos entusiasmados amigos não queriam que partíssemos. Mas não podíamos deixar de cumprir a missão que recebêramos. Antes que partíssemos, advertiram-nos de que os habitantes das duas localidades que vinham a seguir eram sérvios.

A partir daí redobramos as medidas de segurança.

Determinei que o Prefeito se apresentasse a mim; este me informou que vários grupos de soldados sérvios dirigiram-se às montanhas, de onde pensavam oferecer-nos resistência. Atendendo a um súbito pressentimento, determinei que uma das viaturas continuasse por um caminho paralelo ao que seguíamos, situado meio quilômetro ao sul. Decidi que avançaríamos por diferentes vias de acesso até chegarmos ao sopé de uma colina onde iríamos unir-nos novamente. Não ignorávamos que, em caso de emergência, poderíamos progredir através dos campos para cortar caminho e nos reunirmos mais rapidamente.

Seguimos avançando; perdemos o outro veículo de vista várias vezes, sempre que ficava oculto pelas árvores ou pelas dobras do terreno. Quando chegamos ao pé da colina, nos reunimos. Continuamos o nosso avanço a pé, enquanto as viaturas nos seguiam lentamente.

De repente, ouvi gritos vindos do outro grupo e, imediatamente, alguns tiros nos surpreenderam. Apressamo-nos em cobrir-nos e dei ordem de preparar as duas metralhadoras.

Não passara muito tempo, quando vi um grupo de soldados inimigos que avançavam sobre as nossas posições. Ordenei aos meus homens que

não atirassem e que aguardassem para ver o que iria suceder. Quando vi que o inimigo estava a uns oitenta metros, gritei com todas as forças dos meus pulmões: stoi (alto), o que os colheu de surpresa. Ficaram parados durante alguns segundos e, em seguida, entregaram-se.

Após alguns instantes ouviram-se, outra vez, alguns disparos isolados. Isto causou um efeito desconcertante nos inimigos, que se apressaram a lançar as armas ao solo. Fiz sinais para que se aproximassem, mas tive a precaução de situar-me num lugar protegido, para o caso de haver algum perigo. Minhas precauções foram desnecessárias. Tinha vencido. O tiroteio cessou como se fosse obra de magia.

Os sérvios se aproximaram com os braços levantados. Notei que o número deles ia aumentando e comecei a ficar intranquilo. Em seguida pensei: "Deus queira que tudo termine bem! O que acontecerá quando se derem conta de que são em maior número do que nós?"

Comprovei que tinha protegida a retaguarda pelo segundo grupo dos meus homens, que apontavam os fuzis para os sérvios. Quando conseguimos reuni-los todos, vimos que tínhamos capturado uns sessenta homens, entre os quais cinco oficiais. Deixamos a estes suas pistolas e amontoamos as armas dos soldados. Vimos que existiam duas carroças ao lado de uma lavoura. Atrelamo-las às nossas viaturas e ordenamos que os prisioneiros subissem nelas; embarquei os oficiais no caminhão para estar mais seguro. Meu intérprete informou-me que tínhamos feito prisioneiro o último grupo que oferecia resistência, já que o resto do Exército sérvio fora completamente destruído.

Regressamos à base vagarosamente. Ao passar pelas localidades sérvias, acelerávamos a marcha e as carroças davam saltos devido ao mau estado do terreno. Os prisioneiros tiveram que se agarrar com força para não serem jogados ao solo; mas não perdemos um sequer. Só quando chegamos o Karlsdorf pude respirar aliviado.

A seguir, percebi que o ambiente da cidade mudara sensivelmente no curto espaço das duas horas transcorridas entre nossa chegada e nosso regresso. As ruas estavam cheias de gente, como se todos os habitantes tivessem saído das casas. Ao desembocarmos na Praça do Mercado vimos que a rua principal estava coberta de folhagens recém-cortadas. Dir-se-ia que o povo se preparava para alguma festa. Fizeram-nos parar diante da Câmara Municipal e um Professor da localidade pronunciou um discurso de boas-vindas. Notei o tremor de sua voz e a grande emoção que o

embargava. Balbuciava e só por meio de um esforço sobre-humano conseguiu conter as lágrimas.

Estávamos completamente atônitos, não compreendíamos o que estava ocorrendo! Não esperávamos semelhante recepção!

Até os prisioneiros ficaram contagiados pela emoção geral; não sabiam o que fazer nem como reagir.

Aquilo me fez pensar: "Recebem-nos como semideuses. Mas não somos mais do que simples homens, simples soldados que acabam de cumprir o dever!"

Inesperadamente me vi frente ao Prefeito, que estava vestido com um fraque. Apressei-me em saltar da viatura e pensei que devia dar-lhe a mão e cumprimentá-lo corretamente. Mas uma coisa é pensar e outra é agir. Uma verdadeira nuvem de pessoas me rodeou; todos se lançavam para estreitar-me a mão, faziam todo o possível para chegar até a mim. Não sabia o que fazer nem como agir. Faltavam-me braços, mãos, dedos... Tive que estreitar inúmeras mãos, segurar uma grande quantidade de flores recém-cortadas nos campos. O Prefeito pigarreou, fez um grande esforço e, finalmente, conseguiu falar.

Tratou-nos como seus concidadãos e expressou o desejo de ver-nos em sua cidade num futuro próximo. Disse que os habitantes estavam dispostos a lutar pela Alemanha e terminou o discurso convidando-nos, em nome do povo, a comer, dizendo que todas as casas tinham as mesas preparadas para hospedar meus soldados.

Fui obrigado a responder que não podia aceitar os múltiplos convites, acrescentando não poder dispersar os homens por toda Karlsdorf. Mas ao ver sua expressão consternada, acrescentei:

— Mas podemos comer todos juntos. Não posso negar que estamos com fome...

Lembrei, por outro lado, que tinha um grupo de prisioneiros sérvios. Decidimos alojá-los num velho edifício e um veterano do Exército austro-húngaro encarregou-se de sua custódia.

Dirigi-me, com meus homens, à casa do Professor levando comigo os cinco oficiais, que foram trancados num quarto. Em seguida, o povo em massa trouxe o que tinha preparado para nós. Mal havia espaço nas improvisadas mesas para a imensa quantidade de travessas e pratos cheios de iguarias que foram amontoados um em cima do outro formando pilhas

de 3 a 4 pratos. Além do mais, os habitantes da cidade careciam de imaginação; todos os pratos eram iguais.

Os "importantes" da localidade tomaram assento junto a nós, enquanto o resto da população se apinhava no pátio, diante da porta e das janelas da casa.

Não exagero quando digo que comemos durante três horas seguidas. Não nos concederam um só minuto de repouso. Obrigaram-nos a saborear todos os pratos e provar todos os vinhos. Nossas bochechas, estufadas pela comida, não permitiam que respondêssemos à avalancha de perguntas que nos faziam e acredito que não poderia ter suportado tão dura como agradável prova se não fosse a abundância de bebidas. Quando, finalmente, pude dizer que já tínhamos comido bastante, mal tinha forças para falar.

Notei que aquele grupo de alemães, que vivia no estrangeiro há anos, tinha idealizado a nova Alemanha. Sentiam verdadeiras ânsias por saber todos os detalhes, por sentirem-se como uma parte de sua longínqua pátria. Procurei satisfazer a seus desejos e lhes expliquei tudo que havia de bom e maravilhoso. Ouviram-me boquiabertos, com a respiração presa, sem interromper-me um só momento. Deu-se até o caso de uma moça paralítica que expressara o desejo de ver e ouvir os irmãos de sua grande pátria; foi levada com cama e tudo ao local onde estávamos.

Não foi fácil despedirmo-nos daquela amabilíssima gente, mas "o dever é o dever e a bebida é a bebida", segundo diz um velho provérbio. Por isso fomos obrigados a nos despedir, prometendo que regressaríamos algum dia. Sabíamos e sentíamos que sempre seríamos bem recebidos.

Não pudemos impedir que enchessem três imensas caixas com a comida que sobrou, nem que nos obrigassem a levá-las. Quando chegamos nas viaturas, verificamos que as caixas já tinham sido embarcadas. Os oficiais sérvios sentiam-se aliviados, já que puderam participar da festa e olhavam com mais otimismo os futuros anos de cativeiro. O resto dos prisioneiros, entretanto, deixei na localidade, dizendo que mandaria recolhê-los no dia seguinte.

Chegou o momento da despedida final. Outra vez tivemos que estreitar inúmeras mãos. Tive a impressão de que me despedia de velhos amigos, de antigos camaradas de outros tempos. As crianças voltaram a oferecer-nos flores e entoaram a antiga canção alemã:

Muss i denn, muss i denn zum städtle hinaus...

O sol se escondia no horizonte, como um imenso disco vermelho, quando nos dirigíamos para o Oeste.

Nossas explicações sobre a extraordinária forma como tínhamos sido recebidos, os prisioneiros e as três caixas repletas de iguarias encheram de júbilo os homens do Regimento.

O Coronel Hansen demonstrou muito interesse pelas minhas explicações, assim como pelo desenrolar da missão, dando a ela mais importância do que eu imaginara. Escutou minhas palavras sem pestanejar e, quando terminei as explicações, disse:

— Poderia condecorá-lo agora com a Cruz de Ferro, mas não quero apressar-me; sei que a obterá um dia ou outro. Acabo de pedir sua promoção a Primeiro-Tenente e a proposta foi aceita. Felicito o de todo o coração. Espero que aceite a promoção!

Naturalmente que a aceitava! Nunca tinha esperado tal promoção, nem nos momentos de maior euforia!

Creio que meu Jawohl e o ardor dos meus agradecimentos refletiram o meu estado de ânimo. Devo reconhecer que naqueles momentos minha personalidade civil diluíra-se.

Aproximamo-nos de Pancevo, localidade situada perto de Belgrado. Os soldados que ocuparam a Capital aumentaram numericamente; novas tropas tinham chegado. Os prósperos habitantes dos arredores, onde acampamos durante a marcha, eram quase todos alemães. Fomos recebidos com grandes demonstrações de alegria e tratados como se fôssemos seus filhos adotivos. Em Pancevo pudemos desfrutar de uma vida normal. Quando visitava o velho café da Praça do Mercado, o garçom me servia uma taça de mokka com nata e torta de queijo; parecia estar nos meus queridos cafés vienenses, embora o local fosse mais velho e apresentasse a sujeira oriental.

Não demorou para que recebêssemos ordem de seguir até Belgrado; durante o deslocamento, observei os resultados dos ataques dos Stukas. (Na ocasião, tais resultados atraíam a nossa atenção). As ruas continuavam cheias de escombros; as calçadas pareciam uma interminável linha de ruínas. Mas o que mais me chamou a atenção foi a ausência de soldados alemães na Capital. A população civil voltava a encher as ruas e praças, mas demonstrava que não queria esquecer os ataques aéreos que acabara de sofrer a sua querida cidade. Vi semblantes carregados, nenhum sorriso.

Passamos várias semanas nas cercanias de Pancevo na condição de tropas de ocupação, o que nos permitiu comprovar que, quando o tempo era

bom, os caminhos e as estradas tornavam-se transitáveis. Estabelecemos relações cordiais com a população alemã e passamos uma temporada bastante agradável.

Todavia, ignorávamos o que o destino nos reservara para aquele ano. Apesar de estarmos ali muito à vontade, recebemos com satisfação uma nova ordem de deslocamento. Nossa Divisão foi transferida para o leste da Áustria. Senti grande alegria por poder passar algumas semanas na pátria.

Ao pisar o solo austríaco, empreendi uma viagem a Viena, onde fiz uma curta visita à família. Todos os meus familiares estavam orgulhosos de mim, especialmente meu pai, que não deixava de olhar com admiração meu uniforme de oficial. Não podia esquecer que ele era um oficial da reserva do Exército austríaco na Primeira Guerra Mundial e que sempre recordava aqueles anos como uma experiência sumamente interessante. Tinha um grande sentimento do dever e menosprezava a todos aqueles que não cumpriam com a sua obrigação. Nunca esquecerei as palavras que me disse:

— Os tempos de guerra e de penúria aumentam o dever que todo o cidadão tem para com sua pátria. Todo soldado deve cumprir fielmente as ordens que recebe, mas o oficial tem a obrigação de dar exemplo pela conduta e pelo valor. O oficial só tem um dever a cumprir, mas este é de capital importância e pode resumir-se numa só frase: "Defender a pátria".

No curso das semanas seguintes tivemos um enorme trabalho, preparando e instruindo convenientemente nossos soldados. Tivemos que recompletar todas as perdas, em homens e material. Só então constatamos o exato preço que pagamos pela curtíssima incursão bélica. Minha seção era a mais atingida de todas, o que me deu muito que pensar.

Nossa Divisão tinha sido formada depois da campanha da Polônia. Pouco tempo após sua criação, tivemos que aumentar o nosso material com centenas de viaturas que tínhamos capturado na campanha do Oeste, para podermos ressarcir-nos das elevadas perdas.

A indústria alemã continuava trabalhando em ritmo normal, apesar das ordens de Hitler para que se fabricasse maciçamente. Por isso tivemos que nos contentar com o que possuíamos. Notamos, inclusive, que os altos escalões da Wehrmacht não se preocupavam muito com a difícil situação em que nos encontrávamos por falta de material, o que deu motivo a nos formularmos a seguinte pergunta:

— Estava o Alto Comando devidamente informado sobre a precária situação em que nos encontrávamos?

As viaturas eram elemento de importância primordial na guerra, porquanto facilitavam o avanço das tropas e a manutenção das posições.

Eram imprescindíveis, pois necessitávamos delas tanto na ofensiva como na defensiva. Não contávamos nem com a metade das necessidades. Mas não tínhamos remédio, a não ser contentarmo-nos com o que dispúnhamos e adaptarmo-nos às circunstâncias.

CAPÍTULO X

Deslocamento ferroviário — Economia polaca — Amizade germano-soviética? — 22 de junho de 1941 — A grande ofensiva — As trincheiras de Brest-Litowsk — Coletivismo — Marcha solitária; cobrir-se! — Junto ao Dnieper — Sapateiro remendão russo — A cabeça-de-ponte de Jelna — A ordem de Timoschenko — O "coquetel molotov" — O ataque dos T-34 — Vodca — Cemitério de soldados — Mudança de ordens — "Limpeza" dos maquis russos — Regresso à base e itinerário errado — Um montão de cadáveres — Métodos de combate russos.

Em meados de junho de 1941, nossa Divisão foi transferida para a Polônia. Desta vez viajamos de trem até Lodz. A novidade deste meio de transporte foi por nós recebida com grande alegria, pois tivemos certeza que as viaturas e peças de artilharia chegariam ao destino sem sofrer dano. Quando verificamos que tudo estava carregado, sentamos e respiramos aliviados.

As conversas giravam em torno do nosso novo destino. Todos ignorávamos que estávamos a ponto de iniciar uma campanha contra a Rússia. Até os mais pessimistas estavam convencidos de que a meta final da nossa viagem seriam os poços petrolíferos do Golfo Pérsico. Estávamos certos de que a Rússia abriria suas portas ao Exército alemão e que, por tal motivo, poderíamos atravessar sem dificuldade alguma o Cáucaso, podendo chegar, dessa forma, às fronteiras do Irã.

Discutimos sobre a possibilidade de as populações árabes ficarem do nosso lado, o que era de vital importância para nós, pois poderiam proporcionar-nos o combustível que necessitávamos urgente e nos facilitar a oportunidade de ocupar seus riquíssimos territórios. Outros opinavam que iríamos para a Turquia e depois para o Egito a fim de atacarmos o Exército inglês. Confesso que estava identificado com esta última opinião e, por isso, levava comigo o livro de Lawrence "As sete colunas da sabedoria". O misterioso e longínquo Oriente nos proporcionou um sem-fim de assuntos durante as longas horas de viagem em que o comboio traçou um grande círculo, beirando o protetorado da Boêmia e Morávia, até chegar à Silésia Superior para entrar na Polônia.

Deixamos o trem em Lodz e continuamos a viagem pelas empoeiradas estradas. Numa só noite percorremos toda a distância que nos separava da frente Leste. Ficamos concentrados a uns cinquenta quilômetros do fronteiriço rio Bug, num povoado ao sul da cidade russa de Brest-Litowsk. A pobreza da localidade e das casas obrigou-nos a armar as barracas em pleno bosque. Sentia-me satisfeito por ter a oportunidade de conhecer um país que não tinha visitado anteriormente.

Nunca imaginara que os homens e os animais pudessem conviver em semelhante promiscuidade! Algumas vivendas tinham o estábulo ao lado da moradia comum, que servia para todos os misteres; muitas tinham os cômodos separados apenas por uma cortina. As crianças criavam-se entre os animais e havia casos de não se fazer diferença entre uns e outros. A água era tão escassa, que só era utilizada para cozinhar e dar de beber aos animais. Foi então, só então, que eu compreendi o sentido das palavras "economia polaca"!

Não tardamos muito em comprovar que as suposições que fizéramos acerca do nosso destino estavam erradas, já que o ambiente nos fazia compreender que não tardaríamos muito a entrar em combate. Aquilo nos deixou surpreendidos; não sabíamos o que pensar. Nunca pudemos imaginar que chegaríamos a combater contra a União Soviética! Sabíamos e percebíamos que o Pacto de Não-Agressão, firmado entre a Rússia e a Alemanha, acabaria por romper-se mais dia menos dia. Mas nunca pudemos supor que tal coisa chegasse a acontecer em plena guerra.

Aquilo nos levava a perguntar-nos se seríamos obrigados a manter uma guerra em duas frentes ou poderia repetir-se o caso do uma nova Blitzkrieg?

Não pudemos deixar de pensar nas imensas e inacabáveis estepes russas; no país que foi o causador do princípio da derrota do Napoleão, o homem que se acreditou invencível.

Não nos restou outra coisa a não ser conformarmo-nos com a sorte, e esperar o desenrolar dos acontecimentos, a fim de prepararmo-nos para cumprir as ordens recebidas. Procuramos nos consolar dizendo que o Alto Comando sabia o que estava fazendo. Estávamos convencidos de que nos encontrávamos à mesma altura do colossal adversário e que, talvez, o destino tivesse escolhido os homens da nossa geração para derrotarem a invencível Rússia.

Entramos em posição com as baterias perto do Bug, procurando nos camuflar na vegetação. Aproveitei os momentos de folga para passear pelas margens do rio em companhia de alguns camaradas. Vimos os postos avançados russos na outra margem do rio e nos pareceram semelhantes aos nossos. Foi a primeira vez que vimos, alinhados ao longo de toda a fronteira russa, vários mangrulhos. Nossas sentinelas ocultavam-se nos galhos das árvores; passei muitas horas compartilhando com elas de suas inquietudes e desvelos. Pudemos comprovar que os russos, tal como nós, tinham concentrado grande número de tropas na fronteira polaca; suas posições, meio mascaradas, aproveitando as dobras do terreno, eram perfeitamente visíveis.

Chegou o dia em que o Alto Comando tomou a suprema decisão. Importantíssima decisão, saída dos cérebros de muito poucos homens! As ordens foram dadas e se fixou o dia "D" para o desencadeamento do ataque: 22 de junho de 1941. Às 5 horas deveria ter início a ofensiva cujo objetivo era o longínquo Leste. Na véspera, o general comandante pronunciou um discurso diante de todos os comandantes de unidades, dizendo entre outras palavras:

— Firmaremos um novo Tratado de Paz em Moscou dentro de algumas semanas.

Perguntei a mim mesmo se ele acreditava, realmente, no que dizia ou se se limitava apenas a nos animar. Contudo, suas palavras de otimismo contagiaram a tropa e lhe deram ânimo para enfrentar o que se avizinhava.

Um grande número de soldados alemães encontrou-se, em algum momento de suas vidas, na mesma situação que nos encontrávamos naquela ocasião.

Seus corações, certamente, pulsavam mais forte quando pensavam que se viam obrigados a conquistar um território enorme, quase ilimitado... Agora, depois das experiências vividas, posso afirmar que não é fácil conhecer a alma — a verdadeira alma — dos russos!

É profunda, variável e espantosa. Exatamente igual às suas imensas estepes, aos seus gigantescos rios, às inclemências do seu clima e à angustiante visão da solidão de suas paisagens!

Estou convencido de que muitos oficiais do Estado-Maior terão que trabalhar durante anos inteiros, antes de poderem julgar de forma objetiva todas as vicissitudes e pormenores daquela extraordinária campanha. Por isso acredito que devo limitar-me a relatar alguns dos acontecimentos dos quais fui testemunha com meus homens. À zero hora de 22 de junho de 1941, todas as baterias e as outras posições estavam prontas para o início da ofensiva. Todos estávamos agitadíssimos, coisa muito natural, porquanto ignorávamos a excepcional magnitude da empresa. Devo dizer que notei algo estranho; alguma coisa diferente das outras ocasiões pairava no ar. Dois soldados cochichavam na escuridão e outro dormia de boca aberta agarrado ao fuzil; alguns não podiam conciliar o sono, enquanto outros eram despertados pelos que, ao dormir, lançavam sonoros roncos!

Cada homem reagia segundo seu estado de ânimo, conforme seu próprio temperamento. Mas, "às cinco da madrugada", à hora "H", todos estavam acordados, agarrados aos seus fuzis, cada um no cumprimento de sua missão.

Alguns momentos após começaram a sibilar por cima de nossas cabeças as granadas que iam estalar nas posições inimigas. Um barulho ensurdecedor nos envolveu; era comparável ao produzido pelo retumbar dos trovões nas montanhas, que se prolongam devido ao eco.

Terminada a preparação da artilharia, a infantaria subiu nas embarcações e começou a atravessar o rio. Os infantes foram acompanhados pelos observadores avançados da artilharia, cuja missão era encontrar novos alvos e dirigir o tiro. Trepado num velho carvalho, via a margem oposta e presenciei ou acontecimentos nela desenrolados. Mas somente pelo barulho podíamos orientar-nos com referência ao desenrolar dos combates. Nossas tropas conseguiram avançar quatro, cinco e até seis quilômetros, mas tiveram que enfrentar uma obstinada resistência.

A artilharia começou a atirar de forma intermitente, fazendo fogo de bateria para conseguir preparar as novas posições na outra margem do rio.

O fogo inimigo começou a diminuir, inclusive chegou a emudecer; só de vez em quando ouviam-se alguns tiros isolados. Não se podia dizer que o barulho fosse o clássico de um combata. Quando nossos elementos avançados regressaram para informar sobre a situação, disseram-nos que tínhamos conseguido atingir os objetivos e que os russos não puderam fazer face ao nosso primeiro ataque, vendo-se obrigados a retirar-se para os bosques próximos e a cobrir-se como podiam, chegando até a esconder-se nas zonas pantanosas.

O fogo de nossas baterias voltou a apoiar o avanço da infantaria, que começava a atingir os pequenos caminhos que se dirigiam a todas as direções. A vários quilômetros das posições onde nos encontrávamos, ao lado de Koden, já dispúnhamos de uma ponte que acabava de ser construída pelos engenheiros. Na manhã seguinte, nós, os artilheiros, avançamos lentamente, seguindo a margem direita do Bug até chegarmos a Brest-Litowsk.

A cidade já estava em mãos alemãs. Durante o tempo que durou um engarrafamento, que nos obrigou a parar, pude examinar com atenção as fortificações que via diante de mim. Também pude observar que se continuava lutando em alguns pontos da cidade onde os russos instalaram-se, ocupando algumas casas. Apesar de já estarem em nosso poder as partes inferiores dos fortins, os russos continuavam atirando das torres, contra nós. Avançamos lentamente, com precaução, pois não ignorávamos que nossos movimentos eram observados pelo inimigo. Ao menor descuido caía sobre nós uma verdadeira chuva de balas. Vi morrer, diante de meus olhos, vários soldados que foram atingidos pelos projetis do inimigo. Todas as nossas tentativas para vencer a desesperada resistência dos russos eram vãs.

Fizemos várias tentativas para nos apoderar dos torreões dos fortins, e todas falharam; os mortos que se amontoavam diante deles eram a prova disto. Vários dias transcorreram antes que pudéssemos reduzir totalmente os focos de resistência. Os russos lutaram até o último cartucho, até o último de seus homens.

Na estação ferroviária aconteceu o mesmo. Um grupo de soldados soviéticos instalou-se nas passagens subterrâneas, anulando todas as tentativas do nosso avanço. Mais tarde inteirei-me de que foi necessário inundar aquelas passagens, para quebrar sua obstinada resistência.

Esquecemos logo as terríveis imagens daquela luta, para recordá-las quando novamente combatíamos. Não tardamos a ter a nossa disposição o

que chamamos de "estrada", partindo de Brest-Litowsk em direção ao Leste.

Era uma estrada bastante larga, mas o leito não era asfaltado. Nossas tropas travaram combates de um lado e do outro da mesma, conseguindo avançar com relativa facilidade. Vimos os primeiros carros de combate russos nas valas, meio incendiados. Constatei que não eram tão bons quanto os nossos, suas blindagens não pareciam muito resistentes e os canhões não eram de modelo moderno. Também encontramos várias peças de artilharia que tinham sido abandonadas. Apoderamo-nos dos tambores de gasolina, que encontramos atirados pelo chão.

Quando chegamos ao norte de Kobrin, vi os primeiros kolkhozes russos. Era uma localidade na qual havia um imenso armazém, que abastecia toda a cidade. Nossa chegada surpreendeu os habitantes russos em pleno saque; carregavam tudo, inclusive as prateleiras onde estiveram expostas as mercadorias, com os pregos que as seguravam e com as caixas vazias. Quando nos viram, apressaram-se em fugir gritando, mas sem deixar de carregar as mercadorias. Ao fim de certo tempo, regressavam com as mãos vazias e nos observavam a distância; pensei que esperavam que fôssemos embora para continuar o saque.

As prateleiras estavam repletas com as coisas mais variadas. Biscoitos de cor escura amontoavam-se ao lado de latas de óleo de girassol; caixões cheios de pregos alinhavam-se a pacotes de fumo machorka; havia montões de roupas usadas ao lado de novas, vários pares de tamancos e de botas de pele. Apanhei alguns pacotes de machorka e me aproximei dos habitantes da localidade com o propósito de falar com eles; mas, como não tinha um bom intérprete, contentei-me em me fazer entender através de gestos.

Não estranhei que os camponeses aceitassem o fumo, mas que, ao contrário, recusassem o papel que servia de invólucro para o cigarro. Vi como apanhavam uma enrugada folha de jornal, rasgavam um pedaço do mesmo e, com ele, enrolavam o cigarro. Apesar do odor nauseabundo de semelhante mistura, todos pareciam muito satisfeitos.

Fiquei sabendo que os artigos vendidos no armazém só podiam ser adquiridos à tarde. Além disso, os camponeses russos só podiam comprar um casaco acolchoado a cada dois anos e um par de botas a cada três. O açúcar e a manteiga eram artigos raríssimos; por esta razão foi a primeira coisa que apanharam quando assaltaram o armazém. Por outro lado, os camponeses eram obrigados a entregar regularmente ao Estado os produtos

do campo quando chegava a época da colheita. Mas, apesar de tudo, o pessoal parecia contente com a sorte, o que me surpreendeu, porque eu pensava que o povo russo se sentisse oprimido e ansiasse a liberdade.

Cinco dias depois chegamos às imediações de Gorodez. As tropas russas empregavam no combate uma tática muito singular: começavam apresentando uma resistência obstinada, mas, quando encontravam uma ocasião propícia, dispersavam-se ou retraíam. Durante os primeiros dias tivemos a impressão de que ainda não tínhamos enfrentado o verdadeiro Exército russo. As forças inimigas só aproveitavam algumas ocasiões para contra-atacar.

Em Gorodez visitei uma pequena estação elétrica, que estava abandonada. Nunca tinha visto, até aquele momento, um trabalho de desmontagem tão perfeito! Não ficara nada, absolutamente nada, ainda que encontrássemos material disseminado pelas imediações da estação! A ordem de evacuação e de desmontagem fora cumprida e executada ao pé da letra, num tempo rapidíssimo.

Passamos pela zona pantanosa de Pripjet, que nos pareceu absolutamente intransitável. Contudo, os russos consideravam-na um terreno apropriado para o movimento de suas tropas. Ao norte da estrada principal havia uma contínua fileira de colinas, e as planícies eram terras cultivadas que pertenciam aos diversos kolkhozes disseminados por toda a região na qual abundavam os bosques. Todas as aparências demonstravam que, destes, os russos não cuidavam; várias clareiras foram abertas para a obtenção de lenha; o restante das árvores estavam descuidadas, ninguém se preocupara em cortá-las corretamente.

As estradas principais eram razoáveis, mas as vicinais eram simples caminhos onde se observavam rastros de viaturas numa só direção. Esses caminhos tinham uma largura de dez a quinze metros. Os rastros das viaturas facilitaram nosso avanço. O tempo estava muito seco e, por isso, enfrentamos verdadeiras nuvens de poeira. As localidades pelas quais passávamos estavam completamente vazias; a população fugira para o Leste com as tropas russas.

Não se pode dizer que naqueles dias houvesse uma verdadeira frente. As divisões alemãs limitavam-se a avançar para o Leste com muita dificuldade. Toda vez que uma viatura sofria uma avaria ficávamos em apuros. Sempre que fazíamos um alto éramos atacados por grupos isolados de tropas russas que se apressavam em retrair depois de nos terem hostilizado.

Em nosso avanço chegamos a um pequeno rio, em cujas margens se estabeleceu um forte combate. O Capitão Rumohr insistiu em que se fizesse um minucioso reconhecimento do terreno numa fileira de colinas. Formou-se uma patrulha integrada pelo Capitão Rumohr, seu auxiliar, Tenente Wurach, o oficial de Comunicações, cinco sargentos e eu. Dirigimo-nos a uma das colinas com o propósito de alcançar o seu cume e ver dali o que se passava na margem oposta do rio. Tivemos que atravessar um terreno acidentado onde havia algumas árvores. Uma chuva de balas caiu sobre nós. Apesar de termos visto que oferecíamos um bom alvo, continuamos avançando com toda sorte de precauções. As metralhadoras inimigas não paravam de atirar e algumas granadas explodiram perto de nós. Realmente, nos encontrávamos em precária situação. Tudo o que pudemos fazer foi nos atirarmos ao solo, aproveitando os declives do terreno para nos abrigar.

Não era agradável sentir-se como um coelho quando o caçam. Toda vez que levantava a cabeça, via a sola das botas do companheiro que estava deitado diante de mim; em seguida voltava a afundar a cabeça no terreno, porque vinha uma nova saraivada de balas.

Tentamos avançar devagar, cautelosamente, arrastando-nos pelo chão. Isto nos custou um grande esforço, pois o fogo do inimigo acompanhava todos os nossos movimentos. De repente, ouvi um grito às minhas costas. Voltei a cabeça e vi que um dos sargentos, que rastejava atrás de mim, tinha sido ferido no ombro. O homem que ia a seguir agarrou-o pelos quadris e levou-o a um lugar abrigado. Uma chuva de granadas, lançadas pelos nossos, passou por cima de nós e foi explodir em pontos-chave do inimigo, tivemos sorte, pois o terreno não era difícil para a progressão; raso contrário, o avanço teria sido dificílimo. Um dos nossos homens, o que avançava na frente, lançou um gemido. O Tenente Wurach apressou-se a chegar a seu lado. Logo, voltou a cabeça e gritou:

— Está morto! Já não podemos fazer nada por ele...

O fogo tornou-se tão intenso, que nos impediu qualquer movimento. Os minutos nos pareceram séculos! De repente, lembrei, com estranheza, que tinha um tablete de chocolate num dos bolsos da calça. Fiquei em dúvida se o comia ou não. Decidi que seria melhor não fazê-lo.

Que pensamentos mais esquisitos se apoderam de nossa mente em tais momentos!

Estava deitado no chão, com as pernas e os braços estendidos. Ao fim de algum tempo, que me pareceu uma eternidade, o capitão, que se

encontrava a meu lado, disse:

— Devemos prosseguir, Otto; se não o fizermos, seremos apanhados.

Em consequência, continuamos o avanço, rastejando. O homem que estava à minha frente foi ferido; voltou a cabeça e me olhou. Fiz um grande esforço para chegar junto a ele. Consegui meu propósito e pudemos colocá-lo a salvo, ao abrigo de uma árvore. Vi que sua camisa estava encharcada de sangue, e que uma bala tinha perfurado o seu peito. Pus uma atadura sobre o ferimento e aquilo foi tudo; não podia fazer mais nada.

Ouvimos um forte tiroteio vindo da nossa margem do rio; isto foi a causa para não continuarem atirando contra nós com tanta fúria. Naturalmente, nos apressamos em aproveitar tal situação. Eu e mais três companheiros apanhamos o ferido e corremos colina acima, e como não podíamos levá-lo com cuidado, gritava de dor. Chegamos a uma casa e nos abrigamos nela, colocando o ferido sobre o solo e ao amparo de suas paredes. Agradeceu-nos com um sorriso; um dos nossos ficou junto a ele para atendê-lo.

Fizemos um buraco no teto de palha da casa e nele instalamos um telêmetro. Pudemos verificar que acertamos em cheio, pois dali podíamos observar as posições inimigas. Fizemos um croquis do terreno e assinalamos as linhas inimigas. Enviamos os dados necessários ao tiro das baterias, que não demoraram em abrir fogo. A frente russa tinha sido desarticulada e apenas alguns focos isolados ofereciam resistência.

Nossa vanguarda conseguira aproximar-se de Beresina; um pequeno rio, apenas, nos separava do próximo objetivo. Foi então que nos encontramos numa situação difícil. Um Batalhão de Infantaria, apoiado por uma bateria, teve que enfrentar uma forte resistência inimiga. Alguns quilômetros atrás, num cruzamento de estradas, estava o estado-maior da Divisão. O pequeno reboque que servia de alojamento ao comandante da Divisão, papai Hausser, como o chamávamos, estava na orla do bosque onde se encontrava o estado-maior do Regimento de Artilharia. Dirigi-me para lá, junto com o Coronel Hansen, que não fazia outra coisa a não ser dizer:

— Já são treze horas e estou com o estômago vazio; creio que já é hora de comer alguma coisa quente.

Lembro ter respondido;

— Vou curar seu mal!

Em seguida, peguei, na minha viatura, dois ovos e um pedaço do toicinho; acendi um pequeno fogo e, não tardou muito, saboreamos um

pequeno lanche. Quando terminamos de comer, Hansen levantou-se e dirigiu-se para o reboque. Precisamente naquele momento explodiram várias granadas perto do lugar onde estávamos.

Senti o sangue gelado e temi pela vida do coronel, que me confessou mais tarde ter levado um grande susto. O General Hausser pediu ao Coronel Hansen que se reunisse com ele para uma breve conferência. Disse, então, que avançáramos demais o que não tínhamos a segurança suficiente para prosseguir, já que ignorávamos se a zona onde nos encontrávamos estava ainda em poder do inimigo. Nossas baterias não podiam atingir a distância de 120 quilômetros. Por isso, era necessário que aguardássemos o avanço do grosso da Artilharia.

Oferecime como voluntário para retornar ao lugar onde estava instalada nossa Artilharia; deram-me uma viatura e cinco homens. Uma metralhadora e cinco submetralhadoras constituíam nosso armamento.

Tinha marcado sobre a carta o itinerário que tínhamos percorrido. Por isso, sabia onde encontrar a Unidade. Contudo, descobri que a carta não estava correta; consequentemente fui obrigado a orientar-me pela intuição.

Não é agradável viajar, com apenas alguns homens, por um território ocupado pelo inimigo. Na condição de oficial, não devia deixar transparecer a insegurança que sentia. Nosso itinerário passava por vários bosques. Mais de uma vez nossa viatura ficou atolada. Ouvimos muitos barulhos suspeitos e, em mais de uma ocasião, meus soldados atiraram por simples precaução, enquanto o motorista aumentava a velocidade. Quando chegamos a uma aldeia, situada na metade do caminho, lembrei que ao avançar tínhamos passado exatamente ali.

Um estranho pressentimento fez com que eu não continuasse polo mesmo caminho. Por esta razão, dobrei à esquerda e apressei a marcha, embora não conseguíssemos avançar mais de vinte quilômetros numa hora. Um obstáculo imprevisto — um montão de areia — deteve nossa marcha. Isto nos obrigou a fazer um alto de um quarto de hora. Mas como já éramos veteranos em tão difíceis situações, construímos um pequeno caminho suplementar com galhos e alguns troncos, e assim pudemos contornar o obstáculo facilmente. Não paramos para comer. Não ignorávamos que nossa missão era importante e que era perigoso determo-nos naquelas paragens.

Encontramos nossa Unidade depois de sete horas de marcha, quando já tinha escurecido. Rapidamente transmiti ao Capitão Rumohr a ordem para avançar. O Tenente Wurach colocou-me a par da situação.

Disse-me que a estrada principal voltara a ser ocupada pelos russos. Com esta notícia, fiquei satisfeito por ter passado pela outra, no caminho de regresso. Tivéramos uma grande sorte em não passar à direita do povoado que deixáramos atrás.

O avanço da Unidade foi muito lento. Como era noite, não foi fácil orientarmo-nos. Eu ia à testa da coluna e não deixava de pensar: a estrada certa era a da direita ou a da esquerda? Só fizemos pequenos altos para reabastecer as viaturas. Fomos, inclusive, obrigados a combater em determinados pontos para podermos prosseguir. Algumas viaturas ficaram atoladas e tivemos que fazer com que avançassem à força. Chegamos a nosso destino ao meio-dia seguinte e ali nos inteiramos de que não nos esperavam tão cedo. Fomos recebidos com grande alegria. O Coronel Hansen elogiou-me e disse que faria a proposta para que eu fosse condecorado com a Cruz de Ferro.

Atravessamos o Beresina ao sul de Bosninck. Esta operação demorou três dias, porque o inimigo nos deu muito o que fazer. Os russos conseguiram reunir forças e se defendiam como leões.

Decorridos quinze dias do início desta ofensiva, aprendêramos a nos abrigar utilizando o terreno. Em poucas ocasiões, podíamos instalar os nossos postos de comando normalmente, já que éramos obrigados a fazer grandes buracos para instalá-los. Assim podíamos dormir mais sossegados. Nossa situação era incômoda, porque a artilharia russa demonstrava ter boa pontaria.

Nossas posições, na margem direita, tinham cotas mais elevadas do que as do inimigo. Nosso comandante, Jochen Rumohr, mandou fazer uma trincheira de um metro e meio de profundidade ao longo da colina. Não era fácil, da retaguarda, chegar a ela; as comunicações estavam batidas pelo fogo do inimigo. Os encarregados de reparar os danos causados pelo fogo dos russos levavam uma vida infernal, pois não tinham outra coisa a fazer a não ser abrigar-se constantemente para evitar que fossem atingidos pelo fogo; quando os cabos que reparavam não tinham sido danificados pelas granadas da artilharia soviética, eram por algumas de nossas viaturas. Dentre estes soldados houve muitos mortos e feridos.

Trincheiras mais profundas camuflavam os telêmetros e os equipamentos rádio, assim como os telefones de campanha. O coronel viu claramente, através do telêmetro, o prolongado ziguezague das trincheiras inimigas na outra margem. Víamos, apenas, um ou outro soldado russo, já

que estavam perfeitamente cobertos e quase não se moviam, o que não quer dizer que não existisse um grande número deles em cada bosque e em cada colina. Tomamos a decisão de atirar com todas as peças no mesmo instante em que notássemos um movimento de tropas nas trincheiras inimigas.

Aproveitamos uma pausa para acender um cigarro e beber um trago de nossos cantis. Tomamos, também, um pouco de muckefuck, o desagradável café que já conhecíamos dos tempos do nosso aquartelamento; mas, naquele momento, achamo-lo delicioso.

Rumohr estava tão cansado, que mal podia segurar o cigarro. Por isso decidiu dormir algumas horas; Wurach fez o mesmo. Pediram-me que os despertasse em caso de alguma novidade. Dormiram ao fechar os olhos, apesar da postura incômoda que foram obrigados a tomar.

Não parei de observar, através do telêmetro, que estava muito bem camuflado com folhagens. Podia ver uma parte de nossas posições, e constatei que estavam tranquilas. De vez em quando o inimigo atirava algumas granadas contra nossas linhas; mas, um termos gerais, a situação era relativamente tranquila.

Instintivamente observei algo que se movia nos bosques à nosso frente. Dois caminhões apareceram e desapareceram ante os meus olhos, e muitos outros o seguiram envoltos em nuvens de poeira. Cheguei a contar quinze, vinte, quarenta deles, que foram seguidos por muitos mais. Ordenei que me pusessem em contato, pelo rádio, com nossas três baterias. Feito o contato, disse:

Preparar para fazer fogo sobre o ponto "W", 18 graus!

Responderam-me:

— Estamos prontos.

Despertei o comandante e informei-o da novidade. Lembro perfeitamente a sua resposta:

— Seis tiros, Otto. Dê a ordem.

Em seguida, tornou a fechar os olhos. Apressei-me em transmitir a ordem, e logo ouvi um sibilo, assim como o barulho das explosões na outra margem do rio.

Nosso tiro foi perfeito e não necessitou de qualquer correção. Tudo passou no intervalo de poucos minutos. Vimos vários soldados russos que se precipitaram em sair do bosque. Vimos, também, que vários pontos das posições inimigas estavam envoltos em chamas; escutamos as explosões de grande número de paióis.

Seguimos avançando pelas margens do Dnieper; uma inesperada chuva, que durou várias horas, deu ideia do que nos esperava. Tivemos que nos defrontar com verdadeiras montanhas de barro e lodo, que foram nossos maiores obstáculos. Os primeiros veículos fizeram valas tão profundas no terreno, que se atolavam nelas os que os seguiam. Neste aspecto todas as precauções foram inúteis. Cortamos vários troncos de árvores e cobrimos o terreno com eles. Apesar de tudo só conseguíamos avançar lentamente. Tivemos um sem-fim de avarias e panes; os caminhões tiveram várias molas quebradas. Tínhamos esgotado todas as peças de reposição e não sabíamos onde encontrar novas. Abandonamos muitas viaturas nas margens da estrada. Desmontamos tudo aquilo que considerávamos de utilidade e deixamos o restante. Milhares de carcaças de viaturas puderam ser vistas nas estradas russas.

Mantivemos um breve combate ao sul de Schkow; quando conseguimos passar o Dnieper, percebemos que a estrada principal estava completamente intransitável. Por esta razão, o grosso da Divisão atravessou o rio um pouco mais ao norte sobre uma ponte construída às pressas. Foi naquele momento que recebemos a terrível notícia de que a companhia de pontoneiros, que tinha ficado ao sul após construir a referida ponte, fora atacada em plena noite por tropas russas; só puderam salvar-se dois soldados que escaparam da tremenda carnificina, e foram eles, precisamente, que nos informaram o acontecido. O aspecto que oferecia o local da batalha era dantesco. Chegamos à conclusão de que seríamos obrigados a lutar encarniçadamente na frente Leste.

Passamos por Suchari e chegamos a Tschernikow sem enfrentar muito resistência por parte do inimigo. Era a primeira cidade russa depois de Brest-Litowsk. Disse cidade, apesar de mal podermos considerá-la como tal; contava apenas com alguns prédios de alvenaria no centro; o resto eram construções de madeira, as típicas construções que podiam ser vistas em toda a Rússia.

A maior parte das ruas estava calçada com grandes paralelepípedos, que nos faziam recordar as ruas de nossas cidades medievais. Causou-me espécie ver numerosos microfones colocados a cada duzentos metros. Os alto-falantes, muito antigos certamente, estavam dentro das casas e tinham conexão com os dos edifícios públicos da cidade. Até que chegássemos nas proximidades de Moscou, não encontrei um só aparelho de rádio particular.

Para minha comodidade usava, além das botas regulamentares do Exército, minhas velhas botas de caça. Por isso pude ter, sempre, um par de botas secas. Mas o barro das estradas e os lodaçais das ruas estragaram minhas velhas botas de caça. Quis consertá-las, mas ninguém sabia onde se encontrava o sapateiro do Regimento. Por isso, não tive dúvida em procurar um.

Encontrei um sapateiro remendão numa casa situada na periferia de Tschernikow. Pareceu-me ser um artesão muito peculiar. Passando por um pequeno vestíbulo, cheguei até o único aposento do casebre. Estava com toda família reunida em torno de sua mesa de trabalho situada junto à janela. Um maço de cigarros e um pedaço de pão alemães facilitaram muitas coisas. Tirei as botas e sentei num banco. A seguir, o sapateiro começou a remendá-las. Pude ver que as ferramentas empregadas eram exatamente iguais às usadas em todas as partes, iguais às que os sapateiros remendões da Alemanha usavam, apesar de, pelo seu aspecto, parecerem mais velhas.

Aproveitei a ocasião para dar uma olhada a meu redor. Um dos cantos do cômodo estava ocupado por uma estufa de pedra de quase dois metros de altura. Sobre ela se amontoavam três crianças deitadas em alguns cobertores imundos. Diante da estufa, uma cadeira de balanço; junto à parede, uma enorme cama. Uma anciã estava deitada sobre um colchão de palha, coberta com roupas velhas; supus que fosse a avó. Tinha a seu lado um berço de madeira cheio de palha e de trapos velhos. Duas crianças se apertavam numa cadeira; não paravam de me olhar, mas se apressavam a desviar os olhos quando se apercebiam que eu olhava para elas. O piso estava totalmente rachado, o que revelava a velhice e o mau estado da choça.

A dona da casa estava diante do fogão cozinhando uma estranha infusão numa caçarola de ferro. As janelas permaneciam fechadas, apesar de estarmos em pleno mês de julho e de fazer um calor sufocante; tudo fazia supor que não eram abertas há dias, a julgar pelo fétido calor do cômodo. A mulher começou a cozinhar um estranho mingau e fiquei curioso para ver em que iria converter-se. Tirou o chá do fogão, colocou sobre este uma frigideira enegrecida e colocou nela o espesso mingau, bem como um pouco de sal grosso. Quis ver de mais perto aquela estranha mistura; levantei e me aproximei do fogão. O odor do mingau me fez supor que se tratava de uma mistura de aveia com graxa.

De repente, toda a família se animou. A avó levantou-se calmamente e olhou para o fogão, enquanto revirava a palha do colchão com os seus nodosos dedos. As duas crianças se aproximaram do fogo. Até o sapateiro levantou algumas vezes os olhos para olhar na mesma direção. A mulher começou a cortar a pasta e a criança maior ganhou o primeiro pedaço e se apressou a comê-lo. Cada criança ganhou um pedaço, assim como a avó e o dono da casa. Temi que o homem engolisse alguns pregos, pois não deixou de trabalhar enquanto comia! A mulher foi a última a comer, e o fez devagar. Tudo me fez pensar que aquela pasta era a única alegria da família. Os movimentos daqueles seres eram automáticos, até os das pálidas crianças, que pareciam envelhecidas.

É possível que tivesse aquela impressão devido ao ambiente que os rodeava e à sordidez da casa em que viviam. As roupas que vestiam eram da mesma cor desbotada das paredes daquele cômodo, e estas apresentavam o mesmo tom pardacento do chão. Seus pés descalços estavam cheios de poeira, como se tivessem andado por caminhos empoeirados.

Creio que minha presença, com a qual não contavam, impediu a família de pronunciar uma só palavra. O silêncio era quebrado, somente, pelo contínuo martelar do sapateiro. Fiquei satisfeito por não me oferecerem a comida e por não me tratarem como hóspede. Fumei muito e ofereci um cigarro ao homem. Mas foi a mulher quem o apanhou; acendeu-o numa brasa e colocou-o na boca. Pela maneira de fumar constatei que ela estava acostumada com um cigarro mais forte. O sapateiro terminou a tarefa e calcei as botas pensando que elas poderiam durar mais alguns meses. Quando resolvi partir e estendi a mão ao sapateiro, toda a família me rodeou e fez uma saudação russa.

Saí da casa, entrei na viatura e notei que os moradores do casebre me olhavam através das janelas. Tive certeza de que minha visita lhes deixara completamente indiferentes e notei que nem sequer demonstraram temor ao verem-se diante de um soldado alemão; limitaram-se, unicamente, a sentir curiosidade. O resto da cidade não merece qualquer comentário. Só direi que saí dela em poucos dias.

Nossa Divisão recebeu ordem de dirigir-se para o sul de Smolensko, com a missão de apoderar-se do centro ferroviário de Jelna. Fazia parte da coluna o Regimento Grossdeutschland, outra unidade de elite do Exército alemão. Pudemos avançar com rapidez, porque cada vez eram menos consistentes os ataques inimigos que nos obrigavam a parar. Nosso avanço

em direção ao Leste parecia livre de obstáculos. Tudo fazia supor que o Exército soviético tinha sido completamente derrotado. Não podíamos deixar de nos perguntar se a nossa vitória no Leste seria tão fácil como as que tínhamos obtido nas outras frentes.

Em meados de julho, apenas três semanas após termos iniciado a ofensiva, ocupamos a pequena cidade de Jelna, o que nos permitiu conquistar uma cabeça-de-ponte de uns oito quilômetros em torno da mesma. À nossa Divisão correspondeu o flanco oeste. A posição era muito avançada, pois o grosso das tropas alemãs estava a vários quilômetros à retaguarda. Estávamos unidos a eles por uma estreita faixa de terreno de uns cem quilômetros de extensão. Escolhemos as posições aproveitando uma sucessão de colinas que se estendiam diante de nós. Para chegar a elas, atravessamos extensos trigais, nos quais cresciam árvores de pouca altura, mas que, por outro lado, impediam nossa visibilidade. Por estarmos familiarizados com o solo arenoso, este já não dificultava tanto a nossa marcha.

Passamos os primeiros dias em relativa calma. É certo que os russos atacaram várias vezes, mas foram repelidos com facilidade. O estado-maior do Regimento captou uma mensagem-rádio do inimigo que dizia:

"O General Timoschenko acaba de receber ordem para assumir o comando das tropas soviéticas do setor de Jelna. Sua missão é lutar contra as tropas das SS da Divisão Das Reich e contra o Regimento Grossdeutschland, até aniquilar totalmente esses filhos de cadela."

Não demorou muito para que compreendêssemos o significado daquela ordem.

A artilharia inimiga começou a castigar nossas posições com uma persistência jamais vista. Supus que os russos dispunham de um grande número de baterias, já que, em caso contrário, não teriam podido atirar de maneira tão persistente. Apressamo-nos em aprofundar as trincheiras, de maneira a nos oferecer melhor abrigo, e pusemos em local seguro todas as viaturas, atrás de um acentuado desnível do terreno que estava próximo de nossas posições. Construímos os abrigos com dois metros de profundidade e cobrimos as entradas dos mesmos com galhos e troncos de árvores, para que ficassem bem camuflados. Arrumei meu abrigo o melhor que pude e revesti suas paredes de terra com várias chapas de alumínio que achei numa oficina abandonada de Jelna. Inclusive, fiz uma toca numa das paredes para guardar meus livros prediletos e meus pacotes de cigarros.

Recobri o chão com um monte de capim que cortei e pus para secar, obtendo assim um leito fofo para estender meu saco de dormir. Reconheço que minha "casa" ficou bastante confortável, embora as granadas inimigas, quando explodiam nas imediações, fizessem tremer suas improvisadas paredes. Melhorei a obra colocando um farol de minha viatura, obtendo assim luz suficiente para ler ou trabalhar. Isto me permitia o luxo de ler um pouco, antes de dormir; assim continuava um velho hábito, ainda que dentro de uma improvisada caverna. Fiquei contente ao notar que minha "cova" podia ser considerada um lugar sumamente adequado para a leitura de um livro de Hermann Lons. Quando estava nela, tinha a sensação de estar fora do mundo, completamente isolado, só comigo mesmo e com meus pensamentos; a guerra parecia não existir.

À medida que passavam os dias, os ataques russos foram aumentando. A artilharia inimiga não parava de castigar nossas posições, e os ataques russos, periodicamente, conseguiam romper a frente, obrigando-nos a repeli-los empregando todas as nossas forças.

Chegou um momento em que ambos os lados lutavam ininterruptamente, como demônios enfurecidos, para defender a pátria, a honra e suas vidas. Certo dia tivemos uma desagradável surpresa. Fomos atacados pelos soviéticos com um novo tipo de carro de combate, que não tinham utilizado até então. Tratava-se do T-34, como ficou sendo conhecido.

Constatamos então que, infelizmente, os canhões de 50 mm de nossos carros não podiam fazer mossa nas blindagens dos colossos que nos atacavam.

Conseguimos apenas que a infantaria inimiga não chegasse até nossas trincheiras, o que nos custou grande esforço. Mas não foi possível deter o avanço implacável daquelas novas e infernais máquinas. Não tivemos na ocasião, felizmente, que enfrentar um ataque maciço. Mas os trinta carros que nos atacaram ofereceram uma amostra do que nos esperava. Aquilo fez com que não pudéssemos nos sentir tranquilos um só minuto.

Os trigais que se estendiam para além das colinas que ocupávamos, e que ainda não tinham amadurecido, mascaravam imensas sombras cinzentas que nos pareciam alucinantes, enlouquecedoras, já que seus longos canhões não cessavam de apontar-nos e se moviam de um lado para o outro. Estes canhões não paravam de atirar contra nós e sobre tudo que se punha em sua frente. Mas nossos soldados não se deixavam amedrontar e se lançavam

sobre eles sempre que tinham uma ocasião propícia, com um "coquetel molotov".

É preciso lembrar que, na ocasião, não dispúnhamos ainda de lança-rojões e armas adequadas para enfrentar com eficiência tais carros. Por esta razão, o "soldado desconhecido" descobriu o que batizamos de "coquetel molotov", que consistia de uma garrafa cheia de gasolina, fechada hermeticamente com uma rolha, pela qual, previamente, se passava uma mecha. Ao atacar o carro, o soldado acendia a mecha e, em seguida, quebrava a garrafa contra a sua blindagem, ocasionando um incêndio que se propagava por todo o carro. Era alucinante a visão de um soldado quebrando uma garrafa contra a blindagem de um imenso carro!

A primitiva arma, mas eficiente, atingia o objetivo desejado, apesar de, às vezes, nos custarem várias horas de ingentes esforços. Também combatíamos os carros com granadas de mão e com tudo aquilo que nos parecia ofensivo. Lembro perfeitamente que, quando conseguíamos introduzir uma granada de mão na boca do canhão do carro ou então em suas torres, nossos esforços viam-se coroados de êxito.

A 6ª Bateria passou certo dia por enormes dificuldades, quando uma dúzia de carros russos T-34 conseguiu penetrar em suas posições. Nosso comandante, Jochen Rumohr, conduziu pessoalmente, de dentro de sua viatura blindada, andando entre os carros inimigos, a operação para repelir aquele ataque. Não tardamos muito em esgotar as granadas destinadas aos carros e tivemos que continuar atirando com o que tínhamos. Conseguimos destruir quase todos os carros inimigos e após meia hora de luta conseguimos atingir o último carro soviético que nos atacava de uma distância de uns trinta metros. Os três carros que permaneceram ilesos deram meia volta e fugiram.

O estado-maior do Regimento estava instalado num abrigo cujas paredes tinham uma altura de seis a sete metros, e ofereciam uma boa proteção contra os tiros da artilharia inimiga. Toda vez que devia ir ali, permanecia bastante tempo com meus companheiros. Até que chegou um dia em que me ordenaram participar de uma partida de baralho. Tais partidas diárias eram interrompidas, seguidamente, por telefonemas do Coronel Hansen, toda vez que devia dar alguma ordem. Mas, em seguida, o jogo reiniciava. Um dia, porém, o Coronel Hansen determinou que saíssemos do abrigo, sem haver, entretanto, motivo plausível. Mal acabáramos de sair, uma granada explodiu no abrigo destruindo a mesa e as

cadeiras em que estivéramos sentados um pouco antes. A partir daquele momento, sentimos grande admiração por Hansen, que pareceu adivinho, e constatamos que a confiança que tínhamos depositado nele não era em vão e que nos podíamos sentir seguros sob seu comando.

As frequentes visitas que fazíamos ao comboio da retaguarda, que estava acampado num bosque nas redondezas de Jelna, não podiam ser consideradas uma diversão. Todos sabíamos que vários lugares da estrada — a que ligava nossas posições ao citado bosque — eram batidos constantemente pelo fogo inimigo; isto nos obrigava a calcular com a maior exatidão o tempo que transcorria entre uma explosão e outra, a entregarmo-nos à sorte e a passar pelos lugares batidos com a velocidade do raio.

Em várias ocasiões cheguei a Jelna, onde havia uma destilaria de álcool. Várias vezes me abasteci nela de vodca, que ali estava armazenada e engarrafada nas clássicas garrafas russas de forma achatada. Creio que todos aqueles que se encontraram numa situação difícil não ignoram que um bom trago faz parecer mais suportáveis os incômodos e os perigos.

Nos momentos em que éramos obrigados a nos refugiar no interior de nossas trincheiras, porque os russos não paravam de lançar granadas sobre nossas posições, as garrafas de vodca desapareciam rapidamente. Os que tentavam enganar a si próprios diziam que unicamente queriam fazer um gargarejo para desinfetar a garganta.

Os médicos e o restante do pessoal de saúde ficaram instalados numa área que separava o bosque da entrada da cidade. Quando visitávamos o local, só víamos o lado amargo do soldado. As ambulâncias depositavam ali os restos humanos que transportavam. Os médicos faziam todo o possível para aliviar os sofrimentos dos que padeciam. Mas quando as coisas na frente tomavam rumos difíceis, não podiam dar conta das suas tarefas, ainda que trabalhassem ininterruptamente dia e noite. Só iam para a mesa de operação os soldados cujo estado fosse considerado de máxima gravidade, e os demais, aqueles que tinham ferimentos menos graves, eram transferidos para a retaguarda, caso fosse possível.

Estou convencido de que todos os que possuem sensibilidade e tenham estado nas frentes de combate nunca poderão olvidar semelhantes espetáculos. Imagens que podem ser consideradas como estampas vivas da dor humana! Tínhamos que fazer enormes esforços para não pensar que centenas de jovens, cheios de força e de vida, passavam por infinitos tormentos devido à falta de assistência.

O cemitério da Divisão estava num lugar próximo ao posto de saúde. Era impressionante constatar que o número de sepulturas aumentava dia a dia! Foi necessário ampliar o espaço a ele destinado, porque as baixas aumentavam constantemente. Dedicávamos todo o cuidado para que o nosso campo-santo oferecesse um aspecto limpo e arrumado; toda sepultura tinha a cruz correspondente, feita de madeira de abeto, na qual se inscrevia o nome e os demais dados de quem repousava nela; os ataúdes eram duas simples tábuas sobre as quais descansava o corpo do soldado morto no campo de batalha; prescindia-se até das honras fúnebres no momento do enterro. As sepulturas eram alinhadas seguindo uma ordem estritamente militar, como se a morte fizesse tábula rasa de postos e graduações.

Quando passava diante de um cemitério, aproveitava a ocasião para visitá-lo e ler os nomes dos que nele repousavam eternamente. Em muitas ocasiões meus olhos pousaram sobre nomes de companheiros com os quais compartilhara horas agradáveis. O cemitério enchia-se cada vez mais e mais. Houve dias em que a morte pareceu reinar sobre o campo de batalha como dona e senhora. Toda cruz tinha em sua parte horizontal o nome do soldado e a data em que morrera, assim como uma informação resumida sobre o combate em que tinha tombado. Não transcorreram muitos dias para que pudesse contar mais de mil sepulturas. Pensei, entristecido, que ali estavam enterrados homens que tinham feito parte da elite de nossa Divisão e que nos víamos obrigados a avançar, deixando-os para trás.

Infelizmente os companheiros mortos não puderam dormir tranquilos o sono eterno. Pouco depois, quando tivemos que abandonar a cabeça-de-ponte, os carros de combate russos arrasaram tudo o que se punha à sua frente e o cemitério alemão ficou completamente destruído, desaparecendo entre um monte de terra russa.

O posto de comando da nossa unidade estava na parte oeste de Jelna, instalado numa pequena colina coberta, em parte, por trigais. Toda vez que nos aproximávamos do posto de comando éramos localizados pelos russos. Isto nos obrigava a fazer uma pequena volta ou então correr a pé os últimos quilômetros. Os canhões russos estavam muito bem localizados e suas guarnições se apressavam a atirar sempre que observavam o menor movimento. Inclusive, conseguiram atravessar nossas linhas aproveitando a escuridão da noite, instalando suas baterias, perfeitamente camufladas, dentro da nossa cabeça-de-ponte. A mais insignificante nuvem de poeira

provocada por uma motocicleta era suficiente para o inimigo despejar uma chuva de granadas.

O cume da colina a que me refiro estava atravessado por uma trincheira de uns cem metros de comprimento que se ligava aos cinco abrigos nos quais tínhamos instalado nosso estado-maior. Jochen Rumohr não via com agrado o fato de um soldado ou oficial chegar a ele se não tivesse uma missão importante a cumprir, pois, como bom chefe que era, não gostava de expor inutilmente nenhuma vida humana. Mas eu, pessoalmente, mantinha com ele tão boas relações, que podia permitir-me o luxo de ser uma exceção. Não ignorava que, no fundo, se alegrava muito quando eu o visitava, ainda que fosse obrigado a ocultar seus sentimentos.

Quando a má sorte nos perseguia, éramos obrigados a ficar na colina mais tempo do que o previsto; isto devido à grande intensidade do fogo inimigo. Em tais ocasiões, aproveitávamos a menor oportunidade para voltar às posições primitivas.

Um dia os russos intensificaram tanto o seu fogo, que tivemos de permanecer nos abrigos para matar o tempo, fumando e praguejando. De vez em quando alguns dos nossos homens ousavam levantar a cabeça; seus movimentos provocavam um novo lançamento de granadas. Rumohr, quando se dirigia ao posto de comando, foi atingido na cabeça por um estilhaço. Embora ficássemos preocupados com ele, respiramos tranquilos ao saber que o ferimento era apenas superficial. Feito um primeiro curativo, o teimoso Rumohr voltou a seu posto lançando maldições contra si mesmo por não ter sido mais cuidadoso.

Em certa ocasião ouvimos a campainha do telefone tocar na trincheira ocupada pelo ajudante. O Regimento lhe comunicava que o capitão tinha sido promovido a major, notícia que nos alegrou tanto ou mais que ao próprio Rumohr. Comemoramos sua promoção deixando vazias todas as garrafas que encontramos. Até os russos pareceram participar da nossa alegria, porque naquela noite nos deixaram, relativamente, em paz. Depois fomos até a barraca do nosso médico, que nos ofereceu uma xícara de café e alguns biscoitos.

Tínhamos a impressão de que acabaríamos convertendo-nos em porcos. A água era um artigo de luxo. Os cozinheiros tinham que andar vários quilômetros à retaguarda para obtê-la, a fim de cozinhar; não dispúnhamos de uma única gota para a higiene pessoal e para lavar a roupa imunda. Nas proximidades do meu abrigo havia um charco onde se juntara uma pequena

quantidade de água, que aproveitei para me barbear e escovar os dentes. Fiquei contente por não ter muita barba, pois assim podia barbear-me a cada dois dias sem oferecer, com isto, um aspecto tão lamentável como o que ofereciam muitos companheiros.

Devo regozijar-me pelo fato de escovar os dentes todos os dias, apesar de a mistura de muckefuck com pasta dentifrícia não poder ser considerada, na verdade, agradável. O asseio do restante do meu corpo ficava para outra oportunidade.

Muitas vezes pensava se devia ou não aproveitar aquele charco para tomar banho e lavar a roupa. Um dia senti uma necessidade tão premente de tomar um banho, que entrei naquele lodoso pântano. Vieram-me à memória os dias da campanha na frente ocidental, quando, depois de várias horas de ininterrupta marcha, desfrutamos de um descanso junto a um canal e aproveitamos, como é de supor, a ocasião para dar um mergulho. Um companheiro descobriu os cadáveres de algumas vacas. Logicamente saímos da água a toda pressa e cheios de asco, mas ninguém ficou enjoado ou enfermo. Recordando aquele fato, me decidi. Tirei o uniforme, joguei a roupa interior nas águas pardacentas e entrei nelas. Alguns companheiros, quando me viram, fizeram comentários jocosos.

Meu ordenança, que resistia em tomar banho na minha companhia, empenhava-se em limpar a lama da minha roupa interior. Ensaboei-me várias vezes e me esfreguei com energia, mas, apesar de tudo, não me senti limpo. Eliminei o sabão borrifando-me com cuidado e notei que me encontrava melhor, o que me animou a pensar se devia ou não mergulhar completamente naquele lodaçal.

Não tive tempo de tomar uma decisão; os russos se adiantaram. Ouvi algumas explosões perto do lugar onde eu estava e, imediatamente, senti uma chuva de barro e de pedra cair sobre mim. Com a velocidade de um raio, fomos refugiar-nos em nosso abrigo; mal entramos nele e três granadas explodiram outra vez, quase nos atingindo. Respondíamos aos russos como mereciam, atirando sobre eles a cada três minutos. Não cessávamos de perguntar-nos qual a quantidade de munição que os russos estavam dispostos a gastar; mas concluímos que não se importavam com isso; os tiros inimigos varriam nossa zona sem descanso. Quando terminei de me vestir, resolvi verificar os danos causados por aquelas três explosões. Assim que levantei a cabeça fora do abrigo, vi uma imensa nuvem de poeira e constatei que o inimigo atingira nossas viaturas, que tínhamos ocultado nos

mesmos abrigos empregados pelos russos para tais fins, quando eram donos da zona em que nos encontrávamos. Notei que uma viatura tinha sido atingida por uma granada que transformou o veículo num horrível monte de sucata. Instintivamente, exclamei:

— Santo Deus! há algo que se move ao volante!

Corri até a viatura e vi que um corpo se retorcia entre o volante e o destroçado assento. Tentei retirá-lo dali, mas minhas forças não foram suficientes. Comecei a temer que a viatura incendiasse, já que a gasolina começava a espalhar-se. Gritei com toda a força dos pulmões pedindo ajuda. Várias cabeças surgiram dos buracos; fiz sinais e com nossos esforços unidos pudemos tirar o ferido daqueles ferros retorcidos, levando-o a um lugar seguro. Reconhecemos no ferido um dos nossos motoristas e notamos que o ferimento era grave. Tinha as costas completamente destroçadas e os braços pendiam como se fossem farrapos sangrentos. Não podíamos prestar-lhe qualquer ajuda; um enfermeiro deu-lhe uma injeção de morfina e, em seguida, colocamo-lo como pudemos numa viatura que o conduziu até o posto de socorro.

O artilheiro russo esmerara-se na pontaria; a última granada atingiu o alvo em cheio. O ferido foi operado imediatamente. Foram-lhe amputados os braços; mas pelo resto do corpo não foi possível fazer muita coisa, porque estava crivado de estilhaços. O pobre homem tinha uma constituição de ferro; lutou contra a morte durante três dias seguidos. Quando o visitei estava consciente, mas notei que ignorava ter perdido os braços. Apesar de o médico dizer não haver esperanças de salvá-lo, animamos nosso companheiro. Não o quis desiludir ao vê-lo fazer planos para o futuro. Disse-me:

— Creio que meu corpo ainda pode servir para ser cantineiro. O senhor não está de acordo comigo?

Como é de supor, concordei. No dia seguinte, aumentava o número dos soldados que jaziam no cemitério.

Na noite daquele dia, tive que fazer alguns contatos na 4ª Bateria, instalada na parte norte da cabeça-de-ponte e cuja missão era apoiar o Regimento Grossdeutschland. Àquela visita agradou-me porque, em primeiro lugar, me entendia muito bem com o seu comandante, Tenente Scheufele, e segundo porque a sua cozinha era considerada a melhor de nossa unidade.

Era a primeira vez que visitava aquela zona da cabeça-de-ponte. Pude observar que era muito íngreme e que os caminhos eram transitáveis graças aos rastos deixados pelas viaturas. Meu amigo recebeu-me com grandes demonstrações de alegria em seu posto de comando e tive que lhe contar todas as novidades ocorridas no Regimento durante o tempo em que esteve ausente do mesmo.

Não demorou para que o cozinheiro se apresentasse trazendo um pedaço de carne assada e uma salada de batatas. Quando nos dispúnhamos a comer, ouvimos uma barulhada estranha e, ao sair para ver do que se tratava, fomos testemunhas de uma cena hilariante.

Um porco tinha escapado e corria entre nossas linhas. Os cozinheiros, desprezando o fogo inimigo, corriam atrás dele, fustigando-o com paus e baionetas. Tentaram bloquear todas as suas saídas e fizeram ingentes esforços para que o porco não escapasse em direção ao inimigo. O animal, obstinado e astuto, conseguia escapulir fazendo ziguezagues. Aquela caçada imprevista durou um bom tempo, até que alguém, com um tiro de pistola, abateu o animal. Conseguira-se uma boa presa.

Tinha chegado o momento do regresso. Fiz a viagem de volta no escuro. Sentia-me otimista e de bom humor devido à vodca ingerida. Conduzia a viatura procurando orientar-me pelos numerosos rastros deixados pelos nossos veículos, mas estes eram tantos e tão diversos, que me desorientei e perdi o rumo. Diminuí a marcha ao passar diante de duas casas, pois não recordava ter passado por ali anteriormente. Subitamente estourou uma granada na minha frente e outra à retaguarda, quase me atingindo. Rapidamente desviei a viatura para a esquerda e entrei num matagal. Dei uma olhada na bússola e constatei que me dirigia para as trincheiras inimigas! Tinha que retroceder imediatamente!

Apesar de estar sob cerrado fogo inimigo, consegui, novamente, alcançar as casas. Ao chegar a elas, vi uma patrulha ao comando de um sargento. Bastante aborrecido perguntei-lhe por que não me advertira de que eu estava andando em direção às trincheiras dos russos. Respondeu-me tranquilamente:

— Estamos num posto avançado; pensei que tivesse a intenção de inspecionar as linhas inimigas.

Confesso ter ficado atônito e não soube o que responder. Reiniciei a viagem. Procurei orientar-me melhor e cheguei sem novidades à minha Unidade onde, naturalmente, não contei a ninguém a minha "excursão". Se

o tivesse feito, ter-me-ia convertido em objeto de zombaria dos meus próprios soldados!

No início de agosto, eram tão elevadas as perdas da Divisão, que fomos substituídos, à noite, por uma Divisão recém-chegada da retaguarda. Empreendemos nossa marcha em direção à retaguarda, sentindo alegria pelo descanso, bem merecido. Entretanto, mal tínhamos percorrido uma parte do caminho, recebemos uma nova ordem: devíamos dirigir-nos para o flanco norte da estrada de Jelna, pois o inimigo atacava sem cessar aquele setor e teríamos de defendê-lo a todo custo.

Nossa temporada de descanso foi tornada sem efeito e nos deslocamos para cumprir a ordem recebida. A defesa do novo setor foi muito mais difícil do que pensávamos. As colinas do lado inimigo estavam cobertas por densos bosques e os russos nos demonstraram, pela primeira vez, sua tática noturna. Infiltravam-se nas nossas linhas em pequenos grupos; reuniam-se num ponto determinado e nos atacavam pela retaguarda, de surpresa, onde menos esperávamos. Por tal razão, todas as noites multiplicavam-se os sinais de alarme; fomos por isso obrigados a reforçar nossas posições com fortes patrulhas, que não tinham um só momento de descanso.

Aqueles ataques noturnos nos demonstraram o perfeito adestramento dos soldados russos, que se deslocavam à noite com a mesma segurança com que o faziam de dia; atacavam com todos os meios à sua disposição e lutavam estoicamente. Quando julgavam conveniente, retraíam para os bosques, onde passavam o dia. Por essa razão, chegaram a se converter em tabu para nós. Devo dizer que aquela nova tática dos russos deu-lhes muito bons resultados e nos causou muitas baixas. Só conseguimos contra-atacar quando chegamos à conclusão de que devíamos redobrar a vigilância noturna, procurar saber em que locais da retaguarda se reuniam, e então atacá-los.

O posto de comando do meu camarada Scheufele estava situado a trezentos metros da retaguarda, numa planície. Só podíamos chegar a ele adotando toda sorte de precauções e rastejando. Estávamos tão perto do inimigo, que podíamos ver perfeitamente suas trincheiras sem ajuda do telêmetro. Até agora não compreendo por que os russos se obstinavam em romper a frente precisamente pelo nosso setor. Mas fossem quais fossem suas intenções, atacaram-nos uma infinidade de vezes e sempre em massa.

O grosso da nossa unidade estava entrincheirado naquele vale. Nossa artilharia dizimava as tropas russas. Mas, apesar das baixas que sofriam,

voltavam a atacar com redobrada fúria. Isto fez com que chegasse o momento em que não sabíamos o que pensar e sentimos uma estranha sensação de desamparo. Os mortos se amontoavam, formando verdadeiras pilhas. Contudo, os russos obstinavam-se a atacar no mesmo ponto e, em consequência, eram dizimados pelo fogo. Não tardamos em verificar que se aproveitavam das pilhas de mortos para poderem chegar às nossas posições sem serem vistos.

Passei muitas horas no posto de comando do meu amigo Scheufele observando aquele ponto do setor que se convertera num objetivo de suma importância. Apesar de nossos tiros acertarem sempre no alvo, e praticamente varrerem a infantaria russa, não podíamos deixar de nos sentir surpreendidos diante daqueles montões de mortos. Não vimos uma vez sequer os russos tentarem recolher seus feridos; por isso só se salvavam os que conseguiam retirar-se por si mesmos, sem a ajuda de ninguém. Mais tarde chegamos a conhecer a obstinação russa, sua indiferença perante a morte, sua falta de humanidade e de escrúpulos quando se tratava de executar uma ordem, que cumpriam com todo o rigor.

Não tardou muito para que o inimigo nos atacasse sistematicamente com todos os meios, inclusive aviões de caça e de bombardeio. Utilizaram bimotores muito rápidos e seguros. Mas como nos escondêramos nos abrigos, bastante profundos, depois de fazer o mesmo com os veículos, não sofremos muitas baixas nem perdas de material. Naquela ocasião ainda dispúnhamos de uma aviação que podia ser considerada invencível. Por essa razão, os combates aéreos contra os aparelhos russos sempre terminavam de modo vitorioso; não existia um só avião soviético que pudesse competir com nossos Messerschmitt.

Aqueles combates, muitos vezes, nos encheram de espanto, proporcionando-nos ocasião de aprender muito com os russos. Quando ocupamos uma de suas posições, vimos pela primeira vez o abrigo individual deles. Tratava-se de um buraco de oitenta centímetros de diâmetro e dois metros de profundidade. Em torno dele não havia um mínimo de terra, nem um vestígio sequer que revelasse a sua existência e, por isso, só era visível a poucos metros de distância. Admiramos a perícia de tal trabalho; minha admiração aumentou quando os prisioneiros nos informaram que não demoravam mais de uma hora para fazê-lo.

Devo dizer, também, que conheciam como ninguém a arte da camuflagem. Até as viaturas, por mais pesadas que fossem, desapareciam

sob a terra, quando estavam na linha de frente.

Os homens se abrigavam nas trincheiras perfeitamente traçadas e construídas, que, inclusive, utilizavam para mascarar e ocultar toda espécie de armamento. Isto tornava impossível que suas posições fossem descobertas à primeira vista. Seus postos de observação eram construídos em forma de tronco de árvore, e como tal os considerávamos.

Todos estes detalhes nos confirmaram, eloquentemente, que o povo russo tinha muita astúcia, talvez mais do que o nosso, e que demonstrava muito apego à natureza.

CAPÍTULO XI

Descanso? — Primeira condecoração — Ivan e Pjotr — Pjotr junto ao inimigo — "Estradas russas" — Ucranianos vivos — Uma ponte sobre a água — Paixão dos russos — O cerco de Kiev — Serviço de informações soviético — Do internacionalismo ao chauvinismo.

Após algumas semanas pudemos desfrutar, finalmente, uma curta temporada de descanso nos arredores de Roslawl. Pode parecer até que eu escolhi tal período de "férias" para adoecer. Construí um pequeno buraco perto da minha barraca para servir de WC particular. Passei muito mal os dias e as noites seguintes, visitando-o quatro ou cinco vezes por hora. O resto do tempo passava deitado no colchão de palha.

Neguei-me, terminantemente, a ser hospitalizado no hospital de campanha, pois é sabido que os homens quando estão juntos durante suas doenças sentem-se muito mais enfermos. O médico me recomendou uma dieta e receitou algumas pílulas, obrigando-me ainda a ingerir uma boa quantidade de óleo de rícino. Devo reconhecer que necessitei de vários dias para que meu debilitado organismo pudesse reagir convenientemente.

Encontrava-me ainda bastante fraco quando nosso coronel mandou chamar-me: "Devia apresentar-me" com capacete de aço e talabarte. Fiz um

exame de consciência, mas não me sentia culpado de nada. Por isso me apresentei a ele de forma correta, apesar de mal aguentar-me em pé.

Constatei que a fisionomia do meu amigo, que não aceitava qualquer espécie de brincadeira quando estava de serviço, tinha uma expressão amável. Recordo perfeitamente que disse algumas palavras muito gentis, apropriadas à ocasião, e em seguida colocou sobre minha desgastada túnica a Cruz de Ferro.

Confesso ter-me sentido muito orgulhoso e não pude deixar de lembrar as palavras de meu pai quando nos despedimos. Estou certo de que a recordação delas e o vinho da Criméia que tomei na companhia dos meus homens, naquele dia, foram os melhores remédios para a minha doença.

Inesperadamente me senti curado e pronto para cumprir as missões que me fossem determinadas.

Voltei a trabalhar com renovado zelo, revisei e inspecionei as viaturas que se encontravam em lamentável estado, depois de dois meses de combate na frente Leste.

Há poucos dias solicitara que passassem à minha disposição seis mecânicos russos que faziam parte da plêiade de prisioneiros de guerra, que concordaram em trabalhar para nós e continuar a campanha alistados em nossas fileiras. Devo confessar que ficamos surpreendidos com a eficiência e facilidade que tinham para resolver qualquer espécie de imprevisto. Sabiam, inclusive, que algumas engrenagens dos carros T-34 encaixavam perfeitamente em determinadas viaturas nossas. Aquelas engrenagens eram tão fortes, que jamais quebravam.

Daqueles seis mecânicos russos, o mais ativo e inteligente chamava-se Ivan. Era um homem pequeno e loiro, de olhar vivo, que se desincumbia de qualquer tarefa, por mais difícil que fosse. Usava, como todos os soldados soviéticos, o cabelo cortado à escovinha, o que lhe dava uma aparência muito singular. Mantinha o uniforme sempre bem apresentável e nunca deixou de praticar os preceitos de higiene, matinais e vespertinos, que implantei aos meus homens.

Muitos de nós travamos uma luta de morte com os piolhos, que eram uma praga e não respeitavam ninguém. Como na ocasião dispúnhamos de bastante água, combatemos como pudemos os desgraçados animaizinhos. Iniciávamos as jornadas caçando os piolhos em todo o corpo, conseguindo matanças de 20 a 30 peças de cada vez.

Certo dia, não encontrando Ivan em parte alguma, perguntei por ele ao chefe da equipe de mecânicos; muito embaraçado, respondeu-me:

— Aquiesci aos pedidos de Ivan e lhe concedi vinte e quatro horas de permissão para que fosse a sua casa, que dista quarenta e cinco quilômetros de Smolcnsko. Disse-me que tinha a intenção de visitar a família e voltar imediatamente.

Fiquei encolerizado e disse:

— O mais provável é que não regresse. Sua estupidez nos fez perder o melhor ajudante.

Estava firmemente convencido de não voltar a ver Ivan. Mas... enganei-me! Na manhã seguinte, Ivan regressou ao acantonamento, feliz e satisfeito. Suas arrevesadas palavras nos deram a entender que sua família estava bem e não tivera problema algum. Mas, para ser sincero, devo dizer que acredito que sua volta deveu-se à comida do rancho, pois tanto Ivan como seus companheiros recebiam as mesmas rações que os soldados alemães; era até permitido que apanhassem a comida que sobrava. É assombrosa a capacidade do estômago do soldado russo! Pode ser comparado a um saco furado, que engole tudo o que lhe dão. Não exagero quando digo que o estômago do soldado russo podia digerir facilmente um troço qualquer, por mais duro que fosse, e até oito rações diárias. Além disso, não precisavam de descanso para fazer a digestão e se punham a trabalhar com a comida na boca.

O calor parecia não incomodá-los. Os seis mecânicos, sem exceção, sentiam-se à vontade entre nós. O comandante do Regimento disse-me que tinha pressentimento que a Divisão receberia uma nova missão. De fato, não demorou muito para que nos deslocássemos para uns quatrocentos quilômetros mais ao sul, com o objetivo de reforçar o cerco da zona ocidental de Kiev, bem como para cortar a retirada de uma grande parte do Exército russo que lutava naquele setor.

O "Deus do tempo", naquela ocasião, voltou-se contra nós. Uma copiosa chuva transformou os caminhos, pelos quais devíamos passar, em lodaçais intransitáveis. Nunca poderei esquecer as redondezas de Gorednja. A estrada passava pelo meio de um bosque e era tão escorregadia e lodosa, que mal podíamos transitar. Centenas de vezes fomos obrigados a desatolar as viaturas a braço. Isto ocasionava frequentes altos e, consequentemente, um considerável retardo no avanço da coluna.

Aquilo não era tudo. Seguidamente éramos "obsequiados" com tiros que procediam dos bosques e que não podíamos responder à altura. Quando semelhante coisa acontecia, sentíamo-nos impotentes, indefesos e perdidos; só o pensamento de ter que entrar nos matagais nos apavorava.

Em certa ocasião o inimigo atacou, à noite, lançando uma quantidade enorme de granadas que explodiram muito perto de nós. Nesse momento, fizemos alto e desci da viatura para verificar o que estava acontecendo. Constatei então que acabava de ruir uma ponte de madeira que não suportara o peso de um dos nossos caminhões carregados de munição. Compreendi a dificuldade da situação, pois estávamos a ponto de perder o veículo com toda a carga.

Só podem avaliar uma situação dessas aqueles que tiveram a oportunidade de viver o mesmo drama. Inicialmente, não soube o que fazer nem por onde começar. Juntamente com um sargento sapador, enfrentando um barro que nos chegava até a cintura, fomos examinar a ponte para ver o que poderíamos fazer. Fiquei aturdido ao ver a gigantesca tarefa que tinha pela frente.

Determinamos que uma patrulha entrasse no bosque e cortasse algumas árvores. Quando conseguimos alguns troncos, improvisamos com eles alavancas para tirar o caminhão do barro onde se atolara. A tarefa nos exigiu algumas horas até conseguirmos que as rodas girassem sobre uma superfície mais dura, isto é, sobre madeira. Nosso trabalho era lento, difícil e quase sobre-humano. De repente, quando menos esperávamos, um homem da nossa patrulha fez um disparo, provavelmente devido ao nervosismo. Isto fez com que todos começassem a atirar. Passaram alguns minutos antes que as coisas voltassem à calma. Os soldados desabafaram praguejando e proferindo palavrões.

Finalmente, tiramos o caminhão do atoleiro e terminamos o trabalho com a ajuda de um pesado tronco de árvore, suficientemente resistente para suportar a pesada carga do caminhão. Trabalhamos até o sol nascer, mas conseguimos sair bem de tão dura empresa. Além de tudo, tivemos que enfrentar, durante a noite, os mosquitos que nos torturaram. Ficamos satisfeitos por termos escapado de situação tão difícil e podermos prosseguir.

Dez quilômetros adiante reunimo-nos à coluna. Fomos obrigados a fazer um novo alto. Deparamos com uma ladeira de barro, que obstruía nosso caminho. As viaturas patinavam, derrapavam e acabavam atoladas.

Apesar de tudo pude chegar com a minha viatura até o cume da elevação, onde me encontrei com nosso comandante. As viaturas que chegavam no vale deviam passar sobre uma pequena ponte construída sobre um arroio. A estrada do outro lado da elevação, de tão escorregadia que era, fez com que várias viaturas fossem parar dentro do arroio, ou então paravam no meio do caminho chocadas umas com as outras.

Empregamos então dois tratores para rebocar os veículos que não puderam subir a ladeira. As viaturas eram então rebocadas uma a uma até o topo da colina. Além do trator, cada veículo necessitava do auxílio de 20 a 30 homens.

No cume da elevação esperava a chegada de cada um dos veículos; a seguir, pessoalmente, conduzia-os até o vale fazendo com eles, não propriamente uma descida, mas sim, um deslizamento. Acabei por me tornar especialista naquele modo de dirigir, pois conduzi naquelas circunstâncias mais de cem viaturas numa tarde. O atraso ocasionado por aquela montanha de barro fez com que durante a noite seguinte não tivéssemos um momento de descanso.

A fadiga ocasionada pelo barro, entretanto, foi recompensada por pequenas coisas que vimos na Ucrânia, e que estavam em flagrante contraste com a Rússia Branca.

Recordo que, ao chegarmos ao território ucraniano e vermos as casas de campo circundadas de ameixeiras e macieiras, ficamos emocionados.

Os frutos ainda não estavam maduros, mas ficamos contentes em somente vê-los.

Nossa atenção foi atraída pelo aspecto das camponesas daquelas paragens, nas quais contemplamos uma estampa de frescor, limpeza e colorido. Acostumados, como estávamos, à lama das trincheiras, à tristeza daqueles confins e à imundície dos lodaçais, aquela visão de simples camponesas trajadas com aventais multicores e de mocinhas que amarravam o cabelo com laços azuis ou vermelhos nos fez recobrar os perdidos anseios de vida, de juventude e de alegria!

Também nos sentimos agradavelmente surpreendidos ao verificarmos que diante das casas dos camponeses havia um pequeno jardim embelezado com plantas bem cuidadas. Ambos os detalhes, as moças e as flores, nos fizeram esquecer muitos sofrimentos e, com isso, nos sentimos menos estranhos naquele longínquo e desconhecido país que, até aqueles momentos, tinha sido a imagem da inospitalidade.

Tudo nos fazia compreender que estávamos numa zona privilegiada da União Soviética.

Constatamos que a maioria da população civil tinha ficado em suas localidades, ao contrário do acontecido nos territórios pelos quais tínhamos passado e que encontráramos vazios, carentes de vida e de habitantes, por terem sido evacuados antes de nossa chegada.

Quando os médicos das unidades proibiram que bebêssemos água das fontes locais, já tínhamos enchido nossos cantis. Estabelecemos contato com a população local e constatamos que as pessoas eram menos fechadas que os russos anteriormente encontrados. Os lavradores daquela zona pareceram-nos mais bem alimentados. Seu aspecto era comparável aos que habitavam a parte ocidental da Europa.

Os ucranianos continuavam executando seus trabalhos como se não estivessem em guerra, como se esta não existisse. É possível que os camponeses sentissem falta de tratores; continuavam trabalhando a terra de modo primitivo, embora eficaz.

Para atravessar o rio Desna tivemos que combater duramente. Uma aldeia, cujo nome não recordo, foi mantida pelos russos até o limite de suas forças. Aquilo era compreensível, já que devia ser levado em conta que, perto da aldeia, havia uma ponte ferroviária, que podia ser considerada um ponto estratégico. Quando já tínhamos conseguido avançar bastante, um ataque dos Stukas facilitou muito as coisas. Devo reconhecer que sofremos muitas perdas, mas também pudemos comprovar o tremendo efeito moral exercido sobre o inimigo pelo ataque devastador dos nossos aviões.

O comandante de uma companhia de sapadores aproveitou uma fraqueza do inimigo para avançar súbita e decididamente, conseguindo apoderar-se da ponte que tanto nos interessava, evitando com isso que os russos, ao notar que não podiam defendê-la, destruíssem-na.

Sua ação nos proporcionou a oportunidade de estabelecer uma cabeça-de-ponte neste rio. Mas os russos se reagruparam alguns quilômetros mais ao sul e se defendiam com tenacidade toda vez que atacávamos.

Não podíamos compreender como atravessavam o rio para contra-atacar, já que os aviões de reconhecimento não descobriram ponte alguma naquela região.

Só pudemos desvendar tão estranho enigma quando ampliamos a cabeça-de-ponte. Descobrimos então que os russos dispunham de uma ponte completamente invisível para nós, construída trinta centímetros

abaixo da superfície da água, pela qual durante a noite passavam suas tropas. Aquela ponte era uma obra-prima dos engenheiros russos que, em nosso entender, estavam num flagrante contraste com o atraso visível do país. Por outro lado, o regime que governava aquele desconcertante Estado conseguira criar uma elite intelectual e técnica que lhe servia incondicionalmente sem qualquer reserva. Esta elite era naturalmente de nível bem acima das massas que eram simplesmente utilizadas.

Os russos fizeram ingentes esforços para romper o cerco de Kiev, obrigando-nos a estabelecer a nossa frente em sua parte ocidental. Passados alguns dias, me dirigi a uma das novas posições em companhia do Major Rumohr.

Subitamente ouvi uma tremenda explosão e vi como os ocupantes da viatura que me precedia voavam pelos ares. Fiquei atônito. Mas raciocinei rapidamente e pude frear minha viatura a tempo. Imediatamente vi que estávamos em terreno minado. Um dos oficiais que iam na viatura morreu, enquanto o motorista e o Major Rumohr ficaram gravemente feridos. A perna deste último, que estava em pé no momento da explosão, ficou esfacelada. Golpe duro para aquele grande soldado que só amava a ação! O que mais sentiu foi ver-se obrigado a nos abandonar, a separar-se de sua querida Divisão.

Contudo, quis o destino que Jochen Rumohr morresse no campo de batalha, apesar de ter naquela ocasião escapado da morte por um triz. Aquele grande soldado, digno de exemplo a ser seguido, morreu na Hungria em janeiro de 1945, depois de ter defendido heroicamente, com a Divisão à qual pertencia, o cerco da cidade de Budapeste, depois de ter repelido os ataques do inimigo durante dez longas semanas.

O Capitão Drexler, oficial mais antigo da bateria, assumiu o comando.

Ao chegarmos a Rommy atingimos o objetivo. A partir daquele momento completou-se o cerco da cidade. Os prisioneiros russos ascendiam a cem mil. Instalamo-nos numa pequena aldeia, onde encontramos um pequeno hospital militar e verificamos que suas instalações não eram tão modernas quanto as nossas. Também pudemos comprovar que os soldados russos demonstravam grande estoicismo diante dos sofrimentos; que a sua resistência física ante a dor era muito mais forte que a de qualquer europeu ocidental.

Fui testemunha de um fato extraordinário, sem precedentes. Um soldado russo que poucas horas antes tivera seus braços amputados levantou-se do

leito, sem ajuda de ninguém, e sozinho dirigiu-se à latrina. Creio que considerava a coisa mais natural do mundo ter que fazer tudo sozinho no caso de não poder contar com a ajuda do pessoal de saúde.

As colunas de prisioneiros, que passavam diante dos nossos olhos, eram intermináveis. Testemunhei coisas incríveis. Vi mulheres vestindo o uniforme da tropa que, em muitos casos, podiam ser tomadas por homens quando desfilavam ao lado de seus companheiros. Vi uma mulher com o ombro estraçalhado por uma granada, que se limitara a cobri-lo com uma velha camisa, continuar a marcha como se nada tivesse ocorrido; com duro estoicismo negou-se a ser atendida e internada em nosso hospital.

Outro caso: um soldado russo, que não tinha uma perna, e caminhava ao lado dos companheiros, apoiava o coto num simples pedaço de pau; fez um torniquete sumário com a ajuda de uma meia para conter a hemorragia. Apoiava-se sobre dois outros paus e marchava capengando para o cativeiro como se estivesse tomando parte num desfile vitorioso e se encontrasse em pleno gozo de saúde.

Todas estas pessoas desfilavam tranquilas, vestindo seus imundos e desleixados uniformes, conscientes de que estavam num inferno, mas conformadas com a sorte. Não davam mostras de cansaço nem de desespero. Mas o olhar, febril e profundo, mostrava a fome que sentiam; que talvez sempre sentiram.

Pude comprovar igualmente outro fato altamente significativo: os rostos dos mongóis e calmucos careciam de expressão; davam a impressão de que os sofrimentos e sacrifícios eram, para eles, simples coisas do destino.

Não demorou para que recebêssemos ordem de seguir para o Norte. Concederam-nos um descanso, em Roslawl, localidade situada a cento e vinte quilômetros de Smolensko.

Aproveitei a ocasião para conhecer melhor o país em que me encontrava e a gente que o habitava. Negava-me a viver aquela época apenas como soldado. Queria conviver com as pessoas que me rodeavam, como um ser humano, pensando que, talvez, pudesse compreendê-las. Ansiava travar conhecimento com elas para me inteirar dos seus problemas cotidianos.

Tive oportunidade de conhecer uma russa. Nina R., que fora evacuada para o Sul fugindo dos combates que tiveram lugar nos arredores de Smolensko e que chegara à mesma localidade na qual minha unidade estava acantonada. Nina era uma mulher de uns vinte e oito anos. Impressionou-me por sua inteligência e por sua estranha elegância. Não trajava o vestido

cinza-pardacento tão comum entre os russos daquela zona, mas um vestido singelo, limpo e em bom estado. Prefiro que ela fale:

— ... "Meu marido é engenheiro industrial. Foi condenado a cinco anos de trabalhos forçados, em 1940. Foi deportado para a Sibéria e não tenho esperanças de tornar a vê-lo. Há oito anos sou professora numa escola primária, mas de pouco tempo para cá dedico-me ao ensino médio. Meu pai foi professor do ginásio de Smolensko nos tempos dos Czares. A revolução bolchevista surpreendeu-o quando se preparava para desenvolver um plano de ação contra o analfabetismo, que naquela ocasião atingia 70% da população russa. Em 1940 apenas 30% da população era analfabeta. Não sou fanática pelo Partido, mas nos últimos anos se fez muito pela educação.

"Não obstante, devo dizer que os comunistas consideravam muito bom para os seus fins a existência de grande número de analfabetos durante a época czarista, pois tais pessoas eram facilmente influenciadas e podiam ser utilizadas mediante uma adequada propaganda. Desde o Ministro da Educação até o comissário do povoado mais longínquo lutaram com todas as forças para atrair a grande massa de analfabetos. Em 1918, o Estado soviético empenhou-se vivamente em criar uma elite intelectual que lhe fosse incondicionalmente submissa. Para consegui-lo teve que enfrentar uma dura tarefa, já que os cientistas, os pesquisadores e os engenheiros da época czarista, ou foram deportados para a Sibéria, ou então, ao verem o caos esparramado por toda a Rússia, em consequência da guerra civil e da revolução, apressaram-se em procurar refúgio na Europa Ocidental. Todos aqueles que os substituíram mostraram grande incompetência, salvo alguns poucos, que podiam ser contados nos dedos. Tratava-se de homens que pertenceram aos partidos democráticos e socialistas, que se apressaram a inscrever-se no Partido Comunista, quando se deram conta de que este tinha nas mãos as rédeas do poder soviético. A revolução bolchevista ocasionou o rompimento da Rússia com as demais potências ocidentais, fazendo com que ela ficasse praticamente isolada do mundo. Isto facilitou aos soviéticos sua tarefa no âmbito cultural, permitindo-lhes educar as massas de acordo com seus interesses. Confesso que nada sabemos a respeito do resto do mundo. Limitamo-nos a trabalhar como se fôssemos os únicos habitantes da terra, com vistas ao progresso de nossa pátria.

"Acreditamos que o nosso sistema de governo, conduzido pelo nosso camarada Stalin, é o mais progressista do mundo. Não trabalhamos só para nós, mas também em prol dos trabalhadores do mundo inteiro que ainda

vivem sob a égide do capitalismo e sob o jugo da escravidão. Combatemos pela verdadeira liberdade do mundo...

Visitei muitas escolas da Rússia Branca, bem como das regiões da Ucrânia. Na Rússia, o prédio escolar é facilmente reconhecível, por ser o maior e o mais importante de cada localidade. As construções costumam ser de madeira. Diante delas há sempre um pequeno jardim onde pode ver-se a estátua de Lenine ou de Stalin.

O gosto do povo russo, muito singelo, além de sua pobreza, faz com que aquelas estátuas sejam de gesso. No dia primeiro de maio, e em outras datas comemorativas, são enfeitadas com tiras de papel colorido e com numerosos cartazes alusivos à Revolução. Dentro do prédio só há duas ou três salas de aula. Quando digo isto, refiro-me às escolas dos povoados e das aldeias, nas quais se educam e se formam as massas que integram o povo russo. Os assoalhos de tais salas, que costumam ser de madeira, via de regra, não são muito limpos. Isto era inevitável, já que as ruas das localidades não eram calçadas. Em dias secos estão cobertas de poeira e nas épocas de chuva convertem-se em autênticos lodaçais. É de supor, em tais circunstâncias, que os alunos que frequentavam a escola, no verão, iam descalços e no inverno calçavam sapatos de borracha meio rotos e levavam grande quantidade de sujeira das ruas para o interior do prédio.

Quero, entretanto, deixar claro que a maioria dos professores exigia que os alunos se lavassem e se apresentassem asseados. Mas seus esforços não visavam unicamente a melhorar a situação de determinadas pessoas. Trabalhavam para proporcionar ao Estado uma classe social sadia de corpo e de espírito, capacitada a desempenhar a tarefa que lhe era exigida.

Em setembro de 1941 estava numa localidade próxima a Gomei. Levei comigo um menino de onze anos, Vassili, para me servir de guia. Quando vi o prédio escolar, seu aspecto me levou a pensar que fora utilizado, pela população civil, para outros fins enquanto duraram os combates. Observei, entretanto, não ter sofrido grandes danos.

Vassili, cheio de orgulho, mostrou-me um quadro sobre cuja superfície estavam escritas palavras de Lenine:

"Aprendam. Aprendam, e não parem de aprender!"

O menino de rosto vivo e inteligente estava radiante de orgulho. Sentia-se importante por estar servindo de guia. Venci sua timidez inata presenteando-o com um lenço — o primeiro que tivera em sua vida — e com um punhado de biscoitos.

Notei que Vassili procurava alguma coisa entre os livros que ali existiam. Alcançou-me uma gramática alemã. Fiquei bastante surpreendido. A seguir, disse-me que pretendia estudar alemão no próximo ano e que já conhecia várias palavras do meu idioma.

Constatei que a gramática tinha sido impressa em 1940. Seu conteúdo e sentido eram muito semelhantes a um livro de língua e leitura russas. Não havia a menor dúvida que o livro tinha sido editado com fins propagandísticos. Estava ilustrado com numerosas fotografias que mostravam uma clara relação com as ideias comunistas. Várias delas apresentavam soldados e armas do Exército vermelho e, naturalmente, não faltavam os retratos de Lenine, Stalin e Marx. Seu conteúdo se assemelhava a um panfleto propagandístico. Versava, única e exclusivamente, sobre as conquistas do novo Estado russo, que superava em tudo o regime czarista o todas as formas de governo das demais nações do mundo.

Além disso o texto continha uma enumeração dos diversos planos quinquenais e dos progressos culturais da União Soviética. Vassili demonstrou que sabia de cor todas as cifras e datas que constavam no livro. Pensei que sua memória pudesse ser comparada com a de um robô fabricado para fins de propaganda, e que estava firmemente convencido de viver num verdadeiro paraíso.

Até as pessoas adultas que, por um motivo ou outro, enfrentaram as mais diversos vicissitudes, estavam convencidas de que o regime russo era o melhor de todos e que seus filhos cresceriam e viveriam num Estado ideal, cujas fórmulas estavam fora de qualquer possível discussão. Acreditavam que os obstáculos que se opunham à conquista dos objetivos desejados eram criação dos capitalistas e dos burgueses e que em futuro próximo seriam derrotados pelos ideais comunistas.

Contudo, o que mais estranhei foi que o internacionalismo — o clássico slogan dos comunistas russos — começava a ficar obscurecido por novas ideias. As expressões pátria e patriotismo, que até então não tinham sido aceitas, pareciam ser, naqueles momentos, os ideais reinantes.

As paredes de madeira das salas de aula estavam cobertas de cartazes propagandísticos e por fotografias dos altos dirigentes do Kremlin. Mas também vi coisas curiosas: em muitas paredes das citadas escolas existiam cartazes anunciadores de um circo e algumas ordens do Partido Comunista que datavam de alguns anos atrás. Vi também letreiros que exigiam a limpeza corporal, obediência cega ao Estado e respeito aos pais; avisos

anunciando sessões do clube dos "pioneiros". Tal associação era puramente política e constituída de jovens comunistas ou konsomoles. Todos os seus membros estão obrigados a seguir determinado número de cursos de formação política e de instrução militar rigorosa.

Vassili também era "pioneiro" e sentia-se muito orgulhoso. Quando queria dar-se importância, pronunciava a saudação leninista, fórmula tipicamente soviética que substituía as saudações de cortesia usadas tradicionalmente na Europa.

Os quadros pendurados nas paredes da maioria das escolas ofereciam cenas do passado revolucionário da Rússia e ressaltavam, antes de mais nada, as diferenças sociais e as lutas de classe. Meu pequeno guia, Vassili, mal podia acreditar quando lhe afirmei que nos outros países da Europa não existiam lutas diárias nas ruas e que não morriam homens diariamente nas barricadas. Estava convicto de que os dirigentes capitalistas eliminavam todos os dias um elevado número de operários e camponeses. Tampouco podia compreender que um operário que não fosse russo edificasse um futuro independente, se trabalhasse de modo eficiente e consciente.

Olhou-me espantado quando lhe disse que nossos trabalhadores viviam numa casa habitada, exclusivamente, pelos membros de sua família e que muitos até dispunham de um jardim para o cultivo de flores e de frutas. O isolamento russo do mundo e os efeitos da intensa propaganda realizada nos últimos 20 anos foram, sem dúvida, causas determinantes de tão distorcida visão da realidade. Mas o que me pareceu realmente estranho foi que tal sistema niilista-comunista pregava: "Disciplina, disciplina, disciplina..."

Nas paredes das escolas, uma infinidade de cartazes "gritavam" aos alunos:

"Nunca conseguireis fazer nada se prescindis da disciplina. Não conseguiremos formar um Exército invencível se não tivermos disciplina".

Também li frases como estas:

"Prescindamos de toda a moral que possa ser baseada em Deus".

"A Religião é o ópio do povo".

Durante o tempo em que durou a campanha que nos levou da Rússia Branca até as imediações de Moscou, só encontrei uma igreja ortodoxa onde se praticava o culto religioso. Refiro-me à maravilhosa catedral de Istra, construída sobre uma colina. É certo que seu interior oferecia um aspecto lamentável e que os Popes (sacerdotes ortodoxos) tinham-se apressado em fugir. Contudo, pude ter uma ideia da magnificência que

tivera em tempos passados. As demais igrejas que vi eram usadas como depósitos de cereais, armazéns e outros fins.

A guerra teve para os russos, como consequência, uma mudança de opinião; ou pelo menos passaram a duvidar dos conceitos que tinham sobre o resto do mundo. Mudaram, também, a ideia que tinham sobre os problemas religiosos.

As fotografias das escolas russas que chegaram às minhas mãos depois da guerra mostraram-me construções modernas, muito bem edificadas. Creio, entretanto, que se tratava de exceções destinadas a acolher e educar uma elite privilegiada de intelectuais. Mais tarde constatei que aqueles prédios eram muito mais primitivos e rudimentares do que demonstravam as fotografias.

Tal fato não tem nada a ver com a qualidade das escolas em si, já que podiam ser consideradas como centros educacionais que iam aprimorando, de forma paulatina, o nível cultural do povo russo.

Devo reconhecer, sinceramente, que o povo russo demonstra uma extraordinária predisposição para a arte da improvisação. Não se pode negar que os russos realizam algumas coisas bastante importantes, dispondo de meios rudimentares. Isto leva-nos a perguntar: será que alcançarão no campo da educação os objetivos a que se propõem?

CAPÍTULO XII

Ofensiva de outubro de 1941 — "Estrada" Smolensko-Moscou — Uma pequena cidade russa — "Órgãos de Stalin" — Passagem por Rusa — A casa da NKWD — O mistério das almas russas — O inverno nos ameaça — Ataque a Moscou — O "companheiro" inverno — A visão de Moscou — Gelados diante do objetivo — Trinta graus abaixo de zero — Os Estados Unidos da América entram na guerra — Retiradas — A catástrofe nos ameaça — Regresso num comboio de Saúde — A Legião francesa — Idéias europeias — O exemplo decide.

Recordo perfeitamente que o dia primeiro de outubro de 1941 era uma quarta-feira; naquela data iniciamos a última grande ofensiva do ano. Nosso objetivo chamava-se Moscou, de onde deveríamos lançar-nos para a conquista do Volga.

Partimos de Roslawl e nos dirigimos ao Leste até chegar a Juchnow. Continuamos dali para o Norte em direção a Gshatsk. Alguns dias depois chegamos à estrada Smolensko—Moscou. Esta nova campanha permitiu-nos estreitar o grande cerco de Wjasma, onde não tardamos a ver uma nova coluna de prisioneiros, muito maior do que aquela que encontramos em Kiev, desfilando diante de nossas posições em direção ao Ocidente.

Quando escurecia, as margens das estradas eram iluminadas pelas fogueiras que os prisioneiros acendiam; a claridade projetava-se no horizonte a quilômetros de distância. Não podíamos dar-nos ao luxo de vigiar aquela imensa massa humana como devíamos; chegamos ao ponto de ter um homem para custodiar quinhentos prisioneiros. Tenho certeza de que muitos soldados russos aproveitaram tão estupenda oportunidade para escapar.

Mas, apesar da grande quantidade de prisioneiros que fizemos, não pudemos limpar completamente os densos bosques das imediações do "bolsão". Tampouco conseguimos apoderar-nos do material de guerra que os russos abandonaram.

No decorrer do inverno seguinte, os soviéticos enviaram àquele setor boscoso várias patrulhas bem treinadas para resgatar o material abandonado. Aquelas patrulhas infiltravam-se em nossas posições durante a noite. Em muitas ocasiões foram lançadas, sobre a espessa capa de neve, de aviões que voavam a pouca altura, o que permitia aos homens saltar sem paraquedas. Quando menos esperávamos, foi formada uma poderosa força russa, provida das mais modernas e eficientes armas, inclusive carros de combate, à nossa retaguarda. Aquela força, altamente eficiente, deu-nos muito trabalho.

O itinerário que conduzia de Juchnow a Gshatsk, em sua maior parte dentro de densos bosques, só podia ser percorrido por poderosos efetivos, pois vários grupos de tropas russas que se negaram a render-se infernizavam a nossa vida. Certa ocasião não pude esperar que se organizasse uma escolta e por isso percorri o referido itinerário sozinho. Felizmente não precisei enfrentar grupos de guerrilheiros, muito embora

tivesse que me esquivar de um bimotor soviético, moderníssimo, que me atacou obstinadamente.

Não exagero ao dizer que, voando às minhas costas, picava para metralhar-me, voltando a subir enquanto atirava, repetindo tal operação uma dezena de vezes. Confesso que em nenhuma ocasião saltei tão apressado da viatura tantas vezes seguidas e que jamais alcancei uma vala com tanta rapidez. Mas, numa ocasião, quase fui atingido. Foi da seguinte forma:

O avião esperou mais tempo do que normalmente fazia antes de repetir o ataque. Por isso não o vi chegar e, antes que saltasse da viatura, ouvi o zumbido das balas e senti que se incrustavam no porta-malas do carro. Um tiro atravessou o para-brisa, sem no entanto me atingir. Até hoje lembro do zumbido das balas que passavam rente à minha cabeça. Esse foi o primeiro avião norte-americano que vi em mãos dos russos, fruto do auxílio dos Estados Unidos à União Soviética.

Quando terminou a guerra, fiquei sabendo que em agosto de 1941 já havia uma base aérea norte-americana na Sibéria cujos membros tinham a missão de instruir e adestrar os pilotos russos no manejo dos aparelhos de fabricação norte-americana que lhes foram entregues. Semelhante ação é própria de um país neutro?

Pode ser considerado tal ato como uma ação de um país neutro, realizado na mesma época em que Roosevelt prometia a seu povo que não entraria na guerra?

Quando chegamos a Gshatsk, começamos a marchar pela estrada Smolensko—Moscou. Eram as primeiras semanas do mês de outubro. Ali a estrada formava um cruzamento fortemente defendido, o que nos obrigou a manter uma frente dupla.

Em certa ocasião, inesperadamente, os russos que estavam cercados no bolsão de Wjasma atacaram-nos vindos do Leste. Em outra ocasião, as tropas que se organizaram fortemente em nosso flanco oeste fizeram todo o possível para romper o cerco e libertar seus companheiros de armas. O referido flanco foi atacado incessantemente pelos carros de combate russos; todos os caminhos que davam para a estrada ficaram enfeitados pelos rastros de suas poderosas lagartas.

Certa manhã, ao despertarmos, vimos que o chão estava coberto por alguns centímetros de neve. Aquilo nos fez compreender que tinha chegada o tão célebre inverno russo.

Naqueles momentos não pude deixar de pensar no ano de 1809 e na catástrofe dos exércitos de Napoleão. Meu velho otimismo fez com que se dissipassem meus pensamentos negativos ao pensar:

Acaso não dispomos dos avanços técnicos apropriados para vencer as adversidades enfrentadas por aqueles exércitos? A partir dali os combates tornaram-se mais fáceis porque o nosso Corpo de Exército foi integrado por mais uma Divisão Blindada, com quem iríamos combater, ombro a ombro, nos meses seguintes. Não demorou para que fortes laços de camaradagem nos unissem aos novos companheiros.

Assim continuamos avançando, seguindo um itinerário paralelo à estrada.

Quando uso a palavra estrada para me referir àquela via, fico arrepiado. Era, realmente, uma estrada larga e praticamente em linha reta, mas o seu leito não estava consolidado. Comparada com as estradas ocidentais, era uma via inacabada e com muitos defeitos; um projeto de estrada que tinha sido posto em serviço por motivos urgentes. Era, entretanto, suficientemente larga para permitir a passagem de três colunas, coisa incrível se comparada com as demais estradas russas.

Gshatsk foi a primeira capital de província russa em que tive ocasião de fazer algumas observações. Quase toda a população tinha sido evacuada previamente pelos soviéticos. Observei que a maioria de suas residências era de madeira, inclusive no centro da cidade. Também vi algumas casas de dois andares que chamaram a minha atenção. Luz elétrica só existia em algumas lâmpadas nas ruas. Nas residências havia falta de tudo.

Muitas casas mostravam um aspecto semelhante às habitadas pelos camponeses da Europa Ocidental antes de 1914. O mobiliário e demais utensílios eram daquela época. As casas eram iluminadas por lamparinas de óleo do tempo dos nossos avós. Mas, apesar disso, ficaram gravadas em minha memória as duas horas que passei na casa onde estava alojado um companheiro da Divisão. Fazia meses que não me sentava a uma mesa de madeira e diante de uma estufa de ferro que proporcionava um agradável calor. Era uma delícia ficar sob um teto depois de passar longos meses ao relento. Sentimo-nos confortados pelo fato de podermos fazer uma refeição em pratos limpos. Era um prazer beber vodca em copos que não estavam embaciados ou sujos.

Certo dia tive que regressar a Smolensko, onde permaneci durante uma noite. Percorri os quase trezentos quilômetros em oito horas, o que me fez

ficar satisfeito.

Smolensko era uma cidade de aproximadamente cem mil habitantes. Suas casas eram de madeira, exatamente iguais às que já tinha visto. Casa de alvenaria só existia uma no centro da cidade. O comando alemão proporcionou-me um quarto para passar a noite num hotel de luxo da cidade. Esse hotel era um edifício de cinco andares, cuja fachada oferecia um aspecto bastante escuro. Imponentes colunas de gesso embelezavam a entrada e acompanhavam a larga escada até o primeiro andar. Havia ainda duas frondosas plantas em vasos que pareciam estar esquecidos. As paredes de ambos os lados da escada eram de mármore vermelho-amarelado, mas só até o primeiro andar. O resto, todo o resto, dava a impressão que não tinha sido acabado.

Os quartos eram muito pequenos. Só tinham duas pequenas camas de ferro, duas cadeiras, uma mesa e um armário ao lado da porta. Tinha tanta necessidade de tomar um banho, que perguntei onde ficava o banheiro. Responderam-me que no meu andar havia um. Ao entrar nele, porém, constatei que era um amplo quarto, no qual, realmente, havia uma banheira que estava desprovida de torneiras e de toda espécie de instalações necessárias ao banho. Nunca pude saber se o hotel tinha aberto as portas ao público, em tão lamentáveis condições, ou se a ausência de comodidade era devido à guerra. Acredito que a primeira hipótese era a certa.

Saboreei a frugal ceia na quietude do quarto. Deitei-me para desfrutar um merecido descanso. Tão cansado estava, que não prestei atenção aos hóspedes que ali havia, e mergulhei num profundo sono.

À medida que avançávamos, éramos atacados pelos russos com seus temidos "órgãos de Stalin", infelizmente já conhecidos por nós, mas que agora eram lançados maciçamente. O foguete era uma granada semelhante à que usávamos para lançar cortinas de fumaça, mas de construção rudimentar, se comparado com os nossos.

O lança-foguetes russo era constituído de simples tubos paralelos, montados sobre caminhões de carga. Eram capazes de lançar, ao mesmo tempo, dezesseis, vinte e quatro e trinta foguetes. As rampas podiam mudar de posição toda vez que lançavam uma carga de projetis, o que as tornavam praticamente invulneráveis ao fogo da nossa artilharia.

Era destruidor o efeito moral que nos causava a explosão de uma salva de dezesseis foguetes quando caíam numa área de duzentos metros por duzentos, por exemplo. Tinha que reconhecer, entretanto, que a visão

daqueles foguetes cruzando o escuro céu da noite, deixando atrás um longa esteira de fogo, constituía um espetáculo dantesco, de surpreendente beleza.

A última e mais forte linha de defesa que os russos tinham construído para proteger sua querida capital, Moscou, estava a alguns quilômetros da sua periferia, nos arredores da cidade de Moshaisk, situada junto à estrada que conduzia à Capital. Finalmente, depois de muitos e sangrentos combates, conseguimos rompê-la. Ali foi ferido o nosso querido General Hausser — Papai Hausser. Um estilhaço atingiu-o na cabeça, o que lhe motivou a perda de um olho. O acidente aconteceu quando observava um combate de carros travado a poucos metros da estrada. Perdemos um grande chefe, que podia ser seguido como exemplo. Estava sempre na primeira linha de fogo e nos dava ânimo com sua presença. Sentíamos orgulho de tal conduta.

Em momento tão triste, recordei um episódio que guardo vivo na memória até hoje.

Foi na cabeça-de-ponte de Jelna. Estava pronto para tomar um banho, quando o General Hausser passou por onde estávamos num sidecar de uma motocicleta. Ao me ver, pediu que lhe mostrasse o caminho do nosso posto de comando. Vesti-me num abrir e fechar de olhos, subi numa moto, tendo antes advertido ao general que o caminho mais curto passava pelo campo de tiro do inimigo. A resposta do general me impressionou:

— Verás como não ousam atirar em dois ratos imundos como nós!

Não tive palavras para responder. Mal chegamos na estrada, fomos "obsequiados" com uma saraivada de balas. Voltei a cabeça e vi que o general continuava a marcha tranquilamente e negava-se a descer para abrigar-se. Eu, de minha parte, não queria fazê-lo antes do meu general. O tiroteio aumentou; foi quando percebi que a moto do general ziguezagueava e que seus ocupantes abandonaram-na e saíram da estrada. Saltei da moto imitando meu superior e procurei chegar aonde ele estava. Não sei como aconteceu, mas o fato é que fomos parar no fundo de uma cratera, aberta por uma granada. Ao escutar o general praguejando em altas vozes, sentime animado e disse-lhe:

— Esses aí da frente não levam em conta que somos uns ratos imundos; apesar de tudo, querem a nossa pele.

Quando cessou o tiroteio e a poeira levantada pelas motos desapareceu, continuamos o caminho e chegamos ao posto de comando sem maiores novidades. Ao descer, disse-me o general:

— Reconheço que há ocasiões nas quais devemos ouvir os oficiais especializados.

Todos os integrantes da nossa Divisão consideravam-se velhos e experimentados combatentes russos. Tal sensação não era de estranhar. Tínhamos mantido numerosos encontros com o inimigo e conhecíamos sua maneira de combater; estávamos familiarizados com as peculiaridades do país onde combatíamos; sabíamos perfeitamente como vencer a poeira, a lama, a areia e as extensas zonas pantanosas.

Fomos ultrapassados por uma nova unidade, a 5ª Divisão Blindada, que acabava de chegar à frente de combate. Organizada, inicialmente, para combater na África, foi transferida para o Leste inesperadamente. Nem sequer tiveram tempo de mudar a camuflagem das viaturas pintando-as de verde-amarelo-cinza, como usávamos. Devo dizer, também, que a pintura dos nossos carros não estava como a dos recém-chegados; depois de quase quatro meses de combates ininterruptos, ofereciam um aspecto lamentável.

Nossos agasalhos e roupas camufladas estavam cobertos do barro que cobria os caminhos da Rússia Branca e o terreno da Ucrânia. Muitos homens deixaram a barba crescer; vários estavam calçados com botas de feltro russas; medida certa, tomada quando tivemos que suportar as primeiras nevadas, que nos deram uma ideia da crueldade do inverno que nos esperava. Nossos veículos, pouco a pouco, transformavam-se em ferro-velho. Não tinham para-lamas nem paredes laterais. A manutenção preventiva fora esquecida, já não pensávamos em repor as peças que faltavam. Ficávamos contentes que seguissem andando.

O pessoal da orgulhosa e flamante Divisão, recém-chegada da Pátria, teve para conosco palavras mordazes ao passar por nós. Chamaram-nos de "bando de mendigos", "colecionadores de lixo", "motoristas de sucata"...

Não nos deixamos abater e lhes respondemos com frases tais como: "Africanos frouxos", e ... esperamos ansiosos a sua primeira reação ante o inimigo!

Mal a nova Divisão entrara em posição, foi atacada e teve que travar um duro combate. Sentimos imensa satisfação quando fomos lançados para correr em socorro dos "africanos frouxos". Nossa alegria foi ainda maior quando nos apoderamos de trinta caminhões Opel e de algumas camionetas Volkswagen abandonados no campo de batalha pelos "africanos". Aquelas presas de guerra foram para nós um verdadeiro presente do céu. Não

perdemos tempo em repará-las e pintá-las com as cores e emblemas da nossa Divisão.

Isto gerou uma verdadeira batalha burocrática para a devolução das viaturas, que não teve outras consequências a não ser o preenchimento de um sem-fim de folhas com a intervenção, inclusive, dos mais altos escalões. Fizemos toda sorte de manobras para ficar com as preciosas presas de guerra e o conseguimos. Creio que aquela guerra de papel terminou em maio de 1945!

Vencida a forte resistência de Moshaisk, continuamos o avanço para o Norte. Os itinerários que nos conduziam para lá estavam constantemente batidos pelo fogo inimigo. Ás abundantes explosões de granadas deram-nos a entender que não estávamos muito longe da frente.

Conquistamos Rusa, pequena cidade situada ao lado de um afluente do Moskowa, em meados de outubro de 1941. Depois que tínhamos vencido o inimigo, na região de Moshaisk, sua resistência não foi tão obstinada nem seus ataques eram frequentes.

Tínhamos a esperança de instalar o quartel-general na margem direita do Volga, o que significaria, no meu entender, outra campanha vitoriosa.

A zona industrial dos Urais, que tanto nos interessava, seria posta nas mãos da nossa Luftwaffe. O moral da nossa tropa, que já tinha conquistado mais de seis mil quilômetros de um país que parecia não ter limites, era elevado.

Tudo fazia crer que a sorte da campanha estava ao nosso lado!

Ainda pudemos avançar vários quilômetros, desbordando a cidade de Rusa, quando o "Deus-tempo" pareceu enfurecer-se conosco.

Uma forte e ininterrupta chuva tornou os caminhos e as estradas intransitáveis. As viaturas ficavam presas no barro; os caminhões chafurdavam nos lamaçais. Fomos forçados a abrir mão deles e a utilizar, única e exclusivamente, as pequenas camionetas Volkswagen. A todo momento encontrávamos homens dispostos a ajudar-nos, quando ficavam atoladas. Naquelas ocasiões ouviam-se os gritos de oh... ruck, oh... ruck. Imediatamente a leve camioneta rodava em terra firme e podia avançar, novamente, até que outra vez voltasse a atolar na lama.

Não demorou muito para que fôssemos impossibilitados de continuar, porque as viaturas não estavam em condições de prosseguir. A frente esteve relativamente calma durante algumas semanas, o que foi uma sorte. Só transportávamos o mínimo necessário de munição. O rancho, dia a dia, foi

diminuindo. O prato em que comíamos ficava cada vez mais vazio, e o pão minguava diariamente.

O muckefuck ou negerschweitz — suor de negro — nomes que dávamos ao nauseabundo café, era cada vez mais aguado. A mim pouco importava a escassez de alimentos, porque há semanas não tinha fome. Não compreendia os motivos, já que meu estômago costumava reclamar quando estava vazio. Atribuí esta falta de apetite à recente enfermidade que tivera.

Como meu comandante imediato, Major Schäfer, tivesse sido evacuado, por motivo de doença, assumi o comando de toda a seção de especialistas.

Um dia apanhei uma das flamantes camionetas que tínhamos surripiado dos "africanos frouxos" e me dirigi para a retaguarda a fim de recuperar algumas viaturas que ainda não tinham chegado. Encontrei apenas algumas, abandonadas no caminho lamacento que conduzia à estrada. Esse caminho não era fácil nem agradável de ser percorrido. Seu entroncamento com a estrada estava muito próximo da frente e ali os russos se divertiam variando o com ininterruptas rajadas de metralhadora, ao verem o menor movimento.

Quando cheguei à estrada, o quadro que apareceu diante dos meus olhos era indescritível. Os caminhões pesados estavam aprisionados pelo barro. Formavam três colunas ao longo de quilômetros e quilômetros. Muitos estavam tão atolados, que quase não se via a tampa do motor. Parecia um cemitério de viaturas!

Não soube como agir. Senti um grande desalento! Com uma camioneta continuei avançando por um caminho paralelo à estrada que, apesar de praticamente obstruído, permitiu que eu avançasse bastante. Depois percorri a pé vários quilômetros da estrada, entre as viaturas abandonadas, dizendo ao motorista que seguisse pelo outro caminho. A lama pegajosa fez com que a roupa grudasse no meu corpo.

Encontrei várias viaturas da minha unidade, mas não pude fazer nada além de anotar seus números e o local onde se encontravam, depois de verificar a carga que transportavam.

Os homens que estavam nas viaturas, impossibilitados de abandoná-las, tinham outras preocupações.

Suas provisões tinham esgotado há muito tempo. Reparti com eles os pães e as latas de conserva que tinha comigo. Vi um fato curioso, mas completamente normal naquelas circunstâncias: o motorista de um caminhão, que levava um carregamento de pães, dava dois deles ao motorista de outro que levava uma carga de latas de salsichas, por uma

delas; e o motorista de outro, carregado de cigarros e bebidas, oferecia sua mercadoria em troca de víveres.

Mas o que podiam fazer os homens encarregados das viaturas que transportavam munições e gasolina? Naquela situação, munição não podia ser considerada como artigo de primeira necessidade. Os outros soldados deviam dar mostras de camaradagem. E deram-nas! Nenhum deles passou fome. Além disso dividiram o trabalho equitativamente.

Mas delineava-se um problema de vital importância: como poderíamos tirar as viaturas do lodaçal em que ficaram aprisionadas?

Não havia outra solução senão esperar o barro secar, antes de qualquer trabalho de recuperação.

Por isso fui a Moshaisk. Ali passei uma noite tranquila alojado num grande bunker. Antes, estive em outro, vendo um filme cômico alemão. Aquilo me proporcionou uma rara sensação, ao pensar que me encontrava num país estranho, rodeado de inimigos por todos os lados, assistindo a uma projeção cinematográfica e vendo na tela imagens do mundo ocidental. Também pensei naquele momento que nos tínhamos tornado mais compreensivos, porquanto conhecêramos de perto aquele imenso país que podia ser qualificado como primitivo.

Por ocasião do regresso, chegamos à bifurcação norte do pequeno caminho paralelo à estrada, utilizando várias vezes o auxílio dos companheiros para empurrar a camioneta, pois várias vezes ficara atolada no barro. Nesta bifurcação ficamos um longo tempo parados. Um dos caminhões, cujo motorista tentou atingir os caminhos adjacentes à estrada, negando-se a continuar por ela, ficou totalmente atolado num buraco de lama. Os trabalhos de resgate eram interrompidos pelo constante tiroteio dos russos.

Abandonei a camioneta ao lado de uma casa, e avancei a pé. Falava com dois oficiais de um posto próximo, comentando com eles a série de obstáculos que retardavam nossa marcha, quando, de repente, ouvimos uns persistentes zumbidos que se aproximavam de onde estávamos. Rapidamente procuramos nos proteger. Lancei-me num buraco na hora exata! As granadas explodiram perigosamente perto. Um, dois, cinco, oito! Não me interessei em continuar contando! Uma chuva de estilhaços, terra e cascalho caiu sobre mim. Senti um golpe na nuca e lembro que, antes de perder os sentidos, tive tempo de pensar:

— São os "órgãos de Stalin"!

Quando recobrei a consciência, notei que tudo estava escuro e senti que alguém me puxava pela mão direita.

— Enterraram-me! — pensei.

Mas, felizmente, os fortes músculos dos soldados me arrancaram da escuridão. Sentei no chão completamente atordoado; a cabeça parecia estourar; respirei ansiosamente. Meus olhos só viam umas bolas de fogo que giravam diante de mim. Senti que um dos oficiais, com quem eu tinha conversado, estendia-me o seu cantil dizendo:

— Bebe um gole, companheiro! Isto é coisa do diabo; ajudar-te-á a recobrar as forças!

Um companheiro me colocou um cigarro na boca. Quando dei a primeira tragada, exclamou:

— Volta a fumar. Graças a Deus!

Tinha razão. Felizmente sofri apenas alguns machucados.

Só anos mais tarde, quando já era prisioneiro de guerra, apareceram as consequências daquele fato: sofri uma lesão interna no ouvido, com o rompimento de um nervo auditivo.

Os disparos dos russos acertaram no objetivo. Três soldados tiveram ferimentos tão graves, que morreram pouco depois. Vários tiveram ferimentos leves em consequência dos estilhaços. A mim disseram que eu estivera relativamente seguro dentro do buraco. Felizmente, também, minha mão tinha ficado visível e por isto puderam desenterrar-me. Aconteceu uma coisa curiosa. O problema do caminhão atolado na lama foi resolvido pelas granadas. Estas, ao explodirem, lançaram ao ar o barro que aprisionava a viatura, o que me permitiu continuar tranquilamente.

Estava farto daquelas paragens. Apressei-me a atravessar a perigosa curva e regressei a "casa". Isto, ainda que pareça estranho, merece uma explicação. Sempre que nos dirigíamos ao lugar onde nossas tropas estavam em posição ou acantonadas, dizíamos "vamos para casa", devido ao fato de, quando nos encontrávamos completamente sós naquelas imensas, desoladas e inóspitas paragens, sentirmo-nos perdidos!

A campina russa é realmente muito bonita. Deixou-me uma grata recordação, tanto pelas ocasiões em que de uma colina víamos o nascer do sol, como pela beleza das planícies que se estendiam diante de nosso olhos. Aquele espetáculo, cheio de força e de vida, punha-nos em contato direto com a natureza e nos servia de estímulo.

Mas é certo também que, quando aquelas planícies submergiam com a chuva e ficavam saturadas de umidade e de neblina, ficávamos perdidos, e sentíamo-nos completamente desamparados. Muitos homens sofreram graves depressões nervosas e se tornaram irascíveis e de difícil trato.

Era, pois, naquelas situações que necessitavam de companheirismo; precisavam ter a sensação de que formavam parte de um todo, para que pudessem suportar os sofrimentos; era preciso, também, que tivessem a sensação de estar em casa, tendo em sua companhia os companheiros de combate.

Nosso quartel-general estava instalado em Rusa. A seção que eu comandava instalara-se numa casa ocupada pelo NKWD (Polícia política soviética). Tratava-se de um prédio de madeira igual aos outros, apenas um pouco maior.

Duas salas, nas quais havia um cofre e várias escrivaninhas, mostravam a finalidade daquele prédio.

As lúgubres celas, situadas na outra ala, não tinham nada de agradável. Pequenas e fétidas; as janelas de grades mal deixavam passar a luz. O mobiliário — se é que podemos chamá-lo assim — consistia de grossas tábuas colocadas a vinte centímetros do chão, que serviam de camas. As pesadas portas de madeira continham pequenas portinholas que eram abertas pelo lado de fora. O hall, para onde davam as celas, destinado ao carcereiro, era tão miserável quanto estas: a um canto havia dois bancos e uma mesa, além de uma estufa de ferro destinada a aquecer o ambiente. Creio que os presos sentiam muito frio, já que as pesadas portas de madeira não deixavam passar o calor. Um balde amassado, a um canto, servia de latrina. Como não encontrei encanamento de água algum, supus que naquela infecta prisão a higiene e a limpeza primavam pela ausência.

Mas não havia piolhos; eram completamente desconhecidos naquela região. Alguns anos mais tarde travei conhecimento com eles em centros mais civilizados situados perto do Ocidente.

Apesar do passado desagradável daquele prédio, meus homens pareceram sentir-se à vontade nele, levando em conta que as celas agora estavam vazias.

Quando cheguei ao alojamento, à noite, quase morto de cansaço, fui recebido pelos nossos seis russos com amáveis sorrisos e saudações. Acabava de deitar no grande sofá, "tesouro" do alojamento anterior, quando Ivan e Pjotr, meus dois mecânicos prediletos, aproximaram-se falando uma

porção de coisas que não entendi. Deduzi, entretanto, que me pediam para expressar-lhes meus desejos. Como a única coisa que eu desejava era que me deixassem em paz, e para fazê-los calar, disse qual era meu desejo, que considerava impossível:

— Quero um banho quente e um frango assado! E agora deixem-me tranquilo para que eu possa dormir.

Como sentia forte dor de cabeça, tomei um comprimido que comprara numa farmácia de Rusa. Deitei e dormi; esqueci a lama e até a guerra. Sabia que o Deus do sono proporcionar-me-ia belos sonhos que acalmariam meus esgotados nervos.

Não posso dizer, agora, quanto tempo dormi. Mas, de repente, acordei notando que alguém me sacudia energicamente. Ao abrir os olhos, vi que eram meus fiéis amigos Ivan e Pjotr. Os dois estavam com um sorriso que ia até as orelhas. Estava pronto para amaldiçoá-los, quando apontaram para um canto do alojamento. Vi, estupefato, uma grande banheira de onde saíam espessos vapores! Naturalmente, ainda com os olhos meio fechados, tirei a roupa e entrei nela! A seguir, os dois russos começaram a ensaboar meu corpo com cuidado.

Mas aquilo não foi tudo. Uma surpresa ainda me aguardava. O sofá foi coberto com uma grande toalha branca. Ivan e Pjotr continuaram, depois, trabalhando com afã para que fosse preparada uma verdadeira mesa. Não quis acreditar nos meus olhos quando puseram sobre ela um frango que fora assado numa lata velha. Com algumas palavras alemãs que tinha aprendido, Ivan me disse estar triste por não ter conseguido gordura para assá-lo convenientemente. Aquilo, entretanto, não impediu que os russos tivessem realizado um verdadeiro milagre para satisfazer aos meus desejos, que exteriorizei acreditando serem impossíveis de realizar.

Mas as fortes dores de cabeça que eu continuava sentindo não permitiram que minha alegria fosse completa. Voltei a tomar outros comprimidos. Quando terminei de vestir-me, soou o alarme antiaéreo. Cinco aviões russos, voando a baixa altura, atacaram Rusa. As metralhadoras antiaéreas abriram fogo contra os aparelhos e cada um de nós fez o melhor que pôde. Até nossos ajudantes russos pegaram armas, que ninguém soube dizer onde conseguiram, e atiraram contra os aviões. Tivemos muitos mortos e feridos. Quando terminou o ataque, vimos que Pjotr estava entre as baixas definitivas. Nenhum de seus companheiros preocupou-se em sepultá-lo; só o fizeram quando os obrigamos. Naquele

momento ignorávamos ainda que uma vida humana não tinha muita importância na Rússia, que um cadáver era uma coisa sem nenhum valor. Não importava que fosse do melhor amigo! A perda não os preocupava! Estranha e impenetrável alma russa!

O enterro de Pjotr me proporcionou a oportunidade de conhecer o cemitério da cidade. Estava nos arredores, completamente abandonado, sobre uma colina, com várias árvores. Não possuía muros. As sepulturas, uma ao lado da outra, eram descuidadas, principalmente as mais recentes, que mal podiam ser reconhecidas como tais. Sobre algumas delas havia uma tábua com o nome do morto. As sepulturas dos soldados do Exército Vermelho eram reconhecíveis porque, junto ao nome escrito sobre elas, estava pintada a estrela vermelha.

Depois de tudo, não estranhava o abandono em que se encontrava o cemitério, porquanto estava de acordo com a aridez da paisagem e coincidia com dois conceitos: desolação e passado. Dois princípios que lembram a frieza da morte.

Nos arredores de Rusa, a alguns quilômetros, havia uma prisão instalada num antigo armazém. Toda vez que chegava uma coluna de prisioneiros de guerra, ficávamos estarrecidos. Quase todos os soldados russos que víamos estavam completamente depauperados, ao ponto de serem inúteis para qualquer espécie de trabalho. Aquilo permitiu-nos ver que "os do outro lado" sabiam muito bem o que era passar fome. Os prisioneiros se lançavam sobre os cadáveres dos cavalos que estavam abandonados nas margens dos caminhos, arrancavam um pedaço de carne, levavam-no à boca e continuavam o caminho.

Nossa Unidade estava acantonada a vinte e cinco quilômetros de Rusa. Para que nossas viaturas chegassem até ali construímos em determinado trecho um "tapete" de troncos de árvores, de aproximadamente 12 quilômetros. Eram toros de três metros de comprimento, cujas extremidades ficavam seguras por pedaços de ferro colocados transversalmente. Nas extremidades deste "tapete" instalamos telefones com os quais era dado o sinal de passagem livre num sentido e no outro. Mas tanto a viatura como o seu motorista chegavam ao final do "tapete" completamente extenuados em consequência dos solavancos que deviam suportar para atravessá-lo. Meu estômago, que na ocasião estava em más condições, não suportava aquela passagem.

A temperatura, que começava a beirar zero grau, não era nada agradável, sobretudo nos dias úmidos, o que nos obrigava a pernoitar nas casas dos camponeses. A população civil que não fora evacuada era constituída de velhos e de mulheres.

Só utilizávamos os bunkers, bem construídos pelos prisioneiros, quando aumentava o fogo dos russos. Aqueles foram construídos ao pé de uma pequena elevação. Tínhamos, realmente, feito muitos progressos na construção de tais "cavernas". Sua entrada estreita prolongava-se até uma pequena curva; sua abertura dispunha de uma porta feita de tábuas. No interior havia abundante quantidade de feno. Nossa melhor descoberta foi uma pequena chaminé que batizamos de "calor de coração"; tratava-se de uma obra muito rudimentar, que constava de um buraco que saía na superfície e pelo qual introduzimos um tubo de metal.

Os "calores de coração" fumegavam e aqueciam como verdadeiras estufas. Quando víamos suas alegres chamas e nos acercávamos deles, esquecíamos o intenso frio que reinava naquelas latitudes.

Um pequeno candeeiro iluminava nossas confortáveis noites. Embora nosso estômago estivesse vazio de alimentos sólidos, sempre dispúnhamos de alguma bebida quente para reconfortá-lo. Achamos muito agradável uma estranha infusão que os cozinheiros faziam, um substituto do chá que denominávamos "bosque alemão".

Quando estávamos reunidos nos bunkers, esquecíamos o frio que endurecia nossas botas e uniformes. Tínhamos nosso lar! Primitivo e de guerra, mas confortável!

Coisa notável! Só falávamos da Pátria quando recebíamos correspondência. Naquelas ocasiões, acariciávamos as fotografias que nossos familiares enviavam, e apressávamo-nos a responder suas cartas. Já não pensávamos na palavra dispensa; sabíamos que tinha perdido todo o significado. Nas horas restantes, a Pátria estava longe, muito longe para ser recordada...!

De minha parte, só lembrava dela à noite, quando acordava em consequência de receber uma involuntária batida de algum companheiro. Contudo, guardava no coração as recordações e os pensamentos; não os exteriorizava nem compartilhava com ninguém. Os homens não falavam de uma coisa longínqua, inalcançável.

É possível que todos os que se encontraram em situação parecida tenham sentido o mesmo.

Certo dia fomos surpreendidos por um inesperado canhoneio russo. Saímos rapidamente das casas para procurar proteção fora delas. Os vinte russos que estavam no local correram todos na mesma direção; o azar foi tão grande, que uma granada explodiu no meio deles. Quando chegamos ao local da explosão, vimos que os sobreviventes estavam despojando seus compatriotas, mortos e feridos, das roupas e das botas que tinham calçadas. Ao impedir que continuassem o saque, olharam-nos com ar de espanto. Não creio que tal ação possa ser qualificada de insensível crueldade num país como aquele; creio, ao contrário, que o constante terror e a implacável miséria tenham endurecido seus habitantes, privando-os de todo sentimento de piedade, e não percebiam que tratavam seus próprios compatriotas com uma dureza desumana.

Em meados de novembro a temperatura baixou subitamente. O termômetro foi a vinte graus abaixo de zero, e aquilo foi tudo! Surgiu um novo e grave problema para o grande número de viaturas que tinham ficado aprisionadas no barro. Durante a noite a lama endureceu. Isto nos obrigou a rompê-la aos pedaços, com grande trabalho. Precisamos de vários dias para recuperar todos os veículos.

A baixa temperatura fez com que enfrentássemos novas dificuldades. O óleo dos motores não resistia a frio tão intenso; os anticongelantes não eram suficientes nem adequados. Além disto, as viaturas necessitavam de gasolina, que começava a escassear. A instalação elétrica e o diferencial não esquentavam ao mesmo tempo; quando conseguíamos fazer com que o motor funcionasse por meios artificiais, o óleo congelado obstruía as tubulações. As baterias congelavam e ficavam inutilizadas.

Não era agradável, em tais circunstâncias, ser oficial especialista, já que todas as queixas e reclamações caíam sobre a gente. E eu não tinha possibilidade de fazer desaparecer o frio, que era o causador de todas as dificuldades.

Quando, nos primeiros dias de dezembro de 1941, estávamos prontos para atacar em nossa zona de ação, deparamos com uma desagradável surpresa. Os russos acabavam de deslocar para a nossa frente Divisões de reserva, compostas por tropas siberianas, perfeitamente descansadas e armadas, dispostas a tudo, que nos deram muito trabalho.

A rede ferroviária da Sibéria devia estar em melhores condições de funcionamento do que pensávamos, levando em conta os informes que tivéramos. Fosse o que fosse, o inimigo demonstrou que estava bem

organizado. Para quebrar sua resistência, recebemos novos foguetes de grande calibre, carregados com ar líquido. Tudo levava a crer que seus efeitos seriam devastadores. Eram foguetes enormes, do tamanho de um homem, e assemelhavam-se muito às bombas de aviação. Quando atiramos alguns deles e a Infantaria atacou, esta nos confirmou a sua eficiência. Mas os russos encontraram rapidamente a resposta, revidando com lançamento de gases venenosos. Surpreendentemente, o uso das novas armas foi proibido no setor em que nos encontrávamos.

Apesar de tudo, conseguimos romper a frente inimiga depois de manter duríssimos e sangrentos combates. Tornamos a avançar. Mas, naquela ocasião, o inverno parecia estar ao lado do inimigo. Não havia muita neve; mas o frio intenso — o termômetro marcava trinta graus abaixo de zero — nos torturava. Todos estávamos congelados... à exceção dos nossos ajudantes russos, que pareciam apenas refrescados. Sabiam arranjar-se muito bem, apesar do frio intenso; conseguiam até que as viaturas, das quais tomavam conta, funcionassem.

Entre os nossos soldados contava-se uma piada que bem podia ser considerada como de "humor negro".

— Devemos enfrentar um novo inimigo: São Pedro. O encarregado do tempo está inscrito, desde outubro, no Partido Comunista, e teve o azar de não desempenhar um cargo importante.

Primeiro o barro, depois o frio! Era demais!

À noite, empregando muitas precauções, acendíamos uma fogueira em torno da qual nos encolhíamos; enquanto na parte da frente ficávamos assados, na parte de trás continuávamos completamente gelados.

Apesar de aguentar bem o frio, meu corpo começava a protestar por ter que suportar tanta inclemência. Conquanto naquela ocasião já contássemos com boas rações de comida e voltássemos a combater ativamente, meu estômago, às vezes, não resistia ao que ingeria.

O rigorosíssimo inverno russo, que chegara de modo tão inesperado, foi de consequências fatais para o moral das nossas tropas. Os soldados começaram a duvidar do êxito da missão. Foi precisamente naquele momento psicológico, bastante comprometido, que as emissoras de rádio alemãs lançaram uma nova canção. Os poucos receptores de ondas curtas de que dispúnhamos ficavam, literalmente, rodeados de homens toda vez que por seus alto-falantes se ouvia a canção, cujas estrofes diziam:

Tudo passará, tudo passará,

todo dezembro é seguido
de um maio.,..

Estes versos, aparentemente singelos, devolveram-nos as esperanças, o moral e a coragem. É incrível a popularidade que chegou a ter esta canção.

Sempre que podíamos, entrávamos numa casa para nos aquecer um pouco. Certa noite voltei a ser convidado pelo comandante da 4ª bateria para uma pomposa ceia.

Disseram-me apenas que seriam servidas batatas assadas e que a ceia seria realizada no interior de uma quente cabana típica. O companheiro Scheufele, como sempre quando tinha convidados, mostrou-se admirável; cada um de nós foi obsequiado com um pedaço de carne assada para acompanhar as tão famosas batatas. Ninguém se preocupou em perguntar se a carne era de cavalo, galinha ou de gato. O importante é que era carne!

A noitada foi agradável; aproveitamos ao máximo e recordamos os passados e áureos tempos da Ucrânia, que nos permitiram encher os estômagos com carne de porco e com uma ou outra ave. Mas para mim durou pouco. Fui forçado, repentinamente, a deixar de comer. Sentia que a comida não descia e que deixava de ter interesse por ela. Fiquei aborrecido comigo mesmo por não poder continuar participando do festim. Quinze minutos depois estava deitado sobre um colchão de palha padecendo de terríveis cólicas. As dores intestinais eram tão fortes, que cheguei a gemer. O médico da unidade, chamado com urgência, aplicou-me uma injeção. E assim, ao fim de uma hora, pude descansar.

Passados alguns dias conquistamos a cidade de Istra, que foi defendida tenazmente pelo inimigo. Já falei, antes, de sua catedral, a única igreja ortodoxa que achei em bom estado. Suas brilhantes e pontiagudas torres nos saudaram de longe. Quando lá chegamos, apressamo-nos em utilizá-la como enfermaria-hospital, pois era o único prédio de alvenaria que continuava de pé. As grandes estufas, que improvisadamente foram instaladas em suas imensas naves, mal chegavam para aquecer o ambiente. Por este motivo, não eram raros os casos de congelamento, que se multiplicavam entre os nossos soldados feridos.

Os contínuos combates nos causavam muitas baixas, e estas aumentavam apesar das vitórias. Mas continuávamos avançando. E a resistência das tropas soviéticas pareceu debilitar-se. Chegou ao ponto de combatermos contra vários batalhões de trabalhadores russos, mal instruídos e pior armados, procedentes de Moscou.

Sou de opinião que o gênio de Stalin deva ser reconhecido; inclusive quando nos enfrentou como adversário. Demonstrou saber resolver a difícil situação em que a Rússia se encontrava quando o Exército alemão chegou às portas de Moscou; estou convencido de que em nenhum momento pensou em capitular e que estava disposto a sacrificar a capital do seu reino. Tenho certeza de que chegaria a pôr em prática o exemplo dado pelos dirigentes russos da época de Napoleão; incendiar a capital para que esta fosse presa das chamas, se tivesse chegado a cair em nossas mãos.

Nosso Alto Comando pensou o mesmo. Organizou um batalhão de forças especiais destinado a impedir a destruição das instalações industriais de Moscou. A mim fora determinado que com a minha unidade assegurasse o suprimento de água e fosse o responsável pelo funcionamento de tão importante serviço. A possibilidade de acabar tão incomparável e sangrenta campanha reanimou nossas deterioradas forças.

Conquistamos um pequeno povoado. Creio que se chamava Nikolaiew. Estava a quinze quilômetros ao nordeste de Moscou. Da torre da Igreja, em dias claros, podíamos ver Moscou, cujos subúrbios eram constantemente bombardeados pela nossa artilharia.

Mas vimos que tinha chegado o momento de parar a ofensiva. A unidade vizinha, a 10ª Bateria Blindada, só possuía dez carros. A maior parte da nossa artilharia pesada tinha falta de viaturas tratoras e os caminhões rebocavam as peças, com dificuldade, através dos campos. Sabíamos, igualmente, que o inimigo estava no limite de suas forças, da mesma forma que nós. Por isso, a impossibilidade de continuarmos avançando nos causou uma enorme sensação de impotência, um sentimento deprimente, mais doloroso do que qualquer derrota.

O objetivo, nosso almejado objetivo, estava tão perto e não podíamos atingi-lo.

Embora tivesse caído uma camada de neve, de uns trinta centímetros, nem por isso o frio perdeu a forte intensidade. Sempre que podíamos, refugiávamo-nos nas casas; e os que montavam guarda tinham que ser substituídos a cada meia hora, pois não dispúnhamos de qualquer proteção para evitar-lhes o frio.

A 257ª Divisão de Infantaria, que estava em nosso flanco direito, era o ponto fraco de nossa zona de ação. O comando russo não tardou em saber disso. Toda noite, ao amparo da escuridão, era atacada. Suas posições cederam, e o flanco direito ficou desguarnecido. A partir daquele momento,

as tropas soviéticas aproveitavam a bruma do amanhecer para chegar até nossas posições, penetrando, inclusive, no acantonamento que ocupávamos. Diariamente éramos despertados pelos tiroteios que se estendiam de casa em casa, de rua em rua. Todos pegávamos o armamento, pistola, fuzil ou metralhadora; cruzávamos a porta e participávamos da luta. As escaramuças daqueles dias, nas ruas, com uma temperatura de trinta graus abaixo de zero, constituíam nossa ginástica matinal.

Como era impossível, devido à dureza do solo gelado, enterrar os mortos, íamos amontoando-os na igreja. O espetáculo era aterrador. Os braços e as pernas, que no momento da morte tinham ficado retorcidos, congelavam-se, o que impedia que recobrasse a postura normal. Caso quiséssemos dar-lhes aquela posição, teríamos que quebrar os membros nas articulações para que os cadáveres oferecessem a "placidez da morte". Os olhos se dirigiam ao céu, petrificados, congelados pelo frio. Mais tarde abríamos grande valas na crosta do gelo para enterrar nelas os mortos de um ou dois dias de combate.

Voltei a me defrontar com a indiferença dos russos diante da própria sorte e da morte de seus semelhantes. Sua maneira de agir, em muitas ocasiões, causava-nos tanta surpresa, que tinhamos a impressão de estar sonhando.

Vou contar alguns exemplos.

Ao entrarmos num povoado, encontramos numa choça um soldado russo, que dormia tranquilamente ao lado de uma estufa. Quando, sem muitas considerações, o despertamos, não demonstrou estar assustado nem surpreendido. Limitou-se a ficar em pé e, levantando os braços, esperou que o despojássemos de suas armas; saiu da choça e colocou-se junto à parede do casebre. O intérprete perguntou-lhe por que adotara aquela posição. O russo respondeu que tinha ouvido dizer que os soldados alemães fuzilavam sumariamente todos os prisioneiros. Acrescentou que não suportava mais ver-se afastado da família, que vivia na Rússia Branca, muito longe do lugar onde se encontrava. Por esse motivo nos tinha esperado. Para que lhe déssemos a morte que tanto desejava!

Que estranha mescla de sentimentalismo e nostalgia, unida a uma total indiferença ante à morte! Isto só pode acontecer com a alma eslava!

Outro caso: a primeira noite que passamos naquele povoado, fomos acordados por um terrível gemido. Tínhamos permitido à anciã, dona da casa onde nos alojáramos, que passasse a noite num pequeno quarto da

mesma; ficamos satisfeitos ao nos instalar no chão do quarto principal. Ao ouvirmos aquele gemido, procuramos por toda a casa para ver do que se tratava. Finalmente, encontramos um homem deitado sobre um monte de trapos, quase enterrado num pequeno espaço existente entre a estufa e a parede. Ao perguntarmos à mulher o que era aquilo, ela respondeu:

— Sim, é meu marido. Faz tempo que está enfermo e incapacitado para qualquer espécie de trabalho.

Continuou dizendo-nos que o tinha colocado naquele lugar quando caiu enfermo, e que não tinha forças para arrastá-lo. Quando, contra a vontade da velha, colocamos o pobre enfermo a seu lado, na cama, não deu a menor atenção. Sinceramente, ignoro como terminou aquele drama, pois deixamos o povoado pouco tempo depois. Mas suponho que os soldados russos, ao chegarem, precipitaram a morte do ancião, deixando-o abandonado na intempérie.

Não passou muito para que enfrentássemos a realidade: não podíamos seguir avançando nem, tampouco, manter nossas posições. O inverno russo tinha-nos vencido!

Em 11 de dezembro de 1941, Alemanha e Itália declararam guerra aos Estados Unidos, em cumprimento ao pacto firmado com o Japão. Não tivemos muito tempo para pensar nas consequências que adviriam daquele extraordinário acontecimento, porque a 12 de dezembro empreendemos a retirada.

Recebemos ordem de retrair até a linha Wolokolamsk-Moshaisk. Os combates que mantivemos durante a retirada causaram-nos muito mais baixas do que ao avançar. Fomos forçados a abandonar grande quantidade de material de guerra, já que o inverno, o grande tirano da Rússia, tinha-o aprisionado fortemente entre suas garras. Nem sequer foi possível salvar todos os canhões; a Sexta Bateria viu-se obrigada a fazer voar pelos ares várias peças, diante da impossibilidade de transportá-las, devido à falta de viaturas tratoras.

Fazíamos esforços para ocultar nosso estado de ânimo. Chegamos a evitar qualquer conversa que se referisse àquela desastrosa retirada. Cada um de nós procurava cumprir seu dever da melhor maneira, ocultando o medo e a amargura que se tinham apoderado de nossas almas. Fizemos todo o possível para não pensar, limitando-nos a agir mecanicamente, como se fôssemos autômatos.

Contudo, uma decisão continuava unindo-nos: a necessidade de evitar, por todos os meios, que a derrota se convertesse em catástrofe.

Tanto a nossa Divisão, como a vizinha do flanco esquerdo, limitavam-se a cumprir as ordens do comando. Retraímos e parávamos quando nos ordenavam.

Em Istra recebi a missão de recuperar todas as viaturas que tinham ficado em Rusa, para dali levá-las a Wolokolamsk. Voltei a passar pelo "tapete de troncos", verificando que tanto de um lado como do outro havia veículos abandonados. Não ouvimos mais do que o ruído dos nossos motores; o ambiente estava submerso no mais profundo silêncio.

Cheguei a Rusa ao amanhecer. Ali me apressei a reunir meus colaboradores mais diretos. Não só estava terrivelmente cansado, mas, também, encontrava-me completamente alquebrado, destruído. A dor de cabeça que sentia não cessava.

Fui convidado por um policial a tomar uma xícara de café. As viaturas da 257ª Divisão de Infantaria desfilavam sob as janelas da casa em que me encontrava. Dentro de pouco tempo peguei no sono, encolhido num canto do ambiente aquecido. Um pouco antes das duas horas fui acordado por um sargento que me disse:

— Senhor Tenente, a última viatura acaba de sair. Temos ordem para destruir a ponte às duas e meia. Os russos estão nas portas da cidade.

Acabei de acordar e, horrorizado, pensei:

— Se destruírem a ponte, ficarei isolado junto com meus duzentos caminhões.

Não acreditava que os russos estivessem ali. Ao contrário, julguei que a notícia era produto de uma psicose coletiva.

Apressei-me em sair da casa e ouvi o ruído dos motores, constatando que vários caminhões já estavam em marcha. Determinei a meus homens que se apressassem, e me dirigi, sem perda de tempo, à ponte, junto com o sargento que me acordara.

Ao chegar lá, encontrei um tenente da Brigada de Sapadores; os homens que estavam com ele ultimavam os preparativos para a destruição da ponte. Perguntei-lhe se sabia que duzentos caminhões alemães, com toda sua carga, estavam ainda nas imediações. Respondeu que ignorava, mas não se importava com isso, porque estava pronto para cumprir a ordem que recebera; e que, por isso, às duas e meia em ponto faria com que a ponte voasse pelos ares...

Os seus homens, que testemunhavam a conversa, esperavam para ver qual seria minha reação. Observando isto, decidi-me e disse ao tenente que não permitiria destruir a ponte, porque neste caso nosso precioso material iria parar nas mãos do inimigo.

À toda pressa regressei a Rusa. Levei comigo quatro dos caminhões carregados, apanhei outras tantas metralhadoras e retornei para ocupar a ponte. Em seguida dei ordem para que os faróis das viaturas iluminassem a venturosa ponte, e com o restante dos meus homens vigiei o caminho que unia as duas margens. A seção de sapadores não estava preparada para enfrentar uma situação como aquela. Todos ficaram boquiabertos. Como se dispunham, apesar disso, a terminar o seu trabalho, disse-lhes que não tivessem pressa e ato contínuo coloquei-me junto ao acionador. Enquanto os sapadores aguardavam, os primeiros de nossos veículos começaram a atravessar a ponte, e quando o último deles passou eram exatamente três e meia.

Após o término da operação, apressei-me a voltar até onde estavam os postos avançados que eu tinha determinado para serem estabelecidos na entrada do povoado. Fui informado pelos soldados que, do inimigo, não tinham notícias. Determinei que se realizasse uma minuciosa inspeção no povoado antes de abandoná-lo; medida acertada, porquanto encontrei um de nossos homens dormindo tranquilamente num palheiro. Ninguém sabia nada do inimigo. Tudo fazia crer que decidira deixar-nos em paz. Com o último dos meus soldados atravessei a ponte e dei ordem para que fosse destruída. Vi como o madeiramento saltava pelos ares, mas não pude deixar de pensar que a congelada superfície do rio facilitaria a passagem do inimigo.

Ao empreender a marcha, vi o caos que se estabelecera. Em nosso caminho para o Norte encontramos várias colunas cuja marcha desorganizada demonstrava que não eram comandadas por ninguém. As margens da estrada estavam cheias de material que não fora inutilizado. Constatei, também, que o equipamento da maioria dos soldados deixava muito a desejar e que não estavam convenientemente armados. Limitavam-se a vestir o capote, que não era suficiente para protegê-los do intenso frio que os torturava.

Era impossível que pudessem lutar em tais circunstâncias!

Ao chegar a uma pequena aldeia, constatei que um numeroso grupo de soldados estava reunido em frente a um celeiro. Como fomos obrigados a

fazer um alto, aproximei-me do lugar para ver o que estava acontecendo. Os soldados discutiam com um intendente.

Constatei que o celeiro estava abarrotado de artigos de inverno, idênticos aos que usávamos há duas semanas. Ali havia conjuntos de calças e capotes, forrados com um grosso acolchoado, sendo que a parte externa era igual à nossa camuflagem. O encarregado do vestuário negava-se a distribuir as roupas porque tinha ordens para não fazê-lo. Perguntei-lhe:

— Você sabe que a área deve ser completamente abandonada amanhã, e que o vestuário pode cair nas mãos do inimigo?

— Jawohl — respondeu — tenho ordens para abandonar a praça dentro de duas horas. Mas, antes de partir, incendiarei o celeiro para que o material não caia em poder dos russos.

E pareceu satisfeito.

Determinei ao intendente que abandonasse o local sem incendiá-lo. Ao perceber, pelo tom da minha voz, que a ordem não admitia resposta, apressou-se a obedecer-me.

A partir daquele momento, todo soldado que passou por ali foi equipado convenientemente, com ou sem ordem. Felizmente não havia em nosso Exército muitos indivíduos cabeçudos como aquele! Mas havia!

Mais tarde ficamos sabendo que muitos homens que não tinham sido capazes de tomar uma iniciativa em momentos como aquele compareceram, por ordem de Hitler, perante um Conselho do Guerra e foram fuzilados.

Creio que o Führer, ao dar tais ordens, agiu com acerto, porque os intendentes eram responsáveis pela vida e pela saúde dos nossos camaradas.

Naquele mesmo dia encontrei um general, que tinha sua viatura estacionada à margem da estrada, contemplando atônito o caos que se desenrolava diante de seus olhos.

À medida que nos retirávamos, íamos encontrando grupos do homens extraviados.

Tornava-se cada vez mais difícil manter a coluna unida. Felizmente, o terreno sobre o qual marchávamos era suficientemente resistente para suportar o peso das viaturas. Mas aquele detalhe não era suficiente para me alegrar, já que me sentia abatido pelo espetáculo que os meus olhos contemplavam: centenas de soldados retraindo em completa desordem.

Tudo fazia crer que estava próxima a desintegração do Exército alemão, nos umbrais de uma grande catástrofe. Não pude deixar de recordar a grande retirada das tropas de Napoleão, realizada há mais de cem anos.

Seria verdade, realmente verdade, que a Rússia era invencível?

Alguns quilômetros mais adiante encontrei um coronel que gesticulava desatinadamente e, aos gritos, dizia frases entrecortadas aos soldados que passavam por onde ele estava. Seu ajudante limitava-se a permanecer atrás dele, tranquilo e estático, com um ar de extremo cansaço. Sua expressão dava a entender que não era responsável pelos gritos do seu superior. Comecei a perceber que oficiais de elevados postos também passaram a perder a cabeça. Quando eu quis prosseguir viagem, o coronel interpôs-se a mim perguntando:

— Para onde se dirige?

— Para Wolokolamsk, em cumprimento a ordens, senhor Coronel — foi a minha resposta.

— Faz tempo — disse o coronel — que a cidade foi tomada pelos russos. É preciso que fique aqui — continuou; dou plenos poderes para que detenha todos os soldados que passem neste setor. Desejo que estabeleça uma nova frente para deter o inimigo.

E, subitamente, entrou no carro e desapareceu. Seu ajudante lançou-me um olhar cujo significado não entendi.

Meditei, durante algum tempo, procurando uma solução para o problema. Dizia a mim mesmo:

— Acabo de receber uma ordem; um pouco confusa, mas é uma ordem. Mas...

Raciocinei e> decidi:

— Não; não posso cumprir semelhante ordem. Minha obrigação é procurar chegar ao destino com a coluna sob o meu comando. Tudo me faz crer que muitos perderam a cabeça.

Cheguei a Wolokolamsk, onde encontrei o restante da Divisão. Não havia um só russo perto da cidade. Desfrutamos até um curto período de repouso.

Mas, apesar disso, ninguém duvidava da grande catástrofe que se avizinhava a passos gigantescos.

Em Moshaisk tornei a sofrer novas cólicas. Os médicos me enviaram ao hospital da Divisão, onde recebi um tratamento à base de injeções. Fizeram-me um rigoroso exame, embora eu me negasse a isto; o diagnóstico foi categórico: sofria da vesícula biliar. Ocultei as constantes dores de cabeça! Em consequência daquele exame, o médico declarou-me incapaz para o serviço na frente.

Disseram-me que devia regressar à Pátria o mais rápido possível para um tratamento da infecção biliar. Estive pensando se devia ou não pedir para que me deixassem ficar com meus homens; mas julguei que não podia resistir muito tempo àquelas cólicas. Achei, portanto, que o melhor era seguir os conselhos do médico.

À noite daquele mesmo dia sairia da cidade um trem para o transporte de feridos. Designaram-me para comandante do comboio, já que podia ficar em pé. Fiquei surpreso com o fato de saber que a ferrovia havia sido reparada até aquele ponto. Nossos engenheiros eram formidáveis!

Sentia a cabeça pesada em consequência das injeções que me deram, mas pude dormir.

Pouco antes da partida, escrevi uma carta a meu comandante despedindo-me dele. Dei-a ao meu motorista com a recomendação de que fosse entregue em mãos. (Parece que a carta nunca chegou ao destino).

Acordaram-me à meia-noite e me levaram para o trem. Era composto de velhos e estragados vagões que mal serviam para o que foram destinados. As portas eram abertas por fora; os vagões estavam ligados uns aos outros por meio de uma tábua muito frágil. O comboio era muito longo. Tive dificuldades em me orientar no meio de tanta escuridão, já que não se podia acender uma só luz devido aos aviões inimigos, que não deixavam de fazer voos de observação e de ataque.

Procurei um lugar no primeiro vagão, que foi enchendo até ficar completamente lotado. Fazia tanto frio, que aquele forçoso amontoado humano não chegou a ser desagradável. Coloquei meu exíguo equipamento onde pude e me dispus a cumprir as obrigações de comandante de comboio. Mas como logo o trem se pôs em marcha, sentime bloqueado e incapacitado de fazer qualquer coisa.

A noite passou com pavorosa lentidão; ninguém pensou em dormir. Apesar do frio intenso, a atmosfera do abarrotado vagão tornou-se irrespirável. Passamos a noite sentados sobre o duro assoalho, deitados ou em pé, apertados como sardinhas em lata.

Muitos companheiros tiveram congelamentos dolorosos; outros tinham sido feridos a bala ou por estilhaços de granadas. Tive a impressão de que, também, havia feridos graves; as conversas a meia voz eram frequentemente interrompidas pelos seus lamentos. Pairava no ambiente algo invisível mas palpável, que nos impedia de dormir. Seria a tremenda tensão que se apoderara de nós durante os últimos anos?

Em todas as conversas repetiam-se as mesmas palavras: ataque, trincheira, fogo de artilharia, defesa, frio...

O trem parecia saltar em vez de avançar. A todo momento parava, avançava alguns metros e tornava a parar.

Quando, passando por cima dos meus camaradas, tentei alcançar a porta, constatei que todos os esforços eram inúteis; o chão estava totalmente coberto de pessoas e vultos, e a escuridão reinante impedia que eu distinguisse uns dos outros. Vendo que não podia fazer nada, naquela noite, decidi esperar que amanhecesse para agir.

Ofereci meu lugar a um companheiro para que descansasse um pouco e permaneci em pé, apertado pelos demais. Quando me dispunha a acender um cigarro, senti que me falavam em francês. Aquilo me causou espanto. A chama do fósforo me permitiu ver um homem que usava nosso uniforme. Juntei todos os meus conhecimentos de francês e entabulei uma conversa com ele. Com isto pude inteirar-me de que pertencia à Legião Estrangeira, tinha quarenta e oito anos, e sete filhos. Disse que era pedreiro e que tinha aceitado um emprego que lhe ofereceram na Alemanha, em 1940. As coisas correram bem. Mas quando foi aberto o voluntariado para a frente, na condição de velho poilu que era, alistou-se. Sabia que sua família estava bem amparada, pois recebia a mesma assistência que a dos soldados alemães. Disse-me ter um braço ligeiramente ferido, mas esperava voltar ao serviço ativo dentro de pouco tempo. Em seguida afirmou:

— C'est une guerre contre l'Asie et pour l'Europe.

Pensei que aquele francês, que vestia o nosso uniforme e combatia pelos nossos mesmos ideais, podia ser tomado como um símbolo da nova Europa que ressurgiria depois da guerra.

Os franceses e alemães, em muitíssimas ocasiões, lutaram entre si. Fazia mais de cem anos que os exércitos de Napoleão tentaram conquistar o Leste. Mas... naquela ocasião o genial corso não tinha voluntários alemães entre suas tropas, dispostos a combater a seu lado!

Teria existido a tradicional inimizade entre ambos os povos, se os dois tivessem combatido, estreitamente unidos, contra um inimigo comum?

Encontrei muitos franceses que estavam do nosso lado em consequência dos seus ideais europeus. É possível que no futuro recordemos todos estes pormenores para podermos trabalhar conjuntamente e colher os frutos mais tarde.

Ao amanhecer, o trem fez uma longa parada. Constatei que tínhamos chegado a Gshatsk. Aproveitei a ocasião para chegar até a porta do vagão, o que fiz sem muitas reclamações. Ao abri-la, elevou-se um coro geral de protestos devido ao frio que entrou.

Fui até a locomotiva e me cientifiquei de que o trem tinha sido detido por uma patrulha, por motivos de segurança.

Afirmavam que, alguns quilômetros adiante, os russos tinham tentado destruir os trilhos. Em seguida, ouvimos alguns disparos.

Enquanto isto, percorri o trem. Num dos vagões encontrei uma lastimável pessoa estendida num canto. Era um médico que fora designado chefe da equipe de saúde do comboio. Disse-me que sofria fortes cólicas.

— Somos companheiros de sofrimentos e de mal — disse-lhe —. Fui designado comandante do comboio, mas não me deram ordens de qualquer espécie, nem instrução alguma. Trouxeram-me para o trem poucos momentos antes de sua saída.

O pobre médico respondeu:

— Disponho de alguns medicamentos e de uma exígua quantidade do indispensável para fazer um curativo.

Aquilo me convenceu de que, ao formar-se o comboio, havia tanta desorganização, que ninguém sabia como fazer as coisas. Aquele trem foi o último que saiu de Moshaisk. Inclusive temeu-se que não saísse da cidade. A partir daí, juntos percorremos o comboio. Quando o médico era reconhecido, pelo braçal que usava, todos se apressavam em chamá-lo. Não tinha dúvida de que precisávamos organizar-nos urgentemente. Entre os feridos leves encontrei quatro sargentos enfermeiros, com os quais formei uma equipe de atendimento.

Reunimos nosso equipamento e nos instalamos no primeiro vagão. Em seguida, colocamos ataduras e medicamentos nas mochilas e passamos de um vagão a outro por cima das oscilantes passarelas de madeira que os uniam, já que o trem tinha iniciado a marcha. Só nos casos graves chamávamos o médico. Mas, infelizmente, este não podia fazer quase nada.

Trocávamos os curativos dos feridos como podíamos; distribuíamos medicamentos e, inclusive, chegamos a aplicar várias injeções de morfina quando comprovávamos que as dores de um ferido eram insuportáveis. Acredito, também, que nossas palavras de consolo e de esperança surtiram bons efeitos. Não era agradável ser testemunha de toda aquela dor. Vários homens deliravam devido à febre altíssima.

Os que tinham cólicas eram colocados sobre as tábuas que uniam os vagões e seguros pelos companheiros enquanto evacuavam. Não tínhamos nada para comer até chegar a Smolensko. Tanto os medicamentos como as rações individuais acabaram logo. A água era um luxo que não se podia nem pensar; uma bebida quente era um sonho! Não tínhamos a menor ideia de como atender aos mil e tantos homens que iam no trem. Julguei que o comboio tinha sido formado apressadamente com o objetivo de aliviar o superlotado hospital de campanha.

Contudo, não havia outra solução a não ser organizar as coisas da melhor maneira possível.

Em nosso vagão, o primeiro, fazia um frio infernal. Durante uma das paradas descobrimos um caminhão tombado numa vala. Naturalmente, aproveitamos a madeira da sua carroçaria para acender um fogo, a fim de nos aquecer um pouco. Passar a noite por cima das tábuas de união era muito perigoso. Não demorou para esgotarem-se os pequenos estoques de ataduras e de medicamentos, e então só pudemos prestar ajuda nos casos que considerávamos de extrema gravidade.

Tive muito tempo para meditar durante as intermináveis horas das noites. Reconheço que fazia grande esforço para manter, em parte, meu conhecido otimismo.

Tinha visto demais durante as últimas semanas; fora testemunha de muitas coisas...

Não parava de me perguntar:

Teria, por acaso, a sorte nos voltado as costas? Não teríamos supervalorizado nossas forças ao empreendermos tão grande campanha? Nosso primeiro otimismo não fora exagerado? É possível vencer a este imenso colosso que se chama Rússia?

Estas e outras perguntas não me deixavam repousar tranquilo. Devo dizer, também, que não me ocorreu pensar se tinha sido ou não realmente necessária a ofensiva do Leste. Nós, os soldados, não podíamos escolher; devíamos limitar-nos a cumprir ordens. Tínhamos a obrigação de continuar combatendo com todas as energias para vencermos a guerra.

Regressava à pátria com uma certeza: o soldado alemão era um homem que devia ser comandado com consciência, precisava de uma assistência adequada e de um estímulo exemplar para não desanimar quando se encontrava em situações difíceis. E se tudo isto faltasse, podia desmoralizar-se facilmente e submergir no desespero. O simples soldado

estava disposto a obedecer cegamente às ordens que recebia dos superiores, sempre e quando tivesse plena confiança nos chefes.

O trem demorou três dias e meio para chegar a Smolensko. Uma vez ali, deram-nos comida quente e vários médicos e enfermeiras foram designados para atender aos feridos. Tivemos cinco mortos que nosso médico não pôde salvar. Sabíamos que o pior tinha passado. A partir dali viajamos mais depressa e desfrutamos mais comodidades. Três dias depois, os feridos estavam hospitalizados, parte na Polônia e parte no Reich. A meu pedido, fui para um hospital em Viena, minha cidade natal.

Não permiti que me operassem, apesar do diagnóstico médico dizer que era necessária uma cirurgia. Não tinha vontade de deixar que me "abrissem". Mais tarde, uma temporada de repouso, no hospital de Karlsbad, fez com que eu me restabelecesse completamente. Era um claro "GVH" (apto para o serviço burocrático na Pátria).

Ao dar alta concederam-me uma permissão e me dispus a desfrutar todos os prazeres que oferecia minha querida Viena. Os teatros continuavam funcionando como nos tempos de paz. A única coisa que fazia lembrar a guerra eram os uniformes de muitos homens que sentavam nas poltronas.

Mas aquela temporada agradável teve um final brusco. Meu pai, que contava setenta e cinco anos, adoeceu gravemente. Tenho certeza de que se sentiu muito confortado por ter, ao menos, um filho a seu lado. Meu irmão também estava no Exército, mas não lhe deram permissão para vê-lo. Depois de oito dias de penosa enfermidade, a vida de meu pai se extinguiu. Nunca pude saber quais foram seus pensamentos sobre o futuro. Mas estou convencido de que acreditava que a guerra terminaria satisfatoriamente e que nós, seus filhos, poderíamos desfrutar de uma nova "época áurea".

CAPÍTULO XIII

Rendição incondicional e o soldado da frente — Uma função especial — O Serviço de Informações alemão — A operação Franz (Irã) — Instrução e Treinamento — Possibilidades para a formação de Comandos

— A Divisão Brandenburg — União especial da "Manutenção da Paz" — Meu ajudante Karl Radl — Jogo radiofônico com a Inglaterra — Ajuda do Serviço Secreto — "Agente duplo" — Estudo dos métodos do inimigo — Silent killing — Impossibilidade de agarrar Canaris — Operação Ulm (Rússia) — Os altos fornos de Magnitogorsk — Relações com superiores — Limitações das possibilidades dos agentes.

Durante meio ano servi, como engenheiro, em Berlim. O serviço que nós, os oficiais, prestávamos nos quartéis era igual ao que se faz em todos, e não tinha nada de agradável, quanto mais para um homem como eu, que me considerava um veterano. Estávamos prontos às ordens do Comando. Tal situação não me permite relatar espécie alguma de acontecimento, por falta de assunto que desperte interesse.

Não demorou para que eu me sentisse saturado com a vida de quartel. Repetia sem cessar que não me tornara soldado para ficar tranquilamente na retaguarda. Estávamos no outono de 1942. Recebi a notícia de que a nossa Divisão da SS seria transformada numa Divisão Blindada. Ao inteirar-me disso, acreditei que poderia ter uma desculpa para me ausentar de Berlim. Não dei atenção à inspeção de saúde que me considerava "GVH" e me apresentei como voluntário para fazer os estágios de instrução exigidos aos novos componentes da Divisão Blindada.

Após os estágios, passei satisfatoriamente nos exames e fui designado para as funções de oficial engenheiro de um Regimento da 3ª Divisão Blindada SS. Adaptei-me facilmente, sentindo-me muito à vontade entre meus novos companheiros. Infelizmente não tinha tão boas relações com o comandante do Regimento como tive com o Coronel Hansen.

A Conferência dos aliados, em Casablanca, em janeiro de 1943, causou grande impacto no seio do povo alemão. Tornara-se claro que os aliados tinham um só objetivo: "rendição incondicional" ou combater-nos-iam até o limite de nossas forças.

Chegara o momento em que ficamos sabendo o que nos esperava.

Não ignorávamos que tal doutrina de intimidação fora posta em prática, pela primeira vez, na história dos Estados Unidos, durante a Guerra da Secessão. E levada a efeito ao pé da letra.

Tampouco podia ser esquecido o comentário de um general da União: "Quando um corvo voa sobre um país acossado, sente a necessidade de

roubar o que precisa para continuar voando".

Nós, os alemães, só tínhamos uma alternativa: a vitória ou uma derrota total. Por este motivo, todo aquele que se considerava um bom patriota devia lutar até as últimas consequências. Tampouco havia outra alternativa para os altos dirigentes do país. Mas, apesar de tudo, devo proclamar que naquela época continuávamos acreditando na vitória de nossas armas. Eu compartilhava daquela opinião geral e procurava tirar da cabeça qualquer dúvida que me assaltasse, a este respeito.

Os planos que eu fizera e meus desejos tornaram-se infrutíferos. Tinha superestimado meu restabelecimento. Uma recaída demonstrou que meu estado de saúde ainda não era satisfatório. Por este motivo fui obrigado a aceitar outra função em Berlim, onde esperei, pacientemente, o desenrolar dos acontecimentos.

Apesar disso, fiquei pouco tempo naquela função à retaguarda.

Certo dia, em abril de 1943, recebi ordem de comparecer ao comando das tropas SS.

Fui informado de que procuravam um oficial que tivesse cursos especializados e experiência de combate, para que instruísse convenientemente uma unidade especial, à qual seria dada, também, uma missão especial.

Soube, por um oficial especialista, a respeito de uma infinidade de coisas das quais só tinha ouvido falar superficialmente. Assim, tive a oportunidade de conhecer o funcionamento de organismos alemães, sobre os quais informarei sucintamente ao leitor.

O Departamento de Defesa Externa estava subordinado ao Alto Comando da Wehrmacht (OKW) e possuía 3 seções. A 1ª seção tinha a seu cargo a espionagem militar, denominação que podia parecer um pouco chocante aos que não conheciam de perto todos os seus detalhes. Não se pode esquecer que todas as grandes potências, e inclusive os pequenos países, possuem semelhante serviço de espionagem.

A 2ª seção tinha a seu cargo a execução dos atos de sabotagem e de desmoralização do inimigo, mediante uma eficiente propaganda. Esta seção podia ser considerada muito ativa. Só os países que não se consideravam grandes potências prescindiam de tal seção.

A 3ª seção tinha a missão de descobrir os atos de sabotagem e de espionagem do inimigo e evitar, na medida do possível, que fossem levados

a efeito. Estou certo de que todos os exércitos que se prezam dispõem de semelhante seção.

As três seções mencionadas formavam o chamado Serviço de Informações Militares.

Confesso que eu, da mesma forma que os demais, não tinha a menor ideia de como funcionava, nem de suas ilimitadas possibilidades. Aquilo era um importantíssimo "braço" do nosso Exército.

O Departamento de Segurança Central criou em 1938 o Serviço de Informações Externas, cuja missão era cooperar com as altas esferas do Estado informando sobre a política interna dos países estrangeiros, permitindo, desta maneira, tirar conclusões para favorecer a política alemã.

Tanto o Serviço de Informações Militares como o Serviço de Informações Externas eram de capital importância. Entretanto, sou de opinião que teria sido muito melhor se trabalhassem juntos, formando um só organismo, para a obtenção de melhores resultados. Tirei estas conclusões após vários meses de serviço naquelas importantíssimas seções.

No princípio da guerra, o Batalhão de Operações Especiais Brandenburg ficou subordinado ao Serviço de Informações Externas.

Em 1943, este Batalhão foi transformado numa Divisão e tinha a seu cargo a execução de certas missões de caráter militar, estreitamente relacionadas com a defesa externa. Poucos alemães sabiam da existência de tão importante serviço. Em 1943 decidiu-se que deveriam ser ampliadas suas atribuições, com o objetivo de prestar serviços mais ativos. Também foi decidido que um oficial das SS, possuidor de conhecimentos militares especializados, fosse designado para essa missão.

Fui escolhido para tão importante função. Logo percebi que tal designação era de grande responsabilidade; mas, também, vi que meus conhecimentos e experiência de soldado não me seriam úteis. Teria que adquirir conhecimentos especializados, totalmente desconhecidos para a maioria dos militares.

Subitamente ocorreu-me uma frase de Nietzsche: Vive perigosamente!

Tinha a certeza, assim mesmo, que me era oferecida a possibilidade de prestar importantes serviços à pátria, em momentos que, pelo menos, podiam ser qualificados de difíceis; era uma função de real importância e de significativa responsabilidade. Tais pensamentos me animaram a aceitar a função oferecida, dispondo-me a cumprir com o dever, da melhor maneira possível;

Em 18 de abril de 1943, como primeiro-tenente da Reserva, fui designado para a nova função.

Como sempre fazia, quando transferido, apresentei-me ao chefe da seção, Tenente-Coronel Schellenberg. Ao entrar no seu gabinete fui recebido por um homem jovem, baixo e bem apessoado, que se mostrou extraordinariamente amável.

Não entendi muito o que me explicou sobre a sua própria missão. Isto não era de estranhar, pois era um terreno completamente desconhecido para mim. Sabia que deveria aprender muito para executar minha missão e que, imediatamente, teria que começar a trabalhar a todo vapor. Fiquei ciente de que, além de assumir o comando de uma tropa especial, composta exclusivamente por homens das SS, deveria organizar uma escola de agentes para o Serviço de Informações que, mais tarde, seriam empregados em diferentes missões.

Passei duas semanas estudando com afinco. Confesso que tudo o que me foi explicado pelos diferentes chefes de seções era extraordinariamente interessante. Vi, da mesma forma, que aquela nova modalidade de luta tinha mais importância do que a princípio pensei.

Os homens que eu devia comandar e dirigir estavam sendo preparados para cumprir as futuras missões que lhes seriam determinadas; deviam estar prontos em curto espaço de tempo.

As zonas petrolíferas do Irã tinham sido ocupadas pelas tropas inglesas pouco tempo depois de iniciada a guerra. O Norte do referido país estava fortemente protegido por tropas russas. Os trens persas transportavam tropas aliadas cuja missão era ajudar os soviéticos, porquanto os Estados Unidos entraram na guerra, conforme declaração pública feita em 11 de dezembro de 1941. A consequência imediata deste acontecimento foi a decisão dos Estados Unidos de proporcionar poderoso auxílio à União Soviética, destinando grande quantidade de material bélico para a frente Leste.

Este fato não me pareceu, inicialmente, de importância. Só constatei sua profundidade ao ver as cifras que refletiam a quantidade de material fornecido. O significado que tinha a entrada dos Estados Unidos na guerra não foi devidamente levado em conta por nós, os soldados, que nos limitávamos a cumprir com o dever na frente Leste.

Mas, na minha nova função, tive oportunidade de constatar a sua grande importância, ao mesmo tempo em que compreendia que a melhor solução

para desbaratar os planos do inimigo era combatê-lo na sua retaguarda, o que podia ser feito de modo fácil no Irã, um país politicamente instável.

Foram organizados vários grupos de soldados alemães, cuja missão era armar os kashgais e outras tribos e ensiná-las o manejo das nossas armas de fogo e instruí-las em táticas de combate.

Fizeram-se planos para que as tribos iranianas, sob as ordens de comandos alemães, realizassem ações de sabotagem em pontos-chaves.

Uns vinte homens do Sonderlehrganges — nome dado à minha tropa — estudavam há meses o idioma persa com professores iranianos. Cada um dos grupos seria acompanhado por um persa para ajudar nas respectivas missões. As diversas seções (ou grupos) estavam devidamente equipadas. Esperava-se apenas o aviso de um oficial alemão que entrara clandestinamente naquele país.

As informações recebidas pelo rádio chegavam à outra seção do Serviço. Como, naquela ocasião, ainda acreditava na existência de uma estreita colaboração entre os diferentes serviços alemães, tal fato me causou espécie. Ignorava que teria que passar por várias decepções a este respeito.

Constatei que os homens da retaguarda nacional não se comportavam da mesma forma como os da frente, onde todos devíamos lutar pelas suas vidas; nas trincheiras, todo homem fazia o possível para compreender e ajudar aos demais.

Na retaguarda, cada um era mais egoísta do que o outro. Todos tinham um especial interesse em sobressair e desfrutar um cargo mais importante do que o seu companheiro. Ali reinava o sagrado egoísmo como dono absoluto e estava estreitamente ligado à sacrossanta burocracia. Quando me ofereceram o cargo ignorava esses fatos, pois, se tivesse sabido antes, não teria aceito a função.

A operação Irã foi designada com o nome-código Franz.

Para levá-la a efeito foi escolhida a região de um grande lago salgado no sudoeste da Pérsia, onde seria feito o lançamento dos nossos paraquedistas. Dois oficiais da minha seção, três sargentos e um persa estavam preparados para sair a qualquer momento. Depois de numerosas negociações, conseguimos que a Luftwaffe pusesse à nossa disposição um Junker-290 adequado para realizar o longo voo. O equipamento de cada homem devia ser rigorosamente examinado; seu peso não devia ultrapassar um grama além do fixado, porque estava intimamente relacionado com o peso do combustível necessário à viagem.

Só quem cumpriu missão semelhante pode imaginar os cálculos que se fizeram. Era preciso verificar tudo, absolutamente tudo! Das armas aos víveres, do equipamento à munição e dos explosivos aos presentes destinados aos chefes das tribos.

Lembro perfeitamente que a preparação dos presentes nos deu muitos problemas. Consistiam de várias espingardas de caça com incrustações de prata nas coronhas, e de grande número de pistolas adornadas com incrustações de ouro.

Foi escolhido um campo de aviação da Criméia para a decolagem. A pista era tão curta, que fomos obrigado a suprimir o excesso de peso, limitando o armamento dos homens ao mínimo indispensável. Tivemos que esperar as melhores condições de tempo para a decolagem e aproveitar as noites escuras para voar sobre território russo.

Quando tudo estava pronto, constatamos que o avião estava demasiadamente carregado, apesar das nossas precauções; devido à chuva, a pista do aeroporto fora prejudicada. Isto nos obrigou a deixar parte do equipamento para ser enviado em outra viagem. Finalmente, tudo estava pronto, e o primeiro grupo saiu rumo ao destino incerto. Passamos quatorze horas de agonia, até que nos chegou a notícia de que o primeiro lançamento dos paraquedistas tinha sido feito de modo satisfatório.

Como a primeira revolta devia ser feita em consequência de certas manobras políticas, fomos privados da direção daquela primeira e importantíssima missão, que foi levada a efeito por um grupo político do Serviço de Informações, que estava sob as ordens de um doutor chamado von Grafe. Os serviços do grupo, o S-6, só eram solicitados quando se tratava de realizar o lançamento de uma nova remessa de material, ou então de um grupo de homens.

Confesso, sinceramente, que não me agradava instruir um certo número de homens para vê-los seguir sob o comando de outro no momento da ação, quando suas vidas estariam em perigo. Sentia-me responsável por eles, mas não lhes podia prestar ajuda. Em apenas algumas raríssimas ocasiões era permitido que eu os ajudasse de uma forma efetiva.

Nesta situação passei o tempo anterior ao verão de 1943. A situação em nossas frentes era bastante negra.

Verifiquei que os obstáculos aos trabalhos de seleção eram cada vez mais difíceis, pois nenhuma unidade queria pôr à minha disposição os soldados e o material de que necessitava.

O grupo de paraquedistas lançado no Irã cumpriu a missão satisfatoriamente. Conseguiu reunir-se com as tribos sublevadas e obteve sua colaboração. Mas não foi possível proporcionar-lhes toda a ajuda necessária, já que não estávamos em condições de enviar os homens e o material que precisavam para completar o trabalho. Além disso, tínhamos que enfrentar a falta de meios de transporte que nos eram imprescindíveis, como os JU-290, que deviam fazer os lançamentos de paraquedistas e de material.

Um novo grupo de seis soldados foi formado e colocado sob o comando de um oficial, mas a expedição não chegou a ser realizada — o que mais tarde nos alegrou — por causa de uma avaria no avião que devia transportá-los.

Um colaborador alemão, que estava em Teerã, depois de ter passado por um sem-fim de vicissitudes, conseguiu refugiar-se na Turquia. Dali pôde informar-nos a tempo que nosso quartel de Teerã tinha sido descoberto e que todos os colaboradores estavam presos. Ele tinha sido o único a escapar.

Aquele fato impediu-nos de lançar um novo grupo, e a operação foi, momentaneamente, suspensa. Algumas semanas mais tarde as tribos decidiram parar as lutas, o que facilitou aos soldados alemães a oportunidade de poderem escapar. Mas como nossos homens não conheciam o idioma turco, não puderam refugiar-se na Turquia, que era o país neutro mais próximo. E, por isso, as tribos se viram obrigadas a entregar nossos homens aos ingleses. Um dos oficiais, ao ver-se em tal situação, decidiu suicidar-se. Os outros comandos passaram vários anos na prisão, no Oriente, até que em 1948 foram repatriados para a Alemanha.

Naquela ocasião dediquei-me a outras missões de grande importância. O departamento técnico do Serviço de Informações mostrou-me vários planos referentes à sabotagem de instalações industriais da União Soviética, especialmente na região dos Urais. Como não tínhamos informações sobre aquelas instalações, recorremos a jornais e revistas. O grande número de planos sobre aquela riquíssima região causou-me grande efeito. O nome-código operação Ulm mostrava a forma de atacar e de pôr fora de funcionamento o importante complexo industrial daquela região. Verifiquei que poderíamos causar grandes danos ao inimigo atacando aquele importantíssimo potencial.

Mas, antes de me decidir a aceitar a nova missão, estudei detidamente os diversos meios de sabotagem. Durante o tempo em que passei na Rússia constatei que podemos aprender muito sobre o inimigo, se nos dermos ao trabalho de estudar todos os seus movimentos. Por esse motivo perguntei-me se não poderia servir-me dos seus métodos no presente caso.

Fiquei muito surpreendido quando tomei conhecimento dos métodos empregados pelas Command Troops inglesas, sob as ordens de Lord Mountbatten. Aprendi um sem-fim de coisas que ignorava e constatei que o Secret Service dos ingleses estava cercado de um grande mistério e que fora perfeitamente organizado durante o transcurso da guerra.

Ao mesmo tempo, estudei todos os informes da Divisão Brandenburg, e pude comprovar que não tínhamos meios de informações, como os ingleses, apesar de termos, muitas vezes, conseguido resultados altamente satisfatórios.

Passei duas semanas estudando todos os dossiês que chegaram às minhas mãos. Concluí que poderíamos realizar um trabalho que contribuiria para a vitória do Reich. Constatei, também, que ao inimigo seria impossível a defesa da sua extensa retaguarda. Compreendi que se conseguíssemos atacá-lo com um pequeno grupo de homens decididos e bem adestrados, servindo-nos de meios técnicos e de planos perfeitamente realizados, conseguiríamos grandes resultados. Deveríamos, também, considerar o fato de que os territórios a serem atacados eram desconhecidos da Alemanha, sob o ponto de vista militar, o que aumentava o interesse da ação.

Considerando todos os fatos narrados, decidi aceitar a nova missão, apesar de saber que deveria iniciar o trabalho partindo do nada. Julguei que devia contar com o apoio incondicional de uma Divisão que estivesse na frente de combate e, ainda, que a nova missão era tão importante, que necessitava de uma colaboração completa e total.

Confesso que meu otimismo fazia com que eu exagerasse as coisas. Mas havia um ponto de capital importância que justificava meu modo de pensar. Era sumamente problemático que conseguíssemos a realização de grandes ações, mas era fora de dúvida que as pequenas missões seriam coroadas de êxito.

Quando comuniquei ao Tenente-Coronel Schellenberg a decisão de aceitar a missão, ele se mostrou muito contente. Fiquei surpreendido quando me ofereceu uma função no SD, dizendo que eu poderia ter o posto de major ou tenente-coronel no referido Corpo. Comparei as vantagens e

desvantagens e terminei por não aceitar tal oferecimento. Disse que, acostumado a comandar uma tropa das SS, podia cumprir melhor a missão na qualidade de oficial das SS. Tinha começado participando da guerra como simples soldado; tinha chegado a oficial da reserva, e desejava continuar ostentando o referido posto até o fim daquela sangrenta contenda.

Alguns dias mais tarde fui promovido a Capitão da Reserva. O curso, que agora estava confiado a mim, estivera a cargo de um capitão holandês das SS. Os homens da companhia eram velhos soldados cheios de experiência. Constatei que com aquela base podia continuar a obra.

Não contava, entretanto, com um número suficiente de auxiliares que me ajudassem a levar adiante a "escola" do Serviço de Informações. Apesar disso, tive sorte, já que uns vinte jovens assessores, que até aquele momento se limitavam a desempenhar funções essencialmente burocráticas, foram postos à disposição do Serviço de Informações Políticas. Entre eles encontrei um compatriota, antigo conhecido, o Primeiro-Tenente Karl Radl. A seguir, perguntei-lhe se estava disposto a ajudar-me a formar o novo grupo S-6. Não só declarou-se disposto a isso, mas colocou à minha disposição outros dois auxiliares. Os três tinham experiência de combate, merecendo terem sido promovidos a oficiais. Fiquei tranquilo ao poder contar com seus préstimos.

Recebemos ordem de ampliar a seção até formar um batalhão. Obtive autorização do comando das SS para entrar em ligação com uma unidade especial chamada Friedenthal e cheguei a travar relações amistosas com seus dirigentes. Graças às minhas relações com as diferentes unidades que combatiam ou tinham combatido na frente, consegui a colaboração de vários oficiais, sargentos e de alguns soldados. Por isso, dentro de pouco tempo consegui completar a Segunda Companhia.

Encontramos, perto de Oranienburg, um lugar adequado para instruir nossos homens; instalamos o posto de comando num antigo pavilhão de caça rodeado por um extenso bosque. Verificamos que o lugar tinha um terreno plano e muitos bosques, sendo, portanto, muito adequado para a realização de exercícios com vistas a cumprir a missão que nos fora confiada.

Apressamo-nos em construir os alojamentos necessários para abrigar os homens, arrumamos as áreas que precisávamos para instrução e instalamos as cozinhas de campanha.

Trabalhamos com afinco preparando as diversas instalações, mas tivemos que resolver muitos problemas antes de conseguir que tudo estivesse disposto adequadamente. Dispus-me a lutar com todas as forças para obter resultados satisfatórios. Não posso deixar de fazer referência ao meu mais eficiente colaborador, Karl Radl, cujo auxílio facilitou-me a solução de inumeráveis problemas.

Tracei um programa para que meus homens recebessem uma instrução perfeita a fim de se desincumbirem com eficiência de qualquer missão e em qualquer lugar. Por este motivo deviam possuir conhecimentos pormenorizados sobre a maneira de atuar da Infantaria, bem como prática de trabalhos de Engenharia. Exigíamos também que soubessem lançar granadas a longas distâncias, conhecessem o manejo das diferentes armas empregadas no Exército e estivessem em condições de enfrentar qualquer espécie de ataque inimigo. Instruíamos nossos homens para que soubessem dirigir todos os tipos de viaturas, inclusive motocicleta, e que soubessem repará-las caso necessário. Chegamos a exigir que soubessem conduzir um barco a motor, bem como uma locomotiva. Determinamos que praticassem todo tipo de esportes, inclusive equitação e natação. Chegamos a ministrar-lhes um curso completo de paraquedismo.

Demos uma instrução especial a todos aqueles que, mais tarde, seriam considerados especialistas, onde se incluía o conhecimento perfeito de um idioma determinado, juntamente com uma ideia exata da topografia da região em que podiam ser obrigados a atuar, assim como um domínio absoluto das diferentes técnicas de ação e de sabotagem.

Nossos principais objetivos eram a União Soviética e o Oriente Médio, já que não ignorávamos que os anglo-americanos tinham muitos interesses nas referidas regiões. Não percebia que já estávamos em 1943, nem que vivíamos o quarto ano de uma guerra que devia ter cinco anos de duração. Não parava de repetir:

"O soldado deve ignorar a frase 'mais tarde', visto que nunca é demasiado cedo para começar qualquer ação. As coisas importantes não admitem espera, devem ser preparadas e levadas a cabo o mais cedo possível".

Tínhamos notícias de que na Holanda fizeram-se todos os preparativos para a formação de uma "escola" destinada a preparar convenientemente nossos agentes. Na primeira visita que fiz ao referido centro, pude observar que este contava com muito mais meios do que os postos à nossa disposição

na própria Alemanha. O Coronel Knolle era o comandante da "escola", coisa que não me agradou, pois hierarquicamente era meu superior, apesar de não possuir a minha experiência de combate.

A "escola" tinha sido instalada numa antiga propriedade de um nobre holandês. Nela eram instruídos os agentes estrangeiros na difícil arte do paraquedismo e de toda espécie de instrução de sabotagem.

Devo reconhecer que ignorava tudo o que aprendi na Holanda sobre as diversos formas de atuar do inimigo, e que me inteirei delas através dos diversos dossiês que estavam à disposição da 3ª seção do Ministério de Assuntos Exteriores e da Polícia de Segurança. Foi a primeira vez que vi como os ingleses trabalhavam no amplo e vasto campo das informações.

Não passava uma noite sem que os rapidíssimos aviões britânicos voassem sobre os territórios por nós ocupados, lançando grande número de agentes muito bem adestrados, que tinham a missão de realizar determinados atos de sabotagem ou de abastecer seus colaboradores de armas e munições.

As estatísticas mostravam que os agentes secretos, a maioria, eram feitos prisioneiros depois de lançados sobre território inimigo. O material empregado por eles, ou lançado pelos aviões, caía em poder de nossas tropas, numa média de setenta e cinco por cento, o que fazia com que o inimigo nos prestasse um agradável serviço. Um método muito fácil para recuperar as nossas grandes perdas!

Puseram à minha disposição uma grande quantidade de documentos que tinham pertencido a agentes secretos britânicos. Através de minucioso estudo, tive a oportunidade de constatar que ainda nos faltava muitíssimo a aprender. O que mais me interessou eram os métodos empregados pelos ingleses para instruir suas tropas especializadas. Fiz gestões que me permitiram ampliar os conhecimentos sobre o assunto, e não tardei muito em ter uma completa visão de tudo.

Conhecíamos muito bem a "zona proibida" na Escócia, onde estava a maioria dos centros de instrução do Serviço Secreto inglês. Contávamos, inclusive, com um mapa da região e com grande quantidade de dados obtidos pelos nossos agentes. Os programas de instrução, que também caíram em nossas mãos, orientaram-nos sobre os princípios em que podíamos basear nossos próprios métodos de instrução.

Tive ocasião, igualmente, de conhecer na Holanda os chamados agentes duplos. Eram muitos ingleses que tinham caído em nossas mãos, e não

puseram objeção em virar a casaca, fazendo um trabalho duplo. Isto consistia em simular que seguiam trabalhando para o inimigo, mas dando informações que nós considerávamos convenientes. Isto me deu certeza de que certos serviços de importância só podiam ser feitos por homens que se oferecessem voluntariamente; homens dispostos a dar suas vidas pela pátria, pelo seu povo e pelos ideais que os animavam a aceitar tão difícil quanto perigosa missão.

Somente assim eu poderia ter certeza de que cumpririam a missão posta em suas mãos. Não há dúvida de que todo homem, que põe preço à sua própria vida, tem um caráter duvidoso. Mas isto não quer dizer que não existam exceções para confirmar a regra...

Nesta ocasião iniciamos um jogo radiofônico com a Inglaterra. Tínhamos à disposição mais de dez emissoras de rádio que utilizavam seus respectivos códigos. Com sua ajuda e com a dos agentes que tinham a seu cargo a operação das mesmas, estabelecemos negociações radiofônicas com os ingleses, realizadas de forma periódica e contínua. Para isso formamos uma organização, com sede na Holanda, que tinha a seu serviço várias centenas de pessoas. Apesar disso, a organização não se mostrava ativa em parte alguma, o que motivava que nós esperássemos o momento oportuno para atacar por nossa conta e risco. Não nos equivocávamos ao atuar desta forma, já que tínhamos observado que assim obtínhamos melhores resultados do que por meio do jogo radiofônico.

Através de informes recebidos, fiquei sabendo que as escolas dos agentes secretos britânicos dispunham de um novo tipo de pistolas dotadas de silenciador. Nós, os alemães, não dispúnhamos de tal tipo de arma, considerada na ocasião como sendo revolucionária. Tampouco tínhamos encontrado alguma nos países ocupados. Subitamente ocorreu-me uma ideia:

"Por que não empregarmos nosso jogo radiofônico para que os ingleses ponham em nossas mãos uma de suas pistolas dotadas de silenciador?"

Nosso serviço secreto na Holanda mostrou-se disposto a pôr em prática o meu plano.

Quando, no fim de quinze dias, regressei à Holanda, deram-me a nova arma que tanto me interessava. Tratava-se de um revólver de um tiro, calibre 7,65, bastante rudimentar, o que não quer dizer que não fosse eficiente.

A arma nos foi lançada pelos ingleses atendendo a um pedido de um dos nossos agentes duplos, que cumpriu a missão usando o código cujo nome era Treasure.

Apressei-me em experimentá-la atirando num grupo de patos que nadavam num riacho que passava sob as janelas da casa em que tínhamos instalado o nosso domicílio. Um deles foi atingido mortalmente e os outros continuaram nadando tranquilamente. Notei que mal se ouvira o tiro e que as pessoas que se encontravam próximas do local nada ouviram.

Entre as armas que os ingleses lançaram na Holanda, Bélgica e França, encontramos pistolas de fabricação britânica, conhecidas pelo nome de Sten. Fiquei impressionado com a simplicidade da sua construção. Chegou ao meu conhecimento, ainda, que estava sendo preparado um silenciador para esta arma, cujo projeto era mantido no mais rigoroso segredo.

Tudo isto aguçou minha ânsia de possuir uma delas, apesar de ignorar como poderia satisfazer aos meus desejos. Nosso jogo radiofônico desta vez não deu resultados, o que me levou a pensar que os ingleses tinham sido inteirados das nossas manobras, ou então haviam decidido não falar sobre seu novo invento.

O acaso permitiu-me tomar conhecimento de que um capitão holandês estava pronto para sair em direção às Ilhas Britânicas a fim de cumprir uma missão. Tinha a intenção de dirigir-se à Suécia e, uma vez ali, tomar um pequeno barco que o deixaria em determinado porto da Escócia, onde receberia instruções destinadas a agentes britânicos que estavam na Holanda.

Por isso, aproveitei a oportunidade para pedir-lhe que me arranjasse um silenciador para a Sten. Aquilo fez com que eu fosse o primeiro cidadão da Alemanha a ter em mãos semelhante artefato; isto foi em junho de 1943. A posse daquela arma encheu-me de entusiasmo pelas vantagens que nos poderiam proporcionar. Não me cansava de repetir que teríamos possibilidade de salvar muitos de nossos agentes, se os equipássemos com tal arma, posto que, no caso de serem obrigados a atirar contra o inimigo, não chamariam a atenção em consequência do ruído dos disparos. Estava firmemente convencido de que todos os soldados, tanto os que combatiam na frente como os que tinham a seu cargo o cumprimento de missões especiais, sentir-se-iam entusiasmados com semelhante arma.

Mas... o Ministério do Armamento de Berlim não compartilhava da minha opinião. Apesar disso, não deixei de me empenhar e fiz uma

demonstração para vários oficiais que desempenhavam altos cargos e estavam comigo em Friedenthal, meu novo campo de treinamento. Fiz com que andassem alguns passos à minha frente; determinei a um soldado que atirasse para o ar até esgotar a munição do carregador; os senhores oficiais ficaram muito surpreendidos quando lhes mostrei os cartuchos vazios no chão. Apesar disso, puseram inumeráveis objeções, afirmando que o silenciador freava a força do impacto e limitava as possibilidades de realizar um tiro preciso.

Mas não me dei por vencido. Consegui ser ouvido em certos círculos. E estes me ajudaram a propor que se iniciasse a fabricação da Sten e que fosse incluída no rol do armamento do Exército alemão. Esta arma era tão eficaz que, inclusive, poderia ser jogada na lama sem que isso impedisse o seu funcionamento — o que não acontecia com as nossas pistolas! Ademais, sua fabricação custava a décima parte do que tinham custado as aperfeiçoadíssimas armas alemãs. Mas a sacrossanta burocracia voltou a colocar suas costumeiras objeções. Chegou até a mencionar Hitler, o que me fez recordar que o Führer costumava dizer:

"Os soldados alemães só lutarão com as armas mais perfeitas que se tenham fabricado até o presente".

Os burocratas agarraram-se precisamente a esta frase para colocar por terra os nossos planos. Quanto à precisão, as pistolas inglesas não eram tão boas como as nossas. Mas é preciso lembrar que a nenhum soldado tinha ocorrido a ideia de atirar com ela num alvo a longa distância.

A Sten lembrava-me as pistolas automáticas russas, usadas pelos soviéticos desde 1941, que eram tão apreciadas por nós quando podíamos capturar algumas delas. Chegou-se ao ponto de toda Subunidade alemã possuir várias delas.

O Exército alemão só dispôs de um fuzil-metralhador automático a partir do outono de 1944, embora as indústrias de armamento tivessem fabricado uma infinidade deles muitos anos antes da referida data. Mas os altos comandos os repeliram devido ao grande consumo de munição, o que comprometeria a sua severa disciplina de tiro. Mas, coisa incompreensível! Os soldados receberam as metralhadoras "42", que eram capazes de disparar mais de cem tiros por minuto.

Certo dia recebi a visita de um tenente da Divisão Brandenburg que estava de licença. Chamava-se Adrian von Fölkersam, condecorado na campanha da Rússia com a Cruz de Cavaleiro. Informou-me que nas fileiras

de veteranos brandenburguenses reinava um grande descontentamento em consequência de a Divisão não receber ordens para cumprir missões de importância. Acontecia, inclusive, o contrário! Eram obrigados a tapar brechas em certos setores da frente, missão que poderia ser perfeitamente cumprida por uma Divisão qualquer.

As perdas sofridas eram cada vez mais elevadas, detalhe que não podia ser ignorado, pois os homens da Brandenburg eram soldados muito bem instruídos e cujas baixas não podiam ser recompletadas. A mencionada Divisão era constituída, exclusivamente, por soldados que dominavam perfeitamente vários idiomas e que se apresentaram voluntários para o cumprimento de missões muito delicadas.

Disse-me, também, o Tenente von Fölkersam que tanto ele como outros dez oficiais do seu Batalhão estavam dispostos a colaborar comigo para ajudar-me na tarefa que recebera há pouco tempo. Pediu-me ainda que intercedesse pela satisfação de seus desejos. Analisei o problema detidamente e cheguei à conclusão de que me agradava sob o ponto de vista humano e militar. Tive, no ato, a certeza de que me ajudaria incondicionalmente na dificílima missão. Por esse motivo prometi a ele fazer todo o possível para que seus desejos fossem satisfeitos.

Em consequência daquela conversa, tive a oportunidade, pela primeira e única vez na minha vida, de falar com o Almirante Canaris, Chefe do Serviço de Informações Militares alemão.

Apesar de me julgar um bom fisionomista, tenho dificuldade em descrever o Almirante Canaris. Recordo apenas que era um homem de estatura mediana, de constituição algo forte, e que tinha a cabeça completamente calva; e, de seu rosto, seus brilhantes olhos azuis, que nunca pousavam na pessoa que se encontrava frente a ele e pareciam perder-se no espaço. Tudo nele demonstrava ser um perigoso adversário; um homem que nunca deixava transparecer o que pensava. Era extremamente escorregadio e sabia desviar a conversa, de uma forma quase imperceptível, quando tomava rumos que não lhe interessavam.

Mas como sou muito persistente, durante três horas tentei convencê-lo de que pusesse à minha disposição os onze oficiais da Divisão Brandenburg que desejavam servir comigo.

Mas Canaris desfiava um sem-fim de objeções para rebater meus argumentos. Chegou a inventar novos óbices quando se viu em situação difícil. Finalmente consegui colocá-lo entre a cruz e a espada, pois não

encontrou novos argumentos para rebater os meus e acabou concordando em que fossem transferidos os homens que me interessavam. E quando seu Chefe de estado-maior preparava-se para transmitir a ordem referente ao problema, eis que o Almirante Canaris resolve reconsiderar sua decisão. Apresentou novas objeções, retardando assim a transferência daqueles homens.

Esperei um tempo enorme, uns quantos meses! E quando não pude aguardar mais, consegui que os meus onze homens da Divisão Brandenburg passassem a fazer parte da nossa unidade em novembro de 1943, empregando outros métodos.

Quando regressei ao meu posto de comando, completamente decepcionado, em consequência da entrevista com Canaris, não pude deixar de falar sobre ela com Radl, meu colaborador mais chegado. Lembro que lhe disse:

"O Almirante Canaris é o adversário mais difícil que encontrei na minha vida. Parece um homem impossível; não pude compreendê-lo. Por isso não consegui formar uma opinião sobre ele. Não nego que seja a pessoa indicada para chefiar um serviço de informações. Seus olhos deixam entrever a inteligência do cérebro, mas impedem que façamos uma ideia do que pensa. Não ignoro que se pusermos nosso dedo sobre um espaço vazio, o atravessamos, mas quando o retiramos, não encontramos nenhum vestígio. Usa uma tática de permeio; nem nega, nem concorda, não aceita o branco nem o preto; limita-se a oscilar em torno de um simples gris que não o compromete em nada. Não cedeu, sequer, um pouquinho. Mas conseguiu o que se propunha. Aceito semelhante tática de um estranho, ou de um inimigo, mas não posso admitir seja tratado desta forma por um alemão que só deve desejar o bem de sua Pátria, da mesma forma que eu!"

Tive, também, certos contatos com o Serviço de Informações da Luftwaffe, que era conhecido por nossos agentes pelo nome-código de Zeppelin. Tenho que reconhecer que o Ministério do Ar e seu correspondente Serviço de Informações estavam muito bem organizados. E não minto se afirmar que nunca vi nada tão perfeito. À medida que o tempo foi passando, minha seção colaborou estreitamente com ambas e tivemos ocasião de ficar admirados inúmeras vezes ao comprovar a quantidade de dados que possuíam sobre todos os países. A maioria dos mapas foram feitos com fotografias aéreas. Possuíam dados perfeitos sobre a topografia das regiões dos enormes territórios junto ao Volga, do lago Aral, que se

encontra no sudeste do país, e de toda a área compreendida entre a Mesopotâmia e o Canal de Suez. Mas a maioria das fotos foram obtidas nos anos de 1940 e 1941, durante a época em que a Luftwaffe era a dona e senhora de todos os espaços aéreos.

Os arquivos daquele competentíssimo Ministério estavam repletos de dados sobre as diversas instalações industriais do inimigo.

Tomei conhecimento de vários informes sobre a indústria de guerra soviética, com o objetivo de preparar a operação Ulm. Mas quando consultei os arquivos da Luftwaffe, notei o muito que ainda tinha para aprender e da magna tarefa que me esperava.

Não cabia a menor dúvida de que a Rússia tinha instalado suas indústrias mais importantes numa região situada a leste dos Urais. Muitas de suas importantíssimas fábricas foram desmontadas do local onde estavam e transferidas para as novas regiões industriais. Também não devíamos ignorar o fato de que a vastíssima zona fabril da União Soviética era muito maior que a do Reich de então. Por isso não podíamos deixar de procurar novas fontes de informações.

Estudamos e compilamos os informes obtidos através dos prisioneiros de guerra confrontando-os com os dados fornecidos por firmas alemãs e francesas que enviaram materiais às indústrias soviéticas. Por meio desses dados pudemos ter uma ideia aproximada da estrutura industrial dos Urais. Isto não impedia que ainda restasse muito a fazer, se quisesse levar a cabo um trabalho sistemático que me facilitasse a oportunidade de preparar um planejamento consciente e eficaz.

Sabíamos que jamais poderíamos destruir o conjunto de indústrias montadas naquela extensa região, nem com a ajuda da Luftwaffe, nem mediante atos de sabotagem. Por tal motivo não restava outra solução a não ser limitarmo-nos a pontos-chaves, que devíamos fazer todo o possível para localizar. Tampouco ignorávamos que dentre todas as indústrias que tinham sido construídas no transcurso de poucos anos, seguindo um plano estatal preestabelecido, havia uma que contava com um "ponto fraco". Era a das instalações elétricas, que devia abastecer as restantes da energia de que necessitavam e que tinham surgido do nada, conforme se dizia.

Em tais circunstâncias, o Estado limitava-se a abastecer, com a energia indispensável, as indústrias que dependiam das centrais elétricas, sem ampliar as instalações por falta de possibilidades. Por isso, um bom alvo nas centrais elétricas ocasionaria, consequentemente, a parada forçosa das

fábricas que dependiam delas. Um ataque sistemático ao ponto fraco da zona, que tanto nos interessava, ajudar-nos-ia na execução dos nosso planos.

Preparamos cuidadosamente um plano de ação com a ajuda dos serviços técnicos da Luftwaffe, que também tinha grande interesse na empresa, conseguindo ativar o nosso trabalho e obtendo resultados rapidíssimos.

Nosso sistemático e consciente trabalho foi, porém, interrompido depois de alguns meses por uma ordem superior que, talvez, se baseasse em boníssimas intenções, embora em nosso entender não fosse corretamente analisada.

Um funcionário do Ministério do Armamento, que estava sob as ordens do Ministro Speer, pusera nas mãos de Himmler um estudo que tratava da grande importância dos altos fornos de Magnitogorsk, no centro dos Urais. Himmler, impulsivo como sempre, apressou-se a ordenar:

"A Unidade Especial Friedenthal deve preparar-se para realizar atos de sabotagem contra os altos fornos de Magnitogorsk. É preciso dinamitá-los, evitando que possam voltar a funcionar. Exijo que me informem mensalmente sobre a marcha dos preparativos e sobre a possível data em que poderá ser levada a efeito a operação."

Esta ordem "aterrissou" na minha unidade como se tivesse vinda do outro mundo.

Depois de inúmeras confabulações com técnicos e entendidos na matéria, chegamos a duas importantíssimas conclusões.

Em primeiro lugar os altos fornos de Magnitogorsk e as fábricas que os rodeavam não nos ofereciam qualquer possibilidade de ataque, porque carecíamos de dados sobre eles. Isto implicava em perdermos vários meses para compilar os dados que nos faltavam.

Segundo, não víamos a forma em que os pobres sabotadores poderiam transportar a imensa quantidade de explosivos necessários para realizar tão magna tarefa, uma vez que a região, por ser de vital importância, estaria fortemente vigiada.

Mas... como podíamos colocar objeções a uma personalidade que estava tão acima de nós?

Quando disse que relataria, por escrito, aqueles dois importantíssimos pontos, e os mandaria para cima, meus colaboradores riram. Chamaram-me de novato e aconselharam-me sobre a forma como devia comportar-me em semelhantes ocasiões. Fizeram todo o empenho para que eu compreendesse

a maneira de agir e que era somente uma: seguir as intrincadas sendas da diplomacia. Disseram-me que devia simular que estava entusiasmado com a ordem que acabara de receber e dar mensalmente informações sobre os planos que ia traçando para cumpri-la; e que só podia ir dizendo a verdade com conta-gotas, à medida que os de cima fossem perdendo a euforia.

Todo aquele que não consegue fazer com que a ordem recebida vá sendo esquecida pouco a pouco não pode ser considerado bom diplomata. Mas, se o conseguir, é considerado um colaborador ideal, digno de toda a confiança.

Schellenberg, fazendo uso de todos os argumentos possíveis, solicitava-me encarecidamente para que eu desistisse do plano e entendesse a realidade dos fetos. Foi preciso um ano e meio para que a ordem fosse esquecida.

Pouco a pouco fui familiarizando-me com o que se conhecia pelo nome de atos de sabotagem militar e operações de comandos levadas a cabo por meio de agentes. Como soldado que era, decidi-me pelos comandos. Cheguei à conclusão de que a Alemanha não podia ser considerada como uma boa base para executar operações externas. Não devíamos ignorar que toda a Europa estava ocupada por nossas tropas. Por esse motivo, o melhor que poderíamos fazer era encontrar um certo número de ingleses e de americanos que se dispusessem a trabalhar para nós em seus próprios países.

Sabia, por outro lado, que não se podia esperar grande coisa de homens que estavam dispostos a vender a sua pátria por algumas cédulas. Para os aliados, as coisas eram bem mais fáceis. Contavam com os naturais dos países que tínhamos ocupado. Tinham à sua disposição uma infinidade de patriotas dispostos a dar a vida para atirar-se em cima dos invasores. Por todas essas razões, decidi-me a contar, única e exclusivamente, com soldados alemães que poderiam trabalhar intimamente com um ou, talvez, dois dos nossos agentes secretos.

CAPÍTULO XIV

Chamado por ordem de Hitler — Voo para o "Covil do Lobo" — O Quartel-General do Führer — Com os altos dirigentes — Fui o escolhido — Meu amigo Mussolini — A missão secreta — Com o General Student — Conversa relâmpago com Friedenthal — Preparativos febris — Viagem à Itália com o III Exército — O Quartel-General de Frascatti — Convite do Marechal-de-Campo Kesselring — Junto aos meus homens — Seguindo as pegadas dos inimigos do fascismo.

Ao meio-dia de 25 de julho de 1943 almocei no Hotel Eden, em Berlim, com um velho amigo vienense, que tinha sido meu professor na Universidade. Estava à paisana, e nosso agradável palestra após o almoço transcorria calmamente. Ao abandonar o refeitório instalamo-nos no hall do hotel onde tomamos café. A conversa girou sobre Viena, nossa cidade natal, e sobre nossas amizades comuns.

Mas, subitamente, fui assaltado por uma grande inquietude. Tinha informado ao encarregado da nossa central telefônica sobre o lugar em que me encontraria no caso de ser necessário chamar-me por qualquer motivo. Naqueles tempos de intranquilidade nunca se sabia o que podia acontecer... Não pude me aguentar mais tempo. Dirigi-me à cabina telefônica e liguei para a minha secretária, que estava a ponto de sofrer um ataque nervoso. Disse que todo o mundo me procurava há duas horas. Em seguida falou:

— Mandaram chamá-lo do Quartel-General do Führer. Puseram à sua disposição um avião, que decolará do aeródromo de Tempelhof às dezessete horas em ponto.

Compreendi seu estado de ânimo porque nunca, até então, tinha sido chamado do Quartel-General de Hitler.

Tentei esconder da melhor maneira possível o nervosismo que me dominava, e determinei:

— Diga a Radl que vá imediatamente ao meu alojamento e ponha numa valise um uniforme, roupa interior limpa e material de higiene e que, em seguida, apresente-se a mim no aeroporto. Mas repita-lhe que não esqueça de nada! Não lhe informaram sobre o motivo da chamada?

Minha secretária respondeu:

— Não sabemos absolutamente nada. Radl está pronto para cumprir a sua ordem. Não se preocupe, não esquecerá de nada.

Despedi-me rapidamente do meu amigo vienense observando que ele se sentia muito impressionado pelo fato de terem-me chamado do Quartel-General. Desejou-me muita sorte e apertou fortemente a minha mão.

Enquanto andava com o carro pelas ruas de Berlim, a caminho do aeroporto, analisei detalhadamente todas as possibilidades: Acaso teria sido chamado por motivo da operação Franz? Não, não podia ser ... Solicitavam minha presença para complementar certos detalhes da operação Ulm? Talvez fosse isso. Mas não conseguia imaginar o que eu poderia fazer no Quartel-General.

Não havia outra coisa a fazer a não ser ter paciência. E esperar...

Meu ajudante já se encontrava no aeroporto com minha maleta e com a pasta de documentos. Entrei apressadamente num banheiro para trocar a roupa civil pelo uniforme. Karl Radl comentou uma recente notícia radiofônica que anunciara a mudança de governo na Itália. Mas não a relacionei com a viagem ao Quartel-General.

Ao chegarmos à pista do aeroporto, encontramos um Junker 52 pronto para decolar. Que luxo! Um imponente avião posto à minha disposição! Estava subindo a escada quando lembrei o mais importante. Voltei-me e gritei:

— Não esqueça que deve estar pronto a qualquer momento. Chamá-lo-ei por telefone assim que souber algo. Dê ordem de prontidão às duas Companhias. Devemos estar preparados!

Pela janela do avião dei adeus o no mesmo instante o avião começava a rolar na pista.

Depois de ganharmos altura, voando ainda sobre Berlim, os pensamentos voltaram a me assaltar. Fazia a mim mesmo um sem-fim de perguntas:

"Que espécie de missão me conduzia ao Quartel-General? Com quais personalidades chegaria a travar conhecimento?" Tudo, absolutamente tudo, parecia estar oculto atrás de um espesso véu, que me era impossível descortinar.

Decidi deixar de lado as suposições e dar uma olhada no interior do avião. Os doze assentos que se alinhavam atrás do meu estavam vazios. Descobri um pequeno móvel diante da poltrona em que estava sentado.

Perguntei ao piloto se podia fazer uso dele. Bebi dois copos de um excelente conhaque que tranquilizaram meus nervos e passei a contemplar a paisagem.

Voávamos sobre o Oder. Os belos bosques e as planícies de Neumark pareciam saudar-nos com seu fresco verdor. Lembrei então que ignorava onde se encontrava o Quartel-General, pois sua localização estava rodeada do mais impenetrável segredo. Conhecia o nome-código de Covil do Lobo, e sabia que se encontrava em algum lugar da Prússia Oriental. Peguei o mapa que meu auxiliar tinha posto na maleta, e que foi de grande utilidade. Fazia meia hora que voávamos quando reconheci a cidade de Schneidemühl, que se estendia à nossa direita. O avião voava a mil metros, mas pude ver que os raios do sol refletiam nos vidros das janelas das casas e nas águas do Netze. Seguimos uma rota que nos levava em linha reta para o nordeste.

Estive durante algum tempo na cabina com os pilotos. Mostraram-me o grande lago Deutsch-Eylau e as ferrovias da rota Varsóvia-Dantzig e Insterburg-Posen que, vistas de onde estávamos, assemelhavam-se a uma gigantesca teia de aranha. Não pude deixar de pensar que ofereciam um ótimo alvo para um ataque aéreo. O inimigo não tinha visto isso? Imediatamente disse a mim mesmo que eu era um estúpido por pensar na guerra e não me limitar a desfrutar o maravilhoso voo que estava realizando durante um belo ocaso de verão.

O sol ficou às nossas costas. Começamos a perder altura e voamos a uns trezentos metros. A topografia da paisagem tinha mudado radicalmente. Era completamente plana e estava cortada por uma infinidade de riachos. As folhas das árvores dos bosques tinham um tom verde claro, o que me deu a impressão de voarmos sobre bosques de abetos. De repente, percebi uma porção de pequenos lagos que "olhavam para cima" como se fossem imensos olhos azuis. O sol estava prestes a se esconder, e seus raios foram pouco a pouco empalidecendo. Uma olhada no mapa confirmou que estávamos sobre os lagos Massurianos, e não pude deixar de lembrar que o velho Hindenburg tinha obtido, naquele mesmo lugar, uma vitória decisiva contra os russos. Nossa frente atual do Leste estava em Smolensko, a muitos quilômetros do distância da Prússia Oriental; muitos, muitíssimos quilômetros, a leste da fronteira alemã...!

O Junker começou a descer. De repente, descobri um aeródromo junto às margens de um lago. O imenso pássaro aterrissou com grande perfeição e

rolou pela pista. O voo tinha durado três horas. Desci do avião e me dirigi às instalações do campo, onde estava estacionado um enorme Mercedes conversível. Em seguida, um cabo me perguntou:

— O senhor é o Capitão Skorzeny?

Quando respondi sim, disse:

— Neste caso, devo conduzi-lo imediatamente ao Quartel-General.

Passamos por belíssimas estradas através de bosques, até que chegamos a uma barreira que nos impediu o prosseguimento.

O motorista dera-me um salvo-conduto que eu me apressei a mostrar ao oficial que nos interceptara a passagem. Meu nome foi escrito num livro, onde tive que assinar, e a barreira foi levantada para que passássemos.

A estrada tornou-se mais estreita. Seguia por um bosque de abetos. Passamos sob uma ponte ferroviária e nos encontramos diante de um novo posto de controle. Tive que descer do carro e tornar a mostrar minha documentação, que foi minuciosamente examinada. O oficial comandante da guarda manteve uma pequena conversação telefônica. Perguntou-me o nome da pessoa que tinha mandado chamar-me; disse-lhe que ignorava. Voltou a falar pelo telefone e em seguida informou-me visivelmente espantado:

— O Ajudante-de-ordens do Führer está à sua espera na casa de chá.

Suas palavras esclareceram as coisas, mas não pude deixar de me perguntar: "O que desejará de mim o Ajudante-de-ordens do Führer?"

O carro voltou a andar até parar diante de uma porta; atravessamo-la e seguimos adiante, chegando a uma área circundada por uma grade de ferro. Encontrava-me num belo parque de abetos, que recordava muito o estilo de outros tempos. Os inúmeros caminhos estavam flanqueados por gradis de madeira.

Vi umas quantas construções disseminadas pelo parque. O terreno estava coberto de folhagens e de pequenas árvores.

Muitas construções e vários caminhos estavam cobertos por espessas redes de camuflagem, nas quais tinham sido "plantados" alguns ramos de árvore com o objetivo de parecer que o local fosse desabitado.

Já tinha escurecido quando paramos diante da casa de chá. Ao descer do carro vi diante de mim uma construção de madeira, de um andar, com duas alas que se comunicavam por meio de um passadiço. Mais tarde fiquei sabendo que o refeitório estava na ala esquerda; era o mesmo refeitório em que o Marechal-de-Campo Keitel, Chefe do Estado-Maior da Wehrmacht,

almoçava diariamente em companhia de seus generais e de outras personalidades que iam visitá-lo. A casa de chá estava na ala direita. Entrei numa grande antessala, mobiliada com confortáveis sofás modernos e várias poltronas. Um tapete simples cobria o assoalho do ambiente.

Fui recebido pelo Capitão das SS, G., Ajudante-de-ordens de Hitler. Apresentou-me a cinco oficiais que estavam à minha espera. O grupo estava composto por um tenente-coronel e um major do Exército, dois tenentes-coronéis da Luftwaffe e um major das SS. Fiquei aborrecido com o capitão porque pronunciou mal o meu nome e me apressei a corrigi-lo dizendo:

— Não creio que o meu nome seja tão difícil. Basta ser pronunciado num alemão correto: Skorzeny.

Não sei por que dei tanta importância, logo naquela ocasião, ao fato de meu nome não ter sido pronunciado corretamente, já que estava acostumado a ouvi-lo pronunciado de modo errado.

Tudo levava a crer que o grupo só esperava minha chegada.

O capitão desapareceu e aproveitei a ocasião para acender um cigarro. Tinha a intenção de tornar a perguntar os nomes dos meus camaradas das SS, porque não os tinha entendido bem, como sempre acontece nas apresentações. Mas o oficial que me recebera voltou naquele instante e nos informou:

— Tenho ordem de conduzi-los ao Führer. Todos os senhores serão apresentados a ele. Devem informá-lo sobre suas diversas experiências militares, É provável que lhes faça algumas perguntas. Sigam-me, por favor.

Pensei não ter ouvido bem! Parecia que ia desmaiar! Então, passados alguns segundos, seria apresentado, pela primeira vez, a Adolf Hitler, o Führer do Grande Reich alemão e o Comandante Supremo da Wehrmacht! Estava surpreendidíssimo. Assombrado! Pensei que meu nervosismo me levasse a um comportamento de bobo. Oxalá tudo saia bem! O mais provável seria que meus homens de Berlim estivessem torcendo por mim, desejando-me boa sorte.

Enquanto minha mente era invadida por tais pensamentos, caminhamos uns cento e cinquenta passos, embora não possa dizer em que direção.

Entramos noutro prédio de madeira e chegamos a uma ante-sala semelhante à casa de chá. As agradáveis luzes indiretas do ambiente permitiram-me ver um quadro numa moldura de prata. Reconheci "A Violeta", de Dürer.

É estranho que ainda lembre tão ínfimo detalhe, enquanto esqueci por completo outras impressões muito mais importantes.

Atravessamos uma porta, situada à esquerda, e entramos numa grande sala de uns seis metros por nove. Havia várias janelas na parede da direita, de onde pendiam singelas cortinas. Uma grande mesa, coberta de mapas, estava perto das janelas. Na parede da esquerda havia uma lareira; adiante dela, uma mesa rodeada por cinco poltronas que pareciam muito confortáveis. Entre as duas mesas havia um grande espaço onde nos reunimos para esperar. Alinhamo-nos em ordem hierárquica; fiquei à esquerda, em último lugar. Meus olhos pousaram sobre uma escrivaninha, colocada obliquamente diante de uma janela; sua brilhante superfície estava coberta de manuscritos perfeitamente ordenados. Pensei:

— Encontro-me no lugar onde se tomam as decisões mais importantes de nossa época!

E, quase imediatamente, abriu-se a porta da esquerda. Ficamos na posição de sentido e olhamos para o umbral sem pestanejar.

Encontrava-me diante do homem que tinha escrito páginas decisivas da história da Alemanha! Não posso descrever a emoção que embarga um soldado quando, de repente, está diante do seu mais alto superior hierárquico. É possível que misturo nesta narração algumas impressões que senti mais tarde. Isto é compreensível, pois naquele momento estava numa situação tão inesperada, que só posso recordar poucas coisas.

Adolf Hitler entrou na sala andando pausadamente. Saudou-nos com o braço levantado; a clássica saudação nazista. Vestia uma túnica simples de cor cinza, que permitia ver sua camisa branca e a gravata preta. Sobre o bolso esquerdo estava a Cruz de Ferro de primeira classe, a mais alta condecoração da Primeira Guerra Mundial, junto com a placa negra, o distintivo dos feridos de guerra.

Como Adolf Hitler foi apresentado pelo seu Ajudante ao primeiro homem, situado à minha direita, não pude observá-lo direito. Tive que fazer um esforço sobre-humano para não dar um passo à frente e olhá-lo com curiosidade. Limitei-me a escutar sua voz e as perguntas que ia fazendo.

Os oficiais que me precediam informaram-lhe sobre os diversos serviços que tinham prestado, mantendo a posição de sentido. Chegou o momento em que o Führer parou diante de mim e estendeu-me a mão. Lembro que só pensei que não devia inclinar-me demasiadamente. Creio ter conseguido meu propósito e que minha saudação militar foi correta.

Empreguei poucas palavras para informar-lhe sobre o lugar do meu nascimento, os estudos que tinha feito, a carreira militar, minha situação de oficial da reserva e local onde servia. Em seguida, narrei as missões que tinha cumprido. Encarou-me durante todo o tempo em que lhe informava; não deixou de observar-me durante um só momento.

Adolf Hitler deu um passo atrás, olhou-nos e perguntou:

— Quem de vocês conhece a Itália?

Fui o único a falar. Disse:

— Viajei de motocicleta pela Itália, chegando até Nápoles. Visitei-a em duas ocasiões, em viagem de recreio, meu Führer.

— O que vocês acham da Itália?

A pergunta surpreendeu a todos. As respostas foram vacilantes:

— Itália ... Nossa aliada... Um membro do Eixo... E assim por diante...

Mas, ao chegar a minha vez, disse:

— Sou austríaco, meu Führer. Com isto creio dizer tudo. Considero que a separação do sul do Tirol, o pedaço de chão mais lindo que possuíamos, é um espinho que todo cidadão austríaco leva cravado no coração.

Pareceu-me, naquele momento, que Adolf Hitler me trespassava com o olhar.

Tinha uma estatura mediana e estava ligeiramente inclinado

Ao fim de alguns segundos de silêncio, disse:

— Os cavalheiros aqui reunidos podem retirar-se, à exceção de Skorzeny. Quero trocar com você algumas impressões.

Não me passou desapercebido o fato de Hitler pronunciar corretamente o meu nome. Sentime bastante orgulhoso e perguntei-me se o seu Ajudante tinha-lhe informado sobre o meu melindre.

Encontrei-me frente a frente com meu dono e senhor. O Führer parara diante de mim. Notei que era muito mais baixo do que eu e que se inclinava para a frente. Subitamente, mostrou-se animado ao falar. Mas tanto seus gestos como sua atitude continuaram sendo comedidos. Olhou-me insistentemente e, em seguida, tornou a falar:

— Tenho para você uma missão de suma importância. Mussolini, meu amigo e nosso fiel colaborador, foi traído ontem pelo seu próprio Rei e, hoje mesmo, foi sequestrado pelos seus concidadãos. Não quero, nem posso abandonar o homem mais importante da Itália. O Duce significa para mim a encarnação do último Cônsul romano. Não ignoro que a Itália voltar-nos-á as costas quando dirigida pelo novo governo. Quero ser fiel ao meu

companheiro até o último momento. Por isso, vejo-me obrigado a ajudá-lo nestes momentos tão difíceis. Não temos outra solução senão resgatá-lo o quanto antes, pois, em caso contrário, será posto nas mãos dos aliados. Escolhi-o para cumprir esta missão tão delicada porque sei que é um homem responsável e não ignora que, talvez, possa chegar a ser de vital importância. Deve deixar tudo para dedicar-se de corpo e alma a essa importantíssima missão. Só desta forma poderá conseguir resultados positivos.

Fez uma pausa e continuou:

— Mas o que mais importa é que tenha em mente que a missão deve ficar no mais completo segredo. Permito que fale dela a apenas cinco pessoas. Tenho a intenção de transferi-lo para a Luftwaffe, onde ficará às ordens do General Student, a quem você já conhece. Já lhe informei da missão. Por isso deve limitar-se a falar com ele para inteirar-se dos detalhes. Contudo, os preparativos devem correr por sua conta. E, advirto-lhe, tanto os comandos que temos na Itália como o nosso embaixador em Roma não podem ser cientificados da missão que lhe estou confiando. Não esqueça que, tanto uns como os outros, formaram uma ideia errada sobre a situação existente na Itália, o que lhes impediria de agir acertadamente. Volto a repetir que você é o responsável, perante a minha pessoa, pelo sigilo que deve cercar a missão. Desejo ter, brevemente, notícias suas, e espero que sua tarefa seja coroada de sucesso.

À medida que escutava a voz de Adolf Hitler, sentia aumentar a influência que exercia sobre mim. Suas palavras me pareceram tão convincentes, que não tive a menor dúvida sobre o êxito da missão.

Apressei-me a responder:

— Compreendo seus argumentos, meu Führer, e farei todo o possível para cumprir satisfatoriamente a missão que agora recebo.

Um forte aperto de mãos encerrou a conversa. Durante a curta entrevista, que me pareceu muito longa, senti pousados sobre mim os olhos de Adolf Hitler. Tive a impressão, inclusive, que seu olhar me acompanhou quando lhe dei as costas ao sair da sala. E quando me virei, na porta, para saudá-lo pela última vez, constatei que minhas suposições eram certas: o Führer tinha seguido todos os meus movimentos com o olhar.

O Ajudante-de-Ordens voltou para me acompanhar, o que me alegrou muito, porque não teria sabido orientar-me sozinho.

Não podia deixar de pensar nesta recente experiência. Fiz todo o possível para lembrar a cor dos olhos de Hitler, que me pareceram escuros. Mas nunca pude esquecer seu olhar, quase hipnótico, que parecia continuar trespassando-me.

Quando notei, vi que estávamos novamente na casa de chá. Acendi um cigarro para tranquilizar os nervos; minha cabeça estava a ponto de estourar. Quando um ordenança perguntou-me o que desejava, lembrei que tinha uma fome cruel. Pedi uma xícara de chá e alguma coisa para acompanhá-la; não demorou muito para que eu estivesse sentado a uma mesa perfeitamente arrumada. Tirei a túnica, as luvas e o cinturão, e me preparei para saborear o lanche. Porém, mal tinha tomado o primeiro gole de chá, o ordenança voltou e disse:

— O General Student espera-lhe na sala ao lado. Abriu-se uma porta que dava para uma sala vizinha e logo fiquei na presença do General, um cavalheiro jovial que transpirava saúde por todos os poros.

Uma profunda cicatriz no seu rosto lembrava os graves ferimentos que sofrera em Rotterdam no ano de 1941. Informei-lhe que o Führer acabava de me dar algumas instruções sobre a missão que tinha recebido. De repente, ouvi umas pequenas batidas na porta. Esta se abriu e tive a segunda surpresa do dia. Entrou o Reichsführer das SS, Himmler. Até aquele momento só tinha visto seu rosto em fotografias, e sua atitude me deu a entender que conhecia muito bem o General Student. Os dois cumprimentaram-se efusivamente, enquanto eu esperava para ser apresentado.

Trocamos um forte aperto de mãos e a seguir sentamos.

O que mais me chamou a atenção em Himmler foram seus antiquados pince-nez. Seus gestos não revelavam nada sobre a personalidade daquele homem poderosíssimo. Sorriu amavelmente e pareceu sentir-se à vontade em nossa companhia. Vestia um uniforme simples, com culotes e botas. Usava, ainda, o distintivo das SS.

Himmler tomou a palavra e nos expôs a situação da Itália. Estava convencido de que o novo governo de Badoglio não conseguiria manter-se durante muito tempo. Citou inúmeros nomes de militares, de políticos e de nobres italianos. Confesso, entretanto, que a maioria deles era para mim completamente desconhecida. Como Himmler chamou alguns de traidores e outros de fracos, quis fazer algumas anotações. Mal tinha arranjado um

pedaço de papel e preparado a caneta, Himmler admoestou-me dizendo furiosamente:

— Ficou maluco? Saiba que ninguém pode fazer anotações sobre o que se diz neste local. Nossas conversas são segredos de Estado que só podem ficar gravadas nas nossas mentes.

Como é fácil compreender, apressei-me em guardar a caneta e o papel, enquanto pensava:

"Não sei como poderei fazer para gravar na memória as centenas de nomes que acaba de citar. Mas é possível que possa recordar alguns."

O General Student e eu não demos uma só palavra. Himmler, ao contrário, não parou de falar, de dizer nomes e de dar informações sobre esta ou aquela personalidade. Fiz o possível para reter na memória o maior número que pude de nomes, ainda que reconheça não ter sido fácil. Himmler opinava:

— Não há dúvida sobre a derrocada do regime italiano; só ignoramos a data em que ocorrerá. Os dirigentes italianos, que estão mantendo conversações com os aliados, encontram-se em Portugal e não devemos deixar de levar este fato em consideração.

Em seguida, tornou a citar nomes e mais nomes. Ao concluir sua peroração, Himmler entabulou uma conversa com o General Student. Eram vinte e três horas. Lembrei que meus companheiros de Berlim deviam estar aflitos por falta de notícias minhas. Por isso, pedi permissão para me retirar e solicitar uma ligação telefônica.

Acendi um cigarro enquanto esperava que a ligação se efetuasse. Comecei a pensar que mal conhecia a missão e nada mais. De repente, voltei a me deparar com Himmler, que me admoestou violentamente:

— Acaso não pode passar sem fumar? Creio que você não é o homem indicado para cumprir a missão que acabamos de lhe dar.

E, sem mais, lançou-me um olhar que não tinha nada de amável e continuou o seu caminho.

Não pude deixar de pensar:

"Comecei bem! Repreendem-me só porque fumei dois cigarros. Himmler não se mostrou amável comigo. Terá decidido descartar-se de mim? O que devo fazer agora?"

Apaguei o cigarro, sentindo-me perplexo. Subitamente apareceu na minha frente o Ajudante-de-Ordens do Führer, que me olhava com interesse. Via-se claramente que tinha presenciado a cena, pois falou:

— Não se preocupe com o Reichsführer. Admoesta todos aqueles que estão em sua frente. Está sempre nervoso e não mede as palavras. Regresse ao lado do General Student e fale com ele sobre todos os pormenores.

O General e eu não demoramos para ultimar os detalhes. Decidiu-se que às oito horas do dia seguinte voaríamos para Roma fazendo-me passar por seu Ajudante-de-Ordens. Cinquenta homens do meu Batalhão sairiam à mesma hora de um aeródromo berlinense com destino ao sul da França; uma vez ali, incorporar-se-iam à Primeira Divisão de Paraquedistas para reunirem-se comigo, posteriormente, em Roma.

Depois de termos acertado todos os pontos, disse-lhe:

— Veremos em Roma como vão transcorrer as coisas.

— Creio que a nossa colaboração dará resultados. Durma bem e até amanhã.

Estas foram as palavras com as quais o general se despediu de mim.

Avisaram-me que alguém me chamava ao telefone. Do outro lado do fio escutei a voz excitada do Tenente Radl, que clamava:

— O que está acontecendo? Estamos aflitos esperando as suas notícias! Explique-se, explique-se de uma vez!

— Devemos sair para cumprir uma missão às primeiras horas da manhã. Não posso informar mais nada. Preciso tempo para pensar em todos os detalhes. Voltarei a chamá-lo mais tarde. No momento só posso dizer que fique tranquilo. Prepare todas as viaturas necessárias ao transporte de cinquenta homens. Escolha os melhores e procure todos que saibam falar italiano. Proponha os oficiais que devam ser levados nesta missão. Opinarei, também, sobre este assunto. É preciso que os soldados estejam perfeitamente equipados e que disponham de tudo aquilo que possamos necessitar em caso de emergência. Tudo deve estar pronto às cinco horas. Voltarei a chamá-lo quando tiver maiores detalhes.

Fiquei contente ao encontrar um oficial na casa de chá. Ignorava, até então, que o pessoal do Quartel-General trabalhasse até altas horas da madrugada.

Pedi-lhe que pusesse à minha disposição uma sala que tivesse telefone e um datilografo para anotar as ordens e ajudar-me a transmiti-las aos meus homens. Não demorou para que chegasse uma Senhorita vestida com uma bela roupa cinza. A primeira coisa que fiz foi perguntar-lhe se já tinha ceado; desapareceu imediatamente, e retornou logo acompanhada por um ordenança que trazia uma bandeja repleta de saborosas iguarias. Pude

apenas beber uma xícara de café e comer algumas torradas. Estava demasiadamente nervoso para pensar no estômago.

Fui obrigado a me concentrar para fazer os cálculos relativos aos suprimentos, armas, explosivos e demais equipamentos necessários para os meus cinquenta homens. Trabalhei de forma racional e acabei fazendo uma lista bastante grande. Não havia dúvida de que meu pequeno grupo estaria convenientemente armado. Mas era indispensável que os petrechos fossem os mais leves possíveis. Havia possibilidade de serem lançados de paraquedas. Cada grupo formado por nove homens necessitava de duas metralhadoras, além das pistolas automáticas que todos os homens deveriam levar. O mais indicado era que usassem as pequenas granadas de mão, que podiam ser levadas nos bolsos. Deveríamos também dispor dos explosivos necessários, uns trinta quilos. De preferência explosivos plásticos ingleses, que formavam parte do suprimento que tínhamos capturado na Holanda, pois eram melhores...

Não podíamos esquecer qualquer espécie de explosivo; os homens deviam levar capacetes e uma roupa interior bastante leve. Devíamos contar com provisões suficientes para uma semana e com o conveniente material de saúde para caso de emergência. ..

Por meio do telégrafo, transmitimos a Berlim a primeira lista. Comecei, então, a pensar quais dos meus homens podiam ser considerados imprescindíveis. Fiz um novo memorando:

"O Capitão Menzel, um bom Comandante de Companhia, e o Tenente Schwerdt, um bom soldado de Infantaria e sapador, deviam ser incididos. O Tenente Warger falava muito bem o italiano e era um bom montanhista.

A lista foi, pouco a pouco, completando-se com nomes e mais homes. Muitos surpreender-se-iam por não terem sido escolhidos. Mas não podia incluir todos...

"Ah, sim, ia esquecendo. Não lembrava do meu motorista, o Cabo B., os dois Holzer, e outros..."

A lista ficou pronta. Voltei a pedir ligação com Berlim e falei outra vez com Radl. Disse-me:

— Estamos suando em bicas. Como quer que preparemos tudo isso para as cinco horas? Sua lista é muito longa...

Respondi secamente:

— Certamente haverá outra! Deve conseguir, custe o que custar! Eu também suo em bicas! Acabo de falar pessoalmente com o Führer!

Meu ajudante emudeceu. Repeti com ênfase:

— Estamos cumprindo uma ordem que nos foi transmitida pelo próprio Führer!

Em seguida, comparamos as nossas listas, constatando que escolhêramos praticamente os mesmos homens! Sempre nos entendíamos perfeitamente!

Antes de desligar, Radl disse:

— Está havendo uma revolução nas Companhias. Todos querem tomar parte na expedição. Não encontrei um só homem que desejasse ficar.

— Informe às Companhias quais os homens escolhidos. E agora desligue de uma vez — respondi.

Pensei se tinha esquecido de alguma coisa. Claro! Os aparelhos de rádio, em condições de transmitir notícias diariamente para Berlim. Era preciso, também, de instruções para mensagens cifradas.

Enviei um novo telegrama, que foi transmitido pela linha secreta, da mesma forma que o anterior. Tudo fazia crer que éramos considerados importantes. É claro que não devíamos esquecer que, se o Serviço Secreto italiano ficasse sabendo dos nossos preparativos, tudo estaria irremediavelmente perdido.

Falei com Berlim mais quatro ou cinco vezes naquela noite, porque sempre surgia um novo detalhe, que considerava importante. Necessitava de munição traçante para as metralhadoras, pois poderíamos ter que atacar à noite; precisávamos, também, de pistolas sinalizadoras. Enfermeiros com todos os tipos de medicamentos. Talvez fosse necessário que nós, os oficiais, dispuséssemos de trajes civis. E assim continuei, à medida que passavam as horas.

Por volta das três horas e trinta minutos fiz a última chamada para Berlim. Tive a impressão de que todos trabalhavam febrilmente. Conforme fiquei sabendo, as viaturas não faziam outra coisa a não ser ir de um lado para outro em busca do que necessitávamos. A mim não cabia a menor dúvida de que, à hora marcada, tudo estaria pronto. Tive conhecimento, também, que podíamos contar com alguns oficiais do Serviço de Informações; havia a possibilidade de que precisássemos deles.

Solicitei que me dessem um quarto para descansar. Quase todos os ordenanças permaneciam acordados. A sala em que trabalhei estava situada num abrigo construído para servir de refúgio no caso de ataque aéreo. Tinha um corredor comprido, para onde davam pequenos quartos que serviam do

dormitório e lembravam camarotes de transatlânticos de luxo. Deram-me um daqueles quartos. Troquei de roupa e fui para a cama. Fazia muito calor e o barulho dos ventiladores não me deixava conciliar o sono. Mas... um soldado deve acostumar-se a tudo!

Consegui, finalmente, dominar os nervos e pensar com tranquilidade. Então, só então, percebi a excepcional importância da missão que me fora confiada!

A primeira coisa a fazer era descobrir o lugar onde tinham escondido Mussolini. Depois que o tivéssemos descoberto, se o conseguíssemos... o que?

O mais certo é que o Duce estivesse num lugar seguro e severamente vigiado. Seríamos, por acaso, obrigados a voar em direção a um cárcere ou a um fortim? Minha imaginação me obsequiou com imagens cruéis.

Dava voltas e mais voltas na cama tentando dissipar os pensamentos que me atormentavam. Mas só conseguia ter sossego por alguns minutos. Em seguida, voltava o tormento.

Não via a fórmula para sair vitorioso da empresa. Seria possível que esta missão nos levasse diretamente ao céu? Não havia outra solução, a não ser pôr mãos à obra; esforçar-me ao máximo e estar preparado para abandonar este mundo com dignidade no caso de as coisas não saírem bem.

De repente, pensei:

— Sou pai. Entrei na guerra sem ter-me preocupado em fazer testamento. Mas ainda tenho tempo de sanar minha falta.

Acendi a luz e escrevi minhas últimas vontades.

A atmosfera carregada que reinava no alojamento e o constante ruído dos ventiladores não me permitiram pensar muito. Era indubitável que naquele dia tinha ultrapassado os umbrais de uma nova era de minha vida.

Não havia dúvida de que o soldado Skorzeny acabava de receber uma ordem que influiria sobre o resto de sua vida, quer a executasse satisfatoriamente, quer não. Sabia que, no caso de sair com vida de tal empresa e a missão tivesse êxito, não mais faria parte da grande massa que vive e morre no anonimato; que muitas, muitíssimas pessoas, pronunciariam meu nome.

Tenho que reconhecer, sinceramente, que me senti orgulhoso e que decidi fazer tudo o que fosse humanamente possível para cumprir a missão, custasse o que custasse. Mas também pensei que o futuro diria a última

palavra. Só o futuro poderia provar se eu estava capacitado para realizar o que me fora determinado.

Já não havia mais tempo para dormir. Eram seis horas. Saí de pijama pelo corredor e procurei um ordenança para me mostrar onde ficava o banheiro. Tomei um bom banho e esqueci os pensamentos durante meia hora.

Entrei na casa de chá quinze minutos antes das sete: tinha determinado a um motorista que me levasse ao aeroporto às sete e meia. O General Student dormira em outro lugar. Tinha uma fome canina e engoli tudo o que os ordenanças me trouxeram. Comi por dois dias, inclusive porque não tinha comido no dia anterior. O orvalho da noite desprendia-se dos jardins, acariciado pelos raios solares. Tinha chegado o momento! Todo meu equipamento era a pasta de documentos. Antes de partir, recebi um telegrama confirmando a saída dos meus homens.

Levaram-me a outro aeroporto que estava quase no cimo de uma montanha. Pensei que oferecia um ótimo objetivo para um ataque aéreo do inimigo. Era um milagre que não tivesse acontecido.

Alguns minutos depois da chegada ao campo de aviação, encontrei-me com o General Student. Fiquei sabendo que tinha pernoitado no Quartel-General da Luftwaffe. Vimos que um bimotor HE-111 estava preparado para decolar, o que me fez compreender que o voo seria mais rápido que o do dia anterior com o nosso velho e querido Junker. O piloto, a quem me apresentaram, era o Capitão Gerlach, piloto particular do General Student.

Antes de subir no avião tive que vestir um macacão forrado de pele; e ao chegar ao aparelho, completaram meu uniforme com um gorro. Sentia-me feliz. Sabia que se o tempo continuasse bom, a viagem seria uma verdadeira delícia.

Entramos no avião. Os pilotos, o radiotelegrafista e o metralhador já ocupavam seus postos. Preparamo-nos para decolar. O avião adquiriu cada vez mais velocidade e dirigiu-se para o sul. Os lagos azuis e os frondosos bosques nos deram as despedidas, e começamos a voar a uma velocidade de 270 quilômetros por hora, a três mil metros de altura. O ruído dos motores era tão ensurdecedor, que não pude manter uma conversa com o General Student; limitei-me a informar-lhe que meus homens de Berlim já estavam preparados e tinham saído em direção a seu destino. Quando, passado algum tempo, o general começou a cochilar, aproveitei a oportunidade para olhar ao meu redor. Era a primeira vez que voava num HE-111. Por isso,

minha curiosidade era grande. Sentei-me ao lado do piloto e desfrutei uma vista magnífica.

Começamos voando sobre territórios que em outros tempos foram polacos. Passada meia hora, uma espessa neblina cobria o horizonte leste. Minutos depois vimos algumas torres: Varsóvia. A seguir, voamos sobre a região industrial da alta Silésia; milhares de chaminés desprendiam colunas de fumaça em direção ao céu.

Passamos em cima do Protetorado que tinha sido a Tchecoslováquia. A paisagem foi tornando-se escarpada; imponentes elevações e rios começavam a surgir diante de nossos olhos; o panorama era lindo, oferecia uma infinidade de variações. Vi que a rota nos levava a Viena.

Não tardamos muito para ver a velha cidade imperial. Saudei-a com o pensamento e com o coração. Pensei:

"Se minha família soubesse...!"

Mas imediatamente refleti:

"Não. É melhor que ignore meu destino. Caso contrário sentir-se-ia muito preocupada. Sempre acontece o que deve acontecer. Não há homem que possa escapar ao seu destino."

Mostrei ao piloto as coisas bonitas da minha pátria. Mostrei-lhe os viadutos de Semmeringbahn, nos campos da verde Steiermark. Graz, com seu belo castelo, minha segunda pátria, entrou em nosso campo visual.

Comi uma ração que nos entregaram no início da viagem sem prestar atenção no que fazia. Misturei os sanduíches com o chocolate; os doces com as maçãs. E, subitamente, me senti indisposto. Mas vi que o avião não estava preparado para tais contingências. Disse ao piloto que estava indisposto e ele mandou-me para a parte posterior do avião.

Por volta das doze horas voávamos sobre a Croácia. Sentia-me cansado, mas não queria perder um só detalhe daquele voo. Pensei:

"Terei tempo para dormir quando for enterrado."

Vi, abaixo, a cadeia de montanhas de Karst e percebi, ao longe, muito longe, o mar. Não demoramos em voar sobre Pola, o porto de guerra italiano. Isto me fez pensar:

"A antiga monarquia austro-húngara vinha até aqui."

O Adriático tinha um intenso azul, particularmente bonito. As pequenas casas dos pescadores pareciam simples pontinhos, vistos da altura em que voávamos. O sol refletia-se sobre as ondas; parecia-me que estava sendo acariciado pelos seus raios.

Voávamos sobre o belo e cálido sul da Europa. Estávamos sobre a península italiana. Vimos à esquerda a cidade portuária de Ancona. O aparelho ganhou altura para poder passar sobre os Apeninos. Quando os deixamos atrás, descemos uns trezentos metros. Aquela região, situada ao norte de Roma, já podia ser considerada como uma presa dos paraquedistas aliados.

Na Itália também reconheci do alto muitas cidades; inclusive algumas estradas. Disse ao piloto:

— Passei por elas na minha moto BMW, em 1934.

Finalmente, chegamos ao término da viagem. Vimos a Cidade Eterna. Suas sete colinas; o Anfiteatro romano; a Praça de São Pedro; o Castelo de Santo Ângelo...

O avião aterrissou num aeroporto a leste da cidade. Eram doze e trinta. Tínhamos percorrido 1.500 quilômetros em apenas cinco horas e trinta minutos!

Fazia um calor espantoso; parecia-me estar num forno. A bandeira do aeroporto não se movia. Quando desci do avião, quis tirar o macacão forrado de pele, mas lembrei que não estava com o uniforme da Luftwaffe. O uniforme de oficial das SS, que eu levava, chamaria a atenção quando eu fosse apresentado como ajudante-de-ordens do comandante dos paraquedistas alemães. As horas seguintes foram para mim muito negras. A viagem, em carro aberto, não me aliviou da tortura do calor.

Frascatti é a típica e idílica cidade italiana. Era ali precisamente que se encontrava o quartel-general das forças alemãs na Itália, que estavam sob o comando do Marechal-de-Campo Kesselring.

Em 12 de maio de 1943 os aliados obtiveram uma grande vitória na África. O Afrika Korps, de quem todos nós, os alemães, sentíamos orgulho, já não existia. Estava praticamente liquidado. Não pôde fazer frente aos avanços aliados, apesar de contar com forças alemãs e italianas de mar e de ar. Os aliados puseram, inclusive, o pé em solo europeu a 10 de julho daquele ano. O primeiro escalão da invasão tinha escolhido a ilha de Sicília para efetuar um desembarque. Por isso as unidades alemãs defendiam cada centímetro siciliano ombro a ombro com seus companheiros italianos. Há vários dias que os combates centralizavam-se em torno da localidade de Cefalu, na costa norte da Sicília.

Passamos diante do prédio em que se alojava o comandante das tropas do ar, que nos convidou para almoçar. Não soube como desculpar meu

aparato ao sentar à mesa. O Capitão Melzer, que chefiava os comandos de paraquedistas, converteu-se no meu anjo da guarda. Confiei-me a ele; segui-o até um quarto e me despojei do pesado traje de voo. Só então, ao sentir-me aliviado do peso, notei que o cansaço caía sobre mim. Mas consegui sobrepujar-me e comportar-me a altura. Fiquei surpreendido que os alemães tivessem se adaptado tão facilmente aos costumes italianos. Todo mundo fazia uma sesta de várias horas, desde o general até o último soldado.

Por esta razão, o Capitão Melzer deixou-me tranquilo até às dezesseis e trinta. Naquela hora apareceu no meu quarto levando roupas interiores de verão e um uniforme completo de oficial, idêntico ao usado pelos paraquedistas. Completei-o com um boné dos que eram usados pelo pessoal da Luftwaffe e, finalmente, me apresentei ao General Student, corretamente uniformizado. Ganhei também um documento que dizia ser eu pertencente ao Corpo de Paraquedistas! Não havia dúvida de que Melzer era uma pessoa estupenda.

Fiquei alojado na Villa Tusculum II, cabendo-me um quarto contíguo ao ocupado pelo General Student. Da sacada desfrutava uma belíssima vista de Roma. Não precisei muito tempo para instalar-me; preocupei-me, apenas, em guardar rapidamente a pasta de documentos.

À noite daquele mesmo dia o General Student foi convidado para jantar com o Marechal-de-Campo Kesselring, e eu devia acompanhá-lo.

Quem poderia imaginar, apenas vinte e quatro horas antes, que o desconhecido Capitão Skorzeny jantaria naquela noite em companhia do Comandante Supremo dos Exércitos Alemães na Itália?

Chegamos à casa onde se alojava o Marechal, às vinte e uma horas. Fui apresentado a ele na sala. Era uma das pessoas mais simpáticas que cheguei a conhecer. Sua personalidade exercia uma grande influência sobre os homens que tinham a oportunidade de privar com ele. O General Westfal, seu chefe de estado-maior, era o tipo do oficial enérgico, muito inteligente e comedido em todos os seus gestos.

Quando terminamos de jantar, dirigimo-nos à sala onde nos serviram o cafezinho. Fiquei reunido com vários oficiais. Nossa conversa girou em torno do assunto do dia: a queda do Duce. Um dos oficiais disse que tinha perguntado a um alto chefe do Exército italiano se sabia onde Mussolini se encontrava naqueles momentos. Como é de supor, fui todo ouvidos.

Impulsivo como eu era, deixei escapar:

— Não creio que possamos confiar em tal informação.

Minha frase foi ouvida pelo Marechal Kesselring, que estava sentado atrás de nós. Parecia muito aborrecido quando tomou a palavra para dizer:

— Contudo, eu creio nela. Não tenho motivos para duvidar da palavra de honra de um oficial italiano. Considero que seria muito melhor se pensasse como eu.

Fiquei ruborizado de vergonha e decidi que, a seguir, não mais exteriorizaria minhas opiniões.

No dia seguinte fomos recebendo notícias da aterrissagem da 1ª Divisão de Paraquedistas. Os primeiros aparelhos desceram em Pratica di Mare, um aeroporto situado a sudoeste de Roma.

Acompanhei o General Student até o aeroporto, onde foi para dar algumas ordens referentes à missão. Vimos um enorme planador que voava sobre o aeródromo. Não era muito veloz, mas consistente, do tipo Gigant. Era tão grande, que tinha espaço suficiente para transportar um panzer.

Meus homens ainda não tinham chegado. A ideia de esperar até o dia seguinte foi, para mim, insuportável. Recebemos notícias de que o comboio aéreo tinha sido atacado por caças inimigos e que sofrêramos muitas perdas, tanto de homens como de aparelhos. Sentime egoísta como comandante de unidade que era, e pensei: “Tomara que meus homens estejam a salvo."

Felizmente, no dia seguinte, recebi boas notícias. Apressei-me a ir ao aeroporto. Ali encontrei meus homens, que se mostraram alegres e satisfeitos; isto é, voltavam a estar alegres e contentes, pois durante a viagem viveram momentos desagradáveis.

Destinaram-me três galpões nas redondezas do campo. Instalei neles os recém-chegados. Tiveram que fazer várias viagens, dos galpões aos aviões, para transportar os equipamentos que tinham trazido. Dei ordem para que todos se apresentassem a mim. O Capitão Menzel foi chamando os homens por ordem hierárquica.

Notei que todos os olhos estavam fixos nos meus lábios; todos prestavam atenção às minhas palavras. Procurei explicar-lhes o que podia. Disse-lhes:

— Peço que não pensem no tipo de missão que os espera. O mais importante de tudo é que eu possa contar com cada um de vocês, em boas condições físicas, a qualquer momento. Podem retirar-se!

Solicitei a Menzel que fizesse o possível para que os homens se aclimatassem logo. Teriam obrigação, apenas, de fazer ordem unida pela

manhã e à tardinha. O resto do tempo deveria ser empregado em jogos e natação.

Regressei a Frascatti levando Karl Radl comigo. Antes de partirmos, fomos ao nosso quarto e lhe dei ciência da missão. Mostrou-se tão surpreendido e excitado como eu ficara. Nenhum de nós duvidou, nem por um instante, que seria muito difícil chegar a saber o lugar exato onde estava o Duce. Nem sequer falamos sobre as possibilidades da sua libertação. A data para tentar levá-la a efeito estava, ainda, muito distante.

Recebemos uma ordem que poderia estar perfeitamente de acordo com a missão. O General Student tinha aceitado a responsabilidade de vigiar a cidade de Roma com apenas uma divisão de paraquedistas, já que a outra combatia na Sicília.

Se fôssemos considerar os pontos de vista do Führer, devíamos estar preparados para o momento em que o novo governo de Badoglio nos voltasse as costas, convertendo-se em nosso pior inimigo.

Em tais circunstâncias era imprescindível que a cidade de Roma e seus arredores estivessem nas nossas mãos. Para isto deveríamos exercer uma estreita vigilância sobre todas as estações e aeroportos. Caso ocorresse o fato de a cidade tornar-se cenário de luta, estaríamos numa situação comprometedora.

Felizmente, tinha gravado os dois nomes mais destacados que tinham sido mencionados por Himmler: Kappler e Dollmann. Himmler tinha proposto que ambos fossem postos a par da missão para que nos ajudassem a descobrir o lugar onde o Duce estava detido. Segundo Himmler, Dollmann era um homem de toda confiança; sabia-se que vivia em Roma há muitíssimos anos e que desfrutava de inúmeras relações. Kappler era o chefe da polícia alemã em Roma, e também podia prestar-nos valiosa ajuda. Decidimos visitar os dois no dia seguinte para conhecê-los.

Apresentei o meu ajudante ao General Student, e disse-lhe que no dia seguinte procuraríamos Dollmann e Kappler, para começar o trabalho o quanto antes, embora não soubéssemos ainda a forma de abordá-los. No transcurso desta conversa, tive a oportunidade de saber que o Marechal Kesselring tivera uma entrevista com Humberto, o Príncipe Herdeiro da Itália. Durante a mesma, perguntou-lhe o nome do local em que Mussolini estava preso. Segundo o Marechal, o Príncipe não sabia de nada sobre o assunto, o que eu pus em dúvida, mas me abstive de fazer qualquer

comentário, apesar de sentir que o General Student compartilhava da minha opinião.

A sede da polícia alemã em Roma era uma casa comum, semelhante às demais da cidade. Kappler era um homem moço. Recebeu-nos com muita cordialidade. O tempo demonstrou que era um dos nossos mais valiosos colaboradores. Ajudou-nos incondicionalmente.

Pudemos inteirar-nos de que circulavam todas as espécies de notícias e rumores. Uns afirmavam que Mussolini suicidara-se; outros, que fora internado num sanatório porque sofria de uma grave enfermidade. Os boatos eram de toda ordem. Continuávamos, pois, na estaca zero.

Pudemos, apenas, saber que o Duce, não atendendo aos conselhos de sua esposa, mantivera uma entrevista com o Rei, a 25 de julho daquele ano, 1943, às dezessete horas. E que, a partir daquele momento, tinha desaparecido. Tudo isto demonstrava, e não havia a menor dúvida, que tinha sido sequestrado no próprio palácio real.

Procurei cientificar-me dos antecedentes do caso.

Na Itália, como na Alemanha, o início da guerra não tinha tido muito bem acolhido pelo povo.

Poder-se-ia afirmar que, praticamente, o país não desfrutara um momento de paz desde que os italianos invadiram a Abissínia. Aqueles longos anos de lutas e de incertezas tinham criado um clima, por assim dizer, de antiguerra, profundamente arraigado na opinião pública, desde a perda das colônias africanas. Tais circunstâncias, aliadas ao decréscimo do padrão de vida, fizeram com que o entusiasmo do povo cedesse lugar ao descontentamento. O fanatismo pelo fascismo e pelo Duce, do qual fui testemunha em 1934, transformou-se em indiferença, terminando por degenerar em áspera inimizade.

Os altos dirigentes do fascismo, inclusive, começavam a renegar seus camisas negras.

O próprio Ciano, genro de Mussolini, convertera-se num dos seus mais acérrimos inimigos, apesar de ter exercido durante muito tempo o cargo de Ministro de Assuntos Exteriores.

O astucioso plano em que se baseava a política externa dos Aliados tinha colhido seus frutos. Não havia dúvida de que a queda do Duce estava intimamente relacionada com um grupo de italianos que viviam exilados em Portugal. Contudo, o sequestro e o súbito desaparecimento de Mussolini surpreenderam o mundo inteiro.

Também nos surpreendeu muito que aquele ato reprovável, que podia ser considerado uma covardia, fosse aceito tranquilamente pela maioria da população italiana.

Por que não faziam demonstrações de protesto? Para esta pergunta só havia uma explicação; os verdadeiros fascistas lutavam na frente, nas Brigadas formadas pelos Camisas Negras. Mas as Forças Armadas italianas protegiam a Casa Reinante, e o Príncipe Herdeiro fazia parte da oposição que tinha conspirado contra o Duce.

Não pude deixar de pensar na possibilidade de acontecer coisa semelhante na Alemanha. Rapidamente respondi a mim mesmo que isto não aconteceria, pois na Alemanha não existia partido de oposição. Tampouco ignorava que, no caso de existir algum, e se fosse tentado um golpe de Estado, seria sufocado sangrentamente. E, talvez, chegar-se-ia ao extremo de uma guerra civil.

O chefe da polícia alemã na Itália mantinha frequentes contatos com um oficial carabinieri que continuava sendo fiel ao regime fascista, apesar de procurar ocultá-lo. Era praticamente o único que poderia servir-nos de ponto de partida para iniciar as buscas. Disse-nos:

— O Duce abandonou o palácio real numa ambulância que o levou ao quartel dos carabinieri de Roma.

Nossas investigações posteriores confirmaram a veracidade do informe. Chegamos até a saber em que ala do citado prédio, e em que andar Mussolini tinha sido alojado. Mas, desde aquela data, 25 de julho, tinham transcorrido mais de dez dias e tudo levava a crer que o Duce fora transferido para outro lugar.

Mas, apesar disso, estive preparado e levantei hipóteses sobre a possibilidade de resgatar Mussolini daquele prédio. Meus pensamentos, como os de Radl, concentraram-se a tal ponto, que não tivemos um momento de repouso.

CAPÍTULO XV

O amor nos ajuda — Penitenciária da ilha de Ponza — Uma nova ordem do QG do Führer — Fortim de Santa Madalena — Vítima de uma aposta — Um truque que dá resultados — Queda no mar — Na Córsega — Canaris sobre pistas falsas — Outra vez no QG do Führer — Relatório a Hitler — "Contraordem" — "Conseguirá!" — Tentativa de libertação em Santa Madalena — No último momento — Por poucas horas — Novas pistas — 60º aniversário de Mussolini, a 29 de julho de 1943 — Badoglio — Tropas em torno de Roma — O Hotel do Gran Sasso — Opiniões pessoais — Frascatti sob as bombas aliadas — 8 de setembro de 1943 — Itália capitula — Situação confusa.

O presente livro seria demasiado volumoso se descrevesse, com toda a riqueza de detalhes, os acontecimentos desenrolados nas últimas semanas. Limitar-me-ei a comentar apenas alguns e a referir-me sobre o trabalho de investigação.

Passamos vários dias sem poder obter dados positivos que facilitassem a nossa tarefa, até que um estranho acaso veio ajudar-nos.

Num restaurante de Roma travamos conhecimento com um comerciante de frutas, que fazia frequentes viagens a Terracino, uma pequena cidade situada no golfo de Gaeta, para tratar com seus fregueses. Um deles tinha uma empregada, noiva de um carabinieri que servia na penitenciária da ilha de Ponza. Como era impossível abandonar o serviço no presídio, escreveu uma carta à noiva. Nela deixava transparecer que na ilha existia um preso importante.

A referida notícia foi confirmada, pouco tempo depois, por comentários feitos ao acaso por um oficial de Marinha. Chegou inclusive a insinuar que o Duce fora transportado no seu próprio navio para o porto de guerra de La Spezia.

Transmitia ao General Student todos os informes que ia obtendo, e ele se encarregava de enviá-los ao Quartel-General. Quando mencionamos o porto de La Spezia, recebemos ordem de que preparássemos tudo a fim de resgatar o Duce do navio de guerra em que se encontrava. Tal ordem ocasionou-nos preocupações durante vinte e quatro horas seguidas. Os altos dirigentes limitaram-se a dar ordens. Mas não levaram em conta que a empresa era sumamente difícil. Acreditavam, por acaso, que era fácil

sequestrar um homem de um porto de guerra, cheio de navios e fortemente defendido?

Felizmente, no dia seguinte fomos informados de que Mussolini já não estava em La Spezia.

A título de curiosidade, quero informar ao leitor que em Berlim foi pedida a colaboração de vários espíritas e astrólogos, para que nos ajudassem a descobrir o lugar onde escondiam Mussolini. Esta ideia saiu da mente de Himmler, que sempre acreditou nas ciências ocultas. Contudo, nunca nos informaram qualquer resultado de semelhantes "investigações". Tanto Radl como eu não acreditávamos naquelas coisas. Por isso fizemos o possível para redobrar os esforços e continuar as investigações que considerávamos mais positivas.

No fim de algum tempo, certos rumores fizeram com que fixássemos a atenção na ilha de Sardenha. Não obstante a suposição de que o Duce estivesse na ilha há pouco, num hospital de uma pequena cidade de montanha, foi constatada ser falsa. A seguir, os boatos faziam referência ao fortim de Santa Madalena, situado na ponta norte da citada ilha.

O Capitão Hunäus, um velho lobo do mar, que desempenhava a função de oficial de ligação entre as Marinhas de Guerra alemã e italiana, comunicou-nos, com um ar de riso, que um preso muito importante fora transferido para a ilha. Levando comigo o Tenente Warger, que falava um italiano perfeito, dirigi-me ao lugar indicado para fazer as averiguações necessárias.

Embarquei com o Capitão num "bote-R" (destinado à limpeza de minas). Inspecionamos detidamente o porto, e me ocultei entre alguns veleiros para tirar algumas fotografias. Nos arredores da pequena cidade havia uma casa, a Vila Kern, que também fotografei de algumas centenas de metros. Chegando a este ponto só me faltava levantar a identidade do preso importante. Foi então que entrou em ação o Tenente Warger. Vestimo-lo de simples marinheiro e fizemos com que passasse por intérprete do Capitão Hunäus. Explorando a paixão e a indiscrição dos italianos, determinei a Warger que frequentasse os bares, que se misturasse ao povo e que prestasse atenção a tudo o que se comentava. Recomendei-lhe que, se ouvisse falar do Duce, deveria afirmar que sabia, de fonte fidedigna, que este tinha morrido em consequência de uma enfermidade; e, se alguém tivesse dúvida de suas palavras, deveria fazer uma aposta. Deveria, também, simular que estava um pouco embriagado para dar mais realismo à situação.

Mas defrontamo-nos com uma grande dificuldade. Warger era abstêmio! Fiz-lhe uma preleção sobre o cumprimento do dever, sobre os sacrifícios que todo bom soldado estava obrigado a cumprir em determinadas circunstâncias e sobre a grande missão que tínhamos recebido. Depois de algumas horas consegui que ele se dispusesse a quebrar seus princípios, pelo menos naquela ocasião.

O plano deu resultados. Um vendedor de frutas que visitava a vila diariamente para abastecê-la foi a vítima da aposta. Ganhou facilmente o dinheiro que lhe oferecemos e nos prestou um grande serviço. Conduziu Warger até a vila, e lhe mostrou o terraço onde estava preso o Duce.

Warger visitou assiduamente seu novo posto de observação. Pouco a pouco foi inteirando-se da forma como era defendida a prisão e do número de homens que estavam nela.

Chegou o momento de traçar os planos para a libertação de Mussolini, mas necessitávamos de um conhecimento mais completo da região onde se encontrava. Era imprescindível que soubéssemos o lugar exato em que poderíamos instalar nossos petrechos e que conhecêssemos palmo a palmo a topografia da área. Os mapas que me forneceram não eram suficientes e decidi voar sobre o objetivo, mas a grande altura, pois sabia que o local era proibido para o voo de qualquer tipo de aeronave. Queria tirar algumas fotografias do ar.

Na quarta-feira, 18 de agosto de 1943, tudo estava pronto. O HE-111 posto à minha disposição no aeroporto de Pratica di Mare decolou rumo ao Norte; não ignorava que os aviões inimigos voavam sem cessar sobre as águas do Mediterrâneo. Naquela época, todos os aparelhos que se dirigiam à Sardenha deviam dar uma volta sobre Elba e Córsega por medida de segurança. Aterrissamos no grande aeroporto de Pausania, Sardenha, para reabastecer, antes de tornar a voar sobre a ilha.

Desloquei-me cinco quilômetros para o Norte a fim de me reunir como o Capitão Hunäus e com Warger, em Palau. Fiquei sabendo que a situação continuava igual, mas as medidas de segurança aumentavam dia a dia.

Regressei ao aeroporto um pouco mais tranquilo e me preparei para iniciar a ação. Tinha, também, a intenção do voar até a Córsega, para entrar em contato com a Brigada das SS, estacionada na referida ilha. Estava certo de que a missão exigiria a cooperação de determinado número de homens, e queria por este motivo assegurar-me disto.

O avião estava pronto. Decolamos pouco depois das cinco horas. Determinei que voássemos a cinco mil metros, pois queria inspecionar o porto de guerra para, a seguir, atingir a costa norte. Estava sentado diante da metralhadora, com a câmara fotográfica e com a carta da região onde desejava fazer algumas anotações. Encontrava-me absorto contemplando o mar que, naquele dia, tinha um colorido especialmente belo, quando repentinamente ouvi a voz do vigia através do alto-falante:

— Atenção! Estamos sendo seguidos por dois aviões. São caças ingleses!

Nosso piloto descreveu um semicírculo. Pus o dedo no gatilho da metralhadora e aguardei para ver o que aconteceria. Pareceu-me que o avião voltava à sua rota anterior, quando notei que estávamos num voo picado. Contemplei o angustiado rosto do nosso piloto, que fazia ingentes esforços para que o avião voltasse à horizontal. Uma rápida olhada foi o suficiente para constatar que o motor esquerdo do aparelho não funcionava. Continuamos descendo vertiginosamente. Não podíamos pensar em saltar de paraquedas. A última coisa que ouvi pelo alto-falante foi: Agarrem-se!

Instintivamente segurei com força no canhão de bordo. Instantes depois chocamo-nos contra o mar. Devo ter levado uma pancada na cabeça, pois perdi os sentidos durante algum tempo. Vi alguns pontos luminosos diante dos olhos, e senti que alguém me puxava com força pela túnica. Assim me encontrei na água. Nosso avião tinha afundado; a cabina estava inundada; os vidros tinham quebrado em mil pedaços e a água entrava aos borbotões.

Gritamos através da tubulação para lançar bombas, mas ninguém respondeu. Teriam morrido os outros dois companheiros? A única coisa que nos restava era sair do avião o mais cedo possível. Fizemos um grande esforço para abrir a porta do avião... e a água jorrou! Não podíamos perder tempo. Tiramos o piloto; prendi a respiração e nadei para a superfície. Vi que o homem que saíra antes de mim nadava agitando fortemente os braços; pouco depois emergiu a cabeça do piloto.

Foi naquele preciso momento que aconteceu uma coisa incrível: o avião emergiu do fundo do mar. O piloto e seu companheiro abriram as portas e viram, encolhidos a um canto, os dois soldados que acreditávamos já cadáveres. Estavam ilesos, mas mortos de medo. Saíram como puderam e agarraram-se ao avião. Disseram que não sabiam nadar, apesar de serem naturais da cidade portuária de Hamburgo. O piloto conseguiu inflar o bote salva-vidas. Lembrei-me, então, que os mapas e a câmaras fotográficas

estavam dentro do avião. Reuni todas as forças e voltei para dentro dele. Consegui recuperar todos os meus "tesouros" e saí novamente. O bote salva-vidas já flutuava sobre as águas; coloquei nele a câmara e a pasta com os mapas. Naquele momento o "pássaro" ergueu-se e, em seguida, submergiu nas profundezas do mar.

Nós três, que sabíamos nadar, dávamos algumas braçadas e nos agarrávamos no bote para descansar, olhando-nos fixamente. A uns cem metros de distância, vimos umas pedras que afloravam na superfície; nadamos até elas.

Apesar de serem íngremes e escorregadias, conseguimos subir nelas. Abri os braços e respirei aliviado. O piloto me chamou a atenção para meu braço direito. Olhei-o e vi que estava vermelho. Só então notei que tinha vários pedaços de vidro cravados na carne. Lembro ter pensado: "Se for só isso!..."

O piloto tirou a pistola sinalizadora do bote salva-vidas e se preparou para dispará-la, mas não o deixei, porque seria mais prudente esperar que se aproximasse um barco.

Passamos uma hora completamente esquecidos do resto do mundo. Finalmente, vimos que um barco sulcava o horizonte. Apressamo-nos a disparar um foguete vermelho, e não tardou muito sentimo-nos aliviados, porque vimos que fôramos descobertos. O barco fez a volta e lançou ao mar um bote para nos recolher. Quando chegamos a bordo, sãos e salvos, vimos que nosso salvador era um cruzador italiano. Fiquei satisfeito ao saber que seu comandante ignorava o motivo pelo qual nos encontrávamos naquelas paragens. Fomos recebidos a bordo com todas as honras.

O comandante arranjou-me um tamanco e uma calça; mas como o dono da roupa era mais baixo do que eu, tive sérias dificuldades para entrar nela. Apesar disso, a solução foi melhor do que se fosse obrigado a me cobrir com uma folha de parreira. Quando me instalei confortavelmente numa rede, ofereceram-nos uma bandeja de frutas; neste momento tive a impressão de que meu tórax não estava em boas condições. Cada vez que fazia um movimento, sentia fortes dores no peito. Alguns dias mais tarde o médico constatou que tinha três costelas quebradas.

Desembarcamos em Pausania às últimas horas da tarde. Mal pusemos o pé em terra firme, apressei-me em manter contato com uma unidade alemã a fim de que me emprestassem uma viatura. Tinha a intenção de chegar até Palau para pedir ao Capitão Hunäus um barco que me pudesse levar até a

Córsega. Sabia que o Comandante da Brigada das SS estava esperando-me. Por isso tinha um especial empenho em poder cumprir a primeira parte do meu plano.

Era quase meia-noite quando entramos no porto de São Bonifácio. Os italianos não tinham possibilidade de entrar em ligação telefônica com as unidades alemãs. Contudo, puseram à minha disposição um carro às primeiras horas da manhã seguinte. Fiquei sabendo que os italianos tinham concentrado parte de suas forças na ilha de Córsega e que tinham proibido, durante a noite e até às nove horas, o trânsito de veículos pesados. Não percebi o significado de tão estranha ordem durante muito tempo.

Em consequência de um mal-entendido telefônico, passei o dia todo correndo atrás do comandante da Brigada, desencontrando-me dele. Só o localizei depois de ter anoitecido. O encontro teve lugar em Bastia, ao norte da ilha. Ambos fomos hóspedes de uma unidade da Marinha.

Não suspeitava que a minha maneira de atuar estava fazendo com que meu ajudante estivesse passando horas muito amargas. Quando, ao anoitecer de 18 de agosto, eu ainda não tinha regressado, tal como era minha intenção, pediu notícias ao Corpo de paraquedistas sobre o destino do nosso avião. Em resposta recebeu um comunicado lacônico:

— Está desaparecido, possivelmente no fundo do mar!

Não chegaram até ele as minhas chamadas radiofônicas. E eu não tinha posto os pés em terra firme até o anoitecer de 20 de agosto. Quando desci do avião, apressei-me em visitar meus homens. Foi então que dei de cara com Radl. Meu pessoal vibrou ao rever seu comandante, a quem julgavam morto.

Devíamos traçar um plano de ação. Tínhamos certeza de que encontráramos o homem procurado. E estávamos certos de que nossas suposições eram corretas. O General Student também compartilhava desta opinião.

Nosso otimismo recebeu ducha fria quando chegou um comunicado do Quartel-General, que dizia:

"Chegaram-nos informes fidedignos — via Canaris — segundo os quais Mussolini encontra-se prisioneiro na pequena ilha de Elba. O Capitão Skorzeny deverá preparar, imediatamente, uma operação com paraquedistas para que estes sejam lançados sobre a ilha e deve informar-nos quando estiver pronto para levar a cabo a operação. O Quartel-General fixará o dia e a hora da mesma."

Tanto Radl como eu mergulhamos num mar de confusões. Parecia que a defesa da Itália possuía dados bastante exatos. Transcorridos alguns dias, recebemos um informe ultrassecreto, dirigido a todos os comandantes de unidades, que dizia o seguinte:

"O governo de Badoglio prometeu-nos que a Itália seguirá lutando ao nosso lado com todas as suas forças. Está disposto, inclusive, a combater mais intensamente do que tinha feito o governo anterior!"

Nós, que estávamos na Itália, éramos de opinião contrária. Por isso não pudemos compreender como o Almirante Canaris tinha chegado àquelas conclusões e por que não esperou mais um pouco para transmitir seus informes ao Quartel-General.

A concentração de tropas italianas ao norte de Roma, que estava sendo realizada há algum tempo, confirmava nossas suposições, certamente nada agradáveis. Por tal motivo, decidimos evitar que não nos tornássemos vítimas de falsas informações transmitidas pelo QG do Führer; não estávamos dispostos a saltar no vazio.

O General Student resolveu entrar em ligação com o QG do Führer. Depois de várias gestões, ordenaram-nos que fôssemos à Prússia Oriental. Viajamos no mesmo avião que nos levara à Itália. Introduziram-nos na mesma sala na qual fui recebido pela primeira vez que visitei o Quartel-General. Mas, nessa ocasião, as poltronas colocadas em torno da mesa situada diante da lareira estavam todas ocupadas. Tive oportunidade, então, de conhecer os homens que dirigiam os destinos da Alemanha.

À esquerda de Adolf Hitler sentava-se o Ministro de Assuntos Exteriores, von Ribbentrop; à sua direita, o Marechal-de- Campo Keitel e o General Jodl, ao lado de quem determinaram que eu sentasse. Junto a Ribbentrop estava Himmler; a seguir, o General Student e, ao lado deste, o Almirante Dönitz. Entre este e eu, o Marechal do Reich Göring, que ocupava uma larga poltrona.

O General Student tomou a palavra para expor a situação. Quando terminou, todos olharam para mim à espera de que eu falasse.

Devo reconhecer que fiz um grande esforço para dominar a timidez e falar a semelhante auditório. Não me passou desapercebido que oito pares de olhos não paravam de me olhar! E eles pertenciam aos homens da mais alta hierarquia do Reich!

Levara comigo algumas anotações; mas naquele momento me esqueci delas. Por este motivo, limitei-me a descrever com todos os detalhes as

investigações que tinha levado a cabo até aquele momento. Os inúmeros argumentos que serviam de base à nossa crença de que o Duce estava em Santa Madalena acabaram convencendo os participantes daquela reunião. Quando falei da aposta feita por Warger e os seus resultados positivos, vi que tanto Göring como Dönitz sorriram.

Quando terminei, olhei para o relógio. Sentime surpreendido ao ver que tinha falado durante meia hora. Adolf Hitler levantou-se e, num gesto espontâneo, estendeu-me a mão dizendo:

— Creio em suas palavras Capitão Skorzeny; sei que tem razão! Darei contraordem para que os paraquedistas não sejam lançados na ilha de Elba. Pensou no modo como poderá libertar o Duce do fortim de Santa Madalena? Peço-lhe que me exponha todos os detalhes.

Peguei papel e lápis e mostrei, diante do chefe supremo do Reich, o plano que Radl e eu tínhamos traçado para o resgate do ilustre prisioneiro. Também fiz constar que a nossa ação seria secundada por alguns oficiais da Marinha, que nos tinham ajudado na concepção do plano. Encarei a necessidade de dispor de uma flotilha de lanchas rápidas do tipo "R" e "M", e acrescentei que precisava do reforço de alguns homens da Brigada das SS estacionada na Córsega. Expus, também, que era indispensável que tanto as baterias pesadas dessa Brigada como as da Brigada estacionada no norte da Sardenha estivessem em condições de me proteger. Deixaram-me expor o plano com todos os detalhes. Fui interrompido, algumas vezes, por intervenções feitas por Jodl, Göring e pelo próprio Hitler. Quando terminei de falar, o Führer tomou a palavra:

"— Aprovo seu plano — disse — e creio que se o levar a efeito rapidamente, e que se sua ação estiver acompanhada, em todos os momentos, pela sua confiança, poderá sair vitorioso da empresa. Rogo ao grande Almirante Dönitz que de as ordens pertinentes ao caso à Marinha de Guerra. As unidades necessárias à execução da ação serão postas à disposição do Capitão Skorzeny. O General Jodl providenciará a respeito. E chegados a este ponto, Skorzeny, devo fazê-lo saber de uma coisa da maior importância."

"— É preciso — continuou — que meu amigo Mussolini seja libertado o quanto antes; pois, em caso contrário, será posto nas mãos dos aliados. Não há dúvida de que tal ação deva ser realizada sem nenhuma perda de tempo. Ordenarei a ação enquanto a Itália for nossa aliada, ao menos oficialmente. Mas também pode haver o caso de eu ter que censurá-lo

perante a opinião pública, caso a missão resulte em fracasso. Neste caso serei forçado a afirmar que você ficou maluco e que agiu por sua conta e risco; que os chefes lhe ajudaram por mera simpatia e por serem vítimas de uma psicose coletiva *etc.* Você deve aceitar semelhante responsabilidade pela Alemanha e pela sua causa!"

Não dispunha de muito tempo para pensar. Tampouco precisava dele. Sabia que estava disposto a fazer qualquer coisa se estivesse em jogo o destino da Alemanha; que estava pronto a assumir qualquer responsabilidade, desde que isso contribuísse um pouco para a vitória de uma causa que eu considerava justa. Conversamos durante alguns minutos e revisamos vários pontos. Quando Göring pediu-me detalhes para inteirar-se dos pormenores do recente acidente de avião que tinha sofrido, não pude dominar-me e respondi:

— O HE-111 é um excelente avião para mergulhar no mar. Pode ser empregado até como submarino.

Göring aceitou minhas explicações, e inclusive chegou a rir. Fiquei satisfeito em constatar que o Marechal do Reich tinha senso de humor.

Quando me despedi de Hitler, este me apertou a mão dizendo:

— Conseguirá, Skorzeny; confio em você!

Suas palavras eram tão convincentes, que me deixei contagiar pela sua fé. Tinha ouvido falar muito a respeito da força persuasiva, quase hipnótica, de Adolf Hitler e naquele dia tive ocasião de comprovar pessoalmente.

À noite, passei muito tempo sentado à mesa do Ajudante-de-ordens do Führer, na sala do Marechal Keitel, e conversei com várias pessoas. Lembro, ainda, do Príncipe Felipe von Hessen; Capitão-Aviador Bauer; Coronel Rattenhuber; Major John von Freyand e o senhor Sündermann. Os presentes viram, pelo meu uniforme, que acabava de chegar da Itália. Foi, portanto, muito natural que mantivéssemos uma conversa sobre os acontecimentos que lá estavam ocorrendo.

Expus-lhes minha opinião. Afirmei que o país estava cansado da guerra e que não estranharia se surgissem algumas surpresas. Estava a ponto de falar do partido do Príncipe Herdeiro Humberto, quando o Capitão Bauer me deu um pontapé por baixo da mesa. Compreendi a advertência e tratei de mudar de assunto. Mais tarde, Bauer me informou que o Príncipe von Hessen era cunhado de Humberto. Isto me demonstrou, mais uma vez, o perigoso terreno em que eu pisava. Fiquei alarmado. Não pude deixar de pensar:

"Será que não podemos falar com liberdade nem no Quartel-General do Führer?"

Anos mais tarde tornei a me encontrar com o Príncipe von Hessen. A situação tinha mudado. Aquele novo encontro teve lugar no campo de prisioneiros de Darmstadt. Como mudam os tempos! Encontrávamo-nos ali por sermos considerados uns nazistas empedernidos!

Dormi no Covil do Lobo muito melhor do que na primeira vez em que o visitei. Pedi que me dessem um alojamento que não estivesse no interior do abrigo, para não ter que suportar, a noite inteira, o ruído ensurdecedor dos ventiladores. Preferia arriscar-me a ser despertado por um alarme aéreo, a ter certeza de passar a noite acordado. Às primeiras horas da manhã seguinte decolamos rumo à Itália.

Contei a Radl todos os pormenores da recente visita ao Quartel-General. Informei-lhe, inclusive, que, caso a missão fracassasse, eu seria o único responsável. Lembro que me respondeu:

— Então deixar-me-ei prender com você. É possível que acabemos dando com os ossos num manicômio. Talvez seja divertido passar por essa nova experiência.

Por uma casualidade livrei-me de chegar a tal extremo, porque estivemos a ponto de visitar o ninho vazio.

O Comandante da Flotilha de Submarinos Rápidos, que tinha sido posta às minhas ordens, um Capitão-de-Corveta chamado Schulz, estava entusiasmadíssimo em tomar parte na missão. Fazia tempo que desejava cumprir uma missão de tal magnitude. Voltamos a examinar nosso plano com bastante atenção e estudamos detalhadamente todas as possibilidades.

A flotilha de submarinos deveria entrar no dia D no porto de guerra, simulando uma visita oficial. Em seguida, lançaria suas âncoras numa enseada da pequena cidade de Madalena. O resto dos barcos "R" e "M" seriam dirigidos por Radl e encarregar-se-iam de recolher a bordo as tropas acantonadas na Córsega. Os soldados deveriam ocultar-se para que ninguém viesse a saber que iam a bordo. Ancorariam em Palau, em frente à cidade de Madalena. Ao escurecer do dia D, ambas as flotilhas deveriam manobrar como se fossem sair do porto. Em determinado momento, porém, os botes "R" e "M" desembarcariam os soldados em terra. Uma parte deles encarregar-se-ia de isolar a fortaleza do resto da cidade, enquanto os submarinos preparar-se-iam para cobrir a operação com seus canhões.

Eu, pela minha vez, tinha a intenção de marchar até a Vila com a nata dos meus homens, desfilando tranquilamente e em perfeita formação. Acreditava que com o desfile desconcertaria meus prováveis inimigos, ganhando com isso um tempo precioso. Queria evitar, na medida do possível, ver-me obrigado a fazer uso das armas enquanto avançasse em direção à fortaleza. O resto devia ser resolvido depois do desfile! Não devia temer que se desse o alarme antes do tempo, já que alguns homens tinham a missão de cortar as linhas telefônicas.

Quando o Duce estivesse conosco e os cento e cinquenta homens que o custodiavam tivessem sido neutralizados, eu embarcaria rapidamente com Mussolini num dos barcos. Uma das entradas do porto deveria estar em mãos dos nossos comandos, com o fim de manter a saída livre. E, por último, as Baterias antiaéreas italianas em posição na colina, perto do porto, deveriam estabelecer combate com as baterias antiaéreas alemãs da Sardenha.

Mas havia um problema que me preocupava. Em lugar próximo, abaixo da Vila Kern, existiam várias barracas muito próximas do porto. Estavam ocupadas por duzentos aspirantes da Marinha, que realizavam um estágio de instrução. Era necessário que aquele flanco estivesse bem coberto. Ficamos sabendo, ainda, que perto da costa existiam dois velhos hidroaviões e um terceiro novo, flamante, recém-pintado. Devíamos situar nossos comandos de tal maneira, que impossibilitassem a decolagem dos hidroaviões, impedindo assim que nos seguissem.

Ao alvorecer do dia marcado embarquei, em companhia de Radl, num dos barcos rápidos que integravam a nossa flotilha, e saímos do porto de Anzio. Atingimos Santa Madalena depois de uma travessia bastante tormentosa. Radl desembarcou e voltou a embarcar num bote "R", via Córsega, para supervisionar o embarque das tropas. Tinha ordem de regressar com elas a Madalena quando começasse a escurecer.

Em várias ocasiões tive um estranho sentimento de insegurança, especialmente quando me via obrigado a deixar em mãos de outro uma tarefa que podia realizar pessoalmente. Isto me aconteceu naquele dia. Warger tinha voltado para falar comigo, descrevendo-me com toda riqueza de detalhes a topografia da região e as posições ocupadas pelo inimigo. Foram localizadas cuidadosamente, e a versão de Warger não deixava nada a desejar. Mas como desejava ter absoluta certeza, decidi fazer eu mesmo uma última inspeção, acompanhado de Warger.

Vesti um uniforme de simples marinheiro e me pus a caminho. Durante o trajeto fiquei aborrecido ao descobrir um fio telefônico que estava conectado com nosso objetivo e não constava nas anotações feitas por Warger. Repreendi-o, pois estava convencido de que uma empresa tão difícil como aquela podia fracassar por uma insignificância. Afora isso, todo o resto correspondia exatamente às descrições de Warger. Vi um posto duplo de carabinieri e seus ocupantes que montavam guarda na estrada; descobri várias metralhadoras colocadas na entrada da Vila. Um alto muro, infelizmente, impediu-nos de olhar para o jardim que a rodeava. Notei que não despertávamos a atenção e que ninguém nos observava. Eu vestia uma simples camisa de marinheiro e ajudava meu companheiro a transportar um cesto cheio de roupa suja. Nossa meta era uma casa vizinha à Vila, situada um pouco acima desta, o que nos permitiu fazer uma boa observação. Warger entrou na casa com o cesto para entregar a roupa que devia ser lavada. Subi por um caminho para desfrutar de melhor campo de vista. Aproveitei a ausência de certos lugares "íntimos" das casas italianas, e quando cheguei ao lugar que queria, agachei-me atrás de uma pedra.

Meu observatório era realmente bom. Já conhecia a casa, sua estrutura, e os caminhos do jardim. Olhei tudo detidamente e me pareceu não ter havido qualquer mudança. Aliviado, regressei à casa da lavadeira. Ao entrar, vi que um carabinieri da guarda estava de visita na casa. Entabulei uma conversa com ele utilizando os serviços de Warger, que fazia o papel de intérprete. Fiz o possível para que a conversa recaísse sobre Mussolini; mas observei que o soldado não se mostrava interessado no assunto. Animou-se, porém, quando lhe disse que sabia que o Duce tinha morrido e que a minha informação era de fonte segura. Chegou ao extremo de afirmar, com seu apaixonado temperamento latino, que eu incorria em erro. Insisti, repetidas vezes, que um conhecido médico dera-me toda sorte de detalhes sobre a morte do ditador da Itália.

O carabinieri não pôde conter-se e exclamou:

— No, no, signore, impossibile! Vi o Duce com meus próprios olhos hoje de manhã. Fiz parte de sua guarda; conduzimo-lo ao avião branco que decolou com ele.

Que surpresa! O homem estava convencido do que dizia e suas explicações pareciam corretas. Rapidamente, lembrei-me que o hidroavião branco já não estava mais nas águas do porto. Tinha observado o fato, mas não o relacionei com o assunto que tanto nos preocupava. Também

compreendi, naquele momento, por que os soldados que guardavam a Vila andavam pelo seu grande terraço. Não foi difícil perceber que o ninho estava vazio!

Não havia a menor dúvida de que o homem dizia a verdade. Foi uma sorte termos sabido a tempo. Não podia nem imaginar o que aconteceria se tivéssemos desencadeado o plano e ficássemos de mãos abanando!

Devíamos apressar-nos em suspender todos os preparativos. Consegui ligar-me, por telefone, com Karl Radl poucos minutos antes que este abandonasse a Córsega. Informou-me que os homens já estavam a bordo. Gritei-lhe:

— Que desembarquem rápido, sem perda de tempo!

Simulamos continuar nossos preparativos, como medida de segurança; por outro lado tínhamos esperanças de poder levar a cabo a missão, no caso de Mussolini regressar a Santa Madalena. Os italianos, considerando a importância do prisioneiro, continuaram mantendo as aparências do local, com intenção de nos desorientar. Encontramo-nos como no princípio. Não havia outra solução a não ser recomeçar da estaca zero. O trabalho e os esforços de todos aqueles dias tinham sido em vão! No decorrer dos dias seguintes seguimos várias pistas, mas todas acabavam em nada. Uma viagem de inspeção que realizei com o General Student ao lago Bracciano ofereceu-nos uma pista que podia ser boa. Alguém, casualmente, tinha observado a amerrissagem do hidroavião branco.

Investigações posteriores levaram-nos a crer que a prisão do Duce estivesse nos Apeninos. Um informe, segundo o qual o Duce estava no lago Trasimano, resultou falso. Um acidente automobilístico, envolvendo dois oficiais italianos, proporcionou-nos um ponto de partida para averiguar nas montanhas dos Abruzos. No princípio, desorientados, seguimos uma pista falsa, que nos conduziu à parte ocidental da cordilheira.

Chegamos à conclusão de que a maior parte dos boatos era difundido premeditadamente. O Serviço de Informações italiano e seus agentes demonstravam ser adversários difíceis. Chegou um momento em que o estado-maior do Marechal Kesselring e o Serviço de Informações Externas demonstraram um interesse especial em descobrir o paradeiro do Duce. Reconheço que, mais tarde, quando tudo passou, fiquei satisfeito de que a sua busca tivesse terminado em vão.

Em agosto, o Almirante Canaris reuniu-se, em Veneza, com seu colega italiano General Amé. Ocorreu-me a seguinte pergunta:

"Acaso a obstinação do Serviço de Informações italiano pode mais do que o desejo de Hitler esclarecer tão estranho mistério? Estaria Canaris decidido a ter nas mãos as rédeas das ações alemãs que giravam em torno da nossa missão?

O Marechal Kesselring aproveitou o 29 de julho de 1943, data em que Mussolini completava 60 anos, para fazer algumas indagações sobre o paradeiro do Duce, diretamente ao Marechal Badoglio.

Adolf Hitler enviou à Itália, maravilhosamente encadernadas, as obras do filósofo Nietzsche. Kesselring disse ao Marechal Badoglio que tinha ordem de oferecer ao Duce, pessoalmente, o presente. Mas a tentativa não deu resultado: Badoglio respondeu que não podia atendê-lo naquela ocasião.

Enquanto isso, a situação em Roma tornara-se muito desagradável no transcurso das últimas semanas. Observamos que muitas divisões italianas estavam sendo paulatinamente concentradas em torno da Cidade Eterna. Sabíamos perfeitamente o que isto significava, apesar de os italianos obstinaram-se em afirmar que a concentração de tropas era uma medida de segurança para o caso de um ataque aliado.

A Divisão de paraquedistas alemães, reforçada por algumas unidades da Luftwaffe, defrontava-se com sete divisões italianas, o que nos conferia uma grande desvantagem. Chegou um momento em que perdemos a conta das forças italianas que, diariamente, se concentravam em Roma.

Meu pequeno serviço de informações nos assegurou, ao fim de alguns dias, que Benito Mussolini encontrava-se num hotel de montanha situado ao pé do cume do Gran Sasso.

A partir daquele momento trabalhamos febrilmente para arranjar mapas da referida região. Com grande consternação ficamos sabendo que o mencionado hotel fora acabado de construir quando eclodiu a guerra, motivo pelo qual não constava em nenhuma espécie de mapa. A única informação que pudemos obter a respeito foram as descrições de um alemão que vivia na Itália e que, em 1938, tinha passado suas férias de inverno no hotel recém-inaugurado. Obtivemos outras informações através de um folheto publicado por uma agência de viagens, que descrevia, com toda riqueza de detalhes, as delícias daquele paraíso para esquiadores.

Contudo, tivemos que reconhecer que os dados obtidos eram insuficientes para orientar-nos e levar a cabo uma operação militar tão arriscada e de tanta importância. Era necessário que pudéssemos contar com

algumas fotografias aéreas da região. Por isso, a 8 de setembro de 1943, o Alto Comando colocou à nossa disposição um avião dotado de câmara fotográfica automática. Naquele voo, tão importante e decisivo, fui acompanhado pelo meu ajudante Radl e pelo oficial de informações (I-C) do estado-maior do Corpo, a quem pensávamos utilizar na operação de resgate.

Pela manhã bem cedo, viajávamos por estradas flanqueados por oliveiras e pomares, em direção à costa, pois lá estava o aeroporto de Roma, Pratica di Mare, de onde pensávamos decolar. O tesouro da aviação alemã, um HE-111, recebeu-nos a bordo. Tomamos altura rapidamente. Nosso voo devia ser desconhecido pelos italianos; decidimos, por isso, inspecionar a topografia dos Abruzzos, de 5.000 metros de altura. Chegamos ao extremo de não informar ao piloto sobre a missão que estávamos cumprindo. Dissemos a ele que nosso objetivo era tirar fotografias de alguns portos do Adriático.

Quando estávamos a trinta quilômetros do objetivo, decidimos tirar as primeiras fotografias. Quando quisemos fazê-lo, constatamos que as instalações fotográficas tinham congelado em consequência do frio, motivo pelo qual renunciamos à grande câmara. Felizmente, dispúnhamos de uma pequena máquina fotográfica manual.

Como usávamos os uniformes do Afrika Korps, sofremos muito devido ao frio. Não podíamos abrir a porta do avião durante o voo; por isso, tivemos que fazer um buraco na fuselagem, por onde o improvisado fotógrafo pudesse passar o tronco e operar a máquina fotográfica.

Nunca tinha imaginado que o ar fosse tão frio e o vento tão forte! Disse ao meu ajudante que me agarrasse fortemente pelas pernas e, em seguida, passei o tronco pelo buraco recém-aberto. Vi que estávamos voando sobre o objetivo, o hotel; a nossos pés, o Campo Imperatore, um platô a dois mil metros de altura situado junto ao Gran Sasso, cujos picos atingem dois mil e novecentos metros de altura. Imensas rochas de um colorido pardo, grandes escarpas, picos cobertos de neve e algumas pradarias estendiam-se lá em baixo.

Naquele momento voávamos sobre o prédio que tanto nos interessava. Tirei a primeira fotografia. Tive que dar várias voltas no dispositivo de disparo, muito duro, para preparar a câmara para a segunda foto. Aquele movimento me chamou a atenção para a rigidez dos meus dedos, de tão

gelados que estavam. Apesar disso, não dei atenção ao fato e pressionei o disparador pela segunda vez.

Bem atrás do hotel havia um pedaço de terreno plano, coberto de vegetação, que tinha a forma triangular. Pensei com meus botões:

"Já encontrei nosso campo de aterrissagem."

Uma estreita faixa, que formava um leve cotovelo, deu-me a impressão de que fora aproveitada como pista de aprendizagem para esqui. Tratava-se do mesmo pedaço de terreno que falara meu informante de Roma. Rapidamente tirei a terceira fotografia. A seguir, dei um forte pontapé no meu ajudante, para fazê-lo compreender que já era hora de me puxar para o interior do aparelho.

Guardamos, como se fosse um tesouro, a câmara fotográfica com as primeiras fotos tomadas. Só voltei a sentir calor depois de algumas pancadas com as mãos, no peito, nas costas o nos braços. Radl, com seu habitual senso de humor, falou:

— O sol não esquenta?

Como eu não estava para brincadeiras, por me sentir praticamente congelado, decidi que meu querido camarada passasse pela mesma experiência durante a viagem de regresso.

Entrei na cabina do piloto. De lá observei a longínqua franja azulada do Adriático. Determinei que descêssemos a dois mil e quinhentos metros e quando tivéssemos alcançado a costa, voássemos sobre o mar na direção Norte. Estudamos atentamente o mapa a fim de despistar o piloto, e ordenei que fosse tirar a primeira foto do porto de Ancona.

O aspecto que, visto de cima, oferece a costa do Adriático é maravilhoso. A pequena cidade portuária deixava-se acariciar pelos raios do soí do meio-dia. Pouco depois voávamos sobre os balneários de Rimini e Riccione. Quando chegamos um pouco mais ao norte, mandei dar a volta para repetir as fotos que tínhamos tirado. Depois disse ao piloto que voltasse a subir a cinco mil metros e voasse exatamente sobre o pico do Gran Sasso.

Foi quando tocou a vez do meu auxiliar. Arrastamo-nos até a cauda do avião, observando que a temperatura no interior do aparelho tinha descido abaixo de zero grau. Arrependemo-nos de ter posto o uniforme de verão, que em outras circunstâncias nos ajudava a suportar o sufocante calor na Itália. Pus a câmara fotográfica nas mãos de Radl, mostrando-lhe a forma de manejá-la, o que era necessário, pois na sua condição de músico

ignorava tudo o que se referia a coisa técnica. Talvez fosse, precisamente, aquela grande diferença entre as nossas personalidades que levava a nos entendermos tão bem. Passeio através do buraco que fizéramos e me agachei segurando-o pelas pernas. Foi, entretanto, com muita dificuldade que Radl conseguiu passar.

Voávamos sobre o cume. Calculei que dentro de um minuto estaríamos exatamente em cima do objetivo. Fiz sinais de preparação ao meu amigo; não era possível falar devido ao barulho dos motores. Apesar disso, gritei com todas as minhas forças:

— Tire o maior número possível de fotografias!

Observei que fazia uns estranhos movimentos com os braços. Era possível que ainda estivéssemos voando sobre o hotel e que se visse obrigado a tirar fotografias de lado. Mas pensei comigo mesmo que tudo podia servir-nos. Eu sabia que as fotografias oblíquas, às vezes, dão a conhecer detalhes que não aparecem nas fotos normais. Não demorou para que Radl fizesse sinais para ajudá-lo a entrar. Pude ver seu rosto arroxeado de frio. Balbuciou tremendo:

— A Itália ensolarada que vá às favas!

Cobrimo-nos com salva-vidas e papéis que encontramos à mão e dei ordem para que descêssemos um pouco. Mais tarde voltei a ordenar:

— Não voe diretamente para o aeroporto. Siga uma rota um pouco mais para o norte, com o fim de alcançar o Mediterrâneo e entrar em Roma pela sua parte norte. Quando tiver feito isto, desça o quanto puder e dirija-se ao aeródromo.

Esta súbita decisão salvou-nos a vida, conforme pudemos constatar um quarto de hora mais tarde.

Ao alcançarmos a costa, o sol do meio-dia nos aqueceu. Estava sentado ao lado do piloto e olhava despreocupadamente para a esquerda, em direção às montanhas de Sabina, quando arregalei os olhos. Não podia acreditar no espetáculo que estava vendo! Um enorme grupo de aviões voando rumo a Frascatti, procedente do Sul. Não havia dúvida de que eram aparelhos inimigos. Apanhei o binóculo e pude ver como abriam as comportas das bombas deixando cair sobre a cidade a sua mortífera carga. Aquele tapete de bombas estava exatamente em cima do nosso Quartel-General. Fomos testemunhas de mais duas surtidas. Constatamos então que, se não tivesse determinado a mudança de rumo, estaríamos naquele momento no centro da formação inimiga e, portanto, irremediavelmente perdidos, porque nosso

aparelho não levava armamento algum. E, como voássemos a uma altura muito baixa, não fomos descobertos pelos caças e nos livramos de seu ataque.

A casa em que o General Student tinha instalado seu Quartel-General não sofreu danos. A nossa, ao contrário, estava bastante danificada; duas bombas de pequeno calibre tinham acertado no alvo. Fomos informados, por um oficial, que duas bombas não deflagradas continuavam no porão. Mas não podíamos perder tempo; era indispensável que alcançássemos nosso quarto o quanto antes para resgatar certos documentos de muita importância relacionados com a missão. Sabíamos que as bombas podiam explodir a qualquer momento. Fizemos uma volta, subimos nos escombros e fomos rapidamente ao nosso quarto.

A metade do teto tinha desabado. Através do enorme buraco vimos o límpido azul do céu. Procuramos ansiosamente nos escombros para descobrir a pasta que continha o nosso tesouro. Alguns soldados nos ajudaram e dentro de pouco encontramos o que tanto nos interessava.

Houve muitas baixas entre a população civil. As bombas, entretanto, causaram apenas alguns danos nas nossas instalações militares. A tropa agia rapidamente para restabelecer as comunicações bastante atingidas. Vários cabos suplementares foram estendidos e, passadas algumas horas, as comunicações estavam restabelecidas.

Fui a Roma em companhia do meu ajudante, a fim de manter alguns contatos com oficiais italianos que também planejavam a libertação de Mussolini. Desejava conhecer seus planos, pois queria evitar que os deles interferissem nos meus e nos prejudicássemos mutuamente. Pude inteirar-me de que estavam carregados de boas intenções, mas não tinham tantos trunfos como nós.

Enquanto isso, tinha escurecido. Viajava pelas ruas de Roma; ia buscar meu auxiliar num dos centros alemães que tinha ido visitar. Estava distraído quando, de repente, notei que o povo se reunia em torno de vários alto-falantes. Passava pela Via Veneto. A massa humana que enchia as ruas era tão grande, que eu mal podia passar. Constatei que as notícias lançadas através dos alto-falantes eram recebidas com intensa gritaria. Ouvi gritos de:

— Viva il Re!

Observei como várias mulheres se abraçavam e se beijavam, e que pessoas discutiam gesticulando apaixonadamente. Parei o carro e fui

informado sobre uma notícia pouco agradável:

— O governo italiano acabava de capitular!

Não podia existir situação mais crítica para nossas tropas. O passo que o governo italiano acabava de dar não nos colhia desprevenidos. Mas! ... Não contávamos com a data! Vi que a nova situação entorpeceria ou impediria os planos que tínhamos traçado; que aumentariam as dificuldades para cumprir a missão que me tinha levado à Itália.

Encontrei Radl na embaixada alemã.

Mais tarde fiquei sabendo que o General Dwight Eisenhower, às 18 horas e 30 minutos, tinha transmitido, pela Rádio Argel, a notícia da capitulação da Itália; foi o primeiro a dar a notícia, de vital importância para nós. O fato de, poucas horas depois, o Governo de Badoglio transmitir a mesma notícia através das emissoras italianas dava-me a entender que os aliados tinham pressionado os italianos, pelo menos quanto ao tempo da difusão da notícia.

Os aliados tinham preparado um ataque a Salerno para a noite de 8 de setembro de 1943 e estavam decididos a passar à ação, custasse o que custasse. Aquele plano, da mesma forma que o bombardeio de Frascatti, tinha por objetivo conseguir a derrubada do novo governo italiano, e foi levado a efeito sem perda de tempo. Por meio de informes obtidos pelo serviço de espionagem alemão, ficamos sabendo que Eisenhower planejara um lançamento de paraquedistas aliados sobre a cidade de Roma. Não ignorávamos que a execução de tal ação seria altamente comprometedora para as nossas exíguas forças.

Levamos vários dias para ter certeza de que o Duce realmente estava no hotel de montanha do Gran Sasso. Tinha obtido a primeira informação de dois italianos que, ignorando o que faziam, ofereceram-me o ponto de partida. Contudo, desejava que minhas suposições fossem confirmadas por um alemão. Sabia que ninguém podia chegar ao hotel, pois este comunicava-se com o vale por meio de um teleférico. Queria, pois julgava imprescindível, que aquele alemão participasse, o máximo possível, do assunto que tanto me preocupava.

No dia anterior ocorrera-me uma ideia que desejava pôr em prática o quanto antes. Conhecia um médico alemão que fazia parte do nosso estado-maior em Roma. Era muito orgulhoso. Por esse motivo, eu tinha certeza de que faria todo o possível para ganhar uma condecoração. Falei com ele e disse como poderia consegui-la.

Os inúmeros soldados alemães atacados pela malária eram enviados, até aquele momento, às montanhas do Tirol. Por isto, pedi ao médico que se aproximasse, com os "próprios meios", do hotel do Gran Sasso e o estudasse detalhadamente. Não deixei de lhe dizer que aquele prédio, situado a dois mil metros de altura, era indicadíssimo para um sanatório onde os soldados enfermos poderiam repousar. Devia fazer todo o possível para falar pessoalmente com o diretor, a fim de conseguir que aceitasse um certo número de convalescentes. Naquele mesmo dia, o médico foi no seu carro para executar o meu plano, e eu me senti muito preocupado até o seu regresso.

O pessoal da embaixada tinha formado um comboio para dirigir-se a Frascatti sob a proteção de nossas tropas. Saímos então na frente, pois desejávamos chegar ao aquartelamento o quanto antes.

Assim que cheguei, fiz-me anunciar ao General Student, porque desejava discutir com ele a situação vigente, sem perda de tempo. Estávamos de acordo que devíamos resgatar Mussolini o quando antes; a ação não admitia demoras.

Antes de qualquer outra coisa, o mais importante era que a situação em Roma fosse esclarecida, pois ali estava a "base da retaguarda" das tropas alemãs que combatiam no Sul. Devíamos fazer o que fosse possível para que a Cidade Eterna continuasse em nossas mãos.

Fortificamos os arredores e o centro de Frascatti, o que nos permitiu dispor de algumas horas de tranquilidade para preparar a transmissão à tropa das ordens a serem cumpridas no dia seguinte.

Já sabíamos os motivos que tinham levado os aliados a bombardear a cidade de Frascatti; não nos passava despercebido que tanto o Alto Comando aliado como o governo italiano tinham feito um acordo para debilitar as forças militares alemãs na Itália. Mas... não o conseguiram! Continuávamos nos comunicando com todas as unidades que, como é de imaginar, estavam em situação de alerta. A noite transcorreu relativamente tranquila, à exceção de certas escaramuças entre tropas alemãs e italianas ao sul de Roma.

Em 9 de setembro de 1943, pela manhã, travaram-se os primeiros combates sérios nas redondezas de Frascatti. Apesar disso, conseguimos no transcurso do dia que toda a cordilheira de Sabina caísse em nossas mãos. As tropas alemãs puderam assim chegar a Roma, que estava ocupada por grande número de soldados italianos que a cercavam.

Quase à mesma hora daquele dia, chegou o "meu" médico; sentia-se desolado porque, em consequência da nova situação, perderíamos o plano referente ao sanatório. Informou-me, com riqueza de detalhes, sobre a forma como tinha chegado a Aquila, e como dali dirigira-se ao vale onde estava o teleférico que conduzia ao hotel de montanha. Disse-me que, uma vez nele, fez o impossível para continuar adiante; mas seus esforços foram infrutíferos, posto que não o deixaram avançar um só centímetro a mais. Explicou-me que a estrada estava interrompida por um grosso tronco de árvore, e que era estreitamente vigiada por um posto de carabinieri. Entabulou negociações com eles até conseguir falar pelo telefone com o hotel.

Um oficial respondeu-lhe que o hotel fora requisitado para fins militares e que estava completamente fechado para qualquer outra atividade. O médico opinou que o Campo Imperatore devia ser considerado um local de grande importância, porque tinha visto uma instalação radiofônica provisória no vale, e a vigilância em torno do teleférico era muito grande. Ouvira, inclusive, histórias absurdas da população, segundo as quais fazia pouco tempo o pessoal civil tinha recebido ordem para abandonar o hotel, iniciando-se, em seguida, os preparativos para receber nele uns duzentos soldados. Muitos oficiais iam ao vale com bastante frequência; houve até o caso de gente que afirmou que Mussolini estava preso lá em cima, e que isto era um boato, pois tal suposição não podia ser verdadeira, e assim por diante.

Deixei-o pensar o que quisesse e decidi abrir mão da sua colaboração.

CAPÍTULO XVI

Roma volta a estar em nossas mãos — Premência de tempo — Perigo de uma "entrega" aos aliados — O plano decisivo — Mussolini na África? — Os "frutos estão maduros" — 12 de setembro de 1943, dia D — Os últimos preparativos — Auxílios involuntários — As últimas ordens — No planador — Aterrissagem proibida — "Mani in alto!" — O DFS-250 — "Ali está o Duce" — "Afaste-se da janela" — Dois homens me seguem — O

planador destruído — "Ao vencedor!" — O Führer me envia — A única possibilidade — Três no Storch — Entre a vida e a morte — O piloto aterrissa — Também salvamos a família — Chegada a Roma.

10 de setembro de 1943. Passamos dois dias e duas noites sem termos um só momento de descanso; não tivemos tempo nem para tirar o uniforme. Com o general aconteceu o mesmo. Nestas condições, mantive com ele uma conversa decisiva.

Antes, porém, troquei algumas impressões com meu ajudante. Discutimos as possibilidades de um assalto. Sabíamos que a única coisa a fazer era pôr o plano em prática, o quanto antes. Cada dia, inclusive cada hora, que passava, aumentava o perigo de não sermos bem sucedidos; à medida que o tempo passava, aumentavam as possibilidades de o Duce ser transferido de prisão ou entregue aos aliados. Nossas suposições a esse respeito eram certas, conforme pudemos comprovar posteriormente. Ficamos sabendo que o General Eisenhower tinha recebido ordem para tomar conta de Mussolini.

Sabíamos que não podíamos lançar um ataque por terra. Não ignorávamos que os íngremes penhascos dificultariam a missão e que nos ocasionariam elevadas baixas; tampouco duvidávamos de que uma concentração de tropas naquela zona seria facilmente descoberta e, em consequência disso, o prisioneiro poderia ser transferido, escondido ou assassinado. Se quiséssemos evitar que isto acontecesse, deveríamos ocupar toda a cordilheira, o para isso deveríamos empregar toda a Divisão. Assim sendo, era preciso eliminar a possibilidade de atacar por terra.

Nossa melhor aliada devia ser a surpresa. Não podíamos saber se a guarda tinha recebido ordem para fuzilar o prisioneiro em caso de perigo. Por isso, a única coisa a fazer era contar com rapidez e surpresa para evitar que isto ocorresse. Só havia duas linhas de ação: ou o lançamento de paraquedistas, ou a tentativa de uma aterrissagem de surpresa nas imediações do hotel.

Estudamos detalhadamente as duas linhas de ação, e nos decidimos pela segunda. Sabíamos que o lançamento de paraquedistas, realizado sobre uma zona muito elevada em relação ao nível do mar, não era indicado, já que não podíamos dispor de paraquedistas especializados. Também era provável que, por ser o terreno muito íngreme, a dispersão dos paraquedistas fosse

muito grande, dificultando bastante a reorganização. Depois de muito pensar, chegamos à conclusão de que só podíamos levar avante a ação fazendo uma aterrissagem com planadores.

Quando, na tarde de 8 de setembro, quisemos revelar as fotografias que tínhamos tirado, verificamos que nosso laboratório fotográfico de Frascatti estava completamente destruído em consequência do bombardeio. Determinei a um oficial para solucionar o problema no lugar mais próximo.

O citado oficial descobriu um laboratório num aeródromo militar onde pôde fazer as cópias. Infelizmente, não pudemos dispor de fotografias em relevo, que nos teriam proporcionado uma perfeita imagem de toda a topografia. Tivemos que nos contentar com cópias comuns de quatorze por quatorze centímetros.

Reconheci facilmente o triângulo de vegetação que tanto chamou minha atenção quando voamos sobre o objetivo. Escolhi-o como local de aterrissagem e tracei os planos baseado nele.

Com a finalidade de assegurar a retirada, no caso de apuro, decidi contar com um batalhão de paraquedistas, que devia chegar ao vale durante a noite e estar preparado para ocupar, na hora H, a estação do teleférico.

A conversa que mantive com o General Student foi excelente para meus planos. Disse-me que estava muito preocupado com minha ideia; que via claramente seus aspectos negativos, mas que não havia outra alternativa, se não quisesse que a empresa redundasse em fracasso.

Chegados a este ponto, levamos o plano ao Chefe do estado-maior do Corpo e ao seu oficial de operações que nos deviam ajudar a completá-lo. Ambos opuseram inúmeras objeções; diziam que a operação aérea, lançada daquela altura e sem uma prévia preparação, sem dispor de um campo de aterrissagem adequado, jamais tinha sido planejada nem executada, e que, sob o ponto de vista estritamente técnico, era impossível ser realizada. Acreditavam que o plano ocasionaria, no mínimo, oitenta por cento de baixas, o que faria com que o restante da tropa ficasse muito enfraquecida para manter um combate, sendo portanto mínimas as possibilidades de sucesso.

Contudo, não me deixei convencer. Reconheci os perigos que corria; mas fiz pé-firme argumentando que toda empresa devia ser posta em prática pela primeira vez, em alguma ocasião, não podendo saber-se, de antemão, se era exequível ou não.

Disse, também, que se a operação fosse cuidadosamente preparada, e todos os riscos levados em consideração, poderíamos evitar grandes perdas. A velocidade de descida dos planadores devia manter-se dentro de limites suportáveis. Em seguida, acrescentei:

— Estou disposto a aceitar de vocês qualquer proposta que me pareça mais viável.

Depois de um sem-fim de discussões, o General Student decidiu apoiar meu plano dizendo:

— Os doze planadores que você precisa podem ser deslocados do sul da França para Roma. Como hora H, fica estabelecido que será às seis horas do dia 12 de setembro. Essa é a hora em que os planadores terão que aterrissar no platô próximo ao hotel e, ao mesmo tempo, o batalhão deverá apoderar-se da estação do vale. Nas primeiras horas da manhã, as fortes correntes de ar que costumam originar-se nas montanhas da Itália são mais fracas. Instruirei os pilotos pessoalmente e farei algumas observações sobre o perigo da missão, para que estejam preparados a fim de enfrentarem qualquer eventualidade. Tenho que dar razão ao Capitão Skorzeny. A operação não pode ser levada a efeito de outra forma.

Nem Radl nem eu perdemos tempo, e trabalhamos febrilmente para rever os diversos aspectos do plano. Tínhamos que calcular minuciosamente todas as distâncias, examinar detalhadamente o equipamento que pensávamos levar; e, o mais importante de tudo, fazer um plano para calcular o lugar exato da aterrissagem de cada um dos planadores. Cada aparelho podia transportar o piloto e mais nove homens, isto é, um grupo de combate completo. Era indispensável que todos os grupos soubessem detalhadamente como deviam atuar. Eu tinha a intenção de ir no terceiro aparelho, para poder assaltar o hotel com a ajuda do meu grupo assim que pusesse o pé em terra. Os dois primeiros grupos fariam a minha cobertura.

Depois de termos estudado todos os detalhes, repassamos pela última vez nossas possibilidades de sucesso. Não pudemos negar, eram escassas! Ninguém podia dizer, com certeza, se Mussolini ainda continuava na referida montanha; nem saber se seria transferido antes que nos dispuséssemos a passar á execução do plano. A isso tudo deveríamos acrescentar a incógnita que era conseguirmos realizar a operação com a rapidez necessária para impedir o inimigo de cometer qualquer ação contra o Duce. Não podíamos esquecer, também, as advertências dos oficiais do estado-maior, que consideravam que a ideia não podia ser posta em prática.

Era indiscutível que devíamos contar com algumas perdas no momento da aterrissagem; a tudo isso devia acrescentar-se que, sem contar as baixas, seríamos apenas cento e oito homens e que nem todos estariam em condições de atuar ao mesmo tempo. Sabíamos que nos defrontaríamos com duzentos e cinquenta italianos que conheciam perfeitamente a topografia da região, tendo convertido o hotel num fortim. Supúnhamos, entretanto, que nosso armamento era melhor que o deles. Nossas armas automáticas, utilizadas pelos paraquedistas alemães, permitir-nos-iam compensar a superioridade numérica do inimigo. Mas isto no caso de não sofrermos muitas baixas antes de atacar.

Quando chegamos a este ponto de nossas meditações, Radl me disse:

— Suplico-lhe, Capitão Skorzeny, que não pegue a caneta para fazer cálculos sobre a exata percentagem de nossa sorte. Ambos sabemos quão pequena ela é. Mas, apesar disso, não nos deixaremos amedrontar e a desafiaremos.

Sorri-lhe e disse que ainda tinha outra preocupação e, certamente, muito grande: até que ponto poderíamos contar com a surpresa, como a nossa melhor arma?

Meditamos sobre isto durante algum tempo, até que o Primeiro-Tenente Radl encontrou a solução.

— Levaremos conosco — disse — um oficial italiano de alto posto, que seja conhecido pelos carabinieri que estão na montanha. A sua simples presença será suficiente para que o inimigo se desconcerte; e evitará uma súbita reação contra nós ou contra a pessoa do Duce. Devemos aproveitar tal momento para atacar. Talvez seja a única solução.

Aprovei sua brilhante ideia e começamos a pensar sobre a forma de conseguirmos o referido oficial. Decidimos que o melhor seria que o General Student recebesse o homem na véspera do dia marcado, e convencesse-o a tomar parte na expedição. Daí para diante deveria ficar conosco e inclusive ser custodiado para evitar que mudasse de opinião e nos traísse. Era imprescindível que se unisse a nós sem ter tido oportunidade prévia de falar com alguém.

Conversamos com um conhecedor dos assuntos de Roma e examinamos a lista que nos trouxe. Decidi por um general carabinieri que fizera parte dos comandos de Roma e que, durante os combates, tinha mostrado relativa neutralidade. Pedimos a ele que se deslocasse para Frascatti na noite de 11 de setembro para entrevistar-se com nosso general.

Enfrentamos, porém, uma situação inesperada. As notícias que recebemos sobre a chegada dos planadores eram bem desagradáveis. Os aparelhos foram obrigados a fazer vários rodeios em consequência dos ataques inimigos; além disso, tiveram que enfrentar o mau tempo. Até o último momento esperamos que os aparelhos chegassem. Mas nossas esperanças foram vãs.

O general italiano, que atendeu prontamente à chamada, recebeu um convite para comparecer no dia seguinte, às oito horas, no aeródromo de Pratica di Mare. Não havia outra solução a não ser atrasar a hora da nossa operação.

A nova hora H foi fixada para as quatorze horas de domingo, 12 de setembro, porque não podíamos dar-nos ao luxo de perder um dia inteiro. Aquele atraso obrigou-nos a modificar alguns detalhes do plano e diminuíram ainda mais as já escassas probabilidades de sucesso. A aterrissagem seria muito mais difícil devido ao adiantado da hora; as correntes de ar seriam mais perigosas, e a ação dos que deviam ocupar o vale seria mais difícil por ter que ser realizada em plena luz do dia, talvez à vista de grande número de testemunhas. Não nos passava despercebido que estávamos forçados a enfrentar um sem-fim de imprevistos que, dadas as novas circunstâncias, deviam ser resolvidos sem delongas.

Na tarde de sábado, 11 de setembro, visitei o oliveiral de um convento de Frascatti, onde meus homens tinham armado suas barracas. Decidira utilizar os serviços exclusivamente de voluntários para levar a cabo tão arriscada quanto difícil empresa; mas devia dar-lhes a conhecer o perigo que iam correr.

Apresentei-me diante dos meus homens e fiz um pequeno discurso:

— O longo tempo de espera acabou. Amanhã cumpriremos uma missão que não tem nada de fácil e é de suma importância. A missão me foi dada, pessoalmente, por Adolf Hitler. Devo reconhecer que, certamente, haverá muitas baixas e não poderei evitar tal contingência. Dirigirei as operações pessoalmente e prometo que farei todo o possível para zelar por vocês. Sei que se nos ajudarmos mutuamente poderemos sair vitoriosos. Quem for voluntário, dê um passo à frente!

Senti uma enorme alegria ao constatar que ninguém desejava permanecer em terra. Pouco depois, meus oficiais, o comandante da Segunda Companhia de paraquedistas e eu tivemos que enfrentar um sério problema: escolher os homens que devia levar comigo. Não podia levar

todos; só podiam ser cento e oito. Permaneci algumas horas no acampamento e fiquei muito satisfeito em ver o ambiente de alegria que reinava entre os homens.

Já tinha ultimado todos os detalhes com o comandante do batalhão de paraquedistas que tinha a missão de apoderar-se da estação do vale; transmiti-lhe as ordens do General Student. À noite daquele mesmo dia o batalhão marchou para seu incerto destino. A sorte estava lançada! Determinados boatos afirmavam que o Duce abandonara o território italiano a bordo de um vaso de guerra, que tinha zarpado do porto de La Spezia, e que se encontrava no norte da África, como prisioneiro de guerra.

A notícia, espalhada pelos aliados, deu-nos um grande susto. Depois do choque da notícia e após termos dominado a ideia de que tornaríamos a chegar demasiado tarde, examinei as cartas marítimas e todos os dados sobre os últimos acontecimentos ocorridos até aquele dia. Como sabíamos o momento exato em que uma parte da frota italiana tinha abandonado o porto de La Spezia, pude calcular que, mesmo no caso de ter sido um navio super-rápido, seria impossível ter atingido a África. As notícias difundidas pelos aliados eram, portanto, completamente falsas; seu objetivo era confundir-nos. Tomamos a decisão de atuar no dia seguinte, apesar dos boatos. Os acontecimentos encarregaram-se de demonstrar que estávamos certos. Não era compreensível, pois, que a partir daquele momento não se desse crédito a nenhuma notícia difundida pelos aliados?

Na madrugada de domingo, 12 de setembro, às cinco horas, formando uma coluna cerrada, dirigimo-nos ao aeródromo. Ali ficamos sabendo que os planadores não aterrissariam antes das dez horas.

Voltei a passar revista nos meus homens; constatei que suas armas encontravam-se em perfeito estado. Inspecionei, também, as provisões que deveriam ser suficientes para cinco dias, e aumentei-as ainda com várias caixas de frutas frescas. Estávamos à sombra das barracas e de várias árvores e o ambiente era o da vida alegre do campo. Contudo, a tensão que costuma preceder o cumprimento de qualquer missão pairava no ar; tanto eu como meu ajudante fizemos todo o possível para que o nervosismo não tomasse conta do ambiente.

Enquanto isso, os ponteiros do relógio marcavam oito horas e meia. E o general italiano ainda não se apresentara. Isto obrigou Radl a dirigir-se a Roma o mais rápido possível. Determinei que o trouxesse sem perda de tempo, empregando a força se assim julgasse necessário. Acrescentei ainda:

— Mas traga-o com vida!

Radl passou por inúmeras peripécias, mas conseguiu encontrar o general e trazê-lo ao aeródromo.

O General Student manteve com ele uma breve conversa, da qual fui testemunha. Transmitimos-lhe o pedido de Adolf Hitler a fim de contribuir para a libertação de Mussolini e que fizesse o possível para evitar derramamento de sangue. Pude constatar que se sentia orgulhoso em ter sido escolhido para participar de tão decisiva ação; não teve forças para negar-se a nos ajudar. Aceitou. E respiramos tranquilos ao saber que contávamos com um importante trunfo.

A seguir, o General Student estreitou as mãos de cada um dos dezessete homens das SS que integravam minha escolta pessoal; eram os que deviam aterrissar com o terceiro e quarto planadores; a seguir, fez o mesmo com os outros noventa que formavam o comando de paraquedistas, comandados pelo Primeiro-Tenente von Berlepsch. Os primeiros planadores aterrissaram por volta de onze horas. Não perdemos tempo; reabastecemos os aviões que deviam rebocá-los, e os preparamos para que decolassem na ordem prevista.

Os pilotos, o Capitão SS Menzel, o Tenente SS Radl, o Tenente SS Schwerdt, o Primeiro-Tenente von Berlepsch e outros oito comandantes de grupo do Corpo de paraquedistas foram convidados a reunir-se numa sala. O General Student fez um curto discurso, voltando a recomendar que fizessem o possível para que a missão terminasse com êxito, rogando que sobrepujassem as dificuldades que adviriam. Proibiu qualquer tentativa de aterrissagem forçada, devido ao enorme perigo que existia em tal operação.

A seguir, fiz uma intervenção e instruí os comandantes de grupo sobre a missão que nos dispúnhamos a cumprir; desenhei um croqui sobre um quadro-negro, assinalando o local exato da aterrissagem de cada aparelho. Finalmente, nos reunimos com nossos homens e demos as últimas instruções aos comandantes de grupo. Os soldados tinham encontrado seu lema, e cada vez que se apresentava alguma dificuldade, exclamavam.

— Fácil para nós!

Este lema presidiu todas as nossas ações até o fim da guerra.

Voltamos a estudar a rota do voo, o tempo a empregar no mesmo e a altura, com o oficial paraquedista que fizera conosco o primeiro voo de reconhecimento. Determinei a ele que embarcasse no primeiro planador e marcasse a rota, já que era o único, à exceção do meu ajudante e eu próprio,

que conhecia o objetivo, pois o tinha visto do ar. O tempo de voo que devíamos empregar para percorrer os cem quilômetros, que nos separavam do objetivo, foi fixado em uma hora exatamente. Por isso, decidimos decolar às treze horas em ponto.

De repente, quando eram doze horas e meia, foi dado alarme antiaéreo. Não demorou e vimos as bombas inimigas explodirem nas imediações. Apressamo-nos em procurar abrigo e ao mesmo tempo pensei que meus planos iriam abaixo no último momento. Refleti:

"Poderei levar avante a minha missão? Não será uma loucura pôr o plano em prática, nestas circunstâncias?"

Nisto escutei a voz do meu ajudante:

— Fácil para nós!

Esta frase, dita com tanto entusiasmo, fez renascer minhas perdidas esperanças. O ataque aéreo terminou pouco antes das treze horas. Apressamo-nos em alcançar a pista, que sofreu apenas ligeiros danos; constatamos, aliviados, que os aparelhos não tiveram um dano sequer. Estávamos prontos para decolar e podíamos fazê-lo sem perda de tempo.

Demos graças a Deus! Correndo, pois ninguém pensou em ir caminhando, alcançamos os aparelhos. Dei ordem para embarcar e tomei conta do general italiano, obrigando-o a sentar-se diante de mim, sobre a estreita banqueta de madeira; ficamos apertados como sardinhas em lata. Mal tínhamos lugar para nossas armas. Notei que o italiano lamentava ter-se comprometido; teria retirado a palavra caso lhe déssemos a menor oportunidade. Chegou, inclusive, a vacilar antes de seguir para o planador. Mas, devido às circunstâncias, não pude ligar para seus sentimentos pessoais; tampouco dispunha de tempo para isso.

Dei uma olhada no relógio de pulso; eram treze horas em ponto. Fiz o sinal combinado para decolar. Os motores começaram a roncar; rolamos suavemente pela pista e em seguida notei que começávamos a subir. Descrevemos várias curvas até alcançar a altura conveniente, e a formação de planadores dirigiu-se para o nordeste. O tempo estava ótimo; grande nuvens brancas pairavam a uma altura de três mil metros, aproximadamente, e nos ocultavam por completo. Sabíamos que, se as nuvens não fossem varridas pelo vento, conseguiríamos chegar ao objetivo sem sermos vistos, e poderíamos sair delas como se fôssemos "espíritos procedentes de outros mundos".

No interior do aparelho fazia um calor sufocante; estávamos apertados e tínhamos a sensação de estar numa jaula! Não podíamos fazer o menor movimento.

Em determinado momento, percebi que o sargento sentado atrás de mim sentia-se indisposto. Respondendo à pergunta que lhe fiz, disse que tinha comido quase toda a sua ração. E acrescentou:

— Nas atuais circunstâncias, não sabemos o que pode acontecer dentro de uma hora.

O falar piorou seu estado; menos mal que um companheiro, que afrouxou sua túnica para poder livrar-se do peso armazenado no estômago.

O general italiano, sentado à minha frente, também ficou pálido; seu rosto chegou a adquirir o tom esverdeado do uniforme que usava. Dava a impressão de encontrar-se às portas da morte.

O piloto me orientava, como podia, sobre a rota do voo que eu acompanhava com uma carta. Naquele momento acabávamos de passar sobre Tivoli. Do interior do aparelho não se podia ver a paisagem; era impossível orientar-se naquela situação. As pequenas janelas laterais estavam embaciadas e os respiradores eram muito pequenos para permitir-nos observar o exterior.

Contudo, cumpriam a sua finalidade; ninguém podia dizer que o planador alemão, do tipo "DFS-250", não fosse bem ventilado. O planador compunha-se de alguns simples tubos de aço, recobertos por lona. Achei que o nosso aperfeiçoamento técnico tinha sido esquecido.

Passamos através de uma nuvem para atingir a altura de 3.500 metros que eu determinara. Pareceu-nos que tínhamos mergulhado nas trevas; não víamos absolutamente nada do que sucedia ao nosso redor. Mas, não demorou muito, e fomos iluminados pelos raios do sol. Acabávamos de sair da nuvem.

Naquele momento, precisamente, o piloto do avião que nos rebocava, através do interfone de bordo, disse-nos:

— Os aparelhos um e dois não voam diante de nós. Quem dirige o rumo a partir deste momento?

A notícia não era nada agradável; o que teria acontecido com nossos camaradas? Naquele momento ignorava que não voavam atrás de mim os nove aparelhos com os quais eu contava, e que seu número fora reduzido a sete. Dois capotaram no momento da decolagem, afundando numa grande

cratera aberta pelas bombas, não podendo seguir-nos. Sem perda de tempo, respondi:

— Assumirei o comando do rumo a partir deste momento; fá-lo-ei até chegarmos ao objetivo.

Não perdi um só minuto. Apanhei minha faca de paraquedista e abri a lona, à direita e à esquerda, bem como no piso. As aberturas tinham a medida de um punho. Ao menos dispunha de alguma visibilidade. Intimamente elogiei nossos velhos planadores e me arrependi por tê-los criticado anteriormente.

Os pequenos orifícios foram o suficiente para me orientar quando as nuvens permitiam desfrutar da visibilidade. Não restava outra solução a não ser tomar como ponto de referência uma ponte, uma curva de estrada ou o curso de um rio para conferir logo com a carta. Tive que mudar várias vezes o rumo do voo, mas consegui dirigir a rota com bastante exatidão.

Em tais circunstâncias, nossa missão era prejudicada por uma série de dificuldades. Procurei esquecer que no momento da aterrissagem não havia ninguém que me cobrisse.

Poucos minutos antes da hora H, reconheci o vale que se estendia abaixo de nós. Comprovei que o Batalhão de paraquedistas deslocava-se vale acima e respirei aliviado ao ver que tinha alcançado o objetivo no momento indicado. Sabia que, para consegui-lo, tivera que superar muitos obstáculos; pensei, então, fosse o que fosse, não seria eu quem iria fracassar.

Ordenei:

— Coloquem os capacetes de aço; apertem-nos fortemente!

Estávamos exatamente sobre o hotel. Tínhamos chegado ao objetivo. Dei uma nova ordem:

— Desenganchar o cabo reboque!

Subitamente fez-se um impressionante silêncio à nossa volta. Ouvíamos apenas o sussurro do vento e a nossa arfante respiração. O piloto descreveu uma ampla curva e procurou ansiosamente, da mesma forma que eu, o triângulo onde devíamos pousar.

Uma nova surpresa nada agradável! Acabava de descobrir a planície. Mas, ao chegar mais próximo, pude ver que o terreno não era plano; era inclinado. Muito inclinado! Tinha quase a inclinação de uma rampa de esqui.

Estávamos muito mais perto do local da aterrissagem do que quando tirei as fotografias. Não era possível aterrissar em semelhantes condições; isto só podia ser considerado uma loucura.

O piloto, Tenente Meier, deve ter pensado o mesmo, pois voltou-se e me olhou de forma interrogativa. Quebrei a cabeça em busca de uma solução adequada, sem deixar de pensar:

"Sou obrigado a cumprir à risca as ordens do General?"

Neste caso, devia abandonar o plano e procurar atingir o vale, desobedecendo as ordens recebidas e me transformar no único responsável pelo que sucedesse a seguir. Tomei a decisão mais importante da minha vida e ordenei:

— Prontos para aterrissar o mais perto do hotel!

O piloto não esperou um só segundo. Baixou a asa esquerda do aparelho e descemos em voo quase picado. Um suor frio escorreu pelas minhas costas. Calculei minhas possibilidades. Pensei também:

"O planador resistirá à forte pressão do ar? Poderá manter o equilíbrio, apesar da grande velocidade?"

Já não havia tempo para dar "última forma"! O zumbido do ar intensificou-se à medida que nos aproximávamos do objetivo. Vi como o Tenente Meier acionava o paraquedas que devia frear a aterrissagem. E, de repente, tocamos brutalmente o solo em meio a um barulho ensurdecedor.

Fechei os olhos durante o espaço de um segundo; não estava em condições de pensar. Uma última sacudida me fez compreender que tínhamos pousado. A porta tinha desaparecido e vi que o primeiro dos meus soldados saltava do planador. Segui seu exemplo, com a arma na mão. Constatei que estávamos a quinze metros do hotel! Vi a meu redor grande quantidade de pedras pontiagudas, que tinham freado o planador no momento da aterrissagem, mas... também o tinham rebentado! Vi ainda que a "pista" de aterrissagem tinha uns vinte metros e que, naquele momento, o paraquedas que servira de freio estava enrolado atrás do aparelho.

O primeiro posto de guarda italiano estava ao pé de um promontório, diante de um canto do hotel. Os homens que faziam parte dele ficaram paralisados de assombro diante do aparelho que acabara de "cair" do céu. Não tive tempo de me ocupar com o "passageiro" italiano; limitei-me a constatar que saía do planador atrás de mim.

Corri para o hotel e me alegrei em ter determinado que me reservara o direito de dar o primeiro tiro, acontecesse o que acontecesse. Atrás de mim

ouvia a respiração ofegante dos meus oito homens das SS. Tinha certeza de ter escolhido os melhores, e que podia contar com eles, pois compreendiam o menor gesto que lhes fizesse. Mas... devia levar em consideração que estávamos completamente sós; dispunha apenas daqueles oito homens e do Tenente Meier.

Limitando-nos a ordenar Mani in alto! à desconcertada sentinela do primeiro posto da guarda, chegamos ao hotel e, de repente, nos encontramos diante de uma porta aberta. Ao cruzá-la vi diante de mim uma estação de rádio e um operador italiano transmitindo mensagens. Com um forte pontapé virei a cadeira que ele estava sentado, e uma coronhada de fuzil nas instalações tirou a estação do ar. Não dispúnhamos de tempo, e precisávamos seguir em frente. Constatamos, porém, não haver porta alguma de comunicação com o interior do hotel. Fizemos meia volta e tornamos a sair da sala.

Percorremos a fachada do prédio e dobramos uma esquina. Verificamos, então, que acima havia um terraço de dois e meio ou três metros de altura. O Sargento Himmel serviu-me de apoio e subi pelos seus ombros; os demais seguiram meu exemplo.

Meus olhos pousaram na fachada principal do hotel e procurei observar detidamente. Vi uma cabeça aparecer numa janela. Reconheci o Duce. Tive certeza que a operação teria sucesso. Naquele momento compreendi que nossos esforços não foram em vão!

Gritei-lhe:

— Afaste-se da janela!

E imediatamente corremos para a entrada principal. Deparamo-nos com os soldados italianos que se apressavam a sair do hotel e vimos que acabavam de instalar duas metralhadoras diante da entrada. Saltamos sobre elas e as derrubamos. Os carabinieri apertavam-se na porta. A coronhadas, nada suaves, abri caminho entre eles. Meus homens não paravam de gritar:

— Mani in alto!

E ainda não tínhamos dado um só tiro.

Entrei na sala principal; não tive tempo de olhar ao meu redor, ignorando, portanto, o que estava ocorrendo às minhas costas. Descobri à direita uma escada; subi por ela saltando os degraus de dois em dois, até chegar ao primeiro andar. Dobrei à esquerda e continuei pelo corredor. Em seguida abri uma porta; era a certa!

Entrei no quarto ocupado por Benito Mussolini e por dois oficiais italianos que pus contra a parede. Em seguida notei que na porta havia um verdadeiro formigueiro humano. Nisso apareceu o Tenente Schwerdt, que se encarregou da situação. Determinou aos dois estupefatos oficiais que saíssem para o corredor, e fechou a porta às suas costas.

A primeira parte da missão fora coroada de êxito! O Duce, são e salvo, estava em nossas mãos!

Ainda não eram decorridos três minutos do momento em que aterrissáramos! Apareceram na janela as cabeças de dois sargentos, Holzer e Benz, que, por não terem conseguido passar pela porta, apressaram-se a escalar a parede para chegar o quanto antes ao local em que estávamos. Uma vez mais pude constatar que meus homens não me abandonavam. Determinei que saíssem para o corredor a fim de me darem cobertura.

Dei uma olhada pela janela e vi meu ajudante Radl, que orientara o planador que voou atrás do meu, correndo para chegar ao hotel, acompanhado de seus homens das SS. Gritei-lhe:

— Tudo em ordem; assegure-me a parte térrea!

Seu aparelho, o número quatro, aterrissara a uns cem metros. O Capitão SS Menzel teve que avançar arrastando-se, pois tinha quebrado um pé no momento da aterrissagem.

Pude ver como outros cinco planadores chegavam sem novidade. Mas ao mesmo tempo fui testemunha de um espetáculo terrível: o oitavo aparelho que formava parte da flotilha oscilou perigosamente, dirigiu-se a um abrupto penhasco e caiu destroçando-se no abismo.

Alguns segundos após, ouvi alguns tiros que vinham de longe; tratava-se, com certeza, de um posto de controle italiano, que se obstinara em oferecer resistência. Saí rapidamente e gritei para que o comandante do hotel se apresentasse a mim. Apareceu um coronel carabinieri que estava nas proximidades. Exigi a sua rendição, juntamente com seus homens, e preveni-o dizendo que qualquer resistência seria inútil. Pediu-me tempo para pensar; concedi-lhe um minuto.

Naquele exato momento entrou no local meu ajudante. Parecia, no entanto, que os italianos continuavam mantendo a entrada, pois não recebíamos reforços.

O coronel italiano regressou. Tinha nas mãos uma taça de vinho; ofereceu-me ao mesmo tempo em que se inclinava diante de mim dizendo:

— Ao vencedor!

Uma cortina branca que arrancamos da janela serviu de bandeira de paz. Dei algumas ordens e instruções a meus homens.

Só então pude dirigir-me a Mussolini, que estava num quarto protegido pelo Tenente Schwerdt. Apresentei-me a ele dizendo:

— Meu Duce, o Führer me enviou para libertar-vos. Sois livre!

Mussolini me abraçou e respondeu:

— Sabia que meu amigo Adolf Hitler não me deixaria abandonado!

O que aconteceu a seguir não nos causou qualquer problema. Os soldados italianos foram obrigados a entregar o armamento no refeitório do hotel; aos oficiais, entretanto, permiti que conservassem suas armas. Fiquei sabendo que, além do coronel, tínhamos feito prisioneiro um general.

A estação superior do teleférico não sofreu danos, foi fácil apoderarmo-nos dela. A estação do vale transmitiu-nos, pelo telefone, um informe análogo. Ficamos sabendo ter havido no vale algumas escaramuças e que o horário fora cumprido rigorosamente. A surpresa tinha sido nossa melhor aliada. Nossa rápida ação contribuiu para o sucesso da difícil empresa.

O Primeiro-Tenente von Berlepsch, comandante dos paraquedistas que nos secundavam, preparava-se para olhar com o binóculo quando determinei a ele, através da janela, para solicitar que mandassem reforços por meio do teleférico.

Pensei que o melhor era estar bem protegido e que não faria mal que o coronel italiano soubesse que contávamos com reforços no vale. No primeiro teleférico subiu o Major Mors, comandante do Batalhão de paraquedistas que conquistara o vale. Assim que ficamos bem protegidos, enviamos alguns soldados ao lugar onde tinha caído o oitavo planador. Com o major chegou ao hotel o inevitável repórter, que tirou várias fotos do prédio e suas adjacências, dos destroçados planadores e de todos que ali se encontravam. Não demonstrou conhecer bem a sua profissão; confesso ter ficado aborrecido quando vi os retratos nos jornais, pois parecia que ele tinha estado conosco desde os primeiros e mais difíceis momentos. E, como é de supor, naqueles instantes não estávamos em condições de posar para o fotógrafo, pois tínhamos diante de nós uma tarefa muito mais importante.

O Major Mors pediu-me para ser apresentado ao Duce. Eu tinha apenas uma preocupação: a maneira de poder chegar a Roma com Mussolini, que, a partir daquele momento, estava sob a minha responsabilidade.

No plano que fizera de antemão, aventei a possibilidade de fazer um deslocamento terrestre num percurso de cento e cinquenta quilômetros. Mas

tal marcha, através de territórios que há quatro dias não estavam mais em mãos alemãs, parecia-me perigosa, sobretudo se considerássemos a presença de Mussolini; por isso desprezei esta possibilidade. Elaborei, com a cooperação do General Student, três planos. O plano A consistia num ataque de surpresa ao aeródromo italiano de Aquila, à saída do vale, em plenos Abruzzos, com o fim de tê-lo em nosso poder num curto espaço de tempo. Devia transmitir a hora "H" pelo rádio para ser realizado tal ataque; poucos minutos depois, três "HE-111" aterrissariam no citado aeródromo, num dos quais eu embarcaria com o Duce. Os outros dois aparelhos deviam inicialmente proteger a ação e, depois, seguir rotas falsas para iludir o inimigo.

O plano "B" consistia na aterrissagem de um Fieseler Storch num campo do vale.

O terceiro plano, o "C", consistia em que o Capitão Gerlach tentaria aterrissar com um Fieseler Storch nas proximidades do hotel.

Ordenei à estação rádio do vale, já em nosso poder, que transmitisse uma mensagem a Roma para desencadear o plano "A". Mas quando quis enviar maiores detalhes e fixar a hora "H" para o ataque dos paraquedistas ao aeródromo de Aquila, às 16 horas, as comunicações com Roma foram interrompidas, o que nos encheu de temores. Isto me obrigou a abandonar o plano "A".

Com meu binóculo pude ver a aterrissagem de um Storch no vale. Utilizei o telefone do teleférico para determinar que o piloto se preparasse para decolar imediatamente. Mas comunicaram-me que o aparelho tinha sofrido alguns danos no momento da aterrissagem e não estava em condições de decolar. Restava-me, pois, o plano "C", o mais perigoso dos três.

Os italianos que tínhamos aprisionado dispuseram-se a nos ajudar; uniram-se aos nossos homens que enviamos ao vale para recolherem os paraquedistas que tinham chegado com o planador sinistrado. Ainda com o binóculo vi movimentos de paraquedistas nos rochedos, e isto me fez acreditar que o acidente não fora fatal para todos. Alguns carabinieri ajudaram-nos a preparar a pequena pista de aterragem, retirando as pedras maiores. Não tinha transcorrido muito tempo e o Capitão Gerlach voava sobre as nossas cabeças; descreveu vários círculos no ar e esperou os sinais convencionados para a aterrissagem.

Finalmente, aterrissou com grande perícia, ação que levou a cabo pela primeira e, provavelmente, única vez em sua vida. Quando lhe comuniquei que devíamos decolar em seguida, não pareceu muito contente com a ordem; e quando acrescentei que seríamos três a bordo, afirmou que a ideia era irrealizável.

Levei-o a um canto para ter com ele uma conversa, curta, mas convincente. Finalmente concordou ante o peso dos meus argumentos e mostrou-se disposto a cumprir minha determinação. Como é de supor, eu tinha analisado os prós e os contras, e não ignorava a magnitude da responsabilidade que devia assumir. Não tinha, porém, outra alternativa; não me sentia capaz de deixar o Duce sozinho nas mãos de Gerlach.

Sabia que se fracassasse a tentativa de decolagem só me restaria uma bala de pistola como ultima ratio.

Estava convencido de que não podia apresentar-me diante de Adolf Hitler para informá-lo de tão grave incidente. Jamais poderia dizer que o azar tinha feito malograr a missão no último momento. Assim sendo, não havia outra alternativa a não ser levar Mussolini a Roma, são e salvo; devia compartilhar com ele o perigo, apesar de ter certeza de que a minha presença só o aumentava!

Se sofrêssemos um percalço, participaríamos do mesmo azar! E isto era melhor do que a possibilidade de eu me salvar e os outros dois sucumbirem.

Meu íntimo amigo Radl estava de acordo com minha opinião e com os motivos que me faziam insistir na ideia.

Dei instruções ao Major Mors e a Radl sobre o modo como deviam empreender a viagem de regresso, e determinei que levassem como prisioneiros somente o general e o coronel e que procurassem chegar a Roma o quanto antes. Tanto os carabinieri como os demais oficiais deviam ficar desarmados no hotel da montanha.

O Duce me informou que tinha sido tratado com muita consideração e, portanto, não tinha motivo algum para deixar de ser magnânimo. A alegria que eu sentia pelo meu recente sucesso era tão grande, que desejava poupar a meus adversários a amargura do cativeiro.

A fim de evitar uma possível sabotagem, determinei que dois oficiais italianos viajassem nas cabinas do teleférico, enquanto nele fossem transportados nossos homens da montanha para o vale. Uma vez que o último soldado tivesse desembarcado, o teleférico devia ser destruído, pois

não me interessava que voltasse a funcionar. Deixei nas mãos do Major Mors a execução desta ordem.

O Capitão Gerlach supervisionou a construção da nossa improvisada pista de decolagem, e rapidamente todos puseram mãos à obra.

Só então dispus de alguns minutos para dar atenção ao Duce. Lembrava polidamente o Mussolini de 1934. A recordação que eu tinha dele, usando seu garboso uniforme, em nada se assemelhava àquele homem vestido com um traje azul, que não tinha nada de elegante. Ao vê-lo era fácil constatar que sofria de uma grave doença. Dava a impressão de que era um homem enfermo, talvez acabado; esta impressão era reforçada polo fato de não se barbear há dias, o que lhe dava um aspecto pouco alegre.

Contudo, seus grandes e brilhantes olhos negros fizeram-me compreender que estava diante do grande ditador da Itália; seu olhar me trespassava, parecia afundar dentro de mim quando falava com sua peculiar veemência.

Tinha muito interesse em saber, por ele mesmo, a respeito de sua queda, bem como os pormenores ocorridos durante o tempo que passou como prisioneiro. . . Mas senti pena e disse-lhe algumas palavras alentadoras:

— Estivemos constantemente preocupados com a sorte de sua família, Duce. Sua esposa e seus dois filhos menores foram internados, pelo novo Governo, em sua propriedade de Rocca della Caminata. Entramos em contato com sua esposa, Dona Rachele. Ao mesmo tempo que nós aterrissávamos neste lugar, outro de nossos comandos, chefiado pelo Capitão Mandel, recebeu ordem de resgatar a sua família. Estou certo de que neste momento já goza da liberdade.

O Duce me deu um forte aperto de mão e disse:

— Então tudo está em ordem. Agradeço, Capitão Skorzeny, de todo o coração.

O Duce apareceu na porta do hotel, trajando um capote preto e com a cabeça coberta por um chapéu também preto, de feltro. Precedi-o até o Storch que estava pronto para decolar. A duras penas entrei no reduzido espaço que havia atrás do segundo assento, onde o Duce deveria sentar, ficando assim praticamente acomodado a meus pés. Ao subir a bordo notei que Mussolini mostrava uma certa vacilação; como era um excelente aviador, compreendeu perfeitamente que o forçávamos a correr o risco de uma aventura que não tinha nada de sensata. Murmurou alguma coisa entre os dentes, e eu só pude entender:

— Se o Führer assim deseja

O motor começou a girar e fizemos a última saudação de despedida dos nossos camaradas que ali ficavam. Enquanto Gerlach acelerava o motor ao máximo, vários homens seguravam o avião, soltando-o a um sinal do piloto. Agarrando-me fortemente, com as duas mãos, nos tubos de aço da armação do avião, procurei aumentar o equilíbrio do aparelho fazendo algumas oscilações com o corpo, a fim de ajudá-lo a decolar. E através das janelas, pudemos ouvir os gritos de Heil dos alemães e o Evviva dos italianos.

Apesar de a velocidade ir aumentando, e de já estarmos quase no final da improvisada pista, continuávamos presos ao chão. Procurei fazer contrapeso com todas as forças do meu corpo e notei que, em algumas ocasiões, os solavancos mostravam que passávamos sobre algum obstáculo. Vi uma grande fenda que cortava a nossa frente e não pude deixar de pensar:

"O que acontecerá se cairmos nela?"

Subitamente nosso "pássaro" alçou voo. Graças a Deus!

Mas. . . a roda esquerda do avião bateu fortemente contra o chão, e o aparelho inclinou-se um pouco para a frente e começou a trepidar. Fechei os olhos! Sabia que não podia fazer nada; contive a respiração e aguardei resignadamente a chegada de nosso fim. . .

O vento soprava cada vez mais forte em torno de nós. Creio que o perigo durou apenas alguns segundos. Quando voltei a abrir os olhos, Gerlach tinha recuperado o domínio do avião e o mantinha em voo horizontal. Dispúnhamos de uma boa rota, apesar de o vento ser muito forte. Voamos a uns escassos trinta metros de altura e alcançamos a saída do vale de Arrezano.

Tínhamos superado a difícil prova!

Os três estávamos extremamente pálidos e ninguém falou uma só palavra. Deixei toda a cerimônia de lado e pus a mão sobre o ombro de Benito Mussolini, a quem acabávamos de salvar pela segunda vez.

Depois de alguns minutos, o Duce fez alguns comentários sobre a paisagem que se estendia cem metros abaixo. Por motivos de segurança, não voávamos a grande altura, procurando manter-nos perto da cordilheira.

— Aqui em baixo falei, há vinte anos, diante de uma grande multidão... Neste outro lugar enterramos um velho amigo — recordava o Duce.

Só naquele momento pude verificar que Mussolini falava um alemão perfeito. No transcurso das últimas horas, durante as quais tive que dominar

meus nervos, não pudera observar este fato.

Tive ocasião de desfrutar o belo panorama sobre o qual voávamos; era a segunda vez que eu o fazia no mesmo dia, mas é compreensível que durante o primeiro voo não tivesse podido apreciar a paisagem. Através dos buracos abertos no planador, só foi possível vislumbrar alguns trechos da paisagem, mas meu estado de ânimo não permitiu que eu apreciasse a sua beleza.

Naquele momento, o panorama mostrava-se aos meus olhos com todo o seu esplendor. Abarquei-o com o olhar e senti uma alegria indescritível. Voamos sobre Roma e nos dirigimos a Pratica di Mare, onde tínhamos a intenção de aterrissar. Gerlach nos gritou:

— Segurem-se, pouso em dois pontos!

Ao ouvir sua voz, lembrei do avariado trem de aterrissagem. O avião tocou o solo com a roda direita e a bequilha, para manter o equilíbrio, realizando com sucesso mais esta operação. Não foi em vão que o dia era um domingo!

O Capitão Melzer recebeu-nos em nome do General Student, e expressou a sua alegria pela feliz realização da empresa.

Três "HE-111" estavam prontos para decolar. Ao vê-los, pensei que devia voltar a me comportar de acordo com os preceitos regulamentares. Apresentei o Duce aos tripulantes do avião. E voltei para estreitar, agradecido, a mão de Gerlach, o piloto que acabava de realizar uma autêntica façanha.

Não podíamos perder tempo, se quiséssemos aterrissar no aeroporto de Viena antes de escurecer.

CAPÍTULO XVII

Até Viena em companhia do Duce — Mais uma vez vitoriosos — No Hotel Imperial — A "Cruz de Cavaleiro" — Hitler me felicita — Promoção — O Partido Republicano Fascista — A falha histórica de Mussolini — O "último romano" — Uma parada na cidade de Munique — A família do Duce — A última visita de Ciano — No Quartel-General do Führer —

Diante dos altos chefes da Wehrmacht — A opinião de Göring — Regresso à Itália — Perdas mínimas.

Naquele momento em que nos encontrávamos num confortável avião, sentimo-nos muito à vontade, sabedores de que tínhamos superado um transe difícil. Não podíamos, porém, manter uma conversa devido ao barulho dos motores.

O Duce apoiou-se no encosto da poltrona com os olhos fechados. Aproveitei a ocasião para meditar. Tinha cumprido com êxito a importantíssima missão da qual fui incumbido; meu sadio otimismo e minha força de vontade venceram todos os obstáculos que se antepuseram aos meus passos.

Sabia que a sorte continuava sendo minha aliada e que se portara particularmente bem em dia tão memorável. Não ignorava, também, que a missão acabada de cumprir poderia ter fracassado por um simples detalhe, dadas as difíceis circunstâncias que a rodearam, e ter redundado numa tragédia. Recordei todos os acontecimentos e me senti sumamente orgulhoso pelo fato de ter saído triunfante da empresa; até a casualidade estendera-me a mão com um gesto de infinita magnanimidade. Sentime grato aos companheiros que colaboraram comigo, demonstrando-me, em todos os momentos, sucedesse o que sucedesse, que estariam sempre a meu lado. Não teria conseguido absolutamente nada, se eles não tivessem mostrado uma disciplina férrea, de valor sincero.

Em seguida pensei nos nossos feridos; felizmente encontramos com vida todos os acidentados. Desejava ardentemente que chegassem o quanto antes a um lugar seguro. Voltei a recordar a missão: quatro dos planadores tinham desaparecido e eu ignorava a sorte que tiveram. Tinha perdido a terça parte da flotilha! Talvez tenham conseguido aterrissar em alguma parte

É muito doloroso para um chefe militar admitir o desaparecimento de uma parte dos seus homens. Tanto Gerlach como eu procuramo-los enquanto voávamos para Roma, mas não encontramos rastro deles em nenhum dos vales. Seria possível que tivéssemos pago caro pelo êxito? Esta pergunta devia ser respondida pelos meus superiores. Eu tinha certeza de ter agido da melhor maneira que pude, e a minha consciência estava tranquila.

Voamos sobre a fronteira austríaca e entramos numa zona tormentosa. Já estávamos prontos para nos comunicar, pelo rádio, com a Pátria, o que nos fora proibido até cruzarmos suas fronteiras. O radiotelegrafista começou a agir febrilmente, tentando entrar em contato com o aeroporto de Viena. Não demorou muito para nos anunciar que o aeródromo de Aspern não respondia às chamadas.

A cabina do piloto não oferecia muita visibilidade. Grossas e escuras nuvens ocultavam a paisagem. Estávamos obrigados a voar a dois mil metros de altura a fim de podermos passar sobre os altos cumes das montanhas; orientávamo-nos por meio da bússola.

O Duce parecia ter dormido. O radiotelegrafista voltou a nos informar:

— Não consigo ligação com Viena!

Pouco a pouco foi escurecendo; a compacta massa de nuvens contribuiu para isso. Olhei o relógio. Eram aproximadamente dezenove horas e trinta. Devíamos chegar ao destino dentro de pouco tempo. Estávamos quase chegando ao aeroporto e ainda não tínhamos conseguido falar com ele! À medida que o tempo transcorria, ia ficando intranquilo. Não era nada agradável dar voltas entre as nuvens levando a bordo uma personalidade tão importante. Constatamos que a gasolina estava escasseando. O piloto murmurou alguma coisa sobro pouso de emergência. Tal ação, entretanto, era impossível ser realizada. Voltamos a fazer cálculos, e concluímos que estávamos nas proximidades de Viena.

Enquanto isso, escurecera completamente. Eu permanecia na cabina do piloto e fazia o possível para ver alguma coisa através da escuridão que nos rodeava. De repente, pude ver em baixo, através de uma nuvem, uma faixa brilhante que parecia água. Só podia tratar-se do lago Neusiedler. Respirei aliviado; a partir de então tudo iria bem, porque conhecia aquelas paragens como a palma de minha mão. Atravessamos as nuvens e começamos a descer. Minhas suposições eram certas. Não demorou muito para vermos o lago que se estendia abaixo de nós a uns cinquenta metros de distância. Determinei que o aparelho virasse para o Norte. Sabia que poderíamos voar tranquilamente àquela altura até chegar ao Danúbio. Quando o alcançássemos não havia outra coisa a fazer além de dobrar à esquerda e estaríamos em Viena. Aterrissamos em Aspern completamente às escuras.

Fiz com que o avião parasse em determinado lugar do campo, onde havia um posto de guarda. Em seguida, desembarquei e me dirigi às instalações do aeroporto para saber se éramos esperados por alguém.

Informaram-me que vários carros, provenientes da cidade, tinham estado no aeródromo, mas quando os seus ocupantes inteiraram-se de que um avião fora obrigado a fazer uma aterrissagem forçada em Schwechat, localidade situada nos arredores de Viena, tinham-se dirigido para lá.

Fazia mais de uma hora que esperavam a aterrissagem do nosso aparelho! Apesar disso, fiquei tranquilo por ter chegado sem novidade.

Tive muito trabalho para conseguir do comandante que pusesse à nossa disposição um carro para nos levar a Viena, pois eu não podia informá-lo da identidade da pessoa que me acompanhava. Por meio dele fiquei sabendo, também, do motivo pelo qual não pudéramos entrar em ligação com o campo: o aeródromo de Aspern, em Viena, tinha estado "fora de operação" por ser domingo! Coisa incrível, levando-se em conta que estávamos em plena guerra, no ano de 1943!

Regressei ao avião no carro obtido e solicitei a Mussolini que entrasse nele. Ao chegar ao pátio do aeroporto encontramos um comboio de viaturas ocupadas por altas personalidades militares que regressavam. Entre estas autoridades estava o Chefe de Polícia das SS de Viena, General-de-Divisão Querner.

Mostraram-se encantados em falar com meu ilustre acompanhante são e salvo. Quando foram cientificados de que um avião acabava de realizar uma aterrissagem forçada, imaginaram que se tratava do nosso; ficaram muito satisfeitos quando constataram que o referido aparelho era um dos que nos escoltavam. Mais tarde fiquei sabendo que o outro avião, saído ao mesmo tempo de Roma, também fizera um pouso de emergência na parte nova de Viena, mas ambas as tripulações ficaram ilesas.

Confesso que só respirei aliviado quando nos instalamos no carro do General Querner. Só então me vi livre da imensa responsabilidade que pesava sobre meus ombros. Só então pude afirmar que tinha vencido todas as dificuldades de um dia tão árduo. Chegamos ao Hotel Imperial, onde instalamos o Duce num apartamento previamente reservado.

Naquela noite mantive com Mussolini uma pequena e divertida conversa.

Como tínhamos chegado sem bagagem, o General Querner providenciou para o Duce um pijama e demais objetos de uso pessoal. Quando fui a seu quarto para levá-los, fez uma divertida observação.

— Dormir de pijama não é sadio. Costumo dormir nu. E o aconselho, Capitão Skorzeny, a fazer o mesmo em qualquer situação que se encontre.

O intenso brilho de seus olhos me demonstrou que o homem que existia em Mussolini conhecia muito bem todos os aspectos da vida. Não pude evitar um sorriso de compreensão. A seguir, desejei-lhe boa noite e me despedi até a manhã seguinte.

De repente tocou o telefone do meu quarto. Disseram-me que Himmler desejava falar comigo. Felicitou-me pelo êxito da missão e me fez várias perguntas. Inesperadamente falou num tom de camaradagem, completamente desconhecido nele:

— Sei que você é vienense, Skorzeny. Já viu sua esposa? Chame-a ao hotel para que se possam ver esta noite, é preciso que não se afaste de Mussolini; deverá permanecer junto a ele no transcurso dos próximos dias.

Como é de supor, aproveitei a inesperada sugestão e chamei a minha esposa. Surpreendi a mandando buscá-la num carro conduzido pelo Ajudante-de-ordens de Querner.

O General Querner, um oficial do seu estado maior e um oficial do Comando da Região Militar em Viena reuniram-se comigo no quarto. Outras pessoas, cujos nomes não recordo, entravam e saíam. Todos me pediam para explicar a grande aventura. Fiz com muito prazer. Comodamente sentado num sofá, eu descansava; estava com as pernas estiradas e segurava na mão uma taça de champanha. Nem sequer lembrava que há três dias não fazia a barba e que meu rosto parecia uma escova. A poeira e o suor que cobriam meu corpo formavam uma espessa crosta; meu sujo uniforme não era o mais indicado para visitar o salão do melhor hotel de Viena. Poucos minutos antes da meia-noite, o Coronel Chefe do Estado-Maior da Região Militar fez-se anunciar. Entrou no quarto com ar solene e se apresentou. Arregalei os olhos quando anunciou:

— Senhor Capitão, venho por ordem do Führer. Tenho a missão de condecorá-lo com a Cruz de Cavaleiro!

Em seguida, tirou sua própria condecoração e colocou-a em torno do meu pescoço.

Uma taça de champanha pôs fim à entrevista e me ajudou a dominar a surpresa. Passei algum tempo estreitando mãos e agradecendo as felicitações que foram inúmeras. O telefone voltou a tocar. O General Querner atendeu; virou-se para mim e disse:

— Skorzeny, o Führer deseja falar com você.

Adolf Hitler -agradeceu-me, com palavras calorosas, o cumprimento da missão. Disse-me:

— Você acaba de executar, felizmente, uma operação militar que, a partir deste momento, fará parte da História. Devolveu-me meu amigo Mussolini, condecoro-o com a "Cruz de Cavaleiro" e promovo-o a Major das SS. Aceite as minhas mais calorosas felicitações.

Quando, pouco depois, recebi de Munique a notícia de que meu comando cumprira plenamente também a missão, em Rocca della Caminata e que a família do Duce encontrava-se, sã e salva, naquela cidade, pude encerrar tranquilamente o agitadíssimo dia que tinha passado e despedir-me dos meus hóspedes. Um banho quente proporcionou-me um prazer desejado ardentemente há horas. Ao dormir não pude deixar de pensar no meu pai, e senti que não vivesse para presenciar minha inesperada glória. Sei que nenhuma pessoa ter-se-ia alegrado tanto como ele; e voltei a recordar as palavras que me dissera no princípio da guerra:

— Não deves pensar logo na "Cruz de Cavaleiro"!

Eu acabava de dar um passo decisivo em minha venturosa existência; o primeiro de muitos outros que marcariam meu futuro.

O programa do dia seguinte já estava traçado. Dörnberg, uma alta personalidade do Ministério de Assuntos Exteriores, que inclusive era mais alto do que eu, apresentou-se para nos acompanhar.

Conheci, também, Baldur von Schirach, o Gauleiter de Viena, quando chegou ao hotel para visitar o Duce. Iniciou-se um contínuo ir e vir. Tinha vestido um uniforme que não estava de acordo com a minha compleição. Em todo o caso oferecia um aspecto mais distinto do que o roto uniforme das tropas paraquedistas que vestia ao chegar a Viena na noite anterior.

Fui o primeiro a cumprimentar o Duce naquela manhã.

Benito Mussolini parecia rejuvenescido. Notei que o trabalho do barbeiro contribuíra muito para isto. Demonstrou ter recuperado a antiga vitalidade; via-se claramente que aproveitara a noite para traçar novos planos, dos quais me inteirei quando fui visitá-lo; completou suas ideias depois que nos encontramos a bordo de outro avião. Foi a primeira vez que ouvi falar do Partido Republicano Fascista.

Disse-me logo:

— Cometi uma falta muito grave, certamente, a qual estou pagando com juros. Não percebi que a Casa Reinante era e é a minha maior inimiga. Deveria ter implantado a República na Itália quando terminou a guerra com a Abissínia.

Naquele momento ignorava ainda que no domingo, 12 de setembro, a rádio alemã, às 23 horas, transmitira uma notícia extraordinária, que dizia mais ou menos:

— Um oficial vienense das SS libertou, no dia de hoje, Benito Mussolini, feito prisioneiro pelo novo Governo de Badoglio. A difícil operação nos causou grande número de baixas!

Quando, na manhã do dia 13, telefonei para meu irmão, que estava em Viena, foi logo dizendo:

— Então foste tu! Felicito-te de todo coração! Demonstraste um grande carinho para comigo escolhendo o dia do meu aniversário para levar a cabo tão arriscada operação!

Às 11h30min voltamos a nos dirigir ao aeródromo de Aspern. Desta vez embarcamos num confortável avião de passageiros, um grande Junker. Sentei-me junto ao Duce e tivemos oportunidade de manter uma conversa sem receio de que nos interrompessem.

Mussolini relatou, com toda a riqueza de detalhes, seu plano para fundar um outro partido e constituir novo Governo. Não pude deixar de admirar a grande vitalidade daquele homem; não diminuíra em nada, apesar do seu longo cativeiro! Foi quando, depois de algumas horas em sua companhia, compreendi o significado das palavras de Adolf Hitler:

— Mussolini, o "último romano"!

Reunimo-nos com a família do Duce no aeródromo de Riem, em Munique. Dona Rachele causava uma impressão de discrição e de simpatia a todos que a conheciam, pois era uma pessoa de recatadas atitudes.

Até às primeiras horas de 15 de setembro, ficamos na casa destinada aos hóspedes ilustres do Governo do Reich, em Munique. Fui convidado pessoalmente por Mussolini para almoçar com ele. Aproveitei a ocasião para estabelecer uma agradável conversa com o ditador da Itália. Foi então que me explicou como ocorrera o sequestro.

No dia 25 de julho de 1943 dirigiu-se ao palácio do Rei, que o tinha convocado para uma audiência, apesar de muitas pessoas, entre elas sua esposa, terem-no aconselhado a não comparecer.

— O Rei — explicou — agradeceu-me, com efusivas palavras, por tudo o que fizera pela Itália. Chegou até a afirmar que sempre seria o filho predileto da Itália e que ele, pessoalmente, considerava-me como de sua família. Chegou, inclusive, a me chamar de primo.

O fato de um membro da Casa de Saboya chamar alguém de primo era uma alta distinção, da qual o Duce desfrutava há tempos.

Tais foram as palavras com que il Re Emanuele despediu-se de Mussolini, depois de tê-lo abraçado efusivamente. Chegou a ter a delicadeza de acompanhá-lo até a porta. Mas... diante desta, alguns oficiais esperavam-no e prenderam-no, transportando-o ao quartel dos carabinieri de Roma, numa ambulância hermeticamente fechada.

É compreensível que eu tivesse grande interesse em saber se todas as minhas investigações foram orientadas no sentido correto. Tive a satisfação de constatar que assim fora, pois as pistas que tinha seguido não eram falsas. Inclusive as datas em que o Duce tinha mudado de "domicílio" estavam do acordo com minhas informações.

O que me surpreendeu foi o fato de os italianos terem decidido entregá-lo aos aliados, uma vez proclamado o "cessar fogo".

Disse-me que, se isso acontecesse, ter-se-ia suicidado, para não cair vivo em mãos inimigas. Um jovem tenente carabinieri, que vi no hotel de montanha, também estava disposto a tomar tão drástica decisão.

Durante aqueles dias travei conhecimento com outros membros da família de Mussolini. O Conde Ciano e sua esposa foram levados secretamente à Alemanha no mês de agosto e moravam numa propriedade situada nas proximidades de Munique. Na própria segunda-feira, à tarde, Edda Ciano visitou seu pai para implorar-lhe que recebesse seu esposo. A Condessa tinha um ar triste e parecia muito preocupada. Não sabia se devia preocupar-se com o pai, ou com o marido... Tanto o Duce como Dona Rachele negaram-se a receber o genro, pois Ciano apoiara a oposição a Mussolini. Finalmente, o Duce admitiu conversar com Ciano, mas Dona Rachele negou-se terminantemente a ver o Conde.

— Odeio-o; estaria disposta a estrangulá-lo — afirmou com seu temperamento latino.

Mussolini pediu-me para estar presente durante a curta entrevista que teria com o genro. O Conde Ciano apresentou-se vestido à paisana, com um elegante traje azul; a primeira coisa que fez foi felicitar-nos. Pareceu-me que tentava esclarecer ao Duce seu antigo procedimento. O encontro foi de tal frieza, que eu me senti acanhado, apesar da condição de simples testemunha. Ao fim de alguns minutos, Mussolini deu por terminada a entrevista, e eu acompanhei o Conde Ciano até a porta, onde me despedi dele.

A seguir, Mussolini convidou-me para sentar junto a ele diante da lareira da sala. Começou dizendo que não tardaria a iniciar um processo contra os principais responsáveis pela conspiração. Não pude mostrar-me diplomático naquela ocasião, e lhe provoquei, recordando a visita do Conde:

— Neste caso, ver-se-á obrigado, também, a fazer o Conde Ciano comparecer diante de um tribunal.

O Duce respondeu seriamente:

— Não ignoro que meu genro deve ser um dos primeiros a comparecer diante de um tribunal, já que não tenho qualquer ilusão com respeito ao andamento do processo.

Naquele instante descobri o drama daquele homem; a terrível situação de um homem que, na qualidade de Chefe Supremo de uma República, teria que processar e julgar, por delito de alta traição, um membro da própria família.

Aquele homem, que tinha uma vontade de ferro, parecia ser suficientemente forte para não vacilar em destruir o marido da filha predileta. Contudo, não creio que alguém soubesse o que passava no recôndito de sua alma. Eu sabia que todos os italianos tinham um alto conceito de família. Por isso posso imaginar seu estado de ânimo no momento em que foi obrigado a assinar a sentença de morte do seu genro.

Quando sentamos à mesa, mantivemos uma animada conversa. Os dois filhos menores do Duce, um de doze, outro de quatorze anos, mostravam-se tão animados, que seu pai via-se forçado a chamar-lhes a atenção.

O Duce costumava comer apenas alguns ovos e um pouco de verdura, e não aquilo que era servido para os demais; era muito comedido em sua alimentação. Como sobremesa, sua predileção eram as frutas. Dona Rachele quase não falava.

No dia 15 de setembro, às primeiras horas da manhã, decolamos rumo ao Quartel-General do Führer, na Prússia Oriental.

Ao chegarmos ao aeródromo do Quartel-General desfrutamos um tempo maravilhoso. Quando o "JU" parou e descemos do aparelho, o Duce foi saudado por Hitler. A seguir, o Führer cumprimentou-me efusivamente e me convidou para naquela mesma tarde fazer-lhe um relato sobre a operação.

Quando me recebeu, tive que lhe informar detalhadamente sobre todos os fatos ocorridos no transcurso dos últimos meses, interessando-se pelos menores detalhes. Não foi nada agradável dizer que tinha perdido a terça

parte da flotilha aérea. Até aquele momento, ainda ignorava a sorte dos acidentados. Hitler prometeu-me que determinaria as providências cabíveis.

Na tarde do dia seguinte chegou ao Quartel-General, em trem especial, o Marechal do Reich Hermann Göring. Também pediu para lhe contar minha "história", durante um pequeno passeio que fizemos. E condecorou-me com a Fliegerabzeichen em ouro. Apesar disso, aproveitou o ensejo para "jogar água fria" na minha alegria, ao admoestar-me pela leviandade que eu mostrara ao permitir que o Duce decolasse do Gran Sasso naquelas condições. Ouvi a advertência, em silêncio. Quando terminou o sermão, pedi-lhe que condecorasse o Capitão Gerlach e o Tenente Meier com a "Cruz de Cavaleiro". O primeiro era o homem que tinha conseguido aquela grande proeza com o Storch, e o segundo era o piloto do meu planador. Prometeu atender-me. Anteriormente já tinha solicitado a Hitler que condecorasse os meus homens das SS, o que consegui. E como mereciam!

Fui convidado a comparecer, naquele mesmo dia, à casa de chá. Tive que fazer um pequeno relato perante um auditório de uns quinze generais, entre os quais o Marechal Göring e o General Jodl. A princípio fiquei um pouco inibido ao ver-me diante de tantas personalidades. Mas não demorou e comecei a falar tranquilamente. Muitas palavras, certamente irônicas, foram recebidas com risos, apesar de não serem próprias a um ambiente como o Quartel-General, onde se respirava uma atmosfera de austeridade.

No dia seguinte, o comandante das forças de segurança do QGF, Coronel Strewe, convidou-me para visitá-lo. Disse que eu tinha causado nele inúmeras preocupações, pois temia que, a partir de então, os aliados imitassem o meu exemplo fazendo uma aterrissagem semelhante no QGF. Em seguida, pediu-me que o aconselhasse sobre medidas preventivas para evitar uma ação daquela natureza. Não pude negar-lhe que existiam possibilidades de assaltar de surpresa o QGF. Não havia dúvida de que ações semelhantes poderiam ser feitas em todos os quartéis-generais. E não compreendo até agora como não ocorrera a general algum do Alto Comando aproveitar-se de tais ações. Tanto os oficiais como os generais de um quartel-general não estão convenientemente protegidos em tempo de guerra. Seus "bastiões", por isso, podem ser assaltados exatamente como qualquer outra fortaleza.

Foi natural que os repórteres e fotógrafos me "bombardeassem" com perguntas. Serviram-se do "meu caso" o escreveram uma porção de asneiras sobre minha pessoa. E assim continua acontecendo até hoje. Foi uma pena

que a maior parte de suas reportagens fosse produto de fantasia e não estivessem do acordo com a realidade. Por outro lado, eu não tinha qualquer interesse que "meu caso" fosse espalhado aos quatro ventos.

Isto não impediu, contudo, que os comentários da imprensa estrangeira, inclusive a inglesa e a norte-americana, me proporcionassem uma grande alegria. Fiquei surpreendido com o cavalheirismo da imprensa aliada, pelo modo como comentou a minha ação. Naquela ocasião, quando o fato ainda era recente e continuávamos em guerra, não li uma só crítica contrária. Não houve ninguém que reprovasse a minha pessoa ou a nossa operação. Ao contrário, elogiavam-nas, chegando ao extremo de admirar a nossa forma de atuar. Só fui acusado ao terminar a guerra!...

Eu preferia que a imprensa alemã tivesse apenas publicado a primeira informação, abstendo-se de citar nomes. Se tivesse agido assim, muitas das minhas futuras ações teriam sido facilitadas e evitadas muitas preocupações.

Passados três dias, regressei à Itália para junto de meus homens.

Levei-lhes a agradável notícia de que nos tinham dado permissão para ir a Innsbruck. Eu sabia que eles sentir-se-iam muito contentes ao saberem de tal notícia. Voltaram a pôr à minha disposição outro HE-111. Em Berlim fui recebido pelo chefe de minha seção, que tinha ficado "em casa"; ofereceu-me um ramo de flores ê vários presentes. Meus homens sentiam-se orgulhosos pelo fato de seu comandante ter sido condecorado com a "Cruz de Cavaleiro".

Quis fazer um alto na minha viagem, em Viena, para desfrutar, na minha cidade natal, uma curta permanência. O voo não foi uma diversão. Após meia hora de viagem, o motor esquerdo começou a pegar fogo. Assim mesmo alcançamos, com dificuldade, um pequeno aeroporto, onde fizemos uma aterrissagem de barriga.

No pequeno avião de passageiros, com o qual regressei a Berlim, rebentou uma tubulação de gasolina, o que nos obrigou a fazer, pela segunda vez, um pouso de emergência.

Subimos num velho avião de treinamento, um Junker Weihe, que apesar da velhice conseguiu resistir aos embates do vento e aguentar até Viena. Ali chegando, o piloto começou a sentir um medo atroz e se negava a aterrar. Minhas enérgicas admoestações e a promessa de ajudá-lo em caso de apuro tiveram como consequência uma aterrissagem bamboleante, mas feliz.

O leitor já deve ter constatado que não sou supersticioso. Não aceito a superstição. Toda vez que verifico que alguma coisa não vai bem, tento pela segunda vez. Até agora, esta maneira de agir tem dado bons resultados.

O novo HE-111, posto à minha disposição, levou-me a Roma no dia seguinte. Durante minha ausência chegou a Roma um grande número de soldados alemães que desarmaram as tropas de Badoglio, que se mostravam hostis a nós. Já não tínhamos que temer um perigo imediato como o que pairara sobre nós durante os dias que sucederam à data de 8 de setembro, quando se temia que a Itália pactuasse com os aliados. Naquela ocasião, toda a Itália, à exceção da cabeça-de-ponte aliada, encontrava-se segura em mãos alemãs, conforme diziam as informações da Wehrmacht.

Quando retornei a Frascatti, tive uma agradável surpresa. Um ancião fez-se anunciar mediante seu cartão de visitas. A partir daquele momento, sempre recordaria o Conde Adolfo... Agradeceu-me efusivamente o resgate de Benito Mussolini e condecorou-me com a ordem italiana dos 100 Moschettieri, da qual, como indicava o seu nome, só faziam parte cem pessoas. Tratava-se de uma medalha de prata na qual estava esculpida uma caveira e de onde pendia uma fita preta. No seu verso estava gravada a assinatura de Mussolini. Alguns dias mais tarde, também fui condecorado com a mais alta distinção do fascismo italiano. Infelizmente, perdi as duas condecorações quando chegou o caos; foram roubadas da minha bagagem.

Também fiquei sabendo de algumas novidades, umas que me alegraram, outras que me aborreceram. Fui informado que alguns membros de uma agência de publicidade dirigiram-se ao Gran Sasso com o objetivo de filmar "algumas cenas originais da operação". Infelizmente, não pude impedir que uma parte daquelas fotografias fosse publicada em revistas alemãs como "autenticas".

Outra notícia que me deram não gostei; mas confesso ter sentido um certo alívio ao escutá-la. No dia 12 de setembro, a mesma hora em que eu voava sobre os Abuzzos, o comando alemão na Itália deu ordem para abandonar, sem luta, a ilha do Sardenha, tendo-se determinado às tropas, contudo, que libertassem de qualquer maneira Mussolini, que estava preso, segundo o comando, em Santa Madalena, e que o levassem consigo em sua retirada. Meu pequeno serviço de informações pessoal tinha trabalhado com mais rapidez, e a missão que o General Student e eu recebêramos foi cumprida sem necessidade de pedir o auxílio dos serviços das forças regulares, que demonstraram ser menos eficientes do que nós.

Meus homens receberam as condecorações que lhes foram concedidas, de minhas mãos, no decorrer de uma festa. Ao informar-lhes que regressaríamos por estrada, deram vivas às minhas palavras.

Tinha a intenção de mostrar-lhes as paragens mais belas da Itália e do sul do Tirol. Ao chegarmos ao lago Garda, encontramos o I Panzerkorps comandado pelo meu velho camarada General Paul Hausser, que não nos deixou prosseguir antes de sermos recebidos festivamente e nos dar como presente um bonito Lancia cabriolé. Determinei que fizesse parte das viaturas postas a serviço da nossa unidade.

Minhas explicações sobre o resgate italiano seriam incompletas, se não fizesse menção aos dez homens que ficaram gravemente feridos durante a operação. Felizmente, todos se restabeleceram e pouco depois voltaram a incorporar-se às nossas fileiras.

A opinião pública, infelizmente, acreditava que a ação tinha custado um grande número de baixas; coisa compreensível, se foram levadas em conta as primeiras notícias transmitidas pelo rádio. Numa pequena entrevista feita com Radl e comigo por uma estação de rádio, procuramos esclarecer o equívoco. Mas todos os esforços para que a verdade fosse restabelecida resultaram infrutíferos. No transcurso dos dias e das semanas seguintes, cheguei até a receber vários donativos destinados às vítimas do resgate do Duce. Reunimos os donativos e os repartimos com os paraquedistas da Luftwaffe.

Quando regressamos a Friedenthal, decidi conceder uma pequena licença a meus soldados. Senti uma alegria indescritível pelas milhares de cartas que me chegavam dos mais longínquos rincões. Os soldados que combatiam na frente russa, principalmente, afirmavam que o ambiente de desânimo reinante entre eles devido aos "deslocamentos estratégicos" mudara subitamente quando souberam da minha ação. Muitos homens que lutavam duramente nos pântanos e nas grandes estepes da Rússia sentiram renascer as esperanças de que a guerra pudesse terminar com a nossa vitória.

O fato de constatar que tinha contribuído para o renascimento das esperanças dos meus camaradas que lutavam na frente causou-me um grande bem.

Uma coisa é certa e ninguém pode ousar negá-la: o resgate de Mussolini, na ocasião, causou uma profunda impressão no mundo inteiro e foi comentado por todos.

Sinto-me imensamente orgulhoso, pelos meus camaradas, porque os comentários feitos durante a guerra, inclusive pelos nossos inimigos, foram totalmente favoráveis e nunca empregados para fazer qualquer espécie de propaganda contra a Alemanha ou contra o Exército alemão.

Há pouco tempo fiquei sabendo, graças a uma inesperada visita feita por um soldado alemão, ex-prisioneiro na Rússia, que a nossa ação tinha causado um grande efeito psicológico sobre o povo russo.

Meu amigo contou que, em setembro de 1943, estava num campo de concentração no Leste da Ucrânia. Estando num hospital, foi testemunha de que os oficiais ucranianos, encarregados da vigilância do campo, embriagaram-se comemorando o êxito de nossa operação. Sentiram-se de tão bom humor, que trataram de modo benevolente a todos os prisioneiros, oferecendo, inclusive, a meu amigo um copo de conhaque, coisa estritamente proibida. Este, que então falava o russo fluentemente, conversou com um dos oficiais, que lhe disse:

— Agora, depois do grande sucesso que acabais de ter na Itália, o Exército alemão voltará a atacar aqui na Rússia, e não há dúvida que vencerá. Breve veremos rodar os carros de combate sobre nossa terra, e então a guerra terminará para ambos.

TOMO II

CAPÍTULO XVIII

Crise em torno de Vichy — O lobo uiva.

Dispus de apenas cinco semanas, desde meados de outubro até fins de novembro de 1943, para reorganizar meus comandos.

Recebemos ordem, do Quartel-General, para que empreendêssemos a marcha até Paris, sem perda de tempo, com uma de minhas companhias. Uma vez ali, receberia novas instruções.

A ordem era seca e, infelizmente, pouco clara, o que não é de estranhar, se levarmos em consideração que os regulamentos militares devem ser cumpridos sem hesitação, embora em alguns casos nos criem dificuldades.

Determinaram que eu reunisse meus homens e que me apresentasse aos chefes em Paris, os quais me dariam ordens mais explícitas. Conhecia Paris por ter estado ali em 1940 e 1942, quando missões, puramente técnicas, levaram-me a belíssima cidade do Sena. Naquela ocasião, me senti encantado com a sua beleza e magnificência, formando sobre ela uma opinião que não mudou no transcurso dos anos. Estou, como sempre, convencido de que Paris é a cidade mais bonita da Europa.

Apesar de ter ficado alegre por voltar a visitar a cidade, fiquei contrariado por ser obrigado a levar a cabo uma missão sobre a qual não sabia absolutamente nada. Sabia que, em muitas ocasiões, as ordens não costumam ser muito claras, e seu cumprimento oferece um sem-fim de dificuldades, o que não agrada a um verdadeiro soldado.

No estação de Paris pude verificar que imperava a famosa ordem alemã. A todo soldado recém-chegado à Capital da França "rogava-se", por intermédio de extensos folhetos, que se apresentasse "em seguida" no Quartel-General da Wehrmacht, situado na Praça da Ópera. Uma vez ali, entregavam-nos o cartão de racionamento e nos indicavam o lugar onde devíamos apresentar-nos a seguir. Cumpri essas formalidades e dirigi-me ao Hotel Continental, na Rua Rivoli.

Quando cheguei lá, vi mais uma vez o que era defrontar-se com um homem eficiente num importante comando da nossa Wehrmacht. As centenas de quartos do hotel tinham sido transformadas em escritórios, e

neles entravam e saíam numerosos oficiais do Estado-Maior. Finalmente, cheguei ao lugar indicado, onde fui recebido por um coronel do Serviço de Informações, cujo nome não recordo.

Recebera ordem de pôr à minha disposição um certo número de homens, mas não podia dizer-me exatamente quantos e nem para que fim. Sabia apenas que minha nova missão tinha alguma relação com a crise originada em Vichy. O chefe da Seção de Informações tampouco soube esclarecer qualquer coisa. Contudo, fez uma exposição da situação, considerada sob o ponto de vista pessoal. As centenas de nomes que mencionou, dos quais não tinha ouvido falar até então, produziram-me um verdadeiro caos mental. Devido à pressa com que tudo era feito, não pude estabelecer relação entre o que era dito e os acontecimentos surgidos.

Durante os últimos tempos não tinha desfrutado um só minuto de descanso. Por isso, era compreensível que nem sequer tivesse dado uma olhada nos jornais. Só me soavam os nomes do Marechal Pétain, do Almirante Darlan, dos Generais de Gaule e Giraud e de alguns outros. E com isto terminavam meus conhecimentos sobre as personalidades francesas.

O IC, um Tenente-Coronel, descreveu-me a situação mais ou menos da seguinte forma:

"Nos círculos do Marechal Pétain e dos membros do Governo de Vichy reinava um grande descontentamento motivado por uma séria questão. As negociações franco-alemãs estavam paradas há três anos; não tinham avançado um ponto sequer desde o Tratado de junho de 1940, em que se assinou o cessar-fogo. Por isso, o tantas vezes prometido Tratado de Paz, que teria fortalecido a posição do Governo francês, podia ser considerado como um mito.

O citado oficial era de opinião, com a qual eu concordei, de que não podíamos deixar de ver na pessoa do Marechal Pétain um autêntico patriota francês; um homem que estava convencido de que seu ponto de vista era benéfico para sua pátria e fazia todo o possível para sair-se bem. Mas, por outro lado, os alemães, infelizmente, não estavam em condições de fazer muitas concessões ao patriotismo francês.

O IC continuou:

— Não podemos excluir a possibilidade de que entre o Governo de Vichy e a chamada "França Livre" existam alguns laços de união que nunca se romperão.

Estas suposições, para nós patriotas alemães convictos, pareceram-nos lógicas. Naquela ocasião o norte da África estava totalmente ocupado pelos aliados e, em consequência, as colônias francesas encontravam-se nas mãos do "contra-governo". Além disso, nossos inimigos estavam convencidos de que, a partir de 1943, a sorte voltara as costas às potências do Eixo, mas nós não tínhamos, então, plena consciência disso; o fato, entretanto, era um grande alento para nossos adversários.

Fiquei sabendo, também, através de informes que circulavam há algum tempo, que as relações entre Vichy e a "França Livre" eram tão sólidas, que o Governo de Pétain tinha feito gestões sobre a possibilidade de se refugiar na África. Segundo outros informes, havia a possibilidade de que os círculos chegados ao General de Gaulle se apoderassem, pela força, da pessoa do Marechal e de vários membros do seu governo. Aquela era a situação de então, da qual tínhamos conhecimento há semanas por meio de informes comunicados pelo QGF.

Contudo, ninguém sabia nada sobre o papel que eu deveria desempenhar no assunto. Em consequência, não havia outra coisa a fazer a não ser esperar novas ordens.

No dia seguinte, à tarde, fui a Gare du Nord para receber a minha Companhia. Devo esclarecer que, pelas minhas explicações, tudo parece muito fácil; mas, na época, a realidade era bem diferente.

Como meus homens chegaram completamente equipados, precisei de várias viaturas pesadas para transportá-los. Tudo me fez crer que na França ocupada reinava a famosa burocracia, da mesma forma como na Alemanha. Havia uma grande restrição de gasolina e de viaturas, motivo pelo qual fui de sala em sala passando pelo desagradável tormento da burocracia. Depois de ter recebido a assinatura de seis oficiais do Estado-Maior, e de ter subido e descido a escada do prédio um sem-fim de vezes, consegui ter nas mãos a ordem que punha à minha disposição seis viaturas! Tive que lutar também com os escalões subordinados, que deviam dar-me o prometido, e, finalmente, consegui chegar pontualmente à estação, graças ao fato de eu ter despertado a tempo para agir.

Meus soldados chegaram excitadíssimos, ansiosos para saber dos detalhes da missão. Mas pude dizer-lhes, tão-somente, que devíamos aguardar...

Meu ajudante de então, o Capitão von Fölkersam, chegou a Paris com a companhia, e desde aquele instante me acompanhou em todas as

entrevistas. Foi para mim uma grande ajuda, um bom camarada no verdadeiro sentido da palavra; um homem imprescindível.

Ao anoitecer, disseram-me que eu me preparasse para receber instruções à meia-noite. Como sabia que o trabalho no QGF continuava até altas horas, a ordem não me surpreendeu. Eram aproximadamente duas horas quando, pelo telégrafo, transmitiram-me as seguintes instruções:

A cidade de Vichy deve ser cercada por um cordão de tropas alemãs. A operação deve ser executada com o máximo sigilo. As tropas devem localizar-se de tal forma, que no momento indicado possam cercar completamente a cidade por forma a impedir que alguém saia dela a pé ou em qualquer tipo de viatura. Deverão estar preparadas para atuar quando for transmitida a ordem, em código, com o fim de apoderar-se da cidade e facilitar uma mudança de governo. O comando das tropas será exercido pelo Major Skorzeny, que deve obter do Comando Militar na França das tropas da Polícia de Segurança os meios necessários para levar a cabo a operação. No momento em que as tropas tiverem ocupado suas posições, o QGF deverá ser informado imediatamente.

Lembro com exatidão o código daquela ordem, pela sua originalidade: "O lobo uiva."

O Capitão von Fölkersam lançou-me um olhar que eu imediatamente compreendi. Sabíamos que naquela noite não poderíamos descansar; um grande trabalho nos esperava e devia ser feito com grande rapidez. Estendi diante de nós um mapa de Vichy, que tinha arranjado alguns dias antes, como medida de precaução. Recordei as experiências da campanha francesa de 1940, e pedi a um oficial para providenciar um mapa Michelin número 73, sobre o qual fixamos, em linhas gerais, nossa futura ação.

Devido à grande extensão da área a ser cercada, concluímos que precisávamos de dois batalhões para ocupar todo o terreno; solicitamos ainda um terceiro como reserva.

Como os preparativos não deviam chamar a atenção, concluímos que o bloqueio dos caminhos e das estradas deveria ser feito por forças da Policia de Segurança, encarregadas de manter a ordem, já que sua presença não despertaria tanto a atenção como a nossa. Para a eventual ocupação da cidade devia dispor de uma tropa de elite que pudesse colaborar estreitamento com minha unidade. O Coronel chefe do Estado-Maior da Polícia de Segurança prometeu-nos que, no prazo de quarenta e oito horas, transferiria para Vichy dois batalhões motorizados. No dia seguinte tive a

desagradável surpresa de saber que aqueles dois batalhões estavam sob o comando de um general da Polícia. Mas, de acordo com as ordens recebidas do QGF, que não deixavam margem a dúvidas, o referido oficial-general deveria estar sob as minhas ordens. Não se deve esquecer que eu era um simples Major das SS!

Vi que tal situação podia ocasionar grande número de complicações, mas não exteriorizei meus temores. Devo dizer, entretanto, com prazer, que me equivoquei. O general alojou-se numa pequena casa de campo, a oeste de Vichy. Por duas vezes pude constatar que sua cozinha era tão bonita, que meu "subordinado", o senhor general, não fez outra coisa senão desfrutá-la.

No dia seguinte empenhei-me em convencer a Wehrmacht para pôr à minha disposição uma tropa perfeitamente instruída. Não podia fazer nada com soldados velhos, nem com um batalhão de recrutas como os que estavam para ser designados.

Era indispensável que contasse com veteranos autênticos; com soldados que tivessem experiência de combate. Por outro lado, não podia correr o risco de planejar uma ação com tropas que me eram completamente desconhecidas, uma vez que a referida ação deveria ser feita dentro de poucos dias.

Depois de inúmeras gestões com oficiais do Estado-Maior, ofereceram-me duas companhias, além de mais duas de reserva com panzers pertencentes à nova Divisão das SS, batizada com o nome de Hohenstaufen. Um acaso me fez conhecer o comandante da Divisão, naquele mesmo dia, em Paris. Permitiu-me convencê-lo da grande importância da missão. O general prometeu designar uma tropa selecionada e os dois melhores comandantes de companhia da Divisão. Manteve sua palavra. Alguns dias depois da chegada daquelas duas companhias ao pequeno aeródromo situado ao norte de Vichy, que tinha escolhido para acantonar, vi que podia arriscar-me a atuar com aquela tropa. Sabia, também, que devia contar com os trunfos da surpresa e da velocidade; e que aqueles homens me seguiriam.

Passei o dia seguinte, em Paris, engajado nos últimos preparativos. Solucionei o problema do transporte da tropa, que não era nada fácil.

Como von Fölkersam e eu tínhamos levado trajes civis, pudemos hospedar-nos na própria Vichy. Assim sendo, estivemos no centro dos acontecimentos e pudemos fazer um estudo exato da situação.

À tardinha, precedemos nossos homens, viajando de automóvel. Lembro-me que o referido veículo era um Hotchkiss que a Wehrmacht pôs

à nossa disposição, inclusive com motorista. Não demorou muito para que eu, não podendo resistir à tentação, me pusesse ao volante. Fizemos o percurso a grande velocidade, batemos um recorde digno de uma medalha de ouro com que se recompensava o vencedor das provas automobilísticas dos longínquos e belos tempos de paz. Chegamos ao destino quando já era noite.

Em Vichy, uma surpresa nos aguardava. Na casa onde tínhamos reservadas as acomodações, encontramos reunidos vários cavalheiros alemães da nossa Embaixada. Apesar do adiantado da hora e de estarmos em guerra, não tardou para que nos servissem uma lauta ceia. Percebemos, imediatamente, que o novo destino seria muito agradável. Não havia dúvida que na França vivia-se muito melhor que na Alemanha, onde era obrigatório o prato único no rancho. Certo é que, apesar disso, nunca sentíramos inveja de von Fölkersam, que costumava recordar sarcasticamente:

— O jantar exagerado satisfaz, mas engorda e nos torna preguiçosos.

Sabíamos que não podíamos distrair-nos com estes prazeres, se quiséssemos obter êxito na missão que recebêramos. Apesar disso, alegrei-me pensando nos meus soldados. Poderia aumentar suas rações com algumas melhorias, coisa que era sempre bem recebida pelos jovens comandos, que costumavam ter uma fome de lobo.

No dia seguinte demos uma olhada na cidade. Não precisávamos preocupar-nos com a tropa, pois esta não chegaria antes da noite. É fácil concluir que não estávamos andando como turistas.

Em companhia do nosso anfitrião, um oficial da Polícia de Segurança alemã, que também estava à paisana, estudamos detidamente os prédios ocupados pelo Governo e as suas ruas adjacentes.

O Governo tinha sua sede no maior hotel da cidade, situa do na zona central, que se comunicava por meio de uma passagem coberta, à altura do primeiro andar, com o edifício vizinho.

Aquele passadiço devia ter uma importância decisiva nos nossos planos. Duas fachadas principais do hotel davam para o Parque do Balneário, situado numa grande praça. A primeira coisa que pensamos foi que aquela área serviria para facilitar o avanço da nossa tropa no momento de tomar o citado edifício. Mas vimos espalhadas pela praça algumas construções menores que eram utilizadas, conforme ficamos sabendo, para proteção aos edifícios governamentais. Os soldados franceses que as ocupavam causaram-nos muito boa impressão; não havia dúvida que eram

disciplinados, bem instruídos e comandados. Soubemos, então, que enfrentaríamos uma resistência no caso de não podermos contar com a surpresa, pois os oficiais teriam tempo para dar ordens e distribuir suas forças.

Quando regressei, repentinamente fiquei aborrecido, pois sentira a estupidez que cometera. Vi que nos tínhamos comportado como simples recrutas e não como membros de um comando secreto alemão. Não parecíamos tropas de comandos em véspera de executar uma importantíssima operação! Como pudéramos dar-nos ao luxo de passear pela cidade em companhia de um oficial da Polícia de Segurança que, certamente, era conhecido por todos? Havia, também, a possibilidade de os jornais de Vichy terem publicado uma fotografia do meu marcado rosto!

Tampouco tínhamos agido corretamente ao compartilhar do mesmo teto com um oficial da Polícia.

Ao dar ciência dos meus pensamentos a Florian, nome que dávamos a von Fölkersam no estreito círculo de nossas amizades, lembro que me disse algo que podia servir de lição para o futuro.

— Ainda temos muito que aprender, antes de podermos nos comparar com nosso grande exemplo: os comandos secretos ingleses.

A meu pedido, ajudaram-me naquela mesma tarde a travar conhecimento com alguns senhores alemães que faziam parte de nossos serviços em Vichy. Desejava conhecer suas opiniões sobre a situação do momento e sobre os possíveis planos do governo do Marechal Pétain.

No transcurso da tarde e da noite daquele mesmo dia, visitei quatro deles em companhia de Florian. Mas dessa vez evitei ser acompanhado por alguém que fosse conhecido na cidade.

Um jovem funcionário de nossa embaixada causou-me uma impressão bastante favorável. Deu-nos um informe curto, mas preciso, sobre a situação e pôs à nossa disposição todos os informes que possuía. Não cheguei a conhecer, durante nossa permanência na França, seu chefe, o embaixador Abetz, pois, na ocasião, não estava em Vichy.

Tive a impressão de que nossos diplomatas tinham opiniões diferentes; e que existiam duas tendências, de modo geral, com referência à crise. Alguns opinavam que os franceses não executariam qualquer espécie de ação, e que, assim sendo, nós também não deveríamos agir; outros, mais radicais, acreditavam que o governo de Pétain devia ser transferido para os arredores de Paris, mesmo contra a sua vontade. Segundo estes, tal medida

era necessária, pois só desta forma poderia estar protegido contra um ataque degaullista; além disso, seria mais facilmente vigiado e preservado de um sequestro; e, em tais circunstâncias, o governo poderia ser fortalecido mediante a influência alemã, o que melhoraria as relações que mantinha conosco. Pouco depois fiquei sabendo que o segundo grupo já tinha escolhido um castelo nas proximidades de Paris para pô-lo à disposição do Marechal Pétain.

Eu ignorava qual dos dois grupos tinha maior influência no QGF; tampouco possuía elementos para julgar qual deles possuía maiores razões. Limitei-me a usar o bom senso e considerei que semelhante situação só podia ser resolvida por meio de um acordo entre as duas partes, e que uma intervenção pela força, da parte alemã, só procederia no caso de existir um perigo iminente.

Travamos conhecimento, também, com um tenente-coronel idoso, que falava francês fluentemente e representava o Departamento de Defesa Externa de Berlim. Deu-nos um sem-fim de informações procedentes de fontes muito secretas e menos secretas. Mostrou-nos voluntariamente todos os seus informes e até nos fez uma exposição dos fatos. Muitos daqueles informes tinham sido obtidos por intermédio de indivíduos a soldo, simples mercenários; por outro lado, havia informes procedentes de agentes dignos de toda a confiança que atuavam na região francesa do norte da África. Mas, no conjunto, as informações eram tão contraditórias, que não pude imaginar como nossa central de Berlim podia ter uma ideia exata da situação. As informações que o Almirante Canaris enviava ao QGF só podiam ser fruto de suas conclusões pessoais, sem qualquer base lógica onde pudesse estar apoiado.

Visitamos, igualmente, o chefe da Polícia de Segurança de Vichy, que confirmou minha opinião, isto é, que a situação estava muito longe de ser clara. Declarou-se disposto a me dar um grande número de informes, cuja veracidade, não obstante, era desconhecida. Não podíamos dar muito crédito às confissões obtidas dos agentes secretos da França Livre, que constituíam a base de suas informações. Por duas vezes já tinham sido anunciadas ações que iam ser levadas a cabo contra o governo de Vichy, partindo do norte da África, mas... nunca foram iniciadas! As palavras do meu interlocutor deixavam transparecer que desejava ardentemente que terminasse aquela situação de intranquilidade e acabasse o imenso trabalho que isto ocasionava; desejava desfrutar um período de tranquilidade.

Conhecemos, finalmente, um coronel da Luftwaffe que pertencia à comissão alemã encarregada de zelar pela manutenção da ordem, com sede em Baden-Baden. Era banqueiro de profissão e tinha sido convocado durante a guerra. Tinha conhecimento das relações internacionais, em consequência de suas atividades durante os anos de paz. Disse-nos que era sabedor de muitos boatos, mas não dava grande importância a eles. Sua opinião, segundo nos disse, era:

— O melhor de tudo seria firmar um Tratado de Paz com a França; e, inclusive, com a própria Inglaterra. Assim, todos os problemas ficariam resolvidos... Confesso que sua opinião não me serviu de muito.

Durante as horas utilizadas naquelas longas entrevistas e gestões, não ganhei muito em conhecimentos. As opiniões sobre a situação eram variadas e tinham diversas soluções para o difícil problema.

O conjunto formava um quadro bastante humorístico, com algumas pinceladas de otimismo e um aspecto em branco e preto. Além disso, um aglomerado de sátiras, dignas de um estudo psicológico. Com respeito ao temperamento do meu informante, posso acrescentar ainda que algumas de suas palavras eram fruto de uma convicção total e outras matizadas por inúmeros talvez, se, mas e porventura. Quando eu lhe pedia a idoneidade das fontes de informações, respondia que eram fruto de uma conversa mantida com um secretário francês na mesa de um bar, ou procedentes de uma amiguinha de um oficial de Marinha do séquito do Almirante Darlan; sobre isto era fácil deduzir que a amiguinha não dava grande valor nem à fidelidade nem ao uniforme de seus amantes.

Aqueles dignos cavalheiros prestavam seus serviços de informações de maneira muito peculiar, certamente, e logo transmitiam seus informes aos escalões superiores. Muitas informações chegavam ao QGF através de semelhantes procedimentos. Diante de tal situação, era o caso de perguntar: Como era possível aos escalões superiores formar uma ideia exata sobre a situação através de semelhantes fontes de informações?

E nossa missão dependia daquele grande número de boatos.

Não podíamos ignorar que, se a nossa ação se baseasse em falsas premissas, isto só poderia acarretar graves dificuldades para as relações, vigentes e futuras, entre a França e a Alemanha.

Apesar de tudo, naquela mesma tarde fizemos um grande passeio pela cidade e pudemos constatar que nela reinava o costume tão próprio dos países do Sul, de considerar sagrada a hora da sesta. A cidade parecia morta;

suas ruas estavam desertas. Isto me levou a pensar que no caso de ser determinado um ataque, fixaria como hora H o início da tarde. Em semelhantes circunstâncias era lícito concluir que um batalhão poderia chegar até a sede do governo praticamente sem ser notado.

A distância entre o aeródromo e a cidade era de cinco quilômetros, podendo ser percorrida pelos nossos carros em apenas sete minutos. Nossas instalações estavam, certamente, vigiadas pelo governo de Vichy e pelos agentes da França Livre. Por isso só podíamos contar com dois fatores: a dissimulação e a velocidade, manobrando antes que o inimigo se apercebesse das nossas intenções.

Von Fölkersam e eu trabalhamos com afinco nos planos para a ação, tendo especial cuidado em aperfeiçoar os que diziam respeito ao batalhão de assalto. Determinamos dois tipos de alerta para nossa tropa. Ensaiávamos diariamente uma operação desta natureza, tanto de dia como de noite; em algumas ocasiões a operação terminava com uma pequena marcha motorizada na direção oeste, passando por Charmail, ou então por Saint-Germain de Fosses, ou ainda para o leste, passando por Bost. No regresso, passávamos, uma ou duas vezes, por Vichy, tendo o cuidado de não nos aproximarmos do prédio governamental.

Contudo, nunca fazíamos nossas demonstrações na hora da sesta — horário em que seria levada a efeito a operação.

A esta hora, nossos soldados costumavam permanecer em torno da cozinha de campanha, o que nos facilitava bastante, no caso de precisarmos reuni-los.

Os postos de comando dos dois batalhões da Polícia de Segurança estavam, se não me falha a memória, em Cognat, a oeste de Vichy, e em Bost, a leste da cidade.

Passava o dia inteiro percorrendo os arredores em companhia do Capitão von Fölkersam e do meu competentíssimo oficial de ligação Tenente Ostafel, a fim de inspecionar as oito companhias da Polícia e supervisionar a execução das minhas ordens.

Da cidade de Vichy partiam nada menos de cinco estradas em todas as direções. A isto tinha que se acrescentar que inúmeros caminhos formavam uma densa trama rodoviária muito difícil de ser controlada.

Tanto o mais insignificante caminho, que tinha uma placa com as iniciais IC (chemin d'interêt comun), como os caminhos secundários VO

(chemin vicinal ordinaire), não podiam ser descuidados e tinham que ser incluídos em nossos planos.

As seis companhias dos dois batalhões de Polícia estavam aquarteladas em pequenas localidades, formando um semicírculo em torno da cidade, num raio de oito quilômetros. Dispúnhamos, ainda, de duas companhias reservas que deviam ocupar os onze pontos-chaves das estradas, que partiam da cidade, para que ninguém saísse ou entrasse nelas. A tropa estava totalmente motorizada e preparada para atuar.

As demais companhias da Polícia deviam pôr-se em marcha assim que recebessem a senha e avançar em formação cerrada até Vichy, para estabelecer, em torno dela, um estreito cerco. Contávamos que, com tais movimentos, poderíamos formar um cerco duplo e conseguirmos que nenhum ser vivo pudesse entrar ou sair da cidade sem chamar a atenção.

Durante os primeiros dias limitamo-nos a patrulhar. Os dois homens que estavam de guarda "passeavam", dia e noite, pelas estradas e caminhos das áreas que tinham a missão de controlar. Exigíamos dos transeuntes que mostrassem sua documentação e a dos veículos, o que nos permitia dar uma certa justificativa à presença da tropa. Por meio daquelas simples medidas de precaução, conseguimos que os homens das diversas companhias acabassem por conhecer, palmo a palmo, o setor que lhes correspondia. Para explicar tais medidas, dissemos à tropa que preparávamos uma ação em massa contra agentes inimigos, cujo número aumentava paulatinamente, segundo fontes dignas de crédito, em Vichy e em seus arredores.

O plano de ataque dos dois batalhões de assalto foi aperfeiçoado diariamente, apesar de sabermos que seríamos obrigados a deixar muitos detalhes para serem resolvidos no momento da ação, coisa comum em tais circunstâncias.

Passei horas acordado rolando na cama, pensando em todas as possibilidades que se podiam apresentar. Para ser sincero, devo reconhecer que meus pensamentos nem sempre foram agradáveis. Estava obrigado a enfrentar vários pontos obscuros, estreitamente relacionados com a nova missão. Sentia-me preocupado com o possível êxito da ação. Não podia esquecer que a maior satisfação que tivemos por ocasião da libertação de Mussolini foi o pequeno número de perdas.

À medida que transcorriam aquelas horas, deixava meu pensamento vagar nesse estranho estado que oscila entre a vigília e o sono; não podia esquecer que, por duas vezes na vida, fui forçado a travar conhecimento,

súbita e inesperadamente, com chefes de Estado. A primeira vez foi a 12 de março de 1938, quando, de forma surpreendente, conheci o Presidente da República Federal da Áustria, Miklas. A segunda, a 12 de setembro de 1943, quando aterrissei no Gran Sasso, cumprindo uma missão de guerra, conseguindo executar satisfatoriamente a ordem recebida, aproveitando os fatores favoráveis que surgiram no decorrer dos acontecimentos. Era estranho que sentisse uma grande curiosidade por saber como se desenrolaria meu terceiro encontro com um chefe de Estado, no caso o Marechal Pétain!

Mas... o destino não permitiu que o encontro se efetivasse e retardou meu terceiro conhecimento com um chefe de Estado, até o outono de 1944, quando conheci o Almirante Horthy, Regente da Hungria, em condições intimamente relacionadas com a guerra.

Nossos assíduos passeios pela cidade de Vichy proporcionaram-nos um quadro fiel da situação; e, ao fim de pouco tempo, pudemos traçar um plano preciso para nossa ação. Decidimos que o batalhão de assalto seria o primeiro a adotar a situação de alerta, assim que recebesse a ordem em código "O lobo uiva", que devia ser transmitida pelo QGF.

Os constantes treinamentos permitiram que em menos de dez minutos o batalhão estivesse embarcado nas viaturas e pronto para iniciar a marcha. Tinha a intenção de desencadear o operação, no caso de os acontecimentos permitirem, às 13 h 45 min. O deslocamento até a sede do governo, caso não houvesse dificuldades ou necessidade de combater, seria feito entre oito e dez minutos, de modo que a companhia do centro, a primeira do meu batalhão, o 502º Batalhão de Caçadores, poderia estar pouco depois das 14 horas no cenário dos acontecimentos.

Um pelotão da referida companhia deveria apoderar-se de uma pequena ponte situada sobre um afluente do rio Allier, com a finalidade de mantê-la a todo custo, a fim de facilitar-nos a retirada para o aeródromo. As demais companhias tinham a missão de ocupar militarmente a praça que se estendia em frente aos prédios governamentais, o parque próximo e as ruas adjacentes à área, devendo mantê-las livre de tropas inimigas e, mediante ordem, proteger com o fogo meu Batalhão de Caçadores, enquanto assaltaria os edifícios onde o Governo tinha sua sedo instalada. Dei uma ordem rigorosa ao lembrar da avassaladora surpresa que, em todos os momentos, acompanhou minha ação italiana:

— Aconteça o que acontecer, devemos deixar ao inimigo a iniciativa do primeiro tiro !

A ordem de fogo a ser transmitida à tropa seria dada através de um foguete vermelho disparado por mim ou pelo Capitão von Fölkersam, ou ainda pelo comandante mais antigo das duas companhias de carros de combate que tinham a missão de nos proteger.

Dois grupos de assalto deviam apoderar-se de surpresa, e, caso possível, sem dar um tiro, das duas entradas principais, situadas diante do parque e na estreita rua que passava em frente à sede do governo; deviam também apoderar-se das escadas e do primeiro andar de ambos os prédios. Eu, de minha parte, tinha a intenção de entrar com um terceiro grupo no segundo prédio para tentar chegar ao primeiro andar do outro edifício através do passadiço de comunicação, porque sabia que ali estava localizada a maioria das repartições governamentais.

Não pudemos fazer mais planos. Devíamos deixar o desenrolar dos acontecimentos nas mãos do acaso; ou então esperar para realizar novos projetos em função das ordens que o QGF nos enviasse. Não se pode esquecer que eu ignorava completamente em que circunstâncias seriam transmitidas as referidas ordens. Não sabíamos se devíamos antecipar-nos a um golpe preparado pela França Livre e romper, ao mesmo tempo, todos os laços com os componentes do governo francês que simpatizavam com o General de Gaulle; ou, então, se deveríamos obrigar o Governo de Vichy a transferir-se para o Norte sob a nossa vigilância.

O tempo de espera não foi passado de modo inativo. Em mais de uma ocasião recebemos ordens para permanecer em estado de alerta. Em consequência de tão frequentes ordens, estabeleci o estado de alerta número 1 para meu Batalhão e determinei ao Batalhão de Polícia que intensificasse suas ações de patrulha. Mas não demorava e o QGF dava última forma em suas ordens.

Certa noite, em meados de dezembro, recebemos ordem de alerta ao mesmo tempo em que fui chamado a Paris. Às cinco horas entrei em nosso rapidíssimo automóvel em companhia do Tenente Ostafel e tomei a estrada em direção à capital francesa, passando por Moulins, Necers e Montargis. Nesta ocasião dormi durante a viagem, porque estava ciente do muito que me esperava em Paris, além de ter que regressar à noite do mesmo dia. Chegamos a Paris às dez horas.

Era esperado no comando alemão, da Rua Rivoli, por um representante do Departamento de Defesa Externa que, a seguir, pôs-me em contato telefônico com o Covil do Lobo, localizado em Rastenburg, Prússia Oriental. Um auxiliar de Adolf Hitler comunicou-me que ainda não tinha sido tomada uma decisão definitiva, mas que a ordem seria dada, provavelmente, no decorrer do dia.

Passei as horas de espera em conversas sobre coisas sem importância com vários oficiais. Não queria aumentar, inutilmente, o nervosismo que tomara conta de mim.

Às dezesseis horas voltamos a chamar o QGF, rompendo com isso as normas que nos obrigavam a esperar pacientemente. Sabia que naquela hora realizava-se a conferência do meio-dia (nela fazia-se uma exposição completa da situação militar da jornada) e calculei o tempo que deveria levar esta reunião. Informaram-me que ainda não havia ordens definitivas com respeito à minha missão. Isto me fez pensar, mais uma vez, que a melhor virtude do soldado consiste em saber esperar.

Eram vinte e duas horas, aproximadamente, quando fui chamado por telefone, do Covil do Lobo. Pensei que isto seria para receber as ordens definitivas, mas, em vez disso, disseram-me:

— O Major Skorzeny deve regressar imediatamente a Vichy. O estado de alerta de sua tropa fica adiado até nova ordem.

Apressei-me a chamar Friedenthal, mas meu auxiliar Karl Radl, que nesta ocasião tivera que "permanecer em casa", apesar de contrariado, não foi encontrado. Como ele sabia, por experiência própria, o quanto era desagradável a longa espera, dirigiu-se a Berlim a fim de percorrer os diversos serviços de informações. Apesar do problema de Vichy ser o assunto do dia, não pôde obter qualquer informação de interesse. Constatei que em Berlim as opiniões sobre a França e sobre a crise de Vichy eram contraditórias.

Nenhuma autoridade podia tirar conclusões de todos aqueles rumores e não podíamos esperar que nos dessem uma ordem definitiva.

Falei, por telefone, com o Capitão von Fölkersam para lhe dar minhas ordens e, em seguida, iniciei a viagem de regresso. Uma estranha sensação me dizia que, apesar das circunstâncias, já se chegara a uma solução. Sabia e desconfiava que nossa ação jamais seria levada a efeito.

Ao alvorecer cheguei a Vichy. No decurso dos dias seguintes o QGF transmitiu-nos diversas ordens. A um alerta geral, seguia-se um alerta

número 1.

Decidimos não nos deixar impressionar. Quando participei aos oficiais do Batalhão a opinião de que nunca executaríamos a planejada missão, olharam-me com uma expressão consternada. Os jovens oficiais esperavam a oportunidade de intervir numa segunda "operação Mussolini".

Como todos os preparativos estivessem prontos, pude dar-me ao luxo de dispor do tempo para minha distração. Aceitei vários convites de um jovem funcionário de nossa embaixada, o doutor Schmied, a fim de jantar com ele e sua esposa. Viviam à moda francesa, e me senti muito à vontade nas dependências de sua mansão, situada numa colina ao sul da cidade. Só aqueles que passaram vários meses em campanha podem avaliar o prazer que um soldado sente ao ser recebido numa casa bem cuidada, perfeitamente dirigida por uma senhora consciente dos seus deveres.

A 20 de dezembro de 1943, recebi ordem de suspender todos os preparativos e regressar junto com a minha tropa. Nosso primeiro pensamento foi:

— Se andarmos ligeiro, poderemos ter uma licença durante o Natal!

O vertiginoso tempo com que nos preparamos para iniciar a volta só podia ser comparado ao caso de um alarme. No dia seguinte cheguei a Paris com a minha Companhia, depois de ter-me despedido das outras tropas e determinado que se apresentassem aos seus respectivos comandos.

Uma vez na capital francesa, pudemos dispor de um trem para o transporte de nossos homens, o que se constituiu numa surpresa para todos nós. O Capitão von Fölkersam e eu tomamos o trem noturno para Berlim.

Naquela ocasião, estranhamos não termos ficado desanimados pelo fato de não levarmos a cabo a operação planejada. Por outro lado, chegamos à conclusão de que semelhante ação não traria qualquer benefício à nossa pátria, uma vez que era baseada em boatos bastante confusos e não havia uma diretriz política capaz de determinar as verdadeiras dimensões do problema.

Em Berlim, muito trabalho nos esperava. De minha parte, acariciava a ideia de desfrutar uma breve licença, o que não me fora permitido em 1940. Alegrei-me, de antemão, ao pensar que podia passar minha primeira festa natalina com a minha filha, que atingira a digna idade de três anos!

Terminei meu grande trabalho com o auxílio de Radl e de von Fölkersam. A 23 de dezembro subi no trem que me levaria a Viena, e fiquei alegre, como qualquer soldado, por poder regressar ao lar. Sabia que a

maioria dos soldados passaria as festas natalinas em companhia de suas famílias, o que aumentava a minha alegria. Tínhamos, momentaneamente, um compasso de espera na guerra, se me permitem usar esta frase.

Algumas semanas depois tive ocasião de falar com o General Schmundt, um antigo membro do QGF. Respondeu conscientemente às perguntas que lhe fiz com respeito ao ambiente que reinava no QGF durante a crise de Vichy. As suposições de que a diversidade dos boatos que circulavam a respeito da situação na França tinham impedido uma decisão definitiva foram confirmadas. Fiquei sabendo, inclusive, que Adolf Hitler compartilhava da opinião de que existiam fortes laços de união entre Vichy e o norte da África. Eu lamentava — pois encarava a situação pelo lado alemão — mas não podia negar uma certa compreensão aos patriotas franceses.

Contudo, a confusa situação na França, segundo o ponto de vista do General Schmundt, desempenhava um papel muito importante nas contínuas indecisões surgidas em torno de um Tratado de Paz entre ambos os países. Não dispúnhamos de uma base sólida que nos permitisse dar tão difícil quanto importante passo, pois os governos da França e da Alemanha não compartilhavam dos mesmos pontos de vista sobre a nova organização da Europa.

Um acordo voluntário era difícil de ser alcançado naqueles turbulentos tempos de guerra, e a decisão final ficou pendente.

Infelizmente, a atual situação nos demonstra que ainda estamos muito longe de ter chegado a um acordo coletivo sobre os problemas existentes no continente europeu.*

CAPÍTULO XIX

O Capitão von Fölkersam — O 502º Batalhão de Caçadores — Seção de armas especiais — Homens-rãs — Unidades de operações especiais da Marinha de Guerra — Torpedo humano "negro" — Cabeça-de-ponte em Anzio — Pequena ofensiva — Indícios da invasão — Incompreensão do oficial da seção — Hanna Reitsch — Autosacrifício? — V-1 tripulada — A

ideia torna-se realidade — O Marechal-de-Campo Milch disse sim — Burocracia enganada — Uma mulher ousa — "Maravilhoso" — Demasiado tarde — Schellenberg, o sucessor de Canaris — Caçador em noite deserta — "Gentleman's Agreement".

O Comando Supremo da Marinha de Guerra convidara-me, no Natal de 1943, para comparecer a um local de repouso para tripulações de submarinos. Durante oito dias estivemos esquiando em Zurique, junto à montanha de Ari, com boa neve. Enquanto isso, em Friedenthal realizava-se um trabalho preparatório para uma colossal guerra de papel, e ao regressar comecei uma tarefa nas seções do Comando Supremo das Waffen-SS. Em nossa pátria todas as unidades militares precisavam dispor de seus KStN e KAN. Para os leitores que não gostam de abreviaturas, damos seus significados: Comprovação de Eficiência de Guerra e Comprovação de Equipes de Guerra. Constituíam grossos cadernos destinados ao uso de todas as companhias.

Meu bom Capitão von Fölkersam — que fora promovido — e eu propusemo-nos a criar também em nossa Unidade os correspondentes KStN e KAN e fazer com que isto fosse autorizado; com nossa pequena experiência de subordinados, acreditávamos então que a obtenção de material e o recrutamento de pessoal seriam obtidos facilmente. Depois de uma espera de algumas semanas, e frequentes discussões, quando eu tinha que lutar para conseguir cada homem, cada pistola e cada viatura, atingimos a nossa meta. Tínhamos que obter as autorizações e esperávamos, finalmente, a recompensa por um trabalho estafante.

Aquele dia representou para Fölkersam — como para mim e para todos os meus colaboradores — uma grande desilusão: a KStN e a KAN foram autorizadas e determinou-se oficialmente a criação do 502º Batalhão de Caçadores. O Major da Reserva Otto Skorzeny assumiu o comando do Batalhão. A frase final escrita na autorização ficou bem gravada na minha memória. Ficamos profundamente chocados, e não sabíamos se deveríamos rir pela aparente brincadeira de mau gosto ou maldizer o mundo inteiro. Dizia assim: "Contudo, o Comando Supremo das Waffen-SS chama, expressamente, a atenção sobre o fato de que não se deve contar com qualquer recebimento de material ou de pessoal."

Tínhamos em mãos, portanto, apenas um pedaço de papel sem importância. Depois de enfrentarmos o primeiro desgosto, nosso antigo grito de guerra "fácil para nós" devolveu-nos o bom humor e fizemos um minucioso estudo de situação. Tomamos duas decisões: primeiro, tratar de compreender o engano da referida frase; segundo, escolher o quanto antes uma base mais ampla, isto é, a Wehrmacht inteira como fonte de recrutamento. Este foi o motivo pelo qual, mais tarde, havia em minhas unidades representantes das quatro forças singulares da Wehrmacht: Exército, Marinha, Força Aérea e Waffen-SS.

De forma um tanto divertida consegui que colaborasse comigo meu futuro IA (oficial de informações), naquela ocasião. Tenente Werner Hunke. O departamento "Extremo Oriente" da 6ª Seção procurava um bom chefe para a "Seção China". Após complicadas buscas, soube-se que numa Divisão estacionada na Finlândia existia um homem com as qualificações desejadas. Depois de inúmeras gestões e uma papelada enorme, o especialista em assuntos chineses, Werner Hunke, foi transferido para a 6ª Seção, a fim de se dedicar ao serviço de informação política. Para espanto de todos descobriu-se: primeiro, que Hunke nascera na China, mas abandonou o país dos mandarins quando tinha a idade de um ano e meio; segundo, que não tinha o menor interesse em se dedicar ao serviço de informações. Conheci-o e gostei muito dele. Neste mesmo dia foi transferido, como comandante de companhia, para o 502º Batalhão de Caçadores; recebeu logo um apelido de autêntico sabor chinês: "Ping-Fu".

Em fevereiro de 1944, minha Unidade foi acrescida de uma nova seção que se denominou "armas especiais". Depois que a Itália, novamente sob a direção de Mussolini, seguiu lutando a nosso lado, estreitaram-se as relações entre as Forças Armadas da Alemanha e da Itália. Tivemos conhecimento, através do serviço de informações alemão, da atividade de uma das melhores unidades italianas, a "X Flotilha MAS", que estava sob o comando do Príncipe Valério Borghese, membro de uma das mais aristocráticas famílias italianas.

Essa unidade tinha desenvolvido vários dos chamados meios de combate especial para emprego no mar. Contava, entre outros meios, com pequenas embarcações explosivas, cujo piloto, pouco antes de atingir o objetivo, era lançado juntamente com seu assento para fora da embarcação. Havia, também, um torpedo especial, no qual dois homens podiam sentar-se e dirigi-lo, sob a água, contra o navio inimigo. Bravos comandos italianos já

tinham realizado, com essa arma, dois ataques muito comentados nos portos de Alexandria e Gibraltar. Havia, também, na "X Flotilha MAS" uma unidade de homens-rãs que, mergulhando, podiam alcançar um navio inimigo e aderir nele uma carga explosiva. Este estratagema foi melhorado com o invento de dois sargentos austríacos, Hass e N., meus conhecidos de antes da guerra, desde os tempos de estudantes. Esse invento eram os "pés de pato" que, além de aumentarem a velocidade do nadador, permitiam uma considerável economia de energia física. O Capitão alemão H., da 2ª Seção da Abwehr, afundara, sozinho, mais de 50.000 toneladas de navios mercantes inimigos.

Certo dia recebi ordem para me apresentar ao Vice-almirante Heye; um homem baixo, muito vivo e de aproximadamente cinquenta anos. Comandava as recém-criadas unidades de ações especiais da Marinha de Guerra (KdK). Alguns elementos selecionados do meu Batalhão deviam participar do treinamento dessas unidades.

As ideias básicas, expostas pelo Almirante, com o qual estabeleci ótimas relações de trabalho e em quem depositei toda a confiança, eram bastante convincentes e me impressionaram favoravelmente. A Marinha alemã, excetuando os submarinos, as unidades de lanchas rápidas e caça-minas, não tinha qualquer possibilidade de agir frente a grandes formações, nem de atacar as frotas inimigas na guerra marítima. Somente as missões de transporte de pessoal e de suprimentos ficaram a seu cargo. Havia muitos soldados e oficiais da Marinha cuja energia e espírito militar eram tão fortes, que podiam receber missões de qualquer natureza.

Partindo das experiências dos italianos, o Almirante Heye e seus colaboradores criaram em poucos meses novas e eficientes armas especiais. A ideia básica era aproveitar o existente e, na medida do possível, aperfeiçoá-lo. Tudo devia ser realizado com a máxima rapidez, pois sabíamos o quanto significava para nós a perda de tempo. Aproximava-se o fim da guerra. Havia na Alemanha muitos homens dispostos ao sacrifício e à participação voluntária em empresas perigosas e frequentemente solitárias. Todos queriam lutar para a vitória alemã. Não era, por acaso, fascinante para qualquer homem valente atacar, junto com alguns companheiros, os potentes barcos inimigos? O pessoal da Marinha utilizava torpedos normais para formar o torpedo tripulado, cujo nome-código era "Negro", com um alcance de 10 milhas marítimas aproximadamente. Era formado de 2 torpedos sobrepostos. Do primeiro, retirava-se a carga

explosiva, substituindo-a por uma cúpula de vidro e um volante para dirigi-lo. O segundo era carregado normalmente.

Os primeiros torpedos tripulados representaram uma arma bastante rudimentar e imperfeita. Mas a nossa confiança em surpreender o inimigo estava plenamente justificada. Simultaneamente começaram a ser aperfeiçoados e em poucos meses foram construídos torpedos tripulados, capazes de submergir como um submarino de pequeno tamanho.

O primeiro ataque com esta nova arma, do qual participaram alguns homens do meu Batalhão, constituiu-se num sucesso total. Na madrugada de um dia de verão, em 1944, vinte homens das unidades de operações especiais colocaram na água as suas embarcações, na parte norte da cabeça-de-ponte aliada, perto de Anzio (Itália). Sem serem vistos, deslocaram-se para os seus objetivos, navios de guerra e de transporte ancorados, e soltaram o torpedo inferior. Alguns segundos mais tarde ouviram-se explosões e a formação de navios saiu bruscamente de sua tranquilidade. Resultado: um cruzador avariado, uma lancha torpedeira afundada e mais de 30.000 toneladas de navios de transporte afundados ou avariados. Tudo isto foi obra de um pequeno grupo de audazes soldados. Sete homens voltaram em seguida com seus torpedos e outros seis dirigiram-se à cabeça-de-ponte inimiga. Nas noites seguintes regressaram às nossas linhas arrastando-se entre as posições inimigas. Sete soldados encontraram seu túmulo no mar. Diversas missões, posteriormente, obtiveram pequenos sucessos no mar Mediterrâneo e na costa do canal. O inimigo, naturalmente, acabou por descobrir a fragilidade das pequenas cúpulas de vidro dos torpedos tripulados e o perigo que significavam. Quando viam as cúpulas, abriam fogo sobre elas com todas as suas baterias. Em consequência disso, passamos a empregar um truque: à noite, eram lançadas de avião algumas cúpulas de vidro vazias, de acordo com o vento e as correntes marítimas, a fim de ficarem flutuando. Um cerrado fogo inimigo, imediatamente, era concentrado sobre as inofensivas cúpulas. Enquanto isso aproximavam-se silenciosamente, de outra direção, os perigosos torpedos tripulados.

Os participantes que sobreviveram ao ataque de Anzio foram conduzidos ao quartel-general do grande Almirante Dönitz para receberem ali suas merecidas condecorações. Foi um gesto nobre do grande Almirante o fato de ter-me convidado pessoalmente para assistir à festa, dada em honra dos componentes do meu Batalhão. Todos os soldados da Marinha que participaram do ataque foram, depois, meus hóspedes em Friedenthal.

Organizou-se uma festa de confraternização, tão alegre e cordial como as que são realizadas entre velhos e autênticos lobos do mar.

Não é meu propósito descrever aqui todas as armas e ações das unidades especiais da Marinha de Guerra. Quero apenas expor alguns fatos, já que, na qualidade de técnico, sentia grande admiração por todas as ideias novas e via no emprego dessas armas uma possibilidade de acabar, em alguns lugares, com a passividade da guerra defensiva. E só o fato de tais operações especiais e inesperadas serem efetuadas por alguns soldados alemães era o suficiente para infundir nos aliados certa intranquilidade em todas as frentes. Uma consequência imediata, por exemplo, poderia ter sido a paralisação de algumas tropas que já não estavam total e exclusivamente disponíveis para ações ofensivas.

Pois se um inimigo consegue arrancar do seu sistema de combate — que há vários meses era puramente defensivo — a força e a tenacidade para realizar alguns ataques, isto representa ao adversário um sinal de que a vontade de combater ainda não se extinguiu e que, portanto, não cabe desprezar seu valor combativo. Nossas lanchas explosivas, que representavam um notável aperfeiçoamento sobre a construção italiana, atuavam com o nome-código "Linsen". Adotaram-se as instalações eletrônicas de controle remoto, já fabricadas para os pequenos aparelhos explosivos "Goliath", que tornaram possível dirigir duas lanchas explosivas sem tripulação, de outra lancha tripulada. Foi também tecnicamente perfeita a solução encontrada para a carga explosiva que, uma vez chegada ao objetivo, afundava e explodia a uma profundidade determinada. Com isto, o efeito destruidor era aumentado várias vezes, ocasionando ao barco inimigo uma ruptura no casco, de efeitos quase sempre aniquiladores. Com as "Linsen", também, foram realizadas várias ações no mar Mediterrâneo e no local da invasão, que não foram conhecidas pelo público.

Outra arma especial eram os submarinos de bolso (ou anões) utilizados anteriormente pelos japoneses e numa ocasião pelos ingleses na Noruega. Havia vários modelos com os quais também se realizaram alguns ataques, até o fim da guerra, com graves perdas para nós.

Na primavera de 1944 todos tecíamos considerações sobre a inevitável invasão do continente europeu. Em maio de 1944, vi fotografias aéreas dos portos do sudeste da Inglaterra e participei dos vaticínios ou conjeturas quando se constatou pela primeira vez, nas fotos, a existência de grandes fileiras de delgados retângulos colocados um ao lado do outro. Só depois de

algum tempo chegou-se a aceitar como válida a teoria de que se tratavam de ancoradouros artificiais transportáveis, destinados à invasão.

Era lógico que meu estado-maior se preocupasse com a forma de impedir que o inimigo carreasse meios na invasão que se aproximava. Pedi, inicialmente, ao Almirante Heye que me informasse acerca das opiniões do Alto Comando Naval, quanto ao lugar onde podia ocorrer a invasão, sob o ponto de vista da Marinha. Deram-me uma lista contendo dez locais da costa, na península de Cherburgo, com detalhes exatos das possíveis zonas de desembarque que constavam como mais prováveis. Esta previsão, cuja exatidão foi demonstrada mais tarde, certamente fora difundida para todos os escalões.

O Capitão von Fölkersam trabalhava então sob as minhas ordens como chefe do meu estado-maior num programa que devia ser realizado simultaneamente nas supostas zonas de desembarque. Estávamos dispostos a transportar logo algumas unidades de KdK aos setores costeiros que estavam em perigo e preparar a luta contra quartéis-generais e centros de comunicações inimigos. Tínhamos pensado em empregar cargas explosivas que poderíamos acionar a qualquer momento do desembarque, por meio de novos aparelhos de rádio, dos nossos próprios aviões.

Seguindo os canais competentes, este plano tinha que ser apresentado ao Alto Comando do Oeste, para sua aprovação. Depois de várias gestões, obtivemos a resposta do ocupadíssimo gabinete de Paris. Reconheciam que no fundo nosso plano era bom e exequível. A seguir, o grande "mas", que culminava com a negativa, e que trato de reproduzir o mais fielmente possível: "É provável que os trabalhos preparatórios necessários para seu plano não possam ser mantidos em completo segredo para as tropas de ocupação alemãs estacionadas na costa. Os preparativos correspondentes poderiam destruir, nas referidas tropas, a crença na absoluta impenetrabilidade do muro do Atlântico. Por este motivo, a autorização para o plano deve ser denegada." A seguir, aparecia uma assinatura ilegível. Creio que semelhante fundamentação não seja hoje considerada como autêntica, nem se quer que ela seja. Talvez, atrás de tudo existissem outros motivos. Mas, justamente por isto, exponho-o aqui. A fim de ser melhor compreendido, quero deixar bem claro nunca ter acreditado que a execução dos nossos planos fizesse fracassar o desembarque. Mas, por acaso, não é lícito pensar que outros planos, feitos por subordinados, foram relegados por motivos semelhantes? Sabíamos que a futura operação de desembarque

implicaria na decisão final da guerra, e que ali devia ser feito todo o esforço.

Que utilidade podia ter, depois, o desesperado valor de alguns marinheiros do Almirante Heye, que atuaram junto ao Havre nas mais duras circunstâncias, e quase demasiado tarde? Que utilidade podia ter a ação de alguns heróis anônimos irem conscientemente além do limite de suas armas especiais, para chegarem ao inimigo, e, por vontade própria, renunciarem ao regresso, expondo-se a uma morte quase certa?

Tínhamos realizado um grande esforço para implantar também na Luftwaffe o uso das novas armas especiais. Os planos correspondentes deviam ser implantados no 200º Esquadrão de Combate. Um grupo de homens, sob o comando do Tenente Lange, empenhava-se ativamente nesta empresa. Tentavam, inclusive, ir mais longe, manifestando-se dispostos a voar, com o próprio sacrifício de suas vidas, numa bomba voadora contra objetivos importantes, e mesmo contra navios.

Estes homens eram considerados por muitos como loucos ou, no mínimo, como fanáticos. Poder-se-ia pensar que uma pessoa normal fosse capaz de se apresentar voluntariamente para a morte? Não seria ir demasiado longe no sacrifício pela pátria? Seria isto compatível com a mentalidade do alemão, que em última instância é um europeu? Quando ouvi falar, pela primeira vez, desses planos, pensei desta forma. Também fiquei sabendo — na primavera de 1944 — que Adolf Hitler não estava de acordo com tais planos.

Segundo me disseram, sua opinião era de que o sacrifício da própria vida, desta forma, não se coadunava com o caráter da raça branca, nem com a mentalidade alemã. Os voos da morte dos japoneses não podiam ser imitados por nós.

Mas logo demonstrou-se que não era exatamente assim. Aconselharam-me a falar sobre o assunto com a famosa aviadora alemã Hanna Reitsch. Aceitei o conselho com prazer, pois tinha interesse em conhecer a mulher que atuava, há vários anos, com a valentia de um homem, nas provas dos novos modelos de aviões. Fiquei maravilhado, principalmente, pelo fato de haver, como mulher, participado de voos em aviões de caça, a jato, mais rápidos e modernos, e por estar, apesar de ter sofrido um grave acidente, dois anos antes, outra vez em plena atividade. Naquela tarde estive frente a uma mulher pequena e delicada num local destinado aos aviadores. Seu rosto mostrava as marcas do acidente, e seus grandes olhos vivos e azuis me

observavam com atitude crítica. Expunha aberta e sinceramente seus pensamentos. Não só aceitava as teorias de Lange, sem reservas, como estava pronta para atuar conforme essas teorias.

— Não somos loucos, para arriscar a vida sem motivo — disse com energia — somos alemães, que amamos ardentemente a nossa pátria, que damos pouco valor à vida, ante o bem e a felicidade da nação. Por isso estamos dispostos a morrer se assim a pátria o exigir.

Compreendi este idealismo. O soldado, na frente de combate, também punha a sua vida em jogo, a cada hora e a cada dia; mas, raras vezes, acreditava que não tivesse uma possibilidade de sobreviver. Então compreendi Hanna Reitsch, a mulher que lutava pela Alemanha com um ardor intenso, o Tenente Lange e muitos outros que estavam dispostos a utilizar semelhante tática sem pensar em condecorações ou em ganhar fama. Apesar disso, acreditava que era preciso modificar o emprego dessas armas.

A princípio fomos obrigados, pela premência de tempo, a trilhar o caminho indicado por Lange. Ao mesmo tempo, tínhamos que procurar uma solução que proporcionasse ao piloto uma possibilidade mínima de salvar sua vida. Ficou provado que a vontade de atuar da maioria dos pilotos voluntários aumentava quando possuíam um por cento de possibilidade de sobreviver. Isto era verdadeiro, também, para outros tipos de armas; e havia milhares de voluntários para comandos celestes.

Contudo, o progresso das provas, no 200º Esquadrão de Combate, que estava sob o comando de Coronel Heigl, não se desenvolvia no ritmo desejado. Eu observava todas as fases com muita atenção, pois o assunto relacionava-se com a minha ideia. Queria aumentar a possibilidade de êxito das unidades de operações especiais da Marinha de Guerra por meio de uma atuação simultânea de armas especiais utilizadas no ar. A simultaneidade dos ataques devia destruir a defesa do inimigo e, com isso, diminuir nossas baixas. Outra ideia fundamental da Marinha, a de transformar armas existentes para uma ação especial, em princípio, parecia não poder ser aplicada na Luftwaffe.

Uma visita ocasional a Peenemünde deu-me uma ideia. Juntamente com um tenente-coronel da Luftwaffe tinha voado num avião Bücker-Jungmann a Usedom, uma ilha no mar Báltico. Queria ver os campos de provas da V-1 e de outras armas secretas. Não acreditei que naquela ocasião me tivessem mostrado tudo o que estava em desenvolvimento; mas o que pude ver foi o suficiente. Ali, realmente, estavam em fase de provas novos tipos de armas

de represália. Quando estudei melhor a V-1 e vi um lançamento de rampa, pensei que aqueles foguetes podiam ser tripulados de forma semelhante aos torpedos. Pedi alguns dados referentes ao peso, ao combustível, ao explosivo e aos instrumentos de navegação. Eu não era engenheiro de aviação, mas comecei a estudar a V-1 a fim de adquirir conhecimentos o mais rápido possível. Durante o voo de regresso, que para minha satisfação pessoal fiz ajudando a pilotar o avião, continuei pensando no assunto. Aterrissamos no aeroporto da fábrica Heinkel, em Berlim. Ao ver Radl, que me esperava, gritei-lhe de longe:

— Esta noite vai fazer calor; não haverá tempo para dormir — disse-lhe gracejando.

Efetivamente, conseguimos convidar os cavalheiros escolhidos para aquela noite, a fim de realizarmos uma reunião de trabalho, junto ao Lago Wann, numa hospedaria em que funcionava a 6ª Seção. Eram nossos convidados: o construtor da V-1, senhor L., e um engenheiro da casa Fieseler, o engenheiro diplomado F., o comandante do 200º Esquadrão, o engenheiro do Estado-Maior K. do Ministério da Aviação do Reich (RLM) e alguns outros técnicos de aviação. Consegui fazer com que aqueles homens ficassem interessados na minha ideia. Folhas de papel de desenho foram rapidamente estendidas no chão e alguns homens de uniforme estavam ali, deitados, desenhando e enchendo os papéis com os mais diversos cálculos. Ninguém olhava o relógio e esquecemos o tempo. Ao amanhecer, às cinco horas, tínhamos terminado. Os técnicos me asseguraram que o projeto da V-1 tripulada era exequível e podia ser feito com um dispêndio mínimo de tempo e de trabalho. Quando estávamos reunidos em torno de uma garrafa de vinho e bebendo pelo êxito do trabalho, nossos rostos tornaram-se repentinamente sérios; lembramos que devíamos contar com as maiores dificuldades burocráticas por parte do Ministério da Aviação. Eliminar a burocracia era o principal e o que mais nos preocupava.

Consegui vencer o primeiro obstáculo valendo-me de um expediente, pelo qual fui perdoado em atenção à minha boa vontade. Tratava-se de obter a autorização do Marechal Milch, a quem ainda não conhecia pessoalmente. A pretexto de um assunto urgentíssimo solicitei, no gabinete de seu ajudante, uma entrevista rápida, que foi fixada para o dia seguinte. Cheio de esperanças, entrei na bonita sala de trabalho e fui recebido amavelmente pelo marechal.

O assunto agora é sério — pensava — a introdução deve ser decisiva. Com meus papéis e os projetos do nosso trabalho noturno nas mãos — a papelada devia ter um aspecto imponente — comecei dizendo:

— Senhor marechal, venho apresentar-lhe um projeto conhecido do Führer e cujo desenvolvimento acompanha com o máximo de atenção. À medida que o tempo for transcorrendo, informá-lo-ei dos seus progressos.

Isto era uma fanfarronada e foi preciso um grande esforço para que eu não me deixasse trair. Não demorou para que eu obtivesse autorização a fim de reunir uma comissão de técnicos competentes para desenvolver o projeto. Conforme supúnhamos, dentro de pouco tempo, oficiais superiores do RLM dariam a decisão definitiva.

Tinha um grande auxiliar: o General de Engenharia Hermann. Depois de uma longa explicação, convenci-o da viabilidade do meu plano e fui com ele à reunião da comissão. Para minha surpresa essa reunião era presidida por um Almirante, que possuía um cavanhaque branco, que subia e descia alternadamente durante suas longas explicações. Infelizmente, remontou-se quase à época da arca de Noé e depois de duas horas a sua interessante exposição ainda era sobre as batalhas navais da Primeira Guerra Mundial. Só depois de algum esforço conjunto conseguimos fazer com que o objetivo da reunião fosse focalizado. Apresentaram-se algumas ideias a favor do projeto, mas houve maior número de ideias contrárias. As explicações do engenheiro do Estado-Maior K., que apresentou planos e cálculos completos, apoiadas pelo General Hermann, foram decisivas. Finalmente, expus o projeto que eu tinha inventado e a respeito do qual no mesmo dia tinha que informar ao Führer. No dia seguinte, deviam ser tomadas decisões numa reunião mais ampla, sob a presidência do Marechal Milch.

O ambiente no RLM era imponente. Primeiro devia falar-se, como é natural, um pouco sobre pró e muito sobre contra.

A princípio, o problema de pessoal parecia ser a grande dificuldade para o meu projeto, pois necessitava de engenheiros e de pessoal especializado.

A este respeito, entretanto, procurei informar-me com antecedência. Ainda que a situação fosse muito favorável ao projeto, na realidade eu estava muito impressionado por um fato que desconhecia até então: no verão de 1944, no momento cruciante da guerra, que se refletia, entre outras coisas, pelos ataques aéreos dos aliados, cada vez mais intensos, uma grande parte da indústria aeronáutica da Alemanha não tinha muito trabalho, além de haver uma grande diversidade de programas. Lancei

aquela informação por alto, já que não queria fazer reprovações diretas. Limitei-me, além disso, a dizer que os três engenheiros e quinze operários qualificados que eu necessitava podiam trabalhar no meu projeto sem prejuízo do serviço na casa Hentschel.

Havia nesta casa uma sala de montagem, vazia, da qual poderíamos dispor. Com este argumento final o projeto foi autorizado por unanimidade na assembléia.

A seguir, numa conversa de caráter predominantemente técnico, perguntaram-me quanto tempo necessitaria para realizar a primeira prova de uma V-1 tripulada. Com base nos dados que os técnicos me tinham fornecido, dei a resposta instantaneamente:

— Dentro de quatro semanas aproximadamente espero realizar os primeiros voos de prova.

Quase todos os presentes sorriram demonstrando incredulidade. Um general da Luftwaffe resumiu a opinião da maioria:

— Meu querido Skorzeny, respeitamos seu otimismo; mas nós, técnicos e baseados em nossas experiências, só podemos dizer que passarão três ou quatro meses até que isso seja possível.

Este comentário, incisivo e depreciativo, não me tirou o ânimo. Pelo contrário, ferira meu amor próprio de técnico. Agiria, agora, com maior rapidez. Tínhamos combinado com os engenheiros, com os quais organizamos essa pequena empresa, fazê-la andar com a maior rapidez possível. Como se tratava de uma verdadeira comunidade, os rendimentos alcançados podiam ser grandes. Para a manutenção do sigilo e a fim de que o projeto avançasse o mais rápido possível, todos os colaboradores comprometeram-se a manter uma espécie de clausura.

Junto à grande sala de trabalho e às oficinas de construção uma outra sala servia de dormitório conjunto para engenheiros e trabalhadores. Após dois dias, nossa empresa já estava apresentando resultados.

Havia mais uma pessoa que se alegrava muito pelo meu primeiro e rápido êxito contra a burocracia: Hanna Reitsch.

Após ter falado com o General Hermann, na reunião decisiva do RLM, encontrei-me com ela. Irradiava alegria pelo resultado do qual já tinha notícias; quase lançou-se ao meu colo e felicitou-me com seu peculiar entusiasmo. Só então soube que, antes de mim, outra pessoa imaginara tripular uma V-1. Esta pessoa chamava-se Hanna Reitsch, que tentara fazer

isso, sem êxito, três meses antes. Sua admiração foi sincera ao saber que eu tivera a mesma ideia que ela.

— Estou contigo de corpo e alma e te ajudarei em tudo — disse-me.

Conforme o previsto, pedi autorização para o voo. O incrível tornou-se realidade; em quinze dias, e não em quatro semanas, trabalhando em jornadas de quinze horas, conseguimos o nosso intento. As três primeiras máquinas estavam prontas para decolar num campo de provas perto de Rechlin, onde os novos aviões a jato realizavam seus últimos voos de prova. Num ensolarado dia de verão, encontrei Hanna Reitsch disposta a voar comigo em seu Bücker-Jungmann particular. O espaço aéreo da Alemanha, nessa ocasião, convertera-se, durante o dia, num campo de caça dos aparelhos inimigos, motivo pelo qual devíamos voar o mais baixo possível e saltar valas, como se diz entre os aviadores.

Hanna Reitsch parecia transformada quando dentro do avião. Muito concentrada na decolagem, demonstrava segurança e tranquilidade manejando com sua mão de mulher aquele aparelho.

Não acreditei nos meus ouvidos quando a ouvi cantando com toda força dos pulmões. Conhecia perfeitamente as canções populares de sua terra, a Silésia.

Embora o avião fosse de duplo comando, no meu lado faltava o manche. Com um gesto rápido coloquei no local a manivela de partida, e depois de situar os pedais à distância máxima, passei a pilotar o avião. Sentia-me orgulhoso em poder transportar uma das melhores aviadoras do mundo, e Hanna parecia estar muito à vontade, pois continuou cantando, sem preocupar-se, e inclusive não protestou quando fumei um cigarro. Pensava, intimamente, na desagradável surpresa que a Marinha inimiga teria quando de repente uma V-1 — que não voava tão inocentemente como no Canal da Mancha, em direção à Inglaterra — fosse lançada sobre um navio. Pensariam, inicialmente, que se tratava de uma casualidade?

Quando chegamos a Rechlin, tudo estava pronto para a decolagem. A V-1 amarrada sob o HE-111.

Uma vez mais inspecionou-se o motor e foi dada ordem de decolagem. Nós, simples espectadores, ficamos apreensivos com o que iria acontecer. Quando alguma coisa acontece pela primeira vez, a tensão estende-se inclusive às pessoas não participantes, como aconteceu naquele dia. Todo o pessoal do aeroporto, que tantas vezes fora testemunha de provas, olhava para cima com grande expectativa. Do aparelho "mãe" desprendia-se a V-1,

que parecia um avião de brinquedo. Notava-se a rapidíssima velocidade de seiscentos quilômetros por hora, contra trezentos aproximadamente do HE-111. A mil metros de altura, mais ou menos, o piloto da V-1 descreveu amplas curvas. Conforme nos parecia, tudo corria muito bem. O piloto diminuiu visivelmente a velocidade do reator e desceu para aterrissar. Sobrevoou o aeroporto, a uns cinquenta metros de altura, em direção contrária à do vento.

— Meu Deus! — pensamos — ainda está com muita velocidade. Esperamos que não lhe aconteça nada!

Aproximou-se pela segunda vez e pensamos que agora iria aterrissar; estava a três metros do solo e, repentinamente, ganhou altura.

— Será que o piloto está com medo? — perguntamo-nos, enquanto aumentava a nossa intranquilidade.

Os acontecimentos se precipitaram. A V-1, em sua terceira aproximação, roçou a copa de uma árvore e desapareceu atrás de uma colina. Uma densa nuvem de poeira indicou-nos que ocorrera um acidente.

Embarquei rapidamente numa viatura, junto com dois enfermeiros, e nos dirigimos através do campo, a toda velocidade, para o local do acidente. Vimos de longe os destroços do aparelho; uma asa aqui, outra acolá. Graças a Deus não houve incêndio! A uns dez metros da fuselagem encontramos o piloto. Movia-se; caso tivesse acionado a cabina de plexiglass, teria sido lançado fora do aparelho. Estava inconsciente e foi levado imediatamente para o hospital. Podíamos fazer apenas suposições, tendo em vista os rastos deixados no chão. O piloto, ao que parece, tentara uma aterrissagem forçada sobre o campo. Por quê? Os técnicos examinaram com bastante cuidado todos os destroços encontrados. Não se constatou qualquer erro. Decidimos realizar, no dia seguinte, uma nova prova. O segundo piloto também estava pronto. E aconteceu novamente a mesma coisa. A V-1 saiu. Desta vez o voo foi mais prolongado do que no dia anterior e, ao descer para a aterrissagem, não chegou a tocar na pista. Outro choque ocorreu próximo do local anterior. O piloto ficou gravemente ferido e inconsciente. Ficamos muito pesarosos. Hanna mal podia conter as lágrimas. Teriam razão os especialistas do RLM? Teríamos trabalhado com demasiada precipitação?

O Ministério comunicou-me que, de acordo com ordens recebidas, todas as provas ficavam terminantemente proibidas. Uma nova comissão voltou a estudar o caso para tomar logo uma decisão. Eu tinha verdadeiro horror a tais comissões. Sabia que transcorreriam várias semanas para que alguma

coisa fosse decidida. Além disso, entristecia-me pelo ocorrido com os acidentados. As investigações falavam de vibrações nos comandos, mas não conseguiam encontrar a verdadeira causa dos acidentes.

Uma semana depois, Hanna Reitsch chegou acompanhada pelo engenheiro que dirigia a construção e pelo engenheiro do Estado-Maior da RLM. Eu esperava, na realidade, más notícias. Fiquei surpreendido com as explicações de Hanna: os três estavam certos de terem encontrado a causa dos acidentes. Um exame das fichas dos dois pilotos permitiu que se constatasse que eles nunca tinham voado num avião verdadeiramente veloz. Para dominar a grande velocidade de tão pequeno aparelho, era preciso muita experiência. Os três estavam convencidos de que não havia qualquer erro de construção. Como prova disto ofereceram-se para pilotar os aparelhos que já estavam construídos. Havia apenas um obstáculo: o RLM mantinha a proibição e contra isto não se podia fazer nada.

Não queriam dar-se por vencidos, caso eu estivesse de acordo.

O que fazer então?

— Hanna — disse-lhe — se acontecer alguma coisa contigo, o Führer, pessoalmente, corta o meu pescoço.

Assediaram-me de todos os lados e acabei rendendo-me diante dos seus argumentos quando apelaram para o dito: "Todo soldado deve assumir, em caso de necessidade, a responsabilidade de agir inclusive contra uma ordem."

Dei o meu consentimento. O comandante do aeroporto deveria ser surpreendido e assediado. Devíamos explicar-lhe que tínhamos recebido autorização verbal para as novas provas.

Meu coração nunca batera tão forte quanto, no dia seguinte, no momento em que a cabina de plástico fechou-se sobre Hanna Reitsch e os motores começaram a roncar. A decolagem e o desprendimento da V-1 foram perfeitos. Que maravilha, como voava a moça! A sua perícia podia ser constatada pelas curvas suaves que descrevia. Desceu a terrível velocidade! Eu suava. Desejava-lhe sorte com todas as minhas forças. De repente, vimos uma nuvem de poeira sobre a pista de aterrissagem.

Pudemos tirar do assento uma Hanna feliz.

— Maravilhoso! — foi seu primeiro comentário.

Depois voaram os dois homens, e tudo saiu como fora previsto. Os três realizaram vinte voos e não houve um acidente. A ideia e a construção do dispositivo estavam plenamente justificadas.

O Marechal Milch empalideceu quando lhe informei que Hanna Reitsch tinha voado.

— Se alguma coisa tivesse saído mal ... a tua cabeça seria o preço — foi o comentário do marechal.

Conseguimos, então, a permissão para prosseguir na construção e nos preparativos. Da oficina jorravam aparelhos de provas. Fabricaram-se vinte aviões, do tipo escola, de dois lugares. Finalmente, saíram os aparelhos de combate definitivos. A essa altura era grande o número de voluntários. Trinta homens da minha unidade realizaram um curso de pilotagem. Da Luftwaffe chegaram a Friedenthal sessenta pilotos voluntários. Podíamos começar. Pedi ao RLM cinco metros cúbicos de gasolina de aviação, por aluno, para treinamento, mas não conseguimos vencer este obstáculo. Passaram-se muitas semanas; uma vez recebíamos dez, outra, quinze metros cúbicos. Mas a quantidade necessária e prometida nunca chegou. Eu ia de gabinete em gabinete; mas não conseguia nada além de promessas e de belas palavras. No outono abandonei o caso definitivamente; enquanto isso houve um agravamento da situação. Consolei-me, embora bastante aborrecido, com tais circunstâncias. Todos os nossos planos foram abandonados. Uma V-1 tripulada dificilmente seria identificada em meio a um enxame de foguetes não tripulados. Os demais projetos orientados no sentido de permitir que o piloto tivesse oportunidade de salvar sua vida foram pouco a pouco abandonados. Os voluntários ficaram comigo. Não consegui fazê-los intervir numa ação aérea; assim sendo, pouco a pouco foram enquadrados nos meus Batalhões, onde cumpriram com seu dever.

Em fevereiro de 1944, o Almirante Canaris foi demitido de suas funções e substituído pelo General Schellenberg. Em consequência desta mudança houve uma certa modificação na estrutura do Serviço Secreto alemão no que diz respeito à contraespionagem. A atuação de Schellenberg, a julgar pelos meus conhecimentos, caracterizou-se por dois fatos marcantes. Primeiro, a maneira absurda como atuavam o serviço de informações militares (espionagem, sabotagem e contraespionagem) e o serviço de informações políticas (6ª Seção). Trabalhavam paralelamente, chegando ao cúmulo de agir um contra o outro. Coisa inadmissível, principalmente, em se tratando de uma guerra, estes dois serviços de informações deviam trabalhar conjuntamente, a fim de se obter um resultado positivo. O segundo fato era a vaidade pessoal. O Serviço Secreto Militar denominou-se logo de Seção "Mil" e ficou subordinado diretamente ao chefe da RSHA

(Seção Principal de Segurança do Reich), dr. Kaltenbrunner. Schellenberg tinha que trabalhar em íntima ligação com o chefe da seção "Mil". As ideias com que Schellenberg iniciou seu trabalho, e os erros que cometeu, podem ser sintetizados numa frase que ele próprio pronunciou:

— Todos os chefes de divisão da Seção "Mil" estão nas minhas mãos!

Naquela ocasião eu chegava a duvidar da veracidade desta frase. Devido à nova organização, passei a ter um contato mais íntimo com alguns componentes do Serviço Secreto e fiquei conhecendo os métodos de trabalho da referida organização. O Coronel, de estado-maior, Barão Freytag von Loringhoven era um cavalheiro que representava a velha escola.

Posso dizer que me entendi muito bem com ele, observando fielmente as regras do jogo.

Havia um acordo tácito entre nós para não se tocar no terreno da política. Todos os assuntos eram analisados sob o ponto de vista alemão, o que se constituía numa base sólida para nosso entendimento. Também não compreendi a atitude do Coronel Hansen, do Estado-Maior Geral, chefe da Seção "Mil". Não o via com tanta frequência como o Coronel Freytag von Loringhoven e por isso não tivemos relações pessoais. Minha impressão era de que Hansen tinha dúvidas interiores e sofria com a nova organização. Os altos chefes militares também não estavam muito contentes com esta solução; pois, para os militares Keitel e Jodl, por trás de tudo isso havia o dedo de Himmler e de seu conselheiro íntimo Schellenberg, que estava pessoalmente muito interessado.

Das conversas com o Coronel Freytag von Loringhoven chegamos à conclusão de que a Alemanha estava numa posição de inferioridade no setor de sabotagem e desmoralização do inimigo. Minha desconfiança para atuar à base de agentes mercenários crescia constantemente. Eram cada vez mais escassos os idealistas estrangeiros, que lutavam conosco por convicção, aceitando voluntariamente as perigosas atividades de agente. O coronel compartilhava da minha opinião de que, para obter melhores resultados, devíamos fazer um uso maior e melhor das ações com soldados alemães. Decidi, portanto, a dar o máximo dos meus esforços nas ações de comandos militares. O restante me parecia secundário.

Em fins de 1944, meus colaboradores e eu passamos várias semanas tranquilos. Teríamos dois dias de folga e eu desejava passá-los com meus amigos no Lago Wann. Na véspera, entretanto, recebi uma chamada

telefônica do QGF. Disseram-se que na noite anterior ocorrera um fato muito grave e que não tinha sido tornado público até aquele momento. Um caça Messerschmitt, que possuía o mais moderno aparelho de radar, ao que parecia, tinha aterrissado num aeroporto suíço. O mundo inteiro sabia que a Suíça estava cheia de espiões e de agentes de todas as partes. Devia-se, portanto, impedir a todo custo que este novo aparelho de caça noturno chegasse às mãos do inimigo. Era uma pequena vantagem que a Luftwaffe tinha obtido há pouco tempo e não podia perdê-la. A ordem que me deram constava de duas partes: em primeiro lugar, devia averiguar se realmente se tratava de uma aterrissagem forçada ou se os dois ocupantes do aparelho eram desertores. Em segundo lugar, deviam ser tomadas providências para que o avião retornasse o mais rápido possível, ou então fosse destruído. O próprio comandante das SS entrou em ação e telefonou mais tarde, pois queria informes continuamente, a fim de acompanhar o caso. Na tranquila casa às margens do Lago Wann renasceu a vida; dois de meus oficiais, Basekow e Hunke, foram chamados. Por meio de um telefonema ao 200º Esquadrão de Combate, obtive vários dados sobre o avião: volume de combustível, consumo do mesmo e raio de ação. Fiquei sabendo, também, a situação do aeroporto de onde o caça noturno decolou. Uma olhada no mapa e alguns cálculos demonstraram a evidência dos fatos: em hipótese alguma houve erro; os aviadores tinham desertado, o que aumentava, ainda mais, o perigo. Soube, também, os nomes e alguns dados pessoais dos pilotos.

Schellenberg, informado dos fatos, compareceu ao Lago Wann. O chefe do serviço de informações políticas para os países ocidentais, Tenente-Coronel Steimle, Schellenberg e eu conversamos sobre o problema e chegamos à seguinte conclusão: precisávamos ir ao Quartel-General do Führer.

O caso devia ser resolvido por meio de conversações. Mas sabíamos que a Suíça não romperia sua neutralidade para devolver o avião à Alemanha.

A Suíça queria adquirir alguns caças Messerschmitt, mas a Alemanha não podia vendê-los naquela ocasião. Considerando-se, entretanto, o ocorrido, devia ser feita uma proposta.

Por intermédio de um oficial das Waffen-SS, a 6ª Seção tinha ligações com o Alto Comando do Exército suíço. Deveria ser feita uma proposta a um general suíço, pela qual a Alemanha forneceria dez caças Messerschmitt

contra pagamento, exigindo-se do Exército suíço que detivesse o avião desertor.

Considerando a possibilidade de fracassar este intento, deveria ser feito outro plano. Meus dois oficiais, acompanhados por um ou dois especialistas em explosivos, iriam à Suíça para tentar a destruição do aparelho no próprio aeroporto.

O serviço de informações devia atuar, pois, sem a indicação exata do lugar onde se encontrava o aparelho. Eu não estava disposto a tentar tal ação.

O QGF dava ao caso a máxima importância. No dia seguinte, dois oficiais deviam voar para a Suíça a fim de fazer a entrega da proposta. Schellenberg e eu tínhamos ditado, juntos, a proposta para minha secretária, que acabou sacrificando seu repouso dominical. A exemplo de propostas anteriores, esta foi também aprovada pelo QGF. O general suíço que recebeu a carta-proposta concordou com seus termos e, na presença do portador, permitiu que o caça decolasse rumo à Alemanha.

O segredo do novo aparelho de caça noturno pôde ser mantido por mais algum tempo. Depois da guerra encontrei, casualmente, na Espanha, um engenheiro suíço de Oerlikon. Durante a guerra servira como piloto na aviação suíça, e me contou que sua esquadrilha de caça, durante os três dias críticos, esteve em constante prontidão, pois se acreditava que a Alemanha tentaria bombardear o hangar onde estava o avião. Meu amigo suíço, apesar de transcorridos doze anos, continuava aborrecido por ter passado três dias sentado dentro do avião, pronto para decolar a qualquer momento.

CAPÍTULO XX

6 de junho de 1944 — Desembarque — Houve a decisão? — O caminho do dever — Visita ao Duce — O anjo da guarda diplomático — Ditador ou filósofo? — Mussolini fala sobre Frederico II — Despedida final — Inspeção — Ações de comandos dos aliados — Meios limitados — Provas de voo sem motor — Outra vez demasiado tarde — Ações contra governos inimigos? — Oleodutos — Canal de Suez — Partisans na Iugoslávia — O

Quartel-General de Tito — Quando dois fazem a mesma coisa — Avisado a tempo — O ninho está vazio.

Numa terça-feira, 6 de junho de 1944, começara o desembarque dos aliados. Durante algumas semanas a situação permaneceu indefinida. Somente após a passagem por Avranches a situação foi decidida a favor dos aliados. Não tenho a intenção de tecer críticas ou de fazer relatórios, nem interesse em escrever a história da guerra. Julgo, ainda hoje, que tal atitude é muito perigosa, inclusive para profissionais, já que todas as informações a respeito conservam uma tintura muito subjetiva e, portanto, não podem ser de veracidade objetiva. Considero, não obstante, que o desembarque se constituiu num brilhante êxito militar e técnico, para o inimigo, que culminou com uma vitória insofismável. Era fácil concluir que a guerra, sob o aspecto exclusivamente militar, estava perdida para nós. Esta opinião expressei tranquilamente, tanto a von Fölkersam como a Radl.

Que consequências aquilo tudo podia ter? Fiz esta pergunta naquela ocasião e mesmo após a guerra terminada. Não creio ser importante dizer o que penso hoje, mas expressar abertamente o que pensava na ocasião. Meus pensamentos sobre este ponto eram firmes e precisos e não mudaram até os presentes dias. A respeito do fim da guerra, nem eu nem a grande maioria dos soldados, e nem sequer os generais, podiam opinar. Para isto faltava-nos a visão do conjunto, bem como a impossibilidade de exercer qualquer influência sobre o assunto, que era da alçada dos comandos militares e dos dirigentes políticos. A ordem era seguir lutando e tínhamos que obedecê-la.

Eu sabia, com toda a certeza, que no Quartel-General do Führer esperavam-se mudanças na política externa, bem como a fabricação iminente de armas inéditas.

É natural que nós, os oficiais, não divulgássemos para a tropa nosso conhecimento da situação, que era desesperadora.

Lutávamos pelo solo da nossa pátria contra um inimigo implacável, que exigia a rendição incondicional; a isto só podíamos opor a firme vontade de nos defender enquanto tivéssemos alento. Nenhum soldado de uma nação que ame sua pátria e tenha sentimento de honra poderia agir de outra forma. Exaltam-se como heroicas as desesperadas lutas de Tito, dos guerrilheiros russos, dos maquis franceses e noruegueses. A ação dos soldados alemães era, por acaso, menos heróica?

Tornei a recordar a operação Duce ocorrida no verão de 1943. De todos os países chegaram, para meus homens e para mim, presentes e cartas. Uma das mais graciosas lembranças foram vários pacotes de cigarros búlgaros. Todos os maços continham o dístico: "fiel camaradagem de armas; um regimento búlgaro". Da Espanha chegaram várias caixas que continham um ótimo xerez. Por misteriosos caminhos chegou também, deste país, uma notícia interessante. Uma pessoa da embaixada americana tinha muito interesse em falar comigo. Com muito prazer teria aceito o convite para ir à Espanha, mas meus superiores, aos quais comuniquei a notícia, eram de opinião contrária. Não tinham, provavelmente, confiança nas minhas condições diplomáticas para uma entrevista de tal natureza. Recebi a explicação, oficialmente, de que temiam pela segurança da minha vida durante esta viagem. Aconteceu, entretanto, que o melhor médico das SS, Dr. Gebhart, foi à Espanha. Nunca fiquei sabendo do êxito ou do fracasso de sua missão.

Recebi, em 1944, vários relógios de pulso, por intermédio da embaixada italiana, para serem distribuídos a todos os participantes da operação. Fui presenteado pelo Duce com um relógio de bolso, de ouro, que tinha a inicial "M" cravejada em rubis. Ao mesmo tempo fui convidado, pela enésima vez, para visitar Mussolini durante alguns dias, no lago de Garda, onde estava instalada a nova sede do seu governo. Como nas ocasiões anteriores, fui obrigado a participar ao Ministério de Assuntos Exteriores. Este só autorizaria a viagem se entregasse o diário do "Duce" que fora roubado do General Gueli, em Innsbruck. Ao que parece, o pessoal do Ministério não concordava com os argumentos diplomáticos e cortesias que empregara para explicar o atraso da devolução e por não ter acabado o estudo do diário. Continha, por acaso, observações pouco lisonjeiras sobre a política externa alemã?

Em meados de junho consegui, finalmente, a permissão para viajar. Levei comigo meu auxiliar Radl, que depois da operação fora promovido a Capitão das Waffen-SS. Fazia jus, sem dúvida, àqueles poucos dias de viagem ao maravilhoso sul do Tirol. Ao mesmo tempo, queríamos visitar as equipes que estavam treinando ações com lanchas rápidas, ou como nadadores de combate, na ilha Colque, em Veneza, Sesto Calente, Lago Moggiore e em Valdagno, ao norte de Verona. Em Innsbruck tomamos um automóvel e na mesma noite nos apresentamos ao embaixador alemão na Itália, doutor Rahn, em Fasano. Devíamos receber vários convites oficiais

que foram preparados de maneira cuidadosa e diplomática para minha visita ao Duce. Citar "isto" não era apropriado; "aquilo" não agradaria a Mussolini. Ao contrário, seria interessante tratar "daquele" assunto. Pouco me importavam as instruções, pois eu tinha confiança em mim e sabia como devia comportar-me. Além do que, era bem mais agradável falar com a jovem esposa do embaixador a respeito de navegação ou de natação. Recebi como instrutor um funcionário do Ministério dos Assuntos Exteriores, que parecia estar encarregado de vigiar meu comportamento durante a visita e evitar que eu falasse de assuntos não apropriados.

A noite visitei o adido militar alemão. Fiquei muito contente ao ver à minha frente o Coronel de estado-maior Jandl, um antigo conhecido vienense. A intimidade veio rapidamente, e assim esquecemos que devíamos tratar de assuntos oficiais. Ouvi do coronel e do embaixador uma notável explanação acerca do quadro apresentado pela Itália. Mussolini empenhava-se, realmente, em apoiar nosso esforço de guerra. Isto só era possível no que dizia respeito ao fornecimento de material em que eram empregados todos os esforços da Itália. Um auxílio direto e eficiente, em armas, não era possível. O povo estava cansado da guerra e seu apoio não mais podia ser galvanizado por meio da propaganda. A X Flotilha MAS, algumas outras unidades e poucas divisões eram a honrosa exceção à regra.

A primeira audiência com Mussolini teve lugar na tarde seguinte, na sede do governo do chefe do Estado Fascista Republicano de Gargano. Fiquei comovido ao saber que as medidas de segurança estavam a cargo de um batalhão das Waffen-SS e não a tropas italianas. Todo o bairro, onde se localizava o governo, estava protegido cuidadosamente por meio de barreiras e de severos controles. Qual o efeito que esta vigilância, a cargo de tropas alemãs, devia causar sobre os altos escalões italianos? Acaso o Duce já não podia confiar no seu Exército? Seria o caso de chegar à conclusão de que Mussolini ainda governava apenas pela graça de Hitler? Esta impressão produziu-me um efeito extremamente doloroso....

O Palácio era uma das típicas construções nobres italianas, que têm um aspecto quase medieval. Nas proximidades da caso não havia qualquer espécie de segurança. Radl e eu fomos recebidos na sala por um ajudante e um secretário de Estado, em trajes civis. Estes dois senhores conduziram-nos ao andar superior por uma ampla escada. Entramos sem maiores formalidades no escritório de Mussolini. Era uma sala de tamanho médio, com duas janelas, em frente ao lago, que proporcionava ao ambiente uma

semiobscuridade; no lado oposto às janelas, a um canto, estava a escrivaninha onde, apesar de ser dia, havia uma lâmpada acesa. O Duce cumprimentou-me cordialmente e nos convidou para sentar junto à escrivaninha. Quando manifestou seu sentimento pelo nosso atraso, fui obrigado a apresentar minhas escusas. O Duce mostrou-se compreensivo e rapidamente mudou de assunto. Era natural que falássemos da guerra, e disse:

— Veja você, faço o que posso para que o Eixo ganhe a guerra.

Suas palavras, entretanto, já não demonstravam nada do otimismo que há alguns meses eu tanto admirara. As frases saíam dos lábios de Mussolini com toda a tranquilidade e sem o menor entusiasmo. Devia estar sofrendo muito com problemas de ordem íntima. Já estaria resignado? Tive a impressão que sim. Disse depois:

— Querido Skorzeny, você lembra da nossa conversa por ocasião do voo que fizemos de Viena a Munique, sobre minha histórica omissão? Agora a casa real, por meio de sua covarde fuga, tirou-me, inclusive, a possibilidade de uma revolução interna. Infelizmente, a República Italiana foi fundada sem luta.

Ao perguntar-me se desejava alguma coisa dele, pedi que me desse fotografias com dedicatória para toda a equipe e para mim. Em setembro de 1943, eu tinha recebido de Hitler uma foto em moldura de prata com os seguintes dizeres: "Ao meu Comandante Otto Skorzeny, em agradecimento e como lembrança do dia 12 de setembro de 1943. Adolf Hitler".

Por ocasião da despedida, convidou-nos para almoçar no dia seguinte.

— Por que você vai embora tão rápido, Skorzeny? Não poderia ficar aqui pelo menos uns oito dias? — disse.

Infelizmente, tive que renunciar a este amável convite, pois não estava previsto nem permitido pelo Ministério de Assuntos Exteriores. Isto, entretanto, talvez não fosse razão para impedir-me, embora naquela época eu pensasse realmente que alguns dias de férias e consequentemente um afastamento do serviço seriam um crime imperdoável contra a Alemanha e uma negligência para com o dever.

No dia seguinte a temperatura estava muito elevada. Pela manhã, tinha uma entrevista marcada com o Príncipe Borghese, o comandante da X Flotilha MAS. Vi nele um oficial exemplar. Naquela ocasião apresentava um ponto de vista sobre o qual eu nunca ouvira falar com tanta propriedade:

— O combate, nesta guerra, é entre a verdadeira Europa e a Ásia. Se a Alemanha cair, a principal peça da Europa irá por terra. Por este motivo, estou disposto a permanecer junto aos meus homens e a vocês, até o fim, ainda que seja diante das portas de Berlim. Os aliados ocidentais que agora ajudam a destruir a Alemanha um dia arrepender-se-ão por isto — disse o Príncipe.

Era uma visão clara do futuro da Europa.

A seguir, cometi um ato que levaria muitos auxiliares a crises nervosas. Com Radl não havia perigo, pois era um homem emocionalmente equilibrado, embora nunca o tenha visto tão nervoso como naquela ocasião. Dentro de cinco minutos, um automóvel chegaria para nos levar a casa particular de Mussolini a fim de almoçarmos com ele. Mas eu decidi combater um pouco o calor que estava fazendo, tomando um rápido banho no lago de Garda. Em meio aos generalizados protestos, inclusive do nosso acompanhante do Ministério de Assuntos Exteriores, desnudei-me e mergulhei rapidamente na água. Com a ajuda de todos os presentes, em cinco minutos, exatamente, eu voltava a estar vestido. De qualquer forma, tinha conseguido refrescar-me e ficar de bom humor.

Descendo por um caminho chegava-se à vila Faltrinelli, que estava situada junto à margem do lago. O anfitrião recebeu-nos na sala. Vestia um simples uniforme, como no dia anterior, sem as condecorações da milícia fascista. Apresentou-nos às suas duas noras. Os dois meninos menores eu conhecera em Munique. Sentei-me à mesa entre Mussolini e a viúva de seu filho Bruno e fiquei surpreendido com a simplicidade da comida do Duce, que lhe foi servida separadamente: apenas um pouco de verdura, ovos e frutas. Nossos pratos eram mais abundantes e variados, e só o calor impediu-nos de desfrutá-los plenamente. Fiquei algo encabulado quando Mussolini brindou comigo chamando-me de seu salvador. Não sei se este brinde constava no programa do Ministério de Assuntos Exteriores. Meu acompanhante, no entanto, dominava com perfeição a arte de imiscuir-se em todas as conversas, dando a elas o inocente rumo desejado.

Tomamos café na galeria que conduzia ao jardim. Ali, ao contrário do QGF, era permitido fumar. O Duce convidou-me para sentar com ele a um canto. Radl dedicou-se com todo ardor às jovens senhoras, apenas levemente desorientado pelo fato de que nenhuma delas, italianas do Sul, falava uma só palavra em alemão.

O Duce iniciou uma conversa sobre a história alemã e abordou diversas questões traçando um paralelo entre o futuro e o passado. Tinha que estar atento para acompanhar todos os dados e as situações que ia nomeando. Mussolini sabia bastante sobre a história e a Filosofia alemã, cujos conhecimentos estavam muito acima da cultura média de um alemão. Depois passou a falar de diversas formas de governo. Preconizou como ideal uma curiosa união entre o estado corporativista e as teorias puramente democráticas. O Senado, organizado de forma corporativista, devia ser nomeado segundo uma determinada fórmula qovernamental. A assembléia popular devia ter dois terços eleitos e um terço devia ser composto de membros vitalícios. Disse que estes pensamentos deveriam amadurecer em horas tranquilas e seu planejamento e realização só podiam ser considerados depois do feliz término da guerra.

— Uma guerra assim exige também a figura ideal de um tipo de caudilho que deve estar formado tanto no campo militar como no político. O diletantismo é sempre mau e tem existido dois tipos: o diletantismo militar de dirigentes políticos e o diletantismo político de dirigentes militares — disse.

Mussolini acreditava que Frederico, o Grande, podia ter vivido na época atual; e teria sido um guia político e militar, capaz de pensar e de realizar seus planos por diversos meios, mas com ideias que só surgiam da sua cabeça, com forte decisão concentrada e tensa energia, assim como um sólido conhecimento de causa.

Tinha a impressão de que o Duce dispunha então de muitas horas tranquilas para meditar. O governo já não o preocupava demasiadamente. Quando, após a viagem, pensei sobre o assunto, achei que minha opinião sobre o Duce podia ser assim sintetizada: Mussolini, no verão de 1944, já não era mais um chefe de Estado e sim um filósofo da arte de governar.

Naquela ocasião estreitei a mão de Mussolini pela última vez.

À tarde, travei conhecimento com alguns ministros de Estado, dos quais me recordo de Graziani e Pavolini. Em Fasano, não havia prédios com capacidade para abrigar os gabinetes, motivo pelo qual estavam instalados em galpões. Mas a beleza meridional do jardim me consolara pelo primitivismo das construções. Ao contrário do seu chefe de governo, segundo pude julgar pelas conversas que mantive, os ministros pareciam preparar com tenacidade os planos práticos do governo, levando-os bastante a sério.

Em Sesto Calente, que visitei por ocasião da viagem de regresso, treinavam-se voluntários italianos da X Flotilha MAS e uma companhia KdK (Unidades de ações especiais da Marinha de Guerra). Mostraram-se muito surpreendidos pelo fato de eu viajar com apenas dois oficiais e num carro aberto. A estrada de Milão ao lago Maggiore era considerada, na ocasião, como o campo de ação predileto dos partisans que ali atuavam. As estradas daquela região eram percorridas, geralmente, apenas por comboios. Mas eu acreditava que, devido ao magnífico sistema de alarme dos partisans, um comboio era muito mais fácil de ser localizado do que uma viatura isolada. Além disso, um comboio despertava muito maior interesse, pela suposta carga que conduzisse, do que uma única viatura.

Durante a inspeção dos botes rápidos e explosivos e, mais tarde, durante os treinamentos, senti o quanto era útil minha prática de navegação. Os homens ficavam muito contentes ao ver que seu comandante sabia conduzir as lanchas mais rápidas.

Em Valdagno também participei dos treinamentos dos homens-rãs. Nunca podia imaginar que num povoado tão pequeno existisse uma piscina coberta tão grande. Os voluntários italianos, todos eles desportistas de magnífico aspecto, estavam sob as ordens de um capitão, que era um imigrante russo-branco.

Com o maior prazer, esses homens seguiram-me com seus aparelhos de mergulho e eu, que sempre tive um certo caráter "anfíbio", pude sair bem desse treinamento.

Contávamos com muito pouco tempo, de modo que naquele mesmo dia seguimos viagem para Veneza. Ali, os homens-rãs treinavam no seu próprio elemento: a água do mar. Passavam até dez horas por dia sobre e debaixo da água. No programa de treinamento constavam passeios submarinos de até doze quilômetros. O comandante do porto foi tão gentil, que pôs à nossa disposição, para fins de treinamento, um velho navio cargueiro. Com uma carga explosiva de três quilos e meio do nosso melhor explosivo submarino especial, colocado junto ao seu casco, fizemos um rombo de tais dimensões, que podíamos passar facilmente por ele com um barco de remos, quando ficou encalhado naquele porto de pequena profundidade.

Quando à noite fiz uma visita de cortesia ao comandante do porto, houve duas surpresas: o médico do estado-maior, que me levou a terra numa lancha rápida italiana, não viu uma das formosas e pretas gôndolas que media aproximadamente oito metros. O choque foi desfavorável à gôndola

e o gondoleiro exigiu, inicialmente, uma importância que seria suficiente para mantê-lo com seus filhos e netos durante a vida inteira. Com um olhar de reprovação ao médico e lembrando o velho provérbio "Cada macaco no seu galho", disse-lhe: Quem receita aspirina não deve conduzir barcos. A segunda surpresa, entretanto, foi bastante agradável. O comandante do porto era meu velho conhecido de Santa Madalena, o Capitão de Navio Hunäus. No transcurso da visita, amena e agradável, esqueceu completamente sua gota. Isto, entretanto, não foi um milagre, tendo em vista a quantidade de certos medicamentos líquidos que bebemos juntos.

Apesar de aquelas curtas viagens serem bastante agradáveis, eu não podia fazê-las mais seguidamente; havia muito trabalho em Friedenthal.

Cinquenta por cento do nosso trabalho era empregado na guerra contra a burocracia e na obtenção de pessoal e material. Mas, apesar de tudo, ainda sobravam energias para pensar e trabalhar em planos mais amplos. Eu tinha determinado aos oficiais do meu estado-maior que obtivessem, com a maior exatidão possível, qualquer informação interessante sobre as operações especiais dos aliados. Desta forma, dentro de pouco tempo, tínhamos conhecimento das ações das Command Troops de Lord Mountbatten. Com os estudos táticos que fizemos à base disso, pudemos aprender muito. Invejávamos os chefes ingleses daquelas tropas, pelos meios quase ilimitados que tinham à disposição. Nos seus planos podiam incluir o emprego de cruzadores e destroieres, além de esquadrilhas aéreas de todos os tipos. Ao contrário, como eram limitados os nossos meios! Não podíamos contar, em absoluto, com unidades de marinha, além de lanchas; o 200º Esquadrão de Combate tinha que lutar para obter mais um avião. Aeronaves de longo alcance, do tipo JU-290, só havia três.

Com tristeza reconhecíamos que as ações de comando dos aliados atingiam sempre nossos pontos nevrálgicos. Era uma fábrica de óleo numa ilha norueguesa, ou a inutilização de um aparelho de radar alemão na costa francesa perto de Dieppe, ou então o quartel-general de Rommel na África, que só por casualidade — provavelmente por uma informação errada — tinha falhado, e se dirigira contra o quartel-general da Intendência.

Os aliados também deviam ter seus pontos fracos. Tínhamos decidido encontrá-los e atacá-los. Estávamos tão cheios de otimismo, que estudávamos e preparávamos durante semanas e semanas um daqueles planos, para logo fracassar num aspecto elementar da questão: a falta de transportes.

Como o melhor avião de longo alcance, o JU-290, não estivesse à nossa disposição, em número suficiente — e o HE-117 — segundo opinião dos técnicos, fora construído defeituosamente, isto nos obrigava a procurar outra solução. Supúnhamos que existissem muitos bombardeiros quadrimotores americanos que tinham realizado aterrissagens forçadas em territórios por nós ocupados, ou mesmo na própria Alemanha, os quais podiam voltar ao uso. O Estado-Maior da Luftwaffe interessou-se pelo assunto. Depois de uma conversa com o General Koller, consegui autorização para organizar um grupo de mecânicos-reparadores que deviam encarregar-se do recolhimento e recuperação de tais aeronaves. Este trabalho avançava lentamente. No final do outono de 1944 fomos notificados de que seis aviões americanos do tipo DC-4 estavam prontos para voar num aeroporto da Baviera. Pouco depois, entretanto, nossa alegria converteu-se em tristeza: fomos informados de que um ataque aéreo aliado destruíra todos aqueles aparelhos. Devíamos, portanto, reiniciar nosso trabalho. Surgiu-nos ainda um novo problema: aqueles enormes aviões necessitavam de um local amplo e seguro para a aterrissagem no objetivo, o que só podia ser feito caso dispuséssemos de aeródromos adequados. Devíamos, portanto, pensar numa aterrissagem com planadores de carga. Mas os DFS-230 que dispúnhamos foram construídos para uma velocidade máxima de 250 quilômetros por hora e nós necessitávamos de um aparelho que voasse a 350-409 quilômetros horários. Nesta situação difícil o homem apropriado para nos ajudar era o professor Georgi, um velho especialista em planadores e amigo de Hanna Reitsch, que projetou um planador com capacidade suficiente para doze soldados equipados e que podia resistir às velocidades de reboque exigidas. Outra dificuldade surgiu: tratava-se de estudar uma solução para o retorno dos homens que ousassem levar a cabo uma ação em locais distantes.

Havia duas possibilidades para isso, após o cumprimento de uma missão. Ou os homens entregavam-se voluntariamente como prisioneiros, ou tentavam o regresso, pelos próprios meios, à distância, muitas vezes, de centenas de quilômetros. Esta última hipótese não resistia, entretanto, a uma análise mais profunda. Eu acreditava que, se os soldados contassem com uma possibilidade real de regresso, realizariam a missão com maior segurança e arrojo. A ideia de recolher o planador aflorava espontaneamente.

Tivemos notícias de que no aeroporto de Irdinq, perto de Passau, trabalhava-se febrilmente num projeto para isso. Os engenheiros planejavam um artifício para recolher o planador sem que fosse necessário o avião de reboque aterrissar. Eu próprio participei destes estudos que pareciam promissores. Chegamos, finalmente, a uma solução que parecia a mais exequível. O cabo de reboque devia ter uma forma espiral e sua extremidade seria colocada sobre estacas a uma altura de três metros do solo: este cabo seria recolhido por um gancho especialmente construído para o avião rebocador, que se aproximaria num voo rasante, fazendo com que o planador fosse rebocado suavemente. Com planadores Irvos tudo foi muito fácil. Para aplicar o mesmo princípio em aparelhos mais pesados, entretanto, fazia-se necessário um estudo mais profundo, sobretudo a respeito de gasolina e de tempo, coisas, aliás, que marchavam paulatinamente de mal a pior.

Perguntei a mim mesmo, muitas vezes, por que semelhantes projetos só eram levados a efeito nos momentos críticos, quando tudo já era demasiado tarde. Até hoje ainda não encontrei uma resposta para tal pergunta. Os aliados utilizavam os mesmos processos e nos demonstraram com o grande desembarque aéreo na Holanda, a 17 de setembro de 1944, o quanto era eficiente esse tipo de operação.

Por outro lado, perguntei-me várias vezes, depois da guerra, por que, no inverno de 1944, quando todos os comandos importantes alemães, inclusive o Quartel-General do Führer e todos os ministérios se achavam em Berlim, os aliados não realizaram um desembarque aéreo de algumas divisões nos arredores da cidade. Estas tropas, com uma boa preparação, teriam posto fora de combate, de um só golpe, todo o comando alemão. Reconheço que sempre tive medo ante aquela possibilidade. Se não foi realizada, naquela ocasião, uma tentativa semelhante, acredito que só pode ter sido por motivos estratégicos ou políticos. Teria sido, porém, uma obra-prima para os comandos ingleses e para o Office of Strategic Service americano sob a chefia do General William T. Donovan. Eu, de minha parte, acreditava que "Wild Bill" e suas tropas seriam capazes de uma ação semelhante.

Na qualidade de sincero cronista, quero descrever rapidamente alguns dos nossos planos de ação. Para nós, constituíam uma preparação espiritual e, para as tropas dispostas a atuar, uma prova de caráter. A ideia de uma ação no Oriente médio era especialmente atrativa para nós, pois aquela região estava dominada pela Inglaterra e pela França. O grande oleoduto

que partia do Iraque e chegava ao Mediterrâneo foi encarado por nós com interesse. Sabíamos que os árabes simpatizantes do Eixo faziam constantes tentativas para destruir as tubulações de abastecimento das duas refinarias situadas na costa, em Haifa e em Trípoli. Na guerra, o petróleo era o material mais cobiçado.

Recrutar e enviar comandos aéreos árabes era muito dispendioso e também inseguro. Além disso, o êxito incerto, pouco duradouro e nem sequer passível de comprovação. Os pontos mais débeis das referidas tubulações eram as instalações das bombas. Se elas fossem destruídas, levar-se-ia de dois a três meses para sua reparação. Os engenheiros alemães projetaram uma pequena mina flutuante do mesmo peso específico que o petróleo. Devia ser introduzida por um pequeno buraco oval na tubulação, que poderia ser aberto por meio de uma carga explosiva aderente, calculada exatamente, e fechado com um tampão especialmente preparado. Mas, segundo minha opinião, as pequenas minas poderiam destruir também as válvulas de entrada na estação das bombas e, portanto, deviam ser abandonadas. Alguns técnicos propuseram fundir as tubulações mediante bombas de calor, deixando-as, com isso, inservíveis. Mas estes projetos tiveram duração efêmera e não passaram da fase inicial.

Restava, pois, uma ação de comandos contra as estações de bombas e máquinas Diesel. Fotografias aéreas mostravam que em cada estação fora construído um pequeno aeroporto para guardar os aviões de vigilância que voavam regularmente em serviços de patrulhamento. Junto a cada aeródromo existia um fortim que servia de abrigo para as tropas de vigilância, diante da possibilidade de eventuais ataques por parte de árabes rebeldes. Desejo, apenas, traçar um rápido esboço sobre nosso plano de ataque: seis aviões quadrimotores aterrissariam no aeroporto. Com os canhões e metralhadoras de bordo seria feita a cobertura dos homens que, desembarcando rapidamente, atacariam a casa de máquinas para fazê-las explodir. Todas as fases foram cuidadosamente planejadas e projetou-se, inclusive, um aparelho que no momento da chegada devia destruir a antena do fortim para impedir que através do rádio fosse pedido socorro. Calculamos tudo na base da surpresa, pois isto é o abecê de todas as ações de comandos. Restava apenas uma incógnita. O aeroporto era, por acaso, suficientemente grande para permitir a decolagem dos pesados aparelhos? As fotografias aéreas, obtidas em 1941, mostravam apenas um pequeno aeródromo mas, no serviço de contraespionagem, havia informes bastantes

fidedignos de que estes aeroportos tinham sido ampliados. Aceitávamos correr este risco, mas já manifestei que nunca tivemos à nossa disposição o número necessário de aviões de longo alcance.

Outro ponto fraco dos aliados era o Canal de Suez, sobretudo em suas partes mais estreitas. Obstruir este canal teria significado, para o envio de suprimentos ao Extremo Oriente, uma volta em torno do cabo da Boa Esperança e, com isso, um retardo de dois meses. Os homens-rãs estavam dispostos a uma ação de tal natureza, mas devido à absoluta superioridade aérea do inimigo no Mediterrâneo, no final de 1944, esta ação não foi possível.

Havia, ainda, um outro plano contra a região petrolífera de Baku. Era, naturalmente, impossível atacar as zonas de perfurações ou as refinarias com pequenos comandos de destruição.

Um estudo mais detalhado das circunstâncias encontradas ali convenceu-nos de que, apesar de tudo, havia pontos fracos que, por motivos compreensíveis, deixo de revelar. A destruição destes pontos teria causado um dano mortal à produção de petróleo. Por motivos semelhantes aos referidos anteriormente, este plano também não foi executado.

Em alguns portos da costa ocidental inglesa, as eclusas e outras instalações que conhecíamos muito bem ofereciam valiosos pontos de ataque. Mas este e muitos outros planos fracassaram devido às dificuldades em se obter um transporte seguro para o pessoal e o equipamento necessário. Não havia, por exemplo, planadores de carga nos quais pudessem ser transportados os torpedos tripulados.

Os partisans da Iugoslávia causavam sérias preocupações ao Alto Comando alemão, desde 1943. Este país, pela sua topografia montanhosa, estava predestinado, como nenhum outro, a uma luta de, resistência em grande escala onde as tropas alemãs estavam verdadeiramente manietadas. Em todos os combates era grande o número de baixas sofridas pelas tropas alemãs.

Este panorama teria mudado se pudéssemos descobrir e aniquilar o Quartel-General de Tito, o que se constituiria num grande alívio para nossas tropas. Recebi esta missão na primavera de 1944.

Não menosprezávamos nem os efetivos de luta das tropas de Tito, que estavam ao redor do seu quartel-general, nem as medidas de segurança tomadas naquele lugar. Devíamos, portanto, antes de mais nada, constituir uma rede de informações para fazer um levantamento completo a respeito

do problema. Como fontes de informações só estavam à nossa disposição as unidades do Exército alemão estacionadas na Iugoslávia.

Instalamos a central de informações em Agram. Dali cobrimos todo o território em tela com uma rede de agentes. Rapidamente começaram a chegar os primeiros informes. Paro ficar mais seguro, determinei que nas regiões onde fossem observadas suspeitas do quartel-general se organizassem vários setores de informações completamente independentes. Só quando três destes vetores tivessem levantado dados coincidentes acerca da situação do quartel-general podíamos iniciar uma ação militar.

Para estabelecer ligações com as diversas seções do Exército e da Polícia, em Belgrado e em Agram, fui a Belgrado em companhia de um dos meus oficiais, o Tenente B., na primavera de 1944, num avião de carreira. No fim de dois dias acabou minha missão na capital iugoslava e segui viagem para Agram, num automóvel emprestado. Eu tinha previsto a estrada Belgrado — Bjeljina — Brcko — Novska — Agram como meu itinerário. Várias autoridades alemãs aconselharam-me a não fazer essa viagem de automóvel, porque aquelas regiões estavam infestadas de partisans. Mas, infelizmente, não havia outra solução; não pude conseguir um avião e no dia seguinte era esperado em Agram. Levei comigo dois homens armados que me foram oferecidos para minha segurança.

Partimos ao amanhecer. Fiz uma breve parada junto a uma unidade alemã em Krivica na Fruska Gora. O comandante me contou alguns detalhes a respeito da situação que eu, inicialmente, julguei exagerados, embora mais tarde pudesse comprovar que eram verdadeiros.

— Todas as semanas temos que lutar contra os partisans, mas nunca acabamos com eles, já que em sua maioria retornam às granjas e aos povoados, escondem as armas e, durante alguns dias, voltam a ser pacíficos agricultores. Pior do que isso é a situação com respeito ao cuidado dos feridos de ambos os lados. Somos atendidos pelo mesmo médico iugoslavo. Minha unidade, até agora, não conseguiu um médico militar. Assim sendo, somos obrigados, em casos urgentes, a chamar o médico do povoado. Mas este também tem que cuidar dos partisans, conforme nos confessou abertamente, pois, se assim não o fizer, levam-no com eles. Apesar disso, estamos muito contentes com ele.

Continuei a viagem através do fértil país. Em todos os lugares por onde passávamos, víamos os agricultores, de camisa branca, trabalhando.

E, sempre que assim acontecia, um pensamento me ocorria: onde terão escondido as suas armas?

Não tivemos qualquer contratempo. Numa localidade, perto de Bjeljina, paramos no mercado para comprar ovos de uma camponesa. Seguimos viagem imediatamente, e não demorou para que víssemos umas curiosas figuras em andrajosos trajes civis levando fuzis em bandoleira. Empunhamos nossas pistolas firmemente, ocultando-as das vistas daqueles indivíduos. Os tipos quando se aproximaram de nós sorriram com amabilidade e inclusive nos cumprimentaram. Na guarnição alemã de Brcko ficamos sabendo que esta região estava cheia de partisans e que por isto era proibido o trânsito de veículos alemães ali. Em Agram, a princípio, não acreditaram que tivéssemos passado pelo referido trecho. Segundo nos afirmaram, nossa viatura foi a única a transitar naquela área, nos últimos meses, sem ter sofrido dano. Quando nos descreveram os inúmeros ataques desfechados e observamos nas cartas a situação dos partisans, ficamos assombrados; mas estes já tinham ficado atrás de nós. Deveres urgentes voltavam a reclamar minha presença em Berlim.

No verão de 1944, a sorte estava lançada. A rede de espionagem tinha trabalhado bem. As contínuas informações permitiram comprovar que o quartel-general encontrava-se naquele momento, com toda a segurança, próximo a Dvar, na Bósnia Ocidental.

Agora tratava-se de preparar a ação rapidamente, enviando os meios necessários para depois eu assumir o comando da operação. Determinei ao Capitão von Fölkersam que fizesse um contato com o comandante do Corpo responsável pelo setor de Banja Luka, a fim de ultimar os preparativos da ação. Von Fölkersam contou-me, por ocasião do seu regresso, que fora recebido de maneira muito fria e reservada pelo estado-maior do Corpo. Mas isto nos era indiferente; tínhamos um dever a cumprir, e pouco nos interessava qualquer espécie de antipatia.

No fim de maio de 1944, recebemos um informe curioso de um dos nossos agentes, através da agência de Agram: "O Corpo X prepara uma ação contra o Quartel-General de Tito; a data fixada para a operação Rösselsprung é 2 de junho de 1944." Com isto compreendemos a frieza da recepção por parte do seu estado-maior. Tinham duvidado da nossa competência e por este motivo omitiram-nos seus planos. Isso não era jogar de maneira franca; para defender uma causa comum, com muito prazer, eu teria unido meus esforços aos do Corpo, inclusive subordinando-me a ele.

Enviei, imediatamente, uma mensagem para que a operação não fosse desencadeada. Era evidente que não só meu pessoal, mas também os informantes de Tito, ficaram sabendo desse plano.

No decorrer dos dias seguintes recebi várias informações complementares. Cada vez que isto acontecia, mandava uma nova mensagem para que a operação não fosse realizada na data marcada. Mas foi em vão. No dia fixado começou a ação. Um batalhão de paraquedistas das Waffen-SS, subordinado ao Corpo da Wehrmacht, foi lançado num vale do território ocupado pelos partisans, e logo chegaram reforços em planadores de carga. Depois de sangrentos combates com muitas baixas, todo o vale e uma aldeia estavam em nossas mãos. Aconteceu o que podia ser facilmente previsto: o ninho estava vazio. Os únicos prisioneiros que se conseguiu fazer foram dois oficiais ingleses. De Tito, que deve ter abandonado o lugar de má vontade, foi encontrado apenas um uniforme de marechal, recém-confeccionado. Fugira alguns dias antes, provavelmente, e com toda a certeza já tinha instalado um novo quartel-general. Por questões de ciúmes fracassara um grande plano. Por meio de uma difícil e arriscada manobra da Divisão Brandenburg, os paraquedistas SS foram resgatados. Durante a guerra, e principalmente depois, correu nas hostes dos serviços de informações americanos a notícia de que eu tinha comandado a ação. Isto, provavelmente, pode ser atribuído ao fato de que o referido batalhão, pouco tempo depois, a partir de setembro de 1944, esteve sob o meu comando. Só posso dizer que lamentei profundamente o fracasso da operação, porque com isso diminuíam as possibilidades de uma outra ação desta natureza. Embora tenhamos seguido os rastos do quartel-general até a costa do Adriático e depois até uma ilha, nunca mais encontrei uma ocasião propícia para o ataque, apesar de, durante muito tempo, termos vontade de executar um golpe de surpresa contra a ilha.

CAPÍTULO XXI

20 de julho de 1944 — Chamada — Revolta e não atentado — Alarme! — Carros de combate na Praça Fehrbelliner — Manter sangue frio — Não

há guerra civil — Quem se rebela contra quem? — Alarme dos paraquedistas — Schellenberg prende Canaris — O General Fromm vai para casa — Meia-noite na Bendlerstrasse — Revolta fracassada — Ordem: seguir trabalhando — Normalização do serviço — Dois membros da Gestapo contra uma revolta — Derrotismo já em 1942? — Inimigos no comando? — O julgamento da história? — Consequências imediatas — Deveres adicionais — Ponte de Nimega — Posições no alto Reno — Operação "Franco-atirador" — Scheerborn encontrado — Tragédia no Leste — Atrás da frente Leste — Não nos esqueçam! — Fechar as passagens nos Cárpatos — Típica operação de comando.

Em julho de 1944, a situação em Berlim estava cada vez mais difícil. Em junho, um grande ataque dos russos tinha rompido, em sua maior parte, a frente oriental; o Grupo de Exércitos central tinha sido praticamente aniquilado. Mais de trinta divisões alemãs tinham caído em poder dos russos. Como pode ser explicado semelhante capitulação em massa? Foi um enigma para todos nós. Falhara o comando, ou a tropa? O desembarque no Oeste tinha sido um sucesso e o inimigo marchava com grande superioridade material em direção à fronteira alemã. A nós não restava outra coisa senão cerrar os dentes e lutar com novas energias.

A verdade nua e crua é que não podíamos imaginar que se aproximava o amargo fim. A 20 de julho de 1944, precisamente, eu me preparava para fazer uma viagem a Viena. Queria acompanhar os treinamentos de uma unidade de mergulhadores que deveria iniciá-los no Dianabad vienense. Além disso, queria discutir com alguns oficiais a continuação do planejamento para uma ação contra Tito.

Subitamente, a notícia do fracassado atentado contra Adolf Hitler caiu entre nós como uma bomba. Discuti o assunto juntamente com meus oficiais. Como era possível um fato semelhante no próprio Quartel-General? As forças inimigas teriam, realmente, possibilidade de infiltrar-se junto a nós? Estariam justificadas as preocupações do comandante das tropas de guarda, por ocasião da primavera? Nunca poderíamos imaginar que a bomba tivesse saído das nossas próprias fileiras! Por isso não vi motivo algum para retardar minha viagem.

Às dezoito horas, Radl e eu estávamos na estação de Anhalt e tomamos, como sempre, em cima da hora nosso carro-leito. Instalamo-nos em nossa

cabina com toda a comodidade. A própria viagem era um meio de descanso, coisa rara naquele tempo. Utilizei, inclusive, uma cafeteira comprada na Itália, que funcionava com fogareiro a álcool. Quando paramos em Lichterfeld-West, última estação dentro da grande Berlim, ouvimos de repente uma voz que dizia:

— Comandante Skorzeny, comandante Skorzeny...

Olhei pela janela e vi um oficial que, sem a menor cerimônia, falou:

— Tens que regressar imediatamente a Berlim, comandante; é uma ordem superior. Atrás do atentado existe uma rebelião militar.

— Impossível — foi minha primeira palavra. Deve haver gente ficando maluca, mas eu devo ficar, Radl. Siga viagem para Viena e inicie as conversações. Se eu puder, seguirei amanhã.

Apanhei rapidamente minha maleta e saltei do trem que já começava a andar.

Durante a viagem para meu aquartelamento, onde esperava obter maiores esclarecimentos, o oficial informou-me de alguns detalhes.

— Ao que parece — dizia ele — trata-se de um complô de oficiais. Tropas blindadas, cujo comportamento ainda não foi esclarecido, marcham em direção a Berlim.

Eu pensava: tudo isto é bobagem, os oficiais têm outras coisas a fazer antes de rebelar-se.

Por intermédio do General Schellenberg fiquei sabendo de maiores detalhes. A central de conspiração devia estar na Bendlerstrasse, junto ao comando do Exército de Defesa Territorial.

— A situação é confusa e perigosa — explicava o palidíssimo Schellenberg; diante dele, sobre a escrivaninha, estava sua pistola.

— Aqui me defenderei quando chegarem — assegurou-me. Armei, também, todos os funcionários deste local. Você não poderia determinar que viesse para cá uma companhia de suas tropas para fazer a segurança do prédio?

Devido à confusão, eu não tinha pensado nisso. Telefonei para Friedenthal e o Capitão von Fölkersam atendeu.

— Faça com que o Batalhão entre de prontidão imediatamente — disse-lhe. O Capitão Fucker deverá assumir o comando e aguardar as minhas ordens. A Primeira Companhia deverá vir para cá. O Tenente Ostafel será o ajudante provisório. Vocês dois adiantem-se à Companhia e venham imediatamente.

Informei-o, rapidamente, sobre a situação. Dentro de uma hora a Companhia podia chegar até ali.

Dei a Schellenberg os seguintes conselhos:

— Meu general, faça com que seus funcionários sejam desarmados. É terrível ver a maneira como conduzem as armas. Por este motivo repreendi seriamente um destes homens e mandei-o para o sótão. Ali, pelo menos, não pode prejudicar ninguém com sua pistola. Além disso, se os outros chegarem antes da minha Companhia, é melhor que fuja para as casas vizinhas. Aqui não poderá resistir.

Esse foi o último conselho que lhe dei, ao mesmo tempo que olhava para sua pistola.

Fui para a rua a fim de esperar von Fölkersam e Ostafel. Quando começava a me impacientar, eis que a viatura deles dobrou a esquina. Dirigiam como demônios. Fölkersam informou-me que a companhia iniciava o deslocamento. Eu queria dar uma volta por Berlim, pois ainda não tinha recebido qualquer espécie de ordem. Fölkersam permaneceu na Berkaerstrasse e mantivemos contato permanente. Era uma tristeza constatar que o Exército alemão ainda não tivesse adotado os aparelhos de rádio portáteis. Naquela ocasião teriam sido muito úteis os Walky-talkies utilizados pelo Exército americano.

Fui para o bairro governamental e encontrei-o muito tranquilo. Desejava visitar, na Praça Fehrbellin, meu conhecido General Bolbrinker, das tropas blindadas. Ali notava-se um movimento desusado. Dois carros de combate estavam no meio da rua. Deixaram-me passar sem qualquer dificuldade.

— Ora, a revolta ao que parece não é tão perigosa — disse a Ostafel.

Fui recebido, em seguida, pelo General Bolbrinker.

Parecia estar indeciso. Por ordem do comandante do Exército de Defesa Territorial, todas as tropas blindadas de Wünsdorf tinham marchado para Berlim. Mas ele as tinha concentrado nas proximidades da Praça Fehrbellin, para mantê-las em suas mãos.

— Além disso, só cumpro ordens do comandante das tropas blindadas, General Guderian — disse. Só o diabo sabe o que está acontecendo hoje. Recebi ordem para mandar patrulhas de reconhecimento armadas aos quartéis berlinenses das Waffen-SS. O que você acha a respeito disso. Major Skorzeny?

— Estamos, por acaso, em guerra civil? — perguntei. Não me parece prudente cumprir uma ordem tão absurda. Se o senhor quiser, meu general,

irei ao quartel de Lichterfelde para ver o que está acontecendo por lá e telefonarei para informá-lo. Creio ser nossa obrigação evitar qualquer distúrbio.

O general concordou comigo.

No meu antigo quartel de Lichterfelde-Este tudo parecia estar tranquilo, mas o batalhão reserva e as demais unidades estavam de prontidão. Falei com seu comandante, Tenente-Coronel Mohnke, e lhe pedi para ser ponderado, não abandonando, sob hipótese alguma, o quartel com suas tropas. O General Bolbrinker ficou muito satisfeito com meu telefonema, quando lhe falei da minha conversa com o Tenente-Coronel Mohnke. A época das ordens estapafúrdias do comandante do setor militar da Bendlerstrasse parecia ter passado. Von Fölkersam informou-me a respeito da chegada da companhia de Friedenthal. Determinei que permanecesse no pátio atrás da Berkaerstrasse, em condições de cumprir missão.

Ainda não tinha uma visão exata do que estava acontecendo. Algum plano de alerta devia ter sido posto em vigor, por ordem do comandante do Exército de Defesa Territorial, em torno do meio-dia. Nas ordens posteriores não havia nada sistemático. O problema quase não podia ser levado a sério. As tropas blindadas estavam em situação de descanso e mantinham-se neutras. As Waffen-SS não receberam qualquer espécie de ordem. Mas, quem se rebelava contra quem? Podia existir justificativa para semelhante situação, quando estávamos empenhados em duras lutas na frente de combate? Pensei então que o General Student devia estar em Berlim. Assim sendo, dirigi-me ao estado-maior das tropas aerotransportadas no Lago Wann. Os oficiais não sabiam de nada. O general estava em sua residência, em Lichterfelde. Fui à casa do General Student, levando comigo um oficial para receber possíveis ordens de seu comandante.

Enquanto isso, tinha escurecido; deviam ser vinte e uma horas aproximadamente. Na maravilhosa casa, esperava-nos uma cena completamente pacífica. O General Student estava sentado no jardim, debaixo de uma lâmpada, inclinado sobre uma pilha de documentos. Vestia um enorme chambre claro e não estava, consequentemente, preparado para receber uma visita àquela hora. Sua esposa estava a seu lado costurando. Não pude deixar de pensar o quanto era cômica a situação. Um dos generais de Berlim estava de chambre, e absolutamente tranquilo, enquanto na

Capital preparava-se um golpe de Estado. O general só notou a nossa presença após insistentes tossidos de nossa parte.

Fomos recebidos com muita amabilidade, apesar da surpresa pela hora da visita. Havia entre nós uma confiança mútua, tendo em vista nosso relacionamento, no ano anterior, por ocasião dos acontecimentos desenrolados na Itália.

Quando expliquei que precisava falar com ele, em caráter oficial, sua esposa retirou-se. Expliquei o que sabia, e o General Student só movia a cabeça dizendo:

— Isto não pode ser verdade, meu querido Skorzeny. Uma tentativa de golpe de Estado é impossível.

Mal consegui convencer o general da gravidade da situação.

— Isto quer dizer que, na melhor das hipóteses, a situação é confusa — opinou o General Student.

E em seguida resumiu uma pequena ordem às suas tropas:

"Situação de prontidão, e que só se cumpram as ordens dadas pessoalmente pelo General Student".

Nesse momento o telefone tocou; era o Marechal do Reich Hermann Göring. Confirmou e ampliou ao General Student o meu informe.

O atentado fora executado, provavelmente, por um oficial do Estado-Maior do Exército de reserva. Mediante a senha "o Führer morreu", parece que várias ordens de alarme foram dadas na Bendlerstrasse. Em todo o caso, só deviam ser cumpridas as ordens vindas do quartel-general do Alto Comando da Wehrmacht.

— Manter a tranquilidade e evitar os encontros que possam conduzir a uma guerra civil — repetiu o General Student pelo telefone.

Acreditou, finalmente, que havia alguma coisa estranha e transmitiu rapidamente suas ordens, pois desejava ficar em contato com o General Bolbrinker e comigo.

Retornei em seguida para Berkaerstrasse. Ali não tinha ocorrido nada de importante. O General Schellenberg pediu-me dez soldados e um oficial. Tinha recebido ordens de prender, imediatamente, o Almirante Canaris e não queria ir sozinho. Dei-lhe apenas o oficial, pois achei que era suficiente. Dentro de uma hora estava de volta. Para Schellenberg, devia ser uma tarefa muito espinhosa ter que prender, a contragosto, o antigo Chefe do Serviço de Informações.

Na Praça Fehrbellin e junto ao General Student não havia qualquer novidade.

Por mais que eu me esforçasse, não podia deixar de pensar: "É possível ganhar uma guerra, se o próprio Chefe do Serviço de Informações Militares é um inimigo?"

Negava-me a acreditar que o atentado fora, realmente, uma revolta de oficiais. Um fato de tal natureza não seria, por acaso, capaz de destruir o prestígio dos oficiais, que formam a espinha dorsal de um exército? Era possível existir dois partidos contrários? Um pró, lutando nas frentes de combate, e outro contra, fazendo uma conspiração?

Não devíamos todos ter um só objetivo, que era o de ganhar a guerra? Falei sobre estes meus pensamentos com Fölkersam mas nossas reflexões não foram muito longe. Julgamos que o melhor seria voltar para Friedenthal.

Assim que lá cheguei, recebi um telefonema do Quartel-General do Führer, por ordem provavelmente de Hermann Göring:

— Vá com sua tropa, imediatamente, a Bendlerstrasse para apoiar o Major Remer, comandante do Batalhão de Guardas Grossdeutschland, que já cercou o prédio.

Expliquei só ter uma companhia em Berlim, mas a ordem, no momento, era cumprir a missão com apenas aquela tropa.

Depois da meia-noite cheguei na entrada da Bendlerstrasse e duas viaturas interromperam meu caminho. Quando me aproximei delas reconheci o Obergruppenführer SS Kaltenbrunner. Na outra viatura estava, conforme fiquei sabendo mais tarde, o General Fromm, comandante do Exército de Defesa Territorial.

Ouvi quando este disse:

— Agora vou para casa, onde posso ser encontrado a qualquer momento.

A seguir, os dois se despediram com um aperto de mão. Quando uma das viaturas se deslocou, o caminho ficou livre para que eu passasse. O General Kaltenbrunner gritou-me:

— Volto em seguida!

Fiquei, de certa forma, surpreendido pelo fato de o comandante do Exército de Defesa Territorial ir para casa, naquelas circunstâncias; mas, afinal de contas, eu não tinha nada a ver com isso.

Na entrada do prédio, encontrei o Major Remer, e me apresentei a ele. Recebera ordem para cercar, completamente, todo o prédio. Estabelecemos que eu ocuparia o prédio com meus homens. Deixei a Companhia no pátio e subi com Fölkersam e com Ostafel. Conhecia o edifício, porque estivera ali, frequentemente, por motivos de serviço. O corredor do primeiro andar estava cheio de oficiais que empunhavam pistolas automáticas. Demonstravam um aspecto belicoso. Na antessala do General Olbricht encontrei alguns oficiais, meus conhecidos, pertencentes ao Estado-Maior Geral. Também estavam armados de pistola e me contaram, rapidamente, os fatos ocorridos durante aquele dia: notaram que havia algo de estranho na ordem de alarme, que não podia ser normal. O General Fromm fizera algumas reuniões, das quais participaram apenas alguns oficiais. A maioria deles sentiu-se insegura e por isso armou-se de pistolas. Exigiram, ainda, do General Fromm, explicações acerca dos confusos acontecimentos. Este lhes dissera, então, que uma revolta estava em curso e que desejava investigar a respeito. O General Beck suicidara-se; três oficiais, entre os quais o Chefe do Estado-Maior, Coronel von Stauffenberg, o autor do atentado no QG do Führer, foram levados perante um conselho de guerra presidido pelo General Fromm.

As condenações à morte tinham sido cumpridas há meia hora por um pelotão de sargentos da Bendlerstrasse. Além disso, houve durante a tarde um rápido tiroteio no corredor do primeiro andar. Tudo isso ocorreu de modo precipitado, mas consentâneo com os fatos.

Apesar de tudo a situação ainda me parecia bastante confusa. O que devia fazer então? Tentei uma ligação telefônica com o QGF, mas não consegui.

A única coisa que me parecia evidente é que ninguém podia abandonar o local. Pensava na maneira de pôr novamente em ordem o alvoroçado ambiente. A melhor coisa a fazer seria realizar um trabalho metódico. Chamei todos os oficiais que conhecia, e determinei que eles e os demais, bem como os funcionários, voltassem aos seus trabalhos, que tinham abandonado à tarde.

— Nossos companheiros lutam nas frentes de combate e necessitam de suprimentos — disse.

Consegui, facilmente, a anuência de todos. Nisto apareceu um coronel dizendo que alguns problemas referentes a suprimentos deviam ser resolvidos pelo chefe do Estado-maior, Coronel Conde von Stauffenberg.

Disse-lhe que estava disposto a assumir a responsabilidade por uma decisão acerca do assunto, mas, antes de mais nada, deviam ser anuladas todas as ordens de alarme que tinham sido dadas mediante a contrassenha "Walkiria". Isto, entretanto, já fora praticamente realizado. Na antessala do General Olbricht encontrei dois agentes da Gestapo, que foram enviados, algumas horas antes, pelo General Müller (o chefe da Polícia Secreta do Estado) a Bendlerstrasse para prender o Coronel Conde von Stauffenberg.

Sem terem podido cumprir a missão, os dois agentes foram trancados numa sala por oficiais do Conde von Stauffenberg, assim que este chegara do QGF. A normalmente bem informada Gestapo não devia saber nada a respeito da tentativa de rebelião ou não lhe dera qualquer importância. Isto era a única explicação que encontrei, pois, do contrário, não teriam sido enviados apenas dois agentes para o cumprimento de tal missão.

Aproveitei a oportunidade para dar uma olhada na sala do Coronel von Stauffenberg. Todas as gavetas estavam abertas, dando a impressão de que tinham sido remexidas precipitadamente. Sobre a escrivaninha estava o plano de alarme "Walkiria" e pude constatar que fora elaborado por von Stauffenberg para dissimular o suposto caso de um encontro com tropas aliadas aerotransportadas. Fiquei profundamente entristecido com um outro achado numa segunda mesa. Um cartão impresso em quatro cores, para um jogo de dados. Um mapa simplificado da Rússia representava, conforme li nas explicações, o caminho que um Corpo do Grupo de Exércitos do Sul tinha seguido durante a campanha da Rússia. Era o Corpo onde o Coronel von Stauffenberg servira como chefe do estado-maior. As explicações deste jogo de dados, que aparentemente fora usado com muita frequência, e tinha sido impresso nas oficinas militares de cartografia, testemunhavam um pessimismo e um sarcasmo tão profundos, que me perguntei como era possível existirem oficiais com semelhante estado de ânimo atuando numa guerra.

Em pouco tempo, o complicado mecanismo do serviço voltou a funcionar. O medo se apoderava de mim, muitas vezes, quando devia tomar certas decisões, já que faltavam os três oficiais mais importantes da Bendlerstrasse: os Generais Fromm e Olbricht e o Coronel von Stauffenberg.

O fato de, além do Almirante Canaris, outras altas autoridades do comando do Exército de Defesa Territorial estarem comprometidas com a revolta levou-me a pensar novamente:

"Pode-se ganhar uma guerra moderna, se algumas importantes funções estão ocupadas por pessoas que trabalham contra o Governo do Estado?"

Finalmente, consegui uma ligação com o QGF. Solicitei que nomeassem um bom general para a chefia do Estado-Maior do Exército de Defesa Territorial e que me exonerassem o mais cedo possível. Repeti estas solicitações de duas em duas horas até a manhã de 22 de julho. Respondiam-me sempre que ainda não fora tomada qualquer decisão e que eu continuasse meu trabalho.

A 22 de julho Himmler chegou acompanhado do Comandante Supremo das SS, General Jüttner. Para surpresa de todos, Himmler foi nomeado comandante do Exército de Defesa Territorial. Era, com toda a certeza, um fiel seguidor de Hitler, mas não era militar. De que maneira poderia carregar nos ombros a responsabilidade de tal comando, juntamente com as demais funções que exercia? O General Jüttner, que fora nomeado representante permanente, não parecia nada feliz com sua nova tarefa. Himmler pronunciou, então, um discurso diante de todos os oficiais que ali se encontravam.

Fiquei contente com sua explicação de que somente um círculo muito restrito participara da conspiração. A reação dos presentes caracterizou-se pelo repúdio ao acontecido e pela passagem rápida da tormenta. A maioria dos oficiais, com toda a certeza, sentia-se triste com a revolta que fracassara por si mesma. Um episódio daquela natureza não estava de acordo com o caráter nem com a educação do corpo de oficiais alemães.

Pude, finalmente, regressar a Friedenthal e deitar-me na cama, terrivelmente cansado.

Apesar de ter um sistema nervoso bastante calmo, não pude dormir logo. Era profundamente lamentável que existissem na Wehrmacht e no povo alemão tensões e antagonismos que jamais imaginara possíveis. O único fator que me dava certa tranquilidade é que a tentativa de rebelião no Exército tinha fracassado, em parte por si mesma, e em parte pelas forças contrárias dentro do próprio Exército. Estava, entretanto, muito alegre pelo fato de que as Waffen-SS, às quais eu pertencia, em nenhum momento tivessem que intervir.

Há uma ideia errônea, hoje em dia, sobre o curso dos acontecimentos de 20 de julho, quando se fala na sufocação daquela tentativa de rebelião. Todos os participantes diretos dos acontecimentos devem admitir, sem qualquer reserva, que imediatamente depois do fracasso do atentado — com

a única exceção do Conde von Stauffenberg — todos os participantes arrependeram-se imediatamente. A partir daquele momento já não tiveram ânimo para atuar e só fizeram falta alguns oficiais, de ideologia contrária, para derrubar todo o castelo de areia. A pessoa de Adolf Hitler foi, certamente, um fator decisivo no cálculo dos conspiradores. Respeito a todos que, por suas convicções, ousam enfrentar a morte. Pouco importa se esta morte ocorrer num campo de concentração ou numa frente de combate. Não há dúvida de que procurar ou desejar a destruição não é um objetivo humano. Mas para qualquer homem pode chegar o momento em que, por convicção, aceite inclusive a morte.

Após mais de dez horas de sono acordei completamente descansado. É lógico que meus pensamentos voltassem rapidamente a ocupar-se dos acontecimentos dos últimos dias. Quero tentar descrever alguns destes pensamentos, como me ocorriam naquela ocasião. É mais importante, talvez, dizer como pensava e sentia então, do que como vejo as coisas hoje em dia. É sempre mais fácil parecer inteligente quando passam os anos. Meu primeiro pensamento foi de um ódio imenso para com aqueles homens que apunhalaram o povo alemão, pelas costas, em plena guerra. Mas deviam ter havido motivos muito fortes. Recordava as partes mais importantes das conversas que mantivera, com toda franqueza, com várias pessoas na Rua Bendler. Muitas daquelas pessoas tinham dado a entender, claramente, que de nenhuma forma eram discípulos de Hitler, ou do nacional-socialismo. Contudo, uma coisa era verdade: foram alemães sinceros, que, nas situações difíceis, só pensavam na sorte da Alemanha.

Mas que espécie de gente eram as pessoas que participaram da conspiração? Depois de tudo que ouvi, pude concluir que entre aquelas pessoas também havia patriotas. Contudo, só estavam de acordo com a eliminação de Adolf Hitler como Chefe de Estado e de maneira alguma sobre o que teria de acontecer depois disto, nem tampouco sobre a forma como lograriam seu objetivo: um rápido tratado de paz diante de uma situação de guerra sem esperança. Uma corrente à qual pertencia Stauffenberg queria tentar uma paz em separado com a Rússia; a outra queria fazer o mesmo com os aliados ocidentais. Depois de ser conhecida a posição inglesa, que foi anunciada pelo rádio, nenhuma delas se podia fazer, porque a rádio inglesa divulgava que um novo governo alemão — ao que parece estavam convencidos da morte de Hitler — só poderia obter uma paz geral, com o Oriente e com o Ocidente, segundo a Conferência de

Casablanca, com a unconditional surrender. Qual o caminho que estes homens deveriam seguir em tão difícil situação? Como poderiam ser unidas as duas correntes, uma a favor do Oriente e a outra a favor do Ocidente?

Surgiu-me, então, uma dúvida. No caso de êxito do atentado e da rebelião, isto não teria proporcionado aos russos, naquelas circunstâncias, a possibilidade de se espalharem por toda a Europa Ocidental e submetê-la à influência soviética?

O que mais me impressionou foi o suicídio do Coronel Freytag von Loringhoven. Agira de acordo com sua consciência. Eu conhecia sua mentalidade russófila. Alentava, provavelmente, a quimera de uma grande aliança entre a Alemanha e a Rússia; vista, naturalmente, sob um prisma histórico, já que não mais seria possível no presente. A ação do Conde Yorck e a convenção de Tauroggen só foram justificadas pelo êxito posterior da causa prussiana, e de nenhum modo podiam ser repetidas agora.

Recordo ainda, claramente, uma conversa que tive, alguns dias depois, com um almirante da Marinha de Guerra alemã, que me disse não ser nacional-socialista. A sua posição, diante do acontecido, era muito interessante. Revelou-a com um exemplo:

— Um barco choca-se, durante uma tempestade, com um rochedo. Quase todos os membros da tripulação, inclusive o comandante, podem salvar-se nos botes salva-vidas. Uma parte dos marinheiros culpa o comandante pelo acidente, que por isso deve ser castigado na hora e lançado ao mar. A parte mais prudente da tripulação impede a consumação do fato e diz que o comandante só pode ser responsabilizado por um conselho de guerra, depois de ter alcançado a margem salvadora. Acreditam, inclusive, que a mudança de comando pela força, em tal situação, poria em perigo a sorte de todos.

Apesar de tudo, estávamos de acordo em que os homens do 20 de julho mereciam a nossa piedade, porque tinham angariado o ódio por uma alta traição frustrada, movidos por uma convicção sincera e não por uma atuação determinada pelo oportunismo.

O Almirante terminou a conversa com estas palavras:

— É a velha tragédia histórica dos homens que carregam sobre seus ombros semelhante responsabilidade; para que sejam considerados como verdadeiros heróis na história do seu povo, a interpretação histórica objetiva

exige de sua atuação, antes de mais nada, duas premissas: ter êxito e obter para o povo uma melhoria da situação a longo prazo.

O 20 de julho de 1944, considerado sob o ponto de vista alemão, teve apenas uma consequência: deixou Adolf Hitler, o Führer e Chanceler do Império Alemão, o Chefe Supremo da Wehrmacht Alemã, física e moralmente atingido. Apesar da pequena gravidade dos ferimentos, sofreu bastante, pois um homem com tal responsabilidade sofre muito mais do que qualquer outro, por menores que tenham sido os danos corporais. Quanto ao seu moral, foi simplesmente terrível saber da existência de grupos, no corpo de oficiais alemães, capazes de traí-lo e de atraiçoar a causa alemã. Sua desconfiança, até então instintiva, converteu-se em mania e o levou a generalizações e injustiças para com pessoas que não mereciam tal tratamento. O próprio Hitler sofreu muito com isso. Mas o que resultou realmente negativo foi que se provocou a ideia de que os fatos do 20 de julho impossibilitaram qualquer espécie de tratado com os aliados, que exigiam uma rendição incondicional. Os aliados podiam contar com justificadas desavenças no Alto Comando alemão. A impossibilidade de um tratado de paz não se referia somente ao Chefe de Estado Adolf Hitler, mas também a um seu eventual sucessor. O comando alemão tinha todos os caminhos fechados a um tratado de paz. Todas as tentativas neste sentido foram repelidas pelos aliados de maneira irônica. Isto era, certamente, mais uma razão para a decisão inquebrantável e firme de Adolf Hitler para lutar até o fim.

A consequência imediata daqueles dias difíceis foi que minha tarefa aumentou bastante. A antiga 2ª Seção da agência do serviço secreto militar transformou-se, desde março, em Seção “MIL D" e foi colocada sob minha chefia.

Como soubesse das possibilidades de minha capacidade de trabalho, mantive uma boa relação pessoal com o chefe anterior da minha seção, o Major Naumann, do Estado-Maior Geral, que continuou sendo meu representante; assim sendo, reservei para mim apenas as decisões mais importantes. Todo o trabalho da 2ª Seção convertera-se em rotina e eu deixei que assim prosseguisse. Mais importante e interessante, para mim, era o fato de um grande número de homens da Divisão Brandenburg vir apresentar-se voluntariamente nas minhas unidades. Eram forças ativas que já não se encontravam com prazer no emprego normal da Divisão na frente

de combate e queriam servir sob minhas ordens, para o cumprimento de missões especiais.

Após várias gestões com o estado-maior da Divisão, em Berlim, e com o estado-maior do comando da Wehrmacht, consegui duas coisas que me pareceram da mais alta importância para nossas futuras possibilidades de ação. Meu Batalhão de Caçadores transformou-se em Unidades de Caçadores, ampliando-se a seis batalhões independentes; mil e oitocentos soldados e oficiais da Divisão Brandenburg, que se apresentaram voluntários, foram transferidos para minhas Unidades de Caçadores.

Já é hora de informar acerca de algumas missões cumpridas pelas minhas unidades, no verão e outono de 1944. Uma ação comum dos homens-rãs da Marinha e dos homens por nós enviados causou uma grande sensação. Esta ação foi comandada pelo Capitão Hellmer, um oficial da 2ª Seção, que fora meu subordinado. Os exércitos ingleses de desembarque, sob o comando do Marechal-de-Campo Montgomery, por meio de uma espetacular ação, à base de tropas aerotransportadas, conquistaram uma perigosa cabeça-de-ponte perto de Nimega, sobre o Waal, um dos braços na desembocadura do Reno. A ponte, infelizmente, caíra intacta em suas mãos e uma quantidade enorme de suprimentos passava por ela sem qualquer transtorno. Ataques aéreos com bombardeiros e com aviões de caça em voo picado não tiveram qualquer sucesso, tendo em vista forte defesa antiaérea.

Nesta situação, surgiu a ideia de atacar o objetivo com homens-rãs, para aliviar a pressão da frente de combate ao menos durante uma curta temporada.

Para casos semelhantes tinham sido fabricadas, com antecedência, à base de um explosivo especial, as chamadas minas-torpedo. Tinham a forma e o tamanho de torpedos e, mediante uma adaptação de tanques de ar, podiam flutuar e ser facilmente transportadas. Duas destas minas, colocadas nas bases dos pilares de uma ponte, com a enorme pressão da água, em consequência da explosão, destruiriam facilmente a ponte.

Os limites da cabeça-de-ponte estendiam-se a uma distância de aproximadamente sete quilômetros. A margem esquerda do Waal já estava completamente nas mãos dos ingleses. Certa noite, o Capitão Hellmer nadou sozinho, a favor da correnteza, até a ponte, para fazer um reconhecimento. As nadadeiras colocadas em seus pés permitiram-lhe uma boa velocidade, sem produzir muito barulho. O rosto estava coberto por uma fina rede de malha que, por sua vez, permitia uma boa visibilidade.

Desta forma entrou na água e se aproximou, cautelosamente, da ponte. Uma vez ali, escolheu o pilar apropriado e examinou-o atentamente. Durante este reconhecimento, todos os seus movimentos foram feitos de maneira perfeitamente correta. Enquanto isso, em cima, os carros "Churchill" rodavam em direção à frente de combate. O barulho dos motores e das lagartas era de suma importância, pois abafaria qualquer ruído suspeito na água. As sentinelas da ponte prestavam pouca atenção à água. O que poderia vir da água, se as duas margens, numa distância de vários quilômetros, estavam em suas mãos? Feito o reconhecimento, após ter obtido os dados necessários para o ataque, retornou através das margens ocupadas pelo inimigo.

A previsão do tempo prometia uma noite escura e talvez chuvosa; condições apropriadas, portanto, para uma missão desta natureza. Colocar as pesadas minas-torpedo na água e equilibrá-las foi uma tarefa difícil, principalmente, por realizar-se sob o fogo inimigo. Entre os homens que auxiliaram neste trabalho houve alguns feridos. Os doze homens que se arriscaram a executar a missão prepararam-se no maior silêncio e, quando entraram na água, ouviram dos companheiros que ficaram os últimos votos de boa sorte. Nadaram, então, correnteza abaixo conduzindo os grandes e perigosos torpedos; três homens, de cada lado, guiavam-nos. Em meio à escuridão viram logo depois a silhueta da ponte. Ouviram, também, o ruído de motores provocado pelo contínuo trânsito dos transportes e suprimentos. A julgar pelo barulho, também havia carros de combate. Os homens chegaram finalmente à ponte. As minas-torpedo foram colocadas na posição apropriada, causando um leve ruído. Abriram-se, então, as válvulas dos tanques de ar e ao mesmo tempo dois especialistas tiraram os pinos de segurança das espoletas de tempo. Os dois torpedos, a partir deste momento, tornaram-se perigosos. Submergiram, pouco a pouco, até o fundo do rio, enquanto os homens-rãs afastavam-se rapidamente do local. Após cinco minutos, foi ouvida a explosão. As espoletas de tempo funcionaram perfeitamente e a ponte caiu aos pedaços. Mas, subitamente, surgiu a vida nas margens do rio e os ingleses começaram a atirar. A noite tinha clareado um pouco, fazendo com que as cabeças dos homens fossem facilmente vistas sobre a água. Os nadadores mantinham-se, talvez, mais próximos do que a prudência exigia. Alguns disparos chegaram perigosamente próximos e uma rajada de metralhadora feriu um dos homens. Seus companheiros pegaram-no e o levaram consigo. Foram vistos mais algumas vezes e,

sempre que isso acontecia, recebiam uma chuva de balas. Dois homens mais foram feridos quando faltava pouco para chegar às linhas amigas. Seus companheiros, esgotados fisicamente, arrastaram os feridos até a terra. Aqueles homens, talvez, não compreendessem o importante significado daquela arriscada missão. Sabíamos que o inimigo estaria pensando na defesa e que uma segunda missão de tal natureza seria muito difícil.

Depois do êxito alcançado no desembarque, o Alto Comando alemão manifestou o temor de que os aliados poderiam menosprezar a neutralidade da Suíça e invadir a Alemanha a partir do seu território. Esta opinião surgiu quando a frente de combate ocidental foi paralisada, em setembro de 1944, perto das fronteiras do Reich.

Recebi ordens do QGF para cumprir uma missão referente àquela situação. Meus homens-rãs deviam estar preparados no alto Reno para destruir suas pontes junto à Basiléia, no instante em que as tropas aliadas pisassem o território suíço. Esta medida, de caráter puramente defensivo, tinha por finalidade fazer com que o Alto Comando alemão ganhasse tempo suficiente para montar uma frente de combate ali e repelir uma ofensiva aliada que partisse da neutra Suíça. Em consequência dessa neutralidade, não havia naquela região qualquer espécie de tropa alemã.

Algumas semanas mais tarde, entretanto, foram tornadas sem efeito as ordens referentes ao problema, uma vez que ficou patente que os aliados, em nenhuma hipótese, começariam seu temido movimento através da Suíça.

No outono de 1944, meu 502º Batalhão de Caçadores realizou um exercício muito interessante, sob a direção dos Capitães Fölkersam e Hunke. Tínhamos combinado com o diretor de uma fábrica de armamento, em Friedenthal, que, num determinado dia, vários grupos dos meus homens, simulando sabotadores estrangeiros, tentariam infiltrar-se na fábrica a fim de paralisá-la.

O êxito que este exercício teve foi simplesmente assombroso. Uns vinte homens conseguiram entrar, falsificando senhas de lata da fábrica, e em dez minutos tinham sido colocados simulacros de explosivos nos lugares mais importantes da fábrica, sem que os operários e guardas de segurança tivessem observado qualquer anormalidade. O chamado grupo de segurança da fábrica foi obrigado a fazer um grande relatório à diretoria; a partir daí, suponho, todos os guardas pertencentes ao grupo de segurança das diversas fábricas de armamento receberam novas instruções. Desta experiência tirei uma conclusão: os serviços de informações do inimigo, ao que parece, não

brilhavam muito pela eficiência; caso contrário, teriam procurado informar-se a respeito dos sistemas de segurança das fábricas alemãs para tentar a realização de ações de sabotagem; teriam constatado, então, que, de parte dos sistemas de segurança da indústria alemã e outras organizações, não encontrariam dificuldades insuperáveis.

No Leste também havia muito trabalho. Recebi um telegrama urgente, em agosto, determinando que eu comparecesse ao Quartel-General. O General Jodl apresentou-me a dois oficiais do Estado-Maior Geral, tendo estes me informado que logo após o desmoronamento da frente alemã no Leste, em junho de 1944, em seu setor central, um comando de reconhecimento (unidades de defesa, que integravam os exércitos de campanha) recebera de um agente russo, que desde o início da guerra efetuava reconhecimentos longínquos para os serviços alemães, o seguinte informe: "Numa região boscosa, ao norte de Minsk, encontram-se unidades alemãs que ainda não se entregaram." Tinha sido informado, anteriormente, por soldados alemães acerca de coisas semelhantes. O agente, então, atravessou a frente e veio à Alemanha trazendo, inclusive, maiores detalhes. Tratava-se de uma unidade constituída de uns dois mil homens, sob o comando do Tenente-Coronel Scherhorn. Acrescentou, ainda, outros dados para sua exata localização. Comandos de reconhecimento tinham feito várias tentativas para estabelecer contato com aqueles homens dispersos, mas não obtiveram êxito. O Estado-Maior da Wehrmacht desejava, agora, que fosse feito o possível para encontrar a tropa de Scherhorn e conduzi-la a lugar seguro.

— Você tem possibilidade de pôr em prática esta ordem? — perguntaram-me.

Respondi afirmativamente, com toda a tranquilidade. Sabia que os oficiais e soldados indicados para este caso, bálticos e voluntários russos, lutariam com entusiasmo para salvar seus companheiros em perigo. Um plano de resgate foi preparado rapidamente em Friedenthal, recebendo o nome de "Franco atirador". A execução deste plano foi confiada ao recém-criado "Batalhão de Caçadores Leste". Nosso plano consistia no seguinte: formar quatro grupos de cinco homens; cada um deles constituído de dois soldados alemães da unidade "Leste" e de três russos. Cada grupo foi equipado com aparelhos de rádio, provisões para quatro semanas, barracas e outros equipamentos, além, é lógico, de pistolas automáticas russas. Esta missão só podia ser realizada, é claro, utilizando-se uniformes russos.

Consequentemente foram providenciados todos os papéis e documentos necessários. Não podia ser esquecido o menor detalhe. Todos os participantes deviam acostumar-se com os cigarros de palha e levar consigo, no mínimo para ser mostrada, uma quantidade suficiente dos típicos biscoitos pretos russos, bem como algumas latas de conserva russas. As cabeças dos participantes foram devidamente raspadas, a exemplo do que se fazia no Exército russo, e a higiene pessoal foi abandonada durante os dias anteriores ao início da missão.

Dois dos grupos deviam saltar a leste de Minsk, junto a Borisov e perto de Gevenj, e reconhecer a região em direção ao Oeste. Caso não encontrassem a tropa de Scherhorn e seus homens, deviam retirar-se em direção às nossas linhas.

Estava claro que nosso plano tinha uma base simplesmente teórica. Ao chegarem ao solo deveriam ter uma ampla liberdade de manobra, uma confiança no próprio instinto e atuar conforme as circunstâncias. Estabelecemos ainda que, através de ligação rádio, daríamos novas instruções se fosse o caso. Após encontradas as tropas de Scherhorn, construiríamos uma pista de aterrissagem, para que os homens fossem pouco a pouco evacuados por aviões.

O primeiro grupo, comandado pelo Primeiro-Sargento P., saltou em fins de agosto. Um HE-111 do 200º Esquadrão de Combate levou-os à zona de lançamento. Esperamos ansiosos a notícia do regresso do avião, pois este fora a uns 500 quilômetros além das linhas inimigas, em pleno território inimigo. A linha de contato entre as tropas alemãs e as russas estava caracterizada, mais ou menos, pelo rio Vístula. Um voo desta natureza só podia ser feito à noite e nenhum aparelho de caça podia acompanhar o HE-111. Ainda durante a noite recebemos, através do teletipo, a notícia de que o voo fora realizado sem acidente e que o grupo saltara bem. O comando de reconhecimento conseguiu, na mesma noite, uma ligação rádio com o grupo P.

— Aterrissamos mal; reunir-nos-emos agora, mas atiram sobre nós, com metralhadoras...

Depois disso o rádio emudeceu. O grupo abandonara, provavelmente, a estação para fugir. Noite após noite, nosso radioperador tentava restabelecer a ligação, mas o grupo P. não respondia. Isto não era um bom começo.

Nos primeiros dias de setembro, o segundo grupo partiu sob o comando do Alferes Sch. A tripulação do avião comunicou que o salto fora perfeito.

Durante quatro dias o grupo não deu sinal de vida. Começávamos a ficar preocupados. O que podia ter acontecido? Mas, na quarta noite, o operador da nossa estação obteve resposta à sua chamada. A contrassenha do grupo Sch. foi correta. Transmitiram a senha de que nossos homens não estavam sob pressão e a seguir deram a informação decisiva: o grupo de Scherhorn existia e tinha sido encontrado. Na noite seguinte, o próprio Tenente-Coronel Scherhorn transmitiu seus agradecimentos com uma singela mensagem, em linguagem castrense. Que sensação maravilhosa tivemos! O sacrifício dos nossos homens não fora em vão. Demonstrara-se mais uma vez o verdadeiro espírito de camaradagem. O terceiro grupo M. saltou na noite seguinte, depois do grupo dois, e dele não tivemos mais notícias. Noite após noite, semana após semana, durante meses, tentávamos estabelecer ligação, mas não houve qualquer notícia. O grupo M. desaparecera nas imensas estepes russas.

O quarto grupo, sob o comando do Primeiro-Sargento R., saltou um dia depois. Durante os primeiros dias, comunicou-se com bastante regularidade. Tinha chegado bem ao solo, e todos os homens estavam juntos. Não pôde manter a direção exata porque frequentemente precisava evitar encontros com tropas de polícia russas. Encontraram-se com desertores russos, que os consideraram seus camaradas. A população da Rússia Branca era amável.

Subitamente, no quarto dia, a ligação rádio foi interrompida. Não pudéramos informar a R. sobre a exata situação do grupo Sch. Começou, outra vez, a enervante espera de uma notícia. Adrian von Fölkersam que, na qualidade de chefe do estado-maior das minhas Unidades de Caçadores, participara da elaboração do plano, e por isto estava muito interessado na sorte dos alemães bálticos, que estavam realizando a missão, tinha que me informar diariamente.

Ouvi novamente:

— Nenhuma notícia dos grupos M, R e P.

Depois de umas três semanas, chegou um comunicado de um Corpo situado em algum lugar da fronteira lituana.

— O grupo R se apresenta sem baixas.

Os informes dados pelo Sargento R. tinham interesse para muitos serviços militares, pois era um dos poucos alemães que podiam dar notícias sobre o território atrás das linhas russas, por tê-lo visto com seus próprios olhos. Informou sobre a seriedade com que o comando russo encarou sua guerra total. Ali se utilizavam, em casos de necessidade, qualquer mulher e,

inclusive, crianças para ajudar. Confirmou que, à falta de meios de transporte, os tonéis de gasolina eram levados rodando para a frente, com a ajuda da população civil; disse como as granadas andavam quilômetros e quilômetros, de mão em mão, até as posições de artilharia. Podíamos ainda aprender muito com os russos.

O Primeiro-Sargento R. levou sua audácia demasiadamente longe quando entrou fardado de tenente russo num cassino de oficiais e foi convidado para almoçar. O leitor pode ficar surpreendido que eu tenha usado a palavra cassino de oficiais. Mas o Exército russo reviveu, durante o transcorrer da guerra, muitas tradições antigas, entre as quais as largas dragonas de oficial do antigo exército czarista. Os perfeitos conhecimentos linguísticos do Sargento R. fizeram com que seus anfitriões de nada desconfiassem. Alguns dias depois voltou às linhas alemãs e converteu-se, logicamente, num dos mais eficientes auxiliares no cuidado posterior do grupo Scherhorn.

No princípio, só podiam ser atendidos os pedidos mais urgentes da tropa extraviada. Pediram um médico e material de saúde. O primeiro médico a saltar, em determinada noite, só pôde fazê-lo graças a fracos sinais luminosos feitos do solo. Ao saltar quebrou os dois pés e, segundo informações recebidas, morreu pouco tempo depois. A chegada do segundo médico foi recebida com alegria e agradecimento. Depois disso houve necessidade de lançar alimentos e munições para as armas portáteis. O estado de saúde dos soldados era tão precário, em consequência das longas privações, que ainda não se podia pensar num deslocamento.

O 200º Esquadrão de Combate voava a cada duas ou três noites em missões de suprimento. Queixavam-se, através do rádio, de que muitos lançamentos eram feitos com imprecisão e que, em consequência disso, não chegavam a seu destino. Repetiam-se, então, estes voos. Juntamente com os homens do 200º Esquadrão elaboramos um plano de salvamento para a tropa de Scherhorn. Devia ser construída uma pista nas imediações do acampamento onde estavam. Dali seriam evacuados, inicialmente, os feridos e os doentes; depois, gradativamente, os demais soldados. A ocasião para isso devia ser nas escuras noites do fim de outubro.

Um especialista em campos de aviação, da Luftwaffe, saltou de paraquedas, a fim de orientar o trabalho. A construção da pista foi, entretanto, descoberta e em pouco tempo tornou-se impossível sua construção devido aos ataques russos. Em consequência disso foi necessário

realizar um novo plano com o qual o Tenente-Coronel Scherhorn concordou. A tropa marcharia uns 250 quilômetros em direção ao norte, até uma região de lagos junto à fronteira russo-lituana, perto de Dünaburgo. Estes lagos costumam ficar congelados no início de dezembro.

Para facilitar a marcha de um grupo tão numeroso, atrás das linhas inimigas, Scherhorn decidiu dividi-lo em duas colunas. A coluna sul seria comandada pelo próprio Scherhorn e a do norte pelo Alferes Sch. Mas a tropa necessitava ainda de roupas confortáveis para a marcha, além de uma infinidade de outras coisas que, multiplicadas por 2000, davam um número bem considerável. Foram lançadas, também, nove estações de rádio com operadores russos para que fossem mantidas as comunicações após o deslocamento das colunas. O Alferes Sch., pela sua atuação, foi promovido a Tenente e condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro.

Em novembro de 1944 chegou a hora e as colunas iniciaram a marcha. Os feridos e os doentes foram levados de carroça. Deslocavam-se com maior lentidão do que tínhamos imaginado; não faziam mais de 8 a 12 quilômetros diários. Por mais de uma vez tiveram que ser intercalados dias de descanso, de modo que eram normais as etapas de trinta ou quarenta quilômetros semanais. Os radioperadores informavam sobre constantes choques com tropas de polícia russas e novos feridos e mortos. Nós, que conhecíamos a Rússia, não tínhamos ilusões. As possibilidades de chegar outra vez à pátria eram muito reduzidas.

É certo que os voos de suprimento tornavam-se cada vez mais curtos, mas as zonas de lançamento eram encontradas com maior dificuldade.

Pelo rádio eram combinados os locais de lançamento, segundo as quadrículas da carta, e no momento aprazado os lançamentos eram comandados, em código, por determinados sinais luminosos. Mas quantos destes lançamentos caíram em mãos da polícia de segurança russa, que agia com grande eficiência? Contudo, isto não era nossa única preocupação. O 200º Esquadrão recebia, a cada dia, menos gasolina para os voos. Em determinadas ocasiões consegui obter para a missão "Franco atirador" uma cota extra de quatro ou cinco mil litros de gasolina; mas isto era cada vez mais difícil. Apesar das urgentes chamadas de soro, tínhamos que reduzir nossos voos de suprimento. Desejava, apenas, que Scherhorn e seus companheiros, dentro de sua desesperada situação, compreendessem as nossas dificuldades. Por este motivo tentei, através de mensagens-rádio de cunho pessoal, que mantivessem a crença em nossa decisão de ajudá-los.

Em fevereiro de 1945, encontrava-me na situação de comandante de uma divisão, na frente Leste. Tínhamos que repelir, diariamente, os fortes ataques, além de realizar toda a sorte de missões especiais em outras frentes. Todas as noites chegavam notícias da missão "Franco atirador" e eram cada vez mais desesperadoras:

— Mandem... Ajudem..., não nos esqueçam! Apenas uma notícia agradável chegou: Scherhorn encontrara o grupo P., perdido há meses. As outras notícias eram uma carga pesada para meus nervos e de meus companheiros. Apenas uma vez por semana podíamos mandar um avião com suprimentos. A distância de voo era, agora, de oitocentos quilômetros aproximadamente e as cargas de lançamento cada vez menores. Quebrava a cabeça pensando na maneira de poder ajudá-los. Como encontrar uma solução?

Em fins de fevereiro já não recebíamos mais gasolina. Ficava irritado ao pensar nas grandes quantidades de gasolina que caíam em mãos dos aliados por ocasião dos seus avanços. E para nossa missão nenhuma havia. Em cada aeroporto, na região de Warthe, que caía nas mãos dos russos, encontravam-se centenas de toneladas de gasolina especial para aviões. O Tenente Sch. disse pelo rádio naqueles dias:

— Alcancei com os grupos avançados a região dos lagos. Morreremos de fome se não chegarem víveres. Podem vir buscar-nos?

Suas chamadas radiofônicas eram ouvidas cada vez mais fracas. Os pedidos de socorro tornaram-se cada vez mais insistentes e nos sentíamos impotentes. Sch. solicitava um pouco de gasolina para recarregar as baterias do rádio:

— Quero manter comunicação com vocês.

O prosseguimento da guerra e a confusão, em muitos lugares, foram mais fortes do que nós.

Já não se podia pensar em buscá-los ou em mandar-lhes suprimentos.

Apesar de tudo, nossos radioperadores ficavam sentados, noite após noite, atrás de suas estações, inclusive durante as retiradas e as contínuas mudanças de situação, mantendo ligação com algumas estações de rádio da tropa de Scherhorn. Mensagens desesperadoras continuaram chegando até o dia 8 de maio de 1945; naquele dia terminou também a missão "Franco atirador".

Posteriormente, durante longas noites, estando prisioneiro, voltei a pensar com frequência na missão "Franco atirador". Nenhum dos meus

homens e ninguém do grupo de Scherhorn voltou. Não houve testemunha que pudesse informar acerca dos sofrimentos e do destino final do grupo. Seria o caso de ter o serviço de informações russo, durante todo aquele tempo, simulado a situação? É certo que tínhamos previsto medidas de segurança para este caso e que cada um dos nossos radioperadores e comandantes de grupos lançados por nós tinha uma palavra-código que devia transmitir caso estivesse sob pressão. Mas, em todas as mensagens por nós recebidas, nada havia que demonstrasse algo de anormal. A quantidade de experiências que tive, entretanto, a respeito da métodos de interrogatório, fez com que eu tivesse minhas dúvidas. Acreditava que, tanto os russos como os demais aliados, seriam capazes de qualquer coisa com seus métodos. Talvez um dia possa encontrar a solução deste enigma. (Em 1956, aproximadamente, disseram-me que, num dos últimos comboios de repatriados, o Tenente-Coronel Scherhorn regressara à Alemanha Ocidental. Mas, infelizmente, até agora não pude encontrá-lo.)

Uma outra catástrofe ocorreu em fins de agosto de 1944 na frente Leste. Todo o Grupo-de-Exércitos Sul na Bessarábia e na Romênia parecia ter sido destruído ante a avalancha de movimentos do avanço russo. Um exército alemão de milhões de homens fora destruído e, de maneira incontida, as divisões russas entravam na Romênia. Acompanhávamos o desenrolar da situação de acordo com as notícias recebidas. O que aconteceria aos grandes grupos de população de sangue alemão na Romênia?

Nesta oportunidade minhas Unidades de Caçadores receberam uma ordem do quartel-general:

"Constituir, imediatamente, dois grupamentos para realizar uma operação. Os aviões para o transporte já estão preparados. Missão: bloquear os desfiladeiros dos Cárpatos, reconhecer as regiões do outro lado, dificultar o transporte de suprimentos dos russos e ajudar na evacuação das pessoas de sangue alemão."

Davam-nos mais uma vez uma ordem precipitada. O Tenente G. parecia-me a pessoa mais indicada para comandar esta ação. Além de engenheiros experimentados e de soldados de tropas de choque, vários soldados que falavam o romeno fizeram parte do grupamento. Como foi bom termos realizado um voo de reconhecimento na região do objetivo! Ao contrário do que nos informaram, o aeroporto de Temesvar já estava ocupado por fortes unidades russas. Ali deveria ter aterrissado nosso

grupamento. Dirigimo-lo, então, para onde estava o Corpo de Exército Phelps (V Corpo de Montanha das Waffen-SS).

Divididos em quatro equipes, os homens das unidades de choque chegaram aos desfiladeiros dos Cárpatos. Não se podia dizer que ali, naquela ocasião, houvesse uma linha de frente alemã; só os russos seguiam avançando. Este avanço, entretanto, pôde ser dificultado em alguns desfiladeiros, conseguindo-se assim ajudar a muitos grupos de alemães desesperados. O Tenente G. entrou, por ocasião de seu regresso, junto com as tropas russas, em Kronstadt, fardado de soldado romeno e inclusive adornado com flores para comemorar o vitorioso avanço dos russos. Mas, ao tentar a passagem através das linhas russas mais avançadas, foi abandonado pela sorte. Os russos descobriram-no juntamente com seus homens. Foram presos e levados a uma colina a fim de serem fuzilados sem maiores formalidades. No último momento, por uma reação súbita e instintiva, G. conseguiu fugir. Seus perseguidores atingiram seu pé direito. Após uma corrida de alguns quilômetros, pôde, finalmente, esconder-se num pântano. Durante a noite chegou próximo a Morosvasachely e conseguiu finalmente retornar às linhas alemãs que foram restabelecidas com muitas dificuldades. Pelas informações que trouxe, fruto de suas observações sobre os movimentos do inimigo, conseguiu-se salvar do cerco um Corpo de Exército alemão que estava próximo de Gyergyoti.

As outras três equipes retornaram com poucas baixas e trouxeram importantes informes sobre a retaguarda do inimigo.

Estas eram as missões de comandos que nos agradavam. Era incrível o que podiam fazer os pequenos grupos de valentes soldados, quando estavam decididos e confiantes em si e em suas missões. Foi impressionante um episódio ocorrido nesta ação. Um grupo de G. encontrou-se, na Romênia, com uma unidade de artilharia antiaérea alemã, constituída de dois mil soldados, que se retiraram com suas armas para as margens de uma estrada e ali esperavam, praticamente, que fossem feitos prisioneiros. Trezentos deles uniram-se voluntariamente aos homens de G. decididos a regressar lutando. Esses trezentos homens chegaram sãos e salvos e foram acolhidos pelas tropas alemãs. E o destino dos outros? Não ficamos sabendo. A grande consequência deste fato, e que muito nos preocupava, era esta: o soldado alemão teria sido desmoralizado e teria perdido a autoconfiança? Estaria abandonando a causa alemã? Acreditávamos, entretanto, que isto era

apenas um estado de ânimo, pela catástrofe existente em alguns setores, devido ao pânico ocasionado pela ação russa.

CAPÍTULO XXII

Setembro de 1944 — Outra vez chamado ao Quartel-General do Führer — Estudo de situação com Hitler — As grandes decisões — Encontro com Hanna Reitsch e com o General von Greim — Crítica de Göring — Ameaça da perda da Hungria — Minha missão — Amplos poderes — Budapeste, centro do apoio logístico — Preparativos em Viena — Batalhão de cadetes — Conversações secretas com Tito — O morteiro de 65 cm — Opiniões diferentes — Preso o filho de Horthy — Preparativos para a missão "Panzerfaust" — 16 de outubro de 1944, às seis horas — Ataque de surpresa ao castelo — Conseguimos o golpe de mão — O comandante se rende — Poucas baixas em ambos os lados — Amizade assegurada — Lembrança da velha Áustria — Com o Regente em Munique — Reencontro no Palácio da Justiça de Nuremberg — Um documento histórico — Apresentação do relatório no QGF.

Von Fölkersam e eu esperávamos ter um pouco de tempo para estruturar as unidades de caçadores, conforme era nosso desejo; isto é, transformá-las numa tropa forte com capacidade para realizar ações ofensivas.

Inesperadamente, no entanto, recebi ordem, aproximadamente a 10 de setembro de 1944, para comparecer ao Quartel-General do Führer, no Covil do Lobo. Já não estava na retaguarda; a frente de combate estava a pouco menos de 100 quilômetros. Recebi do General Jodl ordem para estar presente, durante alguns dias, ao estudo de situação com o Führer no que dizia respeito à frente Sudeste. Fora previsto, para mim e para minhas tropas, uma ação muito importante neste setor.

Pela primeira vez estaria presente ao grande estudo de situação com o Führer, como se dizia no QGF. Mas só permaneceria na sala de reunião durante o tempo em que seria feito o estudo sobre a frente Sudeste. Os trabalhos eram conduzidos pelo General Jodl. Cheguei a conhecer nesses dias o ambiente um pouco confuso em que eram elaboradas as ordens do Comando Supremo alemão. O Alto Comando do Exército (OKH) exercia o comando absoluto apenas na frente Leste. O Estado-Maior da Wehrmacht dava suas ordens para as demais frentes, inclusive à dos Bálcãs. A Marinha

e a Luftwaffe autorizavam seus oficiais a comparecer às reuniões dos seus Estados-Maiores a fim de auscultarem suas opiniões. Acima de tudo estava apenas a pessoa de Adolf Hitler como único elemento unificador e coordenador, desde que assumira o Comando Supremo.

A "barraca da situação" distava uns cinquenta metros do novo bunker do Führer, que acabava de ser construído. Era um abrigo de concreto cujas paredes tinham sete metros de espessura e devia oferecer proteção contra eventuais bombardeios. Um complicado sistema de ventilação substituía as janelas. A atmosfera, entretanto, era pouco sadia. Disseram-me que as paredes ainda não estavam completamente solidificadas e que continuavam a desprender um calor químico e, portanto, nocivo.

A barraca da situação, com amplas janelas, onde se realizava o grande estudo da situação, possuía telefones e várias salas para reuniões e tinha um aspecto bastante agradável. Às 14 e 22 horas, aproximadamente, iniciavam-se os estudos de situação, quando então eram tomadas as grandes decisões. No mesmo dia da minha chegada — cheguei pela manhã bem cedo, no trem correio de Berlim — recebi ordem para comparecer à "situação" do meio-dia. O local da "situação" tinha uns sete metros por doze. Num dos lados, junto às grandes janelas, havia uma grande mesa repleta de mapas. Ao lado da porta que se achava diante das janelas, no centro da outra parede, havia outra mesa redonda com bonitas poltronas. Quando entrei, a maioria dos assistentes já estava reunida; generais e oficiais do Estado-Maior Geral de todas as forças singulares. Tive que me apresentar a quase todos eles, pois conhecia muito poucos. A seguir, anunciou-se a chegada de Adolf Hitler, que entrou acompanhado pelo Marechal-de-Campo Keitel e pelo General Jodl.

Contemplei, profundamente chocado, o homem que no passado tinha um aspecto muito saudável. Vi um homem encurvado e envelhecido; sua profunda voz também parecia ter mudado. Seriam sintomas de uma enfermidade? Sua mão esquerda tremia tanto que, estando de pé, tinha que segurá-la com a direita. Seria isto uma consequência direta do atentado de 20 de julho? Estaria este homem encurvado sob o peso da responsabilidade que assumira e há muitos anos carregava praticamente sozinho? Perguntei-me como este homem, velho e alquebrado, podia reunir ainda a energia suficiente para uma atuação tão sobrecarregada de responsabilidades.

Adolf Hitler cumprimentou alguns dos militares que estavam mais próximos, com um aperto de mão. Teve para comigo palavras muito

amáveis e determinou, uma vez mais, que eu estivesse presente ao estudo de situação dos Bálcãs. Pediu então os informes que eram anotados por dois taquígrafos que se sentaram à mesa. Os demais presentes permaneciam de pé. Havia apenas um tamborete para Hitler, que raras vezes fazia uso dele. Vários lápis de cor e seus óculos encontravam-se diante dele.

O General Jodl, que estava à direita de Hitler — o Marechal Keitel estava à sua esquerda — começou analisando a situação. No grande mapa do Estado-Maior Geral podíamos acompanhar sua explanação. Citaram-se números de divisões, corpos e regimentos blindados. Ali o russo tinha atacado, mas foi repelido; aqui o inimigo conseguira uma profunda penetração; as forças para o contra-ataque foram designadas. Era impressionante o vulto de detalhes, os números de regimentos, as quantidades de carros de combate prontos para a ação, as reservas de combustíveis e outros dados que Hitler sabia de cor. Foram citados novos números e feitos vários deslocamentos de tropas sobre o grande mapa. A situação era grave. A linha de contato, entre russos e alemães, coincidia, de modo geral, com o traçado da fronteira húngara, à exceção de algumas penetrações. Considerando minha experiência, pensei: estas divisões aqui assinaladas ainda são capazes de combater com pleno rendimento? Seus canhões e viaturas estão em boas condições? Quantos carros de combate e canhões foram perdidos após o envio das últimas informações?

— Hoje não foram tomadas decisões muito importantes — ouvi alguns oficiais do Estado-Maior Geral murmurarem.

Exato; esqueça completamente que ali somente se raciocinava à base de exércitos e de grupos-de-exércitos.

As explicações da Luftwaffe não pareciam muito claras. Adolf Hitler ergueu-se e então a antiga e sonora voz pediu ao oficial uma explicação mais exata. A tão querida Luftwaffe parecia que já não era muito apreciada. Os números dos aviões de combate utilizados, citados pelo referido oficial, não pareciam muito convincentes. Com um breve gesto Hitler terminou a explanação e fez meia volta. O General Jodl disse-me para abandonar a sala, pois seriam comentados outros setores da frente.

Na antessala detive-me junto a alguns jovens oficiais do Estado-Maior Geral. Um ordenança ofereceu-nos vermute e conversamos a respeito da frente Leste. Em Varsóvia estava em curso a rebelião do exército polaco clandestino. Lutas terríveis deviam estar acontecendo na Polônia. Ao sul de Varsóvia, então, a situação era tenebrosa; dali vinham informes funestos.

— Estas informações não podem ser dadas ao Führer — opinou um dos oficiais. É preciso encontrar outra solução.

Três dias depois, por uma simples casualidade, não me ordenaram sair durante as conversações a respeito das outras frentes. O oficial, que relatava o assunto, anunciou a desesperadora situação que se originara ao sul de Varsóvia. Adolf Hitler levantou-se com um salto e perguntou ao oficial:

— Por que não me informou isso antes?

Atirou seus lápis sobre a mesa de mapas com tal força, que alguns caíram no chão. Ouvi reprovações contra Jodl, contra o Alto Comando do Exército e contra a Luftwaffe. Todos calaram atemorizados. Eu mesmo me ocultei um pouco mais no fundo da sala, ante aquela explosão de ira incontida.

Esta reprovação devia ser lançada diante de todos os presentes? Mais impressionante ainda foi a repentina mudança de Hitler para uma atitude de serenidade. Voltou-se para os outros generais formulando perguntas concretas:

— Existem reservas disponíveis? Pode um comboio de munições chegar a tempo? Há, nas proximidades, uma grande unidade de Engenharia?

Desta forma tornavam a se fazer combinações e emendas e tive esperança de que os problemas poderiam ser equacionados.

No decorrer da tarde visitei diversos conhecidos no QGF. Em nenhum lugar tive notícias agradáveis. Decidi desaparecer durante uma hora e meia. Havia no Quartel-General uma sauna que desejava visitar. Entregar o corpo ao ardente vapor era muito saudável; e depois uma massagem. Voltei então a me encontrar lépido e fagueiro para aguentar uma longa sessão noturna. Era uma pena que os lagos estivessem tão longe; daria gosto nadar um pouco.

De maneira surpreendente encontrei-me no QGF com Hanna Reitsch. Cumprimentamo-nos cordialmente. Fiquei muito satisfeito por não ter acontecido nada com esta valorosa mulher durante as recentes experiências com a V-1. Contou-me que chegara em companhia do General von Greim e mostrou-me seu alojamento.

— Não queres visitar-me hoje à noite?

— Prometi que iria, com muita satisfação, mas só após a "situação" noturna.

— Nós também ficamos acordados até muito tarde; estão acontecendo muitas coisas importantes; venha tranquilo.

Assim nos despedimos.

Depois da "situação" noturna — devia ser meia-noite — fui, através de caminhos escuros, até o referido alojamento. Num grande espaço, que servia de sala e de dormitório, Hanna Reitsch apresentou-me ao General Ritter von Greim. Seu cabelo branco dividido marcava seu simpático rosto. Sob a Cruz de Cavaleiro descobri o Pour le mérite da Primeira Guerra Mundial. Rapidamente entabulamos uma conversa séria e excitante. Assunto: a guerra e a Luftwaffe. Fiquei maravilhado com a energia que este general ainda possuía. Logo fiquei sabendo a verdadeira razão de sua presença no QGF: o Marechal do Reich Hermann Göring devia ser demitido do comando da Luftwaffe; von Greim tinha sido designado por Hitler para ser seu sucessor. Mas o problema ainda não estava completamente solucionado. A política de pessoal da Luftwaffe tinha interesse em manter Hermann Göring em suas mãos, mas von Greim não estava de acordo com isso. Contudo, Hitler ainda não dera a última palavra.

Durante duas noites estive até altas horas da madrugada conversando com aquelas duas maravilhosas pessoas. Ambas eram idealistas no mais amplo sentido da palavra. Era surpreendente para mim, embora não fosse novidade, ver a veemência com que o General von Greim criticava o comando da Luftwaffe e principalmente Hermann Göring.

— A Luftwaffe dormiu sobre os louros das vitórias conquistadas em 1939-40 e não pensou no futuro. As palavras "Teremos a melhor, a mais rápida e mais valorosa força Aérea do mundo", usadas uma vez por Göring, não bastam para ganhar uma guerra.

Foram estas, mais ou menos, as amargas palavras de von Greim ao se referir sobre o rearmamento aéreo durante os últimos anos. Embora não possa recordar todos os detalhes das nossas longas conversas, durante horas, lembro com clareza um aspecto focalizado: os novos caças a jato estavam por chegar. Com sua ajuda, talvez pudéssemos ter-nos defendido dos ininterruptos ataques aéreos realizados contra cidades alemãs, reconquistando, pelo menos em parte, a superioridade aérea. Uma pergunta, apenas, ficou sem resposta. Estes caças a reação já não poderiam estar disponíveis há muito tempo, uma vez que sua construção terminara em 1942? Era isto mais um capítulo da história da guerra alemã em que a expressão demasiado tarde podia ser aplicada?

O General von Greim, entretanto, ainda não fora nomeado comandante da Luftwaffe. Só o foi nos últimos dias de abril de 1945, entre as ruínas de

Berlim. Durante um voo na Capital, já completamente cercada, e do qual participou sua fiel companheira Hanna Reitsch, foi gravemente ferido. E assim chegou também, duas semanas depois, a Kitzbühl como prisioneiro dos americanos. Não querendo ver-se obrigado a testemunhar, diante dos aliados, contra seu antigo chefe supremo Göring, suicidou-se.

No terceiro dia de minha estada no QGF, recebi ordem para permanecer durante toda a reunião. Após o término da "situação", Hitler solicitou a Keitel, Jodl, Ribbentrop, Himmler e a mim que permanecêssemos ali. Sentamo-nos em torno de uma mesa e Hitler, em breves palavras, explicou mais uma vez a situação do Sudeste. Disse que a frente, nas fronteiras da Hungria, fora consolidada e devia ser mantida — a todo custo. Dentro deste gigantesco bolsão encontravam-se mais de um milhão de soldados alemães que pereceriam no caso de um malogro repentino.

— Temos informes secretos — continuou Hitler — de que o Regente húngaro. Almirante von Horthy, tenta estabelecer comunicação com o inimigo, para obter uma paz em separado para a Hungria. Isto significaria a perda dos nossos exércitos. Pretende que esta paz seja com as potências ocidentais ou com a Rússia, a quem acabará por se submeter.

— Você, Skorzeny, fará uma operação para ocupar militarmente o Morro do Castelo de Budapeste, a fim de evitar que o Regente faça os tratados de aliança. O Estado-Maior pensa numa operação de paraquedistas ou de tropas aerotransportadas. O comando da ação em Budapeste ficará a cargo do comandante do Corpo, o General de Artilharia N., recentemente promovido. Você ficará subordinado a ele, mas deve começar os preparativos imediatamente, pois o estado-maior ainda está em fase de formação.

Foi mais ou menos desta maneira que Hitler explicou aos presentes a iminente missão.

— Para que supere com maior facilidade os problemas que enfrentará nos preparativos, você receberá, agora mesmo, uma ordem assinada por mim, com amplos poderes.

O General Jodl leu a seguir uma relação das unidades que ficariam sob meu comando: um Batalhão de paraquedistas da Luftwaffe, o 600º Batalhão de Paraquedistas das Waffen-SS e um Batalhão de Infantaria Motorizado, formado de Cadetes da Academia Militar de Wiener-Neustadt. Além disso, foi determinado o deslocamento de dois grupos de planadores de carga para integrar suas tropas. Receberá também um avião do grupo de apoio do

Quartel-General do Führer para usar durante a missão — arrematou o General Jodl.

Adolf Hitler falou ainda, durante alguns minutos, com Ribbentrop acerca das informações provenientes da embaixada alemã em Budapeste. Estas informações diziam que a situação era muito delicada e que o atual governo húngaro, de modo algum, ainda podia ser considerado como aliado do Eixo.

Depois de ter recebido a ordem assinada por Hitler, os generais se despediram.

— Confio em você e nos seus homens. Boa sorte.

Com estas palavras Hitler encerrou a entrevista.

Quando, depois de ter ficado sozinho, li a ordem, fiquei surpreendido com as possibilidades do amplo alcance que aquele papel punha em minhas mãos.

Estava escrito no chamado papel de Estado: em cima, à esquerda, em ouro, a águia com a suástica; abaixo disso, em caracteres góticos, "O Führer e Chanceler do Reich".

O texto da ordem, que infelizmente no torvelinho dos acontecimentos do ano de 1945 perdeu-se, ou melhor dizendo, foi roubada juntamente com todo meu equipamento, dizia mais ou menos o seguinte: O Major da Reserva Otto Skorzeny atua na execução de uma ordem pessoal e ultrassecreta de suma importância. Determino a todas as seções militares e estatais que apoiem, de qualquer maneira, a Otto Skorzeny em tudo que ele necessitar. Seguia-se a assinatura do Chefe de Estado alemão, que estava escrita com mão trêmula. Durante algum tempo acreditei que com estes poderes podia agitar toda a Alemanha, mas, na realidade, estava decidido a usar este documento o menos possível. Não confiava demasiado na obediência cega de um oficial de serviço diante da ordem suprema. Preferia encontrar plena compreensão para obter minhas solicitações.

Para esclarecer as coisas de uma vez, direi que este documento saiu do meu bolso apenas uma vez; aconteceu alguns dias depois em Viena. Estive conversando, durante várias horas, com um tenente-coronel do comando da Região Militar, sobre a imediata motorização da Academia Militar de Wiener-Neustadt, subordinada a mim, e de outras unidades. Tinha que examinar listas, comparar números de carregamento e uma infinidade de outras coisas a fazer. Estava com uma fome terrível e pedi ao meu interlocutor:

— Seria possível conseguir algumas salsichas ou um sanduíche? Hoje não terei tempo para almoçar.

— Com muito prazer, mas dê-me, por favor, seus vales — foi a resposta.

Quando lhe expliquei que esquecera as peças de guerra mais importantes do meu equipamento, os vales do rancho, e que apesar disso devia saciar meu apetite, o oficial não teve a mínima compreensão diante de um pedido de algumas salsichas de Viena.

— Não, infelizmente, isto é impossível. Nosso rancho não pode servir isto — foi a severa resposta.

Quis então experimentar, a título de gracejo, o efeito milagroso do meu documento e de sua assinatura. Não dei mais uma palavra sequer, apanhei minha pasta e pus o documento sobre a escrivaninha diante do assombrado companheiro. Uma rápida olhada foi o suficiente para que respondesse:

— Sim, naturalmente, receberá em seguida.

Gritou dirigindo-se à antessala:

— Sargento L., traga do rancho, rapidamente, algumas salsichas!

Comi então o lanche, servido por "ordem suprema", através de um tenente-coronel tão consciente do seu dever.

Depois de ter recebido a ordem para executar a missão — já era madrugada, duas horas — ainda tinha que providenciar algumas coisas. Como medida de precaução tinha dado ordem de alerta, há dois dias, ao Batalhão de Caçadores Centro, o antigo 502º Batalhão de Caçadores. Sabia que o Capitão von Fölkersam esperaria minha chamada, inclusive em tão avançada hora. A seguir, tive uma conversa relâmpago com Friedenthal:

— Alô, Fölkersam. Recebi há alguns momentos uma nova e importante missão. Tome nota: a Primeira Companhia reforçada será transportada hoje, às oito horas, para o aeroporto de Gatow. Não esqueça uma entrega tripla de explosivos e de munições para quatro grupos de sapadores. Entregue rações de combate para seis dias. 0 Tenente Hunke assumirá o comando. O objetivo já é conhecido pelo comando da esquadrilha JU-52. Eu decolarei assim que puder e aterrissarei, antes das dez horas, no aeroporto da fábrica Heinkel, em Oranienburg. Você deverá apanhar-me. Duas horas mais tarde seguiremos. Você, Radl e Ostafel voarão comigo. Alguma pergunta? Então até logo. O lema continua sendo: "Fácil para nós".

Sabia que agora iria começar o alvoroço em Friedenthal. Subitamente ocorreu-me o nome-código para a nova missão: Panzerfaust.

Dá gosto dispor de um avião, pensava, algumas horas depois, quando o piloto do H-111 se apresentou a mim no aeroporto do Quartel-General. Eu estava sentado a seu lado e observava a paisagem que se descortinava abaixo, mas não podia fazer com que meus pensamentos girassem de forma concreta em torno da nova missão. Havia outra vez algo importante em jogo: todas as tropas alemãs ao longo da fronteira húngara, no caso de uma repentina defecção das tropas húngaras, situadas junto aos Cárpatos, estariam numa situação comprometedora. E se Budapeste, o principal centro de apoio logístico, fosse perdida, aconteceria uma enorme catástrofe. Oxalá todos os preparativos terminem a tempo!

Lembrei então de outra coisa. Não tinham dado a mim o comando das esquadrilhas de planadores de carga e dos batalhões de paraquedistas? Como pode o Estado-Maior imaginar uma ação de paraquedistas e de tropas aerotransportadas sobre o Morro do Castelo? Eu conhecia, perfeitamente, Budapeste e seu centro. A única possibilidade de aterrissagem era o grande campo de instrução, o Campo de Sangue. Mas ali, no caso de oposição por parte dos húngaros, atirariam sobre nós do Morro do Castelo, que estava perto, e dos outros três lados antes que pudéssemos reunir-nos. De qualquer maneira, podia fazer aterrissar alguns grupos especiais, pensei. Mas isto só podia ser decidido conforme a situação se apresentasse.

Durante a viagem de automóvel até Friedenthal informei ao meu IA.

— Temos outra vez muitos elementos imponderáveis em nossa missão — opinou von Fölkersam. Mas é claro que teremos sucesso. O transporte de Gatow foi bem — disse-me. E como local de reunião teremos Viena. Isto poderá proporcionar-lhe, talvez, algumas horas livres para visitar sua família, pois faz tempo que não a vê. Certo?

Ambos sabíamos, sem falar disso, que mal teríamos tempo para dizer adeus. Nossas famílias já compreendiam o problema; trabalhávamos e lutávamos também por elas. Em nosso voo a Viena levamos uma caixa com o mais moderno explosivo. Estávamos muito comodamente sentados sobre ela; a única coisa em que não se podia pensar era que a referida bugiganga podia explodir. Considerando a atividade da aviação inimiga sobre a Alemanha, havia possibilidades de acontecer. Mas não falamos desse problema; só tínhamos em mente os problemas imediatos, as novas tropas a nós subordinadas e a nossa missão. Propus motorizar, imediatamente, os três batalhões. Isto significaria um bom trabalho nos parques militares móveis. Sabíamos como eram escassos, naquela época, os caminhões. A

frente Leste e agora também a frente Oeste tinham utilizado muitíssimas viaturas. Nem a melhor indústria poderia superar este problema.

Fölkersam, Ostafel e eu seguimos viagem de Aspern até Wiener-Neustadt. Radl devia ficar em Viena para alguns contatos com as seções dos serviços de informações. Talvez dispusessem de novos informes.

Em Wiener-Neustadt apresentamo-nos imediatamente na antiga Academia Militar, cuja tradição remontava aos tempos da Imperatriz Maria Teresa. Nos corredores de tetos altos, os retratos dos antigos comandantes da Academia nos olhavam lá de cima. O atual comandante, Coronel H., fora informado da nossa chegada. Quando lhe expliquei tudo, com poucas palavras, disse-me que sentiria muita satisfação em comandar o batalhão. Mas pude convencê-lo de que isto, pelo seu alto posto, não era conveniente; contudo, não deixou de acompanhar-nos como espectador de batalhas.

Chamamos então o major comandante do batalhão e os comandantes das companhias. Eram todos antigos veteranos, que serviam agora como instrutores da Academia Militar. Enquanto isso, tinham entrado em forma, no pátio, todos os cadetes capazes de ser úteis na frente de batalha e que somavam quase mil homens. Quando cheguei para cumprimentá-los, meu coração batia com força, numa demonstração de alegria. Uma elite de homens como essa que formava o batalhão era coisa rara; tinha certeza de que em toda a Alemanha não existia uma tropa como essa. Fiquei orgulhoso com meus mais recentes subordinados. Este orgulho manifestou-se na breve alocução que lhes dirigi:

— Por intermédio de seus oficiais, já ouviram meu nome, e muitos hão de recordar minha missão na Itália. Contudo, não esperem que eu os conduza a uma aventura. Será uma luta séria e talvez sangrenta, na qual estaremos dando uma grande cartada. Todos nós cumpriremos com nosso dever de soldados. Se tivermos fé em nossa causa, conquistaremos nosso objetivo, e com isso serviremos à nossa pátria e ao nosso povo.

O Batalhão de paraquedistas também já tinha chegado à região de Viena. Seus oficiais causavam boa impressão. Só precisava tentar impor-me a eles. Tinha a impressão de que certamente preferiam atuar por conta própria e isto faria malograr toda a empresa. O pior de tudo é que não tinha a menor ideia de como desenrolar-se-ia e nem como iniciaria a ação na Hungria.

O segundo batalhão de paraquedistas, o das Waffen-SS, chegou da frente Leste. Estava muito desfalcado pelas baixas que sofrera e portanto

não poderia lutar com plena capacidade como as demais unidades.

Até que pudéssemos resolver os problemas, de equipamento e de motorização, transcorreram três dias. Já era hora para que eu fizesse um reconhecimento em Budapeste. Rapidamente foram providenciados os papéis para um certo Dr. Wolff, um homem da minha estatura. Vesti, então, um traje civil e por meio de um conhecido fui recomendado a um amigo seu de Budapeste; a seguir, iniciei a viagem.

Em Budapeste, Karl Radl e eu fomos recebidos pelo comerciante N., com uma hospitalidade tal como só os magiares são capazes de oferecer. Chegou ao ponto de sair de sua casa para deixá-la inteiramente à nossa disposição, com cozinheira e mordomo. Chego mesmo a dizer que em toda minha vida jamais passei tão bem quanto naquelas três semanas, e isto no quinto ano de guerra. Nosso anfitrião teria ficado ofendido caso fizéssemos alguma cerimônia.

Enquanto isso chegava também a Budapeste o nosso general. Estava muito preocupado em constituir um estado-maior eficiente e preparar rapidamente os homens que constituiriam sua tropa. Deixei, inicialmente, que Fölkersam e Ostafel trabalhassem no estado-maior do Corpo. Fizemos a toda pressa um plano de alarme para todas as tropas situadas em Budapeste e em seus arredores, e nos esforçamos para prepará-las a fim de enfrentar qualquer dificuldade. Antes de mais nada, deviam permanecer em nossas mãos as ferrovias e os centros de comunicações.

O serviço de informações comprovou que o filho do Regente, Niklas von Horthy, tivera uma entrevista secreta com os emissários de Tifo a fim de estabelecer relações com o Alto Comando russo para fazer um tratado de paz em separado, o que veio confirmar as informações do QGF. O caminho seguido pelo Almirante von Horthy, por intermédio de Tito, pareceu-me incompreensível. Como era possível o mantenedor da coroa húngara dirigir-se aos eternos inimigos da Hungria, aos iugoslavos? Que vantagens pensava em tirar para si e para seu povo? Discuti com os oficiais do nosso serviço de informações a respeito da tentativa de introduzir um agente nosso nas conversações que se processavam. Um croata conseguiu infiltrar-se entre os emissários iugoslavos e junto ao próprio Niklas von Horthy, angariando assim a confiança de ambos os lados. Desta forma ficamos sabendo que tinha sido planejada, num curto espaço de tempo, uma entrevista noturna secreta com o próprio Regente. Isto era para nós uma notícia desagradável, pois não tínhamos o menor interesse em que o chefe do Estado se

comprometesse pessoalmente no assunto. Mas isto era da competência exclusiva do serviço de informações ou da polícia do segurança; minhas preocupações eram outras.

Fui muitas vezes até o Morro do Castelo, para falar com o adido aeronáutico, com o embaixador alemão e com o general comandante da Guarnição; minhas preocupações aumentavam cada vez mais, pois eu não tinha, ainda, um plano determinado para operar quando se apresentasse a ocasião e, além de tudo, o Morro do Castelo era uma verdadeira fortaleza natural.

Para cumprir a ordem que recebera, de evitar a defecção do governo húngaro, não era possível fazer outra coisa senão uma ação contra o castelo e contra o bairro governamental. Isto, entretanto, só podia ser feito em represália a uma atitude hostil da Hungria.

Fölkersam recebeu a missão de estudar detalhadamente todos os mapas da cidade e realizar frequentes reconhecimentos nas ruas e nos edifícios. Em consequência deste estudo, tivemos várias surpresas. O Morro do Castelo estava minado e tinha um verdadeiro labirinto de corredores, o que poderia ser, de certa forma, um grande obstáculo para nossa ação. O plano de operações alemão, para a missão em Budapeste, determinava que eu deveria ocupar o Morro do Castelo com as tropas que estavam subordinadas diretamente a mim. A hipótese de uma ação a partir do ar, com planadores ou com paraquedistas, já tinha sido abandonada. O comandante do Corpo e eu pensamos que chegara a hora de minhas tropas serem deslocadas para Budapeste. Em princípios de outubro saíram de Viena e acantonaram nos subúrbios de Budapeste.

Nesta ocasião, chegou também a Budapeste o General de Polícia von dem Bach-Zelewski. Fora nomeado pelo QGF comandante supremo em Budapeste. Vinha de Varsóvia, onde, sob as suas ordens, acabara de ser sufocada a tentativa de rebelião do exército polaco clandestino. Durante as conversações apresentou-se como homem forte. Estava decidido a atuar, conforme suas palavras, no caso de necessidade, com a mesma dureza de Varsóvia. Tinha levado consigo um morteiro de 65 cm. Esta peça fora empregada apenas duas vezes; durante o sítio da fortaleza de Sebastopol e em Varsóvia. Eu acreditava que o método proposto era exageradamente rude e opinava que, em caso de dificuldade, poder-se-ia chegar ao objetivo, mais depressa e melhor, utilizando meios mais sutis; a operação Panzerfaust poderia ser realizada, tranquilamente, sem o apoio desta peça de artilharia.

Muitos oficiais pareciam impressionados com a atitude de Bach-Zelewski, demonstrando, inclusive, que tinham medo. Eu nunca me preocupei com seu tom rude e permaneci firme na minha opinião, pondo-a em prática.

Tampouco compreendia a razão pela qual os planos de operações eram estudados, frequentemente, em sessões assistidas por quinze e até vinte oficiais. O governo húngaro podia acabar tomando conhecimento destas sessões e por este motivo ver-se-ia obrigado a tomar decisões com maior rapidez. Sob todos os aspectos, eram alarmantes as notícias do nosso serviço de informações referentes ao fato de o General M., comandante-chefe do Exército húngaro nos Cárpatos, estabelecer ligações diretas com os russos. Todas estas notícias passavam também, naturalmente, pelo QGF, mas este não dava ordens concretas acerca das medidas correspondentes.

O ambiente em Budapeste era muito diferente do que ocorrera na Itália. Lá só era obrigado a conversar com o General Student e, além disso, tinha preparado minha ação com inteira independência. Aqui tudo eram conversações e mais conversações. O general tinha uma opinião diferente da embaixada, que por sua vez não estava de acordo com o General da Polícia, Winkelmann. O serviço de informações e algumas personalidades húngaras germanófilas tinham outras opiniões. Eu estava satisfeito por não ser obrigado a intervir na coordenação daquela diversidade de opiniões. Devido às minhas atribuições, muito amplas, devia estar presente em todas as sessões. Só esperava que, por algum fato repentino, fosse necessária uma mudança rápida a fim de que todos os serviços e critérios fossem unificados.

A 10 de outubro de 1944, aproximadamente, houve uma entrevista noturna entre o filho de Niklas von Horthy e os delegados iugoslavos. A polícia alemã estava ciente, mas não interferiu. Outra entrevista deveria ocorrer num domingo, 15 de outubro, nas proximidades do cais do Danúbio, numa casa comercial. Agora era para valer. O QGF mandou, antes de 15 de outubro, a Budapeste o General Wenck que, em caso de necessidade, devia assumir o comando-geral e tomar decisões hic et nunc. A polícia de segurança estava decidida a intervir naquela ocasião e a deter o filho do Regente, juntamente com seus colaboradores. Esta operação recebeu o nome-código Ratão, pois, devido a um erro, o nome de Niklas foi escrito Nicky, o que pareceu com Mickey, e daí para a combinação Mickey Mouse foi um passo.

No planejamento desta ação policial partiu-se da premissa de que o Regente, para evitar que seu filho ficasse exposto publicamente, desistiria de uma paz em separado. O General Winkelmann solicitou que eu preparasse para aquela manhã uma companhia dos meus soldados. Sabíamos que as outras entrevistas de Niklas von Horthy foram protegidas por tropas do Honved; e, se isso acontecesse novamente, meus soldados estariam ali para enfrentá-los. Prometi meu apoio, com a condição de que eu decidiria, se fosse necessária uma intervenção com minha companhia. Recebi, no sábado, um telegrama urgente de Berlim e, com muito pesar, mandei Karl Radl à capital do Reich, que cumpriu a ordem de má vontade.

O dia 15 de outubro de 1944 foi um maravilhoso domingo de outono. Às dez horas, momento do encontro, o silêncio ainda reinava nas ruas. Minha companhia estava numa rua lateral e o Capitão von Fölkersam mantinha-se em contato comigo. É natural que naquele dia eu não pudesse comparecer de uniforme; se quisesse estar presente no cenário dos acontecimentos, deveria estar discretamente à paisana. Meu motorista e um outro acompanhante, ambos soldados da Luftwaffe, estavam sentados num banco da praça perto do local do encontro. Cheguei num automóvel particular, logo após o início da reunião, quando vi que diante da loja havia um caminhão do Exército húngaro e um automóvel particular no qual teria vindo o filho de Horthy. Estacionei meu carro frente-a-frente com o que ali estava parado, a fim de evitar que pudesse arrancar facilmente.

Na véspera, vários agentes alemães da polícia criminal hospedaram-se na pensão situada no andar superior do local da reunião. Outros agentes, vindos da rua, entrariam na casa às dez horas e dez minutos, a fim de serem realizadas as prisões. Na carroçaria do caminhão estavam sentados três oficiais do Honved que se esforçavam para não ser vistos de fora, enquanto outros dois passeavam na praça. Eu estava junto ao meu carro, simulando uma pane no motor, quando iniciou a operação.

Mal o primeiro policial alemão entrou na porta, tiros de pistolas, partidos do caminhão, atingiram um outro policial, que caiu próximo ao carro com uma bala no ventre. Os dois oficiais que passeavam na praça chegaram correndo e atirando. Mal tive tempo para me proteger atrás do meu carro, quando uma saraivada de tiros transformou sua porta, ainda aberta, numa peneira. Subitamente, as redondezas viraram um pandemônio. Em várias janelas e nos telhados das casas apareceram soldados do Honved. Meu motorista e seu acompanhante, ao ouvirem os primeiros tiros,

correram para junto de mim, supondo que eu estivesse ferido. O motorista recebeu um tiro na coxa, mas se manteve em pé. Dei então à minha Companhia o sinal para entrar em ação e nós três nos defendemos com nossas pistolas contra o fogo quase ininterrupto do inimigo. Era uma situação pouco agradável e uma luta muito desigual, que por sorte durou apenas alguns minutos. Meu carro estava cheio de buracos. As balas que ricocheteavam nos paralelepípedos sibilavam sinistramente. Só por frações de segundo podíamos levantar nossas cabeças para manter, com nossos tiros, o inimigo à distância, que não era maior do que dez ou quinze metros.

De repente ouvi as passadas precipitadas da minha Companhia, que tinha entrado em ação. O primeiro pelotão tomou posição na esquina e os outros dois, com a rapidez do raio, ocuparam a praça e abriram fogo contra as fachadas dos prédios.

Depois dos primeiros tiros, meus adversários retiraram-se para uma casa vizinha, onde tive a impressão de que estivesse localizada uma unidade húngara mais potente. Ao terminar o tiroteio, socorremos rapidamente nossos feridos. Observamos que o inimigo tentava uma fuga através da casa vizinha. Imediatamente colocamos um petardo junto ao portal desta casa e sua explosão fez com que a porta e algumas lajes de mármore caíssem obstruindo a passagem. Assim terminou a ação militar propriamente dita; deve ter durado, no máximo, cinco minutos. Não demorou para que os policiais descessem trazendo quatro prisioneiros. Os dois húngaros, Niklas von Horthy — o "Mickey Mouse" — e seu amigo Bornemizza foram colocados num caminhão. Para não despertar a atenção dos transeuntes, os policiais queriam transportar os dois presos enrolados, cada um, num tapete. Esta medida, entretanto, não pôde ser realizada conforme as previsões, porque os prisioneiros reagiam obstinadamente, o que fez com que fossem embarcados no caminhão, de qualquer maneira, numa posição bastante incômoda. O caminhão e minha Companhia partiram. Providenciei para que fossem evitados mais choques, o que era possível, caso o inimigo surpreendido conseguisse rearticular-se. A retirada das nossas tropas foi feita sem maiores problemas.

Um pressentimento fez com que eu seguisse o caminhão num outro automóvel que estava à minha espera. A uma distância de uns cem metros da praça, sob a ponto Isabel, vi que se aproximava, em passo acelerado, uma tropa húngara constituída de aproximadamente três companhias. Se continuassem avançando até a praça poderia ocorrer um novo choque com

meus homens, que eu queria evitar. Ali só podia ser ajudado pela astúcia; precisava ganhar pelo menos alguns minutos. Determinei ao motorista que parasse e fui ao encontro do oficial que comandava a tropa, dizendo:

— Faça alto! Lá em cima há uma confusão tremenda. Ninguém sabe o que está acontecendo.

Tive êxito. A tropa fez alto; o comandante pareceu indeciso, pois olhou-me visivelmente perplexo. Por sorte entendia um pouco de alemão; ou talvez não tenha entendido nada. Mas, para mim, uma breve parada era de capital importância. Meus soldados já deviam estar embarcados e os caminhões prontos para arrancar. Gritei ainda ao vacilante oficial:

— Tenho que prosseguir.

Entrei no automóvel rapidamente e nos dirigimos a toda pressa para o aeroporto. Quando cheguei ali os dois húngaros já estavam no avião que, poucos minutos depois, decolou em direção a Viena.

Fui, a seguir, ao posto de comando do Corpo, que estava localizado num hotel sobre uma colina de Budapeste, onde encontrei o General Wenck.

Bastante tensos, todos esperávamos com ansiedade o desenrolar dos acontecimentos. Sabíamos da existência de certas manobras militares no Morro do Castelo, que estavam sendo realizadas há dias. A guarnição tinha sido reforçada e em várias vias de acesso foram colocadas minas subterrâneas. Aproximadamente ao meio-dia, recebemos um telefonema da embaixada alemã, instalada num palacete no Morro do Castelo. O adido militar informou-nos que as tropas do Honved tinham ocupado a Montanha do Castelo e todas as vias de acesso tinham sido bloqueadas para qualquer espécie de trânsito. Disse, ainda, que acabava de tentar sair de lá, com seu automóvel, mas não o deixaram. Pouco depois foram cortadas as ligações telefônicas, pois não conseguimos mais qualquer comunicação. Todas as instalações alemãs, localizadas no Morro do Castelo, ficaram isoladas do mundo exterior. Isto foi um primeiro ato pouco amistoso, conforme o suave linguajar diplomático. Tensos, esperávamos o desenrolar dos acontecimentos. Nas próximas horas deveria haver uma decisão. A maioria dos nossos companheiros sofria certo nervosismo, pois não cabia a nós qualquer espécie de iniciativa. Esta pertencia aos nossos adversários. Às 14 horas, a rádio húngara difundiu uma notícia extraordinária; uma mensagem do Regente, Almirante von Horthy, dizia: A Hungria firmou um armistício com a Rússia. Tudo estava esclarecido e as contramedidas previstas deviam

ser desencadeadas. Foi posto em execução o grande plano de alarme de Budapeste.

Recebi ordem para desencadear a missão Panzerfaust, a ação contra o Morro do Castelo. Contudo, eu considerava o momento pouco favorável e aconselhei esperar ainda algumas horas, talvez até a manhã seguinte. Como contramedida para fazer face às manobras húngaras do Morro do Castelo, propus cercá-lo com um cinturão de tropas alemãs. A 22ª Divisão das Waffen-SS encarregou-se de executar esta ordem. De acordo com o plano de alarme, a ocupação das estações e de outros prédios importantes foi feita à tarde, sem incidentes.

Um general alemão foi enviado ao comando do Exército húngaro, na frente dos Cárpatos, mas chegou demasiado tarde. O comandante húngaro já partira em direção aos russos acompanhado de alguns oficiais e secretárias. Era surpreendente, para nós, que este fato e a notícia divulgada pela rádio húngara não causassem consequências mais graves entre as tropas húngaras. Estas, de modo geral, permaneceram em suas posições. A maioria dos oficiais não seguiu seu Comandante Supremo, e continuou, com seus soldados, a lutar contra os russos. Contudo, era preciso evitar, rapidamente, que o Ministério do Exército húngaro, situado junto ao castelo, transmitisse ordens para a capitulação.

Durante uma reunião, realizada à tardinha, ficou determinado que a operação Panzerfaust começaria o mais tardar na madrugada de 16 de outubro. Este retardo veio a calhar, pois tinha esperança de que no decorrer das próximas horas surgissem algumas facilidades para a situação. Determinei que a hora "H" seria às seis horas, quando iniciava o crepúsculo matutino. Era preciso contar com uma grande dose de surpresa, motivo pelo qual fixei essa hora, que me pareceu a mais favorável. Juntamente com von Fölkersam, passei as horas seguintes debruçado sobre um grande croqui do morro, desenhado por nós. Pouco a pouco tomava formas definitivas. Queria iniciar o ataque de maneira concêntrica e, ao mesmo tempo, tentar fazer no centro, ao longo da Rua Viena, um ponto de apoio. Ali, o fator surpresa também devia ser preponderante. Tinha a intenção de passar a porta de Viena, caso fosse possível, sem luta e sem grande barulho, para surgir depois, de maneira surpreendente, com minha tropa, na praça em frente ao castelo. Ali devia tomar uma rápida decisão. Caso conseguisse penetrar logo no castelo, o provável centro de resistência, a luta acabaria logo, evitando assim o derramamento de sangue, em ambos os lados.

Determinei os objetivos às nossas unidades. Recebemos como reforço uma companhia de carros Goliath. Estes pequenos carros eram ainda, naquela ocasião, uma arma pouco conhecida; viatura sobre lagartas, teledirigida, baixa e de fácil manejo, com uma grande carga explosiva na sua parte dianteira. Podiam ser utilizadas para romper uma barricada ou um portão que nos bloqueasse o caminho. O Batalhão da Academia Militar de Wiener-Neustadt atacaria através dos jardins, na encosta sul do morro. Era uma tarefa difícil, pois sabíamos que nos íngremes jardins foram construídas várias posições e instalados ninhos de metralhadoras. Era assim que desejávamos quebrar a resistência do inimigo e conquistar o castelo.

Uma companhia do Batalhão de Caçadores Centro, reforçada por um pelotão de carros Pantera, deveria atacar ao longo da avenida ocidental para conquistar uma entrada situada à retaguarda do castelo. Uma companhia do 600º Batalhão de Paraquedistas SS recebeu ordem para atacar através do túnel que passava sob o morro e penetrar, de baixo para cima, nos Ministérios da Guerra e de Assuntos Interiores. O restante do Batalhão de Caçadores, do Batalhão de Paraquedistas SS, dos dois Pelotões de carros Pantera e a Companhia de carros Goliath constituiriam a tropa que faria o golpe-de-mão. O batalhão de paraquedistas da Luftwaffe seria mantido em reserva.

As ordens foram dadas com todos os detalhes e em torno da meia-noite minhas tropas deslocaram-se para suas posições à retaguarda do cinturão de bloqueio, que a 22ª Divisão das SS estabelecera à tarde.

O aspecto diurno das ruas de Budapeste permaneceu praticamente igual. Os movimentos das tropas alemãs, bem como os das tropas húngaras, mal foram notados pela população. Os cafés estavam cheios como sempre e só ficavam vazios nas altas horas da noite. O trânsito de viaturas, vindas do Reich, continuava no mesmo ritmo em direção à frente de combate, levando suprimentos.

Pela madrugada, chegou ao posto de comando do Corpo um oficial do Ministério da Guerra da Hungria. Veio do Morro do Castelo, por caminhos que não conhecíamos, por determinação do seu Ministro, que lhe encarregara de iniciar negociações conosco. Dissemos a ele que sem a anulação da declaração do armistício do Regente não haveria base alguma para negociações. Além disso, era muito desagradável o fato de membros da nossa embaixada e outros serviços alemães estarem praticamente prisioneiros no morro. Por sugestão minha, foi dado um ultimato para que a

situação mudasse até às seis horas, quando as minas e barricadas da Rua Viena, que dava acesso à embaixada alemã, deviam ser removidas. Isto servia também para que nosso ataque contra a Fortaleza fosse feito com um menor número de baixas.

O oficial húngaro deu-nos a impressão de que nem ele nem seu ministério apoiavam a súbita mudança da Hungria que se voltava contra a Alemanha. Notava-se, pelas suas palavras, que nem todos os húngaros do Morro do Castelo estavam de acordo com a súbita decisão húngara, nem com o discurso radiofônico do Regente.

A conversa transcorreu num tom amistoso e o oficial se despediu em torno das duas horas. Às três horas ocupei minhas posições de ataque, ao pé do morro, no Campo de Sangue. Ali estacionei minha viatura e convoquei os oficiais para uma reunião, a fim de acertar os últimos detalhes. A noite estava muito escura e só as nossas lanternas iluminavam os croquis e mapas. Os oficiais tinham trabalhado muito bem estudando todos os detalhes do terreno. Meu ordenança preparou um café muito gostoso, que bebemos para nos ajudar a aguentar uma noite em claro e cheia de tensões.

Conforme o plano, eu queria tentar, com minha tropa, caso fosse possível, marchar em direção ao castelo, dando a impressão de que era um deslocamento normal. Os homens deviam permanecer nos caminhões. Sabia que isto era um grave risco, pois meus soldados — sentados nos caminhões — estavam praticamente indefesos no caso de um ataque inimigo. Este risco, entretanto, devíamos correr, se quiséssemos acabar a luta rapidamente. Dei a conhecer minha opinião aos demais comandantes dizendo que, se conseguisse meu propósito, as outras unidades poderiam contar com um eficiente apoio no morro.

Reuni minha tropa e recordei as últimas instruções: depois de ultrapassar a porta de Viena, a coluna devia dividir-se e seguir a toda velocidade através de duas ruas paralelas até a praça do castelo; determinei aos comandantes de companhias que mantivessem seus homens na mais severa disciplina; não deviam responder a tiros isolados, tentariam chegar com todas as suas viaturas até os locais determinados sem disparar um só tiro. Devíamos atuar segundo este lema: os soldados húngaros não são nossos inimigos.

Minha viatura colocou-se à testa da coluna na entrada da Rua Viena. Deviam ser cinco horas e meia e começava a clarear. Atrás de mim estavam quatro carros de combate e a seguir o restante da coluna. As armas estavam

prontas para atirar. A maioria dos soldados estava reclinada e dormia. Todos adotavam a atitude do soldado veterano, que mesmo antes da mais perigosa ação encontra oportunidade para dar uns cochilos. Para maior segurança, mandei meu ajudante mais uma vez ao comando do Corpo, a fim de saber se havia alguma novidade a respeito de uma possível mudança de atitude das autoridades húngaras. Voltou com a notícia de que tudo permanecia como antes. A hora do ataque continuou sendo às seis.

Faltavam ainda alguns minutos quando me dirigi para minha viatura. Ao lado de Fölkersam e de Ostafel encontravam-se cinco suboficiais e sargentos, velhos camaradas do Gran Sasso. Deviam constituir meu grupo de choque. Cada um deles tinha, além da pistola, várias granadas e uma Panzerfaust, a nova arma anticarro. Estávamos curiosos para saber como iriam comportar-se as tropas blindadas húngaras, reunidas na montanha. No caso de uma atitude hostil, travariam conhecimento com as granadas dos nossos carros e com a Panzerfaust.

Outra olhada para o relógio: faltava um minuto para as seis horas. Com o braço direito fiz um movimento de rotação que significava ligar motores. De pé, na viatura, levantei o braço várias vezes: em marcha! Lentamente iniciamos o movimento. Só pedia a Deus que nenhuma das minhas viaturas se defrontasse com uma mina, pois neste caso a coluna seria paralisada e todo o plano podia falhar. Instintivamente, entretanto, voltava-me para a retaguarda temendo que ocorresse uma explosão. Já estávamos próximos da porta de Viena. O caminho estava aberto. Alguns soldados húngaros nos olharam demonstrando curiosidade.

— Acelere suavemente — falei ao meu motorista.

À direita da rua havia um quartel do Exército húngaro.

— Seria desagradável que atirassem sobre o nosso flanco — murmurou Fölkersam, que estava a meu lado.

Diante do quartel havia duas metralhadoras; além disso, abrigos constituídos de sacos de areia. Nada se movia; escutava-se apenas o barulho das viaturas. Tomei a rua da direita, na qual estava a embaixada alemã. Agora podíamos aumentar a velocidade sem perder de vista as viaturas que nos seguiam; estávamos rodando a uma velocidade de trinta e cinco a quarenta quilômetros. Faltavam apenas uns mil metros para que chegássemos ao castelo. Uma boa parte da nossa missão já tinha sido cumprida.

Chegamos à esplanada do castelo sem disparar um só tiro. Surgiu diante dos nossos olhos o sólido edifício do Ministério da Guerra húngaro. Ouvimos o barulho de duas explosões ocorridas bastante longe. Deviam ser nossos homens, que lutavam para entrar no túnel. Estávamos vivendo os instantes decisivos. Já tínhamos passado em frente ao ministério quando surgiu diante de nós a praça do castelo. Três carros de combate húngaros estavam nela. Já tínhamos passado diante do primeiro, que levantou seu canhão para o céu em sinal de que não atiraria sobre nós.

Diante do portão do castelo erguera-se uma barricada de vários metros. Saí um pouco para o lado, com minha viatura, e fiz um sinal ao primeiro carro para que este se lançasse com toda a velocidade sobre ela. Saltamos da viatura e corremos atrás deste carro. A barricada não pôde resistir à fúria de trinta toneladas. Desmoronou e o carro passou sobre os escombros e introduziu seu longo canhão no pátio do castelo. Seis canhões anticarro inimigos estavam ali parados, encarando-nos. Saltamos sobre a destroçada barreira e penetramos no pátio. Um coronel, membro da guarda do castelo, armado de pistola, tentou fazer-nos parar. Meu ajudante desarmou-o num só golpe. À nossa direita estava a entrada principal do castelo, da qual nos aproximamos. Outro oficial do Exército húngaro, que vinha ao nosso encontro, parou quando lhe gritei:

— Leve-me imediatamente ao comandante do castelo.

Como um bom menino, subiu a meu lado pela escada coberta de tapetes vermelhos. Quando chegamos ao primeiro andar, escolhemos o corredor da direita. Determinei a um dos meus homens que permanecesse ali para me dar cobertura. O oficial que me acompanhava indicou uma porta. Entramos numa antessala. Ali, próximo à janela, fora colocada uma mesa sobre a qual estava deitado um homem atrás de uma metralhadora, que naquele exato momento começava a atirar em direção ao pátio. O Sargento Holzer, um indivíduo atarracado, apanhou a metralhadora e jogou-a pela janela, fazendo com que esta se chocasse no pátio. O atirador levou um susto tão grande, que caiu da mesa.

À direita vi uma porta; bati suavemente e entrei. Um general húngaro veio ao meu encontro.

— O senhor é o comandante? — perguntei. Exijo que entregue o castelo imediatamente. O senhor será responsabilizado pelo sangue que possa ocorrer em vão. Peço-lhe uma decisão imediatamente.

Ouviam-se os tiros dados no exterior, que de vez em quando aumentavam com rajadas de metralhadoras.

— Como o senhor está vendo, toda resistência é inútil —- disse-lhe. O castelo já está ocupado pelos meus homens.

Sabia que a companhia do Batalhão de Caçadores Centro, sob o comando do frio Tenente Hunke, chegara atrás de mim e ocupara os pontos mais importantes. Naquele exato momento Hunke aproximou-se de mim e disse:

— O pátio e as principais entradas foram ocupados sem luta. Aguardo ordens.

O general húngaro tomou, então, uma decisão provavelmente muito difícil.

— Entrego-lhe o castelo e determinarei imediatamente o cessar fogo...

Trocamos um aperto de mão. Estabelecemos que dois oficiais, um alemão e um húngaro, transmitiriam a ordem de cessar fogo às tropas que lutavam nos jardins do castelo.

Enquanto isso saí para o corredor a fim de ver o que estava ocorrendo. A pedido meu, fui acompanhado por dois oficiais húngaros que acabaram ficando comigo na situação de oficiais de ligação. Chegamos aos aposentos do Regente, que tinham sido abandonados pouco antes das seis horas. Conforme fiquei sabendo mais tarde, o Almirante von Horthy colocara-se sob a proteção do General das Waffen-SS Pfeffer-Wildenbruch em sua casa. Sua família refugiara-se na residência do Núncio Apostólico. A presença de Horthy não teria influído nada em nossos planos, pois sua pessoa não nos preocupava; o importante para nós era a conquista e a manutenção da sede do governo húngaro.

Quando pensamos em olhar através de uma janela que dava para a Praça de Sangue, alguns projetis passaram muito perto de nós. Fui informado por Hunke, mais tarde, que a ordem de cessar-fogo não podia ser dada a determinadas posições húngaras situadas no jardim que dava para o Danúbio. Duas Panzerfaust disparadas contra essas posições foi a única maneira para que cessassem a resistência.

A ação não durara nem meia hora; a calma voltou ao Morro do Castelo. As pessoas que moravam no bairro mais próximo podiam continuar dormindo, se quisessem. Comuniquei o êxito da operação, por telefone, ao comando do Corpo e ouvi um suspiro de alívio na outra extremidade do fio. Tive a impressão de que não confiavam na surpresa do meu plano. Recebi

então informações sobre os Ministérios da Guerra e do Interior. Apenas no primeiro houve um rápido combate.

Pouco a pouco os comandantes de frações vieram apresentar-se a mim; tivemos quatro mortos e doze feridos. O único lugar onde houve combate violento foi no jardim. Informei ao comandante do castelo sobre as perdas húngaras: os "inimigos" tiveram três mortos e quinze feridos. Ficamos contentes por não ter sido maior o número de vítimas de ambos os lados. Os soldados dos batalhões do Honved, do Batalhão de Guardas e do Batalhão da Coroa depuseram suas armas no pátio do castelo. Determinei que os oficiais permanecessem com suas pistolas e que se reunissem numa sala do castelo.

Ali pronunciei o seguinte discurso:

— Lembro-lhes que não há notícias de combate de húngaros contra alemães; há séculos somos fiéis companheiros de armas. Agora, muito menos, não há razões para que as coisas mudem, pois devemos esforçarmo-nos para conseguir uma nova Europa. Mas esta só poderá surgir se a Alemanha for salva.

Meu sotaque austríaco aumentou o impacto das palavras, conforme observei quando apertei a mão de todos os oficiais húngaros. À tarde, estes oficiais marcharam à testa de suas tropas, do castelo até seus quartéis. No dia seguinte prestaram juramento ao novo Governo, diante do Ministério do Honved.

O comando do Corpo determinou que eu ocupasse o castelo com minhas tropas, até segunda ordem. Tive, portanto, que pensar na instalação dos meus homens e na minha própria. O criado do Regente demonstrou uma cara tão mal-humorada, que aguçou a ânsia de Fölkersam em pedir-lhe um lanche. Todos tínhamos uma fome terrível. Finalmente serviu-nos, com uma enorme má vontade, o que não impediu que saboreássemos com muito prazer o que nos foi servido. À noite realizamos um jantar de confraternização, num dos salões do castelo, quando cumprimentei todos os meus oficiais. O comandante da Academia Militar de Wiener-Neustadt também estava presente e sentia-se muito feliz pela maneira heróica como as suas águias, conforme gostava de chamar os seus cadetes, tinham combatido. Um banquete na corte da bela Imperatriz Isabel da Áustria-Hungria tinha, com certeza, durado mais tempo. Como é natural, estávamos muito animados, pois, além do êxito da operação, as notícias da frente dos Cárpatos eram bastante tranquilizadoras. Fora evitado um sério revés para o

Exército alemão na Hungria. Só depois da guerra fiquei sabendo, por um antigo oficial húngaro, que a estação de rádio secreta que estava em comunicação direta com Moscou achava-se no próprio castelo. O oficial de comunicações suicidou-se quando ocupamos o castelo.

À noite pude recuperar o sono da noite anterior que passara em claro, dormindo numa cama grande. Pela manhã tomei um banho quente e comecei um novo trabalho. É incrível a quantidade de providências que devem ser tomadas numa situação semelhante! Colocar sentinelas em todas as posições importantes; destinar uma guarda para a central telefônica, além de estabelecer uma guarda geral para o castelo. Por outro lado, o trabalho de rotina nos jardins, baias e nas demais dependências devia continuar funcionando. Todos os empregados húngaros deviam continuar em seus postos. Determinei que todas as armas abandonadas, inclusive canhões antiaéreos e anticarro, fossem reunidas no pátio. Jamais na minha vida pudera imaginar que um dia assumiria o comando do castelo de Budapeste.

O novo ministro húngaro do Honved fez-se anunciar e apresentou os agradecimentos em nome do novo Governo húngaro. Expressei minha alegria pelo fato de a luta ser breve, pois evitara-se danificar os magníficos prédios de grande tradição histórica. Neste momento pensei horrorizado nas destruições que os morteiros de 65 cm do rude von dem Bach-Zelewski teriam ocasionado nas potentes construções. Acordamos em organizar um cerimonial fúnebre em conjunto para os mortos húngaros e alemães. O Governo húngaro encarregou-se das medidas referentes ao caso. Agradeci dizendo que este procedimento permitia a eliminação de possíveis rancores que eventualmente poderiam permanecer entre os húngaros e nós.

A visita seguinte fez com que eu recordasse os tempos da antiga Áustria. Um militar idoso apresentou-se com o uniforme imperial de Capitão-General de Artilharia e disse ao cumprimentar-me:

— Servus, servus. Já estou ciente, você é vienense. Estou muito contente. Você realizou aquela façanha com Mussolini. Magnífico, magnífico.

Fölkersam murmurou que era o Arquiduque Frederico de Habsburgo. Convidei meu visitante para sentar e perguntei-lhe o que desejava.

— Quero pedir-lhe uma coisa — disse. Meus cavalos podem permanecer nas baias do castelo?

— Perfeitamente, Excelência — respondi. Tudo permanece como antes. Posso dar uma olhada nos cavalos?

Pouco depois pude ver que os cavalos eram magníficos; e as baias estavam completamente cheias. Não fosse a visita do amável cavaleiro do tempo antigo, jamais me passaria pela cabeça dirigir-me às baias e teria perdido uma coisa digna de ser vista em Budapeste.

À noite chegou uma ordem do QGF para que eu levasse no dia seguinte, 18 de outubro, o Regente do Reino húngaro, como hóspede do Führer, num trem especial até o Castelo de Hirschberg, próximo a Weilheim, na Alta Baviera. Eu seria o responsável pela segurança do trem; os maravilhosos dias em Budapeste tinham acabado. Uma companhia do Batalhão de Caçadores Centro foi designada para protegê-lo. Determinei que meu avião, que esperava num aeródromo de Budapeste, fosse para o aeroporto de Riem, nas proximidades de Munique. Queria voltar o mais depressa possível para presenciar as cerimônias fúnebres dos nossos mortos.

No dia seguinte fui ao gabinete do General Pfeffer-Wildenbruch, que me apresentou, de acordo com o protocolo, ao Regente da Hungria, Almirante von Horthy, como comandante do trem. Fiquei sabendo que, além de sua família, seria acompanhado por dois generais húngaros, Brunswick e Vattay. Fomos para a estação de automóvel. Para o Regente, que reinou durante muitos anos, a despedida de sua capital foi verdadeiramente triste. Os poucos transeuntes mal puderam vê-lo. Ainda que houvesse na estação um grupo de homens, nenhum deles levantou a mão para saudá-lo.

Um alto funcionário do Ministério de Assuntos Exteriores da Hungria também viajava no trem. Durante a viagem pediu-me para acompanhá-lo ao carro-restaurante onde estava o Almirante von Horthy. Apresentou-me à esposa do Regente e à sua nora, que vestia o uniforme da Cruz Vermelha. A viagem transcorreu normalmente e com toda a tranquilidade. Conversei com os dois generais húngaros de maneira cordial sobre os recentes acontecimentos.

— Assim estava escrito — opinou um deles, demonstrando resignação.

À noite, após termos chegado em Viena, o Regente me chamou para dizer que, de acordo com as promessas do Ministério de Assuntos Exteriores, o novo Regente seria Filho de Niklas. Exigia que a promessa fosse cumprida. Pude responder-lhe, apenas, que não sabia de nada a respeito disso. O Almirante, finalmente, retirou-se deixando transparecer que estava profundamente aborrecido. Não acreditava que suas pretensões se ajustassem aos antigos costumes diplomáticos de uma promessa feita em

tais circunstâncias e sem possibilidade de ser cumprida. Próximo a Weilheim, descemos do trem. O Almirante von Horthy foi alojado, juntamente com sua Família e uma volumosa bagagem que encheu um caminhão, no castelo de Hirschberg, localizado num lugar de bela paisagem.

Assim que tive oportunidade, empreendi o voo de regresso para junto de meus homens.

Minha Companhia, que viajara no mesmo trem, foi para Friedenthal levando os feridos. Cheguei momentos antes dos solenes funerais, a 20 de outubro. O pátio do castelo oferecia um ambiente adequado aos funerais. Uma companhia alemã e outra húngara formavam a guarda fúnebre. Fitas com as cores nacionais da Alemanha e da Hungria pendiam dos sete ataúdes. Posteriormente nossos mortos foram transladados para a pátria.

Ao retornar a Wiener-Neustadt, uns oito dias depois, levava comigo uma importante ordem do QGF. Solicitara a transferência de vinte cadetes para as minhas unidades de caçadores das Waffen-SS e recebi a autorização correspondente. O comandante da Academia Militar determinou uma formatura geral do corpo de cadetes, no pátio. Coloquei-me à frente deles e solicitei que os voluntários se apresentassem. Noventa por cento queriam integrar minhas unidades de caçadores.

Com o auxílio do comandante, selecionei vinte homens, que já tinham experiência de combate, levando em consideração também as armas às quais pertenciam e de acordo com nossas necessidades. Vi muitos semblantes demonstrando desilusão e tristeza por não terem sido escolhidos, mas todos compartilhavam da alegria dos vinte selecionados.

Informei-lhes que, juntamente com suas transferências, seriam promovidos a alferes.

Quando notei o entusiasmo e a vibração desses jovens e sua disposição ao sacrifício naquela situação de guerra, aumentou minha fé e acreditei que nossa boa causa não podia ser considerada perdida enquanto houvesse entre nossa juventude tanto idealismo.

Depois da guerra tornei a ver o Almirante von Horthy quando éramos prisioneiros dos americanos no Palácio da Justiça de Nüremberg. O Almirante von Horthy fora alojado na primeira cela do andar térreo da chamada ala livre das testemunhas. Um capitão-de-fragata alemão ajudava-o na limpeza da cela, embora o Almirante von Horthy fosse entre as numerosas pessoas idosas do Palácio da Justiça um dos homens mais

vigorosos. Quando em fins de novembro de 1945 quiseram transferir-me da minha prisão celular para a ala livre, por ser mais confortável, o Almirante von Horthy manifestou alguns temores. Apesar disso, fui transferido alguns dias depois, por ordem do Coronel Andrus. O Marechal Kesselring, que era o mais antigo da prisão, sugeriu uma reunião entre von Horthy e eu. Esta reunião transcorreu cordialmente por mais de duas horas, quando fiquei sabendo de vários fatos. Afirmo, com toda a sinceridade, que na operação Panzerfaust a sua pessoa não estava em jogo. Ele, por sua vez, disse que sempre adotara uma política de amizade com a Alemanha e falou sobre as dificuldades que, no final da guerra, se tornaram realmente insuperáveis. Aquela palestra confirmou este sábio provérbio: para entender bem uma coisa, é preciso ouvir as duas partes.

Logo após a guerra foram publicados vários livros de memórias dizendo que nossa ação em Budapeste fora supérflua e que o Regente da Hungria nunca pensara seriamente numa paz em separado com a União Soviética e que, portanto, não existiu qualquer perigo para as tropas alemãs. Por acaso tive contato, depois da guerra, com um antigo oficial húngaro que me escreveu exatamente esta carta:

"Querido camarada:

Muito obrigado pela sua carta de 21 do mês passado. Com muito prazer satisfaço seu desejo informando-lhe dos detalhes da nossa excursão naquela ocasião, tal como eu os relembro.

Na minha qualidade de Assistente, tinha que acompanhar frequentemente meu comandante em viagens de inspeção através de campos de prisioneiros e de internados, de sorte que não me surpreendi quando o Coronel Roland von Utassy me chamou, pelo telefone, em 12 de outubro de 1944, às 21 horas, quando me encontrava em minha residência. Determinou que eu me preparasse para uma viagem de inspeção, durante dois ou três dias, acrescentando que dentro de meia hora iria apanhar-me.

Durante esta viagem noturna falamos sobre todos os assuntos, menos do objetivo e do nosso destino. Minha atenção foi despertada quando começamos a passar ao largo de todos os campos de prisioneiros e internados, situados junto à estrada, e a nos aproximar cada vez mais da frente de combate; apesar disso, não fiz qualquer pergunta. Ao romper o dia, chegamos ao posto de comando de um batalhão situado no setor de Szegedin, onde Utassy, ao abandonar o carro, desvencilhou-se de uma

pistola (que normalmente não levava carregada), obrigando-me a fazer o mesmo. Utassy informou ao comandante do batalhão que recebêramos do Regente von Horthy, pessoalmente, ordem de entabular negociações com os russos, na condição de parlamentários, a respeito de um tratamento mais humano às populações civis dos territórios ocupados. Estas palavras me surpreenderam. O comandante recebeu ordem de fazer cumprir em seu setor, a partir das oito horas, um rigoroso cessar-fogo até que retornássemos. O inimigo também recebera semelhante ordem de Moscou e, conforme fiquei sabendo mais tarde, tudo fora preparado pelo General Miklossy. A seguir, fomos para uma trincheira, onde aguardamos a hora "H". Às oito horas, pontualmente, abandonamos a trincheira e nos dirigimos às posições inimigas, a algumas centenas de metros à frente. Estava receoso pela tensão ocasionada com a espera e por estar exposto sem qualquer proteção.

Um lenço branco amarrado a um bastão servia-nos de bandeira de paz. Do flanco, setor vizinho que provavelmente não tinha conhecimento da trégua, recebemos subitamente fogo de artilharia. As granadas caíam ao lado da estrada repleta de cadáveres humanos e de animais; a não ser alguns salpicos de barro e de terra, que caíram sobre nós, não sofremos qualquer dano. Entre as trincheiras, fui informado por Utassy do verdadeiro objetivo da nossa excursão. Quando atingimos as linhas inimigas, surgiram repentinamente, vindos de trás de uma árvore, dois russos armados com pistolas Ruki do hore. Sacudimos nossa bandeira diante deles e disse-lhes que desejávamos ser levados ao seu comandante (falo ucraniano e um pouco de russo), O comandante do regimento, ao qual nos levaram, recebeu-nos com muita amabilidade. É o único, dentre todos os russos que conheci, cujo nome recordo; chamava-se Burik. Fomos acompanhados por ele e por um tenente-coronel, num Buick, até a cidade e, uma vez ali, fomos levados ao antigo edifício da Administração das Ferrovias Estatais, local em que estava instalado o estado-maior da divisão russa, onde fomos recebidos por vários generais. O comandante fez com que nos levassem a um banheiro, para que pudéssemos tomar um banho e nos arrumar. Nossas roupas salpicadas de lama, devido às explosões, deviam causar uma impressão deplorável. Dois soldados russos limparam nossas botas e uniformes e não quiseram aceitar qualquer gratificação. Depois do nosso banho, serviram-nos uma lauta refeição, composta de várias especialidades russas e iguarias húngaras e uma grande variedade de bebidas, inclusive

champanha francesa. Os oficiais do estado-maior, que nos acompanhavam, demonstraram muita surpresa pelo fato de bebermos com parcimônia; assim o fizemos para manter a cabeça fria diante dos acontecimentos. Depois da refeição, fomos informados que, de acordo com um radiograma recebido, o Marechal Malinovski, com quem devíamos tratar do assunto, visitar-nos-ia à noite. As conversações teriam lugar, aproximadamente, às vinte e duas horas, numa cidade situada na outra margem do Theiss.

A cidade tinha um aspecto muito movimentado. Passavam, quase ininterruptamente, diferentes unidades, algumas inclusive com banda de música, dando a impressão de que fora organizado um desfile em nossa honra. O trânsito nas ruas era dirigido por mulheres uniformizadas, que faziam gestos teatrais com bandeirolas coloridas. Durante o percurso, iniciado em torno das quatorze horas, que fizemos em direção à cidade, fomos acompanhados por uma espécie de pequeno estado-maior. Tínhamos que atravessar o Theiss numa barca, porque todas as pontes estavam destruídas. Durante o trajeto, tivemos ocasião de observar grandes concentrações de canhões auto-rebocados, um grande número de "órgãos de Stalin" etc...

Chegamos, em cinco viaturas, à cidade cujo nome esqueci e fomos alojados na casa de um professor. Era apenas o início da tarde e tínhamos, portanto, uma longa espera pela frente. Diziam que Malinovski chegaria diretamente de Moscou num avião especial. Para nos fazer companhia, foi designada uma Senhorita tenente que falava correntemente, além da sua língua materna, alemão, inglês, francês, italiano e húngaro. Fazia amplo uso de seus conhecimentos linguísticos obsequiando-nos com o relato de grandes façanhas realizadas pelos seus compatriotas. Em consequência, não pudemos desfrutar do repouso que tanta falta nos fazia. Um lanche servido naquele espaço de tempo calou sua boca apenas transitoriamente. Finalmente, pouco antes de 22 horas, disseram-nos que Malinovski chegara, e logo depois entrou em nosso aposento, acompanhado por um pequeno estado-maior. Era um homem de bom aspecto físico, aparentava uns quarenta e cinco anos, de constituição hercúlea, louro, olhos azuis, mãos grandes, de gestos algo rudes, mas correto; um olhar que denotava inteligência e ao mesmo tempo cansaço. Mais parecia um comerciante bem situado na vida, do que um militar. Veio ao nosso encontro com as mãos estendidas e cumprimentou-nos cordialmente. Um capitão do seu estado-maior, judeu húngaro, servia de intérprete, pois Malinovski não falava outro

idioma além do russo. Exigiu, inicialmente, a indicação exata das posições de nossas tropas e das alemãs. O Coronel von Utassy fez, sobre um mapa, algumas indicações inexatas e inclusive falsas, ao que Malinovski retrucou de maneira bastante descortês:

— Muito me admiro pelo fato de seu Regente não ter encontrado homens mais bem informados para uma missão tão importante. Olhem aqui — e nos mostrou um informe muito detalhado das posições, o que nos surpreendeu. A seguir, fixou as principais condições para uma eventual paz em separado: retirada das tropas do setor de Debreczen, término das hostilidades em todos os setores da frente, atacar as tropas alemãs pelas costas e obrigá-las, com o auxílio das forças russas que se aproximavam, à rendição. (Infelizmente esqueci detalhes mais concretos). Quando perguntamos qual seria o destino da Hungria, fez apenas um gesto negligente com a mão:

— Não queremos absolutamente nada da Hungria, mas os alemães — uma expressão de ódio fanático deformou seu rosto — serão por nós aniquilados.

No caso de serem aceitas as condições, deveríamos retornar após quarenta e oito horas, para comunicar a execução das mesmas.

— Espero então poder saudá-los como amigos e como companheiros de armas — disse ao se despedir. Quero aconselhá-los outra coisa: gravem bem os dados de memória e destruam todas as suas anotações. Sabemos que a Gestapo já tem conhecimento de suas presenças aqui.

Eram duas horas quando chegamos outra vez a Szegedin, no prédio em que fôramos recebidos. Indicaram-nos dois quartos; mas, por segurança, preferimos ficar juntos no mesmo quarto. Com muita dificuldade conseguimos tirar nossas botas dos inchados pés, nos deitamos vestidos sobre as camas e estudamos nossa lição. Depois de destruir os papéis, não tivemos que esperar muito para que nosso fiel acompanhante, o Tenente-Coronel Burik, viesse buscar-nos. Num jipe, e desta vez sem séquito, levou-nos até a linha mais avançada e ali nos abandonou à própria sorte. Com a bandeira da paz levantada, regressamos às nossas linhas, mas tivemos uma grande surpresa ao constatar que estavam abandonadas. Não se via uma viva alma.

Após um percurso de dez quilômetros a pé, chegamos ao comando do batalhão e encontramos nossa viatura, que sofrera uma batida e estava em situação deplorável; mas para felicidade nossa estava funcionando. Pela

manhã chegamos a Budapeste, onde Utassy, após tomar um banho, foi imediatamente ao castelo para informar von Horthy. As botas que usara eram de tal maneira inadequadas para semelhante marcha, que seus pés incharam tanto, ao ponto de não poder calçar sapatos, vendo-se obrigado a apresentar-se a Horthy de chinelos! Talvez recorde que, ao ocupar o castelo, tenha detido um tenente-coronel de chinelos. O que aconteceu depois você sabe melhor do que eu. Nossa segunda visita a Malinovski, felizmente, não foi realizada. Pude escapar do castelo, aonde eu fora acompanhando Utassy, um pouco antes do seu ataque. Tendo sido minados todos os caminhos de acesso ao castelo, fui obrigado a atravessar, no escuro, o parque e os jardins. Pela manhã, apresentei-me ao comando do Corpo declarando formalmente o ocorrido. Depois fiz o mesmo na Gestapo, onde fui interrogado pelo Senhor Neugebauer (que tinha o posto de capitão). Consta que morreu nas lutas travadas nas proximidades de Budapeste...

... saudações cordiais

Von G., Tenente-Coronel reformado."

As afirmações de alguns amigos do Almirante von Horthy, de que estas conhecidas conversações de paz jamais foram realizadas atraiçoando seu aliado, ficam desmentidas com este relato.

Em 20 de outubro de 1944, von Fölkersam, Ostafel e eu embarcamos novamente em nosso avião. Desta vez fomos diretamente a Berlim, onde nos esperava muito trabalho, que não pudera ser realizado nas últimas cinco semanas. Logo que aterrissamos recebi ordem para comparecer ao QGF, no dia seguinte, a fim de entregar um relatório. A tripulação do avião aquiesceu amavelmente, em esperar mais um dia. Desta vez levei von Fölkersam comigo para satisfazer a um dos seus mais ardentes desejos.

Fomos outra vez até Rastenburg, sobrevoando praticamente toda a frente de combate oriental, pois os russos tinham penetrado profundamente na Prússia Ocidental. Um automóvel nos levou a Birkenwald, onde estava o Quartel-General de Himmler, que ficava a uns trinta quilômetros a noroeste do QGF. Ali todos estavam preparando suas bagagens, já que a frente de combate estava apenas a vinte quilômetros de distância. Himmler recebeu-nos no trem onde tinha instalado seu posto de comando e convidou-nos a cear. Enquanto ainda estávamos comendo, o trem iniciou o deslocamento em direção a Rastenburg. Após ter entregue o relatório referente aos acontecimentos de Budapeste, deixamos essa localidade para voltar durante

a noite a Birkenwald, já que no dia seguinte éramos esperados no QGF. Durante aquela noite, todo o QGF de Himmler esteve à nossa disposição. Fölkersam e eu "moramos" por uma noite naquela cidade de barracas. Mas todo o pessoal disponível eram dois ordenanças. Antes de adormecer meditei sobre vários assuntos.

De vez em quando ouvia um surdo troar de canhões. A guerra fora transferida para o solo alemão. O colosso russo fora o primeiro a atravessar as fronteiras alemãs. Este fato não seria motivo suficiente para impulsionar o povo alemão e seus soldados até o último esforço, uma vez que se tornara realidade, naquele momento, a tão propalada guerra total? Não deviam calar todas as ideias e opiniões opostas para que fossem reunidas todas as forças a fim de ser conquistado o objetivo comum, que era repelir o inimigo no Leste e deter, por todos os meios, o inimigo no Oeste? Este Quartel-General vazio e abandonado no Leste me fazia sentir, pela primeira vez, um ligeiro pessimismo.

Tínhamos ainda força suficiente e reservas para resistir à contínua pressão de todos os lados? Podiam ainda influir no desenrolar dos grandes acontecimentos os êxitos tão singelos como aqueles que acabávamos de ter na Hungria?

CAPÍTULO XXIII

Os russos se aproximam do Covil do Lobo — A sós com Hitler — Apesar de tudo, planos ofensivos — "Barreira de proteção contra a Ásia" — Plano para a ofensiva das Ardenas — Minha missão — Rigoroso sigilo — O General Jodl dá as instruções — Inúmeras dificuldades — Lapso nos mais altos escalões — O "Werwolf", ficção ou realidade? — V-1 contra Nova York? — Os projetos de Himmler — Decisão precipitada — Ouso contrariar — O problema de precisão da pontaria — O futuro das armas V. s

No dia seguinte abandonados rapidamente o nosso amplo "abrigo noturno", onde éramos os dois últimos homens das SS. Dentro de poucas horas a região poderia estar situada dentro do campo de batalha. Chegamos muito cedo ao Covil do Lobo. Na sauna, ainda completamente vazia, esqueci os pensamentos tristes da noite passada. À tarde fui chamado ao bunker do Führer. Fölkersam devia esperar na antessala; tinha que me entrevistar sozinho com Hitler. O corredor que conduzia ao interior do bunker tinha o aspecto de uma casamata; a luz elétrica iluminava aquele corredor de concreto, que não possuía janelas.

À direita do corredor central havia uma porta que dava acesso aos aposentos privados de Hitler e que eram constituídos de uma sala e de um dormitório, separados entre si por apenas algumas vigas. Fui recebido amavelmente por Hitler, como sempre. Tive a impressão de que o Führer estava um pouco mais animado do que na última vez em que eu o vira. Quando nos encontramos, veio ao meu encontro com as duas mãos estendidas e me felicitou dizendo:

— Isto fez bem a você, meu querido Skorzeny. Pelos seus serviços prestados a 16 de outubro promovi-o a tenente-coronel e lhe concedi a Cruz Alemã de Ouro. Tenho certeza que você solicitará condecorações para os seus soldados. Fale a respeito com meu ajudante Günsche; estão concedidas de antemão. Mas, agora, deve relatar-me a sua ação.

Dizendo isto levou-me para um canto da sala onde havia apenas duas poltronas, uma pequena mesa redonda e um abajur de pé.

Comecei a informar por ordem cronológica: a operação Ratão, ultimato, início da missão Panzerfaust e, finalmente, o golpe-de-mão no castelo. Hitler queria saber com exatidão como eu concebera a ação da companhia Goliath.

— Sim — disse ele — para fazer voar pequenas barricadas e portas, os pequenos Goliath são excelentes.

Sentiu uma alegria especial quando lhe informei do discurso pronunciado diante dos oficiais húngaros. Riu cordialmente quando lhe contei a visita do Arquiduque. De repente ficou sério; achei que a minha entrevista tinha terminado e me levantei.

— Não, fique Skorzeny. Hoje, dar-lhe-ei talvez a missão mais importante de sua vida. Até agora, poucas pessoas conhecem os preparativos de um plano secreto no qual você terá um papel importante. A

Alemanha lançará, em dezembro, uma grande contraofensiva decisiva para os destinos do país.

Durante aproximadamente uma hora Hitler explicou os menores detalhes do plano e as ideias básicas desta última ofensiva no Oeste, conhecida na história da guerra como ofensiva das Ardenas ou a Batalha do Bolsão. Durante os últimos meses o comando alemão fora obrigado a considerar somente planos para repelir e barrar o inimigo. Foi uma época de ininterruptos contratempos, de contínuas perdas de terreno nas frentes Leste e Oeste. A propaganda adversária, principalmente a dos aliados ocidentais, era unânime em apresentar a Alemanha como um cadáver pestilento, cuja eliminação era apenas questão de semanas, encontrando-se exclusivamente em mãos dos aliados a possibilidade de escolher o momento da liquidação definitiva.

— Não querem ver que a Alemanha luta pela Europa para bloquear à Ásia o caminho para o Ocidente — exclamou Hitler bastante excitado. Os povos da Inglaterra e da América estão cansados da guerra — continuou. Se algum dia a Alemanha, considerada morta, tornar a se levantar e se o aparente cadáver voltar a combater no Oeste, há possibilidade de os aliados ocidentais, sob a pressão da opinião pública e tendo em vista sua propaganda reconhecidamente falsa, disporem-se a assinar uma paz em separado com a Alemanha. Aí então poderiam ser transferidos todos os Exércitos e Divisões para a luta na frente Leste a fim de evitar para sempre a ameaça do Leste que paira sobre a Europa. A missão histórica da Alemanha é formar a barreira de proteção contra a Ásia, o que há mais de mil anos os alemães vêm cumprindo fielmente.

Alguns membros do Estado-Maior Geral estavam ocupados ultimamente nos trabalhos preparatórios para uma ofensiva envolvente no Oeste. Planejava-se a longo prazo, com um grau de sigilo bastante elevado. A iniciativa, há meses, estava nas mãos dos aliados ocidentais e devia voltar novamente para o lado alemão.

Durante os grandes movimentos de avanço dos aliados, a partir da Normandia até a fronteira alemã do Reich, Hitler pensava sempre em retardar o referido avanço através de fortes contraofensivas, até chegar a barrá-lo completamente. Nem nos dias de maior crise abandonara tais pensamentos. Contudo, estas planejadas contraofensivas foram impossíveis, pela situação desfavorável em todas as frentes. O fato de há três semanas o inimigo estar detido em suas posições poderia ser atribuído, entre outras

coisas, às dificuldades do alongamento de seus eixos de suprimento; além disso, havia sintomas de desgaste dos exércitos aliados, que, depois de quatro meses de lutas e de movimentos, deviam ressentir-se, especialmente pelo desgaste do material. Por este motivo foi possível a estabilização da frente, naquele período.

— A superioridade aérea dos aliados foi a causa da sua vitória no desembarque — opinou Hitler; e continuou seu monólogo, falando de um modo tão insistente e convincente, como nunca eu tinha visto. O Alto Comando alemão poderia contar, ao menos transitoriamente, com um declínio das atividades da aviação inimiga, durante o outono e início do inverno, devido às condições atmosféricas. Por este motivo o planejamento estava sendo feito para que as operações fossem desencadeadas aproveitando-se a instabilidade do tempo.

— Poderemos utilizar dois mil caças a jato, que estão em reserva, para esta contraofensiva — disse Hitler terminando esta parte de suas explicações.

Estas palavras pareciam conter certa contradição, embora na época não me chamassem a atenção. O fato de os modernos e eficientes aviões alemães de caça estarem prontos significava para todos nós uma grande esperança e era objeto de muitas especulações.

O início de uma inesperada ofensiva alemã evitaria também a formação de importantes unidades francesas. As setenta divisões com as quais os anglo-americanos contavam não eram suficientes para uma frente de 700 quilômetros. Era preciso formar, num local favorável, um ponto de apoio bastante forte para romper a frente antes que fosse reforçada por novas unidades francesas.

Poderia ser levado em consideração ainda que nos meses seguintes haveria outras condições favoráveis para a planejada operação. As posições no Oeste, nos Países Baixos, também deviam ser mantidas. A situação no Leste devia manter-se por forma a evitar que, durante aquele tempo, se deslocassem para lá tropas do exército de reserva. Isso tornaria possível um contínuo reforço em pessoal e material para as forças ocidentais alemãs. Além disso, as tropas inimigas da referida frente deveriam ser destruídas no mais curto prazo, desde o início da contraofensiva, para ser obtida uma brecha profunda, que necessitávamos, no dispositivo inimigo.

— A decisão para determinar em que parte da frente devia ser desfechado o golpe pairou no ar durante várias semanas — seguiu dizendo

Hitler.

Parece que inicialmente falara-se em cinco possíveis operações: operação Holanda, com um avanço a partir da região de Venlo em direção ao Oeste, contra Amberes; uma ofensiva a partir da região Luxemburgo-Norte em direção ao Noroeste, que depois se prolongaria em direção ao Norte; uma ofensiva paralela desde a região ao norte de Aachen, com duas direções de ataque, sendo que uma partindo de Luxemburgo e outra de Metz, tendo como objetivo o encontro na região de Longur. Uma quarta ofensiva semelhante à anterior, com duas direções de ataque, uma de Metz e outra de Baccarat, que se encontrariam perto de Nancy; e, finalmente, a operação Alsácia, com duas direções de ataque, a partir.de Epinau e de Mompelgard, que se encontrariam perto de Vessoul.

As diversas linhas de ação foram devidamente analisadas e comparadas à luz das vantagens e desvantagens. As três últimas foram logo abandonadas, porque prevaleciam as desvantagens. A operação Holanda parecia exequível, mas havia um sério risco. A ofensiva a partir da região Luxemburgo-Norte e a ação secundária de Aachen deveriam ser reforçadas com toda sorte de material.

— Digo tudo com exatidão para que esteja realmente a par e saiba que calculamos tudo, até os menores detalhes — continuou Adolf Hitler.

Era difícil para mim, diante do mapa, acompanhar as explicações.

Esta forma de planejar operações, conforme fazia o Estado-Maior Geral, era algo com o que eu não estava familiarizado. Nas semanas seguintes deviam estar concluídos todos os preparativos para a ofensiva com as forças designadas para tal. Necessitava-se de uma frente estável para ser possível a execução do planejamento da ofensiva. Durante a campanha da França, em 1940, realizara-se um avanço nesta mesma região. As experiências desta campanha proporcionavam bons subsídios para os domais trabalhos de preparação do Estado-Maior.

— Você e as unidades que estão sob seu comando receberão uma das missões mais importantes da ofensiva. Como destacamento de vanguarda, deverão ocupar uma ou várias pontes do Mosa entre Liège e Namur. Realizarão esta missão camuflados com uniformes ingleses ou americanos. O inimigo nos infligiu sérios danos em várias operações especiais desse tipo. Há poucos dias, apenas, recebi um informe de que uma ação camuflada dos americanos teve um papel importante na conquista da primeira cidade alemã caída no Oeste, isto é, em Aachen — seguiu dizendo.

Os aliados deverão ser desorientados e confundidos por pequenos comandos vestindo uniformes do inimigo, que deem ordens falsas, interrompam as comunicações e lancem a confusão no seio de suas tropas. Os preparativos devem estar prontos antes de primeiro de dezembro. Detalhes mais concretos serão tratados com o General Jodl.

— Sei que fará tudo o que for possível — acrescentou Adolf Hitler — mas agora vem o mais importante: deverá ser mantido o máximo sigilo. Até agora só algumas pessoas conhecem o plano da ofensiva. Para dissimular totalmente os preparativos, você deve manter-se fiel à versão de que o "Comando Alemão espera, neste ano, uma grande ofensiva inimiga na região de Colônia-Bonn. Todos os preparativos estão encaminhados para nos defender deste ataque".

Depois desta explanação, minha cabeça estava bastante confusa. Quando pude coordenar meus pensamentos, expressei-os dizendo:

— Meu Führer, o pouco tempo que ainda me resta exigirá muita dedicação. Como devem ser executadas, durante esse tempo, as operações especiais das unidades de caçadores? Não posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Hitler não respondeu em seguida e continuei falando sobre isso. Fiz referência, entre outras coisas, aos preparativos para a ação contra o Forte Eben-Emael, em 1940, que duraram mais de meio ano. Hitler interrompeu-me dizendo:

— Sei que o tempo é muito curto; mas você deve dar tudo de si. Durante os preparativos será colocado à sua disposição um oficial para comandar as suas tropas interinamente. Não quero que você, pessoalmente, atravesse as linhas inimigas, pois agora não deve cair prisioneiro.

Ao dizer estas palavras, Adolf Hitler levantou-se e me acompanhou até a pequena sala "da situação", no bunker, onde Fölkersam me esperava. Ali fui apresentado ao General Guderian, que naquela ocasião era Chefe do Estado-Maior Geral alemão. Eu, por minha vez, apresentei Fölkersam. Ambos ficamos surpreendidos quando Hitler interrogou Fölkersam acerca da ação na Rússia, na qual ele ganhara a Cruz de Cavaleiro. Fölkersam me confessou depois que neste primeiro encontro aconteceu com ele o mesmo que se passara comigo. Adolf Hitler não só causara nele uma profunda impressão pela sua personalidade, como cativara-o profundamente.

Algumas horas depois fomos recebidos pelo General Jodl, que nos mostrou sobre um mapa vários detalhes do plano de operações. O choque

da ofensiva devia ser realizado a partir da região entre Aachen e Luxemburgo até Amberes. Com isto deveriam ficar cercados o II Grupo de Exércitos britânico e as tropas americanas que lutavam nas proximidades de Aachen. Devia pensar-se numa proteção ao sul da linha Luxemburgo — Namur — Lovaina — Mechelen e ao norte pela linha Eupen, ao norte de Liège — Tongeren — Hanselt — Canal de Alberto.

Em circunstâncias adversas, o objetivo do ataque, Amberes, devia ser conquistado sete dias após o início da ofensiva. A finalidade de toda a operação devia ser a destruição do inimigo ao norte da linha Bastogne — Bruxelas — Amberes.

Todas as tropas estavam sob o comando do Marechal-de-Campo Model e constituíam o Grupo de Exércitos B, que estava assim organizado: VI Exército Blindado SS, sob o comando do General das Waffen-SS Sepp Dietrich, à direita; o V Exército Blindado, sob o comando do General Manteuffel, no centro; e o VII Exército à esquerda, ou seja, no flanco sul. Depois de um breve, mas intenso fogo de preparação de artilharia (imaginava os seis mil canhões dos quais Adolf Hitler falara poucas horas antes), os Exércitos deviam romper a frente em vários locais taticamente favoráveis.

A seguir, Jodl explicou, para melhor compreensão, as diversas missões dos Exércitos; o VI Exército Blindado SS devia conquistar as pontes sobre o Mosa em ambos os lados de Liège, para estabelecer depois, junto ao Ysere, uma sólida frente defensiva; em seguida, conquistar o Canal de Alberto, entre Maastricht e Amberes, e prosseguir, finalmente, até a região ao norte de Amberes.

O V Exército Blindado devia atravessar o Mosa em ambos os lados de Namur e deter na linha Bruxelas — Namur — Dinant eventuais ataques inimigos vindos do oeste, cobrindo assim o flanco do VI Exército. O VII Exército devia cobrir os flancos sul e sudoeste, atravessando o Mosa na região de Dinant. Mais tarde o ataque do Grupo de Exércitos B seria reforçado a partir do norte, mediante um ataque do Grupo de Exércitos H estacionado na Holanda, sob o comando do General Student.

— Você, Skorzeny, será empregado por ordem do Führer no setor do VI Exército Blindado SS e de acordo com ordens especiais que receberá. Para você, portanto, este estudo tem um interesse especial, porque nele podemos observar como a situação poderia ter-se desenrolado 24 horas depois do início do ataque.

Dizendo isso, o General Jodl abriu diante de nós um outro mapa contendo várias observações. Correspondia à hipótese de que o ataque a Eupen — Verviers — Liège fora desencadeado, tendo-se conquistado duas cabeças-de-ponte no ponto de apoio. O flanco norte das tropas seria atacado, segundo este plano, por fortes reservas do inimigo.

O General Jodl despediu-se e recomendou que eu lhe apresentasse, em curto espaço de tempo, uma relação de pessoal e de material necessários à operação. Os outros assuntos deveriam ser tratados com o chefe do pessoal do Exército e com o marechal-de-campo e demais oficiais do Estado-Maior Geral. O mais importante destas conversas era a minha apresentação e a do meu IA a estes senhores. Assim, cheguei a conhecer os Generais Burgdorf Schmund, Warlimont e o sucessor deste, o General Winter. Quero assinalar que estes oficiais me ajudaram bastante, mais tarde, dentro dos limites de suas possibilidades.

Mantive uma conversa muito interessante com um coronel do estado-maior do General Winter. Comentei com ele o aspecto da operação, olhado sob o ponto de vista do direito internacional. Ele, por sua vez, mencionou a notícia de Aachen e achou que Adolf Hitler só pensara nesta ação baseando-se naquele fato. Os pequenos comandos, no caso de prisão, corriam o risco de ser considerados espiões e neste caso julgados por um conselho de guerra. Com respeito ao grosso de minhas tropas, o direito internacional só proibia o uso de armamento, apesar de ser utilizado o uniforme inimigo. Por isto fui aconselhado pelo coronel a que meus homens levassem sob as fardas inimigas o uniforme alemão e que no momento do ataque retirassem o uniforme inimigo. Decidi então, desde logo, seguir os conselhos de um entendido no assunto.

Finalmente, tomei conhecimento de que o Alto Comando da Wehrmacht determinara a todas as unidades que enviassem todos os soldados e oficiais que falassem inglês, para uma operação especial. Tal ordem deveria converter-se, mais tarde, num exemplo de lapso militar com relação à manutenção do sigilo de uma ordem; e isto aconteceu nos mais altos escalões do Alto Comando alemão.

Dentro de alguns dias recebi pelo teletipo, em Friedenthal, uma cópia da referida ordem. Ao ver a lista de distribuição, tive que fazer um esforço muito grande para não cair da cadeira. A ordem estava assinada por um dos mais altos chefes do Estado-Maior da Wehrmacht e levava acima a inscrição "assunto: comando secreto". Os trechos de maior importância

diziam mais ou menos: "todas as unidades da Wehrmacht devem informar até ... de outubro de 1944 a todos os militares que falem inglês para que se dirijam voluntariamente, para uma missão especial..., à unidade do Tenente-Coronel Skorzeny, em Friedenthal, junto a Berlim". De acordo com a lista de distribuição, a ordem fora dirigida a todas as Grandes Unidades da Wehrmacht, inclusive às que se encontravam nas linhas de frente. Era de supor que muitas Divisões tivessem transcrito e distribuído aos regimentos e batalhões a inscrição "assunto: comando secreto".

Por pouco não tive um ataque de cólera. Tinha certeza que a referida ordem acabaria por ser conhecida pelos serviços de informações do inimigo. Terminada a guerra fiquei sabendo que o serviço de informações americano tomara conhecimento da ordem oito dias depois. Para mim constituiu um mistério o fato de não ter havido por parte dos americanos a adoção de medidas de segurança referentes ao caso.

Em consequência da maneira como foi dada a ordem, julguei que nosso plano estaria frustrado antes mesmo de ser iniciado. Por esse motivo enviei imediatamente um veemente protesto ao QGF e expus a minha disciplinada opinião de que o plano devia ser abandonado. Mas, entre a minha pessoa e o responsável, por acaso Jodl, ou o próprio Adolf Hitler, havia um obstáculo intransponível que se chamava canais competentes. Isto era difícil, mas devia ser seguido à risca. Contudo, dirigi-me ao General Fegelein, oficial de ligação das Waffen-SS junto ao QGF e que posteriormente tornar-se-ia cunhado de Hitler. Recebi pelo correio a sua resposta: o fato era realmente incrível e inexplicável, e por isso mesmo não devia ser dado conhecimento ao Führer. O plano para esta operação devia ser mantido e os preparativos deviam continuar impulsionados com toda a energia. Alguns dias depois, tive oportunidade de comunicar o fato a Himmler; a sua resposta foi apenas:

— O pandemônio tomou conta de tudo; mas a missão deve ser realizada.

Fui arrancado do meu trabalho, durante meio dia, quando o planejamento desta ação me absorvia os dias e as noites. Fui chamado certo dia ao Quartel-General do Comandante Geral das SS, nas proximidades de Hohenlychen. Era um simples acampamento, onde as barracas se distribuíam em meio a um bosque de bétulas. Depois de uma pequena espera, o ajudante de Himmler conduziu-me à sua presença.

Ao entrar vi, junto a Himmler, o doutor Kaltenbrunner, Schellenberg e o General Prützmann, a quem fui apresentado. O ambiente estava decorado

de modo simples, mas de muito bom gosto: móveis fabricados em oficinas alemãs, iguais aos que eram vistos em qualquer cassino da Wehrmacht; completando a decoração, algumas cortinas bem simples. Assim que todos se sentaram em torno da mesa redonda, Himmler explicou o motivo da reunião: devia ser formalmente organizado o movimento popular Werwolf, que há semanas era anunciado através da imprensa escrita e falada. Até aquele momento só tinham trabalhado neste sentido alguns "Altos Comandos da Polícia e das SS" e, mesmo assim, de acordo com as iniciativas próprias, nos Gauen (distritos administrativos). Himmler deu-nos esta visão correta da situação e depois opinou, dirigindo-se a mim:

— Isto cairia nas esferas de sua atribuição, Skorzeny, mas creio que seus afazeres já são muitos.

Eu só podia concordar com esta observação.

Na primavera de 1944, tínhamos organizado, na França e na Bélgica, as chamadas redes de invasão; agentes oriundos dos referidos países, que se mantinham fiéis aos alemães, por idealismo ou por dinheiro, foram deixados atrás das linhas inimigas para que executassem atos de sabotagem. Até aquele momento não tivéramos boas experiências nem os correspondentes êxitos.

Fui designado também para entrar em ligação com os movimentos de resistência dirigidos contra os aliados, apoiá-los e, caso obtivessem sucesso, ampliá-los. Este trabalho, entretanto, também estava nos primórdios do seu planejamento, e podia ser dito, com toda a propriedade, que fazia parte dos planos classificados como tardios.

Em consequência, pude responder a Himmler com toda a sinceridade e convicção:

— Certamente, Reichsführer, tenho suficiente trabalho e peço apenas uma exata delimitação do meu campo de ação. Se me permitir uma sugestão, pediria que este campo começasse além das fronteiras do Reich.

Himmler concordou com a minha proposta e disse ter nomeado o General Prützmann chefe e organizador do Werwolf, movimento de resistência alemão que devia ser ampliado. Himmler acrescentou, ainda, que Prützmann deveria ser apoiado também pela minha tropa. Este apoio deveria ser limitado, no futuro; os elementos das unidades de caçadores aconselhariam e ajudariam nos problemas de equipamento e de treinamento. O meu IB (oficial do Serviço de Intendência) deveria fazer propostas relativas aos suprimentos de armas e demais material.

O tão discutido e, a princípio, também temido Werwolf alemão não foi mais do que uma ficção. Não chegou, praticamente, a ser realidade; só era possível, e fora planejado para o caso em que se chegasse realmente à última resistência, na fortaleza dos Alpes, por exemplo. Toda a guerra atrás das linhas inimigas tem um efeito mais moral do que prático. Uma guerra desta natureza eleva o moral dos combatentes e da própria população civil. Impede também que paralise o espírito de resistência nos territórios ocupados pelo inimigo. A afirmação da soberania de uma nação tem reflexos, inclusive, na retaguarda do inimigo. Se ocorrer tal situação, todo o país tentará criar um movimento de resistência semelhante. Consequentemente, a única coisa que o Werwolf tinha de original era o nome. Este plano nunca foi uma criação nazista, tampouco um crime. É interessante dizer que a única emissora Werwolf a funcionar esteve localizada em território alemão ocupado pelos soviéticos e só trabalhou durante alguns dias. Entre outras coisas, criticava os homens que durante o Terceiro Reich desempenharam cargos importantes e se comportaram de maneira pouco honrosa após a invasão dos russos. Este fenômeno também pôde ser observado na parte Ocidental, sem, entretanto, ser manifestado pelo rádio.

Como sempre acontecia, Himmler perguntou, também desta vez, pelo desenvolvimento das armas especiais da Luftwaffe e da Marinha de Guerra. Quando informei que estava sendo estudada a possibilidade de disparar a V-1 de submarinos, Himmler deu um salto de sua cadeira, dirigiu-se a um grande globo terrestre que estava em sua escrivaninha e me perguntou:

— Então, podemos bombardear Nova York com a V-1?

Respondi afirmativamente. Se os técnicos conseguirem desenvolver uma rampa de lançamento que possa ser montada rapidamente sobre um submarino, será possível. Himmler, que era um homem de decisões rápidas, tornou a me interromper:

— Falarei imediatamente com o Führer e com o Almirante Dönitz; Nova York deve ser bombardeada num futuro próximo com a V-1. Você, Skorzeny, porá mãos à obra para que o problema seja resolvido o mais rápido possível.

Eu não estava preparado para esta reação imediata de Himmler. Por diversas razões, não estava totalmente convencido de que Himmler tivesse tomado uma decisão acertada. Fiquei intrigado diante da reação dos demais presentes. Eram todos meus superiores hierárquicos e de acordo com os

preceitos regulamentares tinham que falar antes de mim. Prützmann parecia-me bastante desinteressado. Acabara de receber uma missão nada fácil na chefia da Werwolf e seus pensamentos, com toda certeza, estavam girando em torno dessa missão.

O doutor Kaltenbrunner dominava muito bem a expressão do seu rosto; era impossível saber sua opinião, se contra ou a favor. As contrações nervosas do lado esquerdo de sua face, características pessoais, não tinham nada a ver com um nervosismo transitório. Olhava para seu subordinado Schellenberg, a quem cabia expor sua opinião como chefe do Serviço de Informações alemão, pois se tratava de uma decisão do maior alcance político. Mas Schellenberg estava muito ocupado em assentir com a cabeça, enquanto Himmler falava e olhava para ele. Continuava fazendo esse movimento do cabeça mesmo quando o Reichsführer SS lhe voltava as costas. Já não ora mais necessário haver preocupação em pronunciar o costumeiro Jawohl, Reichsführer. Schellenberg tinha inteligência suficiente para julgar o problema, mas temia expressar a sua opinião antes de possuir certeza das intenções do seu superior de mais alto posto. Chamava a isto de suas faculdades diplomáticas, evitando que lhe escapasse algo que pudesse contrariar seus superiores.

Pois bem, mais uma vez caberia a mim pegar o touro pelos chifres. Enquanto isso, tinha preparado as minhas observações. Quando Himmler, que andava de um lado para o outro, tornou a me encarar, pedi a palavra:

— Reichsführer, solicito permissão para dizer alguma coisa referente ao assunto. Posso informar que a precisão da pontaria da V-1, no momento, ainda é insuficiente; o objetivo deve ser fixado antes do disparo, e durante o voo da V-1 a sua trajetória não pode ser modificada. Estão sendo fabricados aparelhos para esse fim, pois até hoje só se consegue precisão até a distância de oito quilômetros. A imprecisão do disparo aumenta consideravelmente, no atual sistema, quando a V-1 é disparada de um HE-111, conforme foi constatado quando se lançaram estas bombas sobre a Inglaterra de bases aéreas situadas na Holanda. A imprecisão seria ainda maior se lançada de um submarino. A localização pouco precisa da posição no mar, à noite e com este tempo, além do balanço do submarino, ocasionado pelas ondas, por menor que sejam, interferem negativamente na lenta aceleração da V-1 sobre a rampa de lançamento e são dados que ainda devem ser acrescidos ao problema. Além disso, há que considerar a enorme distância até Nova York, o que tornaria difícil atingir o objetivo.

Após uma breve pausa, prossegui:

— Acrescente-se a isso outro aspecto. A aviação alemã não tem a menor possibilidade de obter uma proteção no espaço aéreo sobre a zona de lançamento. A vigilância da costa oriental da América e de um amplo espaço no Atlântico está muito bem organizada e apresenta muito poucas falhas, conforme nossas informações, graças à aviação e aos aparelhos de radar.

Durante a minha intervenção procurei observar as reações dos presentes. Himmler continuava andando de um lado para outro, o não parecia ouvir com muito interesse. Seguidamente fazia uma parada junto à escrivaninha onde estava o globo; quando estava perto da nossa mesa, encarava-nos rapidamente através de suas lentes. Eu não o conhecia suficientemente para poder ler em seu rosto a sua reação. O doutor Kaltenbrunner, por meio de gestos, animava-me a prosseguir. Não me surpreendeu que Schellenberg fizesse gestos de negativa com a cabeça. Prützmann permanecia imperturbável, ocupando-se com seus documentos.

Subitamente, Himmler parou em nossa frente e tomou a palavra:

— Vejo aqui uma nova possibilidade, muito importante, para dar um novo rumo a esta guerra. A América também deve experimentar as consequências do conflito. O país se acredita seguro, e Roosevelt está convencido de que somente com ouro e com indústria pode-se manter uma guerra. Os americanos consideram o seu país afastado de todos os perigos. O efeito de um ataque desta natureza seria incalculável. O povo não resistiria à guerra em seu próprio país. Eu julgo fraca a capacidade de resistência dos americanos; desmoronará diante destes golpes inesperados.

Desta forma, mais ou menos, Himmler tentava explicar a sua repentina decisão. Eu não podia acompanhar muito bem o desenrolar de suas ideias. Não tinha a menor vacilação quando falava de uma guerra aérea contra cidades americanas; o constante bombardeio de cidades alemãs era motivo suficiente para tal. O número cada vez maior das ruínas falava por si mesmo. Mas acreditava que o efeito da V-1 sobre o povo americano estava sendo julgado de modo errôneo.

Por isso esperei a ocasião para tornar a falar sobre o assunto e esta oportunidade me foi proporcionada por Himmler, logo depois.

— Reichsführer — disse — eu acredito que, muito provavelmente, obteremos um efeito contrário. O Governo dos Estados Unidos conduz, há muito tempo, a propaganda da guerra sob o lema: "os EUA estão

ameaçados pela Alemanha". Depois da ação da V-1 sobre Nova York poderia facilmente ocorrer no povo americano a sensação de uma verdadeira ameaça. Considero que a herança de sangue anglo-saxão é muito elevada na população americana. Foram justamente os ingleses que nos demonstraram ser sua capacidade de resistência moral, em tempos adversos, consideravelmente forte.

Himmler escutava, agora, com mais atenção. Aproveitei a oportunidade e continuei dizendo:

— Certamente eu poderia também imaginar o efeito do choque no povo americano, mas só no caso de os poucos lançamentos que poderemos realizar serem dirigidos a um objetivo perfeitamente delimitado. Após o anúncio através da rádio alemã, por exemplo, uma V-1 atacaria num determinado dia, a uma hora marcada, um certo objetivo em Nova York. Isto ocasionaria um impacto no duplo sentido da palavra.

Continuei explicando que ainda estavam em andamento os trabalhos para melhorar a precisão da pontaria da V-1. Cientistas alemães trabalhavam procurando duas soluções diferentes. A primeira visava ao estabelecimento de um dispositivo que, colocado na ogiva da V-1, tornaria possível um controle durante o voo. A estação de rádio estaria neste caso perto da base de lançamento. A outra solução era um pouco mais ousada; por meio de uma pequena emissora, que devia ser instalada nas imediações do objetivo, controlar-se-ia a trajetória da V-1. A dificuldade desta solução residia nas pequenas quantidades de energia que estariam disponíveis para o seu funcionamento. Além disso, outra dificuldade devia ser superada: a pequena emissora precisava ser colocada num local predeterminado e num momento certo, por algum agente. As experiências feitas com ações de agentes na América do Norte demonstraram que ainda nos restava muito a aprender. Alguns agentes, desembarcados por meio de um submarino na costa oriental dos Estados Unidos, foram presos logo depois.

O doutor Kaltenbrunner declarou ver os mesmos inconvenientes que eu numa ação imediata e ponderou que deveria ser aguardado o aperfeiçoamento dos acessórios necessários. Himmler parecia impressionado com as objeções. Embora não retirasse expressamente a sua ordem anterior, determinou-me que lhe informasse acerca do desenvolvimento de todos os aperfeiçoamentos e das pesquisas que estavam sendo realizadas. Mas o curso da guerra foi mais rápido do que os estudos e as investigações realizadas na Alemanha. Como o mundo inteiro sabe,

nunca se chegou a empregar a V-1 contra o território dos Estados Unidos da América.

Após a derrota da Alemanha, ouvia-se frequentemente a pergunta: o que teria acontecido se ...? É inútil discutir sobre isso, já que a posteriori nunca podem ser reunidos de um modo concreto todos os componentes que influem no juízo exato de um possível êxito e suas consequências. Neste particular, pode-se afirmar, com toda a certeza, que não teria sido decisivo para o transcurso da guerra, pois os meios disponíveis não eram suficientes, nem em quantidade, nem em eficiência.

Mas o problema apresenta outro aspecto: será possível no futuro o emprego de ações onde intervenham estas armas teleguiadas? Os membros dos Estados-Maiores aliados e os cientistas terão, certamente, muitas dores de cabeça para equacionar o problema. A América do Norte e a Rússia, por exemplo, têm utilizado nesse tipo de investigações, além dos seus próprios cientistas, homens de ciência alemães. É certo, pois os jornais americanos falam disto com surpreendente franqueza, que nos últimos anos foram feitos grandes progressos. Para falar apenas dos chamados projetis alemães V (Vergeltungswaffe = arma de vingança; Ferngelenkt = teleguiados), fabricou-se durante a guerra a conhecida V-2, que teve seu alcance consideravelmente melhorado. Com respeito à precisão e ao controle a distância, também foram feitos muitos progressos, embora não se fale disso abertamente.

Não é em vão que a ciência russa explora, há decênios, todo o Oceano Ártico e a região polar. Mais cedo ou mais tarde, com o atual desenvolvimento da aviação (aqui só me refiro às alturas normais de voo, que chegam à estratosfera), a região polar será uma base estratégica para voos sobre o polo até o Canadá e América, além de uma pista magnífica para o lançamento de todos os projetis V, conforme designação genérica alemã.

Os mais modernos submarinos alemães no final da guerra estavam praticamente imunes à detecção do radar; os referidos submarinos converteram-se numa disputada presa de guerra, por parte dos aliados. Naturalmente é impossível para mim citar todos os progressos feitos nos últimos anos da guerra. Fotografias de revistas americanas mostram que são disparados de navios projetis parecidos com a V-2. A imprensa russa não costuma publicar tais fotografias.

Uma coisa é certa: a ciência possibilita progressivamente aos estrategistas de guerras futuras incluir nos seus planos territórios muito mais longínquos e não deve ser exagerado quando se fala numa futura estratégia global.

Possivelmente, no decurso do tempo será encontrado um sistema de defesa eficiente contra qualquer ataque. Isto pode ser demonstrado pela história de todas as guerras. Contudo, normalmente eram utilizados tais meios defensivos só depois de ter sido usado o meio de ataque. Mas, diante do atual avanço técnico, a diferença de tempo entre a utilização da arma ofensiva e a defensiva pode ser da máxima transcendência.**

CAPÍTULO XXIV

Movimentos de resistência — Partisans ucranianos contra o exército vermelho — Operação Grifo — Três batalhões — Companhia de comandos — Falta de homens e de material — Boatos estapafúrdios — "Yes", "No" e "OK" — Improvisações — As três pontes do Mosa — Ataque contra o Quartel-General aliado? — Eisenhower em perigo — Café de Ia Paix — Onde estão as fotografias aéreas? — Hitler ajuda — Não se observa o avanço inimigo — Transporte relâmpago para o Oeste — Ordens do Marechal Model — Tudo pronto.

Nos meses seguintes tive tempo apenas para me preocupar com armas especiais e com movimentos de resistência. Eram franceses, belgas, holandeses e noruegueses que se ofereciam para formar grupos de resistência em seus países, agora ocupados pelos aliados. Era praticamente impossível iniciar alguma coisa neste sentido. O Governo de Pétain, por exemplo, tinha muito poucos adeptos na França e um movimento de resistência sem a ajuda de uma grande parte da população é como uma criança que nasce morta. Neste caso, de muito pouco serviam os depósitos secretos de armas e meios de sabotagem, que foram instalados sob o

comando do Almirante Canaris e estavam distribuídos pela Europa Ocidental.

A situação no leste e no sudoeste da Europa era um pouco diferente. Na Ucrânia, ou mais precisamente na zona fronteiriça russo-polaca, esta resistência encontrara eco entre os membros do UPA, movimento de independência ucraniano. Seus dirigentes, entre os quais o senhor Bandera, foram detidos pelos alemães e postos em liberdade no ano de 1944. O UPA rebelara-se contra os excessos da administração civil alemã e, mais tarde, entrou em combate, com o mesmo denodo, contra os russos que chegaram. Havia informes de que um elevado número de soldados alemães, que durante as retiradas de 1944 tinham ficado separados de suas unidades, lutavam de modo mais ou menos voluntário, nas hostes ucranianas.

No outono de 1944 dei ao Capitão K. a missão de averiguar, por meio de uma incursão na Ucrânia, acerca da veracidade destes informes. Com oito soldados alemães — o grupo estava equipado com rádio — o Capitão K. passou através das linhas inimigas na região dos Cárpatos e infiltrou-se no interior da Ucrânia, desviando-se um pouco mais para o leste. A incursão durou três semanas e grandes distâncias foram percorridas atrás das posições russas. As informações trazidas pelo grupo, após um feliz retorno, proporcionou-nos uma boa visão do panorama existente. O UPA formara realmente um grande número de destacamentos de até mil homens e dominava, com eles, alguns territórios. Sua forma de combate contra unidades soviéticas da retaguarda devia ser necessariamente de grande mobilidade. Naquela ocasião, os membros do UPA obtinham seus equipamentos, armas e munições capturados por ocasião dos ataques aos russos. O Capitão K. estabelecera conversações diretas com alguns dirigentes do UPA, que lhe confirmaram o fato de que soldados alemães atuavam concretamente como chefes subalternos no chamado movimento de libertação ucraniano. O UPA estava disposto a trocar paulatinamente soldados alemães por entregas de material. Inclusive foram determinados os locais de aterrissagem onde, inicialmente, deviam ser alojados os soldados alemães feridos e enfermos. Mas, nesse espaço de tempo, a situação do apoio logístico tornara-se tão crítica, que não houve fornecimento de gasolina para que essa operação fosse realizada. Por mais carinho que eu sentisse pelas pequenas ações, como esta, apenas tomava conhecimento delas.

Os preparativos para a futura ofensiva do inverno eram mais importantes e tinham prioridade sobre qualquer outro assunto. Embora não coubesse a mim a organização propriamente dita do grupamento para a missão que caberia às minhas unidades, recebi, para treinamento, o campo de "Grafenwöhr". O plano de operação e as demais providências foram elaborados, em Friedenthal, por mim e pelos meus auxiliares.

Escolhemos para esta operação o nome Grifo, que lembrava o legendário pássaro que aparecia nas fábulas alemãs. Nossa tropa devia ser organizada no tipo de uma brigada blindada (foi então chamada 150ª Brigada Blindada). A base do nosso plano de operações estava calcada nas diretrizes determinadas pelo QGF, que estabeleciam a cronologia das ações para a grande ofensiva. De acordo com os planejamentos do QGF, no primeiro dia devia-se passar através das linhas inimigas. No segundo dia devia ser atingido o Mosa e feita sua transposição. De acordo com este plano, era lícito concluir que já no primeiro dia as tropas inimigas estariam completamente desorganizadas e em plena retirada.

Meus auxiliares e eu estávamos plenamente de acordo em fazer da improvisação um grande meio auxiliar. Em apenas cinco semanas — o começo da ofensiva estava fixado, naquela ocasião, para primeiro de dezembro de 1944 — uma tropa de campanha normal não podia estar organizada e muito menos treinada; quanto mais uma tropa que recebera como missão a execução de semelhante operação. Isto era praticamente impossível e nós sabíamos disso. De minha parte estava com a consciência tranquila, porque fiz estas objeções diante do próprio Hitler, quando recebi dele a missão.

Prevendo a possibilidade de toda sorte de contratempos, estabelecemos três objetivos: as pontes sobre o Mosa, perto de Engis, Amay e Huy. Desta maneira, dividimos a área onde o VI Exército Blindado SS ia operar em três zonas de ação. Estas zonas estreitavam-se paulatinamente e cada uma delas tinha em seu ponto final uma ponte. Dividimos também a nossa 150ª Brigada Blindada em três grupamentos: X, Y e Z. A denominação 150ª Brigada Blindada já era uma fanfarronada. Nossa primeira solicitação teve como resposta imediata a impossibilidade de sermos atendidos. Não havia, entre as presas de guerra, carros de combate em número suficiente para formar um regimento totalmente blindado, nem sequer para um pelotão. Muito cedo nos lembramos da antiga sentença: a necessidade aguça a

inteligência. De qualquer maneira, não era nada agradável iniciar aquela missão com semelhante deficiência.

Nossa primeira proposta para organizar a 150ª Brigada Blindada era:

2 companhias blindadas, cada uma com dez carros de combate Sherman.

3 esquadrões de reconhecimento blindados, cada um com dez viaturas de reconhecimento.

3 batalhões de infantaria motorizada, cada um com duas companhias de fuzileiros e uma de petrechos.

1 bateria antiaérea leve.

2 companhias de caçadores blindados.

1 seção de morteiros.

1 companhia de comunicações.

1 estado-maior, o mais reduzido possível, para a brigada.

3 estados-maiores de batalhão, também o mais reduzido possível e

1 companhia de comandos

Para economizar pessoal, tinham que ser praticamente eliminados os serviços gerais normalmente utilizados em outros casos, pois a missão teria uma duração muito curta. A previsão do efetivo total girava em torno de três mil e seiscentos homens. A isso deviam ser acrescidas longas listas sobre necessidades de armas, munições, viaturas, equipamentos e uniformes oriundos de presas de guerra. Chegamos a ficar assustados, pensando na maneira como poderíamos em poucas semanas obter todo o material de que necessitávamos, pois os depósitos de material apreendidos não podiam ser tão grandes. Durante os últimos meses, os exércitos alemães se retraíam continuamente e não foram realizadas maiores operações de ataque, em consequência das quais poderia ter caído em nossas mãos a quantidade de material necessário.

Quando apresentei, a 26 de outubro de 1944, ao General Jodl a organização de 150ª Brigada Blindada, bem como as relações de equipamento, para a sua autorização, chamei outra vez a sua atenção a respeito do pouco tempo disponível e sobre as improvisações em todos os setores necessários para o cumprimento da operação. Além disso, expliquei que a missão Grifo, de acordo com a minha opinião, só podia ter êxito se começasse na primeira noite após o início da ofensiva, aproveitando a surpresa. Para isso seria necessário que as divisões do primeiro escalão atingissem no primeiro dia os seus objetivos de ataque. Na zona de ação,

que tinha uma larga frente, estava localizada a passagem de Hohen Venn. Julguei que este fato devia ser a condição básica para iniciar a nossa ação. Além disso, solicitei ao Estado-Maior da Wehrmacht fotografias aéreas das três pontes, que eram fundamentais para o estudo de situação.

O Estado-Maior da Wehrmacht autorizou a formação da 150ª Brigada Blindada que tínhamos proposto e nos prometeu todo o apoio necessário. Tornei então a aventar, com todo o cuidado, a possibilidade de todo o planejamento estar perdido ao ser mencionada a ordem do Estado-Maior da Wehrmacht. Devo confessar que, diante do General Jodl, não fiz as mesmas observações da minha carta. Nesta tinha escrito mais ou menos o seguinte: "Todo aquele que cometer uma falta referente à manutenção do sigilo deverá ser castigo com a máxima severidade." Jodl também explicou que seria impossível renunciar à operação depois desse erro, mas que em seguida daria uma ordem para impedir tais coisas no futuro.

Eu deveria utilizar nos meus documentos futuros dois nomes-código, um nos dias pares, outro nos ímpares. Lembro-me ainda de um deles: Solar. A ideia da utilização de nomes-código na correspondência resultou de uma proposta do General das SS Fegelein, oficial de ligação permanente das Waffen-SS no Quartel-General do Führer.

A bem da verdade devo dizer que este procedimento com a correspondência não fez com que as coisas mudassem muito, mas devia cumprir as determinações superiores. Com o decorrer do tempo houve muita confusão entre os dias pares e ímpares. No fim acabei adotando unicamente o código Solar; era muito mais simples e não alterava em nada a brilhante ideia de Fegelein.

Pedi ao General Burgdorf três comandantes de batalhão, que tivessem experiência de combate. Um deles devia substituir-me, durante a fase de organização, como comandante da Brigada. O Tenente-Coronel Hardieck, que foi enviado para estas funções, era um excelente oficial, mas nunca tinha comandado uma operação especial. Com os outros dois comandantes, Tenente-Coronel W. e Capitão Sch., acontecia o mesmo. Mas os três estavam entusiasmados com seus novos comandos e, assim sendo, era fácil vencer as dificuldades. Eu, por minha vez, jamais tinha comandado, até então, qualquer ação camuflada de tal envergadura.

Tive que fazer outro pedido ao General Burgdorf. É impossível, assim eu disse, que em quatro semanas possa formar, com os voluntários das quatro forças singulares da Wehrmacht, uma unidade capaz de combater

com a necessária intrepidez. Pedi a ele que, além dos voluntários, pusesse à minha disposição unidades da Wehrmacht, já formadas, que pudessem ser utilizadas ao menos como base para minhas unidades. No decorrer dos dias seguintes recebi, entre outras unidades, dois batalhões de paraquedistas da Luftwaffe, duas companhias blindadas do Exército e uma companhia de comunicações. A estas unidades juntei duas companhias reforçadas do Batalhão de Caçadores "Centro" e meu 600º Batalhão de Paraquedistas SS.

Quando, depois de oito dias, apresentaram-se em Friedenthal os primeiros cem voluntários, não me senti muito seguro do êxito da operação Grifo. Como devia prosseguir? Chegaram também os professores de idiomas, que dividiram os voluntários conforme o idioma que falavam e de acordo com os respectivos conhecimentos. A categoria I, constituída de soldados com perfeito conhecimento do inglês, tinha um aumento diário de no máximo um a dois homens.

Quero deixar bem claro que eu também quase não falava inglês. De que tinham valido meus estudos na escola? Dezoito anos atrás o professor Muhr esforçara-se muito para ensinar-nos inglês na escola secundária do distrito de Währing, em Viena. A bem da verdade, entretanto, devo dizer que nas suas aulas só pensávamos em brincar, motivo pelo qual o aprendizado do inglês foi bastante deficiente e, além disso, não tive oportunidade para praticá-lo. Apesar disso esforçava-me para continuar aprendendo e tentava, aqui e acolá, construir uma ou outra frase que fosse aceitável.

Certo dia tive uma curiosa experiência com um jovem oficial da Luftwaffe, em Friedenthal. Era um dos voluntários que se dizia conhecedor do inglês. Falei com ele, perto de uma barraca:

— Give me your story about your last duty, please!

Respondeu-me num inglês arrevesado:

— Yes, Herr Oberstleutnant, I became my last order before five months ... — aqui titubeou um pouco — mas continuou rapidamente: o resto prefiro contar em alemão.

Eu fiquei satisfeito com isso; o rapaz parecia ter o coração onde Deus manda, como demonstrava a sua apresentação voluntária. Mas com estes conhecimentos de inglês não podia enganar nem um americano surdo.

Depois de duas semanas a operação voluntária estava praticamente concluída. Mas o resultado final era simplesmente alarmante: a categoria I — constituída pelos homens com perfeito conhecimento de inglês e alguma familiaridade com a gíria americana — tinha uns dez homens, quase todos

antigos marinheiros, que também estavam bem representados na categoria II. Nesta havia uns trinta ou quarenta homens com bons conhecimentos de inglês. Na categoria III, constituída por soldados que tinham razoáveis conhecimentos, havia de cento e vinte a cento e cinquenta homens. A quarta categoria, constituída de gente com alguns conhecimentos obtidos no colégio, contava com duzentos homens. Os demais voluntários eram pouco apropriados por motivos unicamente físicos ou porque, além do Yer, só falassem perfeitamente o alemão. Isto significava, portanto, que praticamente devia constituir uma Brigada Silenciosa, pois devendo retirar uns cento e vinte homens, dos melhores, para a companhia de comandos, sobravam muito poucos com bons conhecimentos de inglês, de forma que deveríamos juntar-nos, silenciosamente, às colunas americanas em fuga.

Nos informes que eu mandava, a cada três dias, para o Estado-Maior da Wehrmacht, sobre a situação do pessoal e do equipamento, constavam cifras estarrecedoras, porém verdadeiras.

Alguns soldados que falavam inglês foram enviados a centros de treinamento de línguas para que, durante alguns dias, aperfeiçoassem seus conhecimentos. Outros foram transferidos, também por alguns dias, para campos de prisioneiros de guerra norte-americanos. Ali deviam ouvir o verdadeiro slang americano e familiarizar-se com o tom e o comportamento mais liberal dos soldados americanos, sobretudo diante de seus superiores. Considerando que estes "cursos" tinham a duração de apenas oito dias, não podíamos esperar milagre algum com respeito ao aprendizado linguístico.

Para o grosso da tropa, em Grafenwöhr, que não entendia nada de inglês, o aprendizado resumia-se no conhecimento de algumas palavras fortes dos G.I., bem como o significado de Yes, No e OK e algumas frases que traduziam as ordens americanas mais usuais. Com isso esgotaram-se as possibilidades de camuflagem linguística da Brigada. Pior do que isso era o aspecto dos equipamentos que, pouco a pouco, estavam sendo fornecidos. Inicialmente quero descrever as dificuldades que surgiram por ocasião da entrega das viaturas. Desde o início reconhecemos as dificuldades que seriam enfrentadas e que sob hipótese alguma obteríamos o número necessário de carros de combate americanos. Para ser mais exato, digo que no dia do início da ofensiva éramos os orgulhosos proprietários de dois carros Sherman. Um deles ficou no caminho por motivo de defeito na caixa de mudança, quando nos deslocávamos para a região de Eifel.

Ao ler, posteriormente, nos jornais e revistas, que a 150ª Brigada Blindada estava equipada com 50 carros Sherman, apoderava-se de mim, mesmo depois da guerra, a inveja pela brilhante fantasia dos jornalistas. Determinados setores da imprensa em geral fizeram da operação Grifo objeto de seu ódio, e suas notícias estavam muito longe de uma informação objetiva. Podemos dizer que até mesmo depois da guerra havia gente vendo fantasmas. E a caça de fantasmas, a longo prazo, é pouco lucrativa.

O Inspetor das tropas blindadas em Berlim determinou que fossem fornecidos à Brigada doze carros de combate Pantera alemães em substituição aos tanques Sherman. Os carros Pantera foram então camuflados, em Grafenwöhr, com folhas de lata em torno do canhão e da torre. Com este artifício queríamos fazer com que as suas silhuetas parecessem com os carros Sherman. Eu, entretanto, julguei que esta camuflagem só podia ter êxito durante a noite, a grande distância, e assim mesmo apenas frente a jovens recrutas americanos.

Além disso recebemos, de diferentes depósitos de presas de guerra, umas dez viaturas de reconhecimento, americanas ou inglesas. Nosso interesse em utilizar viaturas inglesas desapareceu muito cedo, porque estas, mal iniciados os treinamentos, ficaram indisponíveis por motivo de avarias nos motores. Às quatro viaturas de reconhecimento americanas foram acrescidas duas outras alemãs. Duas viaturas blindadas de infantaria formavam, juntamente com doze alemãs, os veículos de uma companhia blindada de infantaria.

Pouco a pouco foram chegando por ferrovia, a Grafenwöhr, uns trinta jipes. Havia entre as tropas alemãs da frente ocidental muito mais viaturas desse tipo, aptas a atuarem em qualquer espécie de terreno. Mas estes veículos eram difíceis de ser obtidos, porque seus proprietários relutavam em entregá-los. Conforme pudemos constatar mais tarde, as ordens para que estes veículos fossem entregues à minha Brigada foram muitas vezes desobedecidas. Uma pequena esperança, porém, ainda nos restava: fazermos, nós mesmos, algumas presas de guerra durante as vinte e quatro horas anteriores à nossa ação na frente. À mesma esperança, vaga e enganadora, entregava-se também a mais alta autoridade alemã que fazia o planejamento desta ofensiva; isto é, acalentava a esperança de encontrar grandes depósitos de gasolina do inimigo durante o desenrolar da operação.

Com referência aos caminhões, a situação também não era alentadora. Conseguimos obter apenas quinze destes veículos americanos. O número

necessário foi completado com caminhões Ford alemães. A única uniformidade existente em todos os veículos era a pintura verde das viaturas do Exército norte-americano.

O problema do armamento era, talvez, o mais grave de todos. Dispúnhamos de apenas 80% de fuzis americanos. Para os canhões anticarro e morteiros faltavam munições, pois quando finalmente chegaram alguns vagões de munições capturadas, estas explodiram devido ao armazenamento inadequado. Fomos, então, obrigados a distribuir, praticamente, apenas armamento alemão. A companhia de comandos era a única tropa que recebeu armamento capturado.

Contudo, o pior acontecia com a roupa, que, por motivos fáceis de entender, tínhamos atribuído a máxima importância. Numa ocasião recebemos um monte de uniformes sem que ninguém soubesse a quem pertenciam. Num exame mais detalhado constatou-se que eram peças de uniformes ingleses. Noutra ocasião recebemos capotes que não tinham a menor utilidade, pois sabíamos que os soldados norte-americanos, das frentes de combate, só usavam durante suas ações os chamados field jackets (blusões de campanha). Quando nos mandaram, por intermédio do chefe do serviço de prisioneiros de guerra, um carregamento de jackets, constatamos que todas as peças estavam marcadas com o triângulo que caracterizava os uniformes de prisioneiros. A remessa foi devolvida imediatamente. Digno de nota é o fato de para mim, comandante da Brigada, de elevada estatura, só haver um blusão do Exército americano. Tínhamos muito trabalho para equipar toda a nossa tropa e só conseguimos, de certa forma, uniformizar a companhia de comandos. Mas isto ainda dependia da esperança de que o inimigo, em sua fuga prevista, abandonasse grande quantidade de material. Esta esperança foi de certa forma concretizada mais tarde, embora continuasse faltando muita coisa para completar a camuflagem da maioria dos soldados.

Comunicava, regularmente, ao Estado-Maior da Wehrmacht todos estes problemas que muito me preocupavam, embora sabendo que não era uma atitude muito simpática de minha parte expor seguidamente estas queixas. Por outro lado fiquei satisfeito ao constatar que teria conseguido muito menos se não fossem os meus insistentes pedidos. Cheguei a ser bastante antipático quando, em princípios de dezembro, após ter sido a ofensiva transferida, mencionei as desalentadoras cifras numa reunião em que o Führer participou. Em consequência disso, Hitler aborreceu-se e chamou a

atenção de vários auxiliares do Marechal, que eram os responsáveis pelo fornecimento do material. Esta intervenção, entretanto, teve um efeito praticamente nulo. Enquanto isso, no campo de treinamento, o Tenente-Coronel Hardieck dava o máximo dos seus esforços para a organização da Brigada. Para que o sigilo fosse mantido, a área reservada ao nosso treinamento foi fechada e as comunicações postais foram proibidas. Era muito natural que surgissem as mais variadas especulações sobre a finalidade dos preparativos e o objetivo da operação. Chegou-se a saber que mais adiante eu assumiria o comando da Brigada e os soldados esperavam de mim, provavelmente, uma ação semelhante à da Itália. O Tenente-Coronel Hardieck já não podia dominar as especulações. Tentava, empregando as mais severas medidas, desfazer os boatos que se avolumavam; mas tudo era inútil. O volume dos boatos era de tal ordem, que a manutenção do sigilo estava correndo perigo. Quando Hardieck me comunicou o que estava ocorrendo, mandei chamá-lo a Friedenthal para tratar do assunto.

Contou tantos boatos a meu respeito e sobre von Fölkersam, que meus cabelos ficaram arrepiados. A imaginação fantasiosa dos nossos soldados continuava no mesmo ritmo. Alguns diziam que a Brigada inteira marcharia através da França para libertar as tropas alemãs que lutavam de maneira estoica na cidade cercada de Brest. Outros diziam que isto seria em Lorient e inclusive conheciam exatamente o plano sobre a maneira de penetrar no local. Boatos dessa natureza havia às dúzias e cada versão tinha seus adeptos, que acreditavam piamente neles. Por esse motivo estávamos certos de que os serviços de informações do inimigo já estavam inteirados de alguns detalhes, pois, além disso, a infeliz ordem do Estado-Maior da Wehrmacht tinha fixado a sua atenção sobre nós.

Encontrávamo-nos, portanto, diante de uma situação difícil, procurando saber como deveríamos agir dali para diante. O problema não podia ser resolvido apenas com castigos. Devíamos encontrar outra saída. Depois de algumas reflexões, descobrimos o caminho mais simples e o mais indicado: até então só nós três sabíamos qual o verdadeiro objetivo da nossa missão. Estabelecemos que, a partir daquele momento, deixaríamos correr livremente todos os boatos, fingindo que estávamos interessados em colocar um paradeiro naquela situação. Combinamos ainda em aumentar os boatos, dando naturalmente conteúdos completamente diferentes aos verdadeiros objetivos da nossa operação. Nosso raciocínio foi simples: os serviços de

informações do inimigo ficariam ainda mais perdidos num labirinto de notícias provocadas pela boataria.

O treinamento, em Grafenwöhr, continuava sendo feito com todo o zelo. Das boas unidades que nos mandaram, retiramos os melhores homens para integrar a 150ª Brigada Blindada. Os demais serviriam para constituir a reserva, que teria um objetivo especial. Se, apesar de todas as dificuldades previstas, conseguíssemos romper a frente inimiga, violentamente, para a passagem de nosso escalão de ataque, teríamos uma reserva potente para ser empregada.

As unidades já constituídas estavam compenetradas de sua missão, pois tinham experiência de combate. Contudo, deveriam familiarizar-se com o material estranho. Frequentes exercícios, constituídos de marchas noturnas, eram muito adequados para este fim. Como exercícios táticos praticávamos muito a manutenção de pequenas cabeças-de-ponte, em todas as suas variações. Uma dificuldade muito peculiar a vencer era suavizar o enquadramento rigoroso do soldado alemão, que durante sua época de recruta lhe fora inculcado com desnecessária dureza e persistência. A maneira de mascar o chicle e o trato com o maço de cigarros americanos fazia parte do programa de instrução.

Os dois comandantes de batalhão, Tenente-Coronel W. e o Capitão Sch., sabiam apenas que fora planejada uma ação camuflada para o caso de haver uma grande ofensiva de parte do inimigo. Não tinham nem a ideia de uma ofensiva de nossa parte. Isto, de certa forma, representava uma desvantagem, pois não podíamos contar com seu total empenho durante a fase do planejamento; mas tínhamos que aceitar a situação em benefício da manutenção do sigilo.

Considerando que já estávamos em meados de novembro e que nosso equipamento de camuflagem ainda deixava muito a desejar, fomos obrigados a introduzir certas modificações em nossos planos. Já não podíamos pensar numa autêntica ação camuflada no verdadeiro sentido da palavra; era imperioso que utilizássemos outros meios de astúcia e de dissimulação e, antes de qualquer outra coisa, devíamos iludir o inimigo.

Contudo, este tipo de dissimulação só podia ter êxito se a ofensiva fosse para o inimigo uma total surpresa e se suas tropas se retraíssem em fuga desordenada. Por isso devíamos insistir em nossa exigência, já manifestada, de que efetivamente se atingisse o objetivo do ataque no primeiro dia. O grosso da nossa tropa, utilizando uniforme e armamento alemães, devia ser

transportado em caminhões fechados. Somente os motoristas e seus ajudantes usariam, da melhor maneira possível, peças de uniforme americanas. Como ajudante de motorista seriam escolhidos homens da categoria III, isto é, com relativos conhecimentos de inglês, para que, pelo menos estes homens, caso fosse necessária uma conversação com soldados inimigos, pudessem intervir pronunciando algumas palavras. Os três batalhões ultrapassariam em torno da meia-noite do primeiro dia da ofensiva os escalões de ataque, dentro das suas respectivas zonas de ação. Como objetivos intermediários foram previstas zonas de reunião nas proximidades das pontes. Dali, grupos de reconhecimento bem camuflados sairiam para reconhecer as pontes. Havia, deste modo, a possibilidade de concentrar o ataque sobre uma ou duas das pontes. Por este motivo o batalhão X, que estava ao norte, sob o comando do Tenente-Coronel W, não foi equipado com carros de combate. Este batalhão fora escalado para atravessar o Mosa, por uma das pontes e, em caso de necessidade, em marcha camuflada, instalar-se depois numa região a oeste deste. Os ataques deveriam então ser lançados a partir desta região, onde entrariam em posição com uniformes alemães. Caso surgisse nas hostes inimigas bastante confusão, poderíamos com a surpresa obter sucesso na missão.

A tropa que merecia um tratamento todo especial, por parte do meu estado-maior, era a companhia de comandos, a quem estava afeta a segunda parte do nosso objetivo: semear a intranquilidade e a confusão nas fileiras do inimigo. Nenhum dos voluntários desta companhia tinha realizado até essa data qualquer missão semelhante. Nenhum deles era um espião instruído ou um sabotador, mas em poucas semanas foram transformados como tais. Uma tarefa praticamente impossível.

Nesta unidade tínhamos reunido, naturalmente, os homens que melhor falavam inglês; mas esta era também a única vantagem que tinham para o cumprimento da missão. Sabiam do perigo que enfrentavam. Se algum soldado fosse feito prisioneiro, durante a ação, usando uniforme do inimigo, poderia comparecer perante um conselho de guerra, cujo desfecho não seria muito duvidoso. O amor à pátria e o entusiasmo eram efetivamente os únicos motivos que estes homens tinham para estar naquela situação. Nestas circunstâncias, decidimos empregar esta tropa o menos possível. As ações que cada um dos homens devia realizar não podiam ser determinadas com exatidão de detalhes. Deveria ser dada uma certa liberdade para que suas mentes trabalhassem à vontade, dando vaza às suas imaginações. Como

observadores avançados poderiam realizar para a tropa um valiosíssimo trabalho de reconhecimento. Seria tentado, também, mediante a propagação de boatos, aumentar a confusão entre as tropas aliadas. Difundir-se-iam boatos sobre grandes êxitos iniciais das divisões alemãs. Trocando as placas sinalizadoras das estradas e as indicações de itinerários, as colunas inimigas seriam guiadas para direções falsas; durante a difusão de ordens fictícias, aumentaria a sua insegurança. As comunicações telefônicas deviam ser cortadas e os depósitos de munições danificados ou destruídos.

A companhia de comandos estava atarefada com numerosos simulacros e exercícios. Era muito natural que esta unidade fosse uma ótima fonte para dar origem a novos boatos referentes à missão da 150ª Brigada Blindada. Infelizmente tinha que levar em conta, com toda a certeza, que um ou vários destes Jeep-Teams cairiam prisioneiros logo no início da ofensiva. Não tínhamos sequer tempo para dar-lhes amplas instruções a respeito dos interrogatórios feitos pelos serviços de informações inimigos. Mas, considerando que estes teams poderiam constituir-se em boas fontes para a difusão de novos boatos e que não poderiam dar informes referentes ao verdadeiro objetivo da operação, já que não o conheciam, não vi perigo algum que ameaçasse a verdadeira missão das nossas tropas. Pelo contrário; a abundância de boatos daria ao inimigo um grande número de pistas falsas.

A 20 de novembro de 1944 tive oportunidade, pela primeira e última vez, de visitar a minha tropa em Grafenwöhr. Pela manhã, assisti a alguns exercícios e inspecionei o equipamento dos três batalhões. Um dos batalhões ainda estava mais incompleto do que eu pensava. A caderneta de anotações de von Fölkersam continha cada vez maiores solicitações, todas de caráter urgentíssimo. O quartel-general não ficaria nada contente ao ler meu próximo informe.

À tarde conversei demoradamente com os três comandantes de batalhão. Informei-lhes da verdadeira missão da Brigada, que era conquistar e manter uma ou várias pontes atrás das linhas inimigas; mas tudo, obviamente, na hipótese de uma ofensiva aliada que conquistasse extensas áreas em território alemão. Nos combates de cerco que seriam travados, as pontes situadas no interior da zona cercada seriam de capital importância para a decisão dos combates.

A partir desta reunião, poderia fazer com os comandantes algumas reflexões de natureza tática sobre a nossa tarefa, em condições mais ou menos exatas. As manobras das unidades poderiam ser preparadas e

realizadas com mais método. Durante a nossa conversa ouvimos umas explosões bastante fortes. Quando fomos informados de que alguns vagões de munição tinham explodido ao serem descarregados, nossa conversa acabou rapidamente. Infelizmente não foi possível ajudar em nada, pois não podíamos chegar perto dos vagões incendiados.

Meu moral, em consequência do acidente, ficou abalado.

Fui avisado que um oficial da companhia de comandos, Tenente N., desejava falar a sós comigo, em caráter reservado. Com uma expressão muito séria foi logo dizendo:

— Meu Tenente-Coronel, acredito conhecer o verdadeiro objetivo do ataque da Brigada.

Comecei a ficar intrigado pelo que poderia suceder a seguir. Acaso teria um dos conhecedores do segredo falado? Existia perigo para toda a operação? Estas ideias passavam como um raio pela minha mente. Mas o Tenente N., visivelmente alegre pelo efeito de suas primeiras palavras, continuou falando:

— A Brigada marchará a Paris a fim de aprisionar o Quartel-General aliado que se instalou lá.

Aquela novidade foi demais para mim; precisei conter-me e fazer um esforço tremendo para não rir. Com a velocidade do raio, pensei: não será isto um novo e magnífico boato? Respondi com um "pois é" mais ou menos afirmativo e de certa forma bastante significativo. O diligente oficial contentou-se com tal exclamação e entusiasmado declarou ainda:

— Permita, meu Tenente-Coronel, oferecer-me para a mais estreita colaboração. Estive durante muito tempo na França e conheço Paris muito bem. Meu francês é bem razoável. Pode confiar em mim que eu calarei como um túmulo.

— Bom, você já pensou como poderemos realizar a missão? Isso tudo não será muito ousado? — perguntei-lhe.

— A coisa é exequível — assegurou-me o orgulhoso inventor do plano. Certamente, meu Tenente-Coronel, o senhor já deve ter traçado os seus planos. Eu também refleti bastante sobre a missão e cheguei às seguintes conclusões: (Explicou-me seu plano até os mínimos detalhes). Só os soldados que falavam inglês correntemente utilizariam uniformes inimigos e constituiriam uma escolta fictícia para um transporte de prisioneiros de guerra. A tropa seria dividida em várias colunas de marcha, que se encontrariam num determinado ponto de reunião em Paris. Poderiam ser

levados alguns carros de combate alemães, simulando presos de guerra, para serem exibidos no Quartel-General aliado.

Com muita dificuldade podia interromper, de vez em quando, a peroração do meu visitante. Apesar da sua aparente irresponsabilidade, era interessante escutá-los. Sua fantasia chegava até a me alegrar.

— Eu também conheço Paris bem e várias vezes me sentei no Café de Ia Paix, conheço os Campos Elísios e os arredores da cidade — respondi-lhe a uma de suas perguntas.

Para terminar, disse-lhe:

— Muito bem, pense mais uma vez com exatidão e trace todos os detalhes. Voltaremos a falar disso. Mas, acima de tudo, você deverá silenciar como um túmulo.

O futuro, entretanto, mostrou que este túmulo não ficou muito silencioso, pois o Café de Ia Paix ganhou uma enorme popularidade como misterioso ponto de reunião. O serviço de segurança aliado concentrou mais adiante, durante várias semanas, fortes medidas de proteção em seu redor. Não podia supor, naquela ocasião, o enorme alcance das consequências de tal conversa. Jamais podia imaginar que aquele boato penetrasse efetivamente até no Quartel-General de Eisenhower; e que, além disso, rigorosas medidas de segurança fossem adotadas. Se estivéssemos falando por metáfora, poderíamos dizer que o problema se assemelhava a uma pequena pedra jogada nas águas tranquilas de um lago que, formando os conhecidos círculos concêntricos de ondas, se estendem de maneira cada vez mais ampla. A propaganda, justificável durante a guerra, porém mal intencionada depois, que se fez a respeito deste boato contribuiu certamente para que eu comparecesse, três anos mais tarde, perante um tribunal militar norte-americano.

Para obter maior apoio no importante problema de equipamentos e para esclarecer alguns assuntos de natureza tática, visando à nossa ação, fiz uma viagem à frente ocidental, em novembro de 1944. No quartel-general do comandante supremo do Oeste, em Ziegenhain, Marechal-de-Campo Rundstedt, apresentei-me ao seu chefe de estado-maior, ao oficial de operações e ao de informações. Sabia de antemão que ali não poderia haver grande entusiasmo para com a missão que eu recebera, pois a operação Grifo situava-se dentro de uma ofensiva que nunca fora bem vista pelo comandante supremo do Oeste. O Marechal Rundstedt pronunciara-se, conforme era do meu conhecimento, sempre a favor de uma ofensiva mais

reduzida no setor de Aachen. Apesar disso, recebeu valiosos informes sobre a atual situação da frente e sobre o dispositivo do inimigo naquele setor. De minha parte, autorizado pelo Estado-Maior da Wehrmacht, expliquei como a operação Grifo seria levada a efeito. Na realidade, o que eu mais desejava naquela viagem era levar para casa alguns valiosos conselhos. Contudo, não recebi nenhum; mas, por outro lado, também não houve qualquer manifestação em contrário sobre meu plano. Com a promessa de que seriam reiteradas às tropas as ordens para que fosse acelerada a entrega de material proveniente de presas de guerra, continuei a minha viagem.

Aproveitando a viagem, apresentei-me também no quartel-general do Marechal-de-Campo Model, a quem caberia o comando da planejada ofensiva. Ali encontrei apenas seu chefe de estado-maior, o General Krebs. Trabalhava com afinco e entusiasmo nos preparativos, deixando transparecer que estava realmente convencido do pleno êxito desta ofensiva. Enquanto isso, eu recordava as palavras que Adolf Hitler me dissera quando citava seus projetos:

— Skorzeny, esta será a batalha decisiva da guerra.

O General Krebs parecia ter ouvido estas palavras, levando-as bastante a sério.

Nesta visita recebi também as bem intencionadas promessas de ajuda e de apoio. O general aprovou os preparativos que fazíamos para cumprir a nossa missão. Fez-nos ainda algumas recomendações para pequenas ações de comandos, que meu batalhão Sudoeste podia lançar um pouco antes da ofensiva. Também já tínhamos pensado em atacar os oleodutos, as artérias vitais dos exércitos norte-americanos motorizados. Estes oleodutos, um de Bolonha e outro do Havre, corriam através de todo o país até pouco atrás da frente. Era uma obra-prima do Corpo de Engenharia dos EUA. Queríamos, a toda pressa, organizar alguns pequenos grupos de sabotagem. Um pouco antes da ofensiva deveriam saltar de paraquedas na França e tentar a explosão das importantes tubulações de gasolina.

Devido ao pouco tempo que nos restava, não tínhamos possibilidade de selecionar com cuidados especiais os homens para esta missão. Os franceses que ainda desejavam lutar ao lado dos alemães já eram muito raros nesta época.

Ordens semelhantes eu tinha dado também à chefia da 2ª Seção Oeste do comando de defesa, que há alguns meses estava subordinada a mim. Eu, entretanto, não tinha grandes ilusões com respeito ao êxito destas ações.

Minha opinião sobre o duvidoso valor daquelas ações de agentes ainda não tinha mudado. Contudo, julgava ao menos manter o serviço de contraespionagem do inimigo ocupado e intranquilo.

O estado-maior do VI Exército BlindadoSS encontrava-se naquela ocasião, ainda, a leste do Reno. Aqui, eu e um antigo conhecido, que agora era o oficial de operações, acertamos que cada um dos escalões de ataque receberia um jeep-team que ficaria encarregado, com exclusividade, das missões de reconhecimento para as divisões. Com isso pensava também em receber, imediatamente, mais alguns jipes retidos. Sabia, com toda a certeza, que havia nas divisões um maior número de viaturas oriundas de presas de guerra. Como antigo oficial engenheiro, compreendia muito bem a situação referente a viaturas, que era realmente desesperadora, inclusive entre as tropas das frentes de combate.

Em meados de novembro, o Alto Comando adiou a ofensiva, que estava marcada para primeiro de dezembro de 1944. Inicialmente foi adiada para o dia 10 e depois para o dia 16 de dezembro do mesmo ano. A ocupação das zonas de reunião não terminou a tempo, porque os equipamentos das divisões recentemente recompletadas não chegaram totalmente ao destino. Isto era sinal de que para esta ofensiva foram reunidas, efetivamente, as últimas reservas da Grande Alemanha, em soldados e armas.

Conhecia muito bem estes problemas, porque eram discutidos diariamente no Quartel-General do Führer, durante as reuniões para as quais eu fui convidado em três ocasiões. Determinada divisão necessitava urgentemente de carros de combate; outra, canhões e uma terceira, viaturas. Era uma cadeia perpétua de pedidos que nunca terminava. O coitado do marechal-de-campo devia escutar todas as lamúrias dos comandantes dos exércitos que tomavam parte nas reuniões. Via-se claramente que o General Guderian sentia a falta de cada um dos carros de combate e dos batalhões que eram levados para o Oeste e retirados da frente Leste, onde se lutava renhidamente. Nossas possibilidades podiam ser comparadas com um cobertor demasiadamente curto. Se cobrisse os pés, isto é, o Oeste, descobriria a cabeça, ou seja, o Leste.

Quando fui chamado para dar minhas informações, confesso não ter sido fácil expor meus contínuos protestos pela falta de equipamento, material ou armamento.

Mas, para ser sincero e dar uma ideia exata sobre a situação da minha Brigada Blindada, devia dizer a verdade sem rodeios. Comecei assim:

— Devemos improvisar do A até o Z; mas, apesar de tudo, faremos o possível.

Adolf Hitler ouvia meu relatório tranquilamente. Depois dirigia suas perguntas aos oficiais a quem estavam afetas as respectivas responsabilidades:

— Por que ainda não está completo o equipamento do camuflagem? Por que não foram entregues as viaturas necessárias? Por que isto não foi bem e aquilo não funcionou. Por quê?

Eram perguntas intermináveis e as respostas costumavam ser as mesmas:

— Fizemos todo o possível e daremos outra vez a ordem correspondente. ..

Uma tarde, no início de dezembro, a reunião foi realizada, como acontecia normalmente, na sala de trabalho de Adolf Hitler, no primeiro andar da Chancelaria do Reich. A "sala da situação" era bem menor que a do Covil do Lobo, na Prússia Oriental. Todos os presentes à reunião estavam apertados e de pé. Além dos altos dirigentes, permitia-se o comparecimento às reuniões dos oficiais encarregados de apresentar os diferentes relatórios. O Capitão von Fölkersam estava presente; combinamos que neste dia reclamaríamos as fotografias aéreas das pontes que ainda não nos tinham sido fornecidas. Nesta reunião também estava presente o Marechal do Reich Hermann Göring.

A Luftwaffe acabava de apresentar o relatório sobre a situação aérea. A bravura dos nossos pilotos não era suficiente para fazer face à grande superioridade numérica do inimigo. Hitler parecia saber perfeitamente de tudo, pois apenas escutava. De repente ouvi uma cifra: "250 caças a jatos estarão prontos para a ofensiva das Ardenas". Não ousava acreditar nos meus ouvidos.

Era isto o que tinha sobrado das cifras originais? A voz de Hitler ainda soava nos meus ouvidos, quando a 22 de outubro me disse:

— 2 000 caças a jato também assegurarão nossa superioridade aérea no momento da ofensiva.

Mas, agora, a menção desta cifra tão reduzida não despertava a atenção de Adolf Hitler. Parecia estar resignado a não mais contar com a Luftwaffe. Naquela ocasião eu não podia compreender o que tinha acontecido. Durante as explicações sobre a ofensiva, Hitler parecia estar mais animado que em setembro e outubro de 1944. A expressão de seu rosto parecia demonstrar

ânimo, embora desse a impressão de um homem velho e doente. Pensando nas possibilidades desta última ofensiva, aquele desgastado homem aparentemente se reanimava. Mais adiante fiquei sabendo que, devido às poucas possibilidades da Luftwaffe, resignara-se completamente. Os gestos do Führer da Alemanha eram os de um homem vencido. Quando me dirigi à mesa para apresentar meu relatório, fiz referência às fotografias aéreas que me foram prometidas há algumas semanas. Neste momento, Hitler encolerizou-se e dirigiu ao marechal do Reich as mais violentas admoestações. Este, durante um longo espaço de tempo, ficou sem dizer nada. Para mim foi uma situação muito constrangedora. Um tenente-coronel normalmente não deveria presenciar uma reprimenda feita a um marechal do Reich. Finalmente, Hermann Göring prometeu que seria utilizado um caça a jato, equipado com câmara fotográfica, para fazer o reconhecimento. Nossos aviões de reconhecimento comuns já não tinham há algumas semanas qualquer possibilidade de sobrevoar o território inimigo, tão esmagadora era a superioridade aérea do adversário.

O resultado do reconhecimento, agora determinado, chegou às minhas mãos alguns dias mais tarde: as fotografias aéreas das pontes de Huy e de Amay; a terceira foto nunca recebi. As fotografias mostravam claramente as posições antiaéreas inimigas próximas das pontes.

Com um suspiro de alívio constatei que junto às pontes não havia fortificações especiais de construção recente. Ali, pelo menos, poderíamos ficar tranquilos, que não contaríamos com surpresas desagradáveis.

Neste estudo de situação, Adolf Hitler reservou-me uma surpresa. Quando tinha terminado meu relatório sobre a situação do equipamento da 150ª Brigada Blindada, depois de ter tecido algumas considerações de natureza tática sobre questões menos importantes da manobra, fui interpelado repentinamente por Hitler, que me disse:

— Skorzeny, quero dar-lhe uma ordem que se refere à sua pessoa. Proíbo-lhe, uma vez mais, de atravessar as linhas inimigas e de participar pessoalmente das ações. Dirigirá a operação Grifo tão-somente pelo rádio. Já determinei ao comandante supremo do VI Exército Blindado SS que seja ele o responsável pelo fiel cumprimento desta ordem. Permanecerá em seu posto de comando. Você não pode, de modo algum, cair prisioneiro; ainda necessito de você para muitas outras missões.

Esta ordem foi para mim tão surpreendente, que esqueci o costumeiro "Sim, meu Führer". Pensava que Adolf Hitler tivesse esquecido este

assunto. Seu aperto de mão, quando nos despedimos, causou-me a mesma alegria das vezes anteriores. Não sei como consegui sair da "sala da situação". Creio que estava com o rosto transformado. Como poderia encarar meus companheiros tendo que lhes comunicar que eu não iria participar diretamente das ações atrás das linhas inimigas? Deveria ficar sentado junto a um aparelho de rádio sem ter a possibilidade de intervir pessoalmente numa situação crítica? Devia permanecer junto ao comando do Exército, enquanto meus camaradas se entregavam a uma batalha desesperadora? Era a primeira vez que isto aconteceria.

O Capitão von Fölkersam compreendeu a minha tristeza pela ordem que acabava de receber do Führer. Era, para mim, uma obrigação irreversível. Mas, meu companheiro, consolador como era, disse-me com seu caráter báltico:

— "O diabo não é tão feio como o pintam". É só esperar um pouco.

Decidi informar a meus comandantes de batalhão a respeito da ordem recebida, embora isso não fosse tarefa das mais fáceis. Ao mesmo tempo, contudo, queria dizer-lhes que, no caso de a situação tornar-se crítica, poderiam ver-me junto aos batalhões. De maneira alguma eu poderia ficar confinado nas salas do Estado-Maior do Exército; estava decidido a procurar o meu posto de comando num lugar mais à frente. O comandante do Exército, certamente, compreenderia minha situação.

Meu ajudante Karl Radl tinha protestado amargamente porque só Fölkersam comparecia comigo aos estudos de situação e ele nunca tivera esta oportunidade. Também queria presenciar, pelo menos uma vez, tais estudos e principalmente ver e ouvir Adolf Hitler. Prometi levá-lo na próxima vez.

"Karli" já começou a ter sorte na antessala do andar térreo da ala bombardeada da Chancelaria do Reich. Pude apresentá-lo ao Marechal do Reich, que ali estava. Este encontro significou para mim um certo alívio, pois constatei que ele não guardava rancor pelo que acontecera na última reunião, quando eu fui o causador das admoestações que sofrera de Hitler. Nesta ocasião fiquei sabendo da planejada ação aeroterrestre que seria feita por ocasião da ofensiva. Um batalhão de paraquedistas seria lançado ao alvorecer do primeiro dia da ofensiva sobre uma cadeia de montanhas a oeste de Monschau, junto ao Monte Rigi. O objetivo deste batalhão seria um importante cruzamento de estradas, cuja finalidade era impedir que o inimigo deslocasse reservas do Norte. Era, portanto, necessário que eu

entrasse em ligação com o comandante daquela tropa, pois, possivelmente, algum dos meus comandos, de jipe, se perdesse naquela região, devendo ser evitado que nossos homens caíssem sob balas alemãs.

No momento em que Adolf Hitler me cumprimentou na "sala da situação" do primeiro andar, ouvi atrás de mim a respiração arfante de Radl. Com muita habilidade conseguira colocar-se a meu lado, empurrando e deslocando alguns oficiais. Hitler olhou-o de maneira imperceptível e eu aproveitei a ocasião para dizer:

— Meu Führer, permita-me apresentá-lo o Capitão Karl Radl, meu antigo ajudante e colaborador que esteve comigo na Itália.

Ao dizer estas palavras, empurrei o surpreendido Radl para a frente, tendo este ficado senhor da situação.

Adolf Hitler estreitou a sua mão e depois dirigiu-se para a mesa dos mapas dizendo:

— Por favor, o relatório da situação no Oeste.

Daí para diante tudo se referia à iminente ofensiva no Oeste. Constatei mais uma vez que as cifras referentes aos meios de combate eram cada vez mais reduzidas. Um ataque aéreo a um pátio de manobras de uma estação de determinada cidade destruíra um trem carregado de carros de combate novos. Noutra cidade, um trem de munições estava bloqueado há vários dias pelas mesmas razões.

Os informes trouxeram poucas notícias boas.

O mais importante de tudo era que o inimigo, até o momento, aparentemente, não se apercebera da entrada em posição dos exércitos, ou pelo menos não interpretara corretamente nossos movimentos. A frente inimiga permanecia tranquila. Parece que os americanos estavam preparando-se para descansar neste setor da frente. A previsão das condições meteorológicas para o dia do ataque, fixado definitivamente para 16 de dezembro de 1944, também era favorável: céu encoberto e nuvens baixas. Isto significava para nós que não haveria superioridade aérea inimiga. Intimamente estava muito contente pelo fato de não estar previsto muito frio. Minha Brigada estava equipada apenas para uma curta ação e por isso não dispunha de roupas e de equipamentos especiais de inverno. Devíamos economizar cada metro cúbico de espaço para carga. A 8 de dezembro de 1944 meus homens abandonaram, com os últimos trens, o campo de instrução de Grafenwöhr. A Brigada foi transferida, rapidamente, para o campo de instrução de Wahn, ao sul de Colônia. Os dias de instrução

foram muito poucos. A 12 de dezembro cheguei ali acompanhado por von Fölkersam.

Meu substituto, o Tenente-Coronel Hardieck, recebeu-me com intenso júbilo. Estava contente porque ficou desobrigado das preocupações do comando da Brigada e podia assumir o comando da sua tropa, o Batalhão Z. Era um homem arrojado, sem qualquer espécie de medo e muito otimista no que dizia respeito à ação. Era preciso, inclusive, que eu o refreasse. Quis fazer uma gentileza entregando-me, para acrescentar a meu elegante equipamento de camuflagem, um blusão, um capote americano verde-oliva e um gorro de tenente. O capote, infelizmente, não me serviu.

Em Wahn recebemos mais alguns jipes das tropas que estavam em linha. Nossos mecânicos tiveram muito trabalho para reparar algumas viaturas e depois permaneceram nas oficinas do campo de instrução. Na realidade estes jipes mal serviam para a rápida ação. A pequena distância de cem quilômetros até o Mosa deveria ser coberta sem a ajuda dos mecânicos.

Fiquei surpreendido comigo mesmo pelo otimismo dos meus pensamentos, pois, apesar de todas as preocupações que me afligiam, mantinham um estado de ânimo bastante forte. A tropa não tinha o menor conhecimento de quão perto estava a operação, embora suspeitasse que a rápida transferência de estacionamento significava estar próximo o desencadeamento de uma operação. A minha chegada, como era natural, fora objeto de especulações, demonstrando que algo estava para acontecer. Durante uma inspeção fui interpelado por um soldado, que me perguntou:

— É verdade, meu tenente-coronel, que o entrevero começará brevemente?

Não pude dizer-lhe toda a verdade.

— Isto você deve perguntar ao outro lado, aos americanos, para saber quando querem começar — respondi-lhe.

O Capitão von Fölkersam redigiu as ordens para o movimento em direção ao bosque Blankenheim, a ser feito na noite de 13 para 14 de dezembro. Durante a marcha começaram a aparecer entre a tropa várias deficiências decorrentes da instrução. Perdemos várias viaturas, embora mais tarde estas se incorporassem novamente a nós. Durante a noite inteira as estradas estavam cheias de colunas em marcha. O VI Exército Blindado SS ocupou suas posições. Nos extensos bosques a sudoeste de Blankenheim fizemos o primeiro bivaque ao ar livre. O clima era úmido, frio, e o chão estava molhado. Passar a noite, nesta época do ano, naquelas barracas não

era nada agradável para os filhinhos de mamães, mas nossos soldados tinham passado quase todo o inverno na Rússia e, por este motivo, as atuais condições atmosféricas pareciam até suaves.

Conhecia muito bem os arredores do bosque em que ficamos estacionados. No dia anterior fizera-se a última entrega de ordens para todos os comandantes de Corpos e de Divisões no Quartel-General do Marechal-de-Campo Model, que ali estava instalado. O assunto principal eram os vários problemas causados pelo apoio logístico. Considerando-se as más condições das estradas, que demandavam o Mosa, um dos mais difíceis problemas seria o suprimento de material para as divisões blindadas. Funcionaria bem?

Fölkersam e eu éramos os únicos nesta reunião a não usar platinas douradas ou listas vermelhas nas calças, características dos oficiais de estado-maior. Após a distribuição das ordens, fui convidado pelo Marechal-de-Campo Model para fazer uma breve explanação sobre a operação Grifo aos generais presentes. Os comandantes deviam estar informados para evitar que os teams da companhia de comandos, por ocasião de seu regresso, fossem considerados inimigos e recebidos com o fogo correspondente. Para que isso fosse evitado, combinamos as senhas diurnas e noturnas. De dia, os soldados deveriam retirar o capacete e mantê-lo acima da cabeça. À noite, dar-se-iam a conhecer mediante sinais luminosos. Houve casos, infelizmente, de divisões que transmitiram estas instruções às unidades subordinadas através de ordens escritas. Como é de supor, estas instruções caíram nas mãos do inimigo muito cedo, pois no primeiro dia da ofensiva foi aprisionado um comandante de batalhão que levava consigo a ordem escrita. Esta ordem, felizmente, não fazia referência ao objetivo do nosso ataque, pois mencionava apenas as ações camufladas de unidades que estavam sob meu comando. O fato de o serviço de informações inimigo chegar a conhecer as nossas intenções só fazia, por outro lado, aumentar a confusão entre as suas fileiras, posto que suspeitava da existência de maior número de comandos atrás de suas linhas.

Na quinta-feira, 14 de dezembro de 1944, assumi, oficialmente, o comando da 150ª Brigada Blindada. Fiz uma reunião com os três comandantes dos batalhões numa casinhola da guarda florestal. Dois destes comandantes, que ainda não sabiam da amplitude da operação, ficaram sabendo que atuaríamos no quadro de uma ofensiva. Os dois eram antigos soldados com experiência de combate e certamente saberiam dominar

também situações difíceis. Devíamos fazer todo o possível para manter as comunicações em bom funcionamento; só assim poderíamos tomar decisões acertadas e transmitir as consequentes ordens com precisão para obtermos êxito.

Durante um longo espaço de tempo analisamos todas as possibilidades de nossa ação. O mais importante era que nenhum soldado perdesse o domínio dos nervos. Um tiro disparado antes da hora faria com que tudo fosse por água abaixo. A tarefa mais difícil dos oficiais e dos sargentos seria dominar seus soldados neste aspecto. Os batalhões deviam rodar, rodar e não se perturbar com nada. Como conquistaríamos as pontes, seria resolvido no próprio terreno. Tendo em vista nossa reduzida força combatente, não podíamos travar combates prolongados. Nossas intenções só podiam ser concretizadas se não existisse um dispositivo inimigo muito sólido e se a ofensiva penetrasse profundamente, no primeiro dia, em terreno inimigo. Nossa operação seria realizada na zona de ação do I Corpo Blindado SS. A tropa que atacaria ao norte da zona de ação do Corpo tinha como objetivo imediato a passagem do Mosa entre Liège e Huy; era constituída pelo 1º Regimento Blindado SS, sob o comando do jovem Coronel das SS Peiper. Este já distribuirá à sua tropa a ordem de operações, redigida de maneira muito clara e precisa:

"O Regimento Peiper atacará em 16-12-44, à hora H, na zona de ação Losheim — Losheim Graben e atravessará a eventual frente inimiga. Primeiro objetivo: conquistar e manter abertas as pontes sobre o Mosa ao sul de Liège. A operação será realizada sem levar em consideração a cobertura dos flancos, devendo ser aproveitada, ao máximo, a velocidade dos carros de combate até o Mosa."

O suprimento de gasolina era tão reduzido, nas divisões blindadas, que era suficiente para chegar apenas ao Mosa, assim mesmo se a marcha fosse realizada sem ter que combater. Para nossa Brigada também houve necessidade de um grande número de cálculos para uma distribuição de combustível, entre todas as viaturas, de sorte que pudessem atingir seus primeiros objetivos. Não dispúnhamos de mais reservas. Considerando que minhas unidades não deveriam intervir no combate, podia ter a esperança de que atingiriam os seus objetivos com o combustível recebido.

A frente inimiga ainda continuava tranquila. Ao que parece, o inimigo ainda não sabia nada sobre nossos movimentos noturnos. O pequeno movimento das estradas, durante o dia, não poderia revelar ao inimigo que

numa estreita faixa de terreno dois exércitos blindados tinham entrado em posição. Durante a noite de 15 para 16 de dezembro as colunas blindadas avançaram ainda mais para a frente. Graças ao tempo nebuloso, os aviões inimigos que voavam à noite não nos descobriram. Tomamos esta feliz circunstância como um prenuncio favorável para a ofensiva.

Tinha combinado com o Comando Supremo do Exército que instalaria meu posto de comando junto ao I Corpo, em Schmidtheim. Desloquei para ali uma seção de rádio e meu estado-maior que estava composto por apenas quatro oficiais: de operações, de comunicações, de suprimentos e de pessoal.

Antes do alvorecer tinham acabado todos os movimentos de tropas e as viaturas estavam cobertas dentro dos bosques. Naquela noite suprimimos o sono do nosso programa. Ficamos instalados, por pouco tempo, em dois quartos de uma casa no setor urbano de Schmidtheim, pois sabíamos que após algumas horas do início da ofensiva deveríamos prosseguir a marcha.

Meus cinco postos de rádio foram instalados nas bordas de um bosque próximo. Chegaram informações dos três batalhões: entraram em posição à retaguarda dos escalões de ataque blindados. Aguardavam a ordem especial que só eu poderia transmitir: vestir a pobre camuflagem para iniciar a missão. Mas as comunicações não funcionavam como era desejado. As unidades de comunicações foram as mais prejudicadas por ocasião dos treinamentos, pois foi muito escasso seu tempo de instrução e de manobras em conjunto. Era, portanto, necessário haver muita sorte para que as comunicações funcionassem a contento durante o desenrolar da ação.

Só três equipes de rádio estavam junto aos escalões de ataque da nossa tropa, que tinham a minha ordem de "caminho livre" e deviam reconhecer a situação existente junto às pontes do Mosa, para nossa ação. Todos esperávamos impacientes a hora H para a ofensiva. A tensão nervosa ocasionada pela espera da ofensiva, que agora era conhecida de todos, apoderou-se de toda a frente de combate, do general ao último soldado.

CAPÍTULO XXV

16 de dezembro de 1944 — Fogo de surpresa de mil canhões — Não foi atingido o objetivo do dia — Avanço difícil — Os primeiros comandos atrás das linhas inimigas — Os carros intervém — Falta de gasolina — O plano principal abandonado — Os primeiros informes dos teams — Malmedy livre de inimigos? — Efeitos dos boatos — Notícia falsa da emissora de Calais — A PM americana prende oficiais americanos — O inimigo confirma o efeito de nossa ação.

Cinco horas de sábado, 16 de dezembro de 1944.

Das bocas de mil canhões surgiu de repente um surpreendente fogo sobre as posições do inimigo. Não demorou, entretanto, para que sua intensidade declinasse a fim de permitir que a Infantaria se lançasse ao ataque. A 3ª Divisão de Caçadores paraquedistas começou a atuar na zona de ação em que mais tarde o Regimento Peiper romperia a frente inimiga. A espera das primeiras notícias era algo enervante. Delas dependiam muitas coisas. Para recebê-las em primeira mão me dirigi ao estado-maior do I Corpo Blindado SS.

Por volta das sete horas chegaram as primeiras informações. Não eram cem por cento favoráveis, mas a situação ainda podia ser modificada.

O fogo de artilharia, aparentemente, não tinha afetado demasiadamente as posições inimigas situadas junto a Losheimer Graben. O inimigo se defendia com tenacidade e a ofensiva parecia estancada. Ao meio-dia tomamos conhecimento de que se desenrolavam encarniçados combates sem, entretanto, ter havido apreciáveis conquistas de terreno nem, o que era mais importante, a ansiada ruptura da frente de combate.

Não compreendia o motivo pelo qual não se empregavam as unidades blindadas. Estas tinham avançado alguns quilômetros e se encontravam onde estava a linha de contato pela manhã. Minhas unidades continuavam paradas.

Determinei ao meu IA que percorresse os batalhões para tentar um melhor funcionamento das comunicações. Os Batalhões X e Y transmitiram mensagens dando conta de sua visita. O oficial de comunicações, de repente, veio a meu encontro com uma mensagem que acabava de receber: "o Tenente-Coronel Hardieck morreu".

Era um rude golpe para a Brigada, pois o meu substituto — que conhecia a unidade desde sua formação — tinha morrido. A 150ª Brigada

Blindada pagara seu primeiro tributo. Tínhamos perdido um bom companheiro e um oficial exemplar.

Conforme fui informado mais tarde, sua viatura chocara-se com uma mina durante uma viagem de reconhecimento. Neste momento, meu IA estava a caminho do Batalhão Z a fim de substituir o Tenente-Coronel Hardieck. Isto significava para mim que devia renunciar ao melhor oficial do meu estado-maior; contudo, sabia que, ao conceder-lhe aquele comando, dar-lhe-ia uma grande alegria e, além disso, tinha certeza que desempenharia suas novas funções com dignidade. Pouco depois recebi uma mensagem de Fölkersam:

Assumi o comando do Batalhão Z.

O dia 16 de dezembro transcorreu sem que se conseguisse uma decisão na frente do VI Exército Blindado SS. À tarde, chegou-se à conclusão de que deveriam ser utilizadas as unidades blindadas para conseguir a ruptura decisiva da frente. Para ter uma ideia, dirigi-me a Losheim, de automóvel. As estradas estavam bloqueadas por viaturas de todos os tipos. Os oficiais tinham que desembarcar, seguidamente, a fim de pôr um pouco de ordem no trânsito. Após andar 10 quilômetros, cheguei a Losheim. O fragor do combate era ouvido com toda a clareza. Os paraquedistas continuavam lutando no bosque de Losheim e nas proximidades de Ronsfeld. Mais ao sul, as coisas pareciam ter melhor aspecto; ao menos fora conquistado mais terreno.

Em Losheim encontrei as seções da companhia de comandos, que não dependiam dos batalhões e estavam diretamente subordinadas a mim. Precisava tomar uma decisão imediatamente. Era evidente que não seria conquistado o objetivo determinado para o primeiro dia da ofensiva. Em consequência, devia renunciar à operação Grifo. Negava-se, entretanto, a aceitar esta ideia, depois de tantos preparativos: nunca abandonara um plano sem antes verificar todas as possibilidades. Se as tropas blindadas entrassem em ação naquela noite, ainda era possível obter êxito. Decidi, portanto, aguardar vinte e quatro horas. Se naquele momento fora atingido Hohe Venn, a ofensiva provavelmente também chegaria até o Mosa; além disso, a ocupação prévia das pontes, realizada pelas minhas tropas, podia ser decisiva.

O estado de ânimo reinante entre os homens da companhia de comandos era desigual. Alguns pareciam preocupados diante do lento progresso da ofensiva; não demonstravam a costumeira alegria diante da proximidade da

ação. Mas a maior parte estava, ainda, cheia de otimismo. A extraordinária característica da missão fazia com que estes homens vibrassem; queriam entrar em ação de qualquer maneira. Selecionei três teams que me pareceram especialmente aptos para a difusão de boatos. Seus componentes eram, em sua maioria, marinheiros que possuíam bons conhecimentos linguísticos e dignos de toda a confiança. Dei ordem para que se infiltrassem através das posições inimigas a fim de realizar com a máxima prudência sua arrojada empresa. Recomendei-lhes, de modo especial, o reconhecimento dos três itinerários que tínhamos previsto para nossos três batalhões. Por ocasião do meu regresso a Schmidtheim, informei ao comando do Corpo de Exército que desejava esperar vinte e quatro horas. Ato seguido enviei a meus batalhões as mensagens correspondentes. Enquanto isso tinham chegado a Schmidtheim os cem primeiros prisioneiros, que se encontravam em excelentes condições físicas. Aqueles soldados americanos foram capturados no decorrer do primeiro ataque, tendo sido apanhados com total surpresa. Alguns deles nem sequer tiveram tempo de sair dos seus alojamentos. Agora estavam sentados, apoiados contra uma parede e, ao que parece, totalmente despreocupados, fumando cigarros ou mascando chicles.

Por meio de um intérprete tentei conversar com um tenente. Não sabia nada de importante. Contudo, pude constatar que o ataque tinha sido uma surpresa total para o inimigo. Os informes referentes às unidades inimigas existentes na frente e em reserva, obtidos pelas seções IC (Serviço de Informações), foram corretíssimos.

Naquele primeiro contato com soldados americanos procurei averiguar se todos os combatentes de Ultramar sabiam o que estava sendo forjado na Europa. Sabiam que a verdadeira solução da guerra, decisiva para o futuro, encontrava-se no Leste? Sabiam quais as consequências que a derrota da Alemanha traria para a Europa? Comprovei, infelizmente, que tudo isto não significava nada para o jovem oficial. A propaganda americana apresentava os fatos de um modo muito simplista: "os alemães são os eternos bárbaros e, além disso, estão dominados por um demônio em forma de gente que deseja dominar o mundo inteiro, e seu povo o ajuda para isso. Por este motivo é um ato cristão, uma exigência da civilização, aniquilar a Alemanha e evitar para o resto da vida a sua recuperação". Esta era, em síntese, a opinião que o tenente me deu a conhecer com toda a franqueza.

Aproximadamente à meia-noite de 16 de dezembro, o Regimento Peiper e outra unidade blindada mais ao sul iniciaram o ataque. Nas primeiras horas da manhã seguinte receberíamos as primeiras informações. Decidi deitar-me, uniformizado, sobre um colchão colocado no piso do meu "alojamento". Meus pensamentos, antes de adormecer, giraram em torno das condições meteorológicas; perguntava a mim mesmo se o tempo continuaria sendo favorável a nós. No dia anterior, as atividades da aviação inimiga praticamente não nos molestaram. Era de suma importância, pois, que as coisas continuassem da mesma forma.

Não demorou muito e fui despertado. Um dos teams que tinha atravessado as linhas durante a manhã estava de volta. As notícias que trazia tinham uma importância especial para a frente e foram transmitidas imediatamente ao comando do Corpo de Exército. Determinei aos soldados que se apresentassem a mim outra vez no dia seguinte: mereciam um bom repouso.

Às cinco horas já me encontrava no posto de comando do Corpo. Não tardaram a chegar as primeiras informações da cunha blindada. A 17 de dezembro, às cinco horas, apesar da forte resistência inimiga, foi conquistada a localidade de Ronsfeld. A ofensiva parecia progredir. Também chegaram boas informações da unidade blindada que operava mais ao sul: tinha avançado para oeste, em direção a Recht. Fora prevista, para aquele mesmo dia, a mudança do posto de comando do Corpo para uma posição mais avançada, na região de Manderfeld. Determinei que fosse avisado o team que estava a caminho de Losheim para reincorporar-se à companhia de comandos, e parti em seguida. A situação na estrada era muito pior que no dia anterior. As intermináveis colunas de viaturas avançavam — quando conseguiam avançar — com uma lentidão desesperadora. Decidi regressar a Schmidtheim e dali, por caminhos mal transitáveis, me dirigi a Dahlem, onde me defrontei com uma situação parecida: uma viatura encostada a outra avançando a passo de tartaruga. Desci da minha viatura e comecei a andar em direção a Stadtkyl, na esperança de poder desfazer, em algum lugar, aquele congestionamento desesperador. Determinava a todos os oficiais, que via comodamente sentados em suas viaturas, que desembarcassem e contribuíssem, na medida do possível, para colocar um pouco de ordem naquele caos.

Nas fechadas curvas do vale que se estende diante de Stadtkyl, o engarrafamento era de tal ordem, que mal pude passar a pé. Aquilo devia

ser resolvido de qualquer maneira, para que não ocorresse um colapso no importante trânsito em sentido contrário, que demandava os depósitos de munições e gasolina para as tropas que estavam combatendo. Na última curva de um declive bastante forte, ao lado de um pequeno lago, descobri a causa do engarrafamento: um enorme reboque da Luftwaffe, de uns dez metros de comprimento, estava atolado em plena curva. Uns trinta homens esforçavam-se, inutilmente, para tirá-lo do buraco.

Com uma enorme curiosidade procurei saber qual a carga que levava. Fiquei assombrado ao cientificar-me de que eram peças de V-1. Ao que parece, dera-se ordem para transportá-las na suposição de que a linha de frente avançara sensivelmente em terreno inimigo, desde o primeiro dia; mas esqueceram-se de revogar a ordem.

Julguei só haver uma solução e me dispus a colocá-la em prática. Fiz desembarcar todos os homens que estavam nas viaturas próximas ao reboque, e dentro de alguns instantes centenas de braços trabalhavam com afinco para esvaziar a carga... no lago. Finalmente, empurramos o reboque ladeira abaixo e dentro de quinze minutos a estreita estrada tornava a estar livre.

Tinha desistido de continuar pela estrada principal, porque julguei que era mais fácil ir por uma estrada secundária, através de Kerschenbach — Ormont. Passamos junto a vários campos minados. Recordando o triste destino do Tenente-Coronel Hardieck, avançávamos com muitas precauções. Ao passarmos pela estrada Prüm — Losheim, pudemos observar os efeitos do primeiro bombardeio sobre os abandonados aquartelamentos dos americanos. À margem da estrada estavam caídos três carros Sherman que fumegavam levemente.

Houve à noite no posto de comando um "grande conselho", no qual estava presente o General Sepp Dietrich. A tropa blindada que operava ao norte só pudera avançar após duros combates. Às oito horas tinha conquistado Bulligen, mas a partir dali progrediu palmo a palmo até Engelsdorf, localidade que não caiu antes do anoitecer. Prosseguindo em sua ação, dirigiu-se para Stavelot, onde encontrou uma tenaz resistência. As notícias dos outros setores da frente não eram alentadoras. O ataque fora realmente uma surpresa para o inimigo, mas não havia esperança de se alcançar o Mosa numa etapa. O adversário não retrairia sem contra-atacar; estava, portanto, fora de cogitações a sua fuga desordenada, que propiciaria as condições para o êxito da operação Grifo. O inimigo contava com fortes

reservas e as empregara no combate. Nestas circunstâncias, não havia cabimento continuar acariciando a ideia da nossa missão; e, por outro lado, improvisar uma ação seria uma leviandade imperdoável. A um soldado, entretanto, não é fácil desistir de um planejamento. Mas, depois de ter meditado bem, informei ao comando superior sobre a minha decisão de desistir da planejada missão da 150ª Brigada Blindada e recebi o apoio dos meus superiores. Em consequência, dei a ordem correspondente às minhas unidades: deviam acampar onde se encontrassem e aguardar novas ordens.

Considerando que minha Brigada estava na zona de ação do Corpo Blindado SS, subordinei-me a este comando para que fosse empregada como tropa de infantaria e pedi que me dessem uma missão digna da nossa capacidade combativa.

A 18 de dezembro foi interrompido o avanço do Regimento Peiper. Troisponts foi conquistado às onze horas, mas o inimigo destruíra as pontes situadas nas suas proximidades. À tarde foram conquistadas as localidades de La Gieize e Staumont. Todas as mensagens transmitidas referiam-se à angustiante falta de combustível e de munições; sem isso era impossível continuar avançando.

Foram formados vários comandos de oficiais encarregados de conduzir à frente todas as viaturas-cisternas detidas nas estradas, que continuavam engarrafadas. Durante aquela noite várias destas viaturas conseguiram chegar ao Regimento Peiper. Mas foi como uma gota de água no oceano: já não se podia pensar num avanço continuo.

No dia seguinte surgiu um novo problema. Quase todo o flanco norte da ofensiva estava descoberto. O cruzamento de estradas na região de Malmedy era um local muito apropriado para o inimigo contra-atacar na direção sul, empregando tropas descansadas. Perguntaram-me se podia garantir a conquista daquela cidade através de um audacioso golpe-de-mão. Devido à situação de minhas unidades, o ataque só seria possível a 21 de dezembro. Nas primeiras horas do dia 19 de dezembro enviei pelo rádio, aos meus três batalhões, a seguinte ordem: "Concentração no decorrer do dia 29 de dezembro nos arredores de Engelsdorf". Ali me apresentei no posto de comando da 1ª Divisão Blindada SS e estudei com seu IA as possibilidades de um ataque.

Devido à absoluta falta de apoio de artilharia, decidimos atacar Malmedy ao amanhecer de 21 de dezembro, por dois lados, procurando tirar o máximo proveito da surpresa. Como primeiro objetivo devíamos

conquistar a colina ao norte da cidade para entrincheirar-nos ali e repelirmos possíveis contra-ataques. Os acessos a Engelsdorf estavam defendidos por apenas dois grupos de combate, de nove homens cada um: uma situação incômoda e insustentável.

A 19 de dezembro, quando um dos meus teams de reconhecimento informou que Malmedy estava ocupada, ao que parecia, por forças muito fracas, acalentei a esperança de que nosso ataque seria coroado de êxito, apesar de não contarmos com o apoio de artilharia. Julguei que os dez carros de combate que me restavam — os outros estavam temporariamente fora de ação — eram suficientes.

O chefe do referido team, um antigo oficial da Marinha de Guerra, deu um notável exemplo de informação verídica. Declarou ter atravessado a linha de frente sem se dar conta: perdera-se simplesmente.

— No mar não teria acontecido coisa semelhante — murmurou.

Levava um capote de couro dos que eram usados pelos oficiais alemães. Subitamente deparou-se com as primeiras casas da cidade. Os poucos habitantes que estavam na rua cumprimentaram-no com a seguinte pergunta:

"Os alemães já estão chegando?"

Quando notou que estava em Malmedy e que a localidade continuava ocupada pelos americanos, fez meia volta rapidamente e conseguiu chegar a Engelsdorf.

— Levei um susto de morte, disse ele. Mas o importante foi saber que a cidade não estava sendo muito vigiada.

A partir do segundo dia da ofensiva, não foram mais enviados teams ao território inimigo. Dos nove que saíram para cumprir missão, o mais provável é que apenas seis ou sete estiveram realmente na retaguarda inimiga. Confesso, por estranho que possa parecer, que não sei o número exato. Eu tinha o suficiente senso crítico para duvidar de alguns informes que recebi. Era muito compreensível que alguns daqueles jovens soldados tivessem vergonha de confessar que foram abandonados pela coragem no momento de atravessar a linha de frente, devido à confusão reinante.

Contudo, é verdadeiro o fato de que apenas dois teams caíram prisioneiros. Quatro forneceram informes tão claros e verídicos, conforme constatei posteriormente, que não há dúvida sobre suas atuações. Informes de dois outros teams pareciam muito exagerados.

Quero, pois, oferecer alguns exemplos das ações realmente levadas a cabo:

Um dos teams informou ter conseguido chegar até as proximidades de Huy, perto do Mosa. Uma vez ali chegados, os homens sentaram tranquilamente próximo a um cruzamento de estradas, observando, de acordo com as determinações recebidas, os movimentos do inimigo. O chefe do team, que falava correntemente o inglês, parou exatamente no cruzamento "para ver as coisas mais de perto".

Algum tempo depois aproximou-se um regimento blindado americano cujo comandante pediu-lhe inesperadamente alguns informes. Com o maior sangue frio, o oficial alemão deu-lhe alguns dados completamente falsos, dizendo que várias estradas estavam ocupadas pelos damned Germans. Em consequência disso, recebera a missão para aguardar ali a coluna blindada a fim de guiá-la até sua região de destino, devendo para isso fazer um grande desbordamento. O comandante americano agradeceu a explicação, considerando muito oportuno fazer a mudança do itinerário.

O mesmo team, ao regressar, cortou uma linha telefônica recém-instalada e destruiu várias placas indicadoras de postos de suprimento americanos. Os soldados descreveram fielmente a desordem e a confusão que reinavam na retaguarda americana durante o primeiro dia da ofensiva. O grupo retornou às posições alemãs, vinte e quatro horas após sua saída, pela zona de ação do V Exército Blindado, fazendo ali o primeiro relatório de sua atuação. Doze horas depois voltava a se apresentar na companhia de comandos, em Losheim.

Alguns dias mais tarde, o serviço de escuta radiofônica alemão confirmou aquele informe, que parecia não ser verdadeiro. Há dias o comando americano, através de numerosas chamadas de rádio, procurava desesperadamente localizar um regimento blindado que estava desaparecido.

Outro comando especial também conseguiu atravessar as linhas inimigas e, sem maiores problemas, chegou até o Mosa nas proximidades de Amay. Este comando pôde informar que os aliados não tinham adotado, até aquela ocasião, qualquer medida especial de segurança nas pontes do Mosa. Durante sua viagem, tanto na ida como na volta, bloquearam três estradas que conduziam à frente, utilizando falsos sinais de perigo e barreiras de troncos de árvores.

Conforme foi constatado, aquelas estradas, pelo menos durante algum tempo, não foram utilizadas pelos americanos para transportar suprimentos, o que significou de certa forma um alívio para a frente alemã.

Outro team viveu uma aventura e comprovou a capacidade dos americanos para assimilar boatos naqueles dias. No dia 16 de dezembro este team aproximou-se de uma localidade situada a sudoeste de Engelsdorf (Poteaux provavelmente). Duas companhias americanas estavam ali instaladas construindo barricadas e espaldões para metralhadoras, a fim de defenderem a localidade. Nossos homens receberam um tremendo susto quando foram abordados por um oficial americano, que desejava algumas informações sobre a situação da frente, pois tinham perdido a ligação com o estado-maior de sua Divisão.

Quando o oficial da minha companhia de comandos — que usava um uniforme de sargento americano — conseguiu refazer-se do susto, narrou ao surpreendido oficial americano uma história fantástica, dizendo que os Krauts (maneira pela qual os americanos chamavam os alemães) avançavam em direção à localidade adotando um dispositivo de envolvimento e que esta estava praticamente cercada.

O comandante americano acreditou piamente, pois além de reforçar o team com uma equipe de reconhecimento, deu ordem para a retirada de sua tropa. Felizmente, a única missão deste team era reconhecer o terreno em direção ao Oeste.

Outro grupo da companhia de comandos localizou um depósito de munição na retaguarda inimiga. Ficou oculto nas redondezas até o anoitecer. Duas cargas explosivas habilmente colocadas praticamente destruíram o paiol. O mesmo team defrontou-se, por acaso, com uma rede de fios telefônicos; cortou-a em três diferentes pontos.

O regresso deste grupo foi menos feliz. Passou dois dias atrás das linhas inimigas e, antes de regressar ao território alemão, defrontou-se com tropas americanas que estavam atacando Chevron, aonde chegaram os elementos do Regimento Blindado Peiper. Os componentes do team atravessaram de maneira muito ousada as linhas inimigas com seu jipe. Um oficial foi atingido mortalmente pelos disparos dos americanos; os outros três membros do grupo uniram-se às forças de Peiper e alcançaram com elas as posições alemãs a leste de Salm, perto de Wahn, a 25 de dezembro.

O êxito dessas ações, cuja extensão só pude conhecer ao terminar a guerra, no decurso dos interrogatórios a que fui submetido, ultrapassou em

muito minha expectativa. Surgiu na retaguarda inimiga uma verdadeira psicose de espionagem.

Depois de alguns dias, ficamos sabendo que a emissora de propaganda americana, de Calais, anunciava que fora desarticulada uma ampla operação de espionagem e de sabotagem alemã, sob o comando do "Coronel" Skorzeny, o "raptor" de Mussolini. Até o momento tinham sido feitos prisioneiros mais de 250 membros da 150ª Brigada Blindada.

A cifra divulgada pela emissora não podia intranquilizar-me, pois eu recebia diariamente o mapa da força das minhas unidades. Pensei no absurdo daquela falsa notícia, que significava um grande erro psicológico por parte dos americanos. A notícia, entretanto, teve para nós um caráter positivo, porque podia contribuir para aumentar a psicose no seio do Exército americano, cujos soldados imaginariam estar cercados por centenas de espiões. Se a cifra anunciada era realmente verdadeira, entre os prisioneiros deviam encontrar-se muito mais soldados americanos do que espiões alemães. Após duas semanas de atuação da Brigada, não havia mais de vinte e quatro desaparecidos, entre eles oito homens da companhia de comandos. A ideia de que de cada dez prisioneiros da 150ª Brigada Blindada só um era alemão chegou a ser quase divertido para nós, se não tivéssemos pensado que aquele alemão provavelmente compareceria perante um conselho de guerra aliado e seria fuzilado.

Mais tarde, após o término da guerra, fiquei sabendo o que realmente acontecera: o serviço de contraespionagem americano tinha atuado com excesso de zelo, fazendo prisioneiro um grande número de seus próprios soldados e oficiais.

Em agosto de 1945, encontrando-me no campo de prisioneiros de Oberursel, falei com um capitão americano que me contou o seguinte: ele mesmo tinha sido detido em fins de 1944 pela Polícia Militar americana. Passou muito tempo para que pudesse libertar-se da suspeita de ser um espião alemão. Confessou-me que a culpa daquele erro, em grande parte, era dele mesmo. Durante o avanço americano por território francês tinha encontrado um equipamento de oficial alemão, onde estava um excelente par de botas; como estas lhe servissem muito bem, resolveu calçá-las. Aquelas botas despertaram no policial militar americano, que estava à caça de espiões alemães, a suspeita de que se encontrava frente a um deles. Foi detido e admitiu ter sido tratado com bastante brutalidade. Aquele capitão, muito boa pessoa, assegurou-me que jamais esqueceria os oito dias que

passou como prisioneiro de guerra dos seus próprios compatriotas, suspeito de espionagem. Quando eu então me queixei a ele, do tratamento que estava recebendo, senti a sua compreensão. Apesar disso, não me deu muitas esperanças de que a situação melhorasse, já que infelizmente as coisas eram assim mesmo.

Em 1946 conheci em Dachau dois tenentes americanos. Quando, em dezembro de 1944, tinham chegado há pouco da França e a caminho da frente de combate, foram hóspedes de uma unidade americana. Ao meio-dia, por simples cortesia, elogiaram o almoço preparado à base de conservas. Este elogio, acrescido do fato de vestirem uniformes novos, fez com que parecessem suspeitos. Foram detidos na própria mesa e levados a uma prisão. Os soldados veteranos da frente estavam fartos de comida enlatada e por este motivo viviam amaldiçoando as conservas.

Um sargento americano contou-me, no outono de 1945, na prisão de Nuremberg, que fora detido com mais dois companheiros nas proximidades do Mosa. Infelizmente, levavam em seu jipe uma túnica alemã camuflada, que tinham encontrado e que fora descoberta por um zeloso policial militar. O azar foi maior porque um de seus companheiros era um americano de origem alemã, que falava com sotaque estrangeiro. Ficaram detidos por mais de dez dias e foram submetidos inclusive a uma acareação com verdadeiros membros da 150ª Brigada Blindada. Conforme as palavras daquele sargento, a caça a espiões alemães durou até fevereiro de 1945.

A tarefa do serviço de contraespionagem americano foi ainda mais dificultada pelo fato de muitos soldados de outras unidades alemãs terem em seu poder um field jacket perdido por algum soldado americano. Isto porque o blusão americano era uma grande proteção contra os rigores do inverno. No quinto ano de guerra o equipamento alemão não podia ser comparado em qualidade com o americano. Mas o simples fato de ter em seu poder um daqueles blusões era suficiente para ser suspeito de pertencer à 150ª Brigada Blindada. Durante as últimas sessões do julgamento de nove dos meus oficiais e do meu próprio, descobrimos que foi uma sorte muito grande nenhum membro dos três batalhões (não os da companhia de comandos) ter caído prisioneiro com tal peça de uniforme. Isso teria significado para nós a condenação ao cárcere.

CAPÍTULO XXVI

O boato como arma de guerra — Eisenhower prisioneiro de si próprio — Encontro tardio com o Coronel Rosenfeld — 21 de dezembro de 1944 — Ataque e retirada — Falhas nas V-1 — Grupo de Obuses sem granadas — Onde está o suprimento? — Natal em pleno combate — Absoluto domínio aéreo dos aliados.

No decorrer dos interrogatórios de prisioneiros americanos, levados a efeito nos primeiros dias da ofensiva, reconhecemos um pequeno erro, mas fundamental, que tínhamos cometido ao preparar a atuação da companhia de comandos. Aquele detalhe contribuiu, provavelmente, para a detenção e a consequente perda de nossos dois teams. Nós, alemães, com nossa costumeira tacanhice, não tínhamos imaginado que as normas vigentes no Exército americano impediam que seus jipes trafegassem totalmente lotados. Partimos da premissa de que esta viatura tinha capacidade para quatro pessoas e, como tal, organizamos nossos jeep teams à base de quatro homens. Não demorou para sabermos que a lotação total ocasionava um efeito surpreendente e de suspeição. O Exército americano dispunha de tal quantidade de viaturas, que os jipes levavam apenas dois homens e no máximo três.

O maior sucesso — inesperado para nós — foi obtido pela nossa central de boatos na retaguarda inimiga. Em janeiro de 1945, através de informes recebidos de agentes que operavam na França, fui cientificado de que eu estava sendo procurado ali. O inimigo pensava que eu continuava a movimentar-me atrás de suas linhas, apesar de há tempo ter acabado a Batalha do Bolsão.

Contudo, só pude ficar sabendo a verdadeira amplitude de todos aqueles boatos absurdos depois da guerra terminada. Considerando os artigos de jornais, os livros e as conversas que mantive com oficiais aliados, fiquei sabendo muitos detalhes que me autorizam a considerar o boato como uma eficiente arma de guerra.

Depois de ter-me entregue voluntariamente como prisioneiro, a 16 de maio de 1945, conheci um americano, Coronel Sheen, chefe do CIC do VII

Grupo de Exércitos dos EUA. Era um dos mais nobres e honrados oficiais interrogadores que encontrei. Durante seis horas esforçou-se para saber todos os meus segredos, particularmente sobre os que se referiam à operação Grifo. Quando ficou sabendo que já não mais havia segredos a revelar, iniciou-se entre nós uma conversa franca e séria, de oficial para oficial.

O Coronel Sheen admitiu os excelentes resultados decorrentes da circulação de boatos e a grande confusão que provocaram no seio de suas tropas. Admitiu francamente que esta derrota do serviço de informações americano significou um grande contratempo. Por intermédio dele fiquei sabendo ter sido procurado na França até o mês de fevereiro de 1945 e que dezenas de milhares de exemplares da minha fotografia foram distribuídos por todo o país. Chegou a mostrar-me vários informes de pessoas que disseram ter-me visto. Um farmacêutico da cidade francesa de T. afirmava que eu tinha comprado aspirinas em sua farmácia. Uma aficionada camponesa do interior da França informara que eu tinha estado em sua granja comprando víveres. O serviço de informações americano, baseado nessa boataria, acreditou que eu me encontrava atrás de suas linhas e que de um modo ou de outro tentaria aproximar-me do Quartel-General aliado.

A comprovação dos meus escassos conhecimentos de francês e de inglês, conforme foram qualificados pelo Coronel Sheen, convenceram-no da inverossimilhança daqueles boatos.

Alguns dias depois, em fins de maio de 1945, o Coronel Sheen realizou em Paris uma entrevista coletiva com a imprensa acerca deste assunto, que foi publicada inclusive no Stars and Stripes, jornal destinado aos soldados americanos. O coronel expressou aos jornalistas a sua convicção de que os alemães não tinham planejado, em nenhum momento, um ataque ao Quartel-General de Eisenhower. Disse, ainda, que a facilidade com que se deu crédito aos boatos durante a Batalha do Bolsão podia ser atribuída a uma falha do sistema de contraespionagem americano. Contudo, aquela reunião com a imprensa, realizada por um soldado verdadeiramente cavalheiro, não foi suficiente para destruir todos os boatos. O afã sensacionalista revelou-se muito mais forte nos dois anos seguintes, falseando a verdade.

Posteriormente, foi publicada também a resposta que dei no meu primeiro interrogatório, a 15 de maio de 1945, em Salzburg, sobre uma pergunta referente ao plano Eisenhower. Hoje, talvez, minha resposta pode

parecer um tanto arrogante, mas naquele momento ela era a única coisa que eu podia dar. Minhas palavras foram mais ou menos as seguintes:

"Se o Estado-Maior da Wehrmacht tivesse me dado ordem para atacar o Quartel-General aliado, teria idealizado um plano muito diferente do que o serviço de informações americano tinha imaginado. E, no caso de ter existido semelhante plano, eu o teria posto em prática com os melhores voluntários alemães. Neste caso, com toda a certeza, o ataque teria obtido êxito, já que nenhum Quartel-General é invulnerável a um ataque durante a guerra. Com um pouco de sorte, uma ação dessa natureza poderia ter êxito e conduzir à captura dos mais importantes documentos e pessoas."

A última vez que tive notícias de que era procurado na França foi no mês de fevereiro de 1945, quando, na qualidade de Comandante de Divisão, defendia a cabeça-de-ponte de Schwedt, no Oder, na frente Leste. Os serviços de informações russos, que funcionavam com muita eficiência, sabiam com toda a certeza o meu destino.

Quando mencionei este fato a um alto oficial americano em Nuremberg, obtive uma resposta em tom confidencial:

"Sim, eu sei, o intercâmbio de informações com os russos nem sempre funcionou bem. Os russos poderiam ter aliviado bastante o nosso trabalho."

Li, depois da guerra, em livros americanos sobre o conflito, algumas descrições autênticas e bastante humorísticas das dificuldades ocasionadas pelos boatos na retaguarda aliada.

O próprio General Eisenhower foi vítima deles, pois durante algum tempo esteve prisioneiro em seu quartel-general. Alojava-se numa simples casa, rodeada por vários "cinturões" de sentinelas. Como o próprio general escreve em suas memórias, aquelas medidas de segurança não tardaram em molestá-lo e parecer supérfluas. Tratou de burlá-las valendo-se de mil artifícios. O serviço de contraespionagem tinha procurado um sósia do general, que foi encontrado na pessoa de um oficial de estado-maior, cuja semelhança era realmente extraordinária. O falso general ia diariamente a Paris, no automóvel do seu comandante supremo, para atrair a atenção dos "espias alemães". Jornais americanos publicaram, após a guerra, a fotografia deste sósia.

Na realidade, os serviços de informações alemães eram tão imperfeitos neste ponto, que nenhum oficial alemão podia dizer com certeza onde se achava instalado o Quartel-General aliado.

Num determinado dia do verão de 1946 fui tirado da minha cela incomunicável no bunker de Dachau para ser interrogado.

Um coronel americano apresentou-se a mim com estas palavras:

— Sou o Coronel Rosenfeld; tinha muita vontade em conhecê-lo Skorzeny; faz muito tempo que esperava por este encontro. Quer acompanhar-me num passeio? Desejo que nos tirem uma fotografia.

Surpreendido por aquele curioso desejo e ao mesmo tempo com certa desconfiança, perguntei-lhe para que desejava a foto. O Coronel Rosenfeld explicou-me, então, que no inverno de 1944 era o oficial responsável pelas medidas de segurança no Quartel-General aliado. Naquela época estava convencido de que eu tentaria, a todo custo, chegar a Paris e atacar o Quartel-General. Depois desta explicação, disse-lhe:

— Coronel Rosenfeld, não lhe parece um pouco tarde para semelhante fotografia? Se tivesse sido possível tirá-la em 1944, na qualidade de seu prisioneiro compreendo que seria uma agradável recordação para o senhor. Mas agora, terminada a guerra, que objetivo pode ter?

Contudo, como prisioneiro de guerra cortês, acompanhei-o até o local do tribunal, onde uniu-se a nós uma senhora que eu não conhecia. Várias fotografias foram tiradas. Hoje, uma daquelas fotos seria também para mim uma recordação de significado especial, pois poderia recordar novamente o Coronel Rosenfeld. Infelizmente, não possuo cópia alguma daquelas fotografias.

Os parisienses tiveram que suportar certamente alguns momentos desagradáveis devido ao medo dos espiões e à minha esperada aparição. Durante a época crítica da ofensiva das Ardenas proibiram-se aos alegres parisienses as saídas noturnas. Quadruplicaram-se os postos de vigilância e de controle americanos, e foram levantadas barricadas nas ruas, dificultando com isso o trânsito da grande cidade. O Café de Ia Paix, que eu mencionara tão rapidamente, foi objeto de medidas de segurança especiais. Espero que os parisienses não me guardem rancor e tenham esquecido os aborrecimentos que, sem querer, lhes causei.

Jamais podia pensar, no verão de 1946, que mais tarde tornaria a ver o Coronel Rosenfeld. Fora nomeado promotor no processo instaurado contra mim, em agosto-setembro de 1947. Perguntei a mim mesmo, várias vezes, se o fato não foi uma das tantas ironias do destino. Mas esta nomeação tinha uma indubitável vantagem: acusador e acusado podiam falar por experiência própria e acrescentar à polêmica alguns pontos de vista muito

pessoais. Isto converteu nosso segundo encontro num movimentado duelo verbal, que deve ter sido muito interessante para o público.

Durante a Batalha do Bolsão nem o comandante supremo das tropas inglesas. Marechal Montgomery, esteve seguro, pois várias vezes foi detido pela Polícia Militar e submetido a desagradáveis interrogatórios, conforme revelaram alguns jornais depois da guerra. Corria o boato de que um membro da "gang Skorzeny" (um desagradável nome que lembra o submundo de Chicago) fazia espionagem disfarçado de general inglês. Em consequência, todos os generais ingleses que viajavam pela Bélgica eram objeto de uma minuciosa investigação.

Porém, o mais engraçado de tudo foi o que aconteceu com um coronel americano. Soube disso após acabada a guerra. O referido oficial abandonou certa noite o seu posto de comando para satisfazer a uma imperiosa necessidade. Durante o espaço de tempo que andou na escuridão foi detido tantas vezes, pelas suas próprias sentinelas, que faltou pouco para ocorrer uma tragédia. Depois de tão desagradável aventura, o coronel jurou para si próprio que jamais abandonaria, à noite, seu posto de comando, já que um passeio noturno de tal natureza era demasiado arriscado.

Muito pouco ainda tenho para contar a respeito das minhas ações ocorridas durante a ofensiva das Ardenas. Na tarde de 20 de dezembro de 1944 chegou a Engelsdorf o destacamento Y, do Capitão Sch., e ocupou o aquartelamento situado junto à estrada principal que conduzia a Malmedy. O Capitão von Fölkersam também se apresentou, embora o seu Batalhão Z só tenha chegado à noite. Não podíamos contar com o batalhão X, do Tenente-Coronel W., porque se encontrava muito longe e, conforme tive oportunidade de dizer, a situação das estradas era catastrófica. Este Batalhão podia ser considerado, no máximo, como uma longínqua e duvidosa reserva. Isto significava um sério enfraquecimento das nossas forças, mas nada podia ser feito para modificar a situação.

Sobre Engelsdorf concentrava-se um forte fogo de artilharia. Tinha estabelecido meu posto de comando numa casa situada bastante longe da localidade, na estrada de Bellevaux; encontrava-se do outro lado da colina e, segundo nossos cálculos, fora do ângulo de tiro da artilharia inimiga. As explosões das granadas apenas prejudicavam a nossa conversa.

Tinha planejado o ataque a Malmedy para o amanhecer, a fim de contar com uma luminosidade suficiente para não atirar às cegas. O Capitão Sch. devia atacar partindo do sudeste e o Capitão von Fölkersam do sudoeste. O

plano previa que as forças americanas retrairiam desordenadamente para o interior da cidade. Só uma pequena parte das nossas forças, entretanto, devia permanecer engajada no combate; devia avançar e ocupar as estradas situadas ao norte da cidade, além da colina.

O batalhão de von Fölkersam chegou altas horas da noite, porque uma barragem de fogos lançada diante de Engelsdorf impedira sua passagem. Algumas granadas causaram as primeiras baixas. Pouco antes das cinco horas os dois batalhões informaram que estavam prontos para o ataque. Despedi-me dos comandantes com um "boa sorte!"

Assim que iniciou o ataque tive a impressão de ter ouvido um intenso fogo de artilharia na zona de ação norte. Não me enganei. O batalhão de Sch., que se encontrava à direita, foi detido por uma intensa barragem de artilharia. Em consequência, Sch. decidiu suspender o avanço e retrair à linha de partida. Ao receber este informe, determinei que o batalhão ocupasse posições defensivas a uns quatro quilômetros ao norte de Engelsdorf, já que o mais provável seria o inimigo contra-atacar. Além disso, o batalhão deveria estar preparado para atacar, caso o batalhão da esquerda conseguisse avançar.

Durante muito tempo fiquei sem notícias do Capitão von Fölkersam, mas o fragor do combate e as viaturas que regressavam trazendo feridos eram prova evidente de que seu batalhão continuava lutando. Quando o dia clareou totalmente, decidi verificar pessoalmente a situação. Do alto da colina não podia ver Malmedy, mas apenas o amplo traçado das estradas que percorriam a região oeste da cidade. Naquele momento, seis dos nossos Panzer estavam engajados num combate desesperador, com um número muito superior de carros inimigos protegendo o flanco esquerdo das nossas forças.

O Capitão von Fölkersam era realmente um combatente muito audaz e de uma tenacidade a toda prova. Negava-se a dar o combate por perdido. Pouco depois regressavam os primeiros infantes. Tinham-se defrontado com posições inimigas mais fortes do que o previsto, impossíveis de conquistar sem apoio de artilharia. Nossos carros travavam uma luta desesperadora para cobrir a retirada. Determinei aos homens que se entrincheirassem num local apropriado para repelir um possível contra-ataque.

Minha preocupação com von Fölkersam era cada vez maior. Este capitão convertera-se num extraordinário amigo e num colaborador tão eficiente, que não desejava perdê-lo. Finalmente apresentou-se

acompanhado pelo médico do estado-maior da brigada, com um aspecto de esgotamento e visivelmente afetado pelo fracasso. Convoquei os oficiais para uma reunião, no próprio terreno, para fixar o limite avançado da área de defesa. Fölkersam deitou-se cuidadosamente sobre o úmido terreno do bosque; a parte de seu corpo destinada a sentar-se recebera um estilhaço. Só um pequeno grupo armado de Panzerfausten protegia nossa reunião. Mal iniciáramos nossa reunião, tivemos uma agradável surpresa. O comandante da companhia de carros, um oficial baixinho, mas muito valente, a quem considerávamos morto, apresentou-se capengando. Naquele dia fora ferido nada menos de sete vezes! Seu uniforme estava completamente encharcado de sangue. Informou ter penetrado, nas primeiras horas da manhã, com os carros até as posições de artilharia do inimigo, conseguindo destruir uma bateria. Uma coluna de blindados americana, com grande superioridade numérica, obrigou-o a retirar-se para as curvas da estrada. Ao tentar manter-se ali para proteger o retraimento da infantaria, teve todos os seus carros destruídos.

No decurso da tarde tínhamos ocupado com muito pouco pessoal uma linha defensiva de quase dez quilômetros. Nossas armas mais pesadas eram morteiros de calibre médio. A fim de iludir o inimigo sobre o verdadeiro valor das nossas tropas, determinei que se realizassem diversas concentrações em diferentes setores do terreno. O martelar contínuo da artilharia inimiga aumentava de intensidade, acabando por concentrar-se no fundo do vale, sobre a localidade de Engelsdorf e sobre as estradas de saída.

Ao entardecer me dirigi ao posto de comando da Divisão para saber a respeito da situação. Seu IA tinha estacionado a viatura no jardim do hotel e estava trabalhando no interior dela. Depois de conversar longamente com ele, decidi entrar no prédio para fazer um lanche. O estado-maior de uma brigada americana estivera alojado no hotel até o dia 17 de dezembro, abandonando ali uma grande quantidade de víveres. Antes de chegar à porta do hotel, que se encontrava a uns trinta passos de distância, um sibilo muito familiar me fez dar um enorme salto para me proteger na entrada do hotel. A viatura recebeu o impacto em cheio; dos seus destroços tiramos o IA ferido.

Ele teve uma sorte enorme, pois um estilhaço do tamanho de um lápis penetrou em suas costas sem ferir qualquer órgão interno.

Meu antigo motorista, Primeiro-Sargento B., aguardava-me no corredor do prédio. Chamei rapidamente meu posto de comando para saber das

novidades. A seguir, embarcamos em nossa viatura, que se achava estacionada junto à parede e, portanto, bem protegida. A noite estava muito escura e pouco podíamos ver utilizando unicamente os faróis. Mal tínhamos cruzado uma ponte, três granadas explodiram muito perto de nós. Notei uma batida na frente e de um salto abandonei a viatura lançando-me à margem da estrada, mais adivinhada do que vista. Um caminhão com as luzes apagadas colidiu com nossa viatura. Notei que um liquido quente corria em meu rosto.

Apalpei prudentemente o local onde tinha recebido o golpe — acima do olho direito — e ao tocar um pedaço de carne sanguinolento fiquei assustado: "Terei perdido o olho?", pensei. Teria sido a pior coisa que poderia acontecer-me. Os cegos sempre me inspiraram uma profunda compaixão, pois imagino quão terrível é a sua desventura. Sem me preocupar com as explosões que continuavam perto de onde eu estava, apalpei outra vez o local ferido. Felizmente, toquei o globo ocular; estava intacto.

Imediatamente recuperei o ânimo. Chamei o motorista e perguntei se a viatura estava em condições. Felizmente sim. Precisava voltar. Para um trecho tão pequeno o radiador avariado não chegava a constituir problema. Não demorou estávamos novamente no posto de comando da Divisão. Os oficiais ficaram assustados ao me ver naquelas condições.

Olhei no espelho e constatei que meu aspecto não era dos melhores. Mas quando meu motorista descobriu, na perna direita das minhas calças, quatro buracos, constatei os arranhões que atingiram minha perna sem feri-la; fiquei contente com minha boa sorte. Enquanto esperava a chegada do médico, tomei um copo de excelente conhaque e comi um prato de carne que me fez muito bem. A única coisa desagradável era não poder fumar um cigarro inteiro, pois imediatamente ficava empapado de sangue. A situação me fez recordar os duelos dos meus maravilhosos tempos de estudante. Quando o médico chegou, repreendeu-me severamente pelo que chamou de minha despreocupação; devia ter deitado imediatamente. A fim de fazer uma intervenção de emergência, fui enviado ao hospital de campanha da Divisão. Ali também tive sorte. Uma das quatro mesas de operação acabava de ficar livre. Os médicos estavam trabalhando ininterruptamente há vários dias, o que significava um grande número de perdas em nosso setor. Antes de ser operado, procurei saber dos feridos da minha Brigada. Pelas declarações dos médicos, não havia caso algum demasiadamente grave, à

exceção do ajudante de von Fölkersam, o Tenente Eitel Lochner, que recebera um balaço no ventre e ainda não pudera ser operado. Decidi visitá-lo mais tarde, em obediência aos médicos que mandaram deitar-me na mesa de operação. Neguei-me a ser operado com anestesia geral, não por bancar o herói, mas para naquela noite manter a cabeça em condições de decidir no caso de ser necessário, pois esperávamos que algo importante poderia acontecer em nosso setor. Nas outras três mesas, os feridos gemiam horrivelmente. Precisava esforçar-me para dominar os nervos. A intervenção foi dolorosa, mas rápida. Pouco depois uma forte bandagem envolvia minha cabeça.

Era desejo dos médicos evacuar-me para um hospital da retaguarda, mas me opus a isso de modo decidido. A situação era demasiadamente séria. Conhecia minha natureza e vi que ainda podia aguentar-me. Declarei que regressaria a meu posto sob a minha inteira responsabilidade.

Em outro quarto encontrei o Tenente Eitel Lochner deitado e encolhido em cima de uma maca. Quando me inclinei sobre cie pronunciando seu nome, ocorreu o inesperado: despertou de sua inconsciência e me reconheceu em seguida.

— O que aconteceu com o senhor, meu tenente-coronel? Também está ferido? — foi a primeira coisa que disse aquele excelente rapaz, sem pensar em si próprio.

Respondi-lhe não ter sofrido nada de grave e lhe perguntei como estava sentindo-se.

— Não muito bem — respondeu. Mas tudo ficará bem quando me arrancarem esta bala da barriga.

As explosões das granadas de artilharia começavam a se aproximar do hospital. O prédio inteiro tremia: um péssimo lugar para os pobres feridos. Naquela mesma noite todos tiveram que ser evacuados. O transporte foi excessivo para as forças do nosso companheiro Lochner: quando chegou ao novo hospital, esteva morto.

Ao regressar ao hotel, senti necessidade de dormir numa cama confortável. Deram-me um quarto no primeiro andar de um prédio de dois pavimentos, o que não era muito tranquilizador, pois conhecia a força perfurante das granadas americanas. O pessoal de comunicações instalou rapidamente um telefone de campanha no meu quarto. Minha primeira chamada foi para que o oficial encarregado do pessoal viesse falar comigo.

Passei a noite praticamente em claro, pois as contínuas explosões e uma febre traumática cada vez mais alta não me deixaram descansar.

Ao amanhecer dirigi-me a Born, onde estava meu comandante, a quem tornei a solicitar armas pesadas.

Por ocasião do regresso levei comigo o Tenente-Coronel W., que deveria substituir-me no caso de o meu ferimento piorar. Voltei ao meu antigo posto de comando.

Nesta casa particular, devido ao martelar contínuo da artilharia, o ambiente não era dos mais agradáveis. Estendemos todos os colchões no chão e bloqueamos as janelas com grossos troncos de madeira. O sibilar das granadas que ouvíamos no interior da casa não era nada agradável.

No transcorrer do dia os artilheiros americanos tornaram-se cada vez mais impertinentes. Primeiro destruíram a canhonaços um local muito concorrido, cuja porta possuía um buraco em forma de coração. Depois foi a vez do estábulo, onde havia uma velha vaca que foi ferida numa pata traseira. Isso, entretanto, foi uma circunstância feliz, pois até então não tivéramos coragem de matar o animal e naquele momento apareceu a oportunidade para fazê-lo sem que ficássemos com a consciência pesada. Colocamos na porta do estábulo o correspondente vale de requisição para que o proprietário da casa e dono da vaca, que tinha fugido, recebesse a indenização correspondente. É curiosa a sensação que se tem quando dispomos de um olho só. A direção e a distância não podem ser precisadas com a mesma exatidão de quando se dispõe da visão normal. Além disso, um verdadeiro entorpecimento parece apoderar-se de nosso organismo. Por este motivo não saía muito de "casa". A fim de ganhar tempo, preparamos os dados de tiro para o grupo de artilharia que nos prometeram. Nossos grupos de reconhecimento tinham localizado as posições de várias baterias americanas e por isso ficamos contentes, pois logo poderíamos replicar convenientemente sua enfadonha insistência.

À noite fomos despertados por estranhos ruídos. Assomamos à porta e reconhecemos as bombas V-1 com suas caudas de fogo voando em direção a Liège. O espetáculo foi para nós estimulante. Mas quando, uma noite, um daqueles perigosos "pássaros" chocou-se contra uma colina, a menos de cem metros de nosso posto de comando — sem explodir, felizmente — nosso otimismo esfriou consideravelmente. O rumor de que nas ogivas das V-1 eram realizadas constantes ações de sabotagem — por trabalhadores estrangeiros — parecia confirmar-se.

Nosso Tenente-Coronel W., ao que parecia, era imune às balas, mas ao mesmo tempo atraía os projetis como se fosse um ímã.

No dia anterior encontrava-se diante de seu abrigo com duas sentinelas, quando explodiu uma granada. Uma das sentinelas morreu instantaneamente, a outra sofreu ferimentos graves e o Tenente-Coronel W. saiu ileso. Vinte e quatro horas depois estava em sua viatura na frente do meu posto de comando. Novamente explodiu outra granada, produzindo ferimentos em três homens e mais uma vez W. ficou ileso.

A 23 de dezembro decidi ir de viatura a Meyrode, onde se encontrava o posto de comando do VI Exército Blindado SS. Queria protestar pela deficiência do nosso equipamento, que ficava inservível muito rapidamente. Além disso, carecíamos de cozinhas de campanha e consequentemente recorríamos a mil improvisações para fornecer alimentação quente à tropa. A falta de recipientes adequados tornava-se agora, em pleno inverno, muito desagradável. Além disso não dispúnhamos de roupa de camuflagem para o inverno... Queria explicar tudo isso pessoalmente e lembrar também sobre a necessidade de artilharia.

O tempo tinha melhorado e a aviação inimiga rondava novamente nos ares. Várias vezes tivemos que parar a viatura e saltar fora da estrada, ou entrar no campo em virtude de a estrada estar intransitável. Além de Nieder-Emmels, numa das vezes que desci da viatura, devido à presença de aviões inimigos, senti repentinamente um calafrio. Meu ferimento estava ligeiramente supurado; isto explicava o ataque de febre. O Tenente C. me acompanhou até uma casa de campo isolada.

Vários soldados, ocupantes de uma viatura, que tinha sofrido uma pane, estavam sentados em torno de uma mesa, aquecendo-se numa fogueira. Pedi a um desses soldados para me dar um chá quente. Mas, apesar disso, meus calafrios continuavam. Pedi ao Tenente C. que fosse com a viatura até o posto de comando do Exército e solicitei à camponesa dona da casa que me emprestasse a sua cama por algumas horas. Levava comigo algumas aspirinas e, o que ainda era melhor, uma garrafa de rum. Meu motorista preparou uma dose bem grande, que tomei junto com cinco comprimidos de aspirina. Ao deitar-me, tremia tanto, que tive medo de cair da cama. Os soldados encarregaram-se de preparar periodicamente outras doses. Quando meus homens retornaram, algumas horas depois, a febre tinha diminuído e pude voltar "para casa", meu posto de comando. Na manhã de 24 de dezembro apresentou-se finalmente o tão esperado comandante do Grupo

de Obuses. Era um paradoxo: a festa do amor e da reconciliação estava de mãos dadas com a guerra, a morte e a destruição. As peças de artilharia que acabavam de chegar pareceram-me um presente de Natal.

Mal dei tempo ao comandante para se apresentar e imediatamente nos debruçamos sobre as cartas. Mostrei-lhe as posições que tinha previsto para as baterias e os objetivos que deviam ser batidos. Não dei atenção às suas vacilações, por não julgar que tivesse algo importante para me comunicar. Quando lhe pedi, ao despedir-me dele, para ocupar as posições o quanto antes e informar tão logo estivesse pronto para iniciar o fogo, disse-me em tom compungido:

— Meu tenente-coronel, devo informá-lo que disponho de apenas dezesseis granadas para todo o Grupo e que no momento não podemos receber mais munição.

A surpresa me deixou sem fala. Não sabia se devia rir ou chorar. O que podia fazer com esplêndidos obuseiros sem munição? O presente de Natal pareceu-me então uma burla sarcástica. Não podia descarregar minha ira sobre o inocente oficial; contudo, descarreguei meu mau humor no decurso de uma ligação telefônica que mantive com o comando do Corpo de Exército. Acabei determinando que o Grupo ficasse numa posição de espera até que chegasse a munição. Ficou ali até sermos substituídos.

Este exemplo é característico da situação que reinava em muitos setores da frente das Ardenas: em todos os lugares faltava o suprimento imprescindível. Não estou em condições de julgar os motivos pelos quais não funcionava o apoio logístico. Mau estado das estradas? Falta de gasolina para as viaturas? Superioridade aérea do inimigo? Escassez de material em nossa pátria?

Lembrei de novo a data de 22 de outubro de 1944, quando Hitler me deu a ordem para a projetada — e não realizada — operação Grifo. Hitler me assegurou que a Organização Todt tinha tomado as providências cabíveis para solucionar o problema logístico.

Fora prevista a entrada em funcionamento de um grande número de caminhões movidos a gás de madeira para atender ao suprimento da frente. Em todas as estradas da região de Eifel fizeram-se enormes depósitos de lenha para abastecer aquelas viaturas. Contudo, em nenhum dos meus deslocamentos pela zona de combate vi qualquer caminhão da O.T. movido a gás de madeira.

A respeito desse estado de coisas lembro de um outro fato. Perto de Born, onde estava alojada a companhia de comandos, encontrei um dia o Tenente-Coronel da Luftwaffe C., condecorado com a Cruz de Cavaleiro de Brilhantes com Folhas de Carvalho e Espadas, a mais alta distinção militar. Estava no comando de umas complicadas instalações de rádio. Sua tarefa consistia em dirigir da terra os combates aéreos dos novos caças a jato Me 262. O céu estava limpo e a aviação americana fazia ato de presença dia e noite, mas só em raríssimas ocasiões via-se um caça alemão ou um combate aéreo.

O tenente-coronel me explicou que até então não tivera oportunidade de dirigir um só combate. Parece que durante a Batalha do Bolsão entraram em ação um total do apenas 42 novos caças a jato.

Isto não deve ser interpretado como uma crítica à Luftwaffe em seu conjunto. Sei que durante os primeiros dias da ofensiva os campos de aviação dos aliados foram atacados valentemente, quase sempre com modelos tão antigos como os HE-111, e um grande número de aviadores não regressou daquelas missões. Os valorosos pilotos alemães não falharam; faltavam modernos caças a jato, fabricados em série demasiadamente tarde ou destruídos pelo inimigo nos campos.

A noite de Natal não se apresentava muito alegre para nós. A artilharia americana continuava atirando sem cessar; a qualquer momento o inimigo poderia desencadear um ataque e muito provavelmente seria bem sucedido. Além disso, tínhamos outras preocupações: o suprimento de víveres da nossa Brigada continuava deficiente e não tínhamos ainda recebido roupa de inverno suficiente.

Meu jovem oficial ajudante saíra à procura de uma árvore de natal. Regressou com a copa de um abeto de dez metros de altura, na qual colocou uma solitária vela comum. O hamburguense Smutje, ex-marinheiro da companhia de comandos, por sua vez, trabalhava diligentemente na cozinha. Com o próprio sebo da vaca transformou seu duro acém num aceitável assado. A seguir, para grande surpresa nossa, colocou sobre a mesa uma garrafa de vinho, presenteada pelo pároco de Engelsdorf. A julgar pela sua qualidade, tratava-se, com toda a certeza, do vinho de missa do sacerdote. Por alguns momentos esquecemos a dura realidade; mas o barulho das explosões e o impacto dos estilhaços contra o madeiramento que protegia as janelas fizeram com que não demorássemos em nossa comemoração. No dia de Natal visitei von Fölkersam em seu posto de

comando, situado numa casa de campo. Como sempre o fazia, instalava-o bem à frente, a apenas 300 metros da linha de contato. Durante o nosso trajeto tivemos que "beijar" várias vezes o terreno. Para a artilharia inimiga não havia dias de festa.

Ao clarear o dia, uma unidade regressava de sua missão noturna trazendo quatro prisioneiros americanos, que faziam parte de uma patrulha de reconhecimento. Os americanos levavam consigo rádios portáteis — walky-talky — e um dos nossos homens, que falava correntemente o inglês, estabeleceu contato com o inimigo, mantendo-o durante várias horas. Finalmente, a patrulha recebeu ordem de regressar. O suposto sargento americano despedira-se de seus camaradas dizendo:

"I go now to Germany."

Von Fölkersam ofereceu-nos uma agradável surpresa: juntamente com o café serviram-nos um excelente pedaço de bolo. O famoso ex-comandante da companhia de carros de combate de um batalhão, encontrando-se no momento sem carros e, em consequência, sem ocupação, revelou-se um estupendo confeiteiro.

A 28 de dezembro de 1944 fomos substituídos por uma Divisão de Infantaria que se encarregou de proteger os flancos do I Corpo de Exército Blindado SS. O temido ataque inimigo não fora desencadeado. Talvez tenhamos conseguido iludir o inimigo sobre o verdadeiro valor das nossas forças. A Brigada foi transferida para um campo de repouso em Schlierbach, a leste de St. Vith., e não demorou para que fosse dissolvida.

Naqueles dias chegou-nos uma ordem circular muito curiosa: devia ser investigado imediatamente, em todas as unidades, um suposto fuzilamento de prisioneiros de guerra americanos. O resultado de tais investigações devia ser informado dentro de um determinado prazo. A ordem baseava-se numa notícia divulgada pela emissora de propaganda de Calais, afirmando que a 17 de dezembro vários soldados americanos tinham sido fuzilados próximo ao cruzamento de estradas existentes a sudeste de Malmedy. A 150ª Brigada informou negativamente, sem se preocupar demasiadamente com a notícia, pois conhecíamos muito bem os métodos da propaganda inimiga. Considerávamos impossível que tropas alemãs cometessem um ato de tal natureza. Um oficial alemão jamais permitiria semelhante barbaridade e um soldado alemão, nem em sonho, pensaria num crime tão hediondo.

CAPÍTULO XXVII

Budapeste cercada — Suprimento através das linhas inimigas — Ações arriscadas — Informe ao Führer — O crachá da Folha de Honra — Apesar de tudo, voluntários — Fölkersam num posto perdido — Desaparecido? — Na retaguarda das linhas inimigas.

As comunicações com Friedenthal não foram interrompidas por um momento sequer. Recebia as informações através do teletipo ou do rádio, podendo também transmitir minhas ordens. Karl Radl, que ficou em Berlim substituindo-me, não me importunava com detalhes de assuntos sem importância. Depositava nele inteira confiança. Há meses fora estabelecido com as unidades especiais da Marinha de Guerra, KdK (Kleinkampfverbände der-Kriegsmarine), que todas as operações especiais a serem realizadas no mar estariam sob a responsabilidade do Almirante Heye. As ações previstas para o interior, isto é, em rios e lagos, caberiam às minhas unidades de caçadores, que já no outono de 1944 constituíam a unidade fluvial Danúbio. Antigos e experimentados navegantes do Danúbio, do serviço de defesa externa, tinham sido incluídos nesta unidade, que levara a efeito várias ações no Danúbio, conhecidas pelo nome genérico de operação Truta.

Utilizando-se homens-rãs, minas flutuantes e barcaças carregadas de explosivos, eram realizadas operações de sabotagem contra a navegação desse rio, quando ficou sob o controle soviético. Se não me falha a memória, durante aqueles meses foram afundados navios mercantes num total de 30.000 toneladas, principalmente petroleiros.

Nas primeiras semanas de dezembro, pouco antes do meu deslocamento para a frente Oeste, o Estado-Maior da Wehrmacht consultara minhas unidades de caçadores sobre a possibilidade de abastecer, por via fluvial, a cidade de Budapeste. A guarnição sitiada travava uma luta desesperadora há várias semanas. O suprimento que estava sendo feito por via aérea não era suficiente. Havia urgência no envio de medicamentos e de munição.

Um dos motivos pelos quais acolhi com carinho esta nova missão foi devido ao fato de o comandante da 8ª Divisão de Cavalaria SS Florian Geyer, a tropa que constituía a guarnição de Budapeste, ser meu velho amigo e antigo chefe na frente Leste, Jochen Rumohr, agora General-de-Brigada. A empresa significava cruzar duas vezes a frente russa e foi confiada a um dos cargueiros mais rápidos e modernos do Danúbio. A tripulação do barco, constituída de oito homens, estava representada por antigos e experientes pilotos e capitães de navio; queriam enganar os russos em "seu" rio. No último minuto apresentou-se uma dificuldade com a qual ninguém contava. A importante via de navegação fluvial do Danúbio também tinha sido minada acima de Budapeste. Por este motivo, o barco deveria navegar por um perigoso caminho, através das barreiras de minas alemãs ou por braços do rio.

A carga, constituída de quinhentas toneladas, foi preparada cuidadosamente e colocada no barco. Escolheu-se como data para a missão a noite de São Silvestre de 1944. A frente de combate, entretanto, tinha avançado até Komorn, onde deveria ser cruzada pela primeira vez.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, a operação foi levada a efeito com êxito. Uma curta mensagem, via rádio, comunicou ao Batalhão de Caçadores Sudeste a notícia da chegada do barco. No fim de dois dias chegou mais uma mensagem dizendo: "Encalhamos num banco de areia a 17 quilômetros de Budapeste. Tentaremos a descarga com o auxílio de uma barcaça."

Um membro da tripulação conseguira atravessar as linhas inimigas com um bote e chegar a Budapeste, onde conseguiu uma barcaça a motor. Regressou com ela pelo mesmo caminho e realizou várias viagens à cidade cercada transportando a parte mais importante da carga. Finalmente, chegou a última mensagem:

"Abandonaremos o barco e tentaremos chegar à cidade para nos unirmos a nossos companheiros."

Uma semana depois, aproximadamente, o Batalhão de Caçadores Sudeste enviou uma patrulha de dez homens para verificar o que acontecera com o barco. Encontraram-no onde fora assinalado e, coisa curiosa, não ocupado pelos russos. Os habitantes das localidades ribeirinhas saquearam os víveres que estavam a bordo. Ao que parece, a tripulação abandonara o barco voluntariamente e em ordem.

Nenhum dos membros da tripulação, entretanto, regressou à fortaleza de Budapeste, de modo que ninguém pôde informar com exatidão acerca dos acontecimentos daqueles dias. Oito soldados realizaram o sacrifício supremo oferecendo a vida para ajudar os seus camaradas. Durante a última e desesperada tentativa de evasão, depois do fracasso do rompimento do cerco, o meu amigo General das SS Jochen Rumohr foi ferido e suicidou-se para não cair prisioneiro em mãos russas. Das dezenas de milhares de soldados alemães sitiados em Budapeste, apenas 170 conseguiram chegar completamente extenuados às linhas germânicas.

Naquele 31 de dezembro recebi ordem para me apresentar no Quartel-General do Führer, que se encontrava então no Oeste, em Ziegenhain, a fim de apresentar um relatório sobre as atividades das minhas unidades. O QGF estava instalado nuns galpões dentro de um bosque, nas fraldas de uma montanha. Fiquei surpreendido ao constatar que o estado de ânimo dos oficiais com os quais me entrevistei não era tão pessimista como seria do esperar após o fracasso da última ofensiva.

Pouco antes do meio-dia fui levado à presença de Adolf Hitler, que me recebeu numa pequena saleta. Ao ver a bandagem que envolvia minha cabeça, interessou-se imediatamente pelo meu ferimento mandando chamar seu médico particular, Dr. Stumpfecker. Hitler desejava saber sem demora a opinião do médico a respeito do meu caso. Quando o Dr. Stumpfecker retirou a atadura e viu o ferimento com muito pus, admoestou-me severamente por ter deixado o hospital. Agora, a ferida apresentava um aspecto bastante grave e o olho estava em perigo. Mas, finalmente, consegui convencê-lo de que minha constituição física era muito forte, resultando com isso sua decisão de tentar uma cura "cavalar". Durante várias horas estive deitado sobre a mesa de operação. O ferimento foi aberto e exposto aos raios de luz de uma lâmpada vermelha. Deram-me uma grande quantidade de injeções para atacar a infecção e evitar a formação de novo pus. Aquela intervenção não foi nada agradável, mas serviu para salvar meu olho. O Dr. Stumpfecker, com sua peculiar sinceridade, não me assegurou nada:

"Não sei se as injeções produzirão o efeito desejado — disse-me. Os próximos dois meses serão decisivos. Se neste espaço de tempo notar um enfraquecimento da visão do olho direito, é sinal de que o nervo ótico foi atingido e, em consequência, o olho não poderá ser salvo."

Foi uma verdadeira sorte, pois nos dois meses seguintes não tive tempo para me preocupar com o ferimento.

À tarde devia apresentar-me novamente a Hitler. Não podia comunicar-lhe coisas muito agradáveis: a missão da qual me encarregara não fora levada a cabo e era demasiado cedo para conhecer os resultados da divulgação dos boatos na retaguarda inimiga. Apesar de tudo, Adolf Hitler parecia estar satisfeito com a nossa atuação, pois concedeu aos três comandantes e a mim o crachá da Folha de Honra do Exército alemão.

Durante esta entrevista, que durou aproximadamente meia hora, tive oportunidade de observar Hitler detidamente. Aquele homem devia possuir um enorme domínio sobre si próprio, já que não notei nele qualquer sinal de depressão pelo fracasso da ofensiva das Ardenas, na qual foram depositadas tantas esperanças.

"Vamos lançar uma ofensiva de grande vulto no Sudeste" — disse ele quando nos despedimos.

Seu pensamento estava novamente na frente Leste. Confesso que não compreendi sua atitude. "Enganava a si próprio, ou estava sob a influência das injeções do professor Morell?" Este médico soube conquistar a confiança de Adolf Hitler. Outros médicos, tais como o Dr. Rudolf Brandt e o Dr. Hasselbach, estavam preocupados há muito tempo com o estado de saúde do Führer. O Dr. Brandt me contou que Morell tratava Hitler com medicamentos estimulantes, que a longo prazo deveriam ter um efeito nocivo. Por acaso o Dr. Brandt descobriu que Adolf Hitler tomava há algum tempo grandes quantidades de um preparado contra doenças gástricas. Brandt mandou analisar aquelas pílulas, aparentemente inócuas, e constatou que continham certa quantidade de arsênico. Por menor que fosse a quantidade ingerida, com o tempo, seus efeitos sobre o organismo de Hitler seriam desastrosos. Brandt deu o alarme; mas Morell saiu vencedor.

Naquela oportunidade foi a última vez que mantive uma conversa mais prolongada com Hitler. Tanto ele como seus colaboradores mais íntimos deviam saber que na ocasião tinham lançado o último trunfo militar no Oeste. Teria sido a ameaça do plano Morgenthau e da unconditional surrender que os fazia continuar desesperadamente a luta e repelir qualquer possibilidade de um entendimento político? Ou podiam realmente ser esperadas novas armas decisivas? O Quartel-General dispunha de um adequado e eficiente sistema de informações? Só Adolf Hitler poderia responder a todas estas perguntas. Apesar da minha preocupação, saí da sala

com renovado otimismo. A personalidade de Hitler sempre exercera sobre mim uma poderosa influência. Seria isso devido a seu enorme poder de sugestão, do qual eu não podia furtar-me? Não sei. A única coisa que sabia com certeza era que continuaria cumprindo com meu dever de alemão e de soldado com todo o entusiasmo e de coração.

O Marechal-de-Campo Keitel, que me saudou no cassino, na qualidade de anfitrião, estava muito sério. Recusei um convite para passar o Ano Novo no Quartel-General do Führer. Deixei-o à tardinha e ouvi o badalar dos sinos à meia-noite em Colônia. Pela manhã estava novamente com minha Brigada.

Nos primeiros dias de janeiro, quando a 150ª Brigada Blindada foi dissolvida, a maior parte dos voluntários permaneceu nas unidades de caçadores. Uma característica do estado de ânimo que naqueles dias imperava no seio do Exército alemão era o fato de que se apresentavam para ações especiais mais voluntários do que a capacidade das unidades para acolhê-los. Em novembro de 1944 recebi do comando das Waffen-SS autorização para recrutar voluntários em todas as unidades de reserva e estados-maiores das Waffen-SS de todo o país. Enviamos uma simples circular aos referidos órgãos. O resultado foi surpreendente: de 70 a 90 por cento dos homens capazes apresentaram-se voluntariamente para servir nas minhas unidades especiais. Quando, inclusive, 95 por cento do estado-maior da principal seção das Waffen-SS quiseram ficar à minha disposição, Himmler proibiu o recrutamento de voluntários. Fiquei sabendo que o chefe daquela seção tinha dito:

"Se isso continuar assim, posso dissolver todas as Waffen-SS, a favor das unidades de Skorzeny."

Concederam-me os voluntários suficientes para recompletar o Batalhão de Caçadores Centro e o 600º Batalhão de Paraquedistas. Era apenas isto que eu desejava.

Em princípios do ano de 1945, os oficiais do meu estado-maior e eu compreendíamos perfeitamente que iniciara a última fase da guerra. O êxito da grande ofensiva russa de princípio de janeiro, ao longo do Vístula, permitia ver com toda clareza que a decisão se aproximava com mais rapidez do Leste que do Oeste. Por isso mesmo, as decisões do Alto Comando alemão demonstravam que se queria utilizar o resto das forças alemãs principalmente no Leste.

Há vários meses von Fölkersam suplicava-me para ser designado comandante do Batalhão de Caçadores Leste. Eu estava convencido de não encontrar melhor comandante para a luta no Leste. Contudo, eu me negava a atender seu pedido, por não desejar abrir mão de tão valioso colaborador. Mas, após ter sido transferido para nossa unidade um major da Divisão Brandenburg, vi que existia um bom substituto para von Fölkersam nas funções de meu chefe de estado-maior, e então finalmente aquiesci em atendê-lo. Von Fölkersam assumiu o comando do Batalhão de Caçadores Leste a 18 de janeiro de 1945 em Hohensalza, na região de Warte. As divisões russas já se encontravam muito perto daquela cidade. Von Fölkersam recebeu a missão de defender a cidade com seu Batalhão, a todo custo. Pouco depois Hohensalza estava sitiada pelos russos.

Através de mensagens-rádio podia acompanhar com exatidão as vicissitudes da luta de um pugilo de bravos contra forças infinitamente superiores. Sabia que não tinham qualquer esperança. Von Fölkersam, de sua parte, era um homem demasiadamente consciente para ter vãs ilusões. Não pude atender a nenhum dos seus pedidos de reforços. A única coisa que pude fazer foi enviar-lhe alguns caminhões carregados de munições, que chegaram ao destino por verdadeiro milagre.

A única ligação que von Fölkersam tinha era com meu posto de comando. A 21 de janeiro (lembro que era domingo), recebi pelo rádio a seguinte mensagem:

"Situação insustentável. Preparo retraimento?"

Naturalmente assumi a responsabilidade por aquela ordem, pois o Corpo de Exército, a quem competia dá-la, tinha deixado de existir.

Determinei que à noite fosse tentado o retraimento.

Muito poucas vezes fiquei chocado com uma notícia como a que recebi naquela mesma tarde, através do rádio. Estava assinada pelo Major Heinz e dizia:

"Von Fölkersam gravemente ferido no decurso de uma operação de reconhecimento sob seu próprio comando. Um tiro na cabeça. Assumi o comando do Batalhão e tentarei o retraimento esta noite."

A todos os oficiais aconteceu o mesmo que a mim: não podíamos compreender a terrível notícia. O nome de von Fölkersam estava demasiadamente ligado às unidades de caçadores. De todo o Batalhão só regressaram a Friedenthal dois oficiais e treze soldados. As dificuldades de uma marcha de várias semanas através de território inimigo, a travessia a

nado de rios gelados e a falta de alimentos converteram-nos em verdadeiras ruínas humanas. Contudo, graças aos cuidados do médico do nosso estado-maior, conseguiram recuperar-se. Deram-nos as últimas notícias sobre o desenrolar dos acontecimentos em Hohensalza. A tentativa noturna de retraimento foi levada a cabo por meio de dois grupamentos empregados para romper o cerco. Von Fölkersam, semi-inconsciente e desesperado de dor devido ao ferimento, foi colocado numa viatura, mas esta se perdeu por ocasião da fuga e não mais apareceu. O grosso da tropa foi atacado por forças russas durante a noite seguinte. Ignoramos a sorte que tiveram. A maioria dos homens daquele Batalhão teve seus nomes incluídos numa longa lista encabeçada pela palavra "desaparecidos". Desde então, surgia frequentemente em nossas conversas o nome de von Fölkersam. Ter-se-ia salvo? Estaria prisioneiro na Rússia? Jamais encontramos resposta a estas perguntas.

O rápido agravamento da situação na frente Leste trouxe como consequência um aumento de oportunidades para ações de comandos atrás das linhas inimigas. Agora podiam ser realizadas com mais probabilidades de êxito, porque aos russos era impossível ocupar e pacificar rigorosamente os enormes territórios conquistados. Chegavam muitas notícias confirmando esta opinião. Os russos só pensavam em avançar, sem se preocuparem com o que deixavam para trás. As linhas telefônicas alemãs permaneceram intactas durante várias semanas. Podia-se falar de território alemão com localidades situadas na retaguarda das linhas inimigas. Segundo me contaram pessoas dignas de crédito, uma empresa alemã de Litzmannstadt, a antiga Lodz polaca, chamou seu escritório de Berlim para perguntar se podiam continuar o trabalho. Ao que parece, os russos passaram ao largo da cidade sem instalar qualquer espécie de administração civil.

Era evidente que deviam ser atacadas, de preferência, as vias de suprimento russas, isto é, ferrovias, pontes e estradas. Ao mesmo tempo podiam ser colhidas importantes informações sobre os movimentos do inimigo e das condições existentes em sua retaguarda. Considerando que a seção Exércitos Estrangeiros do Leste do OKH também planejava uma série de ações da mesma natureza, procuramos estabelecer um contato para acerto de medidas. Voltei a encontrar o General Krebs como Chefe do estado-maior do General Guderian. Krebs apresentou-me ao General Gehlen, o verdadeiro encarregado do assunto.

O Tenente Girg, que tinha cumprido várias missões do mesmo tipo na Romênia, devia infiltrar-se agora em território inimigo com um destacamento que partiria da Prússia Oriental, região do antigo Governo Geral. Levou consigo doze soldados alemães e vinte e quatro russos. A situação, entretanto, evoluiu com maior rapidez do que o tempo necessário para iniciar o deslocamento. A Prússia Oriental foi perdida. Girg completou a organização de seu destacamento ao sul de Dantzig e atravessou as linhas inimigas com a ajuda do estado-maior do Corpo de Exército que ali operava.

Durante vários dias, Girg manteve-se em ligação conosco por meio do rádio, mas subitamente cessaram as suas chamadas e por um espaço de várias semanas estivemos sem notícias, o que nos fez pensar que o destacamento estivesse perdido. Mas, em meados de fevereiro, ficamos sabendo que se encontrava na sitiada fortaleza de Kolberg, na Pomerânia. Girg tinha regressado sofrendo apenas três baixas. Inicialmente, foi considerado pelo comandante como um espião russo, mas após ter-se comunicado comigo, o comandante cientificou-se de sua identidade e da missão que o Tenente Girg estava cumprindo.

Naquele setor da frente aconteceu um fato simbólico: durante vários dias ficou aberta uma estreita passagem na fortaleza de Kolberg, defendida pela Divisão SS francesa Charlemagne. Os franceses mantinham aquele caminho aberto para os fugitivos alemães, mulheres e crianças, ao mesmo tempo em que os soldados alemães de Seydlitz, ombro a ombro com os russos, tratavam de impedir aquela evacuação.

O relato das aventuras de Girg, durante a sua marcha de 700 quilômetros pela retaguarda das posições russas, levaria muito tempo. Em certa ocasião conseguiu salvar-se fazendo sua tropa passar-se por uma unidade especial romena. O radiotelegrafista afogou-se quando caiu com um caminhão sob o gelo do Vístula e foi enterrado num cemitério próximo com honras militares, como se fosse um tenente romeno. Noutra ocasião foram reconhecidos e tiveram que lutar para viver. Os russos que tomaram parte nesta missão portaram-se magnificamente; nas situações mais perigosas permaneceram lealmente ao lado de Girg. A astúcia e a presença de espírito desses russos contribuíram para resolver muitas situações críticas. Foi incrível a alegria que sentiram quando lhes dei de presente um relógio de pulso. As condições em que viviam os alemães das zonas

ocupadas pelos russos eram terríveis. Contudo, Girg informou que foi ajudado por muitos deles, apesar dos riscos que corriam ao fazê-lo.

Para resumir a despreocupação juvenil com que Girg levava a cabo aquela missão, basta dizer que durante o grande tempo que durou sua missão não se separou por um só momento da sua Cruz de Cavaleiro, que levava sempre oculta debaixo de um lenço em torno do pescoço.

CAPÍTULO XXVIII

30 de janeiro de 1945 — Ordem do Grupo de Exércitos do Vístula — Junto à ponte sobre o Oder — Nova linha defensiva — Comando ativo no combate — O Exército do Leste derrotado — Evacuação do pessoal civil — Trabalhos de fortificação na cabeça-de-ponte — A Divisão Schwedt está pronta — Os russos no balneário Schönfliess — Combates noturnos — O chefe político da região, um desertor — Ataque e contra-ataque — Informe a Himmler— Penetração na cabeça-de-ponte — Himmler otimista — Göring nas posições — Defesa desesperada — Notícia falsa da rádio inglesa — A cabeça-de-ponte se defende com todos os meios — Ordem para regressar a Berlim.

Uma tarde, a 30 de janeiro de 1945, eu estava sentado novamente à minha escrivaninha em Friedenthal. Havia um monte de documentos para despachar, uma tarefa que já não tinha muito sentido. Minha secretária — que no momento me faz muita falta — mal podia acompanhar o ritmo do trabalho, passando a limpo aquilo que eu ditava. O que mais me aborrecia era fazer novamente um informe que na opinião de Schellenberg fora redigido com demasiada franqueza. Ainda hoje nego-me a crer que tenha sido um erro dizer a verdade claramente nos informes, muito embora seja certo que existiam comandantes que não gostavam de ouvir a verdade. A seguir, recebi meu IA e o IB responsável pelo suprimento, a quem dei ordem para que o material referente à cota de fevereiro — equipamento, armamento, munição e gasolina — fosse repartido entre as unidades de

caçadores com a máxima equidade. Nem sempre podíamos atender aos justificados pedidos dos comandantes. O cobertor com o qual nos cobríamos era cada vez mais curto.

A seguir, recebi uma comunicação telefônica do Quartel-General de Himmler, que acabava de ser nomeado Comandante do Grupo de Exércitos do Vístula, determinando que eu cumprisse a seguinte ordem:

"As unidades de caçadores deviam pôr-se em marcha naquele mesmo dia até Schwedt, junto ao Oder, e estabelecer uma cabeça-de-ponte a leste do rio, que devia ser suficientemente ampla para permitir que fosse lançada por ela uma grande ofensiva naquele setor. Durante o seu avanço as unidades de caçadores deviam libertar a cidade de Freienwalde, ocupada pelos russos." A extravagância desta ordem fez com que eu não a esquecesse, e posso garantir que está transcrita ao pé da letra, inclusive a sua última frase. Continuo sem conceber como o Grupo de Exércitos do Vístula (leia-se Himmler) pôde imaginar que uma cidade fosse libertada com uma parada militar. Meus oficiais e eu nos olhamos espantados. Aquilo significava uma precipitada entrada em ação. As ordens de alerta ao Batalhão de Caçadores Centro, ao 600º Batalhão de Paraquedistas, que se encontrava em Neutrelitz, e ao Batalhão de Caçadores Nordeste, que possuía apenas uma companhia, foram dadas imediatamente. Convoquei todos os comandantes para uma reunião às 21 horas; naquele momento eram 17 horas.

Em seguida chamei meu oficial de informações. Com base nas cartas de situação, tentamos estabelecer o traçado da linha de contato. Era impossível. Só dispúnhamos de informes concretos sobre alguns pontos isolados, o que não servia para nada, nem sequer como ponto de referência. Procuramos, mediante várias chamadas telefônicas, obter do Quartel-General do Führer dados concretos sobre a situação do setor do Oder. Não pudemos nem ficar sabendo a verdadeira situação de Freienwalde, se estava ou não realmente ocupada pelo inimigo. Decidimos, por isto, dar prioridade à tarefa mais importante: estabelecer a cabeça-de-ponte... se é que ainda era possível, pois não tínhamos qualquer informação a respeito de Schwedt. Assim sendo, nosso deslocamento para esta região devia abranger uma missão de reconhecimento.

Surgiu outro grave problema: como seria feito o deslocamento? Muitas das nossas viaturas, avariadas no decurso das últimas ações, estavam sendo reparadas. A primeira coisa a fazer era acionar rapidamente os oficiais

responsáveis pelos transportes. O parque móvel mais próximo declarou-se disposto a trabalhar naquela noite e durante o dia seguinte, além de nos emprestar algumas viaturas.

No estado-maior reinava uma atividade febril. Não havia necessidade de muitas ordens, todos sabiam quais as suas obrigações. Acompanhado pelo meu IA, o Capitão Hunke, revisamos as medidas tomadas para a marcha e para o reconhecimento. Julgamos que poderíamos iniciar o deslocamento, se tudo corresse bem, às cinco horas da manhã seguinte. Não podíamos fazer milagres.

Devia resolver também alguns assuntos relativos ao trabalho da seção D, pois era muito provável que os próximos dias na frente de combate fossem muito atribulados e não permitissem tempo para qualquer outra atividade. O comandante L., meu representante na seção Mil D, apresentou-se a mim algo melancólico: parecia não ter gostado da ideia de que seu comandante tivesse que empreender outra ação. Estava acostumado a comentar comigo todas as questões importantes e nossas relações jamais sofreram o menor arranhão. Na medida do possível, planejávamos adiantadamente. Enquanto isso a frente de combate não estava muito distante, pois em poucas horas podia ser alcançada de viatura. A ideia de que a frente se encontrava a uns 60 quilômetros, em linha reta, da Capital do Reich era algo que nos custava a crer. Contudo, era necessário que nos acostumássemos a ela.

Depois de ter realizado as tarefas mais importantes, saí para dar um rápido passeio. O ar livre aclara as ideias e eu precisava ter a mente desanuviada. Assobiei para chamar meu cachorro, um pastor chamado Lux, que tinha permanecido a meus pés durante todo o tempo em que estivera trabalhando, e saímos do aquartelamento. O Batalhão de Caçadores Centro estava preparando-se para a marcha. As companhias acabavam de receber munições e víveres para seis dias. Os soldados riam quando viam guloseimas. O oficial de armamento estava inspecionando as armas pesadas. Sabia que estavam limpíssimas, mas todas as precauções são poucas quando se vai entrar em ação...

O pessoal que constituía o destacamento de reconhecimento já estava embarcado nas viaturas. Felizmente, dispúnhamos de vários veículos blindados de reconhecimento que tínhamos trazido de casa. Lux permanecia imóvel a meu lado, observando com um olhar de quem estava entendendo tudo o que estava acontecendo.

O moral da tropa era excelente. Os soldados contavam piadas e riam, o que é sempre um bom sintoma. Ao passar diante do seus alojamentos, pensei involuntariamente nos muitos que não tornariam a pisá-los... Mas fazia tudo para não deixar transparecer semelhantes pensamentos.

Sentia uma alegria toda especial quando encontrava algum "velho" companheiro do Gran Sasso. Agora eram todos subtenentes ou sargentos e me cumprimentavam de um modo especial, fazendo recordar nosso antigo companheirismo. A notícia de que íamos para a frente Leste correra como um rastilho de pólvora e se espalhara por todos os alojamentos. Nosso velho grito de guerra, "fácil para nós", corria de boca em boca. Devia levar aqueles homens para o mais duro combate, mas sabia que podia confiar neles.

Quando regressei, fui chamado ao telefone no posto de comando de uma companhia. Era um telefonema do Grupo de Exércitos do Vístula. Ficaram muito surpreendidos quando informei ainda não ter iniciado a marcha.

— Já informamos ao Quartel-General do Führer — disse a voz através do fone — que sua tropa já estava a caminho.

— Vocês então deram um informe falso — repliquei enfurecido.

A voz disse:

— Repito-lhe a ordem do Grupo de Exércitos: você deve pôr-se em marcha imediatamente.

Ouvi uma batida seca do fone do outro lado do fio; tinham desligado. Esta "brincadeira" repetiu-se várias vezes durante a noite. Os motivos por mim alegados, entre os quais de ainda não dispor de todas as viaturas necessárias, não eram levados em consideração. Finalmente, informei ao Grupo de Exércitos ter previsto a saída para as cinco horas. Prudentemente deixei de falar da minha intenção de não me preocupar com qualquer outra coisa que não fosse encaminhar-me diretamente para Schwedt.

Os comandantes atenderam prontamente à minha chamada para o recebimento de ordens. As unidades deveriam estar preparadas para iniciar o movimento na hora prevista. Os homens teriam que se sentar um pouco mais juntos, e as viaturas do serviço de Intendência seguiriam mais tarde. Deveriam informar de hora em hora sobre o andamento dos preparativos. Naquela noite não haveria tempo para dormir. À meia-noite fomos surpreendidos pelos nossos cozinheiros com uma ceia, apesar de estar sendo empacotado e carregado todo o material. Nossas secretárias, que tinham

permanecido acordadas até aquela hora, foram convidadas para cear conosco: uma ceia simples e cordial, desprovida de toda e qualquer formalidade.

Os dois destacamentos de reconhecimento partiram às três horas, de Neustrelitz e de Friedenthal. Caso andassem depressa e não acontecesse algum imprevisto, poderiam chegar às cinco horas em Schwedt. A meio caminho, conforme tínhamos combinado, receberíamos os primeiros informes sobre a situação daquela zona. De acordo com o que fora estabelecido, às quatro horas sairia de Eberswalde um mensageiro motorizado.

Às quatro e trinta o Batalhão de Caçadores Centro estava pronto para iniciar o deslocamento. De Neustrelitz recebemos um informe igual. Para esta missão iam todos aqueles que de um modo ou de outro eram úteis para a guerra. Permaneceram apenas alguns homens para o serviço de guarda ao aquartelamento, velhos soldados romenos de sangue alemão, e o pessoal indispensável do estado-maior. Até as secretárias quiseram acompanhar-nos.

Foi dada a ordem e a coluna se pôs em marcha.

O avanço da tropa era demasiadamente lento para mim. Com um jipe trazido do Oeste adiantei-me à coluna e comecei a ganhar terreno. Mal tinha andado meia hora, encontrei o mensageiro vindo de Schwedt em sua motocicleta: a estrada estava livre. As notícias de que os russos tinham atravessado o Oder eram, ao que parecia, simples rumores. Isto, entretanto, não chegava a surpreender, pois o boato surge de maneira fácil em situações críticas. Incompreensível era o fato de o Grupo de Exércitos do Vístula não ter capacidade para comprovar a veracidade daquelas notícias.

Cheguei a Schwedt um pouco antes das sete horas; os destacamentos de reconhecimento estavam aguardando-me nas proximidades da ponte sobre o Oder. Dei-lhes ordem para realizar um reconhecimento no outro lado do rio até Konigsberg. Desta forma saberia também da situação reinante na zona neutra que se estendia diante da minha cabeça-de-ponte. Depois visitei o comandante da guarnição de Schwedt, que sofria muito devido a ser um mutilado de guerra. Disse-me, em confiança, que para suportar as terríveis dores em sua perna amputada via-se obrigado a tomar injeções de morfina de vez em quando.

Com uma chamada telefônica ao Grupo de Exércitos foi esclarecido rapidamente tudo que dizia respeito às minhas atribuições. Um tenente-

coronel recebeu ordem para se deslocar juntamente com um pequeno estado-maior, a primeiro de fevereiro, em direção a Schwedt. Estavam ali, agora, à minha disposição três batalhões de reservistas e um batalhão de sapadores. Mas quando recebi informes sobre o seu estado de preparação, vi que não podia ganhar guerra alguma com aquela gente. Eram na grande maioria velhos e enfermos; os bons soldados tinham sido enviados à frente de combate há muito tempo.

Antes que chegassem esses batalhões, resolvi fazer uma inspeção rápida na cabeça-de-ponte. Paralelamente ao rio corria o canal do Oder e sobre ambos estendia-se uma ponte de quase um quilômetro de comprimento. Entre o rio e o canal havia uma faixa de terreno que formava um dique contra as inundações. O rio estava gelado, pois tinha uma espessa capa de gelo. Isto poderia significar um perigo muito grande para nós em caso de um avanço das tropas russas. Destruir aquela capa de gelo foi a primeira missão que mentalmente dei ao batalhão de sapadores, que estava sob o comando de um capitão da reserva de idade um pouco avançada, mas muito dinâmico e que me causara uma impressão bastante agradável. Depois poderiam ser solicitados quebra-gelos a Stettin, a fim de deixar o rio livre até muito além de Schwedt. Ocorreu-me também a ideia de abrir algumas comportas para inundar a faixa de terreno existente entre o rio e o canal. Isto seria uma proteção, evitando que o inimigo tentasse uma travessia e nos surpreendesse. A seguir, percorri lentamente em minha viatura a estrada que conduzia a Konigsberg. Encontrei um sem-número de fugitivos, a pé ou embarcados em viaturas carregadas de utensílios domésticos. Não quis perguntar de onde vinham; era um espetáculo doloroso. Entre esses fugitivos encontravam-se também alguns soldados. Iam em pequenos grupos, esgotados e alguns sem armas; soldados de um exército derrotado. Por um motivo ou outro tinham perdido o contato com suas unidades e agora procuravam o caminho que os conduzisse ao Oeste. Em Konigsberg contemplei o mesmo quadro. As ruas estavam cheias de fugitivos e de soldados extraviados. Os dois destacamentos de reconhecimento ocuparam posições nas ruas de saída que demandavam o Leste. Determinei que orientassem todos os fugitivos, paisanos e militares, para Schwedt, utilizando o caminho mais curto. Em seguida, inspecionei mais detalhadamente a pequena localidade de Nieder-Krönig, situada na margem oriental do Oder. Ali seria instalado meu posto de comando. Quando por ocasião do meu regresso, ao cruzar a ponte, aconteceu algo agradável. Um

grupo de 25 cavalarianos, montando cavalos relativamente bem cuidados e sob o comando de um oficiai, aproximava-se ao trote. Ao me ver, o tenente separou-se dos seus homens e parou junto à minha viatura, dizendo:

— O Tenente W., do 8º Regimento de Cavalaria, apresenta-se com os remanescente de seu pelotão.

E em tom menos protocolar acrescentou:

— Meu tenente-coronel, o senhor tem alguma função para mim?

É claro que tinha. Necessitava de todos os homens que pudesse dispor. Em consequência, respondi:

— Apresente-se no quartel com seus homens; durmam o suficiente. Amanhã pela manhã voltem a se apresentar a mim.

Ao regressar ao aquartelamento, meu primeiro plano já estava traçado. Precisava estabelecer um serviço de recuperação de pessoal que ficasse encarregado de reunir todos os soldados extraviados. Com eles completaria os batalhões de reservistas, convertendo-os em unidades aptas para o combate... se as divisões russas, obviamente, nos dessem tempo.

O serviço de patrulha deixei a cargo de um grupo de 180 cadetes que realizavam um curso no próprio quartel. Sua missão era ajudar, fazendo o que fosse possível, a evacuação da população civil para o Oeste e reunir todos os soldados dispersos e extraviados a fim de conduzi-los ao aquartelamento. Durante os dias seguintes, dia e noite, cumpriram esta determinação com todo o zelo. O resultado foi impressionante. No fim de alguns dias o espaçoso quartel converteu-se numa verdadeira colmeia e os quatro batalhões estavam com seus efetivos completos.

À tarde mantive uma longa conversa com o comandante dos sapadores. Com grossos traços fixamos na carta os limites da nossa cabeça-de-ponte. Como linha defensiva queríamos formar um semicírculo de aproximadamente seis quilômetros de raio, aproveitando as ondulações do terreno, muito apropriado para uma posição defensiva. Contudo, era preciso construir fortificações a toda pressa; inicialmente deviam ser organizadas as posições mais avançadas da cabeça-de-ponte. Depois, uma segunda linha de defesa, mais à retaguarda. Para os trabalhos de escavação solicitamos o apoio de um regimento de serviços, que chegou no dia seguinte. A população masculina da cidade e dos arredores foi convocada para auxiliar nos trabalhos de fortificação e foi orientada pelos excelentes graduados do batalhão de sapadores. Fizemos grande uso de carroças encontradas na área.

0 600º Batalhão de Paraquedistas foi enviado a Konigsberg com a missão de estabelecer, a leste da cidade, postos avançados, com a finalidade de organizar uma primeira linha de contenção do avanço inimigo. O Batalhão Volkssturm (tropa organizada à base de rapazes de 15 a 17 anos e de anciãos armados) de Konigsberg, sob o comando do chefe político do NSDAP da cidade, passou a integrar o Batalhão de Paraquedistas. O Batalhão de Caçadores Centro ocupou as posições mais à retaguarda, a fim de tamponar as possíveis brechas no caso de uma ruptura; a pequena cabeça-de-ponte devia ser mantida a todo custo.

No decorrer dos dias seguintes trabalhou-se febrilmente nas obras de fortificações. Os elementos civis não poupavam esforços para ajudar no que podiam. Sabiam estar defendendo sua querida pátria. O professor da escola manejava a pá ao lado do sapateiro, o peão ajudava o funcionário a erguer o tronco de uma árvore. Ali podia observar-se o que nós, idealistas, tínhamos imaginado sob o conceito de comunidade popular. Em poucos dias foi terminado o trabalho principal. Construíram-se espaldões cobertos para metralhadoras e abrigos em todos os locais adequados do terreno. Uma vez escavadas as trincheiras da frente, poderiam ser iniciadas as posições de aprofundamento. A conclusão das obras de organização do terreno ficaria a cargo das tropas que ocupassem as posições. O comandante do batalhão de sapadores dava mostras de uma enorme capacidade de trabalho; era incansável. Frequentemente visitávamos juntos todas as posições.

Através do prefeito, recomendei à população civil de Konigsberg que evacuasse a cidade. As localidades situadas em torno da cabeça-de-ponte também deviam ser evacuadas. Combinara com o prefeito de Schwedt, um dinâmico oficial da reserva, que os civis dessas localidades adjacentes poderiam alojar-se, caso desejassem, em Schwedt. Sabia que essas populações não gostariam de abandonar seus lares, mas isso era uma medida necessária. Permitir a esses civis permanecer no interior do futuro campo de batalha seria um ato de extrema irresponsabilidade.

Inesperadamente chegou a Konigsberg um Batalhão de Volkssturm de Hamburgo, composto quase que exclusivamente de portuários; uma gente maravilhosa. Apesar de se encontrarem longe dos seus lares, demonstravam um grande entusiasmo. Sabia de antemão que não podia esperar grande coisa com a escassa força combativa dos batalhões Volkssturm. Mas naqueles momentos toda pessoa capaz de manejar um fuzil ou uma panzerfaust era de extrema utilidade. O armamento e o equipamento do

batalhão hamburguês eram excelentes; o batalhão Konigsberg, ao contrário, estava pessimamente equipado.

A fim de averiguar a situação e levantar as possibilidades do inimigo, desde o primeiro dia foram enviadas numerosas patrulhas do reconhecimento. Os Batalhões de Caçadores tinham organizado pequenas seções encarregadas exclusivamente daquela missão. A primeiro de fevereiro foi estabelecido contato com o inimigo na região de Bad Schönfliess. As patrulhas atuavam com grande eficiência, sem sofrer sequer uma baixa. A excelente instrução dos nossos soldados revelava a sua eficiência em todos os aspectos.

A 3 de fevereiro, dois batalhões com seus efetivos completos ocuparam as posições fortificadas. Um deles instalou-se no setor norte da cabeça-de-ponte que chegava até o rio e o outro no setor sul, que se estendia também até o Oder. Assim, ficavam cobertos os flancos. Os dois setores centrais deviam ser ocupados pelos meus dois batalhões, pois seriam os mais expostos, conforme eu esperava, no caso de ser realizado um ataque frontal do inimigo procedente de Konigsberg.

Apresentou-se a mim um tenente-coronel da Luftwaffe. Tinha ordens para organizar unidades de combate com todos os soldados da aviação que pudesse arregimentar. No fim de uma semana, apareceu com três companhias. Podia também ceder-me as armas que estavam sobrando nos campos de aviação situados nas adjacências.

O Quartel-General do Führer, em Berlim, enviou a Schwedt uma equipe de rádio a fim de estabelecer uma comunicação direta. Ao que parece era dada uma grande importância àquele setor da frente. Em consequência, podíamos enviar ao Quartel-General do Führer informes fidedignos acerca dos movimentos do inimigo em nossa zona de ação.

Certo dia, por ocasião de um deslocamento que fiz a Konigsberg, passei em frente a um pequeno campo de aviação. Ali presenciei o triste espetáculo da fuga desordenada do pessoal alemão. Numa das extremidades do campo havia alguns aviões ligeiramente avariados e ao redor dos hangares viam-se numerosas armas esparramadas pelo chão. O que mais me causou espécie foi o fato de todos os aparelhos de rádio estarem intactos. De acordo com minhas conclusões, o campo fora abandonado precipitadamente antes de 30 de janeiro. Se a retirada alemã fosse realizada em todos os lugares da frente daquela maneira, não era de estranhar que os russos avançassem com tanta rapidez e que a indústria alemã jamais

pudesse abastecer a tropa com novos equipamentos. À noite, por ocasião do meu regresso a Schwedt, apresentou-se a mim outro tenente-coronel da Luftwaffe. Era o antigo comandante do campo de aviação de Konigsberg. Estava provavelmente arrependido pela sua atitude tão pouco galharda. Expliquei a ele que meus soldados tinham guardado as armas e os equipamentos de rádio em local seguro. Ao perguntar-lhe acerca dos motivos que o tinham impelido a fugir com tanta precipitação, apesar de não existir qualquer perigo iminente, respondeu-me não ter recebido ordens de qualquer natureza, nem pudera estabelecer comunicação com seu comando. Seu superior imediato, um general da aviação, tinha ido embora alguns dias antes, sem deixar qualquer tipo de instrução.

Era evidente que aquele oficial devia comparecer perante um conselho de guerra, por ter faltado com seu dever ou até mesmo por ser um desertor. Mas se, na qualidade de membro da Luftwaffe, fosse condenado por um tribunal das Waffen-SS, isto poderia gerar tensões entre as duas forças da Wehrmacht. Por este motivo telefonei imediatamente ao comandante do setor aéreo, General von Greim, e lhe pedi para enviar um oficial do seu estado-maior para informá-lo sobre o caso.

No dia seguinte, o General von Greim em pessoa veio ao meu encontro. Seu Fieseler Storch aterrissou nas imediações do quartel. Cientificado a respeito, decidiu que o tenente-coronel devia comparecer perante um conselho de guerra da Luftwaffe. Realizado o julgamento, constatou-se que o principal responsável era o general comandante do campo. Consta que mais tarde esse general foi levado às barras de um tribunal do Reich. O tenente-coronel foi condenado à prisão, que devia ser cumprida na frente de combate. Iniciou o cumprimento da pena numa unidade de combate de Schwedt, onde se revelou um oficial muito capacitado e valente. A fuga de seu superior fizera com que perdesse a cabeça.

O caso que acabo de citar e a situação verdadeiramente caótica daquele setor da frente me autorizam a crer que os verdadeiros culpados de tal espécie de anarquia eram alguns comandos superiores que frequentemente atuavam como se fossem irresponsáveis. Há muitos meses tinha defendido, em meu estado-maior, a opinião de que à guerra total correspondia também uma responsabilidade total. A massa de soldados e da população civil tinha o direito de exigir o julgamento público dos verdadeiros culpados pelas grandes e pequenas catástrofes, a despeito do veredicto determinar a perda de prestígio de algum chefe político de uma região, ou de algum general.

Em vez da artilharia solicitada, o Grupo de Exércitos nos mandou três grupos de canhões antiaéreos da Luftwaffe, de calibre 88 e 105. Inicialmente surgiram graves dificuldades de caráter burocrático. Os três grupos antiaéreos procediam de diferentes regimentos e estes, por sua vez, pertenciam a duas divisões distintas. Cada grupo queria agir de acordo com suas ordens próprias. Só após ter mantido uma prolongada conversa com o general comandante do Corpo da Luftwaffe as coisas ficaram esclarecidas e colocadas nos devidos lugares. Decidi dividir as três baterias móveis em unidades de defesa antiaérea e determinei as suas posições na cabeça-de-ponte. Para as demais baterias foram organizadas posições na margem ocidental do Oder, a fim de serem empregadas como artilharia de campanha. Isto requeria uma instrução prévia. Felizmente enviaram-me também um oficial de artilharia procedente da reserva de oficiais do Grupo de Exércitos. Aquele homem — capitão da reserva e escritor de profissão — realizou em poucos dias um trabalho extraordinário. Era incansável na instrução dos observadores e ensinava aos oficiais e soldados os segredos da artilharia de campanha. Prepararam-se os dados de tiro, e quando os russos, oito dias depois, tinham cerrado suas tenazes em torno da cabeça-de-ponte, as baterias antiaéreas prestaram um eficientíssimo apoio de fogo aos nossos soldados que combatiam nesta heróica defensiva.

Certo dia foi nomeado um general para assumir o comando do setor. Ao sul das nossas posições, uma Divisão da Marinha estabelecera uma linha defensiva na margem ocidental do Oder. As tropas que combatiam em Schwedt converteram-se na Divisão Schwedt e as duas Divisões constituiriam agora um Corpo de Exército. O general, cujo nome infelizmente esqueci, designado para assumir o comando das Divisões, agradou-me muitíssimo pela sua sinceridade. Explicou-me que o comando-geral (estado-maior do Corpo) era aparente, pois se constituía de apenas alguns oficiais. Não podia assumir os encargos pelas comunicações, nem pelo apoio logístico. Estes problemas deveriam ficar afetos a nós mesmos. Mostrou-se inteiramente de acordo com o dispositivo que eu tinha adotado e com as determinações fixadas. Seu único desejo era delimitar claramente a zona de ação de cada uma das duas Divisões. O general comandante ficou satisfeito, principalmente, com as medidas de bloqueio que tínhamos adotado em nosso setor. Logo após ter-se despedido de mim, fui obrigado a ir em seu socorro, porquanto as sentinelas não lhe permitiram sair da região de Schwedt, uma vez que não o conheciam. As sentinelas cumpriam, ao pé

da letra, as ordens recebidas: para sair da região, era necessária uma autorização do comandante da área. A medida era válida tanto para soldados como para oficiais.

Minha nova posição de comandante de Divisão fazia pesar sobre os meus ombros uma responsabilidade muito grande. Tinha que me preocupar não apenas com a frente de combate, mas também com a população civil que vivia no âmbito da Divisão. Com respeito a este último aspecto, o prefeito de Schwedt foi para mim um grande colaborador. Reunia-se comigo todas as noites. Graças ao seu apoio, era solucionada a maioria dos problemas apresentados pela existência de uma numerosa população num setor que, sob todos os aspectos, podia ser considerado como primeira linha. Por precaução, determinei a evacuação das mulheres e das crianças porque, de um momento para outro, a cidade poderia converter-se em campo de batalha.

O problema de solução mais difícil era o apoio logístico da tropa. As provisões e o material procediam de Friedenthal. Noite após noite chegavam colunas de caminhões com armas, munições, equipamentos e víveres para a minha Divisão. A munição antiaérea devia ser recebida em Berlim, pois os trens do munições não chegavam onde nós estávamos. Solicitara repetidamente, mas em vão, canhões anticarro. O Grupo de Exércitos não dispunha de nenhum. Meu oficial intendente ficou sabendo por acaso que a uns 50 quilômetros ao sul de Schwedt havia uma fábrica que produzia aquele tipo de canhão. O gerente desta fábrica mostrou-se aborrecido porque há várias semanas o órgão do Exército, encarregado de fazer as compras de armamento, não pedia canhões. O referido órgão talvez tivesse dado a fábrica por perdida, uma vez que esta se encontrava ao alcance dos russos... Quando levamos doze canhões de 75 mm, o gerente agradeceu-nos e com isso resolvemos, em parte, o nosso problema.

Algo parecido aconteceu-nos com um pedido de metralhadoras modelo "42". Não havia modo de encontrá-las. Nosso intendente, possuidor de uma enorme sagacidade, localizou também um grande depósito daquelas armas perto de Frankfurt. Pelo que pude concluir, ali estavam armazenados vários milhares daquelas excelentes metralhadoras. A Divisão Schwedt nunca mais teve problemas com estas armas, e o fato foi comunicado ao Grupo de Exércitos. Não cheguei a ficar sabendo se o restante daquelas armas foi recolhido ou se algumas semanas mais tarde caíram nas mãos dos russos como apreciadas presas de guerra.

No transcorrer daqueles dias recebi, através do Grupo de Exércitos, uma ordem muito curiosa, urgentíssima e secreta: num bosque situado a leste de Bad Schönfliess havia dois caminhões cheios de documentos de grande importância para o Reich. Foram abandonados ali por erro de um funcionário. Aqueles documentos não podiam cair nas mãos dos russos. Os aviões enviados com a missão de destruir os caminhões não puderam localizá-los. A Divisão Schwedt devia realizar imediatamente um reconhecimento no referido bosque e recolher os documentos ou destruí-los.

A fim de esclarecer vários detalhes, formulei algumas perguntas. Fiquei sabendo então que não se tratavam de documentos do Reich, mas de documentos do Partido, procedentes da chancelaria de Bormann. Exigi que participasse da missão o funcionário que podia indicar com exatidão o local onde se encontravam os caminhões. Ademais, queria comprovar previamente os riscos que poderiam advir daquela operação, pois não estava disposto a expor meus homens a um grave perigo pela falha de uma seção do Partido. Necessitava dos meus soldados para lutas mais importantes.

Nossas patrulhas de reconhecimento já não podiam penetrar 60 ou 70 quilômetros em território inimigo como antes. Os russos se aproximavam da cabeça-de-ponte e tinham conquistado Bad Schönfliess. Um pequeno grupo de reconhecimento da nossa Divisão procurou aproximar-se daquela localidade ao amanhecer e foi recebido por intenso fogo, sofrendo uma baixa.

À tarde quis tomar parte pessoalmente numa ação de reconhecimento. Levava na minha viatura blindada um grupo de atiradores que tinham estado comigo na Itália. Meu cão Lux também participava da expedição. Meu IA, Capitão Hunke, ia num jipe com mais quatro soldados. Sem sermos importunados, chegamos até o lugar onde nossa patrulha fora atacada naquela mesma manhã e constatamos que o soldado morto tinha sido cuidadosamente revistado pelos russos.

Desembarcamos das viaturas que mais tarde deviam seguir-nos, e aproximamo-nos cautelosamente da localidade. As primeiras casas surgiram diante dos nossos olhos e, pelo silêncio, pareciam estar vazias. Não demoramos em chegar a uma porta da "amuralhada" cidade medieval. À direita havia uma rua que conduzia à estação. Nela vimos estendidos os cadáveres de dois paisanos que tinham sido fuzilados.

Subitamente vimos um homem espreitando-nos através de uma janela; logo depois saiu à rua demonstrando ar de receio; não ousava crer no que estava vendo: soldados alemães! Muito excitado, contou-nos que os russos estavam na cidade há dois dias. Tinham instalado seu quartel-general junto à estação, em cujas imediações estavam estacionados vários carros de combate. Os russos utilizavam a ferrovia e frequentemente chegavam trens carregados de material e de pessoal.

Decidimos comprovar pessoalmente aqueles informes. Três homens aproximar-se-iam prudentemente da estação, fazendo uma volta pela cidade; outro grupo avançaria pela rua que conduzia diretamente à estação; o restante do pessoal ficaria junto à porta com as duas viaturas para cobri-los.

A espera deste reconhecimento pareceu-me uma eternidade. Lancei um olhar à minha volta e descobri horrorizado, no meio da rua, o cadáver quase desnudo e terrivelmente mutilado de uma mulher. Alguns habitantes da cidade ousaram sair de suas casas e a se aproximar de nós; a maioria dessas pessoas era constituída de mulheres e de crianças, embora houvesse entre elas alguns homens de idade avançada. Pediram que os levássemos conosco. Não podíamos infelizmente atender aos seus pedidos, porque dispúnhamos de apenas duas viaturas. Sugeri, entretanto, que percorressem a pé os pouco quilômetros até Konigsberg; manteríamos a estrada livre durante meia hora. Mas aqueles homens estavam tão desconcertados, que não chegaram a entender minha sugestão. Era evidente terem vivido dias terríveis; a maioria deles acabou por voltar às suas casas.

Finalmente regressaram os grupos de reconhecimento. Constatou-se que junto à estação havia aproximadamente trinta carros de combate. As tropas russas estavam acampadas, provavelmente, ao sul e a leste da cidade. Tinham visto ainda vários cadáveres de paisanos nas ruas e calçadas; porém, não encontraram um só transeunte.

Estas informações eram suficientes. Não podíamos abrir caminho através das tropas russas, em direção ao bosque, para resgatar os importantes "documentos do Reich". Além disso, o mais provável é que os russos já tivessem encontrado os dois caminhões.

Duas mulheres muito jovens, carregando em seus braços os filhos lactentes, suplicavam-nos com lágrimas nos olhos para que as tirássemos dali. Deixamos que sentassem no assoalho de nossa viatura blindada e nos pusemos em marcha. Enquanto avançávamos em direção a Konigsberg,

sentíamos a consciência pesada. Mas o que podíamos fazer para ajudar aos habitantes da cidade ocupada? Quando passamos junto ao cadáver de nosso camarada morto naquela manhã, recolhemos seu corpo, colocando-o em nosso jipe: teria ao menos um enterro digno de um soldado. Quando ouvimos à nossa retaguarda o rugitar dos motores dos carros soviéticos, já estávamos a salvo no interior do bosque.

Todas as noites eram realizadas reuniões das quais participavam todos os comandantes. Era preciso que nos conhecêssemos mutuamente e que os oficiais confiassem no comando. Só assim nossa Divisão, organizada praticamente por acaso, poderia converter-se numa unidade coesa e eficiente. Durante o dia percorria as posições para que os soldados também pudessem conhecer-me.

Agora, o importante era ganhar tempo, antes que se iniciasse a luta pela cabeça-de-ponte. Alguns dias de espera poderiam ser decisivos para nós. Por este motivo decidi ocupar algumas localidades situadas bastante além da cabeça-de-ponte, a fim de contribuir para o retardamento do avanço dos russos. Enviei a Konigsberg, onde esperava que se desse o primeiro choque com o inimigo, uma companhia do 600º Batalhão de Paraquedistas SS, o 1º Batalhão de Reservistas que acabava de ser recompletado e os dois Batalhões Volkssturm. Essa tropa estava sob as ordens do comandante do batalhão vindo do Exército.

Naquela mesma noite os russos atacaram Konigsberg com vários batalhões de infantaria reforçados por uns quarenta carros de combate. A companhia de paraquedistas repeliu aquele primeiro ataque à custa de elevadas perdas. Contudo, às vinte e quatro horas aproximadamente, o inimigo conseguiu penetrar na cidade pelo norte e pelo sul. Travou-se um desesperado combate de casa em casa. As panzerfaust destruíram uma dúzia de carros inimigos. Nossas tropas retraíram ordenadamente. Ao amanhecer conseguiram romper o contato com o inimigo e retrair para o interior da cabeça-de-ponte. Aquela primeira batalha demonstrou a capacidade combativa das unidades recentemente organizadas.

Por ocasião do meu regresso a Schwedt, nas primeiras horas da manhã, fiquei admirado por encontrar em meu posto de comando o comandante do Batalhão de Volkssturm de Konigsberg, que estava à minha espera. Creio já ter dito que o referido comandante era o chefe político regional da NSDAP. Ao me ver, aproximou-se e disse em tom excitado:

— Em Konigsberg tudo está perdido.

Fiquei sabendo que estava ali há várias horas. Simplesmente abandonara seu posto, deixando seus homens sozinhos. Em linguagem castrense, aquilo chamava-se covardia diante do inimigo e deserção. Determinei que o homem fosse preso e comparecesse perante um conselho de guerra da Divisão. O caso era tão evidente, que não podia haver dúvida sobre o resultado do julgamento. O tribunal proferiu a merecida condenação à morte.

O presidente do conselho explicou-me que existia um dispositivo legal segundo o qual os altos chefes do partido só podiam ser julgados por um tribunal do próprio partido. Contudo, chegamos à conclusão de que a pessoa que comparecia peranto o tribunal era o comandante do Batalhão do Volkssturm e não o funcionário do partido. O veredicto definitivo foi confirmado o dois dias depois foi cumprida a sentença: o comandante foi executado publicamente.

Recebi uma mensagem de Berlim: Bormann estava furioso por aquela "intromissão" nos assuntos do partido. O fato do saber que perdera definitivamente os seus documentos influíra, provavelmente, no seu estado de espírito. Assim sendo, fiquei temeroso de que mais cedo ou mais tarde seria atingido por uma daquelas manobras que infelizmente eram habituais no Terceiro Reich. No dia seguinte apresentou-se a mim o chefe político provincial Stürz. Começou obsequiando-me com uma série de admoestações pelo acontecido com o chefe regional, até que eu fui obrigado a mostrar-lhe meus direitos e deveres de "dono da casa". Ao perguntar-lhe se a deserção podia ficar impune para os funcionários do partido, deu-se por vencido. Deve ter compreendido que a minha atitude naquele caso baseava-se em considerações estritamente militares e jurídicas. Não sei se Adolf Hitler chegou a inteirar-se daquele caso, mas tenho absoluta certeza de que me daria razão.

Recebi um valioso reforço de tropas procedentes de Friedenthal. Com os soldados que concluíram um período de adestramento e com aqueles que retornaram de licenças, fora formada uma companhia de assalto, sob o comando do meu velho amigo Tenente Schwedt, no qual eu sabia poder confiar cegamente. A companhia, equipada com viaturas blindadas para os atiradores, tinha uma formidável capacidade combativa. Durante as semanas seguintes, aquela companhia constituiu-se na minha melhor e última reserva para intervir nos combates.

Foi com grande tristeza que soube da transferência do general comandante do Corpo. Seu substituto foi o General das SS von Bach-Zelewski, a quem eu conhecera em Budapeste. Uma torrente de novas ordens desabou sobre as duas Divisões; contudo, seu estado-maior mostrou-se incapaz de organizar o apoio logístico. Meus pontos de vista diferiam frequentemente do estado-maior de Bach-Zelewski, motivo pelo qual não tardou para que as nossas relações ficassem estremecidas. O que mais me aborrecia era o fato de que nenhum dos oficiais do Estado-Maior se dava ao trabalho de estudar a situação sobre o terreno, isto é, na cabeça-de-ponte. O próprio Bach-Zelewski comparecia de vez em quando ao meu posto de comando no castelo de Schwedt, mas quase nunca me encontrava ali; nestas ocasiões, limitava-se a ouvir os informes de alguns dos meus oficiais, beber uma dose de conhaque e depois seguia em frente. Para resumir sua atuação, posso dizer que, durante o tempo em que a Divisão Schwedt esteve lutando, não recebi do comando nem inspeções, nem suprimentos; apenas ordens ridículas.

A 7 de fevereiro, aproximadamente, tínhamos abandonado todas as posições avançadas, exceto as da localidade de Nipperwiese. Os russos atacavam diariamente a cabeça-de-ponte, investindo com tenacidade contra três pontos determinados, sempre os mesmos, a fim de romper a frente. Nós respondíamos com contra-ataques diários. Os carros de combate russos chegavam quase sempre até o limite avançado da área de defesa, onde eram repelidos com as panzerfaust ou com lutas corpo-a-corpo. Através dos interrogatórios dos prisioneiros, ficamos sabendo que nos defrontávamos com um Corpo de Exército Blindado constituído por tropas de elite, possuindo quantidades iguais de carros T-34 aperfeiçoados e carros americanos fornecidos à Rússia em virtude da Lei do Empréstimo e Arrendamento.

Assim transcorreram vários dias. O ataque era seguido pelo contra-ataque. Em determinada ocasião, os carros russos penetraram pelo norte e chegaram a cem metros da ponte, onde foram destruídos por uma das baterias antiaéreas. Os infantes que acompanhavam os blindados dispersaram-se rapidamente. Em outra ocasião, dois carros romperam a frente no setor sul e atiraram contra o castelo de Schwedt. Os dois foram destruídos pessoalmente pelo novo comandante do batalhão que defendia aquele setor. Tais exemplos operavam milagres sobre a tropa. Meus temores

iniciais desvaneceram-se; a tropa se batia e apresentava um comportamento maravilhoso.

Finalmente, diante da espantosa superioridade inimiga, a companhia da Luftwaffe que mantinha um último posto avançado na localidade de Nipperwiese foi obrigada a retrair. Participei o fato naquela mesma noite ao comando do Corpo. Na manhã seguinte, no exato momento em que me comunicaram que os russos tinham iniciado um forte ataque contra Grabrow, recebi uma mensagem do comando do Corpo de Bach-Zelewski.

"O comandante da companhia responsável pelo posto do Nipperwiese compareceu perante um conselho de guerra? Ou já foi fuzilado?"

Enraivecido pelo conteúdo daquela mensagem, redigi apressadamente a seguinte resposta:

"O comandante da companhia não foi fuzilado nem comparecerá diante de qualquer conselho de guerra."

A seguir, fui para as posições ocupadas pelo Batalhão de Paraquedistas, no interior da cabeça-de-ponte.

Naquele setor a situação era de suma gravidade. O inimigo penetrou várias vezes ali e as posições eram sempre reconquistadas a custo de um grande número de baixas. Em duas ocasiões contra-ataquei flanqueando o inimigo com a companhia de assalto, para restabelecer as posições. Mas os russos voltavam à carga empregando novos carros e novos batalhões.

Subitamente recebi uma chamada telefônica do meu posto de comando. Devia apresentar-me às dezesseis horas no Comando do Grupo de Exércitos para alguns esclarecimentos. Imaginei, imediatamente, que o estado-maior do Corpo, de má vontade comigo, teria retransmitido ao Grupo de Exércitos a minha resposta, nada cortês, como fora redigida. Mais uma vez eu tinha caído em desgraça. Mas naquele momento tinha coisas mais importantes com que me preocupar. À esquerda da estrada, os russos tinham rompido a frente outra vez e ameaçavam chegar até Grabow. Depois do ataque dos carros, a infantaria entrincheirou-se num terreno coberto de vegetação. Nossas tropas tiveram que combater com bravura para reconquistar palmo a palmo o terreno situado à esquerda da estrada. Os russos lutavam com uma tenacidade surpreendente; mas muito poucos regressaram às suas linhas.

Quando restabelecemos as nossas posições, já tinha escurecido. Consultei meu relógio: eram dezoito horas. Lembrei então que estava sendo esperado no Grupo de Exércitos há duas horas. Agora tínhamos que ir, a despeito do violento fogo de Artilharia sobre Grabow e a estrada. Lux

comportou-se como um verdadeiro cão de guerra; subiu num muro e caminhou sobre ele até que pudesse saltar para dentro da viatura. A toda velocidade passamos na ponte em direção a Schwedt. Ali tirei meu uniforme camuflado para o inverno, enquanto meu motorista escovava a toda pressa um outro uniforme.

Cheguei a Prenzlau por volta das vinte horas e trinta e fui recebido friamente pela maioria dos oficiais. A seguir, fiz anunciar-me a Himmler, o comandante supremo do Grupo de Exércitos. Seu ajudante de ordens me informou que o chamado estava realmente relacionado com minha resposta à mensagem do comando do corpo, e que o Reichsführer, além disso, estava furioso com a minha falta de pontualidade.

— Terá que esperar um pouco — disse-me o ajudante.

Decidi dar uma chegada até o cassino. Ali, pelo menos, os ordenanças mostraram-se amáveis comigo e me serviram um bom café, conhaque e cigarros.

Pouco depois vieram chamar-me e fui conduzido à mesma sala onde em outra ocasião tínhamos discutido a possibilidade de empregar as V-1 partindo de submarinos. Apresentei-me de acordo com o regulamento. Himmler mal esperou meu cumprimento e iniciou em voz alta uma torrente de admoestações: "Insolência, desobediência, degradação, conselho de guerra..." Eu permanecia na posição de sentido, esperando. O contra-ataque é sempre a melhor defesa, pensava.

Enquanto falava, Himmler andava de um lado para outro. Subitamente parou diante de mim. Tomei alento e expliquei em breves palavras o corrido em Nipperwiese.

— O oficial retirou-se da localidade por minha ordem — foram as palavras com as quais terminei o informe.

A seguir, expressei minha opinião sobre o estado-maior do Corpo. Entre outras coisas, recordo ter dito:

— A Divisão Schwedt até agora só recebeu uma quantidade enorme de ordens absurdas, mas víveres ou material, nenhum quilograma sequer."

Para surpresa minha, Himmler tinha-me ouvido em silêncio. Alguns instantes depois, disse:

— Mas fez com que eu o esperasse durante quatro horas.

Pedi desculpas dizendo não ter podido abandonar meu posto até que nossas linhas tivessem sido restabelecidas.

A raiva de Himmler desvaneceu-se como por encanto. Pediu-me para informar-lhe sobre a exata situação na cabeça-de-ponte. Escutou atentamente minhas explicações, e quando afirmei que os nossos contra-ataques não tinham a eficiência almejada devido à falta de carros de combate, prometeu enviar-me um grupo de canhões de assalto. Pensei que aquela promessa significasse mais do que me era lícito esperar, mas evitei prudentemente emitir tal opinião.

Depois disso, Himmler convidou-me para cear e, quando abandonamos a sala, colocou uma das mãos sobre meu ombro. Até hoje não consegui esquecer os rostos assombrados dos oficiais do Estado-Maior que esperavam, no mínimo, ver um "Skorzeny degradado". Durante a ceia, nossa conversa girou em torno das falhas de muitos dos nossos serviços, que em determinadas ocasiões poderiam ser atribuídas à traição. Nossos radiotelegrafistas de Schwedt tinham captado várias comunicações entre carros de combate inimigos. Algumas daquelas comunicações foram feitas em alemão. Ao que parece, os rumores que corriam sobre o "exército Seydlitz" não eram destituídos de fundamento. Não havia dúvida de que alguns alemães lutavam ao lado dos russos. Dois homens do 600º Batalhão do Paraquedistas SS, caídos prisioneiros e que mais tarde conseguiram fugir, afirmaram ter sido interrogados por dois oficiais alemães vestindo uniformes russos.

A ceia terminara e Himmler se levantou para que nos despedíssemos. Antes de ir embora, disse-lhe:

— Reichsführer, até agora só falamos de coisas ruins. O senhor conhece a verdadeira situação muito mais a fundo do que eu. Acredita que as novas armas permitir-nos-ão ganhar a guerra, apesar das atuais circunstâncias?

Sua resposta ficou gravada na minha memória, palavra por palavra:

— Pode confiar na minha palavra Skorzeny; no fim ganharemos a guerra.

Não me explicou os motivos em que baseava seu otimismo. Há muito que os cálculos feitos no Quartel-General de Himmler não se ajustavam à realidade. Himmler manifestava a crença de que o arsenal russo terminaria por esgotar-se e todos os meses fixava uma data para seu esgotamento. Este erro de cálculo determinou a prematura ofensiva da Pomerânia, em fevereiro de 1945. A estocada no flanco, que devia ferir mortalmente o inimigo, defrontou-se com fortes reservas russas que, de acordo com as previsões de Himmler, já não deviam existir.

Ainda no mês de fevereiro fui chamado novamente ao Quartel-General de Himmler. Desta vez fui convocado para as 22 horas. Também participaram desta reunião o Ministro do Armamento Speer e o Coronel Baumbach, comandante da 200ª esquadrilha. Conhecia estes dois homens há muito tempo. O Ministro Speer mostrara sempre a maior compreensão pelas minhas solicitações. Quanto ao Coronel Baumbach, já tinha trabalhado com ele em mais de uma oportunidade.

A discussão girou em torno de uma possível intensificação da guerra aérea contra a Rússia. O Ministro Speer acreditava dispor dos aviões necessários. Os trabalhos preparatórios estavam praticamente terminados. Construíram-se maquetas em escala exata de todos os objetivos e calculara-se o número exato de bombas especiais que seriam necessárias. Como possível data para o início da operação falou-se na primeira semana de abril. Himmler parecia estar muito convencido do êxito da empresa. Mais tarde falei durante alguns instantes a sós com o Ministro Speer; seu aspecto denotava esgotamento. Quando lhe perguntei se breve ouviríamos falar de alguma arma secreta nova, respondeu-me com evasivas.

"A decisão está pendente", disse ao se despedir de mim.

Esta projetada operação da Luftwaffe contra a Rússia foi por água abaixo.

Enquanto dispusemos do grupo de canhões de assalto, realizamos várias saídas da cabeça-de-ponte, com muito êxito. Numa delas nossos homens travaram combate com um batalhão de lança-chamas russos e o aniquilaram. O capitão comandante do batalhão foi feito prisioneiro. O interrogatório, ao qual eu assisti, demonstrou-nos a profunda mudança, com resultados positivos, obtida pela propaganda russa. Não tínhamos diante de nós um marxista, fiel à linha do partido, de ideias internacionais, mas sim um russo patriota, quase chauvinista. Confesso ter ficado impressionado com a atitude daquele oficial durante o interrogatório.

Em outra ocasião conquistamos a cidade de Hanseberg, situada fora da cabeça-de-ponte. As presas de guerra — morteiros, canhões anticarro e metralhadoras — foram tão grandes, que o comando do Corpo chegou a duvidar das cifras e só ficou convencido quando alguns oficiais do seu Estado-Maior efetuaram pessoalmente a recontagem em Schwedt.

Nossos soldados chamavam este ponto de "moinho dos ossos". Os encarniçados combates contra o inimigo, que se defendia com tenacidade, demoraram quase dois dias. Durante toda a noite a Companhia de

Caçadores Noroeste, com seus canhões de assalto, permaneceu cercada numa colina, até que finalmente o grosso dessa tropa conseguiu romper o cerco e retrair. Infelizmente, uma parte dos canhões só conseguiu retornar às nossas linhas após decorridos dez dias. Apesar de todas as nossas dificuldades, mantínhamos sempre, com relativo sucesso, uma atitude ofensiva. Quando os russos conseguiam romper nossas linhas com carros de combate, acontecia muitas vezes que um ou dois carros conseguiam infiltrar-se até uma região boscosa no meio da cabeça-de-ponte. Estas guarnições, isoladas e camufladas, continuavam combatendo com todo o ardor, até que descobríssemos seus esconderijos, o que muitas vezes demorava até dois dias, quando então, só após encarniçados combates, conseguíamos subjugar esses homens. Experiências semelhantes tivemos com atiradores russos de escol. Infiltravam-se à noite em nossa retaguarda e durante o dia escolhiam uma região para atuar. Muitas vezes, entretanto, deram-se mal. Bastava que nossos atiradores os esperassem com paciência. Até hoje não entendo por que nós, no Exército alemão, não demos maior atenção aos atiradores de escol, na conduta do combate, uma vez que sua utilização permitia inúmeras possibilidades de emprego.

Um terceiro ataque teve como objetivo um cruzamento de estradas próximo a Konigsberg. À noite, vários canhões de assalto e uma companhia do Batalhão de Caçadores ficaram cercados numa colina. Tinham avançado demasiadamente. Ao amanhecer, entretanto, conseguiram romper o cerco e regressar às nossas linhas.

Infelizmente, no fim de dez dias, o grupo de canhões de assalto foi retirado de nossas mãos. Apesar disso, conservamos, na medida do possível, nossa capacidade de combate, que nos proporcionaria outros êxitos.

O Marechal do Reich Hermann Göring estava muito interessado nos acontecimentos da cabeça-de-ponte de Schwedt (sua casa de campo — Karinhall — estava situada a oeste daquela localidade). Todas as madrugadas, por volta das duas horas, costumava chegar a última chamada procedente de Karinhall, perguntando pela situação. Certo dia, o marechal determinou que me perguntassem se eu tinha algum desejo. Respondi que desejava apenas tropas de reforço.

No dia seguinte apresentou-se em Schwedt um batalhão recentemente organizado, pertencente à Divisão Hermann Göring. Seu comandante, condecorado com a Cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho, solicitou imediatamente um setor na frente. Ao lhe perguntar pelas suas experiências

como soldado de Infantaria, respondeu que até pouco tempo fora piloto de caça. O mesmo acontecia com a maioria dos seus homens.

Em tais condições não podia confiar-lhes aquela responsabilidade. Apesar dos protestos do comandante, dividi seu batalhão em pequenas frações, distribuindo-as em reforço às minhas melhores unidades. No fim de algumas semanas, quando o batalhão foi retirado da cabeça-de-ponte, seu comandante agradeceu-me aquela decisão. Seus soldados sofreram poucas baixas e as experiências vividas converteram-nos numa tropa excelente.

A luta era cada dia mais dura. Os russos insistiam em seus ataques. O tempo, frio e úmido, minava a resistência de nossos homens. Levando em conta o fato de que muitos dos meus soldados estiveram vagando durante semanas na região, antes de serem controlados por meus serviços de recuperação, era surpreendente que durante todo o tempo dos combates na cabeça-de-ponte não tivessem ocorrido mais de seis ou sete casos de deserção. Os culpados, naturalmente, foram julgados por um tribunal da Divisão. Quatro casos mereceram a pena de morte. Depois da confirmação das sentenças, pelo comando superior, foram executados. A disciplina da tropa, portanto, não foi abandonada em nenhum momento e o moral foi sempre elevado, conforme pudemos constatar ao ter a cidade de Schwedt uma de suas praças transformada em cemitério de honra. As fileiras de sepulturas eram cada vez mais numerosas. Nossas baixas, comparadas com as de outras unidades, eram mínimas; seu crescente número, porém, deixava-me angustiado. Mas nossos mortos jamais ficavam em terreno inimigo ou na terra de ninguém: patrulhas saíam à noite, a fim de recolher os camaradas mortos e trazê-los para nosso lado. Creio que agora as fileiras das sepulturas da praça de Schwedt tenham sido arrasadas.

A Divisão Schwedt esteve integrada por homens de várias origens. Uma companhia de cossacos, comandada pelo Coronel russo S., combateu com galhardia. Mais tarde enviaram-me um regimento romeno.

Nas fileiras dos Batalhões de Caçadores lutavam noruegueses, dinamarqueses, holandeses, belgas e franceses. Não há exagero em dizer que uma verdadeira divisão europeia combateu valentemente na cabeça-de-ponte de Schwedt. Aqueles homens lutavam por uma Europa Unida. Isto parece também ser o objetivo da atualidade, mas os europeus de hoje talvez não tenham a experiência da luta ombro a ombro. Nós tivemos aquela experiência e sua recordação jamais nos abandonará.

Certo dia houve um grande alarme. Ao amanhecer, os russos atacaram-nos com forças consideráveis, a cavaleiro da estrada de Konigsberg, envolvendo esta localidade. Poucas horas depois conquistavam também Grabow e chegaram a 3 quilômetros do Oder. O cinturão de fortificações interior, constituído pelas posições de aprofundamento da cabeça-de-ponte, estava preparado para a defesa. Com a companhia de assalto e parte do batalhão de sapadores, nossas últimas reservas, iniciamos o contra-ataque. Fomos repelidos. Insistimos, até que finalmente conseguimos chegar à localidade. Reconquistamos o terreno lentamente, avançando de rua em rua, de casa em casa, do parede em parede. Os carros de combate e os prédios em chama iluminavam o dia nublado. Quando, finalmente, conseguimos chegar à antiga linha de defesa, era quase noite.

Nossos padioleiros estavam exaustos pelo trabalho. Diante da pequena igreja da localidade, semidestruída por canhonaços, jaziam nossos mortos. Entre eles encontravam-se quatro dos meus antigos companheiros do Gran Sasso. Em silêncio, estreitei a mão do Tenente Schwerdt, que também fora um grande amigo deles.

Quando entrei no reconquistado sótão, antigo posto de comando do Batalhão de Paraquedistas, fiquei admirado ao constatar que o telefone continuava funcionando. Chamei o posto de comando da Divisão para comunicar o fim da luta e fiquei sabendo que o Marechal Göring estava à minha espera em Schwedt há várias horas. Respondi que imediatamente iria para lá.

Ao chegar, encontrei Hermann Göring em sua viatura descoberta e rodeado de soldados. Minha atenção foi despertada pelo fato de Göring não levar qualquer insígnia em seu uniforme cinza. Após tê-lo informado rapidamente sobre a situação, quis visitar nossa cabeça-de-ponte. Concordei com a sua vontade. Mas o seu séquito parece não ter gostado da ideia. Um general resmungou, dirigindo-se a mim: — A responsabilidade pelo que possa ocorrer é sua.

Encolhi os ombros. Não posso negar que aquela primeira visita de tão alta autoridade encheu-me de satisfação.

Pouco além de Nieder-Krönig fiz as viaturas parar. A partir daquele ponto a estrada estava sob observação direta do inimigo e por isso não quis que as viaturas atraíssem o fogo da artilharia sobre o Marechal do Reich. Reiniciamos o deslocamento, a pé, andando pela margem da estrada, até nos aproximarmos da localidade em chamas. De vez em quando éramos

obrigados a deixar-nos cair ao terreno, um ao lado do outro, alertados pelo sibilo de uma granada russa.

Ao longe vimos um carro de combate russo em chamas sobre a estrada. Naquele momento passávamos diante de um espaldão onde havia um canhão antiaéreo de 88 mm da Luftwaffe.

— Olá rapazes! Vocês trabalharam bem — disse Göring apontando para o carro.

A seguir, estreitou a mão de todos os artilheiros e lhes obsequiou com cigarros e conhaque.

Cem metros adiante encontramos a guarnição de um canhão anticarro em torno do mesmo. Pertencia ao Batalhão de Caçadores Centro.

— Vocês não têm vergonha de serem sobrepujados por uma guarnição de canhões antiaéreos? — perguntou Göring em tom jovial.

O alteres ficou rubro e apressou-se a dizer:

— Tenho a honra de informá-lo, senhor Marechal do Reich, que o carro recebeu dois impactos nossos.

Göring começou a rir e presenteou-os também com conhaque e cigarros.

Finalmente, chegamos à localidade. Göring observava tudo com muita atenção. Tinha um especial interesse pelos carros de combate. Por simples acaso ainda não tínhamos feito explodir nenhum, coisa que fazíamos imediatamente para inutilizar por completo os carros inimigos. O marechal entrou no posto de comando do Batalhão e distribuiu presentes. Meu IA, que fumava charuto, recebeu uma caixa.

Tinha escurecido completamente e determinei que as viaturas fossem trazidas. Despedi-me de Hermann Göring na ponte à saída de Schwedt. Enquanto o automóvel do Marechal do Reich se afastava, ouvi uma sentinela da ponte dizer:

— Apesar de tudo, o gordo Hermann é uma boa praça.

Os russos restabeleceram o tráfego no aeródromo de Konigsberg. Com nossas baterias antiaéreas de 105 mm procurávamos dificultar este tráfego. Tínhamos um observador na torre dos sinos de Hohen-Krönig que nos avisava pelo telefone quando um avião se preparava para aterrissar. Alguns tiros bem dirigidos sobre a pista provocaram mais de um acidente.

Um dia, relativamente tranquilo, decidi aproveitar a calma reinante para dormir algumas horas. Minha cama estava no meu posto de comando. Subitamente acordei com o tremor dos vidros da janela. Um aviador russo crivou de balas, com sua metralhadora, a fachada do prédio. Dois projetis

penetraram no meu quarto. Meu cão Lux achou que aquilo era um modo muito descortês para nos acordarem, pois a série de furiosos latidos que deu não tinha outro motivo.

Uma notícia difundida pela BBC de Londres divertiu-nos bastante. Dizia mais ou menos o seguinte: "O conhecido Tenente-Coronel das SS Skorzeny, que realizou a operação Mussolini, foi promovido a general-de-brigada. Ao mesmo tempo foi designado para comandar a defesa de Berlim. Isto converte-o no homem forte da Capital do Reich." E para condimentar devidamente a notícia, terminava assim: "Skorzeny já começou a liquidar os elementos da população do norte de Berlim que não eram de confiança."

No momento, conforme já disse, a notícia me fez rir. Mas logo recordei que, de fato, na Chancelaria do Reich foi cogitada a possibilidade de que eu poderia ser utilizado de algum modo para a defesa de Berlim. Este fato poderia muito bem ter dado origem à fantasia da BBC. Mas como isso teria transpirado e chegado rapidamente à Inglaterra, burlando as medidas de segurança da Chancelaria?

Tínhamos convertido o antigo cassino de oficiais do Regimento de Cavalaria de Schwedt em campo de repouso para os nossos soldados, que passavam ali alguns dias de descanso, em grupos de 20 homens cada vez. Quem sabe, por experiência própria, o que significa uma cama com lençóis limpos, um banheiro e uma mesa bem posta para um homem que tenha passado meses inteiros numa trincheira compreenderá o entusiasmo com que foi acolhida a inauguração daquele Lar do Soldado. A título de curiosidade cito o fato de que houve necessidade de vencer muitas dificuldades para ser permitido o uso de talheres de prata no Lar.

No fim de algumas semanas já não me preocupava a ideia de que nossa frente pudesse deixar de existir. Às vezes tinha a impressão de que ia envelhecer criando cabelos brancos em Schwedt. Durante o dia realizava contínuos deslocamentos pelas posições da cabeça-de-ponte, inspecionando todas as atividades da tropa. À noite cuidava dos assuntos do estado-maior. Praticamente todos os dias recebia alguma visita de Berlim trazendo novidades para quebrar a monotonia de nossas jornadas. De modo geral encontrava-me com estas visitas por ocasião do meu regresso da cabeça-de-ponte. Vivia tão dedicado aos problemas da zona de ação ocupada pela minha Divisão, que de certa forma não sobrava tempo para pensar na situação geral. Creio sinceramente que era preferível que assim ocorresse.

Inesperadamente, a 28 do fevereiro do 1945 recebi ordem de me transferir para Berlim. Por maiores que tenham sido meus esforços para levar comigo algumas das minhas unidades, isto não foi possível.

Pressentia que dentro de pouco tempo os dois batalhões e as unidades especiais já não estariam sob as minhas ordens. Recebi um prazo de 48 horas para entregar a Divisão ao novo comandante.

CAPÍTULO XXIX

A catástrofe no Oeste — A ponte de Ramagem — Atuação dos homens-rãs — Nas águas geladas do Reno — Transferência para a fortaleza alpina — Pela última vez com Hitler — A Cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho — Única esperança — Com o Marechal-de-Campo Schörner — Última estada em Viena — Russos no meu solo pátrio — Despedida — Atuação na Áustria setentrional — Último reduto? — 20 de abril de 1945 — O Führer morreu: viva a Alemanha! — Armistício — Últimos dias em liberdade.

No início não estava satisfeito em Berlim. Os trabalhos de estado-maior, sentado a uma mesa de gabinete, não eram do meu agrado. Permanecer nesta situação tornava-se muito mais difícil, porque a maioria dos meus oficiais fora transferida para Hof, na Baviera. O problema logístico era cada vez mais grave. A mais eficiente organização não seria capaz de reparar os danos que os contínuos ataques aéreos aliados causavam nas instalações ferroviárias.

Certo dia, Oranienburg foi alvo de um terrível ataque aéreo. Um tapete de bombas caiu a menos de um quilômetro de Friedenthal. Era evidente que aquela saudação estava destinada a nós. As possíveis dúvidas quanto ao objetivo, porventura ainda existentes, foram desfeitas na mesma noite. Uma emissora inglesa noticiou que o Quartel-General do "tristemente célebre raptor de Mussolini, Skorzeny" fora alvo de um ataque aéreo aliado e ficou completamente destruído. Apesar de não termos desmentido aquela falsa

notícia, realizaram-se mais dois ataques. O último deles, em abril de 1945, obteve um êxito parcial: os russos ocuparam apenas as quatro paredes do prédio.

No dia 7 de março ocorreu uma catástrofe na frente Oeste. Uma ponte sobre o Reno, à altura de Ramagem, caiu intacta nas mãos dos americanos. Durante vários dias a aviação alemã bombardeou a ponte, tentando destruí-la, mas não conseguiu. Certa noite, mandaram que me apresentasse na Chancelaria do Reich. Recebi do General Jodl a missão de destruir aquela ponte com um grupo dos meus homens-rãs. Alguns aviões especiais seriam destinados ao nosso transporte.

Pela primeira vez na vida aceitei uma missão impondo certas condições. A temperatura da água do Reno, naquela época, era de 6 a 8 graus centígrados e a cabeça-de-ponte americana tinha, a montante da ponte, uma frente de quase dez quilômetros. Em consequência, fui obrigado a admitir que as possibilidades de sucesso eram muito remotas. Levaria meus melhores homens ao lugar previsto, mas, uma vez ali, eles mesmos decidiriam se deviam ou não tentar a difícil operação.

O Alferes Schreiber, comandante da Companhia de Caçadores Danúbio, comprometeu-se a levar a cabo, juntamente com seus homens, aquela ação quase desesperadora. Transcorreram vários dias para que conseguíssemos levar, do Mar do Norte até o Reno, as minas-torpedo. Alguns transportes foram atacados pelos bombardeiros inimigos e ficaram no caminho. Quando tudo estava pronto, a cabeça-de-ponte, rio acima, tinha uma frente de 16 quilômetros.

Em meio à noite fria, os homens-rãs começaram a afastar-se da margem. Os projetores dos americanos varriam constantemente a superfície da água. O intenso fogo que brotou subitamente da margem oposta causou várias baixas, mas não impediu o prosseguimento do grupo. A desilusão deve ter sido terrível quando, pouco antes de chegar ao objetivo, defrontaram-se com vários pontões com os quais o Exército americano construíra uma ponte. Apesar de tudo, colocaram as cargas explosivas. Quando finalmente alcançaram a margem do rio, quase mortos de cansaço, foram feitos prisioneiros.

Por este e por outros assuntos de serviço fui com certa frequência à Chancelaria do Reich. Numa dessas vezes fizeram-me esperar numa sala contígua ao gabinete de Hitler, onde o doutor Stumpfecker examinou meu olho. Quando ali estávamos, chagou uma senhora: Eva Braun, de cuja

existência ouvi falar pela primeira vez naquele momento. Estava elegantemente vestida e me pareceu uma pessoa simpática e modesta. Não cheguei a conhecê-la melhor, apesar de ter-me convidado para visitá-la e à sua irmã; disse ter ouvido falar muito de mim. Esqueci aquele convite. Fiquei sabendo, por intermédio do doutor Stumpfecker, que Fegelein costumava permanecer na Chancelaria até altas horas da noite e, à medida que o tempo passava, começava a ficar impertinente e descarregava seu mau humor nos subordinados que ali estivessem. Não quis expor-me a uma cena daquelas.

Em fins de março de 1945 compareci uma vez mais à Chancelaria para entrevistar-me com um oficial do Estado-Maior da Wehrmacht. Enquanto aguardava numa antessala, Hitler saiu de um salão contíguo. Fiquei horrorizado ao ver aquele homem encurvado, envelhecido e esgotado. Ao ver-me, aproximou-se de mim estendendo as duas mãos.

— Skorzeny, quero agradecê-lo pelos serviços prestados na frente do Oder — disse. Sua cabeça-de-ponte foi durante várias semanas nossa única esperança. Concedi-lhe a Cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho e dentro de alguns dias entregá-la-ei pessoalmente. Aí então poderá informar-me das suas últimas experiências.

Respondi com algumas palavras de gratidão. Hitler desceu com seu séquito ao bunker subterrâneo.

Certa noite, ao soar o alarme antiaéreo, encaminhei-me ao abrigo do jardim zoológico, onde fora instalado o hospital da Luftwaffe. Aproveitei a ocasião para visitar meu IA, Werner Hunke, ali hospitalizado. Encontrei-o bastante animado e com grande vontade de receber alta para retornar ao serviço. Ali conheci também o Coronel Rudel, comandante de uma famosa esquadrilha de stukas que destruiu centenas de carros de combate russos. Fazia poucos dias que lhe tinham amputado um pé, mas apesar disso o jovem oficial tinha esperança em poder voar novamente. Vi também neste dia Hanna Reitsch, um soldado pequeno de corpo, mas gigante de espírito. Eu sabia quanta falta fazia como piloto do General von Greim. Quando lhe disse isto, seu rosto se iluminou. Era uma idealista como poucos.

— Se puder voar, posso substituir um soldado. Breve estarei outra vez na frente de combate, onde é o meu lugar como soldado alemão.

Estas foram as suas palavras quando nos despedimos.

As baterias antiaéreas emudeceram e saí do abrigo.

Poucos dias depois, a 31 de março de 1945, recebi ordem de transferir meu estado-maior para a chamada fortaleza alpina. Devido à iminência do inevitável fim, supus que o Quartel-General do Führer também seria transferido para lá, a fim do fazer face aos amargos acontecimentos.

Tentei novamente recuperar da frente Leste ao menos aqueles homens que possuíam certa experiência de combate em montanhas. Depois de muitas gestões obtive a autorização para que o comandante do Batalhão de Caçadores Centro e 250 homens fossem retirados da frente. Em consequência, iríamos começar novamente com duas companhias.

Quando estava em Hof, onde parei para ultimar os preparativos da transferência, recebi uma nova ordem. Devia dirigir-me imediatamente ao posto de comando do General Schörner, situado na fronteira oriental, a fim de estudar com ele o emprego do recém-criado Batalhão de Caçadores Leste II. A nova organização substituía o antigo Batalhão de Caçadores Leste, aniquilado em Hohensalza.

Meu oficial ajudante, um radiotelegrafista, o motorista Sargento B. e eu empreendemos a viagem num automóvel Volkswagen. A 10 de abril cheguei ao Quartel-General do Grupo de Exércitos Centro, a tempo de felicitar Schörner pelo bastão de marechal que acabava de receber. Apesar do meu contato com ele ter sido muito breve, constatei que Schörner era um homem a quem alguns odiavam pela sua intransigência e muitos o admiravam pela sua valentia. As duas operações especiais planejadas para meus dois Batalhões de Caçadores referiam-se a duas pontes situadas à retaguarda das linhas inimigas. Uma semana depois as duas pontes foram pelos ares.

A opinião pública mundial deveria saber que todos os homens que naquele momento se encontravam na linha de frente permaneceram fiéis à Alemanha até o último instante. Os desertores não deviam ser procurados na frente e sim na retaguarda. Os sabotadores, na Alemanha, não se encontravam entre os trabalhadores, mas nos postos mais elevados. Pois como se explica o fato de, no outono de 1944, os trabalhadores de Ruhr terem tratado de impedir, a bastonadas, a fuga de unidades desmoralizadas da retaguarda da frente ocidental? Como se explica, nos meses posteriores, os mineiros das regiões próximas aos campos de batalha terem baixado às minas, a fim de extrair carvão para a defesa da pátria? Constatei pessoalmente que, quando os russos já estavam junto ao Oder, uma fábrica de Litzmannstadt chamou Berlim para saber se podia continuar o trabalho.

Como se explica que as fábricas da Silésia continuassem trabalhando mesmo depois de estarem ao alcance do fogo da artilharia russa? Os trabalhadores permaneciam nas fábricas inclusive quando as posições avançadas eram abandonadas. Estavam convencidos de que os soldados alemães retornariam.

Por meio de um informe obtido de um oficial do Estado-Maior, inteirei-me da situação crítica em que se encontrava Viena. Parecia-me que as tropas inimigas já tinham penetrado na minha cidade. Minha preocupação pela unidade de caçadores Sudeste fez com que eu fosse para lá. Desejava também ver minha mãe e, se possível, evacuá-la para um lugar mais seguro. Além destes motivos, havia um desejo íntimo e secreto que eu me negava a acreditar: queria ver minha cidade natal, Viena, pela última vez.

Após uma viagem de apenas seis horas cheguei, procedente de Korneuburg, à estrada Viena — Floridsdorf. Fiquei profundamente comovido com o espetáculo que aquela estrada, cheia do fugitivos, oferecia a meus olhos. Entre os fugitivos havia muitos soldados que marchavam por conta própria.

Junto a uma barricada anticarro ocorreu uma pequena e involuntária interrupção. Estendidos à margem da estrada, vários feridos esperavam... Um sargento muito gordo, que a julgar pelas suas condecorações tinha feito a guerra aplastado numa poltrona de um gabinete, passava naquele momento montado numa viatura na qual viajavam mais cinco militares com o mesmo aspecto. Gritei para que parasse, mas não me deu ouvidos. Meu radiotelegrafista segurou as "rédeas do cavalo" e obrigou-o a parar.

— Você não vai levar estes feridos? — perguntei ao sargento, contendo a duras penas a minha indignação.

Apontando para trás, respondeu:

— A viatura está cheia.

Aproximei-me para verificar a espécie de carga e fiquei assombrado. Eram tapetes, mesas de cabeceira, sofás e outros artigos "militares"; e, ainda, uma Senhorita muito esbelta.

— Descarreguem tudo isto imediatamente! — ordenei em tom encolerizado.

Desarmei o sargento e os outros "heróis" e entreguei as armas aos feridos menos graves. Com sua ajuda a viatura foi descarregada rapidamente. Acomodamos os feridos mais graves da melhor maneira possível e um soldado com a cabeça enfaixada tomou o volante.

— Dirija-se ao hospital mais próximo — disse-lhe.

O destronado sargento e seus companheiros fitaram-nos quando prosseguimos, com olhares que não denotaram qualquer espécie de amizade. Em situações difíceis o egoísmo leva tudo do roldão.

Quando entrei na cidade, pela ponte de Floridsdorf, começava a escurecer. Ouvia-se um longínquo troar de canhões. As colunas de fumaça assinalavam os incêndios. Onde estava à frente de combate? Dirigi-me rapidamente ao Comando Militar, instalado no antigo Ministério da Guerra, em Stubenring. O enorme edifício estava às escuras. Uma sentinela me informou que o posto de comando estava em Hofburg. As ruas da cidade estavam desertas; as luzes apagadas. De vez em quando via-se um vulto movendo-se cautelosamente junto à parede. A destruição de inúmeras casas era o testemunho de que Viena também sofrera ataques aéreos. Ao chegar à Praça dos Suecos não pude prosseguir: a casa onde meu irmão morava estava semidestruída e seus escombros bloqueavam a rua.

Na seção vienense do Batalhão de Caçadores Sudeste fiquei sabendo que o comandante transferira seu posto de comando naquela mesma tarde para Krems; a Companhia de Caçadores Danúbio também abandonara suas instalações do balneário Diana. Decidi visitar ambas as unidades por ocasião da minha viagem de regresso.

Nos amplos pátios e galpões de Hofburg havia muitas viaturas estacionadas. Num porão encontrei vários oficiais trabalhando. Ali fui cientificado de que tropas inimigas tinham atingido os subúrbios da cidade em diversos pontos, e que havia combates. Ninguém, entretanto, pôde dar uma informação concreta sobre o que realmente estava ocorrendo. Era quase meia-noite. Queria visitar minha antiga empresa. As ruas escuras estavam completamente vazias e as barricadas me obrigaram a dar muitas voltas. Ao chegar a Matzleinsdorf ouvi um intenso barulho de luta à minha esquerda. A ampla rua estava bloqueada por barricadas.

Desci do automóvel no momento em que surgiam dois vultos na minha frente. Eram dois policiais vienenses com capacetes de aço e armados de pistolas automáticas.

— Estamos encarregados da defesa destas barricadas — explicaram-me, com evidente ironia.

Até aquele momento não vira tropas nem posições de defesa ocupadas. Em tais condições, como poderia continuar a luta? De que maneira Viena seria defendida com êxito?

Dando muitas voltas, cheguei finalmente a Meidling, onde se localizava minha empresa. Do pátio divisei meus antigos escritórios. Meus homens permaneceram sentados no automóvel. O ruído da luta soava tão perto, que toda precaução era pouca. No escritório principal encontrei meu sócio e sua secretária. Ao me verem, ficaram espantados. O que contaram não era muito alentador. Naquele dia tinham sido cortados o gás, a luz e o telefone. Houve alguns saques em prédios públicos. De maneira incompreensível, as autoridades tinham proibido aos particulares abandonar a cidade com seus carros, muito embora tenha constatado que esta ordem não fora totalmente obedecida pelos vienenses. Mais incompreensível ainda era o fato de não haverem recorrido aos depósitos de víveres existentes na cidade para atender às necessidades da população.

Estávamos sentados à luz de uma vela. A secretária preparou um pouco de chá num fogareiro a álcool. Agradeci muitíssimo por aquela bebida quente. Nossa conversa girou praticamente em torno do futuro sombrio que nos aguardava: já não havia lugar para outros pensamentos. O fato de Viena ter-se transformado em campo de batalha e estarem as frentes do combate dentro do território do Reich era algo que não podíamos acreditar. Teriam sido inúteis os sacrifícios que o povo alemão fizera durante mais de cinco anos? Na minha condição de soldado não cabia pensar demasiado nessas coisas. Devia limitar-me a cumprir com o meu dever até o final.

Descemos ao pátio. Na garagem, meu automóvel particular continuava sobre cavaletes de madeira desde o começo da guerra. Umas quarenta ou cinquenta pessoas, homens e mulheres da vizinhança, tinham-se reunido no pátio. Naquela noite, Viena não dormia. Muitos dos que ali estavam reunidos me conheciam; alguns eram operários da minha empresa. Suas saudações me emocionaram. Quanto tempo transcorrera desde que deixei de exercer a minha profissão naquele lugar? Mais de cinco longos anos de guerra me separavam da vida normal.

Subitamente meu motorista aproximou-se de mim e murmurou no meu ouvido:

— Vi uma porção de carros que se dirigem para o centro da cidade e não creio serem dos nossos.

Chegara o momento de partir. Não tinha o menor desejo de cair prisioneiro. Muitas mãos queriam estreitar as minhas. Um operário murmurou:

— Desejamos-lhe muita sorte, senhor engenheiro. Todos lhe recordamos com afeto.

Felizmente conhecia Viena como a palma de minha mão. Avançando por ruas secundárias atingimos novamente a linha de barricadas sem defensores. Agora ouvia-se claramente o troar dos canhões anticarro. A noite estava iluminada por vários incêndios. A cidade, aparentemente morta, aguardava seu destino com resignado fatalismo.

Em Hofburg encontrei o ajudante de Baldur von Schirach, chefe político provincial. Contei a ele em breves palavras o que acabara de presenciar. Negava-se a crer no que eu lhe dizia.

— De acordo com todas as notícias que recebemos, temos uma frente muito sólida — disse-me. A seguir, conduziu-me à presença do seu chefe.

"Um ambiente muito grã-fino para posto de comando", pensei ao entrar. Ademais, o chefe político provincial, Baldur von Schirach, era Comissário de Defesa do Reich. Contei-lhe o mesmo que acabava de dizer ao seu ajudante, acrescentando:

— Durante o meu trajeto através de Viena não vi um só soldado alemão. As barricadas estão abandonadas. Os russos podem entrar por onde bem quiserem.

— Impossível — respondeu-me.

Explicou que a frente estava coberta por duas divisões SS, entre outras. Parecia não ter a menor ideia dos quilômetros que podiam ser ocupados por duas divisões dizimadas e extenuadas. Lutariam, é indubitável, desesperadamente desde já. Mas às vezes não basta a vontade para combater. Recomendei a von Schirach que ele próprio fizesse um reconhecimento ou enviasse alguém que pudesse informá-lo corretamente sobre a situação.

Baldur von Schirach levou-me para perto de um mapa e ali desenvolveu a operação que, segundo ele, devia libertar Viena. Várias divisões atacariam do Norte e do Oeste, fazendo um duplo envolvimento. O plano era em tudo semelhante ao que foi empregado para libertar Viena durante a guerra com os turcos, em 1693. Naquela ocasião, o salvador de Viena foi o Príncipe Starhemberg. As explicações sobre o mapa, à luz de velas, num profundo porão do castelo imperial, produziram em mim uma estranha sensação. Isto não era por acaso operar com divisões fantasmas? Eu sabia que aquelas tropas não existiam. Recordo as palavras de Schirach quando nos despedimos:

— Aqui lutarei e aqui morrerei.

Ao sair pensava: "Baldur von Schirach fará o que Hanke fez em Breslau?".

Numa dependência contígua havia vários amigos do chefe político, especialistas em assuntos de arte. Aceitei um lanche que me foi oferecido. Neste momento entrou o subchefe político, Scharitzer. Estava uniformizado e regressava de uma inspeção noturna pela cidade. Confirmou minhas palavras. Soube então que alguns oficiais do comando de Viena tinham estabelecido contato com os russos. Para quê? Acaso podiam evitar o pior? Seriam capazes sim, no caso de contarem com tropas. Mas para que servia um batalhão em serviço de patrulhamento, se não queria lutar? Nas divisões da frente não havia um só comandante que estivesse com eles. A lei da maioria e do dever era sempre a que decidia.

Entrei no carro e dirigi-me rapidamente à casa que tinha alugado em Döbling. Junto à Igreja dos Escoceses, vi dois carros de combate alemães parados. A cidade oferecia o mesmo aspecto que antes: ruas solitárias, barricadas abandonadas... Nos parques reinava um silêncio sepulcral. Ao longe ouviam-se alguns disparos de fuzil. Apanhei apressadamente, na minha casa, algumas armas de caça; poderiam ser úteis nos meses seguintes. Por outro lado a casa estava intacta. Nós, oficiais alemães, tínhamos proibido rigorosamente retirar qualquer objeto, por mais insignificante que fosse, das zonas em perigo. Obedeci àquela proibição. Pensei que as chaves e a residência completamente mobiliada ficariam à mercê do inimigo... ou do saqueador.

Meu motorista não cansava de recomendar que eu me apressasse. Os disparos de fuzil ecoavam cada vez mais perto. Algumas patrulhas especiais russas provavelmente vinham do Bosque de Viena. Contudo, não se ouvia barulho que denotasse luta. Onde estava a frente? Embarcamos no automóvel e nos dirigimos novamente à cidade. Quando chegamos à casa de minha mãe, encontramo-la também semidestruída. Um grupo de vizinhos observava os incêndios das proximidades; apressaram-se em me tranquilizar: minha mãe tinha saído de Viena alguns dias antes.

Retornei a Hofburg e expliquei ao ajudante o aspecto apresentado pela parte oeste da cidade.

— Amanhã, Viena estará nas mãos dos russos — disse-lhe.

A 11 de abril, por volta das cinco horas, encontrávamo-nos novamente junto à ponte de Floridsdorf. Olhei a meu redor: via-se apenas o resplendor

dos incêndios. Ao longe, troavam os canhões. Uma sentinela da ponte atirava para alguma parte... Esta foi a minha despedida de Viena. Durante os dias seguintes faltava algo em minha motivação habitual.

Através das estradas de Waldviertler, onde não havia tantos engarrafamentos, atingimos uma localidade da Áustria Setentrional. Dali mandei uma mensagem pelo rádio ao Quartel-General do Führer. Dizia:

"Em minha opinião perderemos Viena hoje mesmo. Patrulhas reforçadas da Wehrmacht deveriam controlar os movimentos de retirada nas estradas."

Supus que este radiograma seria uma intromissão na jurisdição de outros serviços, mas, considerando ter ordem para transmitir imediatamente os informes julgados importantes, fi-lo, apesar de tudo, informando o que era realmente verdade.

Ao que sobrara dos Batalhões de Caçadores Sudeste e Sudoeste dei ordem para se retirar à fortaleza dos Alpes. Foram praticamente "consumidos" nas operações da frente e durante as contínuas retiradas. Várias unidades, entretanto, continuavam lutando, subordinadas a algum Corpo. Sabia que a fortaleza dos Alpes seria o derradeiro campo de batalha. A realidade, porém, era cristalina, a não ser que o Quartel-General do Führer nos reservasse uma grata surpresa.

Na Áustria Setentrional organizou-se um serviço de patrulhamento e as intermináveis colunas de fugitivos foram desviadas para estradas secundárias, a fim de que as principais vias de transporte ficassem livres para o trânsito das viaturas da Wehrmacht. Os soldados extraviados eram incluídos em alguma unidade.

O que agora me interessava era a legendária fortaleza dos Alpes. Há várias semanas estavam sendo fortificadas as encostas dos Alpes; mas tinham armazenado suficientes viveres o munições? Havia depósitos de armas suficientes? Onde estava o órgão coordenador de todos aqueles esforços? Pelo que tinha visto até então, cada chefe político regional e cada Comissário de Defesa do Reich pensava unicamente em sua própria região.

As Folhas de Carvalho com as quais fui agraciado me foram enviadas de Berlim por um mensageiro especial. Sentia-me orgulhoso com aquela distinção pelos meus serviços na cabeça-de ponte de Schwedt. Minha promoção a Coronel das Waffen-SS estava a caminho. Contudo, já não me alcançou.

Em meados de abril, o Capitão Radl também recebeu ordem a fim do se dirigir para o Sul. Cheios de alegria nos saudamos em Linz. Ali também se

apresentou o Capitão F., com seus 250 soldados do Batalhão de Caçadores Centro. Novamente dispúnhamos de um pequeno conjunto. Certo dia — a 1º de maio, se não me falha a memória — fui chamado ao Estado-Maior da Wehrmacht, localizado junto ao lago König. Ao que parece, havia ideia de estabelecer a defesa na fortaleza dos Alpes. Como último lugar para instalação do Quartel-General fora previsto a planície de Gerlos. Recebi a missão de organizar o núcleo de um Corpo de duas Divisões, o Alpeland, com os remanescentes de minhas unidades. Mas no momento não podia fazer grande coisa, pois dispunha de muito pouco pessoal.

Não tinha a menor ideia da situação no Norte. Em algum rincão da Alemanha talvez fora preparado um bastião defensivo. Ouvi falar da fortaleza do Mar do Norte Schleswig-Holstein, das fortalezas Dinamarca e Noruega, mas não passavam de simples rumores.

A ordem do dia do Comando Supremo da Wehrmacht, de 20 de abril de 1945, afirmava:

"Berlim continua sendo dos alemães e Viena voltará a ser alemã."

Naquele mesmo 20 de abril caíram as primeiras granadas russas no setor urbano de Berlim. Para o entendido, isto soava como o gongo anunciador do último assalto. Recordo as palavras do discurso de Goebbels por ocasião do "aniversário do Führer":

"A fidelidade é o que dá valor a um destino."

Qual seria nosso destino? Qual o destino da Europa? A derrota total da Alemanha, cada vez mais próxima, seria uma solução? Não era possível encontrar outro caminho, um caminho mais positivo, para a Europa eternamente desunida? Não havia dúvida, a guerra estava decidida; mas quem ganharia a paz?

Tivemos conhecimento de uma notícia que nos pareceu incrível: Hermann Göring tinha dirigido um ultimato a Adolf Hitler, sendo detido a seguir. Certamente tratava-se de um erro, de um mal-entendido. Era impossível que a guerra terminasse em meio à dissolução e ao caos.

A 30 de abril fiquei sabendo pelo rádio a notícia da morte de Adolf Hitler; tinha morrido em Berlim, a capital do Reich que estava cercada pelos russos. Reuni os oficiais do meu estado-maior e lhes dei conhecimento da notícia. Receberam-na em silêncio, como se esperassem algo mais de mim. O que devia dizer-lhes? Meu breve discurso terminou com estas palavras:

— O Führer morreu. Viva a Alemanha!

No princípio, a morte de Adolf Hitler parecia um fato incrível. Mas tão logo a reflexão serenou meus pensamentos, cheguei à conclusão de que o Führer da Grande Alemanha devia morrer em sua Capital. Não podia ser testemunha da sua inevitável derrota. Os acontecimentos daquela época são muito recentes para que a personalidade de Hitler possa ser julgada. Essa tarefa é reservada aos historiadores dos próximos decênios. Para muitos alemães, honestos e de boa fé, com Adolf Hitler perderam-se todas as esperanças de um futuro feliz.

Um novo governo, de modo geral bem acolhido, foi nomeado sob a chefia do Almirante Dönitz.

A guerra, porém, continuava. Considerando que a Wehrmacht não tinha outra alternativa senão a rendição incondicional, devia continuar lutando até o amargo fim.

Estávamos conscientes de que deveríamos lutar enquanto houvesse um Governo alemão que o determinasse e um pedaço de terra alemã sem estar ocupado. Contudo, não ousávamos perguntar-nos sobre o sentido daquela luta.

Depois da guerra, muitas pessoas me perguntaram:

— Por que continuastes combatendo? Era uma loucura, e inclusive um crime.

A esta pergunta só posso responder com uma comparação: um náufrago nada enquanto pode. Se a seu lado passar um barco de luxo, os passageiros deste barco têm direito de pensar que os esforços do pobre náufrago carecem de sentido e que seria preferível para ele afogar-se de uma vez.

Por aqueles dias o Exército do Sul da Itália capitulou; ao que parecia, o Estado-Maior da Wehrmacht não estava informado desta capitulação. A 1º de maio recebi a missão de organizar, juntamente com outros oficiais, a defesa dos desfiladeiros do Tirol meridional. Era demasiado tarde. Quando um exército capitula, não se pode estabelecer qualquer nova linha de defesa.

Não demorou para chegar a última ordem do Almirante Dönitz: armistício a partir de 6 de maio de 1945. Chegada essa data, não mais poderiam ser feitos movimentos de tropas. De minha parte, decidi ir para as montanhas com meus colaboradores mais íntimos. Minhas últimas unidades tinham ordem de esperar minhas posteriores determinações.

No dia 6 de maio estávamos sentados num refúgio no cume do Dachstein. Acompanhavam-me o Tenente-Coronel W., Radl, Hunke e outros três homens. Não tínhamos preparado qualquer coisa.

Deliberamos manter comunicação com o vale através de duas moças do serviço feminino alemão. Precisávamos acostumarmo-nos à ideia de que tudo terminara, de que todo nosso idealismo e toda nossa boa vontade tinham sido inúteis. A Alemanha perdera a guerra. Recuperar-se-ia a Europa?

Os primeiros dias na montanha, gozando da neve e do sol, seriam umas férias perfeitas, se não houvesse em nós a preocupação pelo futuro. A responsabilidade pelos meus homens representava um pesado fardo nos meus ombros; continuavam esperando a derradeira ordem. Cada um de nós entregava-se a seus próprios pensamentos. O que mais poderíamos fazer? Teríamos feito realmente tudo o que era possível? Certamente vilipendiar-se-á o soldado alemão, mas não poderão censurá-lo por falta de sentimentos para com o dever.

CAPÍTULO XXX

Valor para responder — O fim do nacionalismo — Prisioneiro de guerra voluntário — "Tonight you will hang" — Sempre perigoso? — Oficiais algemados — Interrogatório pouco amável — Uma novidade a cada dia: Hitler está morto? — Tratamento indigno — O dedo no gatilho — Fuzilamento? — Através dos meandros do CIC — Um oficial cavalheiresco — Na cela do cárcere.

Havia para mim duas soluções possíveis: a fuga ao estrangeiro ou o suicídio. Teria sido relativamente fácil encontrar um "JU 88" que me transportaria a algum lugar seguro no estrangeiro. Mas isso significaria abandonar tudo: pátria, família e amigos. O suicídio? Muitos adotaram esta solução. Acreditava, porém, que o dever me obrigava a continuar com meus camaradas, e seguir vivendo com eles. Não havia nada para me envergonhar. Tinha servido lealmente à minha pátria, sem cometer qualquer injustiça. Consequentemente, pensei que nada devia temer dos nossos

inimigos. Para meus companheiros e para mim devia existir um novo começo.

Recebemos notícias do vale dizendo que os americanos tinham entrado em Radstadt e Annaberg, e que estabeleceriam campos de prisioneiros de guerra. Nosso futuro, pois, podia ser perfeitamente vislumbrado. Sabedor de que o Exército dos EUA estava à minha procura, enviei uma mensagem às tropas americanas estacionadas no vale dizendo para não perderem tempo em me procurar: dentro de alguns dias entregar-me-ia voluntariamente.

Não tínhamos qualquer ilusão sobre o que seria nossa permanência no campo de prisioneiros, de modo que queríamos aproveitar mais alguns dias a formosa liberdade das montanhas. Ao mesmo tempo, devíamos ordenar nossos pensamentos, respondendo os "por que", os "para que" e os "como" que nos atormentavam.

Durante aqueles dias, nós, soldados alemães, chegamos a compreender muitas coisas. Tinha passado a época dos estados nacionais do rígido nacionalismo. Agora deveríamos procurar objetivos mais elevados. Todos nós, antigos inimigos e amigos de sempre, precisávamos encontrar uma solução "europeia". Não devíamos renunciar a nossos ideais e sim projetá-los num plano mais nobre. A ideia "europeia" devia emergir espontaneamente do caos reinante. Era evidente que esta ideia estava mais arraigada naqueles que estiveram animados de um apaixonado amor à pátria, no tempo em que procuravam a unidade da Europa e deram provas de que estavam dispostos a sacrificar-se por ela: os voluntários que lutaram nas fileiras das Waffen-SS.

Do governo Dönitz não partiram mais ordens às forças armadas do Reich. Nem sequer sabíamos se continuava existindo. Assim sendo, deveríamos agir por conta própria. Considerando ser o caminho em direção ao campo de prisioneiros obrigatório para nós, decidimos percorrê-lo o quanto antes.

A neve tardia, sob o sol de maio, derretia rapidamente; consequentemente, teríamos um caminho seco para o vale. Enviamos outra mensagem à unidade americana, solicitando uma viatura para ir à Salzburg a 15 de maio, às 10 horas. Queríamos apresentar-nos ao estado-maior de uma divisão e solicitar autorização para nos deixarem reunir todas as unidades do Corpo Alpenland, a fim de marcharmos, em forma, para o campo de prisioneiros de guerra. Combinamos que me acompanhariam o Capitão Radl, o Capitão Hunke e, como intérprete, o Alferes P. Os demais

apresentar-se-iam à mais próxima das nossas unidades, que estava num vale perto de Radstadt. Corretamente uniformizados e portando nossas armas, descemos em direção ao vale. Perto de Annaberg vimos várias unidades da Wehrmacht acampadas ao lado da estrada. Aguardavam ordens, que então partiam dos americanos.

Apresentamo-nos no posto de comando da unidade americana. Apesar de o sargento estar muito ocupado, pois acabava de receber uma ordem para deslocar sua tropa, pôs imediatamente à nossa disposição uma viatura para levar-nos até Salzburg. O motorista, se não me engano, era um texano sentimental. Parou diante de um bar e quis comprar uma garrafa de vinho. Entrei com ele no estabelecimento e paguei. Quando reiniciamos a viagem, bebeu um gole e entregou-nos a garrafa, com estas palavras:

— Drink you guys! Tonight you will hang! (sic)

O Alferes P. traduziu: "bebam rapazes. Esta noite morreríeis enforcados". Era um convite realmente amável. Brindei com meus companheiros dizendo:

— À nossa saúde!

Apesar das inúmeras placas sinalizadoras, nosso texano não encontrou em Salzburg o estado-maior da divisão: fez-nos descer em frente a um hotel cheio de militares americanos; fez meia volta... e desapareceu. Nas proximidades do hotel havia alguns oficiais alemães "desmilitarizados" que nos contemplaram de modo curioso devido às nossas armas. Era hora de almoço e por isso tivemos que esperar um pouco. Finalmente, chegamos à presença de um comandante americano, que escutou nossas pretensões, parecendo aprová-las. Determinou a um tenente que nos acompanhasse. Devíamos dirigir-nos novamente a Pongau e, uma vez ali, solicitar ao comando alemão viaturas e ordens para reunir nossas unidades perto de Radstadt.

Durante a viagem, o tenente me disse que estava informado a respeito da minha pessoa. Não descobriu em mim nada do outro mundo, pois em Salzburg eu tinha me apresentado com bastante clareza. Conversou comigo — até onde permitiam meus escassos conhecimentos de inglês — de maneira muito correta. Até este momento, as coisas estavam correndo bem. Mas continuariam assim?

No comando alemão, conseguimos falar com o general. Ao ver-nos, mostrou-se tão surpreendido como os oficiais em Salzburg. Pela primeira vez vi como um general alemão dirigia-se na posição de sentido a um

tenente americano. Fiquei abismado. A enérgica intervenção deste tenente pareceu aplainar o caminho: prometeram-nos viaturas e ordens. Depois de se despedir amavelmente, o tenente foi embora. Tinha que regressar a Salzburg.

Quando as ordens estavam prontas, o general não quis assiná-las e nos enviou a um batalhão americano aquartelada em Werfen. Aquilo não me agradou e por isso disso a Hunke para permanecer ali e escolher as viaturas prometidas, enquanto Radl e eu iríamos a Werfen. Se no fim de três horas não tivéssemos voltado, Hunke avisaria às unidades do corpo Alpenland para que cada um decidisse por si mesmo se queria ir para o campo de prisioneiros de guerra ou tentar a ida para seus lares.

O estado-maior do Batalhão americano instalara-se numa luxuosa mansão de Werfen. Radl e o Alferes P. ficaram numa sala, e eu fui levado para outra, onde estava um capitão, a quem expliquei os motivos de nossa visita, solicitando-lhe que assinasse as ordens de deslocamento das unidades. Disse-me para aguardar um instante. A espera foi bastante longa. Finalmente, fui conduzido a um amplo refeitório, onde me fizeram sentar a uma mesa. Diante de mim havia dois oficiais americanos e um intérprete. Repeti minha explicação e tornei a solicitar a assinatura. Subitamente, as portas do refeitório abriram-se violentamente; de todos os lados apontavam-me ameaçadores canos de metralhadoras. O intérprete pediu minha arma. Entreguei-a por cima da mesa, dizendo:

— Cuidado, está carregada.

Apanhou-a com grandes precauções.

A seguir, levaram-me para uma sala contígua, onde tive que esvaziar todos os meus bolsos. Tudo foi corretamente anotado. Devolveram-me os objetos pessoais, à exceção do meu relógio de pulso. Comecei a protestar. Maus protestos, entretanto, não foram levados em consideração e me tiraram da casa. Diante da porta havia uma coluna de veículos. A testa estava uma viatura blindada de reconhecimento com o canhão voltado para trás, apontando para a primeira viatura na qual eu deveria subir. Seguiam-se dois jipes e à retaguarda da coluna estava outro carro de reconhecimento com o canhão apontando para a frente.

Neguei-me a embarcar, dizendo que não o faria antes do falar com o oficial a respeito do meu relógio, um excelente Ômega esportivo, que usei durante toda a guerra. Tinha muito valor para mim e eu não estava disposto a perdê-lo com tanta facilidade. Finalmente, chegou o oficial e foi

investigar para ver quem se apoderara do meu relógio. Quando este me foi devolvido, fui de uma ingenuidade tão grande, que o coloquei novamente no pulso.

Meus companheiros Radl e o Alferes P. estavam separados e ao que me pareceu tinham passado pela mesma experiência que eu acabava de viver. Estávamos todos tomados de surpresa e desanimados. Fiz um gesto em direção à coluna de viaturas dizendo:

— Muita honra para nós.

Subi no primeiro jipe. Na frente e ao lado do motorista estava sentado um oficial (uma posição algo arriscada, no caso de o canhão atirar contra mim). A meu lado sentou-se um GI com cara de poucos amigos; sua pistola automática apontava para a minha barriga. Notei que a arma não estava travada e além disso mantinha o dedo na tecla do gatilho. Com muito prazer teria explicado o quanto era perigoso segurar uma arma daquele modo. Mas meu vocabulário inglês era insuficiente e preferi calar-me.

Meus camaradas tinham subido nos outros dois jipes. Começou a viagem. Passara muito tempo e começava a escurecer. Quando chegamos em Salzburg era noite fechada. Um quadro ao qual eu estava desacostumado chamou a minha atenção: as janelas das casas estavam abertas e iluminadas. A escuridão de tantos anos pertencia ao passado. Levaram-nos para um jardim que se estendia diante de um prédio. Acendi um cigarro e esperei. De repente fomos atacados pelas costas, por vários homens. Antes que pudéssemos ver o que estava acontecendo, tínhamos as mãos amarradas, às costas.

Fui conduzido ao primeiro andar da casa, onde me fizeram entrar numa sala que dava para o jardim. Dois oficiais e um intérprete estavam sentados a uma mesa. Em frente à janela havia uma fileira de poltronas, três das quais estavam ocupadas por militares que não usavam qualquer insígnia. Pelos cadernos de apontamentos que tinham reconheci neles a condição de jornalistas; atrás, em pé, havia vários fotógrafos. Eu estava entre dois soldados. Suas pistolas apontavam diretamente para o meu umbigo. Todos os presentes me contemplavam com uma estranha curiosidade. Sentime como um animal selvagem acabado de capturar. Ainda não tinha percebido que iria começar meu primeiro interrogatório.

Um dos oficiais, o capitão, preparou-se para iniciar suas perguntas. Naquele momento notei que meu relógio de pulso tornara a desaparecer de um modo inexplicável. Intimamente admirei a habilidade do indivíduo que

me despojara dele, pois não tinha notado absolutamente nada. Protestei energicamente: pelas algemas e pelo roubo — ou era um furto? — do meu relógio. Disse que não responderia a nenhuma pergunta enquanto não me tirassem as algemas e devolvessem o relógio. Dirigi-me aos jornalistas solicitando que explicassem a espécie de tratamento dispensado aos prisioneiros de guerra alemães.

Transcorreu mais de meia hora. O capitão não podia decidir nada sozinho. O telefone tocou e logo me tiraram as algemas e devolveram meu relógio. A experiência não me serviu de lição e tornei a colocá-lo no pulso.

O capitão me encarou, mas pedi-lhe um momento de paciência. Todos olharam espantados quando me aproximei da janela. Mais tarde estranhei não ter levado um balaço pelas costas. Sabia que meus companheiros estavam em baixo, no jardim, e lhes gritei:

— Ainda estão algemados?

Ouvi a voz de Radl:

— Ainda!

Fiz meia volta e declarei:

— Não responderei a qualquer pergunta enquanto não retirarem as algemas dos meus companheiros.

O telefone não precisou entrar em funcionamento. Após alguns instantes, ouvi a voz de Radl:

— Tudo em ordem. Muito obrigado!

Aproximei-me da mesa novamente. Começaram por comprovar minha filiação. Em seguida, começou o interrogatório. Lembro a primeira pergunta:

— É verdade que você queria assassinar o General Eisenhower?

Creio ter sorrido ao responder negativamente, oferecendo uma simples explicação:

— Se em alguma ocasião tivesse recebido ordem para atacar o Quartel-General aliado, teria começado por traçar um plano. E, no caso de ter traçado um plano, teria tentado levá-lo à prática. E, neste caso, com toda certeza, a operação teria tido êxito.

Os jornalistas anotavam todas as minhas palavras.

A seguir, o interrogador começou a falar da operação Mussolini. Fazia as perguntas com uma rapidez assombrosa, de modo que mal podia responder. O que mais lhes interessavam eram os detalhes da aterrissagem e as circunstâncias pelas quais os italianos não atiraram. Quando respondi que

tudo fora previsto de antemão, os interrogadores e os jornalistas menearam as cabeças com cepticismo.

— No ano de 1940 — expliquei — os paraquedistas levaram a cabo uma arriscada operação contra a fortaleza de Eben-Emael. Naquela ocasião, os surpreendidos soldados belgas demoraram mais de três minutos para reagir e fazer os primeiros disparos. Acreditei que na Itália disporia, pelo menos, do mesmo espaço de tempo, principalmente levando em conta que o terreno escarpado jamais poderia permitir a alguém prever uma aterrissagem do inimigo.

Ao que me pareceu, o auditório ficou satisfeito com minha resposta.

Em seguida, fizeram-me uma pergunta que me surpreendeu, embora posteriormente tivesse que ouvi-la uma centena de vezes.

— Você acredita que Hitler morreu?

— Tenho certeza absoluta — respondi.

— Tem provas? — perguntaram-me em seguida. Onde soube a notícia de sua morte?

Logicamente não tinha qualquer prova. Mas estava convencido de que a notícia divulgada pela rádio alemã era verdadeira, porque Hitler não podia ter querido viver o fim da guerra. Os jornalistas desejavam intervir, mas o capitão não permitiu. Finalmente, fui levado daquela sala. Lancei uma última olhada ao meu relógio (naquele momento não sabia que era realmente a última) e constatei que era quase meia-noite.

Mal tinha me reunido com meus companheiros no jardim, quando se repetiu o assalto contra nós, ao estilo índio. Tornaram a nos algemar. Vi então que meu relógio voltara a desaparecer. Meus protestos não adiantaram nada. Os canos de algumas armas automáticas empurraram-me para a rua.

Tivemos que nos colocar diante dos faróis acesos de uma viatura e caminhar meio quilômetro, aproximadamente, até um local cheio de soldados. Ali permitiram que nos sentássemos mal acomodados numas cadeiras. Quando perguntei por nossos relógios (meus companheiros também estavam sem os seus), aprendi uma expressão muito utilizada pelos americanos: Shut up! Ou seja: Cala a boca!

Ficamos sentados ali mais de uma hora. Até então sempre tinha pensado que uma das melhores virtudes do soldado alemão era saber esperar. Não tardaria em aprender que aos prisioneiros de guerra alemães seria ensinado ter que esperar.

A seguir, transferiram-nos para outro local, uma antiga taberna convertida em calabouço. Apesar da intensa claridade da lâmpada que iluminava o recinto, um soldado roncava sonoramente sobre um largo banco de madeira. Um major de estado maior estava deitado num sofá vermelho, mas ao que parecia não podia conciliar o sono. Fomos obrigados a sentarmos numa tábua muito estreita colocada ao longo da parede. A postura, com as mãos amarradas às costas, era muito incômoda.

A sentinela, pelo visto, tinha abusado de bebidas alcoólicas e teria preferido tirar uma soneca. Isto explica, talvez, o mau humor mostrado por ocasião de nossa chegada. Dedicou-se a apontar sua pistola, alternadamente, em direção ao ventre de Radl, do Alferes P. e ao meu. Os catres existentes na prisão foram um verdadeiro Suplício de Tântalo.

O fato de permanecermos sentados converteu-se numa tortura. Ao menor movimento a sentinela reagia com gestos e ruídos ameaçadores. Aproveitando o ombro do vizinho, tratamos de empurrar um pouco o boné, o que pelo visto era proibido. Quando cruzei as pernas para apoiar a cabeça no joelho, a sentinela enfurecida se lançou em cima de mim.

A situação tornou-se especialmente crítica quando o Alferes P. teve uma necessidade urgente. Apesar de ter explicado num inglês perfeito, a sentinela se limitou a soltar um Shut up! e a manejar a sua pistola de um modo ainda mais ameaçador do que fizera antes. Diante daquilo, estive a ponto de perder o domínio dos nervos e tive vontade de lançar-me contra a sentinela. Radl, mais tranquilo, evitou tal loucura. Além de tudo, à exceção de um pedaço de chocolate, não tínhamos comido nem bebido nada durante aquele dia.

À medida que passava o tempo, meu nervosismo ia aumentando. Minhas mãos estavam inchadas e supunha que o mesmo acontecia aos meus companheiros. Uma vez que não podíamos conversar, dispúnhamos de tempo para dedicá-lo aos nossos pensamentos. O primeiro dia tinha terminado mal. Mas aquela prova de paciência talvez servisse para alguma coisa. Era lógico que eu meditasse sobre o fim da guerra e sobre todas as nossas esperanças. Não eram pensamentos exatamente otimistas; mas não demorou para me ocorrer uma ideia de indício positivo: onda havia um final, também devia existir um começo, so quisesse continuar vivendo. O viver esse novo começo podia dar sentido à existência. Nem todos têm a sorte de poder começar do novo, aplicando no futuro as experiências do passado. . .

Aquela primeira noite de cativeiro acabou por passar. Quando as primeiras luzes do amanhecer penetraram através da janela, tudo adquiriu um aspecto mais agradável. Experimentei um sentimento de piedade para com a nossa sentinela que, aparentemente esquecida pelos seus companheiros, tinha aguentado a noite inteira sem ser substituída. Para ela o banco de madeira também tinha sido, com certeza, muito duro. Por volta de nove horas — tinha que me acostumar a calcular o tempo a olho — conduziram-me ao primeiro andar.

Ali me esperava um major americano, desta vez sem jornalistas. Começou a lançar uma série de perguntas, mas dei-lhe a entender que precisava satisfazer a umas necessidades prementes. Em primeiro lugar, solicitei-lhe para me tirar as algemas, caso contrário não responderia a qualquer pergunta. Minha solicitação foi atendida. Após ter massageado meus pulsos para restabelecer a circulação do sangue, pedi que me permitissem ir ao banheiro. Só então vi como era difícil um prisioneiro ficar sozinho. Quando retornei, colocaram diante de mim, sem que eu tivesse pedido, uma xícara de café quente e um pedaço de pão branco; enquanto tomava o café, iniciou-se o interrogatório. As perguntas eram exatamente iguais às do dia anterior. No fim, o major também quis saber se Hitler estava vivo. Quando lhe respondi com uma exuberante negativa, sacudiu a cabeça com ar de incredulidade.

Perguntei prudentemente se entre os americanos era habitual algemar os oficiais capturados, despojá-los de seus relógios e, em termos gerais, tratá-los da maneira como tínhamos sido tratados. Respondeu-me que lamentava profundamente o ocorrido e que eu seria transferido imediatamente para um andar superior, onde teria um tratamento adequado. Como pude constatar posteriormente, aquilo significava que me colocariam as algemas menos apertadas e com as mãos à frente em vez de às costas: uma melhora bastante relativa.

Quando desci ao pátio, tornei a ver meus companheiros; a eles tinha sido dada permissão para se assearem um pouco. Vários fotógrafos acionavam suas câmaras, como se executassem um trabalho. Vi também três generais da Wehrmacht, e pelas aparências iam ser conduzidos conosco. Logo saiu da casa um homem cujo aspecto me pareceu bastante cômico. Estava vestido com um capote, uma calça de pijama azul-celeste e chinelos, tendo na cabeça um chapéu que formava conjunto com o capote. Era o doutor Ley, autoridade do Reich. Apesar da seriedade do ambiente, não

pude reprimir um sorriso. Chegou uma coluna de viaturas, encabeçada por um jipe com uma metralhadora montada na parte traseira. Um oficial superior fez um desenho no chão, explicando algo aos militares que o rodeavam. Aproveitando a ocasião, Radl inclinou-se perto de mim e murmurou:

— Vão levar-nos a alguma parte para sermos fuzilados.

O misterioso desenho parecia confirmar aquela opinião.

— Neste caso tentaremos fugir — respondi. É preferível morrer em campo aberto, a deixar que nos levem ao paredão.

— Se o comboio entrar numa estrada secundária, terá chegado o momento — cochichou Radl.

Inclinei a cabeça em sinal de concordância. A ideia de receber um balaço pelas costas não tinha nada do agradável, mas pior ainda era deixar que fôssemos conduzidos ao matadouro como cordeiros mansos.

Fizeram-me subir na primeira viatura. Ao que parece, ali não se levava em consideração a hierarquia. Atrás de mim iam o Alteres P. e Radl, cada um num jipe. Depois o doutor Ley e, finalmente, os três generais. Desta vez ia escoltado por dois soldados, um de cada lado, que me apontavam as inevitáveis pistolas, com os dedos apoiados negligentemente nas teclas dos gatilhos; um capitão instalou-se na minha frente.

Cruzamos as principais ruas de Salzburg. Os transeuntes apenas nos dirigiam um olhar de curiosidade: tive a impressão de que estavam acostumados a semelhante espetáculo. De vez em quando, erguiam-se algumas mãos saudando-nos veladamente. Aquela era a nossa despedida da pátria.

Fazia um calor terrível. Paramos em determinado momento na margem da estrada, sob a sombra de umas árvores. Até então, não tínhamos abandonado a estrada principal, de modo que nossas suspeitas eram infundadas. Enquanto permanecia deitado na grama, comendo um pedaço de chocolate que Radl me dera, com a permissão dos guardas, tentava movimentar uma das mãos dentro das algemas. Tinha lido, certa ocasião, uma novela de Edgar Wallace em que os delinquentes espertos utilizavam um truque especial: quando lhes colocavam algemas, mantinham as mãos voltadas para fora, o que lhes permitia deslizá-las através dos aros de aço. Pela manhã tinha mantido as mãos daquele modo. E, efetivamente, consegui que a algema da minha mão esquerda descesse até os nós dos

dedos. Naquele momento fiquei convencido da utilidade que pode ter a leitura de uma novela policial.

À tarde chegamos a Augsburg. O comboio parou em frente a um prédio de quatro andares. O Alferes P., Radl e eu fomos levados ao primeiro andar, onde nos fizeram aguardar na pequena antessala de um gabinete. Não tardou para que ali se reunissem vários oficiais, entre os quais o Coronel Sheen, a quem já mencionei, e dois majores cujos nomes não me recordo. Isso, entretanto, pouco importa, pois, na minha opinião, foram-me apresentados com nomes falsos.

Quando protestei pelo fato de nos terem algemado, o Coronel Sheen determinou que nos soltassem e me deu sua palavra de honra que isto não mais aconteceria. Dali para diante seríamos tratados como prisioneiros de guerra. A seguir, entramos na sala, onde começou um interrogatório de várias horas. O Coronel Sheen revezava com um dos majores. Devo admitir que os dois cavalheiros estavam muito bem informados. Em consequência, nossa conversa transcorreu com agradável fluidez. Falamos da organização das minhas unidades. Os nomes dos meus colaboradores eram por demais conhecidos, do modo que reconheci aquela colaboração. Quando me neguei a citar nomes além dos que eram do conhecimento público, o Coronel Sheen mostrou-se muito compreensivo. Os dois oficiais desejavam conhecer também toda sorte de detalhes acerca da operação Grifo. Considerando que isto não comprometia ninguém, informei lhe francamente de tudo.

Durante um descanso deixaram-me sozinho na sala. Fui até a janela no momento em que chegava um caminhão do prisioneiros, entre os quais várias mulheres. Fiquei surpreendido ao reconhecer, no meio do grupo, um dos meus oficiais, o Tenente K., que na condição de engenheiro tinha dirigido a construção das instalações de Friedenthal. Durante todo o meu cativeiro, acontecia-me uma coisa curiosa: cada vez que via um rosto conhecido, mesmo à distância, como naquele momento, sentia uma imensa alegria.

No final do interrogatório utilizaram para comigo um truque muito conhecido. Subitamente o Coronel Sheen perguntou:

— Sabemos de fonte segura que nos últimos dias de abril você estava em Berlim. O que estava fazendo ali?

Respondi ter saído de Berlim em fins de março e que não voltei a pisar a capital do Reich. O major interrompeu-me dizendo:

— O Capitão Radl já admitiu sua presença em Berlim naqueles dias.

— Neste caso, façam entrar meu ajudante para que eu possa dizer-lhe que mente. Naquela época, o Capitão Radl esteve diariamente comigo, e precisamente na Áustria.

Um profundo silêncio invadiu o ambiente. Alguns segundos depois, o Coronel Sheen ofereceu-me um cigarro e prosseguiu:

— Coronel Skorzeny, sabemos que você tirou Adolf Hitler de Berlim. Para onde o levou?

Já estava com a resposta preparada.

— Em primeiro lugar — disse — a morte de Adolf Hitler é um fato evidente. No caso de tê-lo levado a algum lugar, eu não estaria aqui neste momento. Teria permanecido a seu lado e não estaria preso voluntariamente.

O Coronel Sheen pareceu ter ficado satisfeito com aquela explicação, não ocorrendo o mesmo com o major. Embora não formulasse a pergunta, era fácil ver em seu rosto o que estava pensando:

— O fato de ter-se entregue voluntariamente não seria mais um truque deste miserável sujeito?

A partir daí esta mesma pergunta me foi formulada muitíssimas vezes, e sempre dava a mesma resposta. Sempre, também, a pessoa que me dirigia esta pergunta — general ou sentinela, juiz, promotor ou jornalista, inglês, francês, russo, belga, holandês ou austríaco — acolhia minhas palavras com um ar de dúvida, sacudindo a cabeça significativamente. Até hoje ainda não consegui me livrar desse tipo de perguntas. Os motivos pelos quais tanta gente deseja saber se Adolf Hitler está realmente morto voa do amor ao ódio, e do interesse histórico ao puro sensacionalismo.

Meus companheiros foram submetidos a um interrogatório semelhante ao meu. Voltamos a sentar-nos juntos na antessala, para comer as rações que nos deram, ameaçados pelo inevitável cano de pistola. Pelo visto, os americanos consideravam nos como elementos muito perigosos.

Após termos comido, tiraram várias fotografias nossas, destinadas a engrossar, certamente, algum álbum de criminosos. Durante meu cativeiro fui fotografado no mínimo dez vezes. Creio que a comparação daquela série de fotografias seria muito interessante, pois permitiria constatar os progressivos estragos causados no meu organismo pela "hospitalidade" dos aliados.

Não posso deixar de citar como um dado curioso o fato de me fotografarem com uma máquina alemã.

As surpresas daquele dia, entretanto, não tinham acabado. À tarde levaram-me para uma sala mais ampla do que a anterior. Creio que nela estava reunido todo o estado-maior do CIC de Augsburg. Fizeram com que eu me desnudasse e o conteúdo dos meus bolsos desapareceu no interior de um saco de lona. Infelizmente esqueci de pedir um recibo. Tive que realizar alguns exercícios físicos em trajes de Adão, para mostrar determinadas partes do corpo que exigem uma posição especial para serem examinadas. Apesar da minha fama de sabotador, convenceram-se de que eu não levava armas secretas ou engenhos perigosos escondidos. No meu corpo só havia algumas cicatrizes bem ganhas, que certamente constaram da ata. Depois de me devolverem a roupa, fui transferido para a prisão municipal, juntamente com meus companheiros.

Ficamos alojados em celas separadas. Fui submetido a um novo e minucioso exame, que durou mais de uma hora. Finalmente, deixaram-me sozinho na cela, para que eu tivesse ocasião de pensar no que fora meu segundo dia de cativeiro. Na realidade não estava só; os conhecidos pequenos habitantes do lugar não demoraram a dar sinal de vida. Minhas experiências como prisioneiro de guerra não eram demasiado alentadoras, mas como sabia que no dia seguinte seria transferido para um lugar de maior categoria, isto é, o Quartel-General aliado, e como me foi dito que nos lugares mais importantes o tratamento era melhor, deixei meu antigo otimismo apoderar-se de mim, deitando no catre para dormir à noite inteira num sono só.

No dia seguinte levaram-me novamente ao gabinete do Coronel Sheen, quando então reiniciou o interminável interrogatório. Durante longas horas falamos da organização das minhas Unidades de Caçadores e da "Mil-D". Vi que nos atribuíam uma importância e uma influência que estavam muito longe de corresponder à realidade. No que diz respeito à provisão de fundos, por exemplo, o Coronel Sheen ficou espantado quando lhe disse que estava autorizado a gastar até uma quantia de quinhentos marcos ou cinquenta marcos em divisas.

Em alguns momentos, a conversa girou em torno de assuntos políticos. Recordo que me foi perguntado, entre outras coisas:

— Você nunca ouviu nossas notícias pelo rádio? Por que se negou a crer nos fatos que difundimos?

Podia justificar perfeitamente minha negativa: que objetividade podia ser esperada de uma emissão de propaganda? Se tudo o que as emissoras aliadas diziam fosse verdade, a operação Mussolini, por exemplo, jamais fora realizada. A 10 de setembro de 1943, a rádio inglesa divulgou a notícia de que Mussolini tinha chegado à África como prisioneiro de guerra a bordo de um navio italiano. Dois dias depois, Mussolini estava livre e voava comigo para a Alemanha.

No dia seguinte fomos transferidos para Wiesbaden. A escolta não era tão numerosa como ocorrera na viagem anterior; íamos em dois jipes. Contudo, a promessa do Coronel Sheen parecia não ter valor para o oficial encarregado de nossa condução; apesar de nossos protestos, voltaram a colocar-nos as algemas. Naquela viagem comprovei que os americanos dirigem suas viaturas a velocidades alucinantes.

Numa das paradas que fizemos pude esquentar sobre o fumegante motor do jipe uma lata com café solúvel.

CAPÍTULO XXXI

No Quartel-General aliado em Wiesbaden — Inesperado encontro com o doutor Kaltenbrunner — Intermináveis interrogatórios — O Coronel "Fisher" — Pseudônimo? — Uma ordem do dia — Caçada a recordações — "Livre" de tudo — A prisão — 31 G 350086 — Campo de interrogatórios de Oberursel — "Mak snell" (sic) — Interrogatório filmado — Reencontro com Radl — Acontecimentos estranhos.

Chegamos a Wiesbaden à noite e nos dirigimos a uma sala do Quartel-General americano situada à Rua Boldeslschwingh. Depois que a soldadesca americana de serviço me contemplou à vontade, entrei no que durante as próximas semanas seria a minha residência: um casebre de madeira construído perto do prédio. Havia cinco daqueles casebres, um ao lado do outro. Tive que me desnudar novamente e repetir os exercícios físicos. Mas desta vez não me devolveram a farda; entregaram-me, para substituí-la, um tosco uniforme de presidiário, que não era dos mais elegantes. Quando fecharam a porta da minha nova "residência", sentei num dos catres; havia um outro na parede em frente, separado do meu por uma pequena mesa dobrável. Mergulhei em profundos pensamentos. O que me reservariam os próximos dias? Após algum tempo a porta se abriu e entrou o sargento comandante da guarda. Mais tarde fiquei sabendo que ele era professor de alemão numa High School americana. Informou-me sobre uma das normas da casa, que devia ser cumprida à risca: quando batessem na porta, devia levantar e gritar OK! Caso não cumprisse religiosamente aquela determinação, não receberia alimentação.

Voltei a ficar só. Fazia um calor sufocante e as janelas não podiam ser abertas. Não havia travesseiros no catre. Tudo era incômodo, mas como o costume é uma segunda natureza, finalmente consegui pegar no sono. Fui despertado com o ruído da porta que se abriu. Ouvi alguém entrar e deitar no outro catre. Na obscuridade, não pude reconhecer o meu vizinho. Por outro lado não sentia a menor curiosidade; só desejava uma coisa: dormir. Mas meu novo companheiro começou a roncar, perturbando-me o sono. Pela manhã, a surpresa foi enorme: meu companheiro de prisão não era

outro senão o General das SS doutor Kaltenbrunner, chefe da Polícia de Segurança alemã. Era fácil supor os motivos pelos quais nos puseram juntos. Ouvidos ansiosos, provavelmente, permaneciam colados a dispositivos conectados com microfones ocultos em nosso casebre. Uma olhada através da janela permitiu-me ver os fios estendidos no chão, confirmando minhas suspeitas.

O doutor Kaltenbrunner também ficou surpreendido ao me reconhecer. Suponho terem os ouvintes captado perfeitamente nossas saudações e conversas subsequentes. Embora não tivéssemos nenhum segredo de Estado para comentar, posso revelar um detalhe: batendo com os pés no assoalho de madeira, ruídos sumamente desagradáveis eram transmitidos pelos microfones ali instalados.

O doutor Kaltenbrunner e eu permanecemos juntos naquele casebre aproximadamente cinco dias. Contou-me ter sido interrogado em termos muito corretos por um inglês, professor de história, que lhe fez sentir um evidente otimismo acerca de seu futuro, otimismo este do qual eu não compartilhava. Em nossas conversas não aludíamos a nada sobre o passado mais próximo. Preferíamos recordar nossa época de estudantes ou amigos austríacos comuns. Esforçávamo-nos também para traduzir, com a ajuda de um dicionário, as notícias de alguns jornais ingleses que nos eram dados por nossos carcereiros. Para grande surpresa nossa, descobrimos uma enorme quantidade de vocábulos americanos que não podem ser encontrados num dicionário Oxford.

Durante o tempo que durou minha permanência no casebre, conheci três interrogadores. O primeiro deles um tenente que mal recordo. O segundo gostava de ser chamado de "Capitain"; mais tarde fiquei sabendo que era um funcionário civil. Antes da guerra vivera em Berlim, como cidadão alemão. Disse-me chamar-se Bovais. Entendíamo-nos muito bem.

O terceiro era um coronel inglês que me foi apresentado com o nome de Fisher. Mas seu verdadeiro nome era o do uma dinastia bancária mundialmente famosa. Pertencente ao Serviço Secreto inglês, carregado de tradições, revelou se o mais inteligente dos meus interrogadores e o mais bem dotado do conhecimentos profissionais.

No fim de algum tempo, Mr. Bovais facilitou minha tarefa. Diariamente indicava-me deveres por escrito sobre algum assunto, que devia entregá-lo no dia seguinte. Quando minha composição correspondia em qualidade e quantidade a seus desejos, proporcionava-me cigarros, jornais e um ou

outro livro de autores proibidos no Terceiro Reich. Devido a isto, meus estoques de livros e cigarros flutuavam bastante, mas de um modo geral não podia queixar-me dos suprimentos, demonstrando com isto que o interrogador estava satisfeito comigo. Quando tornei a vê-lo em Nuremberg, no ano de 1948, lembrei dele com muito prazer.

Com o Coronel R., aliás Fisher, os interrogatórios desenrolavam-se de maneira muito mais incisiva. Contudo, não obtinha de mim maiores dados que Mr. Bovais. Tinha a impressão de que o coronel estava zangado comigo porque minha unidade de apoio logístico tinha enchido uma mina abandonada de Salzburg com grande quantidade de explosivos, armas e munições, bloqueando depois a entrada. Não tínhamos agido às escondidas, pois toda a população estava ciente do fato. Mas o Coronel R. considerava isso como um "crime de guerra". Defendia-me dizendo:

— Ignorava que a posse de explosivos, em tempo de guerra, por parte de soldados alemães pudesse constituir um crime.

O Coronel R. insistiu. Realizou uma viagem a Salzburg e obteve algumas peças do material guardado na mina — que no entanto fora reaberta — entre as quais duas granadas do mão. Quis que lhe explicasse os detalhes de seu funcionamento, mas ao ver que eu as manuseava com certo descuido, atirou so sobre mim. Repreendeu-me por tentar fazê-lo ir pelos ares, juntamente com o casebre. Uma acusação completamente injusta, pois amava muito minha vida e por isso não me exporia a semelhante perigo. Perdi as estribeiras definitivamente com o Coronel R., vendo-me obrigado a dizer-lhe uma desagradável verdade. Ao acusar-me pelo fato de possuir uma quantidade excessiva de explosivos, repliquei:

— Neste caso vocês não deveriam ter fornecido grande quantidade de granadas aos movimentos de resistência da França, Bélgica e Holanda. Como o senhor pode constatar, a maior parte deste perigoso material é constituída de granadas made in England e nós sempre apreciamos muito esta marca.

Não sei se o intérprete cometeu algum erro de tradução, mas o caso é que o interrogatório terminou bruscamente.

O leitor não deve desconhecer os acontecimentos cotidianos da vida de um prisioneiro de guerra, que naqueles momentos limitavam-se à alimentação, ao asseio e aos interrogatórios. A respeito destes últimos já informei sucintamente e seria talvez enfadonho insistir no assunto, porquanto na realidade os interrogatórios eram todos iguais.

Sobre a alimentação, a única observação digna de nota era a maneira de servi-la. Três vezes ao dia batiam na porta. Como já expliquei, ao ouvir a chamada, devia levantar-me e dizer Okey, embora com o tempo chegasse a prescindir deste cerimonial e nem sequer me levantava. Um GI filipino abria a porta, encarava-me com os olhos apavorados e quase sempre deixava a bandeja cair no chão, provocando com isto uma diminuição da minha etapa. Em seguida fechava a porta com uma rapidez incrível. Dava a impressão de que se alegrava por ter salvo a vida. Pelo visto, descreveram-me como um elemento tão perigoso quanto um animal selvagem.

Para tomar banho e outras necessidades, levavam-nos individualmente a um dos casebres. A porta ficava aberta e "protegida" por duas sentinelas de metralhadora nas mãos. Tinham ordem de gritar a partir do primeiro minuto: Mak snell (Apressa-te), repetindo a advertência a intervalos cada vez menores e acompanhando-a com gestos cada vez mais ameaçadores. Nunca pude dispor além de quatro minutos para satisfazer minhas necessidades fisiológicas, incluindo o banho.

A água para a higiene pessoal estava num balde a um canto. Apesar da severa vigilância a que éramos submetidos, podíamos calcular o número de habitantes das choças pelo conteúdo do balde, mas outros dados eram impossíveis sem o talento de um Sherlock Holmes. Em cima de um banco havia uma bacia, parecendo proveniente de uma mansão burguesa de meados do século passado. O grau de umidade de uma toalha nos permitia calcular o número de pessoas que a tinham utilizado. Dispúnhamos também de um tablete de sabão vermelho. Com evidente orgulho chamaram nossa atenção sobre o fato de que aquele sabão fora fabricado e fornecido pela grande aliada e irmã Rússia.

Duas vezes por semana um ítalo-americano, que parecia exercer a profissão de fígaro também na vida civil, fazia nos a barba. Com o decorrer do tempo acabei por me acostumar a seu perigoso modo de usar a navalha.

Seria injusto deixar de mencionar que Mr. Bovais atendeu a dois pedidos meus. Em primeiro lugar, devolveram meu uniforme praticamente intacto, à exceção do forro que fora descosido e continuava milagrosamente preso ao pano por alguns fios. Não dispunha de roupa interior, porquanto a colocara na maleta de Radl, que a tinha "perdido". O mesmo ocorreu com meus objetos de higiene pessoal. Mr. Bovais tratou de consolar-me pela perda, dizendo:

— Compreenda, querem ter uma recordação sua.

A seguir, presenteou-me com um lenço de bolso.

Solicitei permissão e a obtive após quinze dias, para passear no jardim, de 5 a 10 minutos diários, sempre à tarde. Nestes passeios eu era observado por 8 a 10 guardas. Acredito que, nas tardes em que não me levavam a passear, devia-se à existência de um número insuficiente de guardas. A todos os meus pedidos, próprios de um prisioneiro, Mr. Bovais respondia invariavelmente:

— I'm sorry, it is against the rules" (Sinto muito, é contra o regulamento), ou então o habitual "I see what I can do for you" (Verei o que posso fazer por você).

Em determinado dia apresentaram-me uma relação dos objetos de valor e condecorações que me foram despojados, para assiná-la. A lista estava muito longe de ser completa, pois nela tinham omitido — certamente para simplificar — as coisas que faltavam. Decidi anotá-las em outra lista e me prometeram realizar as devidas investigações. Não há dúvida de que a distância de Augsburg a Wiesbaden é muito grande. O fato de não me terem dado recibo era muito prático, pois a coluna do "haver" reduzia-se cada vez mais, enquanto a coluna do débito crescia continuamente. O pouco que me restava ao chegar a Nuremberg foi roubado por um bom camarada, que entre outras coisas exercia a profissão de alcaguete. Daí para diante fiquei definitivamente livre do apego ao dinheiro e aos bens materiais. No dia do meu aniversário, 12 de junho, passei com muito pouca roupa no corpo, porque foi um dia muito quente. À tardinha, o sargento deixou a porta aberta durante meia hora aproximadamente, com uma sentinela para me vigiar. Embora fosse rigorosamente proibido, de vez em quando trocava algumas palavras com a sentinela, um húngaro naturalizado americano. Quando lhe disse que eu era vienense, atirou a meus pés um maço de cigarros Camel. Jamais esquecerei aquele GI.

O calor era cada vez mais intenso e a permanência no galpão ficava mais desagradável à medida que o verão avançava. Passou uma semana sem que eu fosse submetido a qualquer interrogatório. Teriam acabado para mim? Não ousava acreditar. A 21 de junho — posso assinalar as datas com precisão, porque tinha confeccionado um pequeno calendário que, coisa curiosa, consegui salvar de um grande número de registros — o sargento me fez sair do barracão dizendo que tinha ordem para acompanhar-me ao prédio onde vários oficiais de altos postos desejavam falar comigo. Quando comecei a me vestir — devido ao calor eu estava apenas de cuecas — o

sargento sugeriu que eu me apresentasse tal como estava para que as altas autoridades compreendessem o quão insuportável era o calor reinante no meu alojamento. Não sou pessoa de ouvir um bom conselho duas vezes. Meu aspecto devia ser bastante cômico: vestia um pijama empapado de suor e com muitos buracos nas mangas, e um tamanco bastante surrado. Ao ingressar na ampla sala fiquei envergonhado. Encontrava-me diante de três generais e de outros altos oficiais do Exército americano. Creio que gaguejei uma desculpa, mas os oficiais, sem deixar de apreciar o aspecto cômico da situação, mostraram-se muito compreensivos. Começaram oferecendo-me um whisky; como pessoa cortês e capaz de apreciar um bom whisky, não pude deixar de aceitá-lo.

Nossa conversa girou principalmente sobre algumas facetas da battle of the bulge. Tive ocasião de verificar a surpresa que aquela ofensiva representara para os aliados e o quanto estivéramos perto de nosso objetivo, o Mosa. Os oficiais, por sua vez, reconheceram o esforço realizado pelas extenuadas unidades alemãs e me confessaram que a série de boatos que tínhamos posto em circulação significara um novo meio de combate, com efeitos positivos. Finalmente, falou-se também da famosa questão do suposto ataque ao Quartel-General aliado. Repeti mais uma vez meus argumentos. Tive a impressão de que minhas explicações foram acolhidas de um modo inteligente e compreensivo. Aqueles homens, acima de tudo, eram soldados que sabiam respeitar o vencido.

Creio que, depois de nossa conversa, teriam de boa vontade me ajudado e procurado um alojamento mais habitável. Contudo, como ocorre muitas vezes, a boa vontade de alguns não pode impor-se à maioria e em determinadas ocasiões chega a ser contraproducente. No dia seguinte fui transferido para a prisão de Wiesbaden. Ali uma cela especial estava à minha espera. O pior desse tipo de alojamento é a falta de perspectiva que costuma oferecer com respeito a uma visão externa; por isso tratei de resolver o problema agindo desde o primeiro dia.

A prisão não tinha escapado aos efeitos dos bombardeios aéreos e mal era habitável. Além de tudo, minha cela tinha uma janela gradeada com um grosso e opaco vidro que impedia olhar para fora. No primeiro reconhecimento da cela, que fiz imediatamente após tê-la ocupado, tive sorte de encontrar um cabo de colher velha, muito adequado para raspar a massa que fixava o vidro. Na segunda noite dediquei-me àquela tarefa; na manhã seguinte, o vidro tinha desaparecido; poderiam tê-lo encontrado em

cacos sobre um monte de escombros num pátio contíguo. Agora podia olhar livremente para o exterior; o esforço valeria à pena.

Karl Radl e eu tínhamos combinado comunicar-nos com um assovio que serviria para nos reconhecermos. Quando utilizei aquela senha pela primeira vez, recebi uma resposta quase imediata. Radl explicou mais tarde que meu assovio, completamente desafinado, era inconfundível. Pude constatar que meu camarada achava-se alojado no primeiro andar da prisão, um pouco à esquerda e abaixo da minha cela. O Alferes P. fora enviado a um campo de prisioneiros de guerra. Pudemos comunicar-nos mutuamente que estávamos bem de saúde e que não tínhamos perdido o ânimo. Isto era o principal.

Em nossa situação não podíamos cometer o pecado da inveja pela sorte de outros companheiros que, pelo visto, era melhor. No pátio situado imediatamente abaixo da minha janela havia seis ou sete galpões de madeira iguais ao que me serviu do residência antes de ingressar no cárcere. Os presos que os ocupavam, todos "nazistas" e "militaristas", podiam locomover-se livremente durante o dia e só à noite eram encerrados nos galpões, entre os quais havia inclusive um pouco de grama. Com o tempo cheguei a conhecer todos os meus companheiros de cativeiro pelo nome; chegamos, inclusive, a apresentar-nos uns aos outros. Eram dois oficiais de alto posto das SS, três funcionários do Ministério de Assuntos Exteriores, vários oficiais do Estado-Maior Geral, um sargento, dois civis, um húngaro e um hindu. De minha parte ficava muito alegre ao ver quando no pátio jogavam bridge ou quando um aficionado de educação física fazia exercícios na grama. É possível que outros presos invejassem o passeio que me autorizaram a dar por um dos grandes pátios duas vezes por dia. As sentinelas eram mais amáveis do que aquelas que tinha encontrado até então, e meu passeio prolongava-se frequentemente além dos quinze minutos previstos. É certo que eu sempre andava só. No pátio havia uma "piscina"; um enorme buraco ocasionado por uma bomba de grande potência, que a água da chuva encarregara-se de encher. Para meu desgosto, não tardaram em proibir-me de utilizar essa piscina, por motivos de higiene. No decurso daqueles passeios cheguei a conhecer todos os habitantes da prisão, pois me dedicava a observar atentamente todas as janelas. Naqueles dias chegaram alguns oficiais das minhas Unidades de Caçadores.

A vida na prisão de Wiesbaden tinha alguns aspectos interessantes. O edifício era muito antigo e as instalações sanitárias achavam-se no mesmo

padrão. Mas ali também tive sorte, pelo menos numa coisa. Com o passar do tempo cheguei a conhecer muito bem algumas das sentinelas, que me permitiam, pelo menos uma vez por dia, entrar num quartinho, em cuja porta havia o seguinte cartaz: For americans only (só para americanos). Contudo, não era possível remover o obstáculo de que para toda uma galeria, isto é, 30 celas ocupadas por cinquenta inquilinos, houvesse apenas uma pia, na qual deviam ser lavados todos os recipientes das celas, inclusive os utilizados para comer.

Recuso-me a comentar o aspecto que tinha aquele quartinho quando havia algum problema no encanamento. Para lavar-nos, dispúnhamos de uma bacia oxidada, relíquia de uma cela monástica da Idade Média. Mas o homem acaba por acostumar-se a tudo. Comecei contando meu cativeiro por semanas, que ia anotando na parede, imitando os calendários que já figuravam nela e que remontavam à década de vinte. Acabei contando o tempo por meses e por trimestres.

Na cela situada imediatamente abaixo da minha havia um ex-tenente da Luftwaffe. Posteriormente fiquei sabendo que fora preso por ser um antigo NSFO (Dirigente do Partido Nacional-Socialista). Através dele fiquei ciente, no decurso do conversas de janela em janela, da sorte que alguns amigos meus tiveram. Por motivos que desconheço, tinham castigado o pobre tenente, não o deixando fumar. Naturalmente fiz chegar a ele numerosos cigarros, empregando a antiga técnica do cordão.

Naquela prisão fui interrogado também por dois oficiais franceses. Contaram-me que um oficial do Batalhão de Caçadores Sudoeste encontrava-se cativo dos franceses, mas não conseguiam fazê-lo falar.

— Não creio que venham pedir-me para lhe dar ordem para falar — disse-lhes.

Os oficiais, que se mostraram muito gentis, desandaram a rir, dizendo terem contado aquilo com um sentido de elogio pela atitude do meu antigo subordinado. Fiquei sabendo por intermédio daqueles oficiais que um dos poucos agentes pagos que trabalhou para nós, um tal de N., fizera um jogo duplo, cobrando dos dois lados. É certo que durante a guerra suspeitáramos dele, mas não conseguimos qualquer prova concreta. A conversa desenrolou-se em termos tão amistosos, que não hesitei em pressagiar melhores dias para a futura convivência entre as populações da Alemanha e França.

O senhor Bovais visitava-me de vez em quando. Suas perguntas eram meras repetições de tantas que já havia feito. Nossas opiniões, lamentavelmente, continuavam sendo radicalmente opostas. Durante aquelas primeiras semanas consegui reunir uma considerável quantidade de experiências sobre meus interrogadores e de seus diferentes métodos. Mas após três anos de cativeiro pude convencer-me de que um prisioneiro nunca aprendeu o suficiente.

Cheguei a conhecer o Coronel R. também sob outro aspecto. Como já disse, não éramos bons amigos. Em meados de julho veio visitar-me novamente. Entregou-me um documento, no qual constavam três perguntas, as quais devia responder "sim" ou "não". Eu sabia perfeitamente a espécie de respostas que o Coronel esperava de mim, mas infelizmente não podia dá-las porque não correspondiam à verdade. O Coronel R. concedeu me o prazo de uma hora para pensar, dizendo, como quem não quer nada, que na Inglaterra utilizavam-se métodos muito "diferentes" para interrogar prisioneiros e não lhe era difícil obter uma passagem de avião para as Ilhas Britânicas. Respondi ao documento de acordo com os ditames da minha consciência. Posteriormente fiquei sabendo de camaradas que, em circunstâncias semelhantes, fraquejaram diante de sua vontade. Não posso recriminá-los, pois sei por experiência própria o que significa encontrar-se submetido a uma pressão de tal natureza. No fim de uma hora vieram buscar o documento.

Esperava minha transferência de um momento para o outro. Meu estoque de cigarros ficou quase esgotado e eu sabia que uma transferência representava perder o pouco existente. Mas minha surpresa foi enorme ao ver abrir-se a porta e entrarem vários sargentos americanos na minha cela. Em vez do clássico Let's go, os americanos bateram-me no ombro amistosamente e me presentearam com vários pacotes de cigarros. Conforme pude deduzir de suas palavras, o Coronel R. descreveu-me como um fine boy (um bom rapaz).

Na prisão de Wiesbaden também tive que assinar o inditoso recibo dos objetos de valor que entreguei. A lista das "perdas" ficou ainda mais extensa. Além disso, em Wiesbaden deram-me um número de prisioneiro de guerra que me acompanharia durante os meses seguintes: 31 G 350086. Não pude esquecê-lo.

A 30 de julho de 1945, obedecendo a um plano muito complicado, iniciou-se a transferência dos presos do cárcere de Wiesbaden. Os

prisioneiros, reunidos em pequenos grupos, eram conduzidos a um local onde deviam aguardar várias horas. A seguir formavam-se outros grupos, que passavam a embarcar nas viaturas que estavam esperando. Na sala de espera pude presentear a um velho general, a quem eu não conhecia, com alguns cigarros. Poucas vezes na vida tive oportunidade de ver um rosto iluminar-se com tamanha expressão de felicidade. Os homens de idade mais avançada sofriam muito mais do que nós com aquele estado anormal de coisas.

Uma vez na rua, antes de embarcar na viatura que me fora designada, assoviei para saber de Radl. Ao ouvir sua resposta, constatei que ele também estava sendo transferido. Levaram-nos a Oberursel, um antigo campo de aviação convertido agora no Camp King. As celas, construídas no interior de galpões de madeira, eram menores que as da prisão de Wiesbaden, mas muito mais limpas. A minha estava marcada com o número 94. Na porta havia um cartão com uma lista transversal de cor vermelha. Noutras partes as listas eram azuis ou verdes. Não cheguei a penetrar no segredo daquelas listas, embora tenha chegado à conclusão de que uma lista vermelha devia significar algo como "Cuidado, homem perigoso". As pias limpas foram uma agradável inovação para nós, embora o habitual mak snell não nos permitisse desfrutar todo o prazer da água corrente. Outra novidade eram as campainhas automáticas, que podiam ser acionadas do interior da cela quando tínhamos alguma necessidade premente. O sinal da campainha podia ser interrompido de fora; o problema então resumia-se em esperar. Repetir o toque imediatamente era motivo para aguardar até a noite. Incorri uma só vez neste erro, o que foi suficiente para não repetir a experiência.

Pelos comentários murmurados de janela em janela, fiquei sabendo que Hanna Reitsch encontrava-se também em Oberursel. Embora eu não compreendesse por quais supostos "crimes" fora presa aquela valente aviadora, alegrei-me por saber que ainda estava viva.

Em três ocasiões o sargento comandante da guarda determinou que tirassem o colchão de minha cela, pouco antes da hora de dormir, sem que me devolvessem na manhã seguinte. O colchão não era lá essas coisas, mas, após ter dormido sobre as duras tábuas, pareceu-me um colchão de penas. A comida era servida uma vez por dia: um recipiente com uma sopa qualquer e uma xícara de café. Era pena que o único pedaço de pão a acompanhar

aquele líquido quase sempre nadava no fundo do recipiente. Minha única satisfação consistia em poder enfrentar estas vicissitudes de bom humor.

Certo dia — de acordo com meu "calendário" era 2 de agosto — ocorreu um fato curioso. Dois enérgicos guards levaram-me a uma sala onde estavam instaladas duas câmaras cinematográficas. Um capitão e um intérprete estavam sentados diante de uma mesa. Quando o capitão iniciou o interrogatório, as câmaras começaram a funcionar. Era como se filmassem uma película de longa metragem, com a diferença de que o "artista" não cobrava. A filmagem era interrompida toda vez que surgia alguma dúvida sobre as perguntas ou quando acontecia qualquer erro de tradução.

As perguntas versaram sobre a ofensiva das Ardenas e a operação Mussolini. Depois prosseguiram como nos outros interrogatórios. Nunca pude descobrir o objetivo almejado com aquele filme, nem soube de nenhum prisioneiro que fosse interrogado de um modo tão original.

No dia seguinte interrogou-me o Tenente-Coronel Burton Ellis. O tema foi a battle of the bulge. A principal pergunta girou em torno de uma suposta ordem dada pelo VI Exército Blindado SS, para que fuzilassem os prisioneiros americanos.

Insisti dizendo jamais ter visto tal ordem e nem podia crer na sua existência. Negava-me a admitir a possibilidade de uma unidade do Exército alemão ter levado a cabo aqueles fuzilamentos. A ser verdadeiro, o fato teria transpirado. Respondi ainda que, em fins de 1944, o VI Exército Blindado divulgou uma circular a todas as unidades para que informassem a respeito de tão bárbara notícia divulgada por uma emissora inimiga de Calais. O interrogatório prolongou-se pelo espaço de quatro horas e foi o mais duro que suportei até então.

Durante as semanas seguintes tive que responder a outros quatro ou cinco interrogatórios sobre a ofensiva das Ardenas; estes, porém, tiveram um caráter puramente militar e transcorreram num ambiente mais agradável. Meus interrogadores confirmaram os efeitos positivos da difusão de boatos como arma de guerra. Dois dos oficiais que me interrogaram tinham sido detidos como suspeitos de pertencer à 150ª Brigada Blindada.

O 11 de agosto foi um dia especialmente feliz. Inesperadamente abriu-se a porta de minha cela e meu amigo Radl foi empurrado para dentro. Radl estava tão surpreendido quanto eu. Há várias semanas vínhamos rogando a Mr. Bovais que nos pusessem juntos, já que nossos interrogatórios, pelo visto, tinham terminado. Finalmente, pois, atenderam a nosso pedido. A

partir daquele momento, o tempo transcorreu para nós muito mais rápido. Juntos dávamos nosso passeio diário de dois minutos, juntos tomávamos banho com a velocidade de um trem expresso, junto ríamos das coisas que antes, estando sós, nos tinham perturbado. Depois fomos transferidos para a cela número 5 da ala A. Nossa janela, quando aberta, permitia ver o banheiro e o pátio dos reclusos. Ao ver os demais prisioneiros, a maioria de aspecto distinto, concluímos que fôramos "promovidos". Restava saber em que sentido.

Outra diversão de nossa monótona existência eram as inspeções. Certo dia apresentaram-se alguns hóspedes de posição particularmente elevada. Um sargento nos disse que ao ouvirmos um sinal de chamada devíamos colocar-nos de costas para a porta em posição de "atenção" e "mãos ao alto". Três meses depois da capitulação, aquele hands up me pareceu muito ridículo. Mas ordens são ordens. Se os hóspedes desejavam admirar nosso "lado posterior", não havia problema. Mas os visitantes passaram ao largo diante das celas, sem molestar-nos.

A 10 de setembro terminou repentinamente nossa agradável vida em comum. Uma sentinela abriu a porta e gritou, dirigindo-se a mim:

— Mak snell! You have to be ready in five minutes. (Ande ligeiro! Deve estar pronto em cinco minutos).

Voltou a fechar a porta com violência e desapareceu.

Não tinha muita bagagem para preparar, pois durante o tempo que ali estive minha escassa bagagem só foi aumentada com uma camiseta. Radl e eu não tivemos tempo sequer para despedir-nos. Depois de me colocarem as inevitáveis algemas, transportaram-me de automóvel ao aeroporto. Ali, ao ver os demais passageiros, compreendi que seríamos levados a Nuremberg!

CAPÍTULO XXXII

Voo de "personalidades" a Nuremberg — Vis-à-vis com Göring — Rudolf Hess — Luta contra a depressão — O Padre Sixto — Na sala das testemunhas — ídolos caídos — A autodefesa levada longe demais — Quem ameaça Nuremberg? — Em Dachau — Guarded like a cobra — Novamente

em Nuremberg — Campo de Regensburg — Outra vez no bunker — Austríacos — Estrangeiros.

No bimotor vi muitos rostos conhecidos: o Almirante Dönitz, General Guderian, General das SS Sepp Dietrich, o Ministro Seldte, Baldur von Schirach, doutor Kaltenbrunner e outros que não conhecia. Fazia um tempo magnífico, mas não podia desfrutar o prazer do voo. A incerteza com relação ao futuro fazia com que cada um de nós mergulhasse nas profundezas dos próprios pensamentos.

Quando chegamos a Nuremberg, fomos transportados do aeroporto diretamente ao Palácio da Justiça, em veículos da Cruz Vermelha. Um capitão soltara-me previamente as algemas; creio que até ele viu o ridículo daquela medida de segurança. Naquele momento ninguém pensava que alguns dos que ali estavam não tornariam a sair com vida do edifício. Fomos recebidos pessoalmente pelo Coronel Andrus, comandante da prisão. Ao vê-lo lembrei imediatamente de Heinrich Himmler com seus pince-nez. O Almirante Dönitz e eu éramos os únicos que ainda usávamos, sobre os uniformes, as nossas insígnias. Quando nos informaram que em Nuremberg só havia "detidos", fizemo-nos o favor mútuo de retirar aquele último símbolo de nossa passagem na Wehrmacht alemã.

Fui trancafiado na cela 31 do andar térreo. A vigia da porta estava aberta e através dela examinei o corredor até onde alcançava minha vista. Atrás da vigia de outra cela situada quase em frente à minha, alguém inclinou a cabeça, saudando-me. Era Hermann Göring e, pelo visto, estava de excelente humor.

A prisão de Nuremberg estava muito bem organizada, embora seja possível que esta impressão favorável deva se ao contraste com meus alojamentos anteriores a cargo dos Aliados. Dois dias depois fui transferido para a cela 97, situada no andar superior, onde havia mais ventilação e inclusive podia ver as copas de algumas árvores e um pedaço do céu. Às vezes, o vento trazia até onde eu estava a música de uma longínqua feira, tocada incessantemente por um velho órgão:

Sturmisch die Nicht, und die See geht hoch...

(A noite tormentosa, o mar se agita...)

Tudo que vi, sofri, pensei e senti naqueles meses poderia ser assunto de um livro. Aquela época foi muito difícil, pois me defrontei a sós com minha

consciência, uma vez que havia problema sem solução à vista. Mas, ao mesmo tempo, foi uma época que me enriqueceu espiritualmente e por nada neste mundo quisera que ela não tivesse existido. Vivi uma série de experiências que muito me serviram posteriormente.

Devo confessar que, nas primeiras semanas passadas em Nuremberg, estive dominado por uma profunda depressão. Passado e futuro fundiam-se numa nebulosa só. O isolamento, a incerteza acerca da sorte ocorrida com minha família, o triste destino da pátria, tudo contribuía para ver as coisas com amargo pessimismo. Mas impus a mim a obrigação de reagir. Precisava superar aquela crise com minhas próprias forças; ninguém podia ajudar-me, nem o melhor de meus amigos. Paulatinamente fui recobrando o apreço à vida e meu antigo otimismo.

Durante os passeios pelo pátio vi Rudolf Hess algumas vezes. Estava sempre algemado por um pulso ao seu guardião. Olhava de maneira fixa para frente e andava em rápidas passadas, mas nunca me deu a impressão de ser um perturbado mental. Ao contrário, despertava em mim a ideia de que sua conduta obedecera a um plano premeditado. Mais tarde tive oportunidade de falar com várias pessoas que conheciam Hess na intimidade. A maioria dessas pessoas achava, como eu, que o famoso voo à Inglaterra fora realmente por ordem de Hitler, que desejava manter aquele assunto no mais estrito sigilo.

Os interrogatórios aos quais fui submetido por funcionários do gabinete do Promotor Geral demonstraram que minhas declarações não eram necessárias no processo que estava sendo preparado. Durante semanas inteiras me faltou a diversão que um interrogatório pode significar para um preso. Tive a impressão de estar completamente esquecido. Por volta de 20 de outubro de 1945, o Coronel Andrus teve a amabilidade de informar a mim e a outros presos que não éramos considerados "criminosos de guerra" e sim "testemunhas", e que devíamos ficar "detidos" durante "certo tempo".

Quando ocorreu o suicídio do doutor Ley, em seguida ao do doutor Conti, foram introduzidas algumas inovações bastante desagradáveis para os presos. À noite, as celas ficavam iluminadas por uma lâmpada que enviava sua luz através da vigia da porta. Ao dormir, o rosto devia permanecer descoberto, de modo que o guarda pudesse vê-lo do corredor. Certa noite, um guarda muito cioso do seu dever acordou-me várias vezes e até o oficial de serviço entrou na minha cela. Com grande dificuldade consegui convencê-los de que eu não tentava ocultar o meu rosto a seus

olhares, mas que a minha estatura me obrigava a aproveitar todos os centímetros do catre.

Após uma cuidadosa revista na minha cela, por parte deste guarda, consegui dormir o restante da noite.

Certo dia fui levado para uma grande sala onde se encontravam alguns oficiais americanos de altos postos, entre os quais um general. Mais uma vez tive que contar a operação Mussolini. Para finalizar o interrogatório, fez-me várias perguntas, demonstrando estar muito bem informado. Infelizmente, só muito depois fiquei sabendo que meu interrogador era o General William O'Donovan, que durante a guerra tinha exercido as funções de chefe dos Serviços Estratégicos dos Estados Unidos. Sem saber, tivera diante de mim o oficial encarregado da mesma tarefa que eu, mas do outro lado. O General O'Donovan foi Presidente do Tribunal de Nuremberg durante algum tempo. Foi demitido logo, como é sabido, por não estar de acordo com os "procedimentos jurídicos" do referido Tribunal.

Não se pode falar da prisão de Nuremberg naquela época, deixando de fazer referência a um homem conhecido por todos os presos: o Padre Sixto O'Connor, capelão católico do cárcere, de descendência e temperamento irlandês. A intervalos regulares, comparecia às celas para visitar os presos que desejassem falar com ele. Não fazia proselitismo; limitava-se a encher, com sua humanidade e bondade, alguns dos numerosos espaços mortos da existência de um prisioneiro. Só falava de religião se o prisioneiro manifestasse o desejo. Conversávamos sobre vários assuntos, tais como dos tempos de outrora e naturalmente do processo. O Padre Sixto ganhou muitos amigos e o respeito de todos.

Seria injusto escrever a respeito de Nuremberg e esquecer o pessoal alemão da prisão. Eram antigos prisioneiros que, ao serem libertados, permaneceram na prisão como funcionários civis. Salvo raras exceções, comportavam-se sempre de modo muito correto. Dois funcionários eram meus compatriotas. Houve entre nós cenas comovedoras. Pondo em risco os seus empregos, faziam-me pequenos favores dignos de agradecimentos naquelas circunstâncias. Contrariando normas da prisão traziam-me, sempre que possível, um pedaço de bolo ou uma xícara de café. Além disso, o que me confortava eram suas palavras de carinho e afeto. Não posso deixar de confessar, sinceramente, que me sentia orgulhoso quando aquele operário de Viena ou o simples camponês da Baixa Áustria falavam do nosso

Skorzeny. Era como se tivessem concedido a mim, depois da guerra, uma condenação muito honrosa.

A 21 de novembro transferiram-me para a chamada sala das testemunhas. Foi um alívio poder conviver novamente com seres humanos, com os quais era possível criar uma válvula de escape para os próprios pensamentos. A única coisa lamentável era o fato de, entre os sessenta ou setenta "inquilinos" da sala das testemunhas, haverem tão poucos "homens" que pudessem servir de exemplo aos mais jovens. Nós, que tínhamos lutado nas frentes de combate, sabíamos que muitos dos nossos dirigentes já não eram mais semideuses, e em muitos casos nem sequer mereciam o nome de dirigentes. Eram seres humanos com todos os defeitos e fraquezas inerentes à condição humana. Contudo, acreditávamos que após a derrota saberiam manter-se numa atitude digna. Mas, infelizmente, não foi assim. Em Nuremberg tive oportunidade de presenciar o lamentável espetáculo que muitos antigos dirigentes do Terceiro Reich ofereciam com sua covardia e pusilanimidade.

Embora não deseje falar mal de ninguém neste livro, não posso deixar de citar um exemplo gritante de covardia como o foi o do ex-dirigente do jornal NSDAP, Amann, que afirmava peremptoriamente ter sido obrigado por Adolf Hitler a construir uma mansão luxuosa no valor de um milhão e meio de marcos, apesar de não ser um homem amante do luxo. E se isso não fosse suficiente, dedicava-se a difundir toda espécie de comentários sobre a vida íntima de Hitler. Certa ocasião, fui testemunha de uma delicada admoestação que lhe fez o Padre Sixto, dizendo que nem como sacerdote nem como homem estava interessado em tais "histórias".

Pensei muito no sentido e na finalidade dos processos de Nuremberg. Muitos juristas, catedráticos de ciências políticas e outras personalidades manifestaram suas opiniões sobre eles. Oficialmente, afirmou-se que através daqueles processos seria criado um novo direito internacional a vigorar para o mundo inteiro. As quatro grandes nações vitoriosas, América, França, Grã-Bretanha e Rússia, formavam o tribunal e os processos terminaram sem que fosse iniciada a redação de um novo direito internacional. Chegará a ser feito algum dia?

O desejo de alguns acusados de salvar a pele, o medo pelo futuro e as possíveis acusações posteriores contra as testemunhas daquele processo determinaram os exageros produzidos por parte daquelas pessoas. Da mesma forma que tinham exagerado seu servilismo ao Terceiro Reich,

agora exageravam suas declarações pretendendo ter travado uma "luta de resistência", afirmando seu "antagonismo íntimo" de sempre, falando de uma "sabotagem dos comandos" contra o regime. Mas, apesar de se reconhecer que grande parte daquelas declarações devia-se à pressão do novo estado de coisas, não se pode negar o fato de que eram fomentadas pelos vencedores. Neste sentido, os trabalhos da Divisão Histórica norte-americana em Neustadt são uma fonte inesgotável de dados.

Um dia, quando todos aqueles documentos forem franqueados ao público, os historiadores enfrentarão a dificuldade e a responsabilidade em separar o joio do trigo. Vaticino então o perigo de nascer uma nova lenda de "punhalada pelas costas", mas desta vez fomentada e alimentada pelos arquivos aliados e pelas atas processuais.

Uma vez por semana levavam-nos ao local, onde se encontravam os chuveiros. Logo no primeiro dia minha atenção foi despertada por uma pilha de lençóis. Comecei então a pensar que, naquela situação, roupa do cama não podia ser um luxo, e durante três semanas contemplei cobiçosamente aquela pilha. Na quarta semana não tive forças para resistir à tentação e por ocasião do regresso não hesitei em me apoderar do três lençóis. Naquela mesma noite dei de presente dois deles; um ao Marechal-de-Campo Blomberg, acamado há vários dias, e outro ao meu compatriota o ex-Ministro General Glaise-Horstenau. Na manhã seguinte disseram-me que há muitíssimo tempo não dormiram tão bem. O terceiro lençol acompanhou-me durante todos os anos do meu cativeiro, sem que a consciência me acusasse por aquele furto.

Passaram o Natal e o Ano Novo. Em fevereiro de 1946 foi permitido que mantivéssemos correspondência com nossos familiares. Pudemos, pelo menos, saber a situação em que se encontravam nossos entes queridos, embora em muitos casos as notícias significassem tragédia para quem as recebesse: desaparecido, morto...

Certo dia constatamos que diante dos nossos olhos febris estavam sendo feitos preparativos de caráter bélico. Nas entradas do pátio da prisão levantaram-se barreiras anticarro e em dois de seus cantos foram instalados ninhos de metralhadoras protegidos com sacos de areia. No interior do edifício, inclusive, os postos de vigilância foram reforçados com chapas de ferro. Ficamos perplexos. Não encontrávamos explicação para aqueles fatos. Uma tarde, o Padre Sixto veio à minha cela e contou algo que parecia uma fábula ridícula. Disse-me ter conversado com o general responsável

por aquelas medidas de segurança, que lhe afirmou muito seriamente que nas redondezas de Nuremberg estavam sendo concentradas tropas alemãs para executar um assalto ao Palácio da Justiça, a fim de libertar os que ali se encontravam presos. A notícia em si já era um tanto quanto fantástica, mas faltava o melhor: aquelas supostas tropas estavam comandadas pelo Coronel Skorzeny, que se tornara famoso ao libertar Mussolini durante a guerra.

O Padre Sixto naturalmente informou ao general que Skorzeny encontrava-se detido na prisão de Nuremberg desde o mês de setembro do ano anterior. O general ficou desconcertado, mas insistiu dizendo que suas informações eram garantidas e a única explicação possível era que o Skorzeny da prisão não era o verdadeiro. Após complicadas consultas e cômicos interrogatórios comprovou-se que eu era o "autêntico". Apesar disso, permaneceram durante várias semanas as medidas de segurança impostas.

Jamais poderia explicar como pôde surgir aquele fantástico boato. Pelo visto, o fantasma da 150ª Brigada Blindada continuava rondando as mentes de muitas pessoas. Meses mais tarde, entretanto, pareceu-me ter encontrado a solução do enigma. No campo de Regensburg encontrei meu oficial de comunicações M., que me contou que ao terminar a guerra dirigira-se sem passar por qualquer campo de prisioneiros à sua cidade natal, Nuremberg, onde vivia pacificamente com sua família. Ao saber que eu estava encarcerado no Palácio da Justiça, falou com vários ex-soldados e decidiram ajudar-me. Idealizaram um plano fantástico, muito bem intencionado, mas impossível de realizar. Um dos "conjurados" falou além da conta e o assunto veio à tona. Os implicados foram presos e internados num campo de prisioneiros. Não posso assegurar que aquela "conjura" tivesse relação direta com as medidas de segurança adotadas no Palácio de Justiça, mas a ideia de que assim fora não me parece descabida.

A primeiro de maio de 1946 terminou para mim a estada em Nuremberg. Sem aviso prévio, recebi ordem de preparar-me para a transferência. Minha bagagem crescera um pouco. Nossos uniformes estavam quase caindo do corpo e recebêramos roupas do Exército americano. Não obstante, todos os meus objetos pessoais cabiam em duas caixas de papelão. A transferência realizou-se num carro de presos.

À noite chegamos em Dachau. Encerraram-me num bunker incomunicável, sem que eu encontrasse explicação para os motivos daquela

medida.

Depois de alguns dias fui interrogado por um tal Mister Harry T. Suas perguntas estavam relacionadas com a ofensiva das Ardenas. Queria saber que ordens do Exército eu conhecia e o conteúdo do discurso pronunciado pelo comandante do Corpo do Exército e muitas outras coisas. Minhas respostas, pelo visto, não foram as que Mister Harry T. desejava ouvir.

Sem dar-se por vencido, insistiu nos dias seguintes. Depois de assegurar-me que o tribunal militar de Dachau não desejava agir contra mim, insinuou as vantagens que eu poderia obter no caso de ajudá-lo a descobrir a verdade. Limitei-me a dizer estar tão interessado quanto ele para que resplandecesse a verdade e ratifiquei todos os pontos das minhas declarações anteriores.

Certo dia Mister Harry T. mostrou me a declaração de um major da 1ª Divisão Blindada SS, que fazia graves acusações à minha pessoa. Propôs entregar-me aquele documento para que pudesse destruí-lo, em troca de auxílio para suas investigações. Repeli a oferta dizendo que não queria comerciar com assuntos tão sérios como eram as declarações ante um tribunal. Além disso, as declarações do major não me interessavam, pois nem sequer o conhecia.

Infelizmente, naquela época reapareceu a minha antiga doença biliar. Transcorreram vários dias até que o médico alemão do bunker conseguisse minha transferência para o hospital do campo. Destinaram-me um alojamento individual vigiado dia e noite por um soldado americano. Os GI eram uns rapazes simpáticos, mas pelo visto não compreendiam que um enfermo quisesse dormir durante a noite e com um rádio dedicavam-se a amenizar as horas noturnas com audições de músicas para dançar ou com intermináveis partidas de pôquer ao pé da minha cama. Enquanto isso, um outro GI andava de um lado para outro, quando subitamente disparou sua arma. Felizmente o cano estava apontado para o teto e não em nossa direção. Os baixados dos quartos vizinhos devem ter levado um enorme susto.

Certo dia, um dos meus guardas trouxe um exemplar do jornal para soldados Star and Stripes e mostrou-me um artigo. Abaixo da minha fotografia, uma grande legenda dizia: Guarded like a cobra. Fiquei sabendo por intermédio daquele artigo que eu tinha fugido da prisão quatro ou cinco vezes, e por este motivo meus guardiães receberam ordens de vigilância especialmente severas. Minha terceira queixa por escrito teve mais êxito

que as duas anteriores: a guarda foi retirada e me transferiram para um alojamento normal, que eu compartilhava com outros enfermos.

Naquela época realizava-se o famoso processo de Malmedy. A acusação esforçava-se há várias semanas em arrolar-me como testemunha, utilizando ameaças e promessas. Resisti a todas as pressões. Mas se a acusação desejava apresentar Skorzeny como testemunha daquele surpreendente processo, minha atuação seria muito diferente da que a acusação esperava. Declarei-me disposto a comparecer, desde que estivessem presentes os serviços de rádio, televisão e imprensa internacionais. Propunha-me a armar um escândalo na sala de audiências, revelando à opinião pública os nefandos métodos utilizados nos chamados "processos de criminosos de guerra". Três vezes levaram-me do hospital até a porta da sala e as três vezes me devolveram ao leito de enfermo. Pelo visto, tinham decidido prescindir da minha "colaboração".

Quando a sentença foi tornada pública, parecia-me impossível que pudesse ter ocorrido tal monstruosidade. De lábios de camaradas alemães tinha ouvido falar muito sobre o tratamento dispensado aos prisioneiros e sobre os métodos utilizados para obter as "confissões". Não era possível que o tribunal desconhecesse estas circunstâncias. Contudo, uma revisão posterior do processo devia trazer à luz toda a verdade.

Pouco depois transferiram-me novamente para Nuremberg. Por prescrição médica, fiz a viagem numa ambulância. A prisão das testemunhas estava superlotada, pois as celas alojavam o dobro de "hóspedes" permitido pela sua capacidade normal. Naqueles dias realizava-se o julgamento das organizações alemãs acusadas de "criminosas".

Ninguém podia duvidar do resultado do grande processo contra os "principais criminosos de guerra", levando em conta os métodos unilaterais utilizados pelos aliados. Contudo, o fato de organizações inteiras serem processadas como "criminosas" era tão insólito, que o resultado não era difícil de ser previsto. A acusação só podia formular argumentos de maneira generalizada. Devia ser um caso muito interessante para juristas e especialistas em direito internacional, pelo emaranhado dos processos, mas para nós isso não era nada agradável, porquanto não sabíamos como poderíamos defender-nos.

No fim de algumas semanas realizou-se outra mudança de domicílio. Três grandes caminhões transportaram uns noventa presos da prisão de Nuremberg para o campo de Nuremberg-Langwasser. Minha relativa alegria

com uma transferência que iria permitir-me gozar da vida mais livre do campo de prisioneiros durou muito pouco. Duas horas depois da nossa chegada, o Marechal-de-Campo Kesselring e eu fomos conduzidos num jipe para as celas individuais do campo.

Ali conheci os tratamentos prescritos por um médico militar americano, cujos conhecimentos profissionais me pareceram inferiores aos de um simples praticante. Considerando que eu não podia comer praticamente nada, por sentir contínuas e fortes dores no fígado e ter vômitos de bílis, pedi a medicação adequada. Entregaram-me um generoso suprimento... de aspirinas. Permaneci naquela cela individual aproximadamente uma semana. Transcorrido esse tempo, fui transferido para o campo de Regensburg, situado mais ao sul, onde estava outro grupo de prisioneiros, quase todos antigos oficiais da Wehrmacht. No fim de oito dias — passados no bunker — fui levado para o hospital do campo. As contínuas mudanças começaram a me deixar nervoso.

Certo dia recebi uma visita. Tratava-se de Mister Harry T. Explicou-me que agora trabalhava para a defesa no processo de Malmedy, e mais concretamente para o General Pries, comandante do I Corpo Blindado SS, que fora condenado a vários anos de prisão. Pediu-me que fizesse uma declaração sob juramento, explicando minhas relações com o comando durante a ofensiva das Ardenas. Disse que voltaria no espaço de alguns dias para recolher a declaração. O assunto me pareceu algo estranho, mas eu não dispunha de qualquer meio para descobrir a verdade. Redigi aquela declaração, que não diferia das feitas anteriormente, sabendo de antemão que seria utilizada para outros fins.

A permanência no campo foi sumamente proveitosa para mim. Os companheiros me demonstraram uma confiança que jamais podia ter esperado. Desejavam, frequentemente, conhecer minha opinião sobre o passado e sobre o futuro; mas, como eu era o primeiro a não ver as coisas muito claras, suponho tê-los desiludido mais de uma vez. Contudo, acredito ter transmitido a eles algo do meu otimismo com respeito ao futuro. E isto me pareceu de transcendental importância, tendo em vista o desesperado estado de ânimo da maioria de meus camaradas. Muitos tinham perdido toda a fé na justiça e na bondade do homem. Tratei de animá-los dizendo que o pêndulo da vida, nas situações críticas, oscila necessariamente de um lado a outro. Para estabilizar, é preciso transcorrer algum tempo. E a arte da vida consiste em saber esperar.

No campo, os austríacos, eu entre eles, esperavam a repatriação. Certo dia embarcaram-nos em alguns vagões cargueiros — éramos uns 250 "estrangeiros", aproximadamente — e partimos rumo ao campo de Darmstadt, onde sabia encontrar-se Karl Radl. Aquela viagem através da paisagem alemã foi uma verdadeira delícia. Muitos de nós tivemos ocasião de estabelecer breves contatos com paisanos alemães, ferroviários o viajantes. De minha parte, consegui travar conversa com o maquinista e o foguista do trem.

Aquela conversa devolveu-me parte da perdida fé em nosso povo. Era evidente que os jornais falseavam a verdade ao escreverem que os internados e os antigos soldados eram odiados e desprezados por todo o povo. Mentiam ao afirmar que a "desnazificação", com todas as suas injustiças, era desejada e reclamada pela população. Sem dúvida, o mundo inteiro mostrava-se contrário ao crime, viesse de onde viesse, mas o povo alemão compreendia os idealistas que deram o melhor de si em prol da pátria.

O assoalho duro e o movimento dos vagões de carga mantiveram-nos acordados durante a maior parte da noite. Nossas conversas giraram, quase exclusivamente, em torno de um assunto que não tardaria em figurar na crista dos acontecimentos: austríaco ou alemão? Esta seria a pergunta que nos formulariam em Darmstadt antes de sermos repatriados. Será que não se podia ser um bom austríaco e bom alemão ao mesmo tempo? Não seria absurdo estabelecer novamente uma fronteira entre duas partes de um mesmo povo, quando nossa única esperança para o futuro consistia na eliminação voluntária das fronteiras em toda a Europa? Por acaso a Europa poderia reerguer-se sem converter-se antes num bloco homogêneo? O egoísmo dos povos só podia servir para retardar o processo de recuperação, se é que não o entorpece de todo.

Minha decisão, que não tardaria em cristalizar-se, inspirava-se, além disso, noutro motivo: não empunhara armas pela Áustria, minha querida pátria, e sim pela Alemanha. A maioria dos meus camaradas devia entregar-se ao torvelinho da desnazificação alemã. Eu queria fazer o mesmo. O povo ao qual eu tinha desejado o melhor e pelo qual tinha lutado com todo meu entusiasmo devia julgar também se tinha cometido para com ele alguma ação injusta. Estava disposto a compartilhar as horas difíceis com meus homens, ficando na Alemanha. Para mim, as palavras do hino nacional, e ainda mais agora, na desgraça, deviam ser algo mais do que uma simples

frase. E mais: que as amargas experiências vividas pela nossa geração, em seis anos de guerra, não sejam esquecidas. Almejamos que esta geração tire partido do episódio, sem sombras de sentimentalismo.

A decisão ficou pendente por motivo de força maior. Permanecemos várias horas na estação de Darmstadt, sem recebermos ordem para dirigir-nos ao campo próximo. Posteriormente fiquei sabendo que entre os prisioneiros do campo fora difundida a notícia "Skorzeny chegou".

A fome nos mortificava, pois a viagem durara mais do que o previsto. Depois de reiteradas gestões, consegui que o posto da Cruz Vermelha solucionasse o problema. As enfermeiras fizeram milagres; apesar da precariedade da situação alimentícia, serviram-nos um prato de sopa, um pedaço de pão e um pouco de margarina.

Logo após, recebemos ordem de embarcar novamente no trem para regressar a Regensburg. Devíamos agradecer aquele passeio, através da Alemanha, à imortal burocracia: nossa viagem não fora devidamente anunciada.

No campo de Regensburg havia numerosos alto-falantes que difundiam emissões de rádio especialmente selecionadas para nós. Os prisioneiros, no entanto, prestavam muito pouca atenção àqueles programas. Contudo, a 1º de outubro de 1946, havia muita gente ao redor dos alto-falantes: iríamos conhecer as sentenças no primeiro processo de criminosos de guerra. Mudos e quietos escutamos a notícia das onze últimas penas de morte aplicadas aos antigos dirigentes do Terceiro Reich, e a sentença condenatória das organizações acusadas de "criminosas". Naquele momento não podíamos compreender o alcance daquela sentença; não sabíamos que significaria a degradação de uma grande parte da população alemã pelo espaço de muitos anos. Apesar das sórdidas tentativas de explicação do comentarista Gaston Kulman, a sentença nos recordou as terríveis palavras de Lívio: Vae victis (Ai dos vencidos!).

CAPÍTULO XXXIII

Novamente na cela individual em Wiesbaden — Organizações criminosas? — Transferência para Oberursel — Amarrado no caminhão — Cela individual em Dachau — Operação sob vigilância — Mulheres valentes.

Minha segunda estada em Regensburg foi também muito breve. No fim de alguns dias chegou ordem para minha transferência. Quando, começaram a me algemar, protestei energicamente diante do comandante do campo. O comandante, que não julgava necessária aquela medida, telefonou inutilmente durante mais de uma hora para conseguir a anulação da ordem. Saí do campo algemado. Mas o sargento que me acompanhava tinha certamente instruções especiais: assim que deixamos Regensburg, tirou-me as humilhantes algemas. Considerando que não podíamos chegar a Wiesbaden, meu ponto de destino, naquela mesma noite, pernoitamos na casa do motorista alemão, que também era um interno. A família acolheu-me carinhosamente. Era a primeira vez, após terminada a guerra, que me sentava a uma mesa bem posta e comia num prato de louça com garfo e faca.

No dia seguinte, encontrava-me novamente no meu antigo alojamento da prisão de Wiesbaden, que já fora entregue às autoridades alemãs e tinha ainda uma pequena seção "americana". Pouco depois da minha chegada veio um capitão para dizer que um tenente-coronel queria falar comigo. Minha vontade era responder-lhe que para uma simples conversa não era necessaria tanta formalidade. Mas julguei que a melhor coisa a fazer seria calar.

Meu estado de saúde não era bom, e o severo regime a que nos submetiam na prisão não era o mais adequado para curar minha doença. Os guardas alemães, quase todos antigos soldados, tratavam-me com correção e inclusive com certo respeito. Não vi qualquer dos outros "hóspedes" do cárcere. Contudo, doadores anônimos presenteavam-me com cigarros e jornais.

Estendido no meu catre, li o cumprimento das sentenças de morte ditadas em Nuremberg. Teria com isto sido colocado um ponto final na tragédia da Alemanha? O suposto objetivo ideal e construtivo do processo ainda ficava na obscuridade. Ocorreu perguntar-me se nas futuras guerras o comando de cada lado lutaria até a última gota de sangue? Deveriam os

vencidos temer uma repetição de Nuremberg? O suicídio de Hermann Göring, escapando à infamante forca, podia atribuir-se provavelmente à ajuda alemã prestada ao acusado número um do processo, que se portara como um homem durante todo o desenrolar do julgamento. Todos os acusados teriam desejado a oportunidade tida por Göring.

Quais as consequências que teriam no futuro o precedente da condenação de uma organização como "criminosa"? Foram suficientemente inteligentes para não condenar como organização o Estado-Maior. Contudo, o simples fato de aquela instituição, existente em todos os países e com métodos de trabalho iguais em toda parte, sentar-se no banco dos réus era um acontecimento de incalculáveis efeitos. Tão incalculáveis como os que poderiam derivar do caráter coletivo de uma sentença aplicada a milhões de homens. Onde estava o ponto final que devia ser colocado, se realmente queria começar-se novamente? Os povos difamados interessam-se muito pouco pelo que se considera bom ou mau. O bem e o mal são conceitos muito elásticos. Reprovam-nos, ou melhor, a nossos pais, que se negaram a aceitar o resultado da Primeira Guerra Mundial, isto é, a derrota. E hoje pretende-se construir novamente sobre aquele mesmo fato, sem levar em conta as experiências anteriores.

Após uma semana, aproximadamente, levaram-me ao local de interrogatório de Oberursel; mas desta vez sem algemas e em condições mais aceitáveis. O tenente-coronel ainda não tinha aparecido. Naquela época, outubro de 1946, o campo estava habitado por elementos muito diferentes dos que tinham estado ali em 1945. Havia muito poucos alemães. O principal contingente de presos era formado por estrangeiros de diversos países. Entre os prisioneiros havia muitas mulheres. O choro histérico de uma detida, encerrada numa cela contígua à minha, chegou a irritar meus nervos. Tentei tranquilizá-la falando através da janela, mas foi um esforço inútil, pois a coitada não entendia o alemão nem as escassas palavras que eu conhecia de inglês e de francês. Era, certamente, oriunda de um país situado atrás da cortina de ferro, que naquela época começava a baixar, embora o grande público ainda não se apercebesse.

A organização e as instalações melhoraram, sem dúvida, naquele campo internacional. Para me lavar e satisfazer a outras necessidades dispunha sempre da companhia de dois guardas de aspecto feroz, armados de pistolas e com o dedo no gatilho. O antigo mak snell agora era acompanhado de vigorosos pontapés no porta, sempre aberta.

Minha provisão de fumo, um pacote por semana, era superabundante em comparação com os fósforos que me forneciam, pois a experiência ensinara-me a obter até cem cigarros de um pacote. Para não me ver obrigado a acender um cigarro na brasa do outro, imaginei um acendedor elétrico que fiz por meio de uma adaptação na tomada de instalação elétrica de minha cela.

Certo dia fui transferido para uma cela vizinha, de onde ouvi marteladas vindas da direção da antiga cela. Por ocasião do meu regresso, notei que em frente à porta de minha cela tinham colocado uma chapa de ferro. Não entendi o significado daquilo que me pareceu um trabalho desnecessário. Era certamente para evitar que eu recebesse visitas.

Transcorreram vários dias sem que se apresentasse o esperado oficial americano. Inesperadamente recebi ordem para me preparar a fim de ser transferido.

Os guardas que me acompanharam na viagem realizada num caminhão decidiram aliviar o seu trabalho na pesada tarefa de vigiar-me, atando-me ao encosto do assento numa posição forçada. Mais tarde entenderam o quanto era insuportável a minha postura e, muito compreensivos, puseram-me sobre o assoalho do caminhão, entre dois tonéis de gasolina, sem desatar-me naturalmente. Assim puderam permitir-se um merecido descanso e passaram dormindo a maior parte da noite. Ao amanhecer cheguei novamente a Dachau. Pelo visto, ocorrera um mal-entendido. Após passar algumas horas no calabouço do campo, levaram me, para grande surpresa minha, ao setor "normal". Durante as 48 horas que ali permaneci, mal pude dormir. Todos os meus velhos camaradas e muitos prisioneiros que eu não conhecia desejavam falar comigo. Quão agradáveis e emocionantes foram aqueles encontros. No decurso daquelas conversas notei a nociva influencia da cerca de arame farpado, que de modo geral afetava a muitos soldados. Era uma espécie de psicose. O alambrado convertera-se numa fronteira, e tudo o que acontece atrás dele pertence a um mundo nebuloso, quase irreal. Na minha opinião, nem tudo era tão negro como o viam muitos dos meus companheiros que passaram mais de um ano detidos. Claro que eu sempre fui um otimista. Nesta época, os americanos utilizavam muitos alemães como auxiliares para diversos trabalhos. Através de um alemão, antigo soldado, que ainda permaneceu mais de um ano em Dachau, recebi após dois dias a ordem: "arrumar a bagagem e comparecer à porta". Dali fui outra vez para a cela individual. A

administração do bunker saudou-me como antigo morador que era e me alojou na mesma cela, a número 10.

Passaram dias e dias sem que se realizasse a anunciada visita do tenente-coronel e sem que qualquer autoridade se preocupasse comigo. Tampouco me comunicaram os motivos pelos quais devia permanecer numa cela individual. Cheguei a acreditar ter sido esquecido. Meus camaradas, à custa de muitos sacrifícios, ajudavam-me no que podiam. Os encarregados de distribuir a alimentação davam-me, muitas vezes, uma ração extra ou me obsequiavam com alguma guloseima que tinham recebido de seus familiares. Em tais situações as provas de companheirismo são agradecidas de um modo especial. O sargento americano da guarda frequentemente fazia vista grossa se com isso podia ajudar-me. Na primavera, durante meus breves passeios diários, várias vezes inclinei-me sobre os canteiros onde cresciam rabanetes. Um punhado deles proporcionava-me algumas vitaminas de que tão necessitado eu estava. Acreditava piamente que a "operação rabanete" era perfeita em seu desenrolar e que o "inimigo" não tinha a menor ideia das atividades a que eu me entregava. Mas, certa ocasião, o sargento me perguntou em tom jocoso:

— Do you like raddishes? (Você gosta de rabanetes?)

Meu estado de saúde continuava piorando; apesar disso, o módico do bunker, um austríaco internado, não conseguia que me transferissem para o hospital; só o fariam caso eu concordasse com uma operação para extirpar minha vesícula biliar. O médico, no qual eu depositava muita confiança, aconselhou-me a deixar que fosse operado; finalmente concordei. Imediatamente fui transferido para um quarto individual do hospital do campo. Havia uma guarda junto à minha cama, de dia e de noite, apesar de, naquela época, mal poder movimentar-me. Antes da operação fui submetido a uma superalimentação, para fortalecer meu organismo.

Operaram-me a 6 de dezembro de 1946. O guarda me acompanhou até a mesa de operação. Durante o lento despertar da anestesia desabafei soltando uma série de palavrões. Foi um alívio, apesar das intensas dores que começava a sentir. Minha convalescência complicou-se devido a uma pneumonia. Esse fato, entretanto, serviu para que eu recebesse mais uma prova de afetuosa camaradagem. Naquela época não havia penicilina para os enfermos alemães; o milagroso antibiótico era reservado exclusivamente para os americanos. Meu estado era grave. Dois médicos alemães, também prisioneiros de guerra, decidiram aplicar-me penicilina, custasse o que

custasse. Durante a noite roubaram o precioso medicamento da farmácia militar de Dachau. Jamais esquecerei aquele gesto.

Passaram várias semanas até que eu pudesse caminhar. Em fevereiro de 1947 tive alta do hospital e fui transferido para o chamado "bunker da justiça". Aquela construção foi, certamente, terminada depois da guerra, em 1946, e era muitíssimo pior que o antigo bunker de Dachau, cujas celas, comparadas com as do "bunker da justiça", pareciam quartos de um hotel de primeira categoria. A nova cela media aproximadamente 2,50 metros de comprimento, 1,40 de largura e 2,20 de altura. Era toda de concreto e possuía apenas uma abertura de uns 15 centímetros por 60, para ventilação. Em seu interior havia dois catres superpostos e um buraco para usos diversos. Mas o pior de tudo é que o corredor existente entre as fileiras de celas estava coberto com pranchas de madeira, sobre as quais iam e vinham as sentinelas polacas durante toda a noite.

Mal podia aproveitar o passeio diário de dez minutos a que tinha direito, pois era muito difícil caminhar. Depois de oito dias, acompanharam-me à seção de fiscalização dos processos de crimes de guerra. Fiquei muitíssimo surpreendido ao encontrar ali, como chefe de seção, um dos excelentes defensores americanos que tinha atuado no processo de Malmedy, o Tenente-Coronel D. Perguntou-me por qual motivo me tinham levado ao "bunker da justiça"; limitei-me a responder que aquela pergunta estava na ponta da minha língua. O Tenente-Coronel D. assegurou-me que, de acordo com informes em seu poder, não existia qualquer motivo para eu estar ali e, em consequência, devia abandonar imediatamente aquele bunker. As esperanças de que me levassem para o setor normal não chegaram, infelizmente, a converter-se em realidade. O antigo bunker e a cela número 10 receberam-me novamente, dando as boas-vindas a um velho conhecido.

Alguns dias depois recebi notícias do meu antigo ajudante Karl Radl. Ele também chegara a Dachau, via Wiesbaden, e conseguira um "bom emprego". Com vários de meus homens (que, diga-se de passagem, os americanos chamavam de "Skorzeny boys"), era o encarregado das hortas de Dachau, nas quais se cultivavam muitas hortaliças. Graças a isto podia conseguir, de vez em quando, e às escondidas, alguns alimentos verdes, como chamávamos os legumes.

Naquela época, o bunker de Dachau abrigava uns 300 prisioneiros. Seu estado de ânimo não era precisamente otimista. A maioria deles estava presa há muitos meses, sem ter sido submetida a qualquer interrogatório e sem

que sequer pudesse suspeitar sobre o futuro que lhe aguardava. O bom humor das mulheres detidas, entretanto, chegava a ser incrível: eram um exemplo para muitos homens. Quase todas eram simples secretárias, que ignoravam totalmente os motivos de sua prolongada prisão.

CAPÍTULO XXXIV

Interrogadores com duplo papel — A acusação — "Conspiradores" desconhecidos — Defensores alemães e americanos — Porta-voz de todos — Maus presságios — Apostas sobre minha cabeça — Imprensa objetiva? — Desconcertantes métodos de justiça — Catch as catch can — Testemunhas da acusação — Um oficial inglês — No banco das testemunhas — Sentença de absolvição — Novamente entre camaradas — Divisão Histórica — Skorzeny, "aliás", Abel — Axis-Sally — Permissão sob palavra de honra — Boatos sobre Hitler — Testemunha de acusação recusada — Voluntariamente perante o tribunal — Métodos pouco nobres —; Acusadores corruptos — Sete vezes adiado — Minha paciência se esgota — Passo para a liberdade.

Em março de 1947 apresentou-se finalmente o tão esperado tenente-coronel, em companhia de Mr. Harry T. Quando lhe perguntei se agora trabalhava para a defesa ou para a acusação, Mr. T. explicou que fazia parte de uma comissão investigadora. O tenente-coronel interrogou-me longamente, e de um modo bastante objetivo, acerca de minha participação na ofensiva das Ardenas. Tive a impressão de que pela última vez ia ser examinada a operação Grifo.

Quando o tenente-coronel deu por terminados seus interrogatórios, pedi-lhe para dizer-me com toda franqueza se, na sua opinião, a 150ª Brigada Blindada tinha incorrido em alguma violação das leis de guerra. Respondeu-me que, de acordo com seu ponto de vista, não havia qualquer infração daquelas leis e, em consequência, eu poderia esperar uma decisão favorável de seus superiores, que me seria comunicada num prazo

aproximado de quatro semanas. Assinalei a data no meu calendário de parede, mas, transcorrido esse prazo e mais algumas semanas, não chegou qualquer notícia.

Sabia que alguns membros da 150ª Brigada Blindada encontravam-se em Dachau, mas não me ocorrera a ideia de que esse fato pudesse estar relacionado com um eventual processo dos oficiais da Brigada, tendo seu comandante à testa.

Em meados de julho de 1947 conduziram-me ao gabinete do comandante polaco do bunker, onde estavam várias pessoas que eu não conhecia. Reconheci apenas Mr. Harry T. e o Coronel Rosenfeld, com quem em certa ocasião fui fotografado. Os fotógrafos tinham suas câmaras prontas para o uso; pelo visto haveria um acontecimento de certa importância. Quando vi entrarem, um após outro, oito prisioneiros alemães, membros da Brigada Blindada, e fiquei sabendo que faltava um por se encontrar no hospital, gravemente enfermo, entendi o que estava acontecendo: tratava-se de uma acusação oficial.

Examinei detidamente os rostos de meus companheiros: seis deles não pude reconhecer. O Coronel Rosenfeld começou a ler em voz alta a acusação. Mr. Harry T., pelo visto, trabalhava novamente para a promotoria e traduzia o texto para o alemão. O segundo ponto da acusação encheu-me de espanto. Depois de uma introdução em que se aludia a um plano e uma conjura comuns, seguiam as palavras: "... e maltrataram, torturaram e assassinaram soldados americanos, cujo número e nomes são ignorados. Mas as vítimas ascendiam pelo menos a uma centena."

Mal escutei o resto da leitura. Meus camaradas estavam tão atônitos quanto eu. Durante os dois anos que durara meu cativeiro, não me dirigiram uma só vez aquela monstruosa acusação. Conforme tive oportunidade de constatar depois, o mesmo acontecera com meus camaradas. Pelo visto, meus acusadores estiveram esperando pacientemente que alguém dissesse algo que servisse de prova para aquele ponto da acusação.

Após a leitura dos autos, o Coronel Rosenfeld retirou o segundo ponto. O presidente do tribunal lembrou-lhe que sua decisão significava que não podia aludir novamente àquele aspecto da acusação. A explicação que me deram, confidencialmente, foi que o segundo ponto fora uma espécie de truque legal para poder-se formular uma acusação geral contra nós. Isto, entretanto, não me satisfez.

No ano de 1947 somente deviam ser realizados processos respondendo à acusação de assassinato.

Depois da leitura da acusação conduziram-nos ao pátio do bunker. Ali comecei por me apresentar a meus seis desconhecidos cúmplices de conjura. Os representantes da imprensa pediram-me algumas declarações. Sem deixar transparecer a raiva que sentia pelo segundo ponto da acusação, disse aos jornalistas que considerava uma estupidez o fato de nos acusarem de planejar uma conjura "em comum", pois acabava de falar pela primeira vez na minha vida com seis dos meus "cúmplices".

Aquelas declarações apareceram com grandes manchetes em determinada imprensa:

"SKORZENY CONSIDERA UMA ESTUPIDEZ O PROCESSO CONTRA ELE".

Publicado deste modo, parecia uma impertinência de minha parte, e este foi certamente o sentido que quiseram dar, tergiversando minhas palavras.

Durante os três dias seguintes, meus "cúmplices" — cinco oficiais da Marinha, três do Exército, um das Waffen-SS e eu — tivemos muito trabalho. Os defensores designados para a nossa defesa, o Tenente-Coronel Robert D. Durst, o Tenente-Coronel Donald McClure e o Comandante L. I. Horowitz, submeteram-nos a duros interrogatórios. Não compreendia onde queriam chegar. No último dia, o Tenente-Coronel Durst, que encabeçava a defesa, esclareceu-me a situação. Naquele dia estreitou pela primeira vez minha mão, assegurando-me estar absolutamente convencido da minha inocência e de meus companheiros.

Disse que me defenderia como se eu fosse seu irmão. E cumpriu a palavra. Continuou explicando que, de acordo com a ordem jurídica especial a que estavam submetidos os tribunais de Dachau, a defesa estava obrigada à busca objetiva da verdade, o que significava, até certo ponto, uma colaboração com a acusação. Os três defensores americanos tiveram logo a companhia de outros sete alemães, que se ofereceram voluntariamente. Disse-lhes com toda franqueza que não podiam esperar qualquer retribuição pelos seus serviços, já que todos éramos pobres e a única coisa que podíamos fazer era entregar-lhes uma nota promissória sem fundos e sem data. Mas os advogados alemães mantiveram seu oferecimento. Senti imensa alegria quando, ao fim de alguns dias, apresentou-se um compatriota, o doutor Peyrer-Angermann, de Salzburg. Fizera-se prender em Salzburg para poder vir à Alemanha numa condução

do presos, pois naquela época era o único meio existente para viajar da Áustria a Alemanha.

A maior virtude do Dr. Peyrer-Angermann era sua sinceridade.

— Antes que decidisse vir — disse-me — informei me acerca dos seus antecedentes. Os informes foram favoráveis.

Nos dias seguintes fomos obrigados a tomar duas decisões de magna importância. O Tenente-Coronel Durst explicou me que ousava garantir um final favorável do processo, desde que os trabalhos de equipe necessários fossem realizados sob a direção de um único responsável. Por isso pedia nossa aprovação para dirigir a defesa do modo que julgasse mais conveniente; nenhum outro defensor deveria empreender qualquer coisa sem sua prévia autorização. Todas as suas decisões seriam precedidas de uma consulta a mim, na qualidade de chefe dos acusados. Em consequência do conselho de um "democrata", voltávamos ao "princípio autoritário".

Meditei muito antes de decidir a assumir uma responsabilidade que afetava o destino e talvez a própria vida de meus companheiros. Assim sendo, estava disposto a assumir aquela responsabilidade, desde que meus companheiros me elegessem democraticamente para a tarefa. Também fiz votar a concessão de poderes únicos ao Tenente-Coronel Durst. Meus camaradas nos outorgaram, sem vacilar, todos os poderes. A primeira consequência disso foi a renúncia de três advogados alemães. Aconselharam-nos a não conceder semelhante plein pouvoir ao advogado americano. Mas nossa decisão estava tomada e posteriormente ficou comprovado ter sido acertada. As semanas que precederam o julgamento foram cheias de dificuldades. No princípio, o Tenente-Coronel Durst mostrou-se de acordo com a composição do tribunal. De minha parte não fiquei contente ao saber que o Tenente-Coronel Ellis, representante da acusação no processo de Malmedy, com quem eu não me entendera muito bem, tinha sido nomeado comandante do War Crimes Group de Dachau.

Passados alguns dias, o Tenente-Coronel Durst, bastante deprimido, veio visitar-me. A composição do tribunal fora mudada: todos os seus membros estariam sob a influência do presidente. Coronel Gardner. Levando em conta o apelido de the hanging Gardner, pelo qual era conhecido o presidente em questão, por ter aplicado até então unicamente sentenças de morte na forca, a notícia da mudança não era sequer um pouco alentadora. Contrariado, concordei com o Tenente-Coronel Durst para que se opusesse à nomeação do Coronel Gardner e outros membros do tribunal.

Sabia que isso acabaria por atrair a inimizade de várias pessoas; mas no processo estavam em jogo coisas mais importantes que os sentimentos pessoais. Finalmente, foram substituídos quatro ou cinco membros do tribunal, que continuou sob a presidência do Coronel Gardner. Os novos jurados eram todos oficiais americanos que tinham lutado na frente de combate; na hora de julgar-nos, fizeram de acordo com sua leal convicção.

O Tenente-Coronel Durst organizou rapidamente sua equipe de colaboradores subordinados, sendo todos eles funcionários civis do War Crimes Group. Opusemo-nos à colaboração de um tal Mr. Kirschbaum. Ficamos sabendo que, em Schwäbischhall, foi o interrogador que obteve "mais êxitos" contra meus companheiros da 1ª Divisão Blindada SS.

Nós, os acusados, estávamos alojados em três celas do bunker e trabalhávamos ativamente na preparação de nossa defesa. Contudo, o fato de não terem entregue qualquer documento de acusação dificultava nossa tarefa. Aos itens da acusação, redigidos em termos bastante gerais, só podíamos replicar relatando os acontecimentos tal como ocorreram. O item 1, por exemplo, acusava-nos de termos lutado utilizando o uniforme do inimigo. Sabíamos que isso não era certo. Mas como poderíamos provar o contrário, ignorando os fatos concretos em que se baseava a acusação? Os itens três e quatro culpavam-nos do roubo de equipamentos de prisioneiros americanos e de pacotes enviados pela Cruz Vermelha. Como iríamos preparar uma defesa, ignorando quando, onde, como e por quem tinham sido cometidos os "crimes" dos itens 3 e 4?

Apesar de tudo, pudemos observar um fato bastante alentador. Depois da acusação oficial, a atividade do pessoal de vigilância, americano e polaco, não se modificara. Após treze meses de residência em Dachau, podia considerar-me como uma espécie de "cidadão honorário" do bunker. Contudo, não esperava que os guardas sentissem afeto por mim; mas estava convencido de ter ganho o respeito daqueles soldados, e isto era o suficiente.

Quando tomei conhecimento de que foram feitas numerosas apostas sobre o resultado do nosso julgamento, o fato me causou uma viva impressão. Os americanos da defesa o da acusação apostavam entre eles enormes somas. Uma aposta, controlada por nós, os acusados, teria sido um bom negócio, pois em suma o que estava em jogo era a nossa cabeça e a nossa liberdade. De qualquer maneira, aquela paixão pelas apostas também tinha seu lado bom: sua proporção, que desde o primeiro momento nos foi

favorável e que chegou a ser de 1 para 10, permitia-nos calcular nossas possibilidades.

A tarefa de unir as vontades e as ideias dos dez acusados não foi fácil. Entre eles não havia um só oficial a quem eu conhecesse de modo íntimo, já que — detalhe curioso — nenhum dos membros do meu estado-maior tinha sido acusado. No princípio, os pontos de vista eram bastante divergentes. Limitar-me-ei a contar como ganhei meu melhor companheiro de luta naqueles dias.

O Tenente M., da Marinha, confidencialmente, confessou-me o seguinte: era filho de pai alemão e de mãe inglesa, e desde o primeiro momento sentira-se inimigo do Terceiro Reich. Alistou-se na minha Brigada unicamente para encontrar a possibilidade de passar-se ao inimigo. Depois de sua captura, contara tudo isso. Tinha ainda um intenso ódio contra mim, um ódio que não podia justificar, pois só me vira uma vez. Contudo, durante seu cativeiro tinha aberto os olhos acerca de muitas coisas e o conceito que fazia dos aliados mudou radicalmente. Sua época de prisioneiro de guerra convertera-o num bom alemão. Ao conhecer-me pessoalmente modificaram-se também seus sentimentos com referência à minha pessoa. Compreendi que apesar dos seus erros passados podia confiar nele plenamente. Efetivamente, a partir daquele momento, foi meu melhor e mais leal camarada.

Quero fazer um breve resumo do processo, uma vez que a imprensa alemã só informou com amplitude nos primeiros dias da ação judicial, quando a acusação estava com a palavra. Devido a isto, é possível que a sentença constituísse uma surpresa para muitas pessoas, enganadas pelas manchetes sensacionalistas dos jornais. O processo começou a 18 de agosto de 1947. A primeira testemunha da acusação foi meu ajudante e velho amigo Radl. Limitou-se a confirmar a autenticidade de um telex do Estado-Maior da Wehrmacht, que ninguém pusera em dúvida, mas ao grande público só chegou o impacto do ajudante prestando testemunho contra seu chefe. Sei o quanto foi difícil para Radl conservar a serenidade durante sua atuação como testemunha de acusação.

Alguns camaradas condenados à pena de morte no processo de Malmedy foram inicialmente obrigados a comparecer perante o tribunal, como testemunhas. O Coronel Peiper, acusado número 1 no processo de Malmedy, manifestou aquela circunstância no seu depoimento, demonstrando com isso ser possuidor de uma boa dose de coragem.

Nenhuma daquelas "testemunhas" prejudicou-nos com seus depoimentos, embora fosse absurda a sua presença naquelas circunstâncias. Quando o Tenente-Coronel Durst, para minha grande surpresa, começou sua intervenção atacando vigorosamente o procedimento adotado no processo de Malmedy, todos sentimos uma intensa alegria, pensando que isto poderia servir de ajuda a nossos camaradas condenados. Encarando o Coronel Rosenfeld, que tinha presidido o processo de Malmedy e que agora atuava como promotor, o Tenente-Coronel Durst exclamou:

— A você, com seus dedos empapados no sangue do processo de Malmedy, posso assegurar que neste processo as coisas correrão de modo, diferente.

Outro fato digno de nota refere-se à testemunha de acusação, Major Knittel, cujo "depoimento" era muito perigoso para nós. Knittel encontrava-se na prisão de Landsberg e não pudera comparecer perante o tribunal, ao que parecia por motivo de doença. O não comparecimento de uma testemunha tão importante foi um fato que me pareceu estranho. Air. Harry T., auxiliar do promotor, tinha jurado perante o tribunal que Knittel, sob juramente, prestara e assinara, voluntariamente, uma declaração. Mas um ajudante americano da defesa conseguiu entrevistar-se com Knittel em Landsberg. Sua declaração perante o tribunal caiu como uma bomba: Knittel tinha jurado que o documento apresentado pela acusação era falso, pois ele jamais prestara e muito menos assinara qualquer declaração como aquela; além disso, o Comandante Knittel gozava de excelente saúde. O evidente perjúrio cometido por Air. Harry T. não teve a menor consequência para ele.

O testemunho de um oficial americano, dizendo que por ocasião da ofensiva das Ardenas tinha perdido aproximadamente um quilo e meio de peso estando prisioneiro dos alemães, era por demais ridículo para ser levado em consideração. Um tenente dos EUA, por seu lado, declarou que alguns soldados alemães usavam uma field jacket americana sobre seus uniformes alemães quando se travou a batalha de Stoumont. Contudo, ao ser interrogado pela defesa, afirmou que aqueles soldados feitos prisioneiros disseram pertencer à 1ª Divisão Blindada SS e não à minha Brigada Blindada. No correr do processo ficou provado que muitos soldados alemães da frente Oeste tinham apanhado aquela espécie de prendas abandonadas pelos americanos em sua retirada para se protegerem dos rigores do inverno, para o qual eram insuficientes os equipamentos

fornecidos pelo Exército alemão. Ao terminarem os depoimentos da acusação, o Tenente-Coronel Durst solicitou pela primeira vez a absolvição de todos os acusados. A petição foi denegada.

O aparecimento da primeira testemunha da defesa constituiu uma surpresa para toda a sala, e de um modo especial para os acusados: tratava-se do Wing-commander britânico F. Yeo-Thomas, que desempenhara um importante papel no movimento de resistência francês, designado pelo Serviço Secreto da Inglaterra. O nome não me parecia estranho. Não demorou para que eu lembrasse tê-lo visto no conhecido livro de Eugênio Kogon Der SS-Staat (O Estado das SS). Mas naquele livro dizia-se que F. Yeo-Thomas fora liquidado num campo de concentração. E agora aquele homem dispunha-se a testemunhar a favor de seu antigo adversário alemão. Sua declaração esteve baseada principalmente nas operações "especiais" levadas a cabo pelos ingleses, que justificavam a aplicação de métodos semelhantes por parte dos alemães e era um meio de luta absolutamente legal. Infelizmente não pude apertar sua mão quando terminou a declaração com estas palavras: meus senhores, o Coronel Skorzeny e seus oficiais atuaram e lutaram sempre como cavalheiros.

Três oficiais americanos de guarnições próximas a Munique ofereceram-se também à defesa para testemunhar a nosso favor; contudo, suas presenças não foram necessárias.

Após os depoimentos de outras testemunhas da defesa, ocupei, em nome de todos os meus camaradas, a cadeira colocada no centro da sala. O Tenente-Coronel Durst pediu-me para informar ao tribunal sobre o planejamento e a execução da operação Grifo. Um mapa da região, colocado numa parede, ajudou-me a tornar mais compreensíveis minhas explicações.

Infelizmente, não pude referir-me ao chamado Plano Eisenhower, a suposta operação contra o Quartel-General aliado. O tribunal aceitara uma petição da acusação para que não se falasse daquele tema.

O depoimento do Tenente-Coronel McClure, um dos defensores, terminou com palavras que me causaram uma profunda impressão:

— Meus senhores, se em alguma ocasião houvesse numa unidade de combate, sob meu comando, homens como os acusados, sentir-me-ia orgulhoso deles.

A 9 de setembro, numa sala transbordante de gente, foi proferida a sentença que absolveu todos os acusados. Antes que pudesse apertar a mão

do meu defensor, o promotor Coronel Rosenfeld veio ao meu encontro. Estendeu-me a mão, mas ignorei aquele gesto. Felicitou-me dizendo que ao me acusar limitara-se a cumprir com seu dever, obedecendo às ordens que recebera. Como se não tivesse feito isso com prazer! Minha resposta não foi menos concreta: "Então, senhor coronel, devia compreender a nós, alemães, que não fizemos outra coisa a não ser obedecer aos comandos, cumprindo com nosso dever."

Não tenham dúvidas os meus leitores de que se o meu acusador fosse um cavalheiro, eu receberia seus cumprimentos como uma recompensa e um sinal de reconciliação.

Este incidente, talvez, foi o motivo para que a imprensa, alguns dias mais tarde, publicasse manchetes apontando-me como "o homem mais perigoso da Europa". Este atributo do qual certamente não sou merecedor continua sendo explorado até hoje por aqueles que escrevem histórias fantásticas a meu respeito.

Algumas horas depois da absolvição estávamos novamente no bunker, mas desta vez para recolher nossas coisas e sermos transferidos para o campo geral. As felicitações, inclusive as dos guardas, eram sinceras. Nossas dificuldades pareciam ter acabado. Jamais esquecerei a recepção que nos fizeram os companheiros quando entramos no campo; entre outras coisas, esperava-me um prato à moda vienense, preparado por Radl e Hunke.

Meus companheiros de processo preparavam-se para regressar a seus lares. Dos dez acusados só ficariam detidos dois: um camarada das Waffen-SS e eu, em consequência da chamada "detenção automática". Era uma lei que atingia também centenas de milhares de alemães, de modo que não nos preocupava o fato de ainda ter que aguardar.

Não cheguei a me despedir dos companheiros que regressavam às suas casas. Inesperadamente, ao meio-dia de 12 de setembro de 1947 conduziram-me novamente ao junker, ao que parecia, suspeito de war crimes. A festa de despedida em homenagem a meus companheiros e em comemoração ao quarto aniversário de nossa ação na Itália realizou-se sem a minha presença.

Lamentavelmente, meu defensor americano, o Tenente Coronel Durst, não podia ajudar-me a esclarecer aquele evidente erro.

Os jornais, entretanto, tinham publicado em grandes títulos:

"O CORONEL SKORZENY, QUE ACABA DE SER ABSOLVIDO, SERÁ ENTREGUE PROVAVELMENTE À DINAMARCA OU À TCHECOSLOVÁQUIA".

Os próprios guardas do bunker, que me tratavam com certa deferência, não acreditavam nas novas acusações. Um tenente polaco que se encontrava no bunker suspeito de espionagem a favor dos russos, e com quem seus compatriotas do serviço de vigilância tinham uma evidente consideração, convidou-me para fugir com ele. Repeli aquela proposta, como repelira outras semelhantes. O assunto devia ser esclarecido; antes de ficar em liberdade, queria eliminar toda suspeita sobre minha atuação durante a guerra.

No fim de duas semanas a questão ficou resolvida. Nunca existira qualquer pedido dinamarquês. Tratava-se, provavelmente, de uma confusão, embora não se pudesse excluir a possibilidade de que o erro fosse voluntário.

Minha única relação com a Dinamarca tinha sido a manifestação de um desejo a oficiais dinamarqueses de um dia, quando em liberdade, visitar aquele país.

Quanto ao pedido da Tchecoslováquia, também ficou tudo esclarecido. Nada havia contra mim por parte daquele país. Foram, porém, necessárias duas semanas para esclarecer o problema. Com certeza alguém queria ver-me com um novo número de prisioneiro.

Em seguida fui transferido novamente ao campo geral, onde se repetiu, em minha honra, a festa que não pudera assistir. De qualquer maneira foram necessárias outras duas semanas para que a santa burocracia, que também ali reinava, me apagasse definitivamente da lista dos "criminosos de guerra". Para isto deve ter provavelmente derramado grossas lágrimas de tinta.

Agora, todo mundo, inclusive o comandante do campo, mostrava-se amável comigo. Um sargento do serviço de vigilância opinou que meu uniforme de prisioneiro de guerra estava muito ruim e mandou que fizessem um novo na alfaiataria do campo com tecido militar alemão. Outro me convidou para tomar uma xícara de café; um terceiro presenteou-me com vários livros. Em todas as minhas conversas com o pessoal americano notava que voltava a ser um soldado entre soldados, apesar de continuar privando a sorte dos demais prisioneiros.

Tinha ouvido falar muitas vezes dos trabalhos da "Divisão Histórica" americana em Neustadt an der Lahn. Com a ajuda de oficiais alemães, levava-se a cabo uma exaustiva tarefa de investigação sobre a Segunda Guerra Mundial. Certo dia convidaram Radl e a mim para redigirmos um documento sobre nossa atuação na Itália. Radl e eu queríamos terminar juntos aquele triste período, depois de termos vivido juntos épocas melhores. Solicitamos a transferência para Neustadt, a fim de podermos trabalhar nas mesmas condições que os outros oficiais.

A viagem foi feita num carro de presos. Aquele meio de transporte indigno — e agora completamente injustificado — esmaeceu bastante a alegria que sentíamos ao abandonar Dachau. Para grande surpresa nossa, fomos levados novamente ao Camp King de Oberursel e nos trancafiaram em celas individuais. No dia seguinte puseram-nos juntos numa cela um pouco maior, mas naquelas condições decidimos não trabalhar para a Divisão Histórica. Manifestamos esta decisão ao seu chefe. Coronel Potter, quando nos visitou em companhia de alguns oficiais. O coronel compreendeu a procedência daquela queixa, mas transcorreram vários dias para que nos removessem à residência Alaska, habitada por três pessoas.

Previamente, de acordo com as normas do Serviço Secreto, batizaram-nos com nomes supostos. Radl chamava-se agora Baker, e eu fui convertido em Abel. Chegamos à residência na hora do jantar. Dois oficiais a quem conhecíamos da época da nossa campanha na Itália apresentaram-se muito sérios como X-Ray e Zebra; a cena foi simplesmente jocosa. Na mesa havia também uma senhora a quem pudemos identificar como Miss Mildred Gillard, uma norte-americana que durante a guerra, sob o pseudônimo de Axis-Sally, realizara uma vigorosa campanha anticomunista através de emissoras alemãs. Aquela encenação não demorou muito. Cinco minutos mais tarde um sargento americano chamou-me em altas vozes, pelo meu nome verdadeiro.

Os nervos e a saúde de Axis-Sally sofreram muito durante seu prolongado cativeiro. Mas, apesar de seus cabelos brancos, continuava sendo uma mulher muito interessante, pois possuía uma grande cultura. Com ela melhoramos nosso defeituoso inglês e passamos muitas horas à noite em seu alojamento jogando agradáveis partidas de bridge, com uma xícara de café requentado e um pedaço de pão torrado sobre uma chapa de ferro.

Miss Gillard era hóspede permanente da residência Alaska há mais de um ano. Por intermédio dela fiquei sabendo da sorte de muitos alemães que durante aquele espaço de tempo tinham passado umas "'férias obrigatórias" na residência. Quando nos emprestaram um aparelho de rádio, nosso alojamento chegou a parecer-nos um palácio, já que dispúnhamos inclusive de lençóis, que trouxemos de Dachau.

A 6 de dezembro de 1947 estávamos ceando, Miss Gillard, Radl e eu — os outros "inquilinos" da casa encontravam-se de licença — quando alguém gritou:

— Coronel Skorzeny! Sua esposa está em frente à casa!

Por um erro, que provavelmente teve desagradáveis consequências para o oficial da guarda, minha esposa pôde passar comigo três breves dias na residência Alaska.

Ao se aproximarem os festejos de Natal, Radl e eu recebemos quinze dias de licença, sob palavra de honra. Cumprimos nossa palavra, logicamente, e nos apresentamos pontualmente. Foi meu primeiro reencontro com a vida alemã além da cerca de arame farpado. Era o inverno da fome. A miséria era espantosa. Nossa primeira visita foi para Hanna Reitsch, que vivia em Oberursel. Na sua casa conheci um sacerdote católico. Conversei bastante com ele. Nossos pontos de vista nem sempre eram coincidentes, mas nos separamos como dois homens que se respeitam e se compreendem mutuamente.

A seguir, visitei Wiesbaden e Berchtesgaden. Em todos os lugares encontrei velhos amigos. Os funcionários do Governo Militar americano, aos quais tinha a obrigação de me apresentar, mostraram-se muito amáveis. Minhas conversas com o simples homem da rua faziam-me compreender as graves feridas que a guerra tinha aberto. Alegrava-me ao poder olhar os rostos daqueles homens e mulheres humildes, pois era tão pobre como eles, uma vez que tinha perdido tudo o que possuía. Estávamos todos tão pobres como ratos de igreja. Diante dos numerosos mutilados de guerra, sentia-me quase envergonhado pelos meus membros sadios.

Em fins de fevereiro de 1948 terminara nosso trabalho na Divisão Histórica. O fantasma de Hitler ainda pairava sobre a imaginação de muita gente. Certo dia apresentou-se em Oberursel uma comissão encarregada de investigar o informe de um antigo soldado da Luftwaffe, segundo o qual tinha sido um dos guardiães de um aeródromo particular de Skorzeny, situado perto de Hohenlychen. Vira-me descer ali em companhia de Hitler

com um Storch que eu próprio pilotava, nos primeiros dias de maio de 1945. Oxalá o pobre rapaz não tenha passado muito tempo no manicômio!

Em fevereiro de 1948, os jornais publicaram uma nova lenda: um oficial de Skorzeny tinha declarado que, por ordem de seu chefe, acompanhara Hitler num "JU-52" de Berlim à Dinamarca. Dali continuaram o voo em direção à Espanha, mas o avião foi derrubado perto da fronteira franco-espanhola. O referido oficial fora ferido na cabeça. Esta história fantástica levou-me mais uma vez a Nuremberg. Felizmente não demorou para que se constatasse que tal declaração carecia de qualquer fundamento.

Ao chegar ao cárcere de Nuremberg, após nossa estada na residência Alaska, tivemos uma pequena surpresa. O serviço de segurança fora confiado a uma companhia de black soldiers (soldados negros). Jamais vi guardas tão gentis. Em 1945, durante o processo contra os principais "criminosos de guerra", tinha a impressão de que os guardas brancos naquela época tinham sido instruídos no sentido de vigiarem "criminosos" ou "animais selvagens". E muitos deles parecem ter aprendido muito bem a lição. Os soldados negros, ao que parecia, não foram submetidos àquela propaganda. Nem sequer tentaram ficar com alguma "lembrança" nossa.

O alojamento de testemunhas da prisão de Nuremberg estava agora bem menos povoado, mas creio que, ao diminuir em número, aumentara em qualidade. Havia ali técnicos em metais, químicos, cientistas e economistas. No decorrer de longas conversas com aqueles homens, aprendi muitas coisas que seriam de bastante utilidade para minha vida futura. Naquela época acabava de terminar o processo Flick e tinham iniciado os processos IG-Farben e os da Wilhelmstrasse. Levaram-me ali, provavelmente, para comparecer como testemunha no caso Schellenberg.

Com toda certeza, Schellenberg estava muito preocupado, acreditando que eu iria desforrar-me pelas declarações pouco amáveis que tinha feito sobre a minha pessoa. Com isto demonstrava mais uma vez que não me conhecia em absoluto. Na realidade, eu não estava ciente de qualquer fato que pudesse interessar ao tribunal de Nuremberg como demonstrativo de que Schellenberg pudesse ser réu de algum crime de guerra. Tampouco pude atender ao pedido de Schellenberg para que atestasse a sua participação na conjura de 20 de julho de 1944, ou pelo menos sua relação com os conjurados. Em se tratando de acontecimentos históricos tão sérios, queria ater-me à pura verdade.

Lembro-me de duas conversas muito interessantes que mantive com o professor Kempner, que atuava como promotor, e com o presidente do tribunal. Capitão Musmano, que se mostraram muito amáveis comigo, embora no seu desempenho oficial tenham prescindido de toda amabilidade. As duas conversas tiveram como tema central Adolf Hitler, embora no fundo possivelmente existisse também certo interesse pela minha pessoa. Contei-lhes a impressão que me causara a poderosa personalidade de Hitler quando o conheci em 1943. Mas também expliquei lhes o penoso choque por mim sentido em nossa última entrevista, quando se convertera num homem velho e esgotado, alquebrado pelo peso de suas preocupações. Fiz com que o professor Kempner compreendesse o que me impulsionara, bem como a outros alemães, soldados ou não, a cumprir com o dever até o derradeiro momento. "As pessoas de caráter, disse-lhe, não se afastam do caminho que voluntariamente escolheram. O oportunismo pode resultar proveitoso em determinadas circunstâncias, mas o homem que o pratica não conseguirá fazer-se respeitar pelos demais". Acredito que o professor tenha compreendido meus pontos de vista. Sua despedida foi para mim uma prova disto e, ao mesmo tempo, a melhor saudação que me foi dirigida por um antigo adversário. Disse-me:

— Coronel Skorzeny, estou convencido de que se imporá pelo seu comportamento.

Com o Capitão Musmano falei bastante sobre Mussolini e a Itália, que ele conhecia perfeitamente.

Mais de uma vez perguntei-me se era simples acaso o fato de Hitler e Mussolini tantos pontos em comum e tantos rasgos semelhantes em seus destinos. Ambos interessavam-se pela arquitetura, ambos apreciavam o filósofo Nietzsche e ambos suportavam o trágico destino da solidão humana. Nenhum dos dois teve um verdadeiro amigo; estavam rodeados de muitos lacaios e de muito poucos homens. Recordava duas citações de Nietzsche, que tinha ouvido de Hitler e de Mussolini. Teriam escolhido, por acaso, como lemas para suas vidas?

Acaso tento fazer minha felicidade?

Não; tento fazer minha obra.

E as breves mas significativas palavras:

Vive perigosamente.

Após aquele último ato em Nuremberg, Radl e eu fomos internados, por nossa própria vontade, no campo alemão de Darmstadt. Queríamos também

passar pelo "torvelinho da desnazificação". Não sentíamos qualquer temor, já que nunca havíamos lutado contra os interesses da Alemanha nem do novo Estado de Hessen, nem tínhamos tido participação ativa em assuntos políticos. E os aliados, contra os quais tínhamos lutado, certificaram-se, com a absolvição, que em nossa atuação nos limitamos a cumprir com o nosso dever de alemães.

Tampouco devíamos temer as chamadas "acusações formais", de acordo com uma justa interpretação das sentenças de Nuremberg contra as organizações. Estávamos agora internados há quase três anos. Sem desejar estabelecer comparações odiosas, limitar-me-ei a recordar que um assaltante, por exemplo, não se castiga com mais de três anos de prisão, se o criminoso for reincidente.

A vida no campo de concentração, que milhões de alemães chegaram a conhecer, não precisa ser descrita. É possível que uns campos fossem melhores e outros piores que o de Darmstadt. Os membros da administração civil e o pessoal da vigilância, de modo geral, dispensaram-me um bom tratamento. Para eles, o emprego significava a possibilidade de ganhar o pão que não aceitavam por prazer, mas sim por necessidade, se não quisessem permanecer desempregados.

Não demorou para que nomeassem um presidente para nosso próximo processo. Em sua qualidade de antigo oficial da reserva, compreendia-nos perfeitamente e expressou seu propósito de fazer o processo correr com a máxima brevidade possível e com as maiores garantias para nós.

Radl e eu éramos os dois últimos de nosso grupo a permanecer internados. Agora que todos os meus antigos subordinados tinham deixado atrás de si as portas do campo, acreditávamos que também chegara o momento de vermos o arame farpado do lado de fora.

A fim de não permanecermos inativos, íamos voluntariamente ao trabalho de remoção de escombros em Darmstadt. O povo de Darmstadt, contudo, não entendia a razão do nosso tão longo internamento. Entendíamo-nos perfeitamente com a população civil e com os trabalhadores com os quais mantínhamos contato. Recebíamos muitas demonstrações de simpatia: o expresso dos escombros de Darmstadt parava em pleno trajeto para evitarmos uma caminhada; os estudante da Alta Escola Técnica traziam-nos cigarros adquiridos no mercado negro a preços elevadíssimos; a mulher da casa contígua oferecia-nos doces e café durante o descanso do almoço.

Nossas esperanças num processo rápido desvaneceram-se. A primeira audiência foi transferida, pois um alto funcionário do Ministério especial teve a ideia de que deviam acusar-nos pela operação Mussolini, considerando-a um ato político. Uma ideia que não ocorrera nem ao mais severo dos interrogadores estrangeiros do campo de Dachau. A segunda audiência também foi adiada por ordem superior, alegando-se a chegada, meia hora antes do início da sessão, de novos e importantes documentos. Notamos que forças ocultas estavam atuando para o entorpecimento do curso da justiça.

Eu andava pelo campo de Darmstadt com os olhos muito abertos. A corrupção, o suborno e os negócios escusos estavam na ordem do dia. Até os jornais chegaram a tratar daquelas histórias escandalosas, que não podiam permanecer totalmente ocultas. Os acusadores públicos eram o centro de tais "atividades". Devia permitir que aqueles homens reprovassem meu idealismo, meu amor pela Alemanha, um amor que eles eram incapazes de sentir e de compreender? Radl, que possuía amplos conhecimentos jurídicos, elaborou uma lista com mais de 70 casos comprovados de suborno e corrupção, nos quais estavam implicados o pessoal da vigilância e os membros do tribunal "desnazificador". Entregou a lista a um jornal, que se limitou a publicar uma síntese. Radl não foi chamado a responder por aquelas acusações, fato que basta para comprovar sua veracidade. Comecei a duvidar da conveniência de submeter-me a um processo em tais condições. Mas decidi esperar mais um pouco. Quando nomearam um novo promotor, um tal Herr Hammel, no mês de julho de 1948, solicitei-lhe que determinasse investigar as acusações apresentadas contra mim, como é de lei, antes de abrir um processo formal. Estava convencido de que poderia refutar aquelas acusações durante o julgamento, colocando com isso o tribunal numa situação ridícula. Não tinha o menor interesse em provocar tal situação, que podia ser evitada fazendo-se as devidas diligências esclarecedoras. Contudo, insisti em que, no caso de ser comprovada a falsidade das acusações, meus denunciantes deveriam ser processados por perjúrio.

Na minha presença foi enviado um telex à seção de investigações criminais de Heidelberg, solicitando que investigassem uma das acusações que pesavam sobre mim: um soldado tinha jurado que eu o condenara à morte porque não queria participar de uma operação.

No fim de várias semanas chegou a resposta: meu nome não constava em qualquer relação. Quando exigi de Herr Hammel que aquele indivíduo fosse processado, encolheu os ombros dizendo:

— O tribunal tem outras tarefas mais importantes para se preocupar.

Ao ouvir aquelas palavras, respondi que em tais circunstâncias minha paciência não tardaria a se esgotar e qualquer dia eu desapareceria do campo.

A segunda testemunha de acusação, o Capitão de Engenharia G., afundou-se completamente durante a acareação com Radl. Disse, chorando, que todas as declarações que fizera contra Radl e contra mim eram falsas, e que fora obrigado a fazê-las sob pressão. E o Capitão G. também não foi processado por perjúrio. Apesar de tudo, quis realizar outra tentativa junto ao meu novo acusador Haas. A audiência fora transferida pela sétima vez. No decorrer de prolongadas discussões, tratei de encontrar uma base de entendimento com o senhor Haas, sabendo de antemão da sua atitude preconcebida. Quando quis explicar-lhe algo referente a assunto militar, interrompeu-me dizendo: "Disso não entendo nada, nem quero entender. Não tenho nada com isso."

Quando meu processo foi adiado pela 7ª vez, minha paciência chegou ao auge. Disse-lhe claramente que abandonaria o campo. Aquela última discussão ocorreu a 25 de julho de 1948. A todos os funcionários do campo, com os quais me encontrei, manifestei minhas intenções.

A última noite que passei atrás da cerca de arame farpado mergulhei em profundos pensamentos, meditando sobre os longos meses do meu cativeiro. Apesar das desagradáveis experiências pelas quais tinha passado, não sentia o menor ódio; apenas um imenso desprezo para certa classe de indivíduos que desejavam prejudicar-nos sem reparar sequer nos meios utilizados. O adversário sincero de ontem, que lutava abertamente por suas convicções, amanhã poderá ser meu amigo. Com o inimigo falso e covarde, cujas armas são a mentira e a calúnia, não há possibilidade de entendimento.

No meu caso, não se pode falar propriamente numa fuga, foi o simples abandono de uma residência que procurara voluntariamente para que me fizessem justiça. Saí a 27 de julho de 1948, sem necessidade de alicates, de escadas de cordas, nem de subornos. Dei um passo decisivo, o passo decisivo para uma nova vida, para a LIBERDADE.

* N. do T. — Os originais deste livro, que agora está sendo publicado, foram escritos em 1949.

** N. do T. — Os parágrafos sobre o possível desenvolvimento das armas foram descritos pelo autor em 1948 e mantidos na forma original também na presente edição.